PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Pablo de Oliveira de Mattos

The Silent Hero:
George Padmore, Diáspora e Pan-Africanismo

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em História.

Orientador: Prof. Maurício Barreto Alvarez Parada

Volume I

Rio de Janeiro
Setembro de 2018

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Pablo de Oliveira de Mattos

The Silent Hero:
George Padmore, Diáspora e Pan-Africanismo

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura do Departamento de História do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Maurício Barreto Àlvarez Parada
Orientador
Departamento de História - PUC-Rio

Profª Regiane Augusto de Mattos
Departamento de História - PUC-Rio

Prof. Marcelo Bittencourt Ivair Pinto
Instituto de História - UFF

Prof. Murilo Sebe Bon Meihy
Instituto de História - UFRJ

Prof. Valdemir Donizette Zamparoni
Departamento de História - UFBA

Prof. Augusto César Pinheiro da Silva
Vice-Decano de Pós-Graduação do Centro de Ciências Sociais - PUC-Rio

Rio de Janeiro, 10 de setembro de 2018

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Pablo de Oliveira de Mattos

Graduou-se em História na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 2007 e obteve o título de Mestre em História no Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura em 2010. Atuou como tutor à distância no curso de Licenciatura em História do Departamento de História da PUC-Rio.

Ficha Catalográfica

Mattos, Pablo de Oliveira de

The silent, hero : George Padmore, diáspora e pan-africanismo / Pablo de Oliveira de Mattos ; orientador: Maurício Barreto Alvarez Parada. – 2018.
372 f. : il. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2018.
Inclui bibliografia

1. História – Teses. 2. História Social da Cultura – Teses. 3. Internacionalismo negro. 4. Diáspora. 5. Pan-africanismo. 6. Marxismo. 7. George Padmore. I. Parada, Maurício B. A. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História. III. Título.

CDD: 900

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Para minha mãe, que queria apenas me ver formado.

Agradecimentos

Nada disto teria sido possível sem o amor e a sabedoria de minha mãe, Maria Alice. Obrigado por estar ao meu lado de forma incondicional, por ser a minha morada e a minha família. Agradeço também à minha família de Axé, do Ilê Omi Oju Aro, pela acolhida e confiança, e à Tenda Espírita Humildes de São Sebastião, pelos ensinamentos e encantamentos passados com simplicidade. Agradeço ao meu pai, Sergio, ao irmão caçula Ulysse, e à Isabelle pelo suporte e carinho desterritorializados.

A jornada não teria sido virtuosa sem o companheirismo e a cumplicidade dos amigos. Agradeço especialmente ao Raphael Martins e pela longa amizade que se explica *através do que não se vê*. Dani Bernardes, por seu amor e companheirismo genuínos. Agradeço à "Maria" por ser, há mais de vinte e cinco anos, meu 'shock' de alegria. Agradeço à parceria de Caio Nolasco, Sâmia, Manoela Barbosa, Marina Schneider e Kadum. Ao valioso 'camarada' Lucas dos Santos.Aos amigos Paulo Fraiz, Chico Nogueira, Guilherme Pecly, Tiago Prata, Marcelo Spollidoro e Biel pela alegria e melodias que tornam a vida mais leve. Ao casal Moreno e Júlia e às coincidências da caminhada. Agradeço ao auxílio luxuoso do 'malungo' Deri Santana, Fernanda Pradal, Juliana Franklin e de Claudia Bojunga. Ao grande amigo e companheiro Mario Miranda pelas histórias e pela maturidade.

Aos amigos que as travessias me deram: Nittina Bianchi, pelo carinho e pela mansidez mineira. Gus Bussman, um homem de Cristo, Verena, Rodrigo e Gabriela pelo companheirismo. Aos amigos da *Barry House*, Dennis Lee, Rebecca Walkery, Olly Crawford e Eddie.A família Tulkens pelo carinho e pela acolhida, Bettina, François, Kizou, eNatka, o gato. E a tantos outros e outras que

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

sabem de minha felicidade por cumprir mais esta etapa. Em memória da querida Juliana Bosslet, companheira de ofício que tanto me ajudou em terras inglesas.

Esta pesquisa não teria sido possível sem a ajuda preciosa de professores e pesquisadores que me forneceram documentos, textos, pistas e seu precioso tempo. Agradeço a Andy Dixon e ao professor Hakim Adi pela oportunidade que me foi concedida de realizar um período de pesquisas na Inglaterra, na Chichester University. Agradeço especialmente às professoras Leslie James e Neelan Srivastava; aos professores Holger Weiss, Jacob Zumoff, Mathew Quest e Paulo de Farias.

Agradeço ao meu orientador Maurício Parada pela amizade e confiança. Agradeço de todo coração às funcionárias do departamento de História da PUC-Rio, Anair, Cleuza, Edna, pelo cuidado e carinho que sempre tiveram comos alunos desde os tempos da graduação, e agradeço também ao Cláudio Santiago pelo suporte e companheirismo de longa data. Aos professores que, no departamento de História da PUC-Rio, foram fundamentais em minha formação enquanto historiador, e cidadão, Luis Reznik, Ilmar Rohloff de Mattos, Maísa Mader, Marcelo Jasmin, Regiane Mattos, Eunícia Fernandes e Margarida de Souza Neves. Em especial, um agradecimento ao professor Ricardo Benzaquén, cuja leitura preciosa, erudição e simplicidade serão sempre lembradas com um sorriso. À CAPES, pela bolsa ao longo de todo o doutorado e que foi complementada pela bolsa de doutorado sanduíche, realizado na Inglaterra.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Resumo

Mattos, Pablo de Oliveira de; Parada, Maurício Barreto Alvarez. **The Silent Hero: George Padmore, Diáspora e Pan-Africanismo**. Rio de Janeiro. 372p. Tese de Doutorado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Ivan Meredith Nurse nasceu na colônia britânica de Trinidad, em 1902, e migrou para os Estados Unidos, em 1924, a fim de prosseguir com seus estudos. Tornou-se um militante antirracista nos Estados Unidos dos tempos de Jim Crow, entrou para o movimento comunista internacional, e mudou de nome, passando a chamar-se George Padmore em 1929. Em 1930 já era um dos comunistas negros mais conhecidos a serviço de Moscou, responsável por articular uma internacional de trabalhadores negros a partir de Hamburgo, Alemanha. Em 1934, rompe com o Comintern e com Stálin, embora siga enquanto marxista e defensor do modelo Soviético de estado. Entre 1935 e 1957 foi o grande articulador da resistência anticolonial e anti-imperial a partir de Londres. Padmore foi um dos principais pensadores Pan-Africanistas, artífice do Quinto Congresso Pan-Africano de Manchester, em 1945, e arquiteto da independência da Costa do Ouro, em 1957. A análise da trajetória e do pensamento político de George Padmore evidencia a experiência da Diáspora Negra e permite compreender a sistematização de uma ideologia Pan-Africana centrada nas massas africanas, na emancipação do continente africano e na construção dos Estados Socialistas Africanos. George Padmore escreveu artigos em jornais de diversos territórios coloniais, mas também em periódicos da metrópole. Também produziu obras que buscaram guiar e pautar o movimento anti-imperial e as lutas anticoloniais. Esta tese pretende apresentar este "Herói Silencioso" em seu contexto linguístico, junto de outros intelectuais negros tais como, W.E.B. Du Bois, Claude McKay, C.L.R. James, Kwame Nkrumah, a fim de evidenciar o vocabulário político Pan-Africano da primeira metade do século XX.

Palavras-chave

Internacionalismo negro; Diáspora; Pan-Africanismo; Marxismo; George Padmore.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Abstract

Mattos, Pablo de Oliveira de; Parada, Maurício Barreto Alvarez (advisor). **The Silent Hero: George Padmore, Diaspora e Pan-Africanism**. Rio de Janeiro. 372p. Tese de Doutorado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Ivan Meredith Nurse was born in the British colony of Trinidad in 1902 and moved to the United States in 1924 to pursue his studies. He became an anti-racist militant in the Jim Crow'sUnited States, joined the international communist movement, and changed his name to George Padmore in 1929. By 1930, he was already one of the best-known black communists in the service of Moscow, responsible for coordinating a black workers international from Hamburg, Germany. In 1934, he broke with the Comintern and Joseph Stalin, although he continued as a Marxist and defender of the Soviet state model. Between 1935 and 1957, he was the great articulator of anti-colonial and anti-imperial resistance from London. Padmore was a leading Pan-Africanist thinker, organizer of the Fifth Pan-African Congress of Manchester in 1945, and architect of the Gold Coast's independence in 1957. The analysis of George Padmore's trajectory and political thinking allow to evidenciate the experience of the Back Diaspora and allows us to understand the systematization of a Pan-African ideology centered on the African masses, the emancipation of the African continent and the building of African Socialist States. George Padmore wrote articles in newspapers of various colonial territories, but also in journals of the metropolis. He also produced works that sought to guide the anti-imperial movement and anticolonial struggles. This thesis intends to present this "Silent Hero" in its linguistic context, along with other black intellectuals such as, W.E.B. Du Bois, Claude McKay, C.L.R. James, Kwame Nkrumah, in order to evidence the Pan-African political vocabulary of the first half of the twentieth century.

Keywords

Black internationalism; Diaspora; Pan-Africanism; Marxism; George Padmore.

Sumário

1. Introdução 13

Parte I

2. Exu, Anticolonialismo e a Diáspora 36
2.1. A Epistemologia das encruzilhadas e a Diáspora 43
2.2. Diáspora: trajetória de um conceito 49
2.3. A Diáspora Negra 62

3. Hibridez e Transnacionalismo: experiência ou estratégia? 73
3.1. Malcom Nurse e o Caribe anglófono: educação, classe e raça 80
3.2. Solidariedades transnacionais e epistemologias viajantes 88
3.3. O exílio de Malcom Nurse e o surgimento de George Padmore 103
3.4. George Padmore: intelectual da Diáspora Negra 112

Parte II

4. Raça, clase e o Comunismo Internacional:
Claude McKay e W.E.B. Du Bois 116
4.1. Claude McKay e o Comunismo Internacional 119
4.2. A União Soviética e os estudantes negros 1920 -1930 133
4.3. African Blood Brotherhood e a Diáspora Negra 145
4.4. W.E.B. Du Bois: Marxismo e a Questão Racial 152

5. George Padmore e o Comunismo Internacional 171
5.1. De Lênin a Stálin e o ‘Socialismo em um país’ 172
5.2. ‘Questão do Negro’ e ‘classe contra classe’ 175
5.3. George Padmore e Garan Kouyaté: dissidências 180
5.4. Trabalhadores Negros, Uni-vos! 186

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Parte III

6. Londres e a opinião africana internacional:
George Padmore e C.L.R. James 209
6.1. A invasão da Etiópia e o internacionalismo negro 214
6.2. Londres: Cidade encruzilhada 218
6.3. O *International African Friends of Ethiopia* e as novas alianças 223
6.4. A Invasão da Etiópia e a Revolução Africana 237
6.5. O *International African Service Bureau*: a Opinião Africana 241

7. O Congresso pan-africano de Manchester e o pós-Guerra II 254
7.1. A Segunda Guerra Mundial e as periodizações do anticolonialismo 254
7.2. As Colônias e o esforço de Guerra 258
7.3. Reavaliando rotas: Pós-Guerra II e Mudança de estratégia 267
7.4. George Padmore e o Pan-Africanismo anti-imperial 272
7.5. George Padmore, União Soviética e a crítica anti-imperialista 280

8. A Revolução da Costa do Ouro:
George Padmore e Kwame Nkrumah 289
8.1. Padmore, Nkrumah e Londres: caminhos cruzados 291
8.2. Acra e os novos caminhos de Nkrumah: O *Osagyefo* 295
8.3. O *Convention People's Party*: um partido de massas anticolonial 302
8.4. Nkrumah e Padmore: colonialismo e imperialismo 312
8.5. George Padmore: desafios de um *outsider* no continente africano 317
8.6. O Herói Silencioso e o *Osagyefo*:
Pan-Africanismo e nacionalismo 334

9. Considerações finais 344

10. Referências bibliográficas 353

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Lista de figuras

Figura 1 - George Padmore 20
Figura 2 - Claude McKay discursando no Kremlin, Quarto Congresso do Cominter, Moscou 1922. 120
Figura 3 - O escritor húngaro Arthur Holitscher, a militante comunista alemã Clara Zetkin e Claude McKay, Moscou 1923. 126
Figura 4 - Claude McKay e Max Eastman, editor do Liberator, Quarto Congresso do Comintern, Moscou, 1922. 134
Figura 5 - Poster soviético com as legendas:
'Sob o capitalismo' e 'Sob o socialismo', 1948. 139
Figura 6 - Otto Huiswoud e Claude McKay, Moscou, 1922. 149
Figura 7 - George Padmore 180
Figura 8 - Panfleto do *American Negro Labour Congress*,
detalhe, 1929. 187
Figura 9 - *The Negro Worker* 1. no. 8, Agosto de 1931 188
Figura 10 - Seção de cartas dos leitores, Ilustração *The Negro Worker*, no. 8, Agosto de 1931. 190
Figura 11 - *Le Cri des Nègres* 3, Outubro de 1931 191
Figura 12 - C.L.R. James discursando no Speaker's Corner, Hyde Park, Londres por volta de 1935 215
Figura 13 - Amy Ashwood Garvey (Akosua Bohaeema) sentada ao lado Daasebre Yaw Sapon II, líder de Juaben, povoado Ashanti, Gana, 1946. 225
Figura 14 - Amy Ashwood Garvey ao lado dos três filhos (de calças claras) do Dr. A. Workneh Martin, embaixador da Etiópia em Londres. Ato do IAFE, Trafalgar Square, 25 de agosto de 1935. 226
Figura 15 - Jomo Kenyatta, V Congresso Pan-Africano
de Manchester, 10 de novembro de 1945. 228
Figura 16 - *International African Opinion*, julho de 1938. 243
Figura 17 - John McNair, secretário geral do *Independent Labour Party* discursando no V Congresso Pan-Africano; na mesa se encontram Amy Ashwood Garvey e, ao centro W.E.B. Du Bois, presidente do Congresso, 10 de novembro de 1945. 279
Figura 18 - Capa das Declarações e Resoluções do V Congresso Pan-Africano de Manchester, 1945. 288
Figura 19 - Peter Abrahams, sua segunda esposa Daphne e seus filhos. 321
Figura 20 - O escritor afroamericano Richard Wright. 324
Figura 21 - *All African People's Conference*, Acra, 1958. 339

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

"O poder de narrar, ou de impedir que se formem e surjam outras narrativas, é muito importante para a cultura e o imperialismo, e constitui uma das principais conexões entre ambos".

(SAID, E. *Cultura e Imperialismo*, p. 13)

1
Introdução

O oceano Atlântico, a partir do século XVI, foi palco de conexões e trocas dotadas de um dinamismo impressionante. A relação entre essas conexões atlânticas e a formação do capitalismo foi alvo de pesquisas historiográficas como a obra do historiador Marcus Redinker, *A Hidra de Muitas Cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário*, que ressalta as forças transnacionais e a circulação de experiências que influenciaram as ações e os anseios revolucionários do proletariado atlântico, multirracial e desterritorializado[1]. Paul Gilroy em, *O Atlântico Negro*, além de enfatizar o espaço atlântico enquanto produtor de culturas bifocais, estereofônicas, bilíngües processadas *entre* outras culturas, convida a pesquisas que estejam menos intimidadas com os limites e a integridade do estado-nação moderno[2]. Ainda que tais obras possam ser limitadas ao contexto e ao espaço do Atlântico Norte, ambas trazem imagens interessantes sobre a região do Caribe e sua dinâmica transatlântica.

Em obra mais recente de Marcus Redinker[3] sobre o navio negreiro e sua representatividade no tráfico atlântico, o autor propõe que ao mesmo tempo em que pode ser considerada uma máquina infernal, pois o navio negreiro triturava e expropriava milhões, era justamente nesta travessia dolorosa que, dentro dos navios, se formava uma nova consciência por parte de *ibos, cassanjes, iorubas,* e tantos outros que descobriam, para seu espanto, que faziam parte de uma nova categoria, os "negros". Paul Gilroy também se utiliza do navio em suas análises, mas enquanto imagem. O movimento dos navios e de seus diversos tripulantes deve ser compreendido enquanto um sistema dinâmico, microcultural e micropolítico, que sintetiza os retornos e partidas de bens culturais, homens, livros, panfletos. Navios cruzam os mares, transportam ideias, produzem e reformulam identidades, movimentam-se e subvertendo fronteiras e *territórios*.

---

[1] Peter Linebaugh; Marcus Redinker. **A hidra de muitas cabeças:** marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
[2] Paul Gilroy. **O Atlântico Negro**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2ª Ed. 2012.
[3] Marcus Redinker. **O Navio Negreiro:** uma história humana. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Diante desta imagem e desta dinâmica podemos pensar na trajetória de George Padmore (1902-1959). Nascido em Trinidad, colônia britânica do Caribe anglófono, teve sua juventude marcada pela experiência do colonialismo e do legado da escravidão. Nasceu em um local de relações raciais marcadas pela hierarquização e pelo racismo e das relações sociais marcadas pelo poder colonial. Raça e classe, portanto, são aspectos intrínsecos na experiência de formação da identidade nacional bem como na formação da estrutura social de Trinidad[4]. O Caribe produziu diálogos intelectuais que foram forjados a partir das linguagens e da cultura dominante e num espaço de constantes trocas e fluxos de pessoas e ideias[5]. Estes diálogos e suas produções foram marcados pelo radicalismo e pela originalidade. A experiência de terem sido sujeitos marcados pela escravidão e pelo colonialismo forjou as bases de diversos intelectuais negros do século XX. Fossem descendentes de escravos, ou não, deveriam operar com protocolos, limites e padrões impostos e tácitos, construídos sobre a África e os negros desde o período identificado como a modernidade européia.[6] Os intelectuais oriundos do Caribe anglófono experimentaram a exclusão no capitalismo não apenas socialmente, mas também racialmente, e produziram críticas ao capitalismo e à modernidade europeia.

Esta tradição intelectual radical tem como marca de distinção a solidariedade entre negros dispersos na diáspora – afrocaribenhos, afroamericanos e africanos – a elaboração de ideias, práticas culturais e formas literárias, bem como as formações religiosas e a filosofia política. Não se pode, entretanto, pensar nesta tradição de um ponto de vista puramente geográfico. Antes, devemos analisá-la pelas questões que propõe à liberdade, ao humanismo, aos limites da

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[4] Kelvin Singh. **Race and Class Struggles in a Colonial State:** Trinidad 1917-1945. Jamaica: University of the West Indies Press, 1994.

[5] Lara Putnam. **Radical Moves: Caribbean Migrants and the Politics of Race in the Jazz Age**. Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press, 2013.

[6] O que está se chamando modernidade europeia aqui é categoria amplamente difundida nas ciências humanas e que ainda mantém sua força na compreensão do período do século XVIII ao século XIX enquanto expressão do movimento econômico, social e cultural original no qual o paradigma tradição/comunidade foi substituído pelo de modernidade/sociedade, especialmente nos países europeus que produziram a experiência do mercantilismo, da industrialização e da construção do Estado Moderno irradiando aos demais territórios os caminhos para a modernização. A presunção de que a modernidade seria um período específico na história europeia parte de premissas etnocêntricas e não leva em consideração produções intelectuais contemporâneas que realizaram críticas não apenas políticas e sociais, mas epistemológicas, à Europa e ao pensamento ocidental.

cidadania e ao estado-nação, pensados a partir dos marcos iluministas[7]. Isto significa que esta tradição não deve ser compreendida a partir de uma chave da negação do Ocidente ou de uma simples resposta ou reação a uma situação específica, ou frente a um conjunto de ideias e representações hegemônicas. Esta tradição propôs questões e críticas que negociaram e articularam a vida humana ao longo de diversos períodos históricos e linguagens políticas em diálogos consistentes com as representações e a consciência produzida sobre a África e os africanos.

É possível afirmar que o pensamento político produzido no Ocidente opera dentro de marcos excludentes[8]. Seus sistemas de classificação e categorização colocaram diversos grupos humanos nas margens, invisibilizando-os. Esta invisibilidade e exclusão não podem ser combatidas através de binômios simplistas tais como, selvagem/civilizado, racional/irracional, cristão/pagão ou de concepções amplas do "outro". Para os africanos e seus descendentes a exclusão era completa e radical, pois ela se apresentava tanto ontológica quanto

[7] As reflexões que auxiliam na compreensão da relação entre a tradição de pensamento radical negro e as questões colocadas ao pensamento hegemônico podem ser encontradas na comunicação de Anthony Bogues apresentada no Stanford Humanities Center, Stanford University, em fevereiro de 2012. Disponível em: <encurtador.com.br/jkVZ6>. Acesso em: 1 maio de 2016.

[8] Desde a experiência do Tráfico Atlântico de escravos os corpos negros foram desumanizados e submetidos a um voraz processo de "coisificação" como pode ser percebido na leitura do fragmento de Jorge Benci, *Economia Cristã dos Senhores no Governo dos Escravos, 1700*: "Se os escravos fossem de condição tão branda e bem domada, que se acomodassem ao que é da razão. Mas como eles ordinariamente são voluntários, rebeldes e viciosos, não é possível que se saiam bem sem a disciplina ou sem o castigo. Pois se isto se verifica ainda nos livres e brancos, a quem o pejo, o timbre e o pundonor obriga a fugir dos malefícios: que será nos pretos e cativos, que nascendo naturalmente sem pejo e sem timbre algum, unicamente governam suas ações pelo temor?" Este aspecto também foi denunciado pelo cubano Nicolás Guillén em um de seus poemas, "I Came on a Slave Ship." In: **Man-Making Words:** Selected Poems of Nicolás Guillén. Amherst, University of Massachusetts Press, 1972, pp.185-187.Frantz Fanon denuncia em Peles Negras, Máscaras Brancas que o negro não é um homem e habita uma região estéril e árida. A zona de "não ser" (*non being zone*) pensada por Fanon e suas relações com a racionalidade eurocêntrica também é analisada por Lewis Gordon em artigo disponível em: <encurtador.com.br/binLX >. Acesso em: 29 de julho de 2018. Há ainda outra questão que reside na pergunta sobre *o que é ser humano?* lançada por Wlad Godzich, em "**Who Speaks for the Human Today**," Concentric 32, no. 2 (Setembro, 2006): 3-17. Pode-se organizar o pensamento Ocidental a partir de duas questões: quem fala *pelo* homem e de quem fala *sobre* o homem? A emergência do humanismo ocidental requer obrigatoriamente esta dupla função: falar *pelo* Homem e falar *sobre* o Homem. Há que se estar atento à forma que a figura *Homem* se constrói discursivamente. Etimologicamente a palavra humanidade deriva das palavras latinas *homo* e *humanus*, que originalmente significava ser humano. Com o passar do tempo *humanitas* passou a designar os estudos sobre o Homem, mas em contraste com outra palavra, esta de origem grega, *Anthropos*, que, contudo, também significava Homem originalmente. Mas a partir de seu contraste com *humanitas* passou a significar outra coisa. Esta mudança no conceito de *Anthropos* foi fundamental para a compreensão do que seria a civilização. Raymond Williams aponta que civilização na língua inglesa, do século XVIII, significava um estado de refinamento histórico e cultural que se contrastava com barbárie, In: Raymond Williams. **Palavras Chave:** um vocabulário de cultura e sociedade. Rio de Janeiro: Ed. Boitempo, 2007.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

epistemicamente. Representados como mercadorias ou "coisas" desde o tráfico atlântico de escravos e, posteriormente identificados e classificados enquanto biologicamente inferiores pelas teorias eugenistas e racistas do século XIX, estes intelectuais negros se inseriram no debate intelectual partindo *de fora* das categorias de *humano* e *racional*. Neste sentido, podemos caracterizá-los como pensadores "marginais". Por sua vez, lhes foi necessário recorrer a alguns destes conceitos disponíveis nas linguagens políticas ocidentais, tais como, estado, democracia, humano, nação, soberania, etc. É preciso, portanto, que se analisem os vocabulários políticos que recorreram a estes conceitos com o intuito de combatê-lo.

É comum que as pesquisas sobre o pensamento político do início do século XX negligenciem as linguagens produzidas por intelectuais negros, bem como localizem estas linguagens em suas experiências particulares de reação às ações europeias. Lewis Gordon chama atenção para o fato de que o pensamento negro é tratado como derivativo ou secundário[9]. Há que se ressaltar que os problemas e questões postas aos negros desde o tráfico atlântico, mas passando pela dominação colonial e pela opressão racial não são meras ações ou reflexões desconectadas de uma cadeia teórica maior. Intelectuais negros da diáspora buscaram ativamente transformar seus contextos a partir de sistemas de pensamento próprios e autônomos em relação à modernidade europeia. O que muitas vezes se perde de vista é a compreensão de que estes sistemas de pensamento, ao dialogarem com o pensamento ocidental a partir *de fora*, reabriram e ampliaram questões já lidas como radicais na teoria política em sua contemporaneidade. Ou seja, radicalizaram conceitos comumente vistos como radicais pelo cânone ocidental. Dadas as condições e estruturas da opressão racial no colonialismo do início do século XX, intelectuais radicais negros se encontravam diante de críticas produzidas por eles que interrogavam elementos essenciais da tradição intelectual ocidental.

É necessário que se estenda a capacidade de agência e transformação das estruturas sociais e do pensamento político deste período aos intelectuais negros. Não obstante, também é necessário ampliar a geografia política do pensamento negro radical propondo outros olhares ao processo de Diáspora Negra. Ao se

[9] Lewis Gordon. **Existentia africana**. New York: Routledge, 2000.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

proceder desta forma o caráter radical do pensamento negro se evidencia, pois nos permite reconstruir as críticas feitas por estes intelectuais ao pensamento ocidental da modernidade europeia. É imperativo que se considere que intelectuais negros fizeram mais do que "contribuir" para o pensamento político – canônico e, portanto, não nomeado – de seu tempo e para a modernidade *a partir de* autores consagrados. Eles foram construtores de sistemas de pensamento. Agiram nos contextos linguísticos e propuseram ideologias contra-hegemônicas fundamentadas em bases epistemológicas originais partindo de posicionamentos externos – e alijados – às esferas de reivindicações de direitos tidos como básicos. Com isso oferecem, ainda hoje, um conjunto de conceitos e categorias *deslocadas*[10], dispostas entre o local e o global, construídas nos *entre-lugares*[11] ou para além dos *lugares*, que possibilitam análises alternativas ao foco do estado-nação ou dos direitos convencionais da modernidade. Paul Gilroy alerta que as,

> histórias dos estudos culturais raramente reconhecem como as aspirações politicamente radicais e francamente intervencionistas, encontradas na melhor de sua erudição, já estão articuladas à história e às teorias culturais negras[12].

George Padmore foi um intelectual peculiar, pois além de ter escrito obras inseridas em grandes debates e formulações teóricas mais densas e complexas visando à orientação de processos de largo alcance, produziu – e disseminou – enquanto militante da Diáspora Negra, uma infinidade de panfletos e artigos em jornais de diversos territórios coloniais inclinados à ação imediata das lutas locais. Além de seus textos, Padmore também cruzou o oceano atlântico, e entre diversos continentes, culturas, tradições políticas, movimentou-se pelas encruzilhadas das lutas por libertação dos negros da diáspora. Subverteu territórios, relacionou-se com horizontes extensos. Circulou ideias e práticas através de impérios coloniais não importando as fronteiras legais articulando a luta anticolonial às estratégias intercoloniais. Relacionou-se com diversos intelectuais negros que possuem, hoje,

[10] Recorro às categorias de *deslocada*, *deslocados*, *deslocamentos*, enquanto uma maneira de reificar um atributo da Diáspora Negra, do exílio e da experiência das encruzilhadas. O que pretendo é questionar a ideia de lugar/local como entes sólidos tendo em vista que a experiência da Diáspora Negra e da solidariedade transnacional relativizou origens territoriais, essências e filiações sólidas, ao passo que os movimentos políticos do internacionalismo negro basearam-se na retórica da unidade africana e negra. *Deslocar-se*, neste caso, mais do que mover-se de um local a outro, ou entre lugares, significa mover-se em meio a lugares produzindo olhares/cenários desconfortáveis e críticos.

[11] Homi Bhabha. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

[12] Paul Gilroy, 2012, p. 41.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

lugar destacado na história do Pan-Africanismo, das lutas de libertação do continente africano, do anti-imperialismo, do antifascismo, antirracismo e do pensamento político. Exilou-se e carregou em seu interior a condição do exílio e do *deslocamento*, do olhar fragmentado, deixando no passado planos futuros e reconstruindo-os de acordos com os ventos e marés. Padmore fez de sua trajetória uma constante encruzilhada.

Padmore encarna a poética do atlântico negro, da polifonia linguística e política dos navios que singravam os mares carregando em seu interior marinheiros das mais variadas origens e tradições. Traz em sua trajetória e em seu pensamento político as marcas de Exu e o olhar próprio das encruzilhadas. Padmore criou linguagens e também possibilitou que diversos vocabulários políticos fossem enunciados. Subverteu a ordem das coisas, atuou nas frestas, dinamizou lutas e questionou Impérios. Padmore foi *muitos*, rebatizou-se na luta. Nascido Ivan Meredith Nurse, era caribenho, negro, comunista, africano, pan-africanista, intelectual transnacional.

Seus projetos e doutrinas tiveram como horizonte de expectativas constante a libertação do continente africano, que já lhe era familiar através da imaginação e da subjetividade no início de sua jornada política e militante. Padmore deve ser considerado um intelectual pragmático e habilidoso diante da conjuntura imediata. A África apresentava-se enquanto rota, e não apenas enquanto raiz[13]. Não é de se espantar que diversos intelectuais afro-americanos tenham escolhido o continente africano enquanto último local de existência terrena e por lá escolheram permanecer. Franz Fanon, W.E.B. Du Bois, George Padmore, apesar de nascidos fora do continente africano, faleceram e receberam as honrarias de filhos do continente tendo sido enterrados em solo africano. Em uma constatação muito interessante, Paul Gilroy afirma que,

[13] Paul Gilroy. 2012, p.35.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

> O envolvimento de Marcus Garvey, George Padmore, Claude Mckay e Langston Hughes com navios e marinheiros dão apoio adicional à sugestão premonitória de Linebaugh de que 'o navio continuava a ser talvez o mais importante canal de comunicação pan-africana antes do aparecimento do long-play'[14].

Estes navios possibilitaram que Padmore enviasse diversos artigos e panfletos através das colônias britânicas, mas não apenas[15]. As relações identitárias estabelecidas e construídas entre "negros", que por sua vez não foram harmoniosas ou lineares, não podem ser resumidas à experiência da escravidão, do combate ao colonialismo ou do antirracismo. Pensar a história política global dos primeiros trinta anos do século XX sem se levar em conta o movimento de Marcus Garvey, *Universal Negro Improvement Association* (UNIA), os intelectuais negros radicais ligados de alguma forma ao Comunismo Internacional, tais como Lamine Senghor, Garan Kouyaté, Claude McKay, Hubert Harisson, Harry Haywood, ou os diversos congressos Pan-Africanos organizados por W.E.B. Du Bois ocorridos regularmente, desde 1919, seria negligenciar as relações complexas entre as elucubrações intelectuais de elites negras. Mas, sobretudo negligenciar os desdobramentos políticos e intelectuais destas experiências de identificação e imaginação igualmente complexas frente à opressão racial e colonial a partir de estratégias de solidariedades globais e transnacionais.

O Pensamento Político Negro, compreendido nesta pesquisa enquanto o pensamento produzido por intelectuais negros e negras da África ou da diáspora é tema muito recente na academia brasileira[16]. Dois livros foram lançados recentemente sobre intelectuais africanos e sobre o pensamento africano no Brasil.[17] Em ambos os livros o Pan-Africanismo é apenas mencionado de maneira breve e sem maiores debates. Tais obras propuseram análises *de* intelectuais, fora

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[14] Idem, p. 54.

[15] Carol Polsgrove. **Ending British Rule in Africa:** Writers in a Common Cause. Manchester, Manchester University Press, 2009.

[16] Nomear as formulações intelectuais produzidas por intelectuais negros e negras de 'Pensamento Político Negro' de forma alguma tem a intenção de apresentá-lo como homogêneo, coeso ou marcado pela essência racial. Entretanto, acredito que seja importante evidenciar, em tom de disputa política, a existência de um conjunto de pensamento complexo e diverso produzido por indivíduos marginais que ainda não figuram nas abordagens sobre o Pensamento Político que, ainda que 'não nomeado', via de regra trata do pensamento canônico ocidental e branco.

[17] Silvio de Almeida Carvalho Filho e Washington Santos Nascimento (org.) **Intelectuais das Áfricas**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2018; José Rivair Macedo (org.) **O Pensamento Africano no Século XX**. São Paulo: Outras Expressões, 2016, p. 13.

do escopo metodológico de uma História Intelectual. O que se espera nesta tese é apresentar um estudo de caso sobre e o pensamento político de George Padmore e suas contribuições à compreensão do Pan-Africanismo enquanto uma ideologia dotada de filiações intelectuais, estrutura lógica e ferramentas metodológicas para a transformação social e política. Ou seja, trata-se muito mais de buscar produzir uma História Intelectual do Pan-Africanismo, através de Padmore, do que uma história do intelectual George Padmore.

Figura 1- George Padmore

Pretendo apresentar George Padmore através de suas articulações políticas e de suas obras construiu-se e sistematizou-se uma ideologia Pan-Africana que atuou a partir do continente africano em busca de sua emancipação. Apresentar este intelectual desta maneira é uma forma de lhe oferecer um lugar de destaque tal qual W.E.B. Du Bois, conhecido como 'pai do Pan-Africanismo', por exemplo. Mas também é posicionar Padmore ao lado de Franz Fanon, intelectual caribenho de uma geração posterior a de Padmore, caracterizado como "o teórico por excelência da revolução africana"[18]. Não se trata, contundo, de questionar a validade e a contundência das contribuições e ações que estes dois intelectuais exerceram sobre o continente africano. Ambos têm seu lugar entre os grandes

[18] José Rivair Macedo (org.) **O Pensamento Africano no Século XX**. São Paulo: Outras Expressões, 2016, p. 12.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

intelectuais que pensaram e agiram em prol dos africanos, do continente e de seus descendentes. Mas o que se busca é reparar o silêncio da historiografia sobre George Padmore. Contudo, é prudente informar ao leitor que esta alcunha é dada à revelia de sua personalidade, sempre afeita ao trabalho de bastidores. Na década de 1940, quando Padmore já era amplamente conhecido pelos serviços de inteligência britânicos e reconhecia isto, declarou que escolheu "permanecer como o Político Ancião *por trás das cenas*".[19] Quando das comemorações da independência de Gana, em 1957, o político de Serra Leoa, Hugh Smythe escreveu para o jornal *The Crisis*, que Padmore "é o *Herói Silencioso* de Gana e uma figura a ser venerada e respeitada por toda África negra."[20]

George Padmore foi habilidoso o bastante para dar um novo rumo ao movimento Pan-Africano, liderado por W.E.B. Du Bois desde a primeira década do século XX, sem que isto causasse um mal-estar com o intelectual afroamericano ou chamasse a atenção das autoridades britânicas. Padmore concedeu a Du Bois, o posto de presidente das Conferências do Quinto Congresso Pan-Africano de Manchester, em 1945, e o chamou de "pai do Pan-Africanismo" ainda que este congresso tivesse tomado um rumo completamente diferente daqueles conduzidos por Du Bois até 1927. A partir da década de 1940 Padmore será o principal responsável pelas transformações no Pan-Africanismo. O movimento que até então era baseado em conferências e encontros entre intelectuais das elites negras da diáspora e debatiam as condições dos negros africanos e seus descendentes, sem atacar frontalmente o colonialismo e o imperialismo, a partir de então sofre uma guinada. É transformado por Padmore em um movimento político-ideológico de trabalhadores negros orientado para a mobilização das massas africanas e comprometido com a libertação do continente africano do colonialismo sob um olhar socialista.

Após o Quinto Congresso Pan-Africano ocorrido em Manchester, em 1945, as bases anticoloniais de luta por emancipação das colônias africanas foram estabelecidas e os métodos para se alcançar a libertação foram amplamente difundidos. Contando com a organização e concepção principal de George Padmore, participaram deste Congresso, além de W.E.B. Du Bois, Kwame

[19] Carta de George Padmore para Cyril Olivierre, 19 de agosto de 1945. [Grifos meus]. Padmore MSS/Schomburg, MG 624, pasta 1.
[20] John Hooker. **Black Revolutionary:** George Padmore's Path from Communism to Pan-Africanism. London: Pall Mall Press, 1967, p. 130. [Grifos meus].

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Nkrumah, Namdi Azikiwe, Jomo Kenyatta, intelectuais que liderariam os processos de independência em seus respectivos países após 1960. A relação entre George Padmore e Kwame Nkrumah, permite que se compreenda como as estratégias e articulações pensadas por Padmore, desde fins da década de 1930 e sistematizadas no ano de 1945, contribuíram profundamente para a independência do primeiro país da África subsaariana, a Costa do Ouro que se torna Gana independente, em 1957.

A trajetória e o pensamento político de George Padmore nos auxiliam, também, na compreensão do conceito de diáspora e de sua relação com o Pan-Africanismo. Pan-Africanismo e diáspora são comumente confundidos o que gera (*in*)compreensões do Pan-Africanismo enquanto um movimento que se estende do século XVIII até os dias de hoje. É comum que se cometa o equívoco de definir o Pan-Africanismo como a ideia de que negros africanos e seus descendentes compartilham a mesma origem, uma história similar de lutas, um destino comum; e os processos de identificação, forjados a partir do deslocamento forçado de pessoas desde o tráfico atlântico, conduziriam a unidade racial e política destes indivíduos. Esta compreensão é muito próxima do que se entende por diáspora, ou do que Paul Gilroy chamou de Atlântico Negro, visando fugir do conceito gasto por seu demasiado uso e abuso.[21] Diáspora e Pan-Africanismo complementam-se mutuamente, entretanto são fenômenos distintos. O que nem sempre é considerado. Segundo Paul Zeleza, "o Pan-Africanismo e o internacionalismo negro, antigos imperativos pela libertação coletiva dos povos africanos do continente e da diáspora" exerceram grande influência no campo dos Estudos da Diáspora Africana[22].

Padmore permite que a diáspora seja percebida enquanto processo complexo para além dos deslocamentos de pessoas. Permite que a diáspora seja compreendida em sua complexidade, que seja analisada a partir de seus desdobramentos políticos, materiais, culturais e intelectuais. Padmore encarnou os *deslocamentos* em sua trajetória, migrou do Caribe para os Estados Unidos, exilou-se sob um novo nome, novas identidades, esteve na Rússia, Alemanha na década de 1930, viveu na metrópole imperial britânica, foi para Gana, no Oeste

[21] Paul Gilroy. **O Atlântico Negro**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2ª Ed. 2012.
[22] Paul T. Zeleza. **The Challenges of Studying the African Diasporas**. African Sociological Review, 12 (2008), p. 2.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Africano e por lá permanece até seu falecimento. Padmore atuou nas frestas, nas encruzilhadas, propôs caminhos. Ressignificou-se, ressignificou lutas e movimentos, viveu no trânsito dos mares e oceanos e operou transformações. Este processo, a diáspora, é o que possibilita que se compreenda o Pensamento Político Negro, e mais especificamente o Pan-Africanismo em sua complexidade criativa. Sua trajetória também permite que se evidencie a diáspora enquanto um olhar, uma categoria de análise. A distinção dos limites entre a diáspora e o Pan-Africanismo é fundamental para que historicize o Pan-Africanismo enquanto um movimento político-ideológico produto de seu contexto.

Neste sentido, o capítulo incial desta tese buscou apresentar os limites do conceito de diáspora amparado pelo que chamei de *epistemologia das encruzilhadas*. A partir dos pressupostos do Orixá Exu e de seus aspectos *exusiácos*, tratei a Diáspora Negra enquanto uma categoria analítica que permite captar os processos de subversão epistemológica e *des*ordenamento anticolonial acessíveis aos intelectuais anticoloniais. Para tanto recorro à produção teatral de Aimé Césaire e dos saberes ancestrais sobre o Orixá, Exu. Desta maneira, recuperei historicamente o conceito de diáspora buscando historicizá-lo e aproximá-lo das discussões do Pan-Africanismo e da História Social da Cultura. A aproximação entre George Padmore e a diáspora, contudo, serviu para que se compreenda como a Diáspora Negra foi experienciada por intelectuais negros da primeira metade do século XX.

O segundo capítulo analisou aspectos da vida de George Padmore no Caribe. De que maneira a educação recebida o influenciou, como a experiência de ser negro em uma colônia que passou pela exploração econômica e pelo escravismo o marcou. O capítulo também se debruça sobre a experiência do exílio de Malcom Nurse, que se tornará George Padmore e nunca mais retornará ao Caribe. Os processos de identificação e as estratégias transnacionais de luta disponíveis no primeiro terço do sécul XX são analisados. George Padmore é apresentado como um intelectual da diáspora de maneira que as especificidades deste processo sejam enaltecidas, e a relação entre o intelectual negro e o processo de diáspora sejam discutidos. Estes dois capítulos buscaram dar conta de discutir teoricamente as questões relacionadas à diáspora e como a experiência da Diáspora Negra operou ecos no intelectual George Padmore.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

George Padmore morre em 1959, dois anos depois da independência da Costa do Ouro, ocorrida em 1957. Não pôde ver, portanto, no ano seguinte, outros países africanos tronarem-se independentes. Deixou seu legado para – ou teve seu legado apropriado por – Nkrumah, que seguiu, a seu modo, na luta por uma África Unida dentro de um projeto Pan-Africano. Padmore sonhava com os Estados Unidos da África, formado por uma Federação de Repúblicas Socialistas. Este futuro, pensado a partir do período entreguerras e processado em meio a nascente Guerra Fria, não se concretizou. Do Quinto Congresso Pan-Africano de Manchester, em 1945, até o ano de 1960, quando dezessete países tornaram-se independentes no continente africano, o Pan-Africanismo pensado por Padmore enquanto teoria da revolução africana sofrerá críticas, modificações e sucumbirá. O que moveu esta projeção de Padmore rumo a um horizonte de expectativas descolado do espaço de experiências é importante de ser analisada[23]. Ou seja, quais articulações intelectuais Padmore e seus companheiros operaram a fim de imaginar o futuro africano para o pós-Guerra II? Quais seriam seus obstáculos naquele momento?

Os aspectos para esta derrocada, entretanto, não eram desconhecidos por Padmore e seus companheiros. O poder do imperialismo, ou como Nkrumah chamou, o neo-colonialismo. O capitalismo e o racismo que assolavam o mundo, as divisões internas no continente, chamadas por Padmore de 'tribalismo'. As dinâmicas de um mundo bipolar que disputava áreas de influência, o que requeria estratégias de não alinhamento nem com o bloco Ocidental, tampouco com o bloco comunista. Todos estes aspectos estiveram nas preocupações de George Padmore e seus contemporâneos desde a década de 1930. Padmore e C.LR. James, por exemplo, propunham, já no período entreguerras, modernidades alternativas àquelas propostas pela União Soviética Comunista, pelos Estados Unidos capitalista e pelos Impérios Ocidentais. O pós-Guerra II, portanto, também será marcado pela diversidade de direções assumidas no continente africano pela política.[24] É fundamental que se tracem as continuidades entre estas propostas de futuro alternativas às grandes filosofias da história amparadas na modernidade européia na primeira metade do século XX.

---

[23] Reinhart Koselleck. "Espaço de experiência" e "horizonte de expectativa": duas categorias históricas. In: **Futuro Passado:** Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora Puc-RJ, 2006, p. 305 -327.
[24] Frederick Cooper. **L'Afrique Depuis 1940**. Paris, Payot, 2008. p. 43.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

O período entreguerras revela um contexto rico e complexo em relação ao Pensamento Político Negro: O nacionalismo negro de Marcus Garvey baseado em uma solidariedade transnacional fez com que a *United Negro Improvement Association* e seus pressupostos de melhoramento das condições materiais e raciais dos negros fosse propagado por marinheiros afro-americanos e africanos, atingindo diversos territórios coloniais, fazendo de Garvey o intelectual negro mais popular nas primeiras três décadas do século XX; o movimento da *Négritude*, elaborado em torno dos intelectuais francófonos Leopold Senghor e Aimé Césaire, que propunha que os negros e africanos possuíam sua contribuição à civilização mundial e que teorizou sobre a identidade africana e sobre a liberdade; e o Pan-Africanismo representado em torno da figura de W.E.B. Du Bois e organizado nas quatro Conferências Pan-Africanas entre 1919 e 1927, e que posteriormente seria reformulado por Padmore. Todas estas manifestações, que foram diferentes entre si e às vezes até concorrentes, podem ser alocadas no que se pode chamar de internacionalismo negro[25]. O internacionalismo negro é fruto da relação entre intelectuais negros radicais que buscavam de diversas maneiras combater o racismo e as opressões sofridas pelos negros da África e seus descendentes, no contexto de formação dos Impérios e a diáspora.

Aqui, novamente, as distinções entre o conceito de diáspora e seus processos discutidos na primeira parte desta tese, serão fundamentais para que se compreenda o internacionalismo negro e as estratégias transnacionais. Assim como o Pan-Africanismo, o internacionalismo negro se processa e se fortalece na diáspora, mas não deve ser confundido com tal processo. O internacionalismo negro, assim como o Pan-Africanismo, é uma das diversas formas políticas e gestadas diante da experiência de intelectuais negros na Diáspora Negra da primeira metade do século XX. Ainda que tanto o internacionalismo negro quanto o Pan-Africanismo buscassem fortalecer os laços de pertencimento de africanos e seus descendentes através da diáspora, concedendo lutas históricas e pautas comuns, criando solidariedades transnacionais e novas identidades, fortalecendo as relações diaspóricas entre os negros, não podem ser confundidos com o processo que os possibilita. São desdobramentos específicos e distintos de um

[25] Brent Hayes Edwards. ‘‘Inventing the Black International’’. In: **The Practice of Diaspora: Literature, Translation, and the Rise of Black Internationalism**. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

mesmo processo mais amplo e extemporâneo. É a historicização das lutas de negros no mundo diante de seus contextos que concede a especificidade tanto ao internacionalismo negro quanto ao Pan-Africanismo.

As alianças políticas que Padmore promoveu ao longo de sua trajetória apontam mais para a existência de um *transnacionalismo anti-colonial* do que um *anti-colonialismo transnacional*. As relações intelectuais e políticas entre indivíduos negros na primeira metade do século XX apontam que tanto o caráter transnacional, assim como o híbrido, esteve presente desde o período colonial, e não apenas no pós-colonial[26]. Neste sentido, o internacionalismo negro é aqui compreendido enquanto o suporte intelectual e teórico para as lutas anticoloniais e anti-imperiais que se processaram ao longo do período entreguerras e culminam no pós-Guerra II. O internacionalismo negro propôs, de diversas formas, soluções transnacionais e alternativas ao modelo do estado-nação moderno, para a superação da exploração econômica dos negros e do racismo. A Diáspora Negra no século XX promoveu estratégias transnacionais, o que por sua vez produziu sistemas de pensamento originais complexos que questionaram as bases sob as quais a soberania ocidental era organizada.

A análise a partir da ótica transnacional importa para a história contemporânea do continente africano porque permite compreender os diálogos entre indivíduos e grupos operados além das estruturas e limites das identidades nacionais e/ou raciais. Permite que as disputas e lutas políticas sejam percebidas para além das disputas entre estados-nacionais promovendo novos atores nas disputas por soberania. Isto permite, também, aproximar intelectuais e movimentos muito diferentes entre si como, por exemplo, o 'race first' de Marcus Garvey e o internacionalismo negro de Padmore durante seu vínculo com o Comunismo Internacional, até 1934. Pois ainda que Padmore fosse um crítico contumaz do movimento de Garvey na década de 1930, e Garvey por sua vez operasse com uma retórica conservadora do ponto de vista do colonialismo e do imperialismo, ambos pautaram suas estratégias em solidariedades transnacionais.

O olhar transnacional nos permite perceber as continuidades na trajetória de Padmore. Pois, muito embora somente após 1934, data de sua ruptura com o Comunismo Internacional e a União Soviética de Stálin, Padmore tenha intitulado

[26] Kevin Grant, Phillipa Levine e Frank Trentmann. **Beyond Sovereignty:** Britain, Empire and Transnationalism: 1880-1950. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2007, p. 3.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

seu movimento e sua ideologia enquanto Pan-Africana, ele sempre conduziu sua prática política e intelectual com o objetivo de construir um movimento transnacional de trabalhadores negros como forma de alcançar a liberdade do colonialismo e o fim do imperialismo sob uma ótica marxista. Padmore orientou toda sua trajetória política a partir de dois dos grandes movimentos transnacionais do século XX: o comunismo e o Pan-Africanismo. Talvez por este aspecto Padmore sempre tenha defendido a luta internacional contra o imperialismo sob bases interseccionais, levando em consideração não apenas os aspectos raciais, mas também os aspectos de classe. Trabalhadores negros e brancos, ainda que dispostos assimetricamente no sistema de poder mundial, deveriam lutar juntos em prol da Revolução mundial e da construção de uma sociedade socialista.

Após o ano de 1917 e a Revolução Russa, o aspecto internacionalista negro se soma ao caráter revolucionário e anticapitalista soviético. Desta forma, o internacionalismo negro irá influenciar o Comunismo Internacional, ao passo que o Comunismo Internacional também irá exercer forte influência no Pensamento Político Negro e, por conseguinte, no Pan-Africanismo pós década de 1940. A 'Questão do Negro' e a 'Questão Colonial' serão pontos de encontro entre intelectuais radicais negros e o Comunismo Internacional. Neste ambiente polifônico e complexo no período anterior à Segunda Guerra Mundial debatiam-se a questão racial e o marxismo, por exemplo. Como se processaria a Revolução dos trabalhadores, qual o papel dos trabalhadores negros e do continente africano nas lutas por Revolução? Quais estratégias deveriam ser implementadas para se combater o imperialismo e conquistar a autodeterminação em um mundo marcado pelo colonialismo? George Padmore será influenciado por este debate ao chegar aos Estados Unidos da década de 1920.

Segundo Anthony Bogues, a *intelligentsia* radical negra, particularmente a do Caribe, possui papel fundamental no pensamento anti-imperial do século XX. Seu caráter *herético* pode ser comparado à *intelligentsia* russa na passagem do século XIX para o século XX, no que tange à busca por justiça social e fim da exclusão.[27] Estes intelectuais negros, tais como George Padmore, C.L.R. James, Claude McKay, W.E.B. Du Bois, por exemplo, apontaram que o racismo, a opressão colonial e a dominação derivavam de formas – e sistemas – de poder que

[27] Anthony Bogues. **Black Heretics and Black Prophets:** Radical Political Intellectuals. Nova Iorque: Routledge, 2003.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

deveriam ser extintos. A agenda política estabelecida por intelectuais negros desde as primeiras décadas do século XX combateu a supremacia branca e o imperialismo a partir de noções de solidariedade entre os negros dispersos na diáspora.[28] Mas esta solidariedade não deve ser observada apenas pelo aspecto racial. George Padmore estabeleceu articulações com militantes anti-imperialistas e anticoloniais asiáticos em sua busca pela formação de uma ampla frente anticolonial. Pois compreendia que o aspecto racial não significava uma "essência" ancestral ou biológica, importando as questões políticas ligadas às clivagens de classe. Tal qual Claude Mckay, por exemplo, compreendia o conceito de raça em termos políticos e sociológicos.

É interessante perceber que Padmore referia-se aos indivíduos africanos e seus descendentes conscientes de sua opressão e interessados na mudança das estruturas globais enquanto *Negroes.* Já os indivíduos negros, africanos ou seus descendentes, que de maneira geral estavam alheios às estruturas de opressão que sobre eles recaía, Padmore chamava-lhes de *Blacks*. Não obstante, Padmore irá denunciar os indivíduos negros, africanos ou seus descendentes, que estivessem atuando em prol dos objetivos imperiais, como quando acusou Garvey de ser um agente do imperialismo que não estava interessado em emancipar o continente africano e seus descendentes. Ou seja, ainda que possuidores de pele negra, Padmore enxergava este grupo de forma politizada e não essencialista.

Padmore denunciava que os negros [*blacks*] estavam subjugados a um sistema de relações de poder que recaía sobre estes indivíduos de maneira mais cruel por conta do racismo. Contudo, este mesmo sistema de poder também exercia opressão sobre brancos e indivíduos coloniais, chamados por Padmore de "pessoas de cor" [*coloured people*]. Seu *anti-imperialismo*, portanto, articulou o "liberacionismo negro" [29] à luta em prol das "pessoas de cor", estivessem elas sob dominação colonial formal ou não, com a finalidade de combater os Impérios. Seu *anti-colonialismo*, por sua vez, referia-se à demanda dos indivíduos coloniais por independência política com relação ao governo colonial. Padmore, de fato, lutou pelo fim da dominação colonial exercida pelos europeus; no entanto, sua ideologia

[28] Patrick Manning. "Citizenship, 1900-1960". In: **The African Diaspora:** A history through culture. Columbia University Press, 2009.
[29] Anthony Bogues. **Black Heretics and Black Prophets:** Radical Political Intellectuals. Nova Iorque: Routledge, 2003.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

ia além. Entendendo todas as formas de imperialismo enquanto fundamentos da exploração, ele era tanto *anti-colonialista* como *anti-imperialista*.

Barbara Bush realizou pesquisas que ajudaram a reposicionar a história do imperialismo britânico no período entreguerras, ao afirmar que o racismo foi fundamental na sustentação do poder imperial[30]. Entretanto, os recentes trabalhos de John Darwin e Ronald Hyam, historiadores britânicos que também pesquisam o império britânico, não mencionam a questão racial[31]. Darwin e Hyam tampouco mencionam Padmore ou outros intelectuais africanos ou caribenhos em seu envolvimento com as lutas antirracistas e anti-imperiais. Ao ignorar estes aspectos estas obras deixam de lado um componente central na justificativa da dominação territorial, social e econômica do Império Britânico. As questões raciais envolvendo o imperialismo britânico podem ser mais profundamente analisadas a partir do diálogo com o pensamento de intelectuais negros que viveram durante o período entreguerras, como Padmore, por exemplo. Não obstante, Padmore e seus companheiros também produziram discursos e críticas ao racismo presente nos Estados Unidos. Isto que faz com que seu pensamento não esteja limitado ao contexto anti-imperial, ou às questões relativas ao continente africano, mas trata-se de um intelectual que refletiu e agiu sobre questões globais ao longo da primeira metade do século XX.

Na tentativa de se compreender mais a fundo a influência política de George Padmore e suas contribuições à "comunidade argumentativa" do internacionalismo negro e do Pan-Africanismo do segundo terço do século XX – 1930-1960 –, esta pesquisa apoiou-se na perspectiva teórico-metodológica proposta por historiadores vinculados à chamada abordagem collingwoodiana, incorporando suas possibilidades de diálogo com as reflexões elaboradas pela história conceitual alemã[32]. O que se pretende com esta abordagem teórico-metodológica é a produção de uma análise dos discursos políticos de George Padmore, de maneira a evidenciar o vocabulário político empregado utilizado por ele e por outros intelectuais de seu contexto.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[30] Barbara Bush. **Imperialism, Race and Resistance**. Londres, Routledge, 1999, p. 18.
[31] Ronald Hyam. **Understanding the British Empire**. Cambridge, Cambridge University Press, 2010.
[32] Marcelo Gantus Jasmin e João Feres Junior. **Uma História dos Conceitos: debates e perspectivas**. Rio de Janeiro: PUC-RIO: Edições Loyola: IUPERJ, 2006.

Desta maneira, no terceiro capítulo, os debates entre W.E.B. Du Bois e Claude McKay foram analisados. A partir da análise do pensamento político destes intelectuais e de suas interações políticas, foi possível apresentar um panorama do contexto linguístico do internacionalismo negro ao longo das primeiras décadas do século XX. Os contatos entre intelectuais negros e o Comunismo Internacional revelam um vocabulário político que terá impacto nas críticas ao marxismo. Este contexto linguístico foi fundamental na formação de Padmore, que acabara de mudar-se para os Estados Unidos e passou a atuar junto ao Comunismo Internacional. Este capítulo abordou os debates de McKay e Du Bois em torno da Teoria Crítica racial e do marxismo, enfatizando a relação entre raça e classe para o Pensamento Político Negro. Também foram analisadas as relações iniciais do internacionalismo negro com o Comunismo Internacional, bem como a relação dos intelectuais negros com a Revolução de 1917 e a União Soviética, que recebeu diversos estudantes negros com o intuito de formar quadros para a luta comunista nos territórios coloniais.

O quarto capítulo buscou analisar o pensamento de Padmore a frente do *Negro Worker*, jornal do *International Trade Union Committee of Negro Workers*. Neste capítulo foi analisado o diálogo de Padmore com lideranças comunistas soviéticas de maneira a evidenciar suas estratégias e encaminhamentos na luta internacional. A partir da análise de artigos de George Padmore, mas também de um extenso panfleto, o *Life and Struggles of Negro Toilers*, apresento como Padmore observava a questão racial dentro do movimento Comunista Internacional, como pretendia vencer o racismo no interior do movimento dos trabalhadores e, sobretudo, como Padmore se relacionou com a doutrina Comunista e com a burocracia soviética em sua busca pela construção de uma internacional negra. A relação entre Padmore e Garan Kouyaté também é analisada a fim de compreender as rupturas e dissidências destes intelectuais negros anticoloniais e anti-imperiais com o Comunismo Internacional.

Em 1934, após seu rompimento com o Comunismo Internacional e com o stalinismo, Padmore mudou-se para Londres, cidade na qual se relacionou com uma densa comunidade de intelectuais negros dedicados ao movimento anticolonial e anti-imperial. Nesta cidade Padmore atuou com C.L.R. James, Harold Moody, Amy Ashwood Garvey, I.T.A. Wallace-Johnson, T. Ras Makonnen, Jomo Kenyatta, Richad Wright e Kwame Nkrumah, por exemplo. O

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

quinto capítulo buscou analisar a atuação intelectual de Padmore diante da crise da Abissínia, em 1935, quando a Itália invadiu a Etiópia, o que redundou na criação do *International Friends of Ethiopi*a. O papel de Padmore e C.L.R. James neste episódio é analisado de maneira que suas decorrências sobre o internacionalismo negro e o sobre Pan-Africanismo sejam evidenciadas. O capítulo segue analisando a continuidade destas movimentações que se desdobraram no *International African Service Bureau*, organização interessada em promover teorias e métodos de luta e superação do colonialismo e do imperialismo. Esta organização publicou um jornal próprio, sob a editoria de C.LR. James, de julho 1938 até março 1939. Apesar de sua breve existência o *International African Opinion* possibilitou compreender alguns conceitos centrais na formação de uma ideologia Pan-Africana e de uma opinião africana a partir da década de 1940.

De acordo com John G. Pocock, o autor/ator se inscreve no jogo político de seu tempo, tendo sua ação mediada por uma cadeia de outros atores que respondem ou não a seus atos, incorporando suas proposições lingüísticas e tentando transformá-las de acordo com suas intenções no momento. Neste sentido, os significados de uma ideia estão intimamente associados ao que se faz com ela em uma determinada especificidade, cabendo a pergunta: o quê o autor/ator "estava fazendo" naquele momento?[33] Embora mantenha o foco na linguagem, os estudos de Pocock se deslocam dos atos de fala para os vocabulários políticos e para as diversas "linguagens políticas" presentes em um texto.

George Padmore e C.L.R. James eram anti-imperialistas e anticolonialistas, e posicionavam-se sob uma perspectiva global enquanto melhor estratégia diante das lutas pertinentes aos africanos e seus descendentes. Segundo eles, estas lutas deveriam estar relacionadas ao pensamento marxista, e centradas no continente africano. Ambos acreditavam que o marxismo era uma importante chave de análise para situação do negro na sua contemporaneidade, e, acreditavam em seu poder transformador do *status quo*. Diante de suas afiliações e seus trânsitos, ambos tornaram-se lideranças na luta pela igualdade racial e política através do marxismo, na prática e na teoria. Foram, portanto, pioneiros na "negrificação" ou "des-branqueamento" do socialismo ao refletirem a partir do

[33] John G. Pocock. **Linguagens do Ideário Político**. São Paulo, Ed. USP, 2003, pp. 28-29.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

marxismo sobre questões pertinentes ao continente africano e seus descendentes da diáspora. Por conta de sua atuação intelectual ambos participaram de debates e disputas no campo intelectual com diversos atores e instituições. Padmore, a partir da década de 1940, irá frequentar as páginas de jornais ligados ao *Independent Labour Party*, e também a *League of Coloured People*, bem como C.L.R. James, que também irá transitar pela esquerda branca britânica e posteriormente a norteamericana[34].

O sexto capítulo aborda o Quinto Congresso Pan-Africano, ocorrido em Manchester, em 1945. Este congresso marca tanto a continuidade do movimento de conferências Pan-Africanas iniciado por W.E.B. Du Bois nas primeiras décadas do século XX, como também revela uma mudança de foco teórico-metodológico. Padmore tem papel fundamental na mudança de um movimento organizado a partir de encontros de intelectuais negros para um movimento político-ideológico mais comprometido com os trabalhadores e camponeses negros, e com a libertação imediata do continente africano. Neste capítulo tratei das estratégias que George Padmore constrói diante das mudanças no cenário mundial no contexto da Segunda Guerra tendo em vista a conquista da independência dos países africanos. Neste cenário toma o exemplo da Índia, independente em 1947, logo após o fim da Guerra, para conduzir a Costa do Ouro a sua independência, o que aponta para sua preocupação transnacional e visão global do anticolonialismo. O capítulo buscou dar respostas a tais questões: Como Padmore propôs adequar o Pan-Africanismo comprometido com um olhar marxista diante da polarização do mundo do pós-Guerra II? Como seria possível orientar as lutas anticoloniais em um cenário de valorização da democracia liberal, do desenvolvimento econômico e do enfraquecimento dos impérios? Qual seria o papel das colônias após sua contribuição aos esforços de Guerra e no combate ao nazi-fascismo? O sexto capítulo buscou mapear os pressupostos Pan-Africanos que formarão as bases da atuação anticolonial no continente africano, que buscou transformar a realidade colonial e conduzir os países africanos para o patamar de nações modernas e desenvolvidas, preocupação principal do Quinto Congresso de Manchester e de Padmore.

[34] Carol Polsgrove. **Ending British Rule in Africa:** Writers in a Common Cause. Manchester, Manchester University Press, 2009, p. 131.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Neste sentido, esta pesquisa compreende que o pós-Guerra II representa, para o continente africano, um momento de mudanças radicais no qual se identifica uma temporalização que segue novos critérios. O presente é percebido enquanto possuidor de um tempo próprio carregado de sentido, e as possibilidades e expectativas de futuro se distanciam da experiência vivida. A crise do imperialismo europeu e, por exemplo, a Carta do Atlântico, publicada em 1942, abrem a possibilidade real das antigas colônias questionarem a dominação colonial e experimentarem o autogoverno e a autodeterminação.[35] Padmore e outros intelectuais negros pensaram ns possibilidades e estratégias necessárias a fim de modernizar o continente africano e suas populações, a fim de acelerar a transformação destas sociedades vistas de maneira geral como atrasadas e 'tribais'.

Neste momento, ergue-se uma nova consciência de época que entende a novidade do tempo vivido. Um tempo de mudanças aceleradas e rupturas em que a linguagem política se democratiza e se politiza ao passo em que se produz uma inclinação ideológica[36]. A qualidade temporal desta *modernidade* permite aos atores políticos de então a utilização do tempo como ferramenta de ação política. Da mesma forma, diante da compreensão do presente, abre-se a possibilidade de se ler o passado segundo os limites sociais, religiosos e políticos contemporâneos, inaugurando uma perspectiva histórica subjetiva sobre os mesmos acontecimentos. O distanciamento temporal permite à crítica histórica a possibilidade de identificar os eventos passados de uma maneira diferente da que os contemporâneos os identificaram. Neste sentido, quando, a partir de sua independência, em 1957, a antiga Costa do Ouro torna-se novamente Gana, nome do antigo Império africano que existiu do séc. IX até o séc. XIII, o que se espera é uma releitura do presente a partir de seu passado anterior à chegada dos Europeus.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[35] A Carta do Atlântico foi assinada em 1941, pelo então presidente norte americano Theodore Roosevelt e pelo Primeiro Ministro britânico Winston Churchill. Os termos da Carta do Atlântico foram enunciados pelo político Clement Attlee. Como princípio, a declaração trazia o direito de qualquer povo escolher sob qual forma de governo quer viver e de determinar seu destino político. Ainda que esta não fosse a*intenção* dos chefes de Estado que assinaram a declaração, nela estava contida uma mensagem de repúdio ao colonialismo. Como desdobramento desta declaração, a West African Students Union (WASU), tomada por certa expectativa e esperança, publicou na primeira página do Daily Herald: "isto inclui os negros também." Ver, Pablo de Oliveira de Mattos et. ali. "Pan-Africanismo Militante: 1930-1960". In: **História da África Contemporânea**, Ed. PUC e Ed. Pallas, 2013, p. 73.

[36] Javier Fernandez Sebastian e Juan Francisco Fuentes. "Entrevista com Reinhart Koselleck". In: Marcelo Gantus Jasmin e João Feres Junior, 2006, p. 142.

O sétimo capítulo buscou analisar a relação entre George Padmore e Kwame Nkrumah diante da condução do processo de independência da Costa do Ouro. O capítulo buscou nesta relação as respostas para os obstáculos ao projeto Pan-Africano pensado por Padmore desde a década de 1940. O caráter internacionalista e global de Padmore se chocou com as perspectivas nacionalistas locais de Nkrumah em Gana, por exemplo. Este capítulo também buscou mapear conceitos e estratégias de Padmore e Nkrumah, a fim de elucidar as aproximações e afastamentos entre estes intelectuais e seu vocabulário político. A análise desta relação foi feita desde seu encontro, em 1945, até a morte de Padmore, em 1959. A experiência de Padmore no continente africano, quando aceitou o convite de Nkrumah para assumir o cargo de conselheiro para assuntos africanos após a independência, é analisada a fim de evidenciar os conflitos entre africanos e os negros da diáspora. Para tanto o capítulo dialoga com duas obras literárias escritas por escritores negros contemporâneos de Padmore, Black Power, escrita por Richard Wright, e Wreath for Udomo, escrita por Peter Abrahams. Procurei apresentar este período difícil para Padmore. Apesar de se considerar um defensor da luta africana, Padmore admitia ser um *outsider* entre os nacionalistas africanos[37].

Neste sentido, este capítulo fecha esta tese apresentando um indicativo da influência de Padmore e de seu pensamento político no continente africano. Seu papel central na condução política do processo de independência da Costa do Ouro junto de Nkrumah; nas estratégias de não-violência e boicotes como formas de pressão anticoloial; os ecos de suas estratégias através do continente africano; na consolidação de um partido político de massas nacional sob orientação comunista na Costa do Ouro; nas projeções autoritárias diante do problema do 'tribalismo'. O capítulo pretende, portanto, evidenciar o papel deste 'Heroi Silencioso' e apresentar George Padmore como um dos intelectuais fundamentais para a emancipação africana.

Desde as discussões sobre a tentativa de formação de uma internacional negra vinculada à burocracia Comunista, na década de 1930, passando pela formação de organizações negras autônomas em busca da conquista da liberdade de africanos e seus descendentes na década de 1940; e da concretização do projeto

[37] Bill Schwarz. **West Indian Intellectuals in Britain**. Manchester, Manchester University Press, 2003, p. 146-148

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Pan-Africano centrado nos africanos e no continente africano em 1945, Padmore sempre promoveu ações na direção da intervenção no continente africano. O sétimo e último capítulo é centrado naquele que foi o primeiro processo de independência de uma colônia africana, o de Gana, em 1957. Após sua independência, Gana apresentaria-se como o centro do Pan-Africanismo e seu líder, Kwame Nkrumah, defenderia que de nada valeria a independência de seu país se não fosse acompanhada por outras independências. Após sua morte, George Padmore, será lembrado pelo líder ganês como o artífice da emancipação africana e da busca por sua unidade. O último capítulo buscou apontar que a forte influência de Padmore no continente africano foi um produto de suas articulações políticas produzidas desde a década de 1930.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

PARTE I

2
Exu, Anticolonialismo e a Diáspora

Exu é o começo
Atravessa o avesso
Exu é travesso
Que traça o final

Serena Assumpção, 2016

No dia 30 de junho de 1960 um evento marcaria de maneira solene o início do processo de independência do Congo Belga, no Parlamento congolês. Neste evento discursaram o Rei Baudouin I, da Bélgica, o presidente congolês eleito, Joseph Kasa-Vubu e Patrice Emery Lumumba, liderança política vinculada às lutas anticoloniais no Congo. Em seu discurso, o Rei da Bélgica exaltou o projeto colonialista e não fez menção às lutas por independência há muito ocorridas no país,

> Senhor Presidente, senhores,
> A independência do Congo constitui o resultado da obra concedida pelo gênio de Leopoldo II, realizada por ele com uma coragem tenaz e prosseguida com perseverança pela Bélgica. Ela marca um momento no destino, não somente do próprio Congo, mas – e eu não hesito em afirmá-lo – de toda a África. Durante oitenta anos a Bélgica enviou ao seu solo os seus melhores filhos, inicialmente para livrar a bacia do Congo do odioso tráfico de escravos que dizimava sua população, em seguida para aproximar umas das outras as etnias que antigamente eram inimigas e [agora] estão prontas para constituir juntas o maior dos Estados independentes da África; enfim, para conclamar a uma vida mais feliz as diversas regiões do Congo que vocês representam aqui unidas em um mesmo parlamento[38].

[38] Discurso pronunciado pelo Rei Baudouin I, da Bélgica, 30 de junho de 1960. Disponível em: <http://www.kongo-kinshasa.de/dokumente/lekture/disc_indep.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2016.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Em seguida, o presidente Joseph Kasa-Vubu não mudou a rota daquilo que foi dito pelo monarca europeu. Marcando a concessão feita pela Bélgica neste processo visto como natural, Kasa-Vubu disse que,

> A Bélgica teve, então, a sabedoria de não se opor ao curso da história, e compreendendo a grandeza do ideal da liberdade que anima todos os corações congoleses, ela soube – fato sem precedente na história de uma colonização pacífica – passar diretamente e sem transição nosso país da dominação estrangeira à independência, na plena soberania nacional.
> A presença de Vossa Augusta Majestade nas cerimônias deste dia memorável constitui um evidente e novo testemunho da Vossa solicitude em relação a todas as populações que amaste e protegeste. Elas estão felizes de poder comunicar, hoje, ao mesmo tempo o seu reconhecimento pelas melhorias que Vós e Vossos ilustres predecessores lhes prodigastes, e a sua alegria pela compreensão recebida pelas suas aspirações[39].

Patrice Lumumba, então, realiza seu discurso direcionado a seus pares,

> Congoleses e Congolesas,
> Combatentes da independência, hoje vitoriosos, eu lhes saúdo em nome do governo congolês. A todos vocês, meus amigos, que lutaram sem trégua ao nosso lado, eu peço para fazer deste dia 30 de junho de 1960 uma data ilustre que ficará para sempre gravada nos seus corações, uma data a qual vocês contarão com orgulho aos seus filhos, para que estes, por sua vez, contem aos seus netos a história gloriosa da nossa luta pela liberdade.
> [...]
> Pois a independência do Congo – se ela é proclamada hoje com o acordo da Bélgica, país amigo com quem nós negociamos de igual para igual –, nenhum congolês digno deste nome poderá esquecer que é pela luta que ela foi conquistada, uma luta de todos os dias, uma luta ardente e idealista, uma luta na qual nós não poupamos nem as nossas forças, nem as nossas privações, nem o nosso sofrimento e nem o nosso sangue.
> Desta luta, que foi feita de lágrimas, de fogo e de sangue, nós estamos orgulhosos até o âmago de nós mesmos, pois foi uma luta nobre e justa, uma luta indispensável para colocar um fim na humilhante escravidão que nos era imposta pela força.
> [...]
> Este foi o nosso destino nestes oitenta anos de regime colonialista, nossas feridas são recentes e dolorosas demais para que nós possamos esquecê-las. Nós conhecemos o trabalho fatigante exigido em troca de um salário que não permitia saciar a nossa fome nem nos vestir ou nos abrigar decentemente, e nem de educar as nossas crianças como entes queridos. Nós conhecemos a ironia, os insultos, a violência que deveríamos sofrer pela manhã, tarde e noite, porque nós éramos "crioulos"

[39] Discurso pronunciado por Joseph Kasa-Vubu, presidente do Congo, 30 de junho de 1960. Disponível em: <http://www.kongo-kinshasa.de/dokumente/lekture/disc_indep.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2016.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

> [*nègres* no original, termo pejorativo]. Quem esquecerá que um negro era tratado por "você", não porque era um amigo, mas porque o "senhor" honorável era reservado unicamente aos brancos? Nós sabemos que as nossas terras eram espoliadas em nome de textos pretensamente legais e que não faziam senão reconhecer a lei do mais forte[40].

Para além do caráter potente e subversivo do texto de Lumumba, o que chama atenção desta fala é seu caráter inesperado pelas autoridades, inclusive por Kasa-Vubu, que havia lido outra versão do discurso. Patrice Lumumba decide modificar seu discurso momentos antes da solenidade, procedendo assim, na *desordem* do evento, em sua instabilidade, mas irrompendo em um processo aberto ao devir diante de sua intervenção. Imagens deste evento disponíveis na internet permitem visualizar o desconforto causado nas autoridades presentes, sobretudo no Rei Baudouin I e em Joseph Kaza-Vubu, e a efusividade dos congoleses presentes que o aplaudiram de pé.[41] Lumumba atuou não apenas no desordenamento da solenidade, mas, sobretudo, operou um golpe no discurso colonial e em seu processo de construção da memória histórica. Lumumba foi assassinado em 1961 após ter sido cassado pela selva congolesa, torturado, fuzilado, e ter seu corpo cerrado em várias partes e dissolvido em ácido.

Em 1966, entretanto, Patrice Lumumba se tornaria personagem em peça escrita por Aimé Césaire, *Une Saison au Congo*.[42] Na peça, Césaire lança mão de fatos ocorridos durante a cerimônia de independência, em 30 de junho de 1960, para sua composição. Aimé Césaire traça este personagem enquanto aquele que age pelas frestas, nas fissuras dos espaços de poder estabelecidos revelando e atuando enquanto crise. Denunciando a opressão silenciada, Lumumba chamará atenção para o colonialismo e suas consequências no que deveria ser uma festa de celebração da autonomia política do Congo pensada a partir do *status quo*.

O personagem da peça, Patrice Lumumba, evidenciou os conflitos e violações latentes naquela cerimônia. Seu discurso apresentou-se enquanto possibilidade, mas também enquanto dúvida, crítica. Ao modificar seu discurso no último momento contrariando inclusive alguns integrantes do recém-formado governo congolês, Lumumba comportou-se como um *trickster* e atuou nas frestas.

---

[40] Discurso pronunciado por Patrice Lumumba, 30 de junho de 1960. Disponível em: <http://www.kongo-kinshasa.de/dokumente/lekture/disc_indep.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2016.
[41] Imagens disponíveis na internet, <https://www.youtube.com/watch?v=BGB8eOSLAGE&t=9s>, Acesso em 09 de agosto de 2018.
[42] Aimé Césaire. **Une Saison au Congo**, Paris, Seuil, 1973.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Irrompendo a *desordem* diante da ordem estabelecida através de suas palavras, Lumumba buscava restabelecer uma ordem que lhe era cara. O personagem Lumumba, através de Aimé Césaire, desvela e traz à baila o racismo e a ordem colonial latentes, nos processos de independências dos países africanos através da cerimônia de independência do Congo. Este recurso a um personagem que atuasse pelas frestas na crítica ao sistema colonial foi mais desenvolvido em outra peça de Aimé Césaire, posteriormente.

Em 1969 foi encenada uma peça de autoria do autor martiniquenho baseada e homônima à obra do dramaturgo inglês do século XVII William Shakespeare, *A Tempestade.* Césaire manteve os mesmos personagens e o mesmo enredo, entretanto, sob uma nova perspectiva que revela os conflitos raciais e de classe entre os personagens principais – Prospero, Ariel e Caliban – apresentando uma visão crítica ao colonialismo sob o ponto de vista do internacionalismo negro.

O projeto inicial de Césaire era de que a peça tivesse como cenário os EUA e não a ilha original de Shakespeare. Entretanto, referências ao contexto internacional de lutas por direitos da população negra são encontradas na peça: Caliban pode ser lido enquanto um personagem que encarna as características de Malcom X, pois há diálogos com Próspero que Caliban se apresenta enquanto X e as implicações da opressão representada por Próspero nesta ausência. Em outros diálogos o recurso à violência, à revolução e até mesmo posições racialistas extremadas são atribuídas ao personagem de Caliban: "Me livrar de você, te vomitar [...] tua toxina branca". Ariel, entretanto, pode ser atribuído a Martin Luther King, pois recusa toda e qualquer violência, além de ser apresentado enquanto dotado de um tom conciliador junto a Próspero. Algumas de suas respostas ecoam o discurso "*I have a dream*", além de ser apresentado enquanto mais idealista e otimista.[43]

Contudo, o que pretendo ressaltar com a referência à peça é a presença da divindade africana Exu[44] na cena III do terceiro ato. No que pode ser lido como

[43] Os trechos foram extraídos do texto de Aimé Césaire. **Une Tempete**. Seuil, Paris, 1969.

[44] Nos idiomas do tronco linguístico Yorubá a palavra Exu é escrita da seguinte forma: *Èsù*. A escolha em grafá-la no idioma português do Brasil utilizando a letra x foi tomada tendo em vista sua apropriação junto ao universo cosmológico brasileiro remetendo às identidades construídas na Diáspora Negra do Atlântico. O que poderia ser lido como um mero jogo de fonemas e grafias revela as possibilidades de reinvenção deste princípio cosmológico bem como de sua mobilidade criativa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

uma proposta epistemológica original e subversiva, Aimé Césaire lança mão desta divindade do panteão mitológico Yorubá, no sentido de ressaltar conflitos e apontar estratégias de superação destes conflitos. Exu, descrito na peça como o deus-diabo preto – *dieu-diable nègre* –, que não aparece na peça original do dramaturgo inglês, é um recurso dos mais sofisticados e originais do ponto de vista da crítica anticolonial e anti-imperial presente na peça. Exu e seus princípios cosmológicos *exusíacos* também nos servem enquanto categoria analítica da relação mais ampla e instável entre negros da diáspora, no contexto de supremacia branca, com um mundo marcado pelo colonialismo e imperialismo. Exu na peça evidencia a experiência colonial, mas também aponta os caminhos para subervsão desta condição.

A terceira cena do terceiro ato da peça de Aimé Césaire representa o casamento de Miranda, filha de Prospero, com Ferdinando. Quando Próspero, o mestre de cerimônia, chama por Ariel, sua escrava mestiça que habitava a ilha com Caliban antes de sua chegada, pergunta a ela aonde estão os deuses e deusas. Então conclama a todos os Deuses, donde quer que venham, a tomar parte nos divertimentos. Prospero menciona que irá proporcionar neste dia o espetáculo do mundo do amanhã: da razão, da beleza, da harmonia, fundamentos que, por obra de sua vontade, ali seriam transmitidos. Eis que de forma abrupta Exu aparece sem que o tenham convidado para a festa! Exu aparece para compartilhar da festa, dos cânticos e danças perpetrados pelas divindades do panteão greco-romano presentes: Juno, Ceres e Iris. Divindades que, para o espanto de Ferdinando, o noivo, eram reconhecidas enquanto entidades espirituais em sua dança e celebração. É importante notar que tais espíritos foram trazidos de seu repouso pela obra de Prospero, o qual possuía poder sobre alguns espíritos. Exu, por sua vez, está presente em toda a encenação da peça, ainda que só possua diálogos e interação com outros personagens nesta cena, deste ato.

A festa de casamento, portanto, que ocorria como uma celebração vinculada à fertilidade, prosperidade, beleza, harmonia, conexão e transformação, ocorria dentro do proposto até que Exu irrompe a celebração. O que se coloca para os convidados de Próspero, neste momento, é a presença do “outro”, do elemento estranho, exótico, o elemento *negro africano*. Para Miranda, a figura de Exu possuía um ar maléfico, lhe parecia um diabo e não uma divindade. Exu se apresenta como um diabo para os inimigos e um deus para os amigos. Porém,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

também afirma ser a diversão para todos. A diversão neste caso deve ser compreendida enquanto sua capacidade de questionar, inverter e subverter os padrões, instaurar a dúvida e possibilitar que novos caminhos sejam vislumbrados. Exu, assim como as divindades do panteão greco-romano evocadas por Próspero, encarna aspectos referidos à fertilidade, transformação, conexão e prosperidade sob o ponto de vista Yorubá. Oferecendo, portanto, uma crítica à leitura que o colocaria apenas como o "outro", diferente e exótico, que estaria causando a fratura na cerimônia de matrimônio por conta de seus atributos contrários aos aspectos evocados pelas divindades sob o controle de Próspero[45]. A crítica que Césaire faz, através de Exu, é uma crítica que disputa as mesmas possibilidades civilizatórias.

Exu é a compreensão da ordenação do mundo a partir dos olhos de Caliban. Exu é a resposta epistemológica própria dos habitantes da ilha diante de uma ordem que não os contempla. Exu é a possibilidade cosmológica de Caliban, não enquanto *contribuição* que agregaria aspectos ao panteão greco-romano evocado na festa. Mas enquanto recurso original e próprio apresentado enquanto semelhante em potência, e rebelde em ato. A divindade africana é trazida à peça por Aimé Césaire, poeta da Négritude, de forma que se compreenda que os negros descendentes de africanos também possuem princípios ordenadores cosmológicos perante aos aspectos culturais europeus. Exu foi trazido à festa não pela ação de Próspero, mas por vontade e ação de Caliban para restabelecer a *sua* ordem das *suas* coisas. Prospero não é o único a controlar divindades e espíritos e a manipular seus princípios dinâmicos. Exu chega para transformar e dar corpo a *desordem* que possibilitaria a revolução e a liberdade de Caliban. Esta ação é percebida por Próspero enquanto um ato de guerrilha, de conspiração. Prospero chega a mencionar para Ariel que, diante de tal ato de insubordinação de Caliban, toda ordem do mundo foi posta em questão. Exu é a ação crítica de Caliban proposta por Aimé Césaire no ato da cerimônia de casamento, mas também é a possibilidade de se ler esta crítica anticolonial sob uma nova perspectiva.

Assumindo suas características de *trickster*, Exu é evocado e opera uma reviravolta na ordem estabelecida através de suas peripécias astutas. Entretanto,

[45] Exu é fertilidade em seu Ogó, instrumento fálico que tem poderes de transportá-lo para diversos lugares, derrotar inimigos e marcar sua relação com a criação e a gênese através do falo. Exu é aquele que deve ser saudado primeiro nas cerimônias pela presciência na criação do mundo e na cosmogonia Yorubá.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

cabe ressaltar que não é Exu quem causa a desordem, que por sua vez já está posta, o que Exu realiza é a dinamização destes conflitos latentes. Exu põe em evidência conflitos que outrora não eram percebidos ou eram taticamente silenciados. Através do inesperado, do não usual, daquilo que se traduz com dificuldade ou com ruídos, Exu dá dinâmica e movimento às transformações e possibilita que novos caminhos se apresentem. Exu atua nos interstícios das relações, é o Orixá das frestas e fraturas. Exu é o orixá das encruzilhadas – *crossroads* – é a ambivalência da dúvida e da possibilidade.

É neste sentido que proponho, aqui, a referência a Exu: através de seus princípios (*des*)ordenadores e cosmológicos para que se apreenda e analise as relações entre os intelectuais negros radicais da diáspora na primeira metade do século XX em um mundo marcado pelo colonialismo e imperialismo. Diante da escolha de Aimé Césaire em recorrer a Exu para ressaltar conflitos e propor reflexões para o problema colonial, considero que se possa ampliar esta perspectiva que chamarei de *epistemologia das encruzilhadas*[46]. A epistemologia das encruzilhadas enquanto um paradigma do olhar e ler o mundo permitirá ressaltar os conflitos, as ambivalências, os cruzamentos e as estratégias polifônicas do internacionalismo negro da primeira metade de século XX.

Assim como Patrice Lumumba e Exu, personagens de Aimé Césaire, George Padmore atuou nas frestas, atuou criticamente ao colonialismo. Partindo *de fora*, mesmo estando inserido de alguma forma na ordem que pretendia superar e subverter. Propôs caminhos para a superação da ordem colonialista e subversão do sistema imperialista. Pensar a trajetória e o pensamento de Padmore a partir da epistemologia das encruzilhadas permitirá identificar as possibilidades e críticas em suas estratégias. Este olhar também permitirá compreender a importância das ambivalências, e de como estas críticas são decodificadas, em seu vocabulário político. Exu e sua cosmologia auxiliam a identificar as propostas políticas e epistêmicas do Pensamento Político Negro, pois Exu, além de representar as encruzilhadas, as possibilidades, é o princípio produtor da linguagem na cosmologia Yorubá. A epistemologia das encruzilhadas, portanto, servirá para que se evidenciem as particularidades do internacionalismo negro da primeira metade

[46] Proposta inspirada a partir da tese de doutorado de Luiz Rufino, pesquisador do Proped/UERJ. Ver Luiz Rufino. **Exu e a pedagogia das encruzilhadas**. 231 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. Rio de Janeiro, 2017.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

do século XX, mais especificamente a atuação de George Padmore, bem como sirva de recurso à compreensão de uma abordagem específica do conceito de Diáspora Negra relacionado ao conceito de *articulação* pensado por Stuart Hall[47] e a importância da *tradução* frente à *décalage*, pensada por Brent Hayes Edwards[48].

2.1
A Epistemologia das encruzilhadas e a Diáspora

Tratemos, portanto, de estabelecer o que Exu e seus atributos mitológicos nos fornecem enquanto categoria epistemológica. No universo mitológico e cosmológico de diversas regiões do continente africano Exu é responsável pelos caminhos, pelas encruzilhadas, pelos entroncamentos e movimentos do mundo. Além de guardar como função primordial a comunicação entre planos e mundos distintos. Não por outra razão, Exu é comumente representado em estátuas dotadas de duas faces ou duas cabeças, caracterizando seu aspecto ambivalente. Exu é o deus-diabo – Le *dieux-diable* – segundo Aimé Césaire. *Eshu*, *Èsù*, *Legbá* ou *Elegbara* são os diversos nomes pelos quais Exu, como é conhecido no Brasil, são referidos nas culturas da África Ocidental, mais especificamente entre os grupos lingüísticos Yorubá que cultuam os Orixás, provenientes da região do Oeste Africano; Fon-Ewe, na região onde hoje se encontram Gana, Togo e Benin, que por sua vez cultuam as divindades chamadas Voduns. Na região dos grupos linguísticos Bantu, na África Central, que cultuam divindades chamadas Inquices, as divindades referidas às transformações e mediação dos caminhos, rotas e atravessamentos são *Aluvaiá*, nome provavelmente proveniente do idioma kikongo e significa mensageiro, e *Mpambu Nzila* ou *Pambu Njila*, que no mesmo idioma Kikongo significa senhor dos caminhos, começos e encruzilhadas. Há também, dentro da tradição Bantu o Inquice *Mavambo*, guardião dos caminhos que ligavam grupos Ova-Mbo, da região hoje nomeada como Angola, aos grupos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

[47] Stuart Hall. "Race, Articulation, and Societies Structured in Dominance". In: **Sociological Theories: Race and Colonialism,** (UNESCO, 1980).
[48] Brent Hayes Edwards, 2003.

da região Kongo[49]. Vale ressaltar que estas diversas referências cosmológicas, que por sua vez eram cultuadas em um território diminuto do continente africano, também são encontradas ressignificadas por onde africanos escravizados foram levados no Caribe seja anglófono, espanofônico ou francófono, no sul dos Estados Unidos, na América do Sul e no Brasil.

Diante do "senhor de vários nomes", como Exu também é conhecido, o que se estabelece enquanto estrutura relevante é a cosmologia vinculada a Exu. Pois, a diversidade de nomes provenientes das diferentes regiões e idiomas do continente africano não torna sua totalidade fragmentária. Ainda que, do ponto de vista religioso os cultos a estas divindades sejam particulares e em alguns casos até bem distintos, a unidade possível encontra-se nas possibilidades e críticas que Exu apresenta para compreendermos e atuarmos no mundo. As funções que Exu desempenha nas cosmologias africanas e afro diaspóricas constituem sua unidade.

Considerando seus papéis nas mitologias, Exu evoca os princípios fundadores da vida social, pois é dele os sistemas classificatórios que dão significado à vida dos homens em sociedade, sendo ele o responsável por dinamizá-los e ou colocá-los em marcha. Exu faz isso evidenciando conflitos existentes, atuado nas frestas e dobras. As passagens mitológicas atribuídas a Exu revelam estratégias, percalços e contradições referentes à aquisição de cultura e sabedoria pelos homens, mas que também permitem evidenciar a relação entre os homens com o universo que os cerca. Tanto na tradição Fon-Ewe quanto na tradição Yoruba, *Legbá* ou *Esù*, são vistos como o agente da (*des*)ordem. O universo pensado a partir das mitologias africanas é concebido enquanto mutável e dinâmico. Sendo a ordem a exceção e sua instabilidade a regra. É Exu quem vence os desafios colocados por Mawu, sendo o único capaz de dançar e tocar, ao mesmo tempo, um gongo, um sino, um tambor e uma flauta. Por esta razão é o chefe das outras divindades[50]. Na tradição Yorubá atribui-se a Exu a concessão das diversas características dos demais Orixás[51].

Em passagem da mitologia Fon-Ewe, da região que hoje abriga o Benin, no oeste africano os atributos ordenadores e sua ação como intérprete podem ser

[49] Patricio Batsikama. **Origens do Reino Kongo Consoante a Bibliografia e a Tradição Oral**. Paraíba: Ed. UFPB, 2012, p. 265
[50] Melville Herkovits. **Dahomey**: ancient West African Kingdom. New York: J.J. Augustin, 1938, p. 257.
[51] Harold Courlander. **Tales of Yoruba gods and heroes**.New York: Crown, 1973, pp. 79-82.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

evidenciadas. Na cosmogonia Fon-Ewe o par Mawu/Lisa assume o papel de criador do mundo. Tendo parido cinco vezes, sendo dois partos de gêmeos Dada Zodji e Ananu, Agbe e Naéte; mas também Sogbo, Aguê e Gu. Do sexto parto nascera o ar atmosférico que permitiu que os seres humanos vivessem. Para Dada Zodji e Ananu, Mawu e Lisa entregaram o comando da terra. Para Sogbo o domínio do céu. Para Agbe e Naéte foi concedido o controle das águas e do mar. Aguê tornou-se o caçador que guardava as matas, e Gu, que possuía uma espada no lugar da cabeça, seria o responsável pela tecnologia das ferramentas e das armas. O sétimo parto concebeu Legbá, mas como todos os nascidos anteriores a ele já haviam recebido linguagens próprias e domínios respectivos, Legbá nada recebera. Entretanto, para que não se cometesse injustiça, a Legbá foi permitido que atuasse por todos os domínios e representasse Mawu sempre que necessário.[52] E o mais importante, a ele foi atribuído o papel de tradutor entre as divindades e os homens fazendo com que ele devesse sempre ser procurado em primeiro lugar para que a conexão fosse estabelecida e fosse, portanto, inteligível.

Entretanto, não devemos tomar a presença de Legbá apenas *no meio*, entre os mundos divino e humano. Sua função de tradutor não se encerrava na mediação entre as palavras divina e humana. Legbá se posicionava *em meio a*. Era o verbo, pois era o único que possuía acesso a Mawu e, tendo testemunhado a criação dos homens, conhecia seus destinos, podendo, por sua posição, mudá-los caso fosse de seu desejo. Exu em seus mitos apresenta a importância de que se esteja atento ao que soa incompreensível diante de um olhar que busca o consenso e a linearidade, Exu remete ao caráter complexo da relação entre as coisas e as pessoas. O olhar de Exu nos lembrará a todo momento que a trajetória e o pensamento de George Padmore, assim como dos intelectuais da Diáspora Negra, não devem ser pesquisados a partir da linearidade e da unidade.

Exu, portanto, nos recoloca a questão da tradução como mecanismo primordial de análise das relações entre os indivíduos da Diáspora Negra. Seu papel como intérprete nos remete a importância de aceitar a parcialidade das coisas, mas também de exaltar as múltiplas possibilidades das coisas e dos seres que entram em contato. Além de seus diversos nomes, há o componente particular de cada um dos nomes a ele vinculados, os ritos ou especificidades que não

[52] As comunidades tradicionais de terreiros são detentoras de saberes e mitologias organizados e transmitidos via oralidade. O mito de Mawu/Lisa e um destes mitos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

podem ser transferidas ou traduzidas. Aspectos, inclusive, que se recusam a ser transferidos quando cruzaram o mar. Na mitologia Yorubá, Exu é aquele que quando "sentado, sua cabeça bate no teto; de pé, não atinge nem mesmo a altura do fogareiro" Ou ainda, "aquele que matou um pássaro ontem, com uma pedra que somente hoje atirou". "Se ele se zanga, pisa nessa pedra e ela põe-se a sangrar"; "Aborrecido, ele senta-se na pele de uma formiga".

Exu é o responsável por decodificar, traduzir os códigos que somente ele e mais ninguém podem apreender ou recolocar no mundo. Assim, como o proposto por Brent Hayes Edwards, a *tradução* apresenta-se como uma forma eficaz de observar o internacionalismo negro, já que seria impossível abordar a questão da Diáspora Negra sem se levar em consideração que a maior parte da população negra espalhada pelo mundo não falava inglês ou o francês, por exemplo[53]. Não se pode imaginar que metrópoles marcadas pelos diversos encontros entre negros provenientes dos mais variados locais tivessem seu dinamismo vinculado apenas às possibilidades do domínio do idioma metropolitano, fosse o inglês em Londres ou nos EUA, ou o francês em Paris. Os aspectos que possibilitaram tal dinamismo e troca de idiomas políticos dos mais variados foram as viagens que os discursos internacionalistas operaram, a maneira com que foram traduzidos, apropriados, debatidos e reformulados em contextos transnacionais marcados pela diferença.

Cabe resgatar o conceito de teoria itinerante [*travelling theory*] desenvolvido por Edward Said que chama a atenção para a variabilidade do saber e do conhecimento de acordo com a diferente localização ou espaço-temporal do sujeito pensante, e das agendas estratégicas com as quais este se identifica[54]. "O objetivo da teoria é assim o de viajar, indo para além dos seus limites, emigrar, permanecer em certo sentido no exílio"[55]. Com isto, cabe mapear diante deste corpus transnacional polifônico *o que poderia e o que não deveria* ser dito no que se referisse às lutas internacionais contra o colonialismo e o imperialismo, já que seria tarefa impossível buscar a unidade dos discursos políticos abrigados no internacionalismo negro do período entreguerras.

[53] Brent Hayes Edwards, 2003, p. 7
[54] Edward Said. "Traveling Theory". In: **The World, The Text and the Critic**. Cambridge: Harvard University, 1993.
[55] Edward Said. "Travelling Theory Reconsidered". In: **Reflections on Exile and other Essays**. Cambridge: Harvard University Press, 2002, p. 451.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Lançar sobre a trajetória e a vasta produção escrita de George Padmore um olhar partindo de uma epistemologia das encruzilhadas é uma forma de exaltar suas ambivalências, inventividades e astúcias. *Exu é aquele que acertou pássaro ontem com a pedra que atirou hoje*. A cultura impressa que cruzava os mares globais ajudou a construir os alicerces da questão racial e a forma pela qual intervenções poderiam ser feitas para minimizar o sofrimento e atingir o avanço social e material dos *povos negros*. Não era incomum que jornais fossem editados contendo artigos em mais de um idioma. O jornal *Negro Worker*, editado por George Padmore no início da década de 1930, na cidade de Hamburgo, na Alemanha, circulava em francês e em inglês.[56] Este recurso, inclusive, era visto pelas autoridades imperiais francesas como uma ameaça à ordem colonial desde a década anterior. Em junho de 1928, por exemplo, relatórios internos trocados entre oficiais do Ministério das Colônias de Paris sugeriam que a publicação moderada *La Dépêche Africaine*, que atingia Senegal, Guiné e Costa do Marfim, deveria seguir na lista de "publicações suspeitas", já que "contendo páginas de artigos em inglês, a priori poderia ser tratado com mais rigor do que outras publicações apenas em língua francesa"[57]. Ou seja, publicações transnacionais que estabelecessem laços e possibilidades de conexão entre problemas coloniais de Impérios distintos seriam uma ameaça ao projeto colonizador.

Não obstante, no período entreguerras as conexões entre as metrópoles imperiais e países negros autônomos como Haiti, Libéria e Etiópia devem ser vistos não apenas enquanto um campo vasto para perguntas sobre como indivíduos negros comunicavam-se entre si diante de tantos idiomas falados, mas também nos auxilia na pulverização dos fluxos da mobilização negra transnacionalista.[58] Na ampliação da percepção da Diáspora Negra para além do Atlântico Negro enquanto local das articulações entre negros. Mais do que isto,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[56] A cidade de Hamburgo era estratégica para a organização comunista *International Trade Union Committee of Negro Workers*, responsável pela publicação do *Negro Worker*, durante a década de 1930. Pois, sendo uma cidade portuária com forte presença de comunistas e negros atuantes em navios mercantes, as possibilidades de disseminação dos jornais era elevada. A publicação do jornal em inglês e francês, apenas, deixando de fora o português de colônias como Angola, Moçambique, Guiné Bissau, por exemplo, aponta para um olhar anticolonial centrado na leitura do imperialismo através de lentes hegemônicas.

[57] Jules Carde. 26 de Junho, 1928. Pasta La Dépêche Africaine, Archives Nationales, Section D'Outre-Mer, Service de Lieson avec lês Originaires des Territoires de la France d'Outre-Mer (SLOTFOM), série V, caixa 2, V, 2.

[58] Rodney Ross. **Black Americans and Haiti, Liberia, the Virgin Islands, Ethiopia, 1929-1936**. Tese (Departamento de História), University of Chicago, 1975.

este período permite que se compreendam como o transnacionalismo negro colocava-se diante de outros internacionalismos provenientes dos centros Ocidentais. O que se espera é refletir sobre como o conceito de diáspora, a partir de um olhar sob as encruzilhadas pode auxiliar esta pesquisa.

Contudo, nas pesquisas mais recentes as análises sobre o tema das diásporas começam ou terminam com os tópicos de migração, dispersão ou mobilidade[59]. Neste sentido, acredito serem importantes os esforços para enquadrar a diáspora em seus efeitos materiais e políticos. Entretanto, devemos repensar o papel e o local do estado-nação nestes fluxos e dinâmicas da diáspora. Tomando o caso do Pan-Africanismo, por exemplo, um movimento político gestado na Diáspora Negra, o local da "terra-natal" de onde se partiu, séculos após a travessia forçada do Atlântico, deve também ser concebido enquanto uma paisagem ou uma nova maneira de ver.

O que espero trazer neste capítulo é uma reflexão sobre a Diáspora Negra que ilumine uma noção de diáspora enquanto conceito flexível o suficiente para enquadrar não apenas os processos históricos de migração e deslocamento, mas também as experiências políticas e dinâmicas epistemológicas geradas. Esta preocupação surge diante das experiências de intelectuais negros da primeira metade do século XX. George Padmore, Jean Price-Mars, Marcus Garvey, Franz Fanon, Claude McKay, Claudia Jones, Hubert Harrison, C.L.R. James, para apenas citar caribenhos, foram indivíduos que, já no período entreguerras, desafiaram a concepção de nação pensada a partir da modernidade europeia, além de compartilharem o incômodo de fazerem parte de um mundo no qual os aspectos raciais eram orientados desde a branquitude ocidental. W.E.B. Du Bois, George Padmore e C.L.R. James, por exemplo, irão através da Diáspora Negra, repensar o papel do continente africano e dos negros nas lutas internacionais revolucionárias. Este movimento irá reposicionar o continente africano no cenário intelectual e epistemológico, além de operar criticamente em direção ao conceito de raça concebido a partir do ocidente branco.

Pensar a diáspora enquanto produtora de novas identidades e consciências raciais vincula-se, no campo dos estudos africanos, aos séculos de mobilização em torno de aspectos raciais desde o início do tráfico atlântico, do colonialismo e das

[59] Ver, Jana Evans Braziel. **Diaspora:** An Introduction. New Jersey: Hoboken. Wiley-Blackwell, 2008; Stephane Dufoix.**Diasporas**. Berkeley: University of California Press, 2008.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

experiências estruturais de violência operadas por estados. Neste sentido, a Diáspora Negra é aqui pensada em termos políticos concretos, enquanto categoria que permita ao analista perceber a historicidade dos contextos através de seu uso. O longo e violento processo de dispersão de pessoas negras relacionado às dinâmicas da exploração do trabalho no sistema capitalista, e o surgimento e consolidação de um pensamento racialista colocaram as questões relacionadas ao racismo, raça e classe no centro do debate dos estados e seu comportamento diante destas dinâmicas. Este processo criou, mas também foi gerado a partir dele, um cenário transnacional de trocas e diálogos entre pessoas negras através do mundo. Tradições intelectuais e formas de mobilização política transitaram através de fronteiras nacionais, através de Impérios coloniais e para além das barreiras do idioma mesmo antes do termo diáspora ter sido cunhado enquanto um conceito chave para que se compreenda os indivíduos do Atlântico Africano da primeira metade do século XX.

O que se espera é apresentar a Diáspora Negra enquanto um processo histórico que se relaciona apenas parcialmente com o continente africano enquanto um local de origem ou de destino concretos e observar as novas consciências identitárias que alguns intelectuais negros formularam numa perspectiva global e transnacional. Este é mais um dos aspectos que tornam a escolha do conceito de diáspora para analisar o período entreguerras uma abordagem inovadora, pois ao confrontarmos a história deste conceito nas pesquisas relacionadas aos estudos africanos, percebe-se que seu uso se inicia após a década de 1960 e as seguidas independências de países africanos, mais especificamente em torno das obras dos historiadores George Shepperson e Joseph Harris.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

2.2
Diáspora: trajetória de um conceito

A década de 1950 marca, na academia, o início de um movimento intelectual de olhar para o continente africano em busca de um repertório historiográfico e político para as lutas que haviam se intensificado no pós-Guerra II. O que o intelectual negro St. Clair Drake chamou de “interesse na África”

daria, segundo ele, corpo à formação de uma identidade afro-americana.[60] Esta busca pelo continente africano na década de 1950 deve ser compreendida enquanto um desdobramento de ideologias que habitaram o primeiro terço do século XX como o Garveismo, Négritude, Etiopianismo, Pan-Africanismo. O pós-Guerra II também será marcado pelo crescente protagonismo de indivíduos africanos que além de terem lutado na Segunda Guerra passam a orientar suas reivindicações políticas e anticoloniais a partir de marcos "modernos" e inteligíveis à cultura ocidental, reforçando assim a percepção de uma comunidade política de negros tanto das Américas, Caribe, Europa, quanto do continente africano. Também deve se mencionar as decorrências de pesquisas e trabalhos nos campos da sociologia ou história de escritores como W.E.B. Du Bois, Lorenzo Turner, Carter G. Woodson que escreveram sobre os negros e suas relações com o mundo nas primeiras décadas do século XX, como forma de combater as teorias racistas e o imperialismo.[61] Também é importante mencionar o trabalho de autores preocupados com o papel dos negros num mundo capitalista percebido em um momento de crise, sobretudo depois de 1929.

Os trabalhos de C.L.R. James sobre a revolução de Santo Domingo, *Os Jacobinos negros*, publicado em 1938, e o de Eric Williams, *Capitalismo e Escravidão*, publicado apenas em 1944, mas apresentado inicialmente como tese de doutorado na Universidade de Oxford em 1938, que pesquisou as relações do sistema capitalista com o tráfico de escravos e o sistema escravocrata, também devem constar neste processo.[62] No campo da antropologia, com ênfase nos trabalhos de Jean-Price Mars e Melville Herskovits, pesquisas que buscavam as permanências da cultura africana no Novo Mundo.[63] Outro marco nas pesquisas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[60] St. Clair Drake, "Negro Americans and the Africa Interest," in John P. Davis (org.) **The American Negro Reference Book**, New Jersey: Prentice Hall, 1966, 662–705.

[61] Neste sentido cabem referências às obras de Lorenzo Dow Turner. **Africanism in the Gullah Dialetic**. Michigan, University of Michigan Press, 1974; aos escritos de Carter Woodson no *Journal of Negro History*, fundado em 1916 e posteriormente no *Negro History Bulletin*, Woodson é considerado por alguns historiadores norte Americano como o "father of negro history", Ver Jaqueline Goggin; Woodson; Carter Godwin. **American National Biography**. Fevereiro, 2000, disponível em: <https://doi.org/10.1093/anb/9780198606697.article.1400718>. Acesso 10 maio 2016. Ver também, Sterling Stuckey, "Black Americans and African Consciousness: Du Bois, Woodson, and the Spell of Africa". In: **Going through the Storm:** The Influence of African American Art in History. Nova Iorque: Oxford University Press, 1994, 120–37.

[62] C.L.R. James. **Os Jacobinos Negros:** Toussaint L'Ouverture e a Revolução de Santo Domingos. São Paulo, Boitempo Editora, 2OOO; Eric Williams.**Capitalism and slavery**.The University of North Carolina Press, 1994.

[63] Jean Price-Mars em 1919 analisa relações entre nação, território, a raça, a cultura durante a crise causada pela intervenção militar estadunidense no Haiti, Ver Jean Price-Mars. **La vocation de**

historiográficas sobre o continente africano foi o Quinto Congresso Pan-Africano de 1945, em Manchester. Após as apresentações de delegados de diversos locais do continente africano marcando o pensamento anticolonialista e denunciando os conflitos coloniais, pesquisadores incluindo os afroamericanosSt. Clair Drake, Rayford Logan, Adelaide Cromwell Hill, e o britânico George Shepperson, entre outros e outras, iniciaram pesquisas em uma série de arquivos[64].

A adoção do conceito de diáspora na década de 1960 não deve ser tomada, entretanto, como uma brusca ruptura com o "interesse na África". Penny Von Eschen em seu livro, *Satchmo Blows up the World: Jazz Ambassadors Play the Cold War*, que trata sobre o papel da música negra diante da Guerra Fria e das disputas entre os EUA e a URSS em torno de áreas de influência, indica que as aproximações ou "retornos" ao continente africano nem sempre correspondiam às exigências da descolonização ou lutas por independência numa perspectiva transnacional[65]. Por conta disto, produções de autores radicais como George Padmore, C.L.R. James, W.E.B. Du Bois, Oliver Cromwell Cox, por exemplo, sofreram um silenciamento estratégico. Entretanto, se os trabalhos de autores negros desde meados do século XIX tratavam das culturas negras dispersas através do mundo, e, também eram conhecidas as narrativas bíblicas sobre a dispersão de indivíduos negros no Velho Testamento nas passagens do Êxodo, por que se pode falar deste momento enquanto uma "virada" conceitual para a diáspora? Acontece que pela primeira vez no discurso acadêmico adotava-se um

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

l'élite. Port-au-Prince, Edmond Chenet, 1919; Ver também Melville Herskovits. **Rebel Destiny:** among the Bush Negroes of Dutch Guiana. Nova York: Whittlesey House, 1934.

[64] Harold R. Isaacs, "The American Negro and Africa: Some Notes" Phylon20 (outono 1959): 219 – 33; George Shepperson, "Notes on Negro American Influences on the Emergence of African Nationalism". **Journal of African History**1, no. 2 (1960): 299–312; E. U. Essien-Udom, "The Relationship of Afro-Americans to African Nationalism". **Freedom ways**2 (outono 1962): 391–407; Richard B. Moore, "Africa Conscious Harlem". **Freedom ways3** (verão 1963): 315–34; Adelaide Cromwell e Martin Kilson, **A propos of Africa:** Sentiments of Negro American Leaders on Africa from the 1800s to the 1950s. Londres, Frank Cass, 1969); Essien-Udom, "Black Identity in the International Context". In: Nathan Huggins, Martin Kilson, and Daniel Fox (org.) **Key Issues in the Afro-American Experience**, vol. 2: Since 1865. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1971, 233 – 58; George Shepperson, "The Afro- American Contribution to African Studies". **Journal of American Studies 8**, Dezembro, 1974, 281–301. Ver também Sterling Stuckey, "Black Americans and African Consciousness: Du Bois, Woodson, and the Spell of Africa". In: **Going through the Storm**: The Influence of African American Art in History. Nova York, Oxford University Press, 1994, 120–37.

[65] Ver, Penny M. Von Eschen. **Satchmo Blows up the World:** Jazz Ambassadors Play the Cold War. Cambridge: Harvard University Press, 2006.

enfoque teórico que desse conta de aproximar a experiência judaica da diáspora com a experiência negra.[66]

George Shepperson é considerado o autor que iniciou esta abordagem, em seu texto escrito junto com Thomas Price, de 1958, sobre as resistências ao colonialismo, *Independent African*[67]. No texto os autores estavam comprometidos em analisar a trajetória do reverendo John Chilembwe, que havia passado por uma formação religiosa nos EUA e retornado em 1901 à Niasalanâdia, região hoje denominada Malawi, e organizado movimentos anticoloniais compreendidos como fundamentais ao curso para a independência do local. O que chama atenção no texto é que, diante da profusão de idiomas políticos negros presentes nos EUA da virada do século XX, as críticas ao imperialismo norte americano no Caribe e nas Filipinas, as referências à presença africana na cultura negra norte americana, bem como as ideologias de retorno à África, os autores tiveram que lançar um olhar transnacional diante de tantos registros impressos na estadia de Chilembwe nos EUA. Este enfoque divergia do que St. Clair Drake havia identificado como o "interesse na África", por afastar-se do viés político de um registro marcado pela busca da unidade Pan-Africana como elemento agregador deste interesse.

Ao reavaliar a pertinência do conceito de Pan-Africanismo na década de 1960, George Shepperson, denunciava que, diante de tantas referências e usos do conceito este estava perdendo sua validade metodológica. Pan-Africanismo vinha sendo indiscriminadamente referido a toda e qualquer iniciativa negra institucional internacional. Em artigo escrito na revista *Phylon*, em 1962[68], chega a propor que melhor seria utilizar a categoria "*all-African*" em lugar de *Pan-African*. O autor chega a mencionar um caso de uma publicação, *Tropical Africa*, que sugere que o Garveísmo fundia Pan-Africanismo com Etiopianismo. Portanto, propõe uma cisão entre o que considerava serem ações que remetiam a ações desconectadas institucionalmente e pontuais e que não se organizavam a partir de uma intelectualidade; e o que considerava em seus aspectos transnacionais mais institucionais, como organizações com um programa de ação formal, congressos e

[66] George Shepperson aborda a relação entre a diáspora judaica e a diáspora africana na Introdução do livro de Martin L. Kilson; Robert I. Rotberg (org.). **The African Diaspora:** Interpretative Essays. Cambridge: Massachussets, London, Harvard University Press, 1976, pp. 1-17.

[67]George Shepperson; **Price Thomas. Independent African: John Chilembwe and the origins, setting and significance of the Nyasaland native rising of 1915**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1969, c1958.

[68] George Shepperson. "**Pan-Africanism and Pan-Africanism**": Some History notes. Phylon (inverno 1962), 346-58.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

reuniões de intelectuais comprometidos com as lutas em prol da melhoria de condições materiais dos negros da África e dispersos pelo mundo através de ações demarcadas.

Desta maneira nomeia de *Pan-Africanismo*, com letra maiúscula, o movimento "propriamente dito", verificável em seus marcos institucionais e, segundo Shepperson, amparados pela genealogia intelectual de W.E.B. Du Bois e George Padmore, que seguia um curso dos Congressos Pan-Africanos – 1919, em Paris; 1921, Londres; 1923, Londres e Lisboa[69]; 1927, Nova Iorque; 1945, em Manchester chegando à *All-Africa People's Conference*, em Accra, em dezembro de 1958, fazendo então com que Kwame Nkrumah ganhasse centralidade na genealogia do *Pan-Africanismo*. E de *pan-africanismo*, com letra minúscula, a "ideia" transnacional de lutas que envolvessem a busca por melhoria material dos negros africanos e seus descendentes, bem como a regeneração do continente africano, mas que não fossem claramente reconhecíveis sob a influência intelectual de W.E.B. Du Bois.

Outra cisão que decorre do texto de Shepperson e de suas conclusões é a menção de que o *pan-africanismo*, ou seja, a "ideia" pan-africana privilegiava os aspectos culturais e cita como exemplo a "complicada história da *négritude*"[70]. Esta leitura proposta por Shepperson influenciou, por exemplo, P. Olisanwuche Esedebe em seu livro, *Pan-Africanism: the Idea and the Movement*, obra que reproduz a distinção entre Pan-Africanism e pan-africanismo, bem como apresenta o Pan-Africanismo anglófono e sua ênfase na política e a Négritude francófona e sua suposta ênfase na cultura. Entretanto, Shepperson considerava que as iniciativas em torno da "ideia" pan-africana, embora efêmeras, não se limitavam ao campo "cultural" tendo suas manifestações institucionais orientadas em organizações religiosas ou igrejas, conferências acadêmicas e grupos de pressão em geral que, em sua avaliação, porém, possuíam alcance institucional limitado. Basicamente, segundo Shepperson, o limite entre pan-africanismo e Pan-

[69] A ocorrência de um Congresso Pan-Africano em Lisboa é controversa e discutível, já que os representantes das colônias portuguesas encontraram dificuldades em ir ao Congresso por falta de recursos e meios de chegar até Portugal. A documentação aponta que membros da organização do encontro reuniu-se com alguns estudantes africanos oriundos, sobretudo, de famílias ricas de São Tomé, que viviam ou estudavam em Lisboa e mobilizavam-se em torno da Liga Africana. Estes indivíduos, entretanto, não haviam sido escolhidos como delegados do Congresso.
[70]George Shepperson, 1962, Idem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Africanismo seria a ausência de relações orgânicas entre a "ideia" e movimentos institucionalizados.

A crítica de Shepperson diante do conceito de Pan-Africanismo, que o leva a cindi-lo entre o maiúsculo e o minúsculo, residia na sua percepção de que o componente africano, e, portanto, o conceito de África, apresentava-se apenas em seu caráter histórico, enquanto repositório cultural ancestral ou originário, via de regra a partir de evocações externas – e se não de estrangeiros ao continente, certamente de *outsiders* – reivindicatórias de certa "unidade continental". O que Shepperson pretendia era politizar o conceito de África e o adjetivo *africano* tornando-os objetos vistos em seus aspectos diversos, polifônicos, mas, sobretudo, que ajudassem a qualificar as transformações, rupturas e continuidades nas ideologias negras da primeira metade do século XX. Ou seja, reivindicava metodologicamente que o caráter *africano* deixasse de ser visto enquanto uma origem mítica ou territorial fornecedora de uma identidade estável diante das vanguardas negras da diáspora e possibilitasse perceber, sobretudo, suas diferenças e particularidades transnacionais. Mais importante do que isso, Shepperson pretendia que pesquisas interessadas em demarcar quando e como que indivíduos oriundos do continente africano começaram a operar com este conceito de África formulado por intelectuais e pesquisadoresde fora do continente e a modificá-lo.

Interessante sobre este aspecto é a mudança que George Padmore terá em suas avaliações sobre Marcus Garvey, ou mesmo W.E.B. Du Bois, e suas organizações em relação ao Pan-Africanismo enquanto ideologia.[71] Se durante a década de 1930, em sua atuação junto ao Comintern e, portanto, mais próxima da direção central do Partido Comunista Soviético, Padmore era um contumaz crítico da atuação de Garvey acusando-o de reformista, pequeno burguês movido por impulsos pan-negristas e limitados a um programa racialista de retorno à África, posteriormente a 1945 reavaliará as contribuições de Garvey para as mobilizações de negros na diáspora e o colocará em sua genealogia Pan-Africana. A NAACP, por sua vez, era vista por ele enquanto uma organização reformista e liderada por W.E.B. Du Bois, um intelectual distante das massas e dos anseios dos trabalhadores negros. Kwame Nkrumah, amigo pessoal de Padmore e seu pupilo

[71] Vincent B. Thompson. "Reconciling Two Phases of Contradictions", in: Rupert Lewis (org.) **George Padmore:** Pan-African Revolutionary. Kingston: Ian Randle, 2009.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

político, cita em sua autobiografia que *Filosofia e Opiniões*, de Marcus Garvey, foi a obra mais influente na formação de uma consciência racial africana no curso das lutas por independência e, em sua trajetória pessoal. No Congresso de Manchester, George Padmore irá apresentar Du Bois, enquanto o "pai do Pan-Africanismo"[72].

Shepperson, também propõe que as diferenças e ruídos entre o pan-africanismo e o Pan-Africanismo também residiam nos aspectos linguísticos e não apenas ideológicos. Shepperson termina seu artigo propondo que se estudem os *Africanismos* num contexto internacional mais amplo do que o oeste africano, mas também preocupado com sua longa duração. No artigo apresentado no Congresso Internacional de Historiadores da África na University College, em Dar es Salaam, em 1965, intitulado *The African Abroad or the African Diaspora*, George Shepperson pela primeira vez utiliza explicitamente o conceito de diáspora. Após utilizar a referência do caso judeu, Shepperson elenca uma série de objetos de estudo vinculados à História da África que poderiam ser englobados pela categoria "*African abroad*"[73].

O que Shepperson desejava era questionar os limites impostos pelo conceito de Pan-Africanismo, limitado a estudar os movimentos e ideias vinculadas a construção da unidade africana, mas também fragilizado por seu escopo amplo e pouco metodológico. A proposta que surge, então, é utilizar o conceito de *diáspora* para que se analise não apenas tais impulsos e ações rumo à construção da unidade continental africana, mas uma tradição de pensamento negro que colocava o tráfico atlântico e o sistema escravista nas reflexões da formação da modernidade ocidental; bem como o colonialismo e o imperialismo enquanto vetores de transformações internas ao continente africano, mas que ainda exerciam processos de transformações e dispersões externas ao continente, que por sua vez também deveriam ser levadas em consideração na formação dos nacionalismos africanos, como no caso de John Chilembwe, líder nacionalista da Niasalândia, influenciado pelo contexto afro-americano.

O conceito de diáspora ganha, sob as propostas de Shepperson um caráter mais extenso, podendo ser ampliado tanto no aspecto temporal quanto espacial.

---

[72] George Padmore. **Colonial and Coulored Unity: the report of the 5th Pan-African Congress** – A Programme of Action. Londres, Hammersmith Bookshop, 1947, p. 4.

[73] George Shepperson. "The African Abroad or the African Diaspora". In: Terence O. Ranger (org.) **Emerging Themes of African History**.Nairobi, 1968, pp. 171-172.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Entretanto, estava convencido de que nem todos os processos de migração e deslocamento envolvendo africanos deveriam ser estudados sob o conceito de diáspora, que por sua vez deveria representar os deslocamentos em reação à coerção, ao tráfico de pessoas escravizadas, ao poder econômico e político do imperialismo perpetrado por estrangeiros no continente africano. Shepperson incluiu em suas pesquisas sobre a diáspora as dispersões de africanos dentro do continente africano como consequência do tráfico e do imperialismo, e propõe como consequências a criação de Serra Leoa de um lado, e a dispersão de africanos da região hoje conhecida como Malawi. Shepperson esteve na região de Nyasalândia, hoje Malawi, quando da Segunda Guerra Mundial, a serviço do *King's African Riffles*, isto explica porque seus exemplos partem em grande parte desta localidade. Falando sobre o pioneirismo de Dusé Mohamed Ali, líder nacionalista africano nascido no Egito, mas que viveu nos EUA e Nigéria e seguiu seus estudos na Inglaterra vivendo lá por boa parte de sua vida, Shepperson menciona que "quanto mais sabemos de trajetórias complexas como a de Dusé Mohamed Ali mais devemos estar atentos ao emaranhado da diáspora africana e suas influências" [74].

O conceito de diáspora africana é pensado por Shepperson dentro dos mesmos padrões analíticos de outros processos de diáspora como o judeu, o armênio e o grego. Compartilhava as experiências de comunidades dispersas e desenraizadas, um histórico de partida forçada ou traumática, além da relação concreta ou imaginada com a terra natal, mediada através da dinâmica da memória coletiva e de políticas de retorno. O conceito de diáspora africana sob as propostas de George Shepperson, portanto, surgia enquanto uma forma de produção de conhecimento desvinculada do olhar nacional ou continental, inaugurando a preocupação transnacional que privilegiasse as conexões e produções culturais e políticas nestes termos.

As intervenções de Shepperson nos debates sobre o conceito de diáspora enquanto um foco de análise se deu em contraposição ao que o autor compreendia enquanto perspectivas isolacionistas na historiografia sobre a África, dando ênfase, portanto, nos africanos em diáspora e dispersos. Quando lemos os artigos de Shepperson mencionados compreendemos sua proposta em privilegiar de que

[74] George Shepperson, 1968, pp. 171-172.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

formas as tradições negras e o anticolonialismo foi influenciado por cruzamentos – encruzilhadas – que extrapolavam as fronteiras nacionais e continentais. Do ponto de vista teórico, o conceito de diáspora africana nos escritos de Shepperson privilegia os encontros marcados, inclusive do ponto de vista das linguagens ou das ideologias, às relações de diferença.

O conceito de diáspora africana emerge enquanto uma categoria que, dentro dos estudos africanos, não se relacionava com os matizes políticos mais interessados como o Pan-Africanismo, por exemplo. Por sua importância política na primeira metade do século XX e suas reivindicações ainda em curso, fossem a unidade do continente africano, a superação do colonialismo ou do racismo, faziam do Pan-Africanismo uma categoria que estivera mais comprometida com a mobilização de um campo político e de genealogias marcadas pela unidade, ainda que do ponto de vista da imaginação política. Ou seja, era um conceito que nomeava, mas também qualificava e avaliava.[75] Shepperson assumia o risco de que, caso o conceito de diáspora africana se flexibilizasse e aportasse termos correlatos, isto seria feito nas direções mais variadas que se chocariam com as prerrogativas nacionalistas ou do essencialismo racial.

R.W. Beachey, em uma aula inaugural dada na Universidade de Makerere, em Kampala, Uganda, em 1967, também utilizou o conceito de diáspora e seguiu os passos metodológicos de Shepperson. O que provavelmente indica sua presença no Congresso de Dar es Salaam, em 1965, visto que as contribuições de Shepperson ainda não estavam publicadas antes de 1968. O título da aula inaugural de Beachey foi *The African Diaspora and East Africa: an inaugural lecture delivered at Makerere University College*. Beachey aborda em sua aula inaugural o caso dos africanos do leste africano dispersos sob as definições de Shepperson sobre o deslocamento forçado por conta do tráfico de pessoas escravizadas. Em tom de problematização, mas sem apresentar respostas concretas, Beachey questiona o que aconteceu com os "milhões de pessoas escravizadas que foram levados da África central ou do Leste africano para as Ilhas Mauricio, Reunião, as Seychelles, a costa Makran e os incontáveis milhares que foram absorvidos nas grandes áreas do Oriente Médio"; Beachey termina sua

[75] Reinhart Koselleck. A semântica histórico-política dos conceitos antitéticos assimétricos. In: **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006, p.191-231.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

comunicação com outra questão, "qual é o resultado desta grande diáspora do leste africano?", e constatando a ausência de uma figura marcante que desse coesão intelectual como Blyden, Garvey, Du Bois, o,

> Pan-Africanismo e o nacionalismo no leste africano tiveram pouca influência naqueles milhares de indivíduos que foram arrancados de sua terra natal e transportados através dos mares nos séculos passados[76].

Contudo, apesar das pesquisas de Joseph Harris sobre a presença africana na Ásia e da menção à diáspora africana na apresentação de Beachey, o conceito de "diáspora africana" não foi absorvido pelos estudos acadêmicos antes de uma década posterior ao uso de Shepperson, em 1965. Trabalhos de Jacob Drachler, Martin Kilson, Graham Irwin e Robert Rotberg contribuíram para consolidar o conceito no campo dos estudos africanos[77]. O que estes trabalhos fizeram foi ampliar a noção sobre a dispersão dos africanos no mundo que Shepperson indica em seu trabalho de meados da década de 1960. Joseph Harris, ao escrever a introdução de sua obra seminal sobre os estudos da diáspora, *Global Dimensions of the African Diaspora*, propõe uma definição que será marcante nos estudos sobre a diáspora africana:

> O conceito de diáspora africana engloba o seguinte: dispersão global (voluntária e involuntária) de africanos através da história; a emergência de uma identidade cultural no exterior baseada na origem e na condição social; e no retorno psicológico ou físico para a terra natal, África. Vista desta forma, a diáspora africana assume a característica de um dinâmico, contínuo e complexo fenômeno que se estende através do tempo, geografia, classe e gênero[78].

A definição de Harris constitui a primeira tentativa clara de definição da diáspora africana na sequência do trabalho de Shepperson em meados da década

---

[76] R.W. Beachey. **The African Diaspora and East Africa:** An inaugural lecture delivered at Makerere University College. University of East Africa. Kampala, Uganda on 31 July, 1967. Nairobi: Oxford University Press, 1969, pp. 14-15.

[77] Jacob Drachler (org.). **Black Homeland, Black Diaspora:** cross currents of the African relationship. Port Washington, New York: Kennikat Press, 1975; Martin L. Kilson; Robert Rotberg (org.) **The African Diaspora: Interpretative Essays**. Cambridge, Massachusstes: Harvard University Press, 1976; Graham Irwin (org) **Africans Abroad:** A Documentary History of the Black Diaspora in Asia, Latin America, and the Caribbean during the Age of Slavery. New York: Columbia University Press, 1977.

[78] Joseph Harris. **Introduction Global Dimensions of the Africa diaspora**. Washington, D.C.: Howard University Press, 1982, pp. 3-4.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

de 1960. Esta definição proposta por Harris manteve seus aspectos em trabalhos mais recentes, como o de Alusine Jalloh, que menciona que,

> A diáspora africana nasceu dos movimentos voluntários e involuntários de africanos para varias áreas do mundo desde a antiguidade, entretanto a migração involuntária transaariana, transatlântica, e através do oceano Índico relacionada ao tráfico de pessoas escravizadas produziu a maior parte da presença negra fora do continente africano hoje. O conceito de diáspora africana também veio a incorporar o retorno físico e psicológico dos descendentes de africanos para sua terra natal. Hoje, a relação histórica entre africanos e seus descendentes no exterior representam um tema de grande importância não apenas para a História, mas para outras disciplinas[79].

Outro historiador que pesquisou a diáspora africana e teorizou sobre a dispersão de africanos no mundo foi Thomas Holt. Evidenciando o caráter comparativo do conceito de diáspora, Holt sugere aos estudantes da Diáspora Negra que,

> as diferenças entre as experiências dos povos negros situados em locais distintos importam tanto quanto, ou talvez mais do que, as unidades e continuidades definidoras destes povos. Em outras palavras, evocar o enfoque da diáspora pressupõe que através da análise comparativa há algo a ser aprendido a partir das experiências desenvolvidas por *diferentes* povos negros em *diferentes* locais e tempos. Isto é, obviamente, a tensão entre estes dois enfoques – a mesmidade da experiência sugerida pelos requisitos políticos da diáspora e da ideia de povo, e a diferença da experiência que qualquer análise e compreensão destas experiências requerem[80].

Ainda seguindo com o enfoque comparativo, outro historiador que refletiu sobre o conceito de diáspora foi Colin Palmer, que alerta que,

> Novos campos requerem novas metodologias, e é inaceitável que pesquisadores percebam a diáspora africana moderna como uma réplica de outras diásporas ou como, grosso modo, a história afro-americana, afro-britânica, ou a caribenha. O campo deve operar orientações disciplinares e interdisciplinares e deve, necessariamente, ser comparativo em suas dimensões metodológicas[81].

---

[79] Alusine Jalloh. "Introduction", in: Alusine Jalloh; Stephen; E. Maizlish (org). **The African Diaspora**. Texas: Texas University Press, 1996, p. 3.
[80] Thomas C. Holt. **The Problem of Freedom: Race, Labour and Politics in Jamaica and Britain 1832-1938**. Baltimore e Londres, Johns Hopkins University Press, 1992, p. 8.
[81] Colin Palmer. **Defining and Studying the Modern African Diaspora**. Perspectives: American Historical Association Newsletter, 36, 6 (Setembro 1998), pp. 1; 22-25.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Além do caráter comparativo, o conceito de diáspora foi pensado ao longo de sua história sob o aspecto transnacional, ainda seguindo as reflexões iniciais de George Shepperson em meados da década de 1960. Lisa Brock alerta para que se observe a diáspora africana para além dos limites do estado-nação: compreendendo-a enquanto um círculo internacional orientado, segundo a autora, pelo Pan-Africanismo, a manifestação política e cultural mais notável entre os africanismos; dando ênfase na historicidade e nos mapas formados pelas consciências sobrepostas e coexistentes com outros círculos e visões de mundo tais como, Pan-americanismo, a esquerda internacional, feminismo internacional, anticolonialismo, os movimentos pelos direitos de povos nativos e justiça ambiental, por exemplo.

Desta forma, Lisa Brock compreende a diáspora africana enquanto um campo que deve ser pensado em comparação, não apenas a outros processos culturais e políticos, mas em relação a outras tradições políticas que se sobrepõem – *overlapping*[82]. A ideia de que a diáspora fosse marcada por um "*overlap*" de diásporas já havia sido, entretanto, desenvolvida por Earl Lewis em artigo que questionava o lugar de afro-americanos na historiografia norte americana. A fim de romper com a marginalidade conferida a algumas trajetórias de afro-americanos, Lewis sugere que se observem os processos de diásporas que se sobrepõem, coexistem – *overlapping diasporas* – de maneira que os descendentes de africanos, os afroamericanos, sejam vistos enquanto centrais – *pivotal* nas palavras de Lewis – na formação da história e da cultura americana[83]. Assim como na intervenção de Lisa Brock sobre este "overlap" de diásporas, o encaminhamento de Lewis também exerce influência no trabalho de Dwayne Williams, quando escreve sobre as experiências de cabo verdianos e suas formações identitárias, bem como o artigo de Tiffany Patterson e Robin G. Kelley no número sobre diáspora da revista *African Studies Review*[84].

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[82] Lisa Brock. **Questioning the Diaspora: Hegemony, Black Intellectuals and Doing International History from Below**. African Studies Review, vol. 24, n. 2 (1996), p. 10.

[83] Earl Lewis. **To Turn as on a Pivot:** Writing African Americans into a History of Overlapping Diasporas. American Historical Review, 100, 3 (1995), pp. 765-787.

[84] Dwayne E. Williams. "Rethinking the African Diaspora: A Comparative Look at Race and Identity in a Transatlantic Community, 1878-1921". In: Hine and McLeod (org.), **Crossing Boundaries**. Bloomington, Indiana: Indiana University Press, 1999, pp. 105-120; Sobre *overlapping diasporas* ver também Judith Byfield. **Introduction: Rethinking the African Diaspora**. African Studies Review, 43, 1 (2000), pp. 5-6.

A partir de Lisa Brock, Earl Lewis, Patterson e Kelley conseguimos perceber como a influência de se observar a diáspora em seus aspectos mais amplos, conectados e transnacionais permaneceu. Outro aspecto que surge com este grupo de pesquisadores é a influência dos estudos culturais e as teorizações sobre as diásporas, em geral. É notável a influência de Stuart Hall neste campo a partir de um de seus artigos, *Cultural Identity and Diaspora*[85], no qual enfatiza as descontinuidades, continuidades, similaridades e diferenças. Hall avança sobre as reflexões da diáspora e seus processos enquanto geradores de identidades híbridas e polifônicas, não essenciais e, dispostas em um cenário global. James Clifford também exerceu grande influência em seus diálogos com as formulações de Paul Gilroy sobre o *Atlântico Negro*, livro que foi parcialmente inspirado no trabalho de Clifford sobre as culturas viajantes – *traveling cultures*[86].

O que Clifford sugere é que não é possível definir a diáspora precisamente, seja através do recurso às categorias essenciais ou por oposições excludentes. Entretanto, é possível compreender alguma coerência, um conjunto de respostas para lidarem com a experiência do deslocamento – *dwelling-in-displacement*. Clifford avança sobre a diáspora sugerindo que as culturas da diáspora são os mediadores da tensão experienciada, das experiências de separação e imbricamento, do viver *aqui* e lembrar/desejar outro lugar[87]. Clifford aponta que,

> A consciência diaspórica é [...] constituída tanto negativamente e positivamente. É constituída negativamente pelas experiências de discriminação e exclusão [...]A consciência diaspórica é produzida positivamente através de identificações com forças políticas e culturais históricas, como por exemplo, África ou China. O processo não deve ser sobre ser africano ou chinês, bem como ser americano ou britânico ou aonde quer que tenha estabelecido, diferentemente [...] a consciência diaspórica "transforma a experiência ruim em boa". Experiências de perda, marginalidade e exílio (atentando-se às questões de classe) são geralmente reforçadas pela exploração sistemática e as limitações de fluxo[88].

[85] Stuart Hall. "Cultural identity and diáspora". In: Jonathan Rutherford (ed.) **Identity: community, culture, difference**. London: Lawrence & Wishart,1990. pp. 222-37.
[86] Ver, James Clifford. **Routes:** Travel and Translation in the Late Twentieth Century. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1997, pp. 17-46.
[87] James Clifford, 1997, p. 255.
[88] Ibidem, pp. 256-257.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Clifford sugere que a consciência diaspórica opera na manutenção da comunidade, preservando seletivamente e reformulando tradições, adaptando e ressignificando, dando novas versões, ainda que híbridas ou antagônicas. As culturas da diáspora, segundo Clifford, são produzidas a partir de regimes de dominação política e desigualdade econômica. Contudo, estes processos de deslocamento violento não impedem que as pessoas encontrem soluções e estratégias de distinção política e comunidades de resistência cultural. Em diálogo mais próximo com Gilroy, Clifford sugere que não há razões para privilegiar o Atlântico Negro, a menos que se silencie outras experiências diaspóricas, e, se diáspora é algo cuja história possa ser escrita, esta não deve ter o nome de um local de múltiplos *deslocamentos* e reconstituições de identidade. A escrita sobre a diáspora, neste sentido, deve ser sobre a produção histórica de formações sociais[89].

Em diálogo, agora com Wiliam Safran, Clifford alerta que ao se considerar a diáspora um processo atrelado necessariamente à dispersão isto nos leva a pressupor um centro. Clifford propõe uma excelente questão,

> A centralidade das diásporas em torno de um ponto de origem e retorno oblitera as interações locais específicas (identificações e rupturas, ambas construtivas e defensivas) necessárias para a manutenção das formas sociais diaspóricas. O paradoxo poderoso das diásporas é que o estar *aqui* implica na solidariedade e conexão com o *lá*. Contudo, este lá não é necessariamente um local específico ou uma nação em particular. Como é a conexão (alhures) que, relembrada e rearticulada, faz a diferença (aqui)?[90].

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

2.3
A Diáspora Negra

Em uma entrevista concedida em 1970 o intelectual C.L.R. James fala sobre a questão dos estudos sobre a Diáspora [*Black studies*] e sua relação com a ampliação de uma orientação nacionalista ou essencialista do ponto de vista dos aspectos raciais. Falando aos estudantes negros alerta que estes,

---

[89]Ibidem, pp. 267-269.
[90]James Clifford, 1997, p. 269.

> acreditam que os estudos sobre a Diáspora [*Black studies*] referem-se a eles e às pessoas negras apenas. Mas isto é um erro. Estudos sobre os negros [*Black studies*] significam a intervenção de uma área de estudos essencial para a compreensão das sociedades antigas e modernas... Estudos sobre a Diáspora [*Black studies*] requerem a completa reorganização da vida intelectual e do enfoque histórico dos Estados Unidos, e civilização mundial como um todo[91].

Diante desta breve história do conceito de diáspora, o que se espera é evidenciar suas correlações com a epistemologia das encruzilhadas. Esta abordagem sobre o conceito de diáspora pretende ampliar os estudos do internacionalismo negro com ênfase em seus cruzamentos transnacionais e se considere a polifonia tendo como referência o trabalho de George Shepperson, sobretudo, após a década de 1960. Este enfoque de Shepperson, diga-se de passagem, convém ser retomado, pois, representa uma mudança metodológica que fora absorvida e consolidada pelos estudos culturais somente na década de 1980. Um trabalho que deve ser tido como referência para a consideração metodológica nos cruzamentos transnacionais e polifônicos e na longa duração é a obra coletiva escrita em 1978 por Stuart Hall, Chas Critcher, Tony Jefferson, John Clarke e Brian Roberts, *Policing the Crisis, mugging, the state and Law and order*. Entre outras considerações teórico-metodológicas enriquecedoras para os estudos culturais, a obra retoma um aspecto amplamente debatido por intelectuais negros durante o período entreguerras, a interseccionalidade entre raça e classe. Embora não haja menção aos debates propostos desde o início do século XX por intelectuais como W.E.B. Du Bois, Hubert Harrison, C.L.R. James, Oliver Cromwell Cox, os autores propunham que raça deveria ser encarada como a "modalidade na qual a classe é vivida"[92].

O caráter transnacional no diálogo com a tradição do pensamento negro radical é trazido à obra através do exemplo de Franz Fanon e de seu livro *os Condenados da Terra*. A consciência racial do movimento negro britânico teria sido construída a partir da adoção e adaptação feita pelo movimento Black Power dos EUA do fanonismo. Ou seja, tal qual Exu e seus nomes, o internacionalismo negro opera em traduções de um território nacional para outro, ainda que seu

---

[91] C.L.R. James. **The Black Scholar Interviews C. L. R. James**.Black Scholar, vol. 42, n. 1 (setembro, 1970), p. 43.

[92]Stuart Hall; Critcher Chas; Tony Jefferson e Robert Brian.**Policing the Crisis: Mugging, the State and Law and Order**. Basingstoke: Palgrave Macmillan. 2nd ed. 2013, p. 386

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

cerne seja mantido. Assim como o culto a esta divindade espalhado pela Diáspora Negra foi adaptável e transferível para diversas comunidades de negros, a análise social da opressão dos negros baseada na luta contra o colonialismo também o era. A Diáspora Negra promoveu experiências nas quais as análises da conjuntura política pautada pelo legado colonial e suas críticas seriam adaptáveis às lutas travadas pelas minorias negras nos centros urbanos capitalistas[93].

Apontando que a mudança mais importante no interior do movimento negro norte-americano se deu na passagem de um reformismo integracionista para uma fase mais revolucionária, confere às leituras de Fanon e de como o intelectual martiniquenho refletia sobre o *lumpem proletariado* no contexto africano. O que esta obra coletiva recupera na tradição dos estudos culturais é que a consciência negra britânica que emergia em um momento de intensos conflitos no Reino Unido tendo as questões raciais e sociais como pano de fundo, era fruto dos cruzamentos transnacionais. As independências dos países africanos após o ano de 1960 e as manifestações pelos direitos civis nos EUA teriam um papel fundamental na leitura de como o internacionalismo negro e as ideologias liberacionistas eram traduzidas de um contexto nacional para outro. Este aspecto aproxima a obra coletiva e questão e as pesquisas de Shepperson.

Ao se observar as estratégias políticas do internacionalismo negro da primeira metade do século XX que atravessaram os mares e cruzaram caminhos nas mais diversas direções e sentidos o que esta tese propõe é uma aproximação da análise da história dos discursos políticos e da epismologia das encruzilhadas. As encruzilhadas abrem caminhos os mais diversos, tanto enquanto possibilidade, mas também enquanto dúvida. Deve-se buscar, portanto, na análise de um dado contexto linguístico as ambivalências nos vocabulários políticos e não sua unidade ou coerência. Mais do que isso, Exu, enquanto conjunto cosmológico diaspórico, que possui diversos nomes, mas guarda aspectos que o tornam uma ideia-força central nas cosmologias da África do Oeste e da África Central, induz a que se busque as articulações que o tornam esta ideia-força.

O que esta diversidade de nomes nos coloca é a possibilidade de analisar a cosmologia africana a partir de suas diferenças constitutivas que, entretanto, compõem um campo comum, se articulam. O conceito de Diáspora Negra pode

[93]Idem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

ser entendido como o movimento transnacional e suas conexões que, por sua vez, são marcadas pelo discurso internacionalista baseado em solidariedades que não se encerram nos moldes raciais, ou marcos nacionais formais dos estados-nação. Neste sentido, o que se busca é a um conceito de diásporamais comprometido com a historicidade destas conexões e que seja guiado por análises menos comprometidas com aspectos essencialistas sejam de raça ou de etnicidade e mais comprometido com a diferença. Diante da demanda por uma maior teorização sobre o conceito de diáspora como apontado por Vervotec[94], o que se espera com esta aproximação entre a epistemologia das encruzilhadas e o conceito de diáspora é evidenciar suas possibilidades através da leitura das contingências, das ambivalências, dos conflitos, das frestas, das dobras da ordem, dos cruzamentos e encruzilhadas.

Segundo Brent Hayes Edwards, diáspora é um termo que demarca em que medida o internacionalismo negro é precedido pela *tradução*[95]. Ou seja, as conexões forjadas no internacionalismo negro do período entreguerras são marcadas necessariamente por processos que se estabelecem sob, e através de, lacunas, frestas, dobras, vãos oferecidos pela polifonia dos descendentes de africanos. Edwards utiliza o conceito de *articulação* desenvolvido por Stuart Hall para dar nome a esta prática[96]. Este conceito funciona como um conceito-metáfora que permite e que se mapeie relações de *diferença na unidade*, padrões não naturalizáveis de conexão entre aspectos sociais desconectados. A unidade funcional das estruturas específicas e estrategicamente conjugadas não é aquela da identidade na qual uma das estruturas reproduz a outra parte, ou a expressa. A unidade formada nesta combinação sempre será composta por uma estrutura complexa na qual as relações postas serão marcadas tanto por suas diferenças quanto por suas similaridades. Stuart Hall propõe, portanto, que estas estruturas e mecanismos que conectam as partes desiguais sejam reveladas e analisadas.

Como proposto por Stuart Hall em seu ensaio escrito no início da década de 1980, *Race, Articulation, and Societies Structured in Dominance*[97], que retoma

---

[94]Steven Vervotec; Robin Cohen.**Migration, Diaspora and Transnationalism**. Cheltenham, Elgar reference Collection, 1999.
[95]Brent Hayes Edwards, 2003, p. 7
[96] Stuart Hall. "Race, Articulation and Societies Structured in Dominance". In: **Sociological Theories: Race and Colonialism**. edited by United Nations Educational Scientific and Cultural Organisation, 305. Paris: UNESCO. 1980.
[97] Idem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

alguns *insights* da obra coletiva *Policing the Crisis*, mais especificamente sobre como a questão racial era transposta de contextos nacionais a outros, procura estabelecer os marcos teóricos que permitam analisar a função da diferença no capitalismo global. Hall recorre ao conceito de *articulação* presente em Marx, mas também retomado por Gramsci, para destacar sua importância nos cruzamentos da diáspora. Stuart Hall sugere que para que se compreenda o capitalismo em seus aspectos globais é necessário retomar as reflexões de Marx sobre de que maneira se compreende,

> uma articulação entre dois modos de produção, um capitalista no sentido real, e outro apenas "formal": ambos combinados através de um princípio articulado, mecanismo, ou conjunto de relações, já que, como observado por Marx, "seus beneficiários participam de um mercado mundial no qual os setores produtivos dominantes já são capitalistas". Ou seja, o objeto a ser investigado deve ser tratado enquanto uma estrutura articulada complexa que é, por si, estruturada na dominação[98].

Stuart Hall busca, através deste conceito, compreender as diferenças, as particularidades presentes na unidade. Aquilo que unifica, de maneira funcional, um conjunto de aspectos diferentes entre si. Segundo Hall, uma unidade formada por esta combinação ou articulação é sempre um conjunto de coisas estruturado de maneira complexa muito mais por suas diferenças do que por suas semelhanças. Stuart Hall menciona que o conceito de *articulação* deve ser compreendido tal qual a articulação de um corpo. Neste sentido, articulação funciona como uma metáfora do corpo. Uma articulação é a parte de um corpo que permite que outras partes, diferentes entre si, se movimentem. As articulações são tanto locais de separação e de conexão. Não obstante, o aspecto que os conecta deve ser evidenciado, já que nenhuma correspondência deve ser tomada enquanto um dado natural. Isto permite que se qualifique de que maneira estas conexões e estruturas se relacionam, visto que, por estarem relacionadas, as partes podem apresentar relações de dominação e subordinação, por exemplo.

Um dos aspectos que emerge desta relação de *articulação* é o vocabulário político complexo já que as sociedades estruturadas pela dominação produzem ideologias e soluções no campo intelectual e cultural. Ou seja, o aspecto estrutural agindo sobre o campo discursivo, naquilo que Koselleck chama atenção quando

[98] Ibidem, p. 307.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

aproxima a história dos conceitos da história social.[99] Neste sentido, é nas disputas conceituais e semânticas que as articulações em competição irão travar sua batalha, no campo das ideologias e discursos políticos. O internacionalismo negro, portanto, é uma tradição intelectual privilegiada para a análise dos vocabulários políticos. Pois tradicionalmente articulou a crítica ao colonialismo, imperialismo e capitalismo, percebidos globalmente, a partir de diferentes territórios e atores.

Em seu livro de 1987, *There Ain't no Black in the Union Jack*[100], escrito no auge do período tatcherista na Inglaterra, Paul Gilroy se apropria do conceito de diáspora deslocando o foco transnacional para suas influências para a consciência negra no Reino Unido, em lugar de observar o transnacionalismo e suas influências no internacionalismo negro e nas lutas anticoloniais, como no trabalho de George Shepperson. Diáspora, no livro de Gilroy, é apenas uma das palavras que o autor utiliza como tentativa de definir o que entende ser uma nova estrutura de trocas culturais que se desdobrou no século XX a partir das redes imperiais que no passado serviam ao comércio triangular de açúcar, escravos e capitais. Gilroy também utiliza as palavras "exportada", "transferida", "trasladada", "sincrética", ou "articulada", aproximando-se do sentido proposto por Stuart Hall, como referência à cultura negra.[101] Gilroy buscava ultrapassar os confinamentos raciais, étnicos ou nacionais a partir deste enfoque sobre a diáspora. Como a consciência diaspórica negra foi forjada em um contexto de restrições às nacionalidades negras, mas também contra os limites nacionais, as unidades nacionais não seriam o melhor caminho para estudar a Diáspora Negra.

Entretanto, será em sua obra mais conhecida que Paul Gilroy irá se notabilizar pelos estudos da Diáspora Negra. Seguiu-se ao livro lançado em 1993, *O Atlântico Negro*, uma série de pesquisas sobre a diáspora africana que adotaram esta categoria que deu nome a obra. *Atlântico Negro*, portanto, tornou-se uma categoria que disputou espaço com o conceito de diáspora. A proposta de Paul Gilroy em dar forma aos estudos sobre a diáspora rompendo com seus significados vinculados à busca de origens e na formação de nacionalismos que foi notabilizada pela alcunha de *Atlântico Negro*, guarda alguns percalços.

[99] Reinhart Koselleck. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto-Ed. PUC-Rio, 2006. Sobre este aspecto ver sobretudo o capítulo 5.
[100] Paul Gilroy. **There Ain't no Black in the Union Jack. The cultural politics of race and nation**. Oxford: Oxford University Press, 1987.
[101] Idem, pp. 157-160.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Percalços estes que, diante da trajetória de Padmore, pretendo aqui refletir. O obstáculo propriamente dito refere-se ao vasto número de trabalhos sobre as conexões entre africanos e seus descendentes tendo como cenário a localidade do oceano Atlântico. Ainda que esta não tenha sido a intenção de Gilroy, o campo de estudos da diáspora sofreu uma superposição em relação, tanto ao local privilegiado de análise – o oceano Atlântico – quanto o corte temporal a ser levado em consideração na identificação de seus efeitos e processos – a modernidade.

Cabe aqui, trazer um trecho de uma entrevista na qual Paul Gilroy expõe suas preocupações ao propor o campo de estudos do *Atlântico Negro*:

> Inicialmente precisamos disputar o conceito de diáspora e ultrapassar a obsessão com as origens, pureza e a invariável mesmidade. Muitas vezes o conceito de diáspora foi utilizado para dizer, "Uhu! Podemos rebobinar a fita da história, podemos retornar ao momento original de nossa dispersão!" O que estou dizendo é algo bem diferente. Por isso eu não chamei o livro de diáspora alguma coisa. Eu o chamei de Atlântico Negro porque eu queria dizer, "se isto é uma diáspora, então é um tipo muito específico de diáspora. É uma diáspora que não pode ser rebobinada"[102].

Aspecto que deve ser enfatizado na história do conceito da diáspora é seu comprometimento com a identificação das *diferenças* compartilhadas pelos negros através do mundo. Este mecanismo possibilitado pelo conceito de diáspora supera as limitações que, por exemplo, o conceito de Pan-Africanismo possui em evidenciar apenas as semelhanças em detrimento das diferenças entre os negros na diáspora. A Diáspora Negra compreendida através da epistemologia das encruzilhadas possibilita que se ressaltem as diferenças internas, as fraturas e descontinuidades de gênero, raça e nação, classe entre os grupos transnacionais negros, mas também nas suas relações externas. Neste sentido, na história do internacionalismo negro da primeira metade do século XX, a Diáspora Negra permite que se compreenda não apenas o encontro entre o caribenho George Padmore e o ganês Kwame Nkrumah em Londres, mas também a colaboração entre George Padmore e o radical do então Ceilão, e membro ativo da Liga Indiana, T. Subasinghe, na preparação do Congresso Pan Africano de

[102] Paul Gilroy, 1993, pp. 56-57

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Manchester.[103] O que se espera é apresentar a trajetória e o pensamento de George Padmore de maneira a enfatizar suas estratégias políticas e identitárias através das diferenças.

O oceano Atlântico é apenas um dos locais por onde africanos dispersaram-se ou foram forçados a se deslocar. Entre os anos 650 e 1900 um número comparável de africanos provenientes das regiões subsaarianas deixou o continente via Mar Mediterrâneo e pelo Oceano Índico. Aspecto interessante sobre a trajetória do conceito de diáspora, quando da conferência na qual George Shepperson apresenta seu trabalho sobre a diáspora em 1965, o encontro fora organizado na cidade de Dar es Salaam, na Tanzânia, um porto Swahili, na costa do Oceano Índico. Contudo, o próprio Shepperson, quando escreveu seu artigo tinha em mente que a Diáspora Negra havia ocorrido no Atlântico. "De 1511, quando os primeiros cinquenta negros foram trazidos para as ilhas nas Índias Ocidentais, até 1888 e a total abolição do tráfico de escravos no Brasil", segue o autor, "esta diáspora de pele negra, devido ao tráfico de escravos, coloriu o Caribe e a América do Norte, Central e do sul com povos de origem africana"[104]. Ainda que Shepperson não desconhecesse o fluxo comercial subsaariano através do Oceano Índico ou através do próprio deserto do Saara, não os considerou enquanto locais nos quais as atenções deveriam ser depositadas para que se compreendesse o fenômeno da diáspora negra. "A escravidão árabe era comumente percebida pelo negro enquanto mais branda do que o tráfico Europeu através do Atlântico", segue afirmando, "especialmente nos tempos do "Reino do Algodão" nos EUA... Quaisquer conclusões que se tenham chegado... o período de mais de quatrocentos anos de escravidão europeia de africanos permanece no coração da diáspora africana"[105]. Portanto, o uso do conceito de diáspora observados os aspectos *exusíacos* em sua compreensão, permitirá que as pesquisas ultrapassem os limites geográficos que a categoria Atlântico Negro implica.

O conceito de Diáspora Negra é útil para que se evidenciem tanto os aspectos discursivos quanto estruturais, portanto. Considerando as contribuições epistemológicas que os princípios cosmológicos de Exu nos apresentam, o

---

[103] Minkah Makalani. **Internationalizing the Third International: The African Blood Brotherhood, Asian Radicals, and Race, 1919-1922**.The Journal of African American Studies. Vol 96, No 2 (Primavera, 2001): 151-178.
[104] George Shepperson, 1968.
[105] George Shepperson, 1968.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

conceito de diáspora pode ser explorado para além das abstrações que propõem identidades e unidades pautadas na "pureza e na mesmidade", como ressaltado por Gilroy. A importância do retorno à história intelectual do conceito de diáspora reside na evidência que este conceito foi introduzido nas pesquisas sobre a história dos africanos e seus descendentes para que suas diferenças fossem compreendidas. Isto se deu, por sua vez, porque o conceito de Pan-Africanismo, imerso nas disputas e usos políticos, não permitia tal exercício de análise. O conceito de diáspora buscou não apenas evidenciar as diferenças internas aos grupos transnacionais de negros, fragmentados pelos aspectos nacionais, raciais, de gênero e linguagem. Buscou, também, evidenciar as particularidades do processo de dispersão e ressignificação operado pelos negros em relação a outros grupos que tiveram suas experiências atravessadas por diásporas, como judeus, gregos e armênios. O conceito de diáspora, portanto, deve ser responsável por historicizar as experiências transnacionais de homens negros e mulheres negras.

A articulação do conceito de diáspora auxiliado pela *epistemologia das encruzilhadas*, o conceito de *articulação*, pensado por Stuart Hall, e a tradução da *décalage*, tal qual pensado por Bret Hayes Edwards, permitem a combinação estruturada de elementos que se relacionam mais por suas diferenças do que por suas similitudes. Este arcabouço teórico-metodológico permite que se compreenda a Diáspora Negra enquanto o processo no qual George Padmore experimenta a diferença. Entretanto, devemos pensar como se estrutura esta diferença. Além das diferenças linguísticas dos grupos envolvidos na Diáspora Negra, há as diferenças que resistem à tradução ou que não conseguem se expressar diante das fraturas raciais, de gênero, religião, etc. Importa atentar-se para as frestas, para as lacunas, para as dobras, ou como, inspirado em uma citação de Leopold Senghor, Brent Hayes Edwards classifica esta diferença, *décalage*. Em ensaio chamado *Negro-Américain et Négro-Africains*, escrito sobre as diferenças entre os negros dos EUA e os negros africanos, Senghor afirma que,

> A diferença entre os afro-americanos [négro-américains] e os africanos [négro-africains] é mais sutil do que aparenta. Trata-se, na realidade, de uma simples décalage – no tempo e no espaço[106].

[106]Leopold Sedar Senghor. "Problématique de La Négritude". In: **Liberté III:** Négritude et civilisation de l'universel. Paris: Seuil, 1977, p. 274.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Brent Hayes Edwards decide não traduzir esta palavra e seguir utilizando o termo em francês devido sua resistência em ser traduzida de maneira satisfatória. O autor também sugere que a manutenção da palavra no original francês endosse seu ponto sobre os limites de cruzamento [*crossing over*]. *Décalage* poderia ser traduzida para as palavras do português, tais como, "vão", "discrepância", "diferença", "intervalo"; a palavra também é utilizada para expressar a diferença de fuso-horário. *Décalage* é tanto a diferença espacial que pode se apresentar em um objeto *deslocado*, ou a diferença no tempo, adiantado ou atrasado em relação uma data. Brent Hayes Edwards, contudo, sugere outra leitura do trecho de Senghor. O que Edwards propõe é que a definição de Senghor, represente uma possibilidade inovadora para se perceber a Diáspora Negra e sua estrutura de desigualdade.

Edwards recorre ao verbo *caler*, do francês, para seguir com as explicações do que isto significa nos estudos sobre a diáspora. *Caler* significa apoiar algo ou calçar, no sentido de corrigir certa diferença. *Décalage*, então, em seu sentido etimológico significa reestabelecer ou corrigir uma diferença, disparidade ou desigualdade. Isto remete ao ato de retirar algo que foi acrescentado inicialmente, algo artificial, para compensar tal diferença ou desigualdade. Uma imagem desta ação seria o ato de retirar algo que estivesse servindo de calço para uma mesa que estivesse com os pés desalinhados. A *décalage* da Diáspora Negra entre afro-americanos e africanos não é, portanto, uma mera diferença geográfica, tampouco uma desigualdade de consciência ou evolução civilizacional. Apresenta-se, ao invés disso, como um conjunto de aspectos que não pode ser exprimido através de palavras como *vanguarda* ou *atraso*. Aqui cabe retomar Exu e seus descompassos narrados em algumas de suas passagens mitológicas. Há um componente latente, fora de um lugar, e que por sua vez não seja facilmente reconhecido. Algo que foge à compreensão imediata em alguns mitos de Exu que nos remetem à *décalage* pensada por Brent Hayes Edwards. Um componente que, ainda que não seja passível de ser identificado, se faz presente, como o personagem Exu na peça de Aimé Césaire.

Pensar a Diáspora Negra e o internacionalismo negro em suas solidariedades "raciais" deve ser feito tendo em vista as contribuições da epistemologia das encruzilhadas e o conceito de *décalage*. Quaisquer articulações da Diáspora Negra que sejam vistas através da solidariedade racial devem ser

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

consideradas *décalé* ou, descompassadas, diante de um conjunto de fatores. O transnacionalismo negro só pode ser amparado, construído, calçado (*calé*) retoricamente ou artificialmente. A raça, por exemplo, foi utilizada por George Padmore enquanto artifício para a construção de uma internacional negra composta por diversos indivíduos de diversos territórios coloniais – ainda que equilibrada e uniforme enquanto nação. Mas tais dispositivos, do universo retórico, da estratégia ou organização, são sempre articulações abstratas que buscam unidade e são "mobilizados" por e para diversas finalidades políticas. Porém não são definitivas: eles serão sempre próteses.

Diante deste olhar será mais plausível compreender o pragmatismo de Padmore, por exemplo. Entretanto, ao invés de buscar comprovar a eficácia da prótese, Edwards propõe que se busque compreender seus efeitos. O todo sempre será composto por aspectos desencontrados, desiguais, tal como *Exu* e seu tamanho em relação ao *teto* e ao *fogareiro*. Buscar alocar Padmore na ideologia comunista ou na ideologia Pan-Africanista, ou na identidade caribenha ou africana, é perda de tempo, neste sentido. Convém compreender qual efeito prático e político que a composição destas ideologias internacionalistas e identidades operaram em suas articulações políticas anticoloniais e anti-imperiais.

A epistemologia das encruzilhadas nos indica que Exu é princípio dinâmico das coisas que opera *em meio a* mundos e linguagens, possibilitando o movimento. O descompasso apresentado na mitologia sobre Exu, longe de ser visto enquanto uma debilidade ou impossibilidade, evidencia um modelo para que se compreenda a Diáspora Negra tal qual uma articulação potente em suas ambivalências de separar e conectar; é este descompasso da Diáspora Negra que permitiu com que George Padmore promovesse conexões transnacionais, ideologias polifônicas e ambivalentes na articulação entre os envolvidos na luta anticolonial.

Suas obras e textos foram importantes suportes para que os diversos territórios coloniais e indivíduos da Diáspora Negra encontrassem certa unidade de lutas. George Padmore, neste sentido, foi um intelectual da Diáspora Negra que operou *em meio a* territórios, organizações e ideologias promovendo o anticolonialismo e o anti-imperialismo. Produziu a crítica ao imperialismo, ao colonialismo, ao marxismo, mas também foi uma das possibilidades de intelectual que experimentou a Diáspora Negra.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

3

Hibridez e Transnacionalismo: experiência ou estratégia?

> Às vezes me sinto como um feixe de correntes que fluem. Prefiro isso à ideia de um eu sólido, à identidade a que tanta gente dá importância. [...] Com tantas dissonâncias em minha vida, de fato aprendi a preferir estar fora do lugar e não absolutamente certo.
>
> Edward Said, 2004.

É preciso que se analise a atuação política de intelectuais negros da diáspora no século XX, diante de uma perspectiva transnacional. Pois buscaram atuar nas margens, reinventando-se e reinventando movimentos e identidades como forma de dar conta das demandas do "liberacionismo negro" e da luta anti-imperial e anticolonial. A distinta presença de negros do Caribe, das Antilhas e do continente africano, espalhados por Estados Unidos, Rússia, Grã-Bretanha, França concede um amplo campo de pesquisa para historiadores e pesquisadores da Diáspora negra do século XX. O fato de George Padmore figurar entre estes intelectuais e, além disto, ter estado nestes locais de maneira marcante e produtiva deve ser pesquisado.

C.L.R. James acreditava que o Caribe havia produzido homens que contribuíram fortemente para a história da Civilização Ocidental[107]. Segundo ele, a resposta estava na experiência particular destes homens oriundos das classes médias migrantes do Caribe. A educação colonial britânica e seu primado da preservação de sua condição de "de cor" – *coloured* – das classes médias do Caribe anglófono instituiu uma forma particular de pensamento nestes jovens que, através dos postulados do pensamento europeu, os incluiu, de alguma forma precária, numa sociedade extremamente excludente. O radicalismo compartilhado por estes jovens foi forjado diante de uma experiência particular de emigração: "ao deixar o Caribe [e chegar na Grã Bretanha] descobrimos que nem a vida que vivíamos nem as coisas que víamos estavam em harmonia com as coisas que

[107] Um dos exemplos deste tipo de pensamento é sua obra, C.L.R. James. **Os jacobinos negros. Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos**. São Paulo, Boitempo, 2000.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

líamos, e automaticamente nos tornamos *contra*"[108]. Mesmo Marcus Garvey, explica James, era *antiestabilishment* e ainda que estes homens se identificassem através das mais variadas ideologias, sem exceção, eram homens revoltados. O que James descreve não é simplesmente o choque de não ter seus direitos garantidos enquanto súditos britânicos, o que não lhes era garantido eram o respeito e os mesmos direitos de um homem inglês branco.

Este choque foi aproveitado, sobretudo no período entreguerras enquanto estratégia, não apenas por homens como James, Padmore ou Garvey, mas por aqueles que estiveram ao lado de Harold Moody na *League of Coloured People*, que combateu o racismo[109] através da afirmação de uma identidade definida pela noção de "respeitabilidade victoriana"[110]. Diversos autores enfatizaram as formas particulares nas quais *raça* e *classe* compuseram, em suas intersecções, a formação da identidade nacional e as estruturas da sociedade Caribenha[111]. Barbara Rush propõe que a influência de uma distinta interpretação Vitoriana da "britanidade" não é aplicável a todos os negros das Índias Ocidentais, ou seja, do Caribe anglófono: "aquilo que separava os súditos caribenhos que reivindicavam a identidade britânica daqueles que a rejeitavam [...] não era inicialmente sua cor ou etnicidade, mas seu status – *ou status-goal* – na sociedade"[112].

O que Rush chama de "*status-goal*" é crucial neste aspecto, pois nos remete às expectativas destes indivíduos. A identificação baseada nesta perspectiva era uma das maneiras pelas quais homens como Padmore ou James, mesmo após deixarem Trinidad, buscariam para, em alguma medida, transcender sua formação de classe média através da rejeição das ideias Vitorianas de identidade nacional e britanidade. Suas vidas e seu ativismo político e intelectual demonstraram que estes homens não eram ingênuos a ponto de desconsiderarem os preconceitos de uma civilização imperial que construiu raça e nação como uma estratégia de poder de forma particular. Estes homens não concebiam a si próprios

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[108] C.L.R. James. **At the Rendezvous of Victory, Selected Writings**.Londres: Allison and Busby, 1976, p. 205.
[109] Pablo de Oliveira de Mattos et. al. **História da África Contemporânea**. Rio de Janeiro, Ed. Pallas/Ed.PUC, 2013.
[110] Anne Spry Rush. **Bonds of Empire**.Oxford : Oxford University Press, 2011, pp. 103-116.
[111] Nikhil Pal Singh.**Race and Class Struggles in a Colonial State: Trinidad 1917-1945**. Calgary: University of Calgary Press, 1994.
[112] Ibidem, p. 9.

enquanto indivíduos limitados por identidades raciais ou nacionais. Operavam diante de uma "dupla consciência"[113].

Eles poderiam ser britânicos, e africanos, e das índias ocidentais sem exclusão, mas não sem tensão e consequências. Estes tênues limites de raça, classe, e nação eram, como James apontou, o produto da combinação entre a experiência migratória particular e a estrutura social do Caribe. O que a trajetória e o pensamento de C.L.R. James apontam, por exemplo, é o trânsito de um intelectual caribenho profundamente marcado pelo pensamento ocidental e pelo modelo vitoriano de homem, que irá passar a defender a importância do continente africano e de seus habitantes para as lutas revolucionárias no século XX. Antes de mudar-se para a Grã-Bretanha em busca de consolidar sua carreira enquanto um homem de letras, James acreditava que, por conta do contato com o pensamento ocidental e com a civilização moderna os caribenhos deveriam desempenhar papel central na libertação do continente africano e de seus descendentes.

A herança britânica para estes membros de uma classe média caribenha ganha um significado que os possibilita identificarem-se enquanto britânicos imperiais – *imperial Britons*. A compreensão de Jamaicanos, Barbadianos, Trinidadianos, no Caribe anglófono, de sua britanidade direcionou-se inicialmente ao estabelecimento de seu lugar no mundo imperial britânico, e posteriormente, diante das negociações aos desafios da descolonização no processo da diáspora. No período entre o início do século XX e o momento das independências, na década de 1960, os caribenhos das classes médias experimentaram um complexo processo de transição cultural – as tensões diante da redefinição sua britanidade e sua relação com isto – não apenas enquanto caribenhos, mas enquanto britânicos ou franceses, por exemplo. No primeiro terço do século XX a britanidade figurava como parte integral da cultura do colonialismo cotidiano no Caribe britânico.

[113] W.E.B. Du Bois, 1868-1963, intelectual afro-americano, explorou no início do século XX a teoria da dupla consciência na raça negra que não nasceu ou vive no continente Africano, neste caso dos Afro-americanos. Segundo esta teoria os afro-americanos têm duas maneiras de se verem. Primeiro veem-se como indivíduos e segundo como um grupo, mas só através dos olhos da sociedade que os classifica. Dando lugar a duas almas, dois pensamentos, dois conflitos irreconciliáveis, dois ideais hostis num corpo negro. Por um lado lutando para serem classificados como indivíduos, com personalidades diferentes, mas também como um grupo com desafios sociais iguais. O problema segundo Du bois é que os afro-americanos são ao mesmo tempo, negros e americanos tendo, portanto, duas culturas em si, a negra e a branca americana, no entanto a sociedade á volta continua a separar as duas identidades, não compreendendo que as duas culturas ao mesmo tempo que se complementam, são diferentes entre si.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Sobretudo os membros das classes médias no Caribe foram encorajados a identificarem-se aos valores sociais e estruturas culturais referidos à identidade construída no império britânico. Neste sentido, identidade refere-se ao processo apontado por Stuart Hall, no qual indica um ativo processo de tornar-se – *becoming* – que implica em como somos representados e o que nos leva a representar-mo-nos a nós mesmos[114].

Considerando que estes indivíduos se autorrepresentavam enquanto caribenhos britânicos, o fizeram de acordo com *sua* compreensão de britanidade levando em conta aspectos raciais e geográficos, inclusive. Enquanto os ingleses brancos reivindicaram seu status de superiores, as classes médias educadas do Caribe anglófono mobilizaram a assertiva do Estado britânico que considerava qualquer indivíduo nascido no reino britânico, independentemente de sua cor, origem ou credo, britânico. Para os povos do Caribe, a Grã-Bretanha tornou-se o "norte" para uma identidade imperial britânica. Uma identidade que estava distante, entretanto, intimamente relacionada aos seus traços e sentimentos vinculados aos seus países de origem tropical. É importante enfatizar, entretanto, que estes aspectos também eram os responsáveis por limitar-lhes em suas identidades subalternizadas pelos olhares colonialistas.

Alguns trabalhos recentes também lançaram luz sobre a possibilidade de articulação desta comunidade de intelectuais negros da qual Padmore faz parte a uma experiência comum de internacionalização. Brent Hayes Edwards propõe que a consciência diaspórica destes homens articulava-se a uma transnacionalidade negra *imaginada*. O autor se atém na diferença – *difference* – enquanto aspecto central na maneira que Padmore e outros inventaram uma "Internacional negra"[115]. A diáspora, enquanto conceito, sob esta intelligentsia deve ser ampliada para além dos fluxos migratórios e articulada a uma experiência política específica. Deve-se observar a diáspora enquanto um processo produtor de diferenças e dissonâncias.

É partindo também desse raciocínio sobre a diferença que Bhabha apresenta o conceito de Terceiro Espaço, "movimento flutuante" de instabilidade

---

[114] Stuart Hall. 'Who Needs "Identity?"'. In: Stuart Hall; Paul du Gay (orgs.). **Questions of Cultural Identity**. Londres: Sage, 1996, p. 4.

[115] Brent Hayes Edwards. ''Inventing the Black International''. In: **The Practice of Diaspora: Literature, Translation, and the Rise of Black Internationalism**. Cambridge : Harvard University Press, 2003, pp. 214-305.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

oculta, espaço indeterminado do(s) sujeito(s) da enunciação. Este espaço, embora irrepresentável, segundo Bhabha, constitui as condições discursivas da enunciação, garantindo que o significado e os símbolos da cultura não tenham unidade e fixidez, fazendo com que os "signos possam ser apropriados, traduzidos, re-historicizados e lidos de outro modo"[116]. Segundo Bhabha, contudo, esta compreensão da diferença cultural se dá nas representações pós-coloniais, onde o sujeito toma consciência de que é portador de uma identidade híbrida, o que lhe dá possibilidades de destruir as continuidades e constâncias de tradição nacionalista, criando condições para negociar e traduzir suas identidades culturais na temporalidade descontínua, intertextual, da diferença cultural. Nesta perspectiva, contudo, a hibridez da diáspora é compreendida enquanto uma estratégia individual e autorrepresentada, pois é operada a partir da tomada de consciência do indivíduo posterior a um determinado processo de político de aquisição de soberania.

Mais recentemente, entretanto, Michelle Ann Stephens articulou o conceito de diferença à transnacionalidade a fim de compreender de que forma as ideias dos negros do Caribe anglófono como Marcus Garvey, Claude McKay e C.L.R. James revelam a "inescapável hibridez" da história imperial.[117] Para Stephens, o discurso destes homens expressava a história do movimento experimentado pelos negros na diáspora, criando histórias globais de sua raça que se manifestam em variadas formas políticas. A hibridez, neste sentido, emerge não enquanto estratégia individual de fuga às continuidades, mas enquanto processo das imaginações transnacionais. O olhar do cientista social, portanto, passa a centrar-se no processo e nas relações, e não no indivíduo.

A noção de hibridez articulada por Stephens busca esclarecer as possibilidades da(s) experiência(s) colonial(is) enquanto processo, afastando-se da hibridez utilizada enquanto categoria que permita que estas possibilidades possam ser apresentadas através de *uma* forma, enquanto estratégia individual. A partir desta segunda noção, poderíamos, por conseguinte, olhando para um indivíduo isolado, equivocadamente mudar nossa percepção sobre a Diáspora Negra do século XX. Por outro lado, como a transcendência dos limites individuais e a

[116] Homi K. Bhabha. **O local da cultura**. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 1998, p. 68.
[117] Michelle Ann Stephens. **Black Empire: The Masculine Global Imaginary of Caribbean Intellectuals in the United States, 1914-1962**. Durham : Duke University Press, 2005, p. 8.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

agência de um indivíduo operando dentro de um sistema tido como emblemático, altera apenas o fragmento e não o conjunto ao qual está inserido? Neste sentido, as reflexões sobre o caráter híbrido devem ser alocadas na *experiência* transnacional da Diáspora Negra – e dos *deslocamentos* e processos de troca – e não apenas na experiência de um indivíduo. Lara Putnam adverte sobre a devida atenção que se deve tomar para que, nos estudos referentes à microhistória, por exemplo, vidas singulares não sejam tomadas enquanto "variáveis explicativas"[118].

O que a vida de George Padmore, Claude McKay, W.E.B. Du Bois, C.L.R. James, Richard Wright, Peter Abrahams, por exemplo, nos aponta é que a agência encontrada nestes homens negros *deslocados* e desterritorializados os permite traduzir suas experiências comuns em diversas formas e em sistemas de identificação e ação que por sua vez não podem ser aprisionadas em *um* tipo híbrido específico. A trajetória destes intelectuais não pode ser aprisionada em uma tradição intelectual linear ou perene, tampouco em uma estratégia política homogênea. A marca destes intelectuais é o caráter herético, é a crítica e o radicalismo. A hibridez, ou o seu caráter dissonante, portanto, não deve ser questionada na agência individual, mas expandida ao sistema de trocas e negociações operado por estes intelectuais negros deste contexto. O que por sua vez atesta que o caráter híbrido e dissonante se coloca, e se processa, mais nas relações diaspóricas experimentadas por estes homens negros do que em alguns indivíduos desta comunidade. O que importa, neste caso, portanto, é a atenção à hibridez, à dissonância, enquanto processo de experiência e existência no mundo destes intelectuais, e não enquanto um tipo ou uma estratégia de um intelectual.

Em 1956, nos preparativos para a primeira Conferência de Escritores Negros, a ser realizada em Paris e organizada por Richard Wright, Padmore reivindicou sua identidade africana quando afirmou que "africanos puros – não os híbridos como eu – devam desempenhar papel central"[119] na conferência. Padmore vislumbrava o futuro africano a partir das lideranças que agiriam no continente. Sobre a conferência, Padmore escreveu aos organizadores,

---

[118] Lara Putnam. **To Study the Fragments/Whole: Microhistory and the Atlantic World.**Journal of Social History, Vol 39, Número 3, (2006), p. 618.
[119] George Padmore para Dorothy Brookes, 17 de abril de 1956. Wright MSS/103/1522.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

> Já que a ênfase da conferência deve centrar-se na África, é justo que apenas africanos "puros" – não os híbridos como eu – devam desempenhar papel central. Tenho muita certeza sobre este ponto. Olhando para o passado na emergência da África, era compreensível que "outsiders" como Wright e eu tentássemos verbalizar as demandas e aspirações dos africanos reais, mas agora eles produziram uma elite intelectual, e é apenas justo que tomemos nossos assentos na parte de trás e deixemos que falem por seu povo. Sou enfático em relação a isto. [...] Pessoalmente, sinto que estou ultrapassado em minha forma de pensar. Eu devo estar muito a frente ou muito atrás. O que eu pretendo é descobrir o que os jovens Africanos e Negros [Negroes] em geral estão pensando. Como eles enxergam os problemas de seus países e de sua raça diante do cenário contemporâneo atual? E como pretendem resolvê-los? Apenas eles podem dar as respostas e permitindo, desta forma, que velhos reacionários como eu façam os ajustes [...] Nós, também, precisamos re-avaliar nossas vidas. Senão nos tornamos estéreis e doutrinários, apenas repetindo velhas e ultrapassadas frases[120].

C.L.R. James, ao comentar sobre o Pan-Africanismo de Padmore aponta para o caráter ampliado de suas articulações, não circunscrito ao continente africano apenas. Estavam inclusos países que sofriam as penúrias do imperialismo. Padmore era um cosmopolita. Em 1935, James comentou sobre Padmore:

> George, de toda forma, não era um especialista do colonialismo no sentido de preocupar-se apenas com questões coloniais ou africanas. Ele lia e estudava tudo sobre política, China, Índia, Rússia, Guatemala, tudo... Mas ele não aderia a nada. Entretanto, ele mesmo formava organizações[121].

As inúmeras redes que se formavam ao longo de países sob jugo do imperialismo indicam um fluxo constante de informações e ações políticas conectadas. Se observarmos Padmore através das lentes que o fixem dentro da luta contra o colonialismo no Caribe ou na África, apenas, perderemos de vista a polifonia adotada por este indivíduo em seu olhar global. Cabe ressaltar que diversas de suas obras possuíam como público alvo os interlocutores das classes médias britânicas. Contudo, não se deve perder de vista, também, que Padmore teve como preocupação central em sua trajetória o diálogo direto e próximo das massas trabalhadoras negras da diáspora. Padmore em suas articulações transitou e promoveu comunicação em diversas direções e sentidos das encruzilhadas da

[120] George Padmore para Dorothy Brookes, 17 de abril de 1956. Wright MSS/103/1522.
[121] C.L.R. James. **Notes on the Life of George Padmore**.The Nation, 2 de Outubro, 1959, p. 20.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

diáspora. Porém, ainda que Padmore tenha sido uma figura central neste processo, e a ele seja dada centralidade nesta pesquisa, é preciso que se enxerguem as ações antimperialistas enquanto um mar propício à hibridez, à solidariedade e à transnacionalidade amparadas em uma rede de intelectuais e organizações. As estratégias globais e transnacionais encontradas por estes militantes e intelectuais antimperialistas e anticoloniais deveriam dar conta de superar um sistema de opressão também conectado e global.

As noções de hibridez, comunidade e diferença, são, portanto, aqui articuladas a fim de que se questione em que extensão as origens – não apenas territoriais, mas epistemológicas – de Padmore podem ser apresentadas como *um* tipo comum. O que se pretende é que os intelectuais negros que passaram pela experiência do exílio, da exclusão colonial e da opressão imperial, e as criticaram, sejam vistos enquanto produtores de demandas comuns por dignidade e liberdade, entretanto através de estratégias diferentes. Estas estratégias diferentes foram por sua vez forjadas sob ações individuais como respostas às mesmas injustiças e iniqüidades. Conectadas por um processo maior que articula, por exemplo, a questão racial em sua diacronia. A juventude de Padmore em Trinidad o concedeu as bases sob as quais sua consciência racial pôde ser traduzida e ressignificada de diferentes formas nos encontros nos EUA. No caso de Padmore, estes encontros o colocaram em um rumo diferente daquele escolhido por ele ao sair de Trinidad. Segundo Bill Schwarz, Padmore forjou-se enquanto um intelectual universal impelido pelos limites coloniais a vislumbrar um mundo maior, mais global[122].

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

3.1
Malcom Nurse e o Caribe anglófono: educação, classe e raça

O pai de George Padmore desempenhava um papel central na pequena cidade da Arouca, Trinidad. James Hubert Alphonso (Hubert) Nurse era o que poderia ser chamado, segundo Brereton, um exemplo de "*self-made black*"[123] de

[122] Bill Schwarz. "George Padmore". In: **West Indians Intellectuals in Britain**. Manchester: Manchester University Press, 2003, p.132.
[123] Bridget Brereton. **Race Relations in Colonial Trinidad 1870-1900**. American Journal of Sociology, vol. 87, no. 5 (Março 1982), p. 92. Disponível em: http://catdir.loc.gov/catdir/samples/cam031/78072081.pdf Acesso em: 5 abril 2016.

Trinidad. Era o professor do colégio local, ou seja, aquele que em uma cidade pequena compartilhava com o padre ou pároco a liderança da comunidade. Uma figura de destaque e respeito de todos. Padmore, portanto, nasceu em um lar caracterizado pela liderança, trabalho, boas relações e status, na comunidade. Malcom Ivan Meredith Nurse, nome de batismo de George Padmore, forjou-se, portanto, entre a imagem de seu pai e de membro da classe média do Caribe anglófono. Aspecto destacado por C.L.R. James em seu texto sobre Padmore, era o fato de que uma criança, filha de um professor, crescia em uma casa cuja atmosfera estava plena de responsabilidade social e moral para com a comunidade.[124] Entretanto, há indícios de que James, que também era filho de um professor local que lecionou durante toda sua juventude, estivesse relatando um aspecto biográfico pessoal, já que o pai de Padmore lecionou somente até os cinco anos de idade do filho. De toda forma, a educação era uma marca de distinção da classe média no Caribe anglófono.

A educação colonial que compartilhava valores ocidentais operava grande influência na sociabilidade da classe média caribenha. No caso de George Padmore, que sempre fora ao longo de sua trajetória descrito como um homem bem vestido, alinhado, com sapatos engraxados, esta influência talvez seja fruto de uma noção de respeitabilidade manifestada em aspectos físicos, estéticos e endossada pela educação pautada em valores vitorianos. Pode-se questionar, portanto, que as clivagens de classe para Padmore não eram tão tênues ou flexíveis. Para C.L.R. James, haveria uma sufocante e intolerável restrição de raça e classe na vida dos indivíduos do Caribe anglófono[125]. As concessões feitas pelos trinidadianos por conta destas clivagens raciais e sociais demonstrariam uma complacência a qual James acreditou ter sido crucial para a posterior revolta de Padmore. Após deixar Trinidad e Tobago, em 1924, Padmore nunca mais retornaria ao Caribe.

C.L.R. James parece ter superestimado algumas ações do pai de Padmore[126]. Pois buscava, através da figura de Padmore e de outros caribenhos, construir uma tradição radical negra originada no Caribe anglófono. Ele projetou no lar de Padmore um ambiente extremamente letrado e radicalizado. James

[124] C.L.R. James. **Notes on the Life of George Padmore**.The Nation, 2 de Outubro, 1959, p. 9.
[125] Idem, p. 13.
[126] C.L.R. James, 'The Old World and the New', e 'Presence of Blacks in the Caribbean and its Impact on Culture'. In: **At the Rendezvous of Victory**. Londres: Allison and Busby, 1984.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

descreveu a casa dos Nurse como um local repleto de livros do chão ao teto em todas as paredes. Segundo James, ele nunca havia visto um cômodo como este em Trinidad.[127] Um aspecto marcante para James em relação ao pai de Padmore foi sua conversão ao islã e rompimento com a igreja cristã. De acordo com James, após problemas no setor de agricultura no qual trabalhava em Trinidad, Hubert Nurse deixou seu cargo e tornou-se um tutor privado. O argumento foi preenchido com suas interpretações sobre os problemas referentes à sociedade trinidadiana, problemas estes que teriam levado o pai de Padmore a tornar-se muçulmano. Este ato, segundo James atestou, seria uma maneira de definir sua rejeição ao regime o qual ele sempre fora contrário. A versão de James sobre a infância de Padmore, portanto, os coloca sob a mesma linhagem de classe média bem como sob a tradição intelectual do Caribe anglófono, porém apresenta Padmore como um modelo exemplar de figura radical.

Padmore, contudo, apresentou uma memória diferente da de James sobre sua infância. Quando perguntado em 1935 para descrever-se para um editor que visava publicar suas obras, Padmore caracterizou-se como um filho de intelectuais de classe média, descrição que coincide com aquela de James. Mas, ao que parece, Padmore referiu-se a este passado não sem certo desprezo. No final da década de 1930, nas páginas do *International African Opinion*, Padmore descreveu sua estreita experiência de limitações em uma sociedade trinidadiana de classe média que havia falhado em constatar a difícil condição da classe trabalhadora[128]. Anos depois, no único relato pessoal que esta pesquisa encontrou sobre seu pai até o momento, Padmore reforça este relato afirmando que ele havia sido criado em um ambiente opressor de setores médios Vitorianos numa casa de classe média onde a política era um anátema[129]. Sua percepção de que a política não era um componente de seu lar deve ser posta diante das escolhas que fez para sua vida e experiência. Em 1955 apresentou-se, a respeito da política, enquanto alguém que dificilmente poderia ser filho de Hubert Nurse. Descreveu seu pai enquanto um cientista que não compartilhava simpatia por políticos, antes, os considerava "batedores de carteiras". E em relação a isso, Padmore discordava

[127] C.L.R. James. **Notes on the Life of George Padmore**.The Nation, 2 de Outubro, 1959, p. 7.
[128] George Padmore. **A Patriot Has Fallen**, International African Opinion, 1, nº 5, Novembro, 1938, p. 16.
[129] Id., **Bribery and Corruption Among British Statesmen**, Accra Evenning News, 2 Março, 1955.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

veementemente[130]. Portanto, aonde James enxerga um intelectual radical e questionador cuja rejeição à religião do *estabilishment* seria um ato político contra "o regime", Padmore reafirmava um lar opressor e apolítico o qual havia deixado para trás. Representou seu lar enquanto local da complacência a qual James referiu-se ao comentar sobre a ordem social de Trinidad.

O jovem Malcom Nurse cresceu em um ambiente que forjou nele um sentimento de radicalidade diante da complacência e da ausência do político. Entretanto, este ambiente também o ajudou a construir o sentimento de orgulho diante das possibilidades da comunidade colonial negra. O envolvimento de seu pai em um dos primeiros desdobramentos do Congresso Pan-Africano[131], e sua relação com os livros seria a forma pela qual Padmore o admiraria.

Pouco se sabe sobre a trajetória escolar de Padmore. Sua biografia escrita por John Hooker aponta que seus estudos secundários foram realizados em uma das escolas mais conceituadas de Trinidad, a *St. Mary's College of the Immaculate Conception*[132]. Um aspecto que deve ser destacado, do ponto de vista da influência sobre as identificações posteriores, é sua trajetória escolar em Trinidad. Para tanto, vale recorrer à autobiografia de Eric Williams, *Inward Hunger*. O intelectual afirma que "ser britânico não era apenas um slogan legal – do ponto de vista das leis –, mas também um slogan do sistema escolar"[133]. O bom domínio da língua do colonizador, segundo Ivar Oxaal, lançou as bases para a comunicação em massa de ideias políticas que obtiveram longo alcance na colônia[134]. Ao chegar aos EUA, Malcom Nurse era um requisitado escritor de discursos e orador, e manteve esta reputação ao longo de sua trajetória, tendo sido esta, inclusive, a qualidade que o habilitou para ocupar um posto de destaque no *International Trade Union Committee of Negro Workers*, em Moscou e posteriormente, Hamburgo. Este aspecto demonstra que a educação fundamental experimentada em Trinidad teve impacto importante em sua trajetória, tanto como orador, como jornalista e escritor.

---

[130] Idem.
[131] Selwyn R. Cudjoe. **Beyond Boundaries**: The Intellectual Tradition of Trinidad and Tobago in the Nineteenth Century. Wellesley: Calaloux Publications, 2003, p.366
[132] John R. Hooker. **Black Revolutionary**: George Padmore's Path from communism to Pan-Africanism. Nova Iorque: New Praeger Publishers, 1970, p. 3.
[133] Eric Williams. **Inward Hunger**: the education of a prime minister. London: Deutsch, 1969, p. 33.
[134] Ivar Oxaal. **Black Intellectuals and the Dilemmas of Race and Class in Trinidad**. Cambridge: Massachusets Schenkman Publishing Company, 1982, p. 43.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

A educação primária, ao longo do século XIX e do início do século XX, representava para a classe média negra de Trinidad a possibilidade de mobilidade social[135]. Apesar do fato de, antes da Segunda Guerra mundial, apenas 1% das crianças do Caribe estarem matriculadas em escolas secundárias[136]. Isto serviu também para estratificar ainda mais a sociedade trinidadiana sob aspectos raciais, sociais e geográficos, tendo em vista a relação campo/cidade. Este sistema educacional, que era comandado pelo governo colonial, orientava-se por divisões a fim de que o mínimo de educação fosse garantido a uma parcela da população que por sua vez permanecia sob as mesmas bases raciais e sociais desiguais, intocadas. Pois, como comenta Eric Williams, ainda que a escola ajudasse a obliterar diferenças de raça, religião e nacionalidade inerentes à estrutura demográfica de Trinidad, em outra instância isto também servia para acentuar tais diferenças para além dos muros da escola[137]. Neste sentido, o caso do pai de Padmore é emblemático da proposta da administração colonial em fazer com que jovens das áreas rurais não deixassem suas regiões tampouco alimentassem expectativas educacionais foras do "padrão". Hubert Nurse muda de área de conhecimento educacional e passa a lecionar e pesquisar sobre agricultura.

Em 1911, apenas um entre dez rapazes e uma entre quatorze garotas frequentavam a escola no Caribe anglófono. Isto nos alerta sobre as altas taxas populacionais em idade escolar às quais era negado o direito a educação. O que por sua vez remete ao comentário de Eric Williams sobre a escola e as estruturas sociais e raciais. Mas também traz luz sobre a trajetória de Padmore, na ruptura radical com este cenário e na busca pela organização dos trabalhadores negros urbanos.

O aspecto racial na vida de Padmore foi marcante e, portanto, seu período escolar deve ser considerado como fundante para suas futuras articulações raciais internacionais. O orgulho racial na Trinidad colonial e o particular orgulho de uma classe média negra guardam relações estreitas em uma ilha na qual os aspectos raciais e sociais ditavam seu status, bem como nas distinções de cor. Ou

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[135] Bridget Brereton. A History of Modern Trinidad, 1783-1962. Londres: Heinemann, 1981, p. 127. Disponível em :<http://catdir.loc.gov/catdir/samples/cam031/78072081.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2016.

[136] Anne Spry Rush.**Bonds of Empire**: West Indians and Britishness from Victoria to Decolonization. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 25.

[137] Eric Williams Williams. **Inward Hunger**: the education of a prime minister. London: Deutsch, 1969, p.22.

seja, quanto mais claro – *coloured* ou *mixed* – mais prestígio social. Para James o fato de Padmore ser identificado como negro antes de "de cor" (coloured) era crucial. O fato de ter crescido em tal ambiente, de uma comunidade negra distinta, representada pela família exemplar, tem relação direta com seu orgulho racial e sua indignação posterior quando tratado enquanto raça inferior. James atentou-se para a importância da mãe de Padmore, cujo sobrenome, Symister, designava uma família de negros proveniente de uma cidade particular[138]. Seu avô materno havia sido prefeito da cidade de Arima, que era comandada por negros. Isto fez com que Padmore passasse suas férias com sua família materna experimentando um ambiente no qual, homens negros, possuíam poder e prestígio.

Vinculado à percepção de James quanto à identificação de Padmore como um negro proveniente da Trinidad colonial, é importante considerar também sua necessidade de falar da negritude enquanto conectada a diversas questões identitárias, e não a apenas uma. A negritude seria um aspecto digno de questionamento histórico em que se levassem em conta aspectos contextuais, suas diferentes representações e ocorrências. Padmore, diferente de James, não tratava de *sua* negritude. Tratava a identidade do negro de maneira historicizada e global. Não há relatos pessoais de Padmore sobre restrições causadas por conta de aspectos raciais como encontrados em George Lamming, por exemplo[139]. Padmore escreveu livros nos quais a condição do trabalhador negro era apresentada enquanto inserida em um sistema imperial global com fortes decorrências por questões raciais. Em seus textos jornalísticos, enfatizou as conquistas culturais e políticas de líderes negros, mas não deixou de lançar críticas ao sistema de '*colour bar*' na Grã-Bretanha e suas colônias.

Ainda que as conclusões de James sejam valiosas para refletir sobre a experiência individual de Padmore e sua identidade, o intelectual em questão possui poucas evidências da articulação desta experiência aos protestos pessoais. Aimé Césaire, por sua vez, articulou em seus protestos a categoria de "alma", ao mencionar a '*black soul*' como forma de individualizar uma experiência geral[140]. Marcus Garvey, em sua proposta de unidade negra, apresentou como sua grande

[138] C.L.R. James. **Notes on the Life of George Padmore**.The Nation, 2 de Outubro, 1959, p. 4
[139] Manuela Ribeiro Sanches (Org.). **Malhas que os Impérios tecem** – Textos Anticoloniais Contextos Pós-coloniais. Lisboa: Edições 70, 2011.
[140] Aimé Césaire. **Notebook of a Return to My Native Land**.Nova Iorque: Monthly Review Press, 1972, p 133.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

expressão comum a restauração da dignidade do indivíduo dentro de uma perspectiva material[141]. De maneira diferente, Padmore situou o racismo em um sistema maior, político, econômico e territorial concebido enquanto um componente de um sistema: o imperialismo. Sua preocupação e foco no continente africano estariam vinculados a sua percepção de que a necessidade de restauração da dignidade racial deveria acontecer, sobretudo, no local em que estas injustiças tiveram sua gênese e a partir do qual seguiram sendo reproduzidas. Portanto, esta '*negridade*' variaria não apenas no tom da pele, mas na localização geográfica ou contexto sócio histórico ao qual se inseria. Padmore, assim como C.L.R. James, irá politizar o conceito de raça e ressaltar a importância das questões raciais diante das lutas dos trabalhadores. Este *topos* diferenciado deveria incluir as múltiplas maneiras pelas quais os indivíduos reinterpretariam sua imagem externa diante do contexto político de resistência ao qual se inseriam, pessoal, comunal, ou por fim sistêmico, como Padmore o fez.

Não seria difícil imaginar que as possibilidades para um jovem negro que acabara de terminar os estudos secundários em Trinidad seriam poucas. O número de bolsas de estudo para universidades britânicas somava três ao ano. A carreira escolar de Padmore não lhe garantiu uma destas bolsas. Neste sentido, compreende-se a ida de Padmore para os EUA e não para a Grã-Bretanha, inicialmente. Ele poderia pleitear uma profissão de nível médio em Trinidad ou cursar uma universidade nos EUA sob suas expensas. Isto certamente o habilitaria a retornar para Trinidad e seguir sua vida ao lado de sua esposa e sua filha que estaria por nascer.

Padmore não buscou de imediato a educação superior, mas conseguiu um emprego no *Trinidad Guardian*, jornal diário de Trinidad tido como a "mais poderosa voz dos interesses da classe branca dominante na colônia"[142]. Sua função era a de reportar ao jornal os navios que chegavam, partiam, a lista de passageiros, etc. Desta maneira Padmore entrou em contato com uma dinâmica de bens e informações em um fluxo constante, esta vitalidade seria crucial em sua atividade política anticolonial futura. Iniciava-se sua trajetória de navegante dos

[141] Robert Hill. "Introduction". In: **Marcus Garvey and UNIA Papers**, volume 10, Africa for the Africans. Berkeley, California: University of California Press, 2006, p lxxxi.
[142] Kelvin Singh.**Race and Class Struggles in a Colonial State**.Calgary: University of Calgary Press, 1994, p. 17.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

portos, navios e ideias políticas. De um homem das chegadas e partidas, da inconstância dos portos, das encruzilhadas [*crossroads*].

Nos anos em que trabalhou para o jornal, sua coluna aumentou de tamanho, passando de um quarto de página, em 1919-1920, para metade de uma página em 1922. A crise causada na ilha por conta do pós-Primeira Guerra causou, em 1919, protestos de trabalhadores ao longo da ilha. O *Trinidad Guardian* cobriu estes eventos demonstrando pouca simpatia pela causa dos trabalhadores. Um artigo publicado em janeiro de 1920, questionava a falácia de acreditar que as demandas audaciosas dos trabalhadores por aumentos salariais trariam desenvolvimento econômico e industrial para a ilha. O editor do jornal acreditava que Trinidad não tinha com o que se preocupar diante destas demandas dos trabalhadores, pois tratava-se de uma sociedade agrária e assim permaneceria desde que os preços de suas *commodities* continuassem altos. Era comum que nas páginas do jornal os trabalhadores do Caribe anglófono fossem retratados como criminosos[143].

Em suas notas James menciona que Padmore buscou seu futuro nos EUA impelido pelas humilhações e subordinações que seus colegas negros passavam no jornal trinidadiano[144]. Os anos vividos no jornal serviram de base para sua carreira posterior que utilizou a imprensa para destacar e ampliar o debate sobre as questões raciais e os problemas dos trabalhadores ao longo do mundo.

Assim como sua educação, seu casamento também trouxe a marca do local social de sua família em Trinidad. O custo de um casamento era, por si só, um aspecto que tornava tal festa algo para poucos na ilha. Em 1911, 73 de cada 100 homens e 64 de cada 100 mulheres não eram casados[145]. O casamento, portanto, era a marca de Malcom Nurse e indicava suas intenções de seguir o curso de uma família de classe média local. Um casamento requeria bens e, sobretudo, uma posição profissional que fosse suficiente para sustentar uma casa e sua família. A partir deste fato pode-se interpretar sua ida para o Harlem em 1924 como uma tentativa de perseguir este status profissional e uma formação universitária a altura. Obviamente não significa negar suas motivações intelectuais e políticas. Tampouco cabe mencionar que não havia sentimentos maiores envolvidos no

[143] C. L. R. James. **Notes on the Life of George Padmore**. The Nation, Outubro, 2, 1959, p. 5.
[144] Ibidem, p.12.
[145] Eric Williams. **Inward Hunger**: the education of a prime minister. Londres: Deutsch, 1969, p. 18.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

casamento com Julia Semper. Padmore manteve contato com sua esposa por décadas após sua partida e a incluiu em seu testamento, apontando para a importância deste compromisso para ele. Este casamento se coloca como um importante traço biográfico já que, primeiramente, demonstra sua visão inicial daquilo que seria necessário para sua vida e em segundo, um traço que, apesar de latente, permanece como parte de sua vida no exílio. Ainda que Padmore tenha se envolvido com outras mulheres e até mantido uma relação estável com Dorothy Pizer, Padmore jamais se casou com ela.

3.2
Solidariedades transnacionais e epistemologias viajantes

No interior da experiência da Diáspora Negra foram forjadas concepções de liberdade, identidade, raça, nação, estado, enquanto operavam dentro de um arranjo transnacional de solidariedade que chocava-se com a noção de soberania largamente aceita pelo ocidente, desde a Paz de Westphalia, em 1648. Vale lembrar que neste tratado inaugura-se na história europeia a soberania pautada no território do estado-nação baseado nas concepções políticas europeias modernas. Este arranjo orientou as relações internacionais entre Estados. O que a Diáspora Negra fez, foi desafiar este concerto internacional de estados e territórios, enquanto questionava o colonialismo e o racismo inseridos em um sistema global de opressão.[146] Este desafio foi colocado, sobretudo, a partir das noções de solidariedade estabelecidas entre os negros da diáspora.

François Xavier Guerra, em sua obra *Modernidad e independencias*, apresenta alguns ensaios nos quais muito se ilustra o que se pode ensinar a partir de uma História política sensível à dimensão simbólica da vida social e da ação histórica. A "relação entre atores" – escreveu Guerra – "não se rege apenas por uma relação mecânica de forças, mas também, e sobretudo, por códigos culturais de um grupo ou de um conjunto de grupos sociais em um dado momento"[147].

[146] Anthony Bogues. "Radical anti-colonial thought, anti-colonial internationalism and the politics of human solidarities". In: Robbie Shilliam (org.) **International Relations and Non-Western Thought**: Imperialism, Colonialism and Investigations of Global Modernity, Routledge, 2010, pp. 197-214.
[147] François-Xavier Guerra. **Modernidad e independencias**. Madri: Mapfre, 1992, p. 14.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

A solidariedade tecida entre os negros da diáspora pode ser percebida em diversos aspectos. A ênfase na opressão global sofrida pelos negros, e, portanto, na necessidade de uma luta conjunta de causa comum. Este aspecto chama atenção para as formas de identificação forjadas neste processo. A dispersão de negros ao longo da modernidade representou, nos discursos diaspóricos negros, as visões do êxodo e do retorno à terra natal. O retorno, que seria um retorno de fato, físico, seria também o esforço de identificação cultural com aquilo que se identificava como a "África" e que lhes permitia assumirem-se enquanto um 'povo africano'. Ou seja, a África se apresentava enquanto raiz e rota, enquanto um porto importante em meio às rotas e viagens, território concreto e subjetivo.

A ideia do retorno à África apresentada no seio do liberacionismo negro que, entretanto, era composta pela motivação da modernização e regeneração do continente, pode ser articulada a uma cadeia maior de questionamentos e aproximada das mais recentes questões pós-coloniais. Ou seja, assumindo-se o "*pós*" enquanto algo que esteja além da mera condição cronológica, o retorno à África pode ser concatenado a propostas pós-coloniais por seu caráter militantemente anticolonial diante de um cenário no qual a "dupla consciência" dos negros era evocada. Sem dúvida, esta operação interpretativa deve levar em consideração os processos transnacionais, bem como as frmulações teóricas de intelectuais negros que reivindicavam sua autoinscrição na modernidade.

O movimento liderado por Marcus Garvey, por exemplo, propunha o retorno ao continente africano sob uma perspectiva *deslocada*, do ponto de vista do colonialismo, da noção de colonizado. Garvey acreditava que o continente africano deveria ser por excelência palco das relações entre negros – ainda que isto não implicasse necessariamente relações simétricas entre os afro-americanos e africanos. Garvey, em 18 de agosto de 1920, foi nomeado presidente provisório da África em convenção da *Universal Negro Improvement Association*. Este sentimento de pertença, compartilhado também pelos poetas da négritude, vinculava-se a um continente que durante séculos foi considerado sem história, sinônimo das mais profundas trevas e povoado por habitantes mais afastados dos processos de civilização e da conquista da racionalidade. Portanto, para alguns

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

membros de uma elite negra transnacional, considerar-se um colonizado não era algo evidente – muito menos confortável[148].

Em 1903, W.E.B. Du Bois publica seu livro *The Souls of the Black Folk*[149], obra fundamental do ponto de vista das questões vinculadas à identidade dos negros na passagem do século XIX para o XX. Nesta obra, Du Bois, não só reconhecia a contribuição fundamental da cultura negra para os EUA, porém evidenciaria suas afinidades com a "terra mãe". Identificando uma "dupla consciência" na qual o indivíduo pertence e não pertence ao país em que nasceu – dadas as condições raciais que fazia com que negros nascidos em território norte americano fossem considerados seres inferiores destituídos de direitos básicos. Reivindica desta maneira a regeneração da dignidade perdida, alertando para a contribuição específica da cultura africana e negra para o continente americano. Entretanto, não deixa de denunciar a ausência dos direitos políticos dos negros americanos, o que posteriormente se tornaria a reivindicação pela libertação de todos os negros do continente africano e na diáspora. O que se observa, é uma afiliação múltipla, ambivalente, que reconhece na cultura negra americana traços distintivos, em alguns casos superiores, por outro lado também reconhece o modo como ela transcende o continente em que se instalou e inspirou.

Du Bois nos serve para que as análises da solidariedade construída entre os negros da diáspora sejam vistas em uma moldura de tensões e distante de essencialismos homogeneizadores. Du Bois, apesar de ter escolhido a nacionalidade ganesa ao fim de sua vida, atribuiu certa impossibilidade de um regresso ao continente africano para os membros da diáspora. Em *The Souls of the Black Folk*, Du Bois salientou a necessidade tanto da africanização dos EUA bem como da americanização da África, ou seja, o reconhecimento da contribuição dos descendentes de escravos para a cultura norte-americana, mas também seus laços com o lugar de origem. A afiliação à África era, antes, uma afiliação através da imaginação, da identificação diaspórica semelhante à vertente judaica não sionista, desterritorializada, do que uma afinidade territorializada, essencial e teleológica. Aspecto central da tradição radical negra aqui discutida é a relação que, posteriormente, Du Bois assumirá com a análise marxista do movimento

[148] C.L.R. James. "Presence of Blacks in the Caribbean and its Impact on Culture". In: **At the Rendezvous of Victory**. Londres: Allison and Busby, 1984, pp. 199-201.
[149] W. E. B. Du Bois. **The Souls of Black Folk**. New York: Bantam Classic. 1903.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

operário negro. Este deveria manter-se insubsumível às reivindicações do proletariado europeu, já que este não reconhecia as relações entre capitalismo e racismo[150]. Esta questão está no cerne das leituras posteriores que intelectuais tais como, Eric Williams e C.L.R. James farão da escravidão enquanto um momento inerente à modernidade, e não enquanto um evento "desumano" e pré-moderno.

A dupla consciência é uma matriz teórica e prática, para aqueles que militavam em prol da melhoria das condições de vida dos negros e da libertação colonial da África. É o que vai permitir tanto conciliar como reagir diante da tensão produtiva das encruzilhadas e das frestas, do reconhecimento da diferença – como na *négritude* francófona –, de uma cultura específica, do orgulho racial, da ênfase no pertencimento, nas solidariedades raciais e transnacionais, tudo isso unido pelo desejo da emancipação, da libertação e da dignidade *humana*. Neste diálogo com o mundo, a *diferença* questiona e possibilita, ao mesmo tempo, o *universalismo* sob o qual os direitos fundamentais negados aos negros baseavam-se. É a convivência entre diferença e universalidade. Esta postura possibilitou e encorajou, Du Bois, assim como posteriormente fará George Padmore, a buscar através dos Congressos Pan-Africanos um sonho de emancipação dos negros. Esta iniciativa ganha corpo e fôlego depois do retorno de soldados negros que haviam lutado na Primeira Guerra mundial. Experiência semelhante será vista no pós-Guerra II, onde o sentimento de exclusão diante das sucessivas promessas de inclusão não realizadas servirá de combustível para novas formas de solidariedade transnacional.

Estes aspectos trazem a questão posta neste contexto de início do século XX sobre a liberdade dos povos negros. A menos que o continente africano estivesse livre da opressão colonial, nenhum negro disperso no ocidente poderia ser livre. Vide o slogan da UNIA, "África para os africanos, do continente ou de alhures". A organização de Marcus Garvey reivindicava o fim do colonialismo na África e na África do Sul, reivindicava o fim do colonialismo dos holandeses e dos britânicos. Esta percepção global não era recente. Quobna Ottobah Cugoano, em 1787, na obra, *Thoughts and Sentiments on the Evil of Slavery*, questiona direito natural cristão no século XVIII. O que estava em jogo para Cugoano era a

[150] W.E.B. Du Bois. **Black Reconstruction in America**: Toward a History of the Part Which Black Folk Played in the Attempt to Reconstruct Democracy in America, 1860-1880. Nova Iorque, Harcourt, Braceand Company, 1935, p. 11.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

reivindicação do fim da escravidão e do controle dos impérios coloniais que segundo ele eram sistemas que possuem um "método pérfido e mórbido de formar colônias e adquirir riquezas e territórios"[151]. Cugoano reivindicava o fim do colonialismo na colônia do Cabo.

Desta maneira, Cugoano instaura no pensamento político da diáspora africana a preocupação combinada entre a opressão específica sofrida nas Américas e Caribe com o fim do colonialismo na África. Cabe ressaltar que, para Cugoano, ex-escravo que deixou a colônia de Granada, no Caribe, rumo a Londres, no momento da publicação do livro o que estava e jogo não era meramente uma solidariedade forjada entre Caribe, Américas e África, mas a compreensão de que o sistema de opressão colonial era global. Outro aspecto central em suas reflexões, o fim deste sistema de opressão requeria ações comuns através dos limites formais dos territórios.

No século XIX não era pequeno o número de indivíduos caribenhos que habitavam cidades portuárias africanas. Em 1904, o censo da Cidade do Cabo registrou que havia 487 indivíduos de origem caribenha vivendo nesta cidade. Não causa espanto, portanto, que Henry Silvester Williams, que assim como Padmore havia nascido em Trinidad, após deixar Londres em 1903 tornou-se advogado na Cidade do Cabo[152]. Em março de 1904, Williams coordenou um encontro para organizar protestos contra as más condições das "pessoas de cor" – *coloured people* – no Transvaal e arredores com outros fundadores do *South African Citizens Defence Comittee*. Ele deixou a África do Sul em 1905, mas lá permaneceram outros caribenhos e norte-americanos que advogaram em prol de lutas em favor da África continental e dos interesses da diáspora africana, tais como Martin Delany, Bishop Turner, John Bruce, além de, Edward Blyden.

A presença de caribenhos e de afro-americanos no continente africano, particularmente marinheiros, deve servir de base para que se compreenda que a Diáspora Negra foi experimentada e atravessada por diversos locais e rotas. Para além da questão territorial e geográfica, devemos estar alertas para o fluxo de ideias neste processo. Este processo por sua vez gerava novas ideias que seriam adaptadas e readaptadas em seus trânsitos. Ao passo que havia este movimento e

[151] Ottobah Cugoano. **Thoughts and Sentiments on the Evil os Slavery**. Londres, Penguin Classics, 1999, p. 65.
[152] Marika Sherwood. **Origins of Pan-Africanism: Henry Silvester Williams, Africa and the African Diaspora**. Londres: Routledge, 2010.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

de pessoas, havia um trânsito contínuo de ideias políticas[153]. No início do século XX o movimento político liderado por Marcus Garvey exemplifica esta noção.

Não se pretende recontar a história da UNIA aqui, entretanto cabe destacar que em meados de 1920, as ideias de Garvey poderiam ser facilmente consideradas as mais divulgadas e de maior influência, além de ser, a UNIA, a maior organização negra atuando em nível global. O continente africano era central para a atuação da UNIA e de Garvey. De acordo com Tony Martin, "Garvey via a África essencialmente como o único local no qual os negros poderiam ter a oferta bem sucedida de igualdade em relação a outras nações e raças"[154]. A ameaça causada pela UNIA nas autoridades coloniais era tão forte que em 1923, as autoridades coloniais britânicas baniram Garvey de algumas colônias africanas quando de seu anúncio de um tour pelo mundo, incluindo a África. O *The Negro World*, jornal da organização, também foi proibido em diversas colônias. Martin também propõe, entretanto, que o sucesso da UNIA era mais efetivo na África do Sul. Segundo o autor, havia delegados da organização na Conferência Não Europeia em Kimberley, de 1927. A UNIA mantinha relações com o *Industrial Commercial Worker's Union*, ICU, e o *African National Congress*, ANC. Os indivíduos envolvidos nas atividades da UNIA na África do Sul não eram apenas os caribenhos ou africanos, havia também afro-americanos.[155] O trabalho político de Garvey e seu foco singular no continente africano ajudaram a criar as condições internacionais para outros negros radicais na diáspora costurarem as solidariedades que buscassem relacionar a África aos interesses mais específicos da diáspora africana.

A relação de Padmore com o movimento político de Marcus Garvey, ajuda a compreender o caráter polifônico da diáspora, bem como auxilia na percepção das disputas internas ao internacionalismo negro e de suas solidariedades. Em um caso específico, na universidade de Howard, George Padmore – neste momento ainda Malcom Nurse – conheceu Cyril Olivierre, ambos estudantes desta universidade. Olivierre era presidente de um Clube chamado *Garvey Club*[156] e Nurse tornou-se secretário do *International Anti-Imperialistic Youth League*. A

[153] Anthony Bogues. **Black Heretics, black prophetics: radical political intellectuals**. Nova York: Routledge, 2003.
[154] Tony Martin. **Race First**. Westport: Greenwood, 1976, p. 113.
[155] Idem, Ibidem.
[156] John Hooker. **Black Revolutionary**: George Padmore's Path from communism to Pan-Africanism. Nova Iorque, New Praeger Publishers, 1970, p. 7.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

dupla organizou,em 1928, um protesto contra o embaixador britânico dos Estados Unidos, sir Esme Howard.[157]

Padmore operou a partir de uma identificação anti-mperialista neste evento, ainda que isto representasse lutar em prol de um intelectual ao qual ele mantivera-se bastante crítico enquanto membro do Comunismo Internacional, Marcus Garvey. O embaixador Sir Esme Howard seria um dos convidados principais de um evento no campus. Alain Locke, que foi um dos professores de Padmore na Universidade de Howard e manteve extenso contato com ele, falaria no evento sobre o significado da mente internacional[158]. Ainda que esta fala e este tema pudessem, também, ser interpretadas como motivo da presença de Padmore no evento, sua presença torna-se ainda mais significativa quando se revela o propósito do protesto. Não se tratava de um protesto contra o embaixador britânico, simplesmente, um representante do imperialismo. O embaixador havia sido acusado de envolvimento na deportação de um intelectual negro. Tratava-se de um protesto contra a deportação de Marcus Garvey. Sua participação nos protestos é uma demonstração de seu pragmatismo e das múltiplas identificações diante da luta antirracista e antimperial, ainda que significasse o apoio a um intelectual, Garvey, cujas ideias eram severamente combatidas por ele[159].

As críticas de Padmore orientavam-se ao modelo organizacional da UNIA. Contudo, ainda que Padmore e outros criticassem o movimento e as ações de Marcus Garvey desenvolvendo outras formas de internacionalismo negro, eles não poderiam ignorar suas conquistas e prestígio. Mas deveriam disputar a influência frente aos trabalhadores negros. No caso específico da África do Sul, por exemplo, Padmore considerava a importância estratégica do movimento sindical. Em seu livro publicado em 1931, *The Life of Negro Toilers*[160], critica a dominação imperial do continente africano, destacando que o sindicato da África do Sul é o mais importante dentre os sindicatos africanos. Com isso, constata que,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[157] Tony Martin. **The Pan-African Conection: from slavery to Garvey and Beyond**. Massachussets, The New Marcus Garvey Library, 1983, p. 81.

[158] George Padmore. "With the Negro Workers".**Labour Unity**. 17 de agosto, 1929.

[159] Padmore considerava Garvey um negro impostor que explorava trabalhadores incautos da mesma raça para seus próprios interesses. Ver George Padmore. "With the Negro Workers".**Labour Unity**, 17 de agosto, 1929.

[160] Este livro foi resultado de uma conferência internacional de trabalhadores negros organizada por Padmore em Hamburgo, em 1930. Até onde se sabe, esta foi a primeira conferência organizada por trabalhadores negros.

> Politicamente, o país está sob a completa dominação da Inglaterra e dos imperialistas Bôeres, que exploram a população nativa da mais brutal maneira. Para alcançar este objetivo a burguesia sul-africana impôs à população nativa o que é conhecido como os sistemas de *reserve* e *compound*, juntos a uma série de leis raciais e repressões anti-trabalhistas[161].

Marcus Garvey era criticado por ser, segundo Padmore, um agente do imperialismo britânico[162]. Em seus primeiros trinta anos de vida, Padmore concentrou-se na tarefa de construir uma rede transnacional de trabalhadores negros, sendo inclusive, no ano de 1929, chamado à Moscou para organizar a *International Trade Union Committee of Negro Workers*. Padmore, que até 1934 esteve formalmente vinculado ao projeto comunista, creditando à via revolucionária a saída para a opressão imperialista, considerava que Garvey seria uma liderança reformista, e não revolucionária. Considerava, assim, que líderes negros, inclusive aqueles ligados ao Gandhismo, seriam traidores do movimento dos trabalhadores negros. Cabe ressaltar que a Internacional Comunista considerava o movimento político de Garvey como perigoso e antidemocrático orquestrado com atributos aristocráticos.

Esta aparente contradição entre as críticas à Garvey e a seu movimento UNIA em 1931 e sua presença num ato contra o embaixador envolvido no impedimento de que Marcus Garvey viajasse para colônias britânicas, em 1928, podem servir de base para que se perceba tanto o pragmatismo de Padmore; sua preocupação com questões sistêmicas e globais para além de questões locais; as disputas políticas no interior do pensamento negro radical. Padmore estava diretamente interessado em fazer valer a estratégia da Internacional Comunista a qual esteve vinculado formalmente até 1934. Padmore, conhecido e celebrado por suas habilidades organizacionais e oratórias, articulou de todas as formas para que os trabalhadores negros, nos EUA e no continente africano, estivessem ao redor da estratégia do comunismo soviético. Sabendo de sua influência transnacional, lançou críticas severas aos líderes sul africanos do *Industrial Workers Union*, Clements Kadalie e W. A. Champion[163].

---

[161] George Padmore. **Life and Struggles of Negro Toilers**.London: Red International of Labour of Unions Magazine for the International Trade Union Committee of Negro Workers, 1931, pp. 9-10.
[162] Idem, p. 124-125.
[163] George Padmore. **Life and Struggles of Negro Toilers**.London: Red International of Labour of Unions Magazine for the International Trade Union Committee of Negro Workers, 1931, pp. 124-125

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

O posicionamento ambivalente de Padmore pode ser interpretado pela disputa da hegemonia da organização e mobilização das massas de negros trabalhadores no cenário global. Contudo, mas também, suas críticas ao líder da UNIA, não deixam dúvidas que ele também buscou disputar o local de fala do anti-imperialismo na diáspora africana, mais especificamente no movimento estudantil de esquerda dos EUA. Ainda que Garvey estivesse fora da órbita da estratégia da Internacional Comunista, no que diz respeito a sua organização das massas e de seus objetivos imediatos, Padmore interpretou que a restrição de circulação de um homem negro nas colônias britânicas pelo poder imperial seria uma afronta[164].

Outro aspecto vinculado a esta solidariedade entre os negros era a prática, dentro da política internacional, de um internacionalismo negro e um anticolonialismo negro radical. Para a UNIA e alguns idiomas políticos do internacionalismo negro anteriores a 1945, a África era o esteio para identidades políticas que reivindicavam alguma nacionalidade. Para Padmore e James, por exemplo, o termo África funcionava enquanto um projeto de atuação rumo à reivindicação da autodeterminação e emancipação dos negros. A partir desta prática política o pensamento de intelectuais negros, radicais, na diáspora desenvolveu uma concepção dos direitos e da cidadania baseada na solidariedade humana. Estas concepções também encontravam esteio na tradição de escritos tais como o trabalho de J.J. Thomas e sua obra *Froudacity*[165]. Thomas questiona James Anthony Froude, viajante britânico que afirmava na obra *The English in the West Indies*[166] as colônias britânicas do Caribe não estavam preparadas para ter o direito ao voto e ao autogoverno.

Esta concepção de solidariedade humana permitiu que as solidariedades construídas a partir daí estivessem baseadas em uma noção de solidariedade na qual por terem sido oprimidos os africanos deveriam encontrar formas comuns de luta e atuação. A solidariedade pautada nos direitos do homem também estava baseada na compreensão de que o colonialismo oprimia outros povos. Esta forma de atuação criava uma agenda transnacional de solidariedade entre negros

[164] Ibidem, p. 148.
[165] J.J., Thomas. **Froudacity**. Disponível em: <http://pdfbooks.co.za/library/J._J._THOMAS-FROUDACITY.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2015.
[166] James Anthony Froude. **The English in the West Indies**. Cambridge: Cambridge Library Collection, 1888.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

descendentes de africanos lutando contra o colonialismo, entretanto sem perder de vista a luta contra o imperialismo que tornava possível que diversos impérios oprimissem diversos povos numa cadeia e estrutura colonial.

Agregada a estas noções de transnacionalismo e de anti-imperialismo, a condição de exílio de alguns intelectuais negros abre campo para ilações e formulações. Edward Said caracteriza o exilado como,

> um náufrago que, de certo modo, aprende a viver com a terra, não nela; ou seja, não como Robinson Crusoé, cujo objetivo é colonizar sua pequena ilha, mas como Marco Polo, cujo sentido do maravilhoso nunca o abandona e que é um eterno viajante, um hóspede temporário, não um parasita, conquistador ou invasor[167].

Interessa aqui apontar as potencialidades do olhar singular do intelectual exilado, imerso na experiência do *deslocamento*. George Padmore não viveu no "*entre lugar*", tampouco *no meio* de territórios. Viveu e processou suas experiências com os territórios e não neles, viveu *em meio* aos territórios e mares. Como aponta Enzo Traverso, estas experiências que marcaram o século XX, são fontes extraordinárias de produção intelectual tecendo "laços entre línguas e as literaturas, retirando-as de seus compartimentos, hibridando-as, outorgando-as traços cosmopolitas e supranacionais"[168]. Estas observações permitem nos questionarmos sobre as dimensões do exílio para além do fenômeno exclusivamente político nos mantendo, ao mesmo tempo, conectado a essa dimensão. Enzo Traverso traça em sua abordagem um perfil psicológico destes intelectuais, "sismógrafos", que mediram a intensidade dos abalos sísmicos da violência nas sociedades do século XX. Estes analistas da violência subterrânea – ou soterrada pela historiografia – na sociedade moderna viviam os conflitos decorrentes das mencionadas violências, internamente, e, exatamente por isso, de forma intensa, tal como faz transparecer em suas produções discursivas. Fora de suas sociedades de origens, esses intelectuais *deslocados* seriam mais sensíveis às violências existentes nas sociedades que observavam, por conta da própria fragilidade em muitos casos, ao mesmo tempo, material e simbólica de suas condições de vida.

---

[167] Edward Said. **Representações do Intelectual**: as Conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 67.
[168] Enzo Traverso. **La Historia Como Campo de Batalla**: interpreter las violencias del sigloXX. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012, p. 237.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Traverso ressaltou que as múltiplas repercussões da *distância* podem constituir uma hermenêutica para o estudo do pensamento crítico de intelectuais exilados. Diversos movimentos relativos à *distância* podem ser identificados de um modo a que esta hermenêutica "acentua ou neutraliza tanto a empatia como a mirada crítica dos observadores"[169]. Esta hermenêutica pode decorrer do estranhamento em relação à sociedade da qual vieram, observada com distância, mas também, da nova onde vivem e da qual usualmente não se é dado viver a cultura local como aquele ar natural que se respira. Existe, porém, uma importante ressalva: "Se bem a distância modifica as miradas, não produz, necessariamente, ideias novas. A hermenêutica da distância tem seus limites; não é mais que uma possibilidade criada pelas condições de deslocamento"[170]. A Diáspora Negra, portanto, é aqui compreendida enquanto um processo que possibilita a experiência desta hermenêutica apontada por Traverso.

Os negros do Caribe anglófono experimentaram uma intensa rede de migração interna. Esta região está vinculada a uma dinâmica de mobilidades e encruzilhadas, de uma cultura do *deslocamento*. Estes homens foram forjados pela – e com a – noção de movimento e capacidade de cruzar fronteiras nacionais com certa facilidade. Ao comentar a experiência de exilados judeus, Enzo Traverso, além do aspecto supranacional destes indivíduos, destaca as contribuições de Ernst Kantorowicz, no que diz respeito à noção de patriotismo. Kantorowicz publica, em 1950, artigo que se propunha a construir – e a desconstruir – o mito da morte pela pátria[171]. A experiência do *deslocamento*, portanto, possibilita que aqueles que a experimentam tomem como instáveis seus pertencimentos e traços identitários percebidos a partir da lógica territorial. Não obstante, permite que se observem eventos e processos a partir de uma perspectiva mais global.

Neste sentido, deve-se atentar aos processos relativos à construção das identidades. A noção de identidade é demasiadamente complexa, pois como propõe Stuart Hall, comportando-se como muitos outros fenômenos sociais, torna-se praticamente impossível oferecer afirmações conclusivas ou julgamentos seguros sobre a mesma. Cada um de nós é constituído por elementos múltiplos que não se resumem a referenciais empiricamente verificáveis, como o local de

[169] Idem, p, 238.
[170] Ibidem, p, 245.
[171] Ernst Hartwig Kantorowicz. **The Fundamental Issue**.Berkeley: University of California.1950. Disponível em: <http://ark.cdlib.org/ark:/13030/hb0f59n9wf>. Acesso em: 5 ago. 2016.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

nascimento, sexo ou a cor da pele, por exemplo. Pertencemos a uma – ou várias – tradição, a um – ou mais de um – grupo, a uma – ou múltiplas – nacionalidade e somos atravessados por várias dessas pertenças ao mesmo tempo. Estes vestígios por sua vez foram – e são – atravessados por outros vestígios conseqüentemente e constantemente. Trata-se de um processo. O sentimento de pertencimento freqüentemente muda ao longo de nossa vida, conforme nossos trajetos e os momentos históricos.

Recorrendo à etimologia, a palavra identidade vem do latim *identitas*, *identitate* e inicialmente se caracteriza pela percepção do mesmo, daquilo que é igual, idêntico. A identidade, por sua vez, será aqui utilizada distante da própria etimologia da palavra que está associada ao termo latim *Idem* que quer dizer a mesma coisa, igualdade, perfeitamente igual; contrariando esse pensamento, a identidade passa a ser compreendida nos tempos atuais na relação com a *diferença*. Essa concepção de identidade está relacionada com o pensamento de Stuart Hall, que a compreende como uma "celebração móvel"[172], assim como Homi K. Bhabha, que afirma que pensar nas identidades é pensar nas fissuras, nas negociações, no movimento, na relação com o outro.[173] Outro componente importante da identificação é estar atento as suas vinculações e negociações com vestígios sincrônicos e diacrônicos. Ou seja, como elementos identitários e culturais são realocados em função de um contexto sócio histórico específico sejam estes contemporâneos ou passados. Cabe, portanto, ressaltar a historicidade das identidades e da nacionalidade.

Claude McKay, por exemplo, cujos versos inquietos vincularam-se não apenas ao *Harlem Renaissance*, mas também aos caminhos trilhados pelos negros desde o Caribe anglófono, Estados Unidos, Rússia e África, operou com trânsitos semelhantes aos que George Padmore faria menos de uma década depois. Frantz Fanon, assim como George Padmore, ganharia proeminência e importância na década de 1950 enquanto lutava por uma forma de dar suporte aos revolucionários africanos para além dos limites da Guerra Fria, lançando mão de arranjos epistemológicos inovadores e originais. Atuaram nas fissuras, experimentaram a tensão das encruzilhadas, negociaram com, e *através de*, formas múltiplas de

[172] Stuart Hall. **Da Diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2005, p. 13.
[173] Homi Bhabha. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

identificação e inscrição, fossem elas políticas, raciais, ideológicas, etc. Além de obras e textos sobre a dominação colonial, denúncias do imperialismo, estiveram à frente de lutas e processos de emancipação nacional de países africanos, nestes países. O exílio torna tênue, porosa, a fronteira entre o erudito e o militante[174].

Edward Said, em sua obra *Cultura e Imperialismo*, aponta para as disputas referentes à geografia e suas implicações epistemológicas,

> Do mesmo modo que nenhum de nós está fora ou para além da geografia, também nenhum de nós está completamente livre da luta pela geografia. Essa luta é complexa e interessante, porque não diz apenas respeito a soldados e canhões, mas também a ideias, formas, imagens e imaginações[175].

A partir de redes de solidariedade entre negros dispersos na diáspora, as disputas políticas e fluxos de teorias e ideias, operaram na inovação e na radicalização de algumas ideias. A partir deste fluxo teorias produzidas em momentos e lugares específicos sofrem processos de transformação, tendo em vista não apenas o tempo, mas também os locais em que são lidas possibilitando a apropriação criativa de ideias.

Sobre esta geografia do pensamento crítico no século XX, Edward Said menciona o deslocamento de ideias e sua conseqüente transformação, hibridização, mescla com outras culturas segundo circunstâncias históricas específicas que incidem sobre a elaboração do pensamento. Ou seja, as ideias modificam-se ao deslocarem-se. No contexto do início do século XX podemos localizar alguns intelectuais caribenhos da Diáspora Negra com larga produção de ideias inovadoras. Franz Fanon, por exemplo, ao opor-se ao princípio da reconciliação do universo social, visto que compreendia a oposição radical entre violência dos colonizadores a dos colonizados, opera em uma releitura de Georg Lukacs. Edward Said apresenta a hipótese de que Fanon havia escrito *Os Condenados da Terra*, de 1961, sob influência do texto de Lukacs, *História e consciência de classe*, publicada no mesmo período em francês.

Segundo a análise de Said, Fanon superou o eurocentrismo de Lukacs reformulando a relação sujeito-objeto como um conflito entre colonizador e colonizado. O contraste descrito por Fanon em nas páginas iniciais de *Os*

---

[174] Enzo Traverso, **La Historia Como Campo de Batalla**: interpreter las violencias del sigloXX. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012, p. 247.
[175] Edward Said. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 6.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Condenados da Terra entre a cidade colonial – iluminada, limpa – e a kasbah indígena – obscura e caótica – se assemelha à alienação do mundo reificado analisada por Lukacs. Ainda segundo Said, Fanon recupera a dialética de Lukacs ao propor ilustrar e depois encorajar a separação entre colonizado e colonizador – sujeito e objeto – a fim de trazer à superfície tudo o que é falso, brutalizante e historicamente determinado nesta relação. Neste sentido, a consciência de classe proposta por Lukacs convertia-se em violência revolucionária em Franz Fanon. Não surgiria, portanto, uma síntese superior capaz de superar dialeticamente as contradições do colonialismo vinculadas à sua violência inerente.

Os trânsitos vivenciados por estes indivíduos produziram epistemologias inovadoras bem como categorias originais. Para Padmore, por exemplo, o Apartheid na África do Sul era uma forma peculiar de dominação que combinava todas as maneiras de operação do poder colonial e racial. Entretanto, após deixar o Comintern, Padmore desenvolveu uma análise original sobre o colonialismo na África do Sul que o chamou de 'fascismo colonial'. Ele descreveu este fenômeno da seguinte forma:

> Aqui, diferente de qualquer outro país do mundo, uma minoria racial comanda autocraticamente a maioria... Sul africanos brancos não dão a mínima para a declaração de direitos humanos da Liga das Nações... Muito antes do mundo ouvir falar de Hitler, líderes sul-africanos proeminentes expuseram sua doutrina do 'herrenvolk'[176].

Esta análise crítica da dominação branca na África do Sul, criou uma nova categoria política, o 'fascismo colonial'. Posteriormente, outros negros radicais, incluindo Aimé Cesaire, estabeleceriam os pontos em comum entre a emergência do Nazismo na Europa e as maneiras pelas quais a Alemanha operou em alguns territórios coloniais, como a Namíbia. Denunciando a dominação branca na África do Sul como um colonialismo fascista, Padmore sugere que a forma de dominação neste local é tão extrema que requer atenção especial da comunidade mundial. Ele e outros intelectuais negros voltariam suas atenções para este aspecto no 5° Congresso Pan Africano de Manchester, em 1945.[177]

[176] George Padmore. **Africa**: **Britain's Third Empire**. New York: Negro University Press, 1949, p. 30.
[177] George Padmore (org.) **Colonial and Coloured Unity**: A Programme of Action and History of the Pan-African Congress. Manchester: Panaf Services, 1947.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Em 1968 o amigo de infância de Padmore, C.L.R. James ganhou a permissão de escrever a biografia de George Padmore pela Fundação Louis M. Rabinowitz em Nova Iorque. James já havia publicado um breve texto sobre a vida de Padmore no *The Nation*, jornal de Trinidad ligado ao partido *Trinidad's People's National Movement* do qual James era editor em 1960. Ele esperava avançar sobre os escritos biográficos de Padmore iniciados em *"Notes on the Life of George Padmore"*. Nas justificativas para a pesquisa sobre a vida de Padmore, James evidenciou que a empreitada não se tratava apenas de uma peça biográfica de um grande intelectual, mas de suas origens caribenhas. O que estava em jogo para James era demonstrar as origens de certo tipo social que interveio no mundo em duas esferas, tanto com palavras quanto com suas ações. James visava apresentá-lo enquanto um intelectual caribenho – um *West Indian* – um dentre aqueles que contribuíram de maneira grandiosa para a emancipação da África. Aquilo que James reuniu sobre a biografia de Padmore foi incluído em uma publicação de 1976, *At the Rendezvous of Victory*[178].

A lista destes homens honoráveis do Caribe anglófono colocava Padmore ao lado de nomes como Toussaint L'Ouverture, Henry Silvester Williams, Aimé Césaire, René Maran, Marcus Garvey, Frantz Fanon e Stokely Carmichael[179]. Estas comparações não foram fortuitas. Padmore, que nasceu com o nome de Malcom Nurse, era oriundo de uma família cuja mãe era proveniente da classe média de Trinidad e seu pai de Barbados. Assim como Henry Silvester Williams, que organizou o Congresso Pan-Africano de 1900, possuía origens familiares de imigrantes de Barbados da cidade de Arouca. James também mapeou seus ancestrais de Barbados e constatou que Padmore e Eric Williams, futuro Primeiro Ministro de Trinidad e Tobago, eram oriundos do mesmo contexto histórico de Trinidad.

Estes intelectuais, bem como outros provenientes desta tradição caribenha, devem ser analisados para além dos marcos de uma história intelectual que considere as linguagens políticas nas interações mais estritas da *langue* e da *parole*[180]. É necessário que se observem outros *topos* para que se apreendam os

[178] C.L.R. James. "George Padmore: Black Marxist Revolutionary". In: **At the Rendezvous of Victory, Selected Writings**. London: Allison and Busby, 1976, pp. 251-163.
[179] Ibidem, pp. 202-217; 218-235.
[180] John G. Pocock. **Linguagens do Ideário Político.** São Paulo, Ed. USP, 2003.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

conflitos e tensões particulares desta tradição. Ainda que se considere que os textos de Padmore e de outros intelectuais negros da diáspora são indissociáveis da ação política, para que se estabeleçam os sentidos destes textos não basta vinculá-los ao campo da ação de suas falas ou, como se costuma dizer, a seu contexto específico e imediato, sincrônico. Associá-los a seu "exterior", a suas condições pragmáticas, contribui sem dúvida para sua compreensão, mas não evita o trabalho de articulação diacrônica a outras linguagens políticas com as quais possam ter estabelecido diálogo, bem como a outros contextos vividos e experimentados individualmente e coletivamente. Neste sentido, cabe resgatar alguns traços de sua sociedade de origem, o Caribe anglófono.

Os membros masculinos de uma família negra de classe média de Trinidad criaram – e foram criados sob – um modelo de dignidade, orgulho e resistência que foi fundamental na vida de Padmore e em sua crítica à ordem imperial estabelecida. A estrutura racial e social em Trinidad compôs a amálgama entre o legado escravocrata do Caribe e a máxima britânica de "dividir para conquistar" de sua política colonial. Ambos aspectos foram a base através da qual Padmore interpretou as estruturas de poder e de opressão imperiais. As tensões sociais e raciais em Trinidad depois da primeira guerra mundial, que por sua vez puderam ser observadas por Padmore nas manifestações em Porto de Espanha, em 1919, e também nas humilhações sofridas por seus colegas negros diante do editor branco do *Trinidad Guardian*, fizeram com que Padmore entrasse em contato as dificuldades dos trabalhadores negros nas colônias.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

3.3
O exílio de Malcom Nurse e o surgimento de George Padmore

A mudança de Padmore para a América é tratada por esta pesquisa como um evento de extrema importância na vida de Padmore. O que Padmore experimentou enquanto esteve nos EUA contribuiu para seu ativismo na política e marca sua diferença em relação a outros intelectuais caribenhos destacados por C.L.R. James. Diferente de George Lamming e C.L.R. James, por exemplo, Padmore mudou-se para os EUA em busca de uma profissão e não para tornar-se escritor. Seu radicalismo, entretanto, foi forjado em contato com sua experiência a

partir da questão racial e do contato com o comunismo. Estes aspectos, primeiramente vivenciados nos EUA, foram reproduzidos por Padmore em todos os locais por onde passou. Seu objetivo inicial de cursar uma universidade e tornar-se um profissional foi modificado a partir de seu contato com o movimento estudantil que por sua vez o colocou na direção do ativismo em movimentos sociais e não apenas do intelectualismo solitário.

Malcom Nurse chegou à Nova York no dia 29 de dezembro de 1924. Seu destino declarado era Nashville, Tenessee, muito embora não se tenha registro de matrícula na universidade de Fisk, em Nashville, antes do fim do outono de 1925. Depois de chegar aos EUA, ao que parece, seu foco foi formar-se em um curso superior e conseguir uma casa para sua família. Contudo, durante seus estudos na universidade de Fisk, após sua mudança para Nova York em fins de 1927, quando inicia sua transferência para a universidade de Howard, em Washington DC, a atividade política absorvera muito de sua energia e foco. Sua vida estudantil proporcionou experiência no movimento político e criou redes de contatos fundamentais para sua vida posterior, distante de uma profissão convencional.

Segundo Hooker, Nurse frequentou um curso de sociologia na universidade de Columbia. Em uma correspondência menciona a diversos colegas caribenhos, incluindo seu amigo Cyril Olivierre, com quem manteria contato durante as décadas de 1930 e 1940[181]. No verão de 1925, trabalhou na *Hudson River Day Line*, uma companhia de navios a vapor que realizava serviço diário de passageiros de Albany para Nova York. Não fica clara qual função Nurse desempenhara. Mas em setembro de 1925, em correspondência com sua cunhada, Sybil Semper, que estava a caminho para Albany, relatou que um ano de estudos custava $250.000, mas ele só possuía $100.000 no início do ano. Sua decisão de cursar a universidade de Fisk se tornava, então, um ato de perseverança. Esta impressão vem à tona quando revela a sua cunhada que "o maior traço da juventude é a CORAGEM", em letras maiúsculas[182]. O jovem Malcom Nurse deixava claro seu propósito de estudar nos EUA e construir seu futuro:

> Estou determinado a não deixar que qualquer obstáculo me faça retornar para Jules e Blyden sem ter proporcionado um futuro.

[181] John Hooker. **Black Revolutionary:** George Padmore's Path from communism to Pan-Africanism. Nova York: New Praeger Publishers, 1970, p. 5.
[182] **Carta de George Padmore para Sybil Semper**, 15 de setembro, 1925. Padmore MSS/UWI, vol. 2

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

> Sybil, minha grande ambição na vida pode ser resumida em uma CASA – verdadeiramente feliz, bonita, uma casa ideal – não apenas de tinta e madeira. Eu comprei um livro esplêndido sobre móveis e decoração noites atrás num sebo em Albany e suas páginas servem para manter esta chama acesa. Viva a vida! Minha querida. Uma boa família será o fundamento para construir um futuro confortável e feliz para todos[183].

Algumas passagens acima deixam clara a intenção de Nurse em prover um lar para sua esposa e filha. Mas não apenas, pois, ao que parece estes planos tinham a aprovação de sua cunhada. Nurse tinha clareza do tipo de casa que buscava construir e dos meios para atingir este objetivo. A mudança que Malcom Nurse sofrerá em suas prioridades se concentrará nos três anos subsequentes. Seu desejo de um lar e uma família feliz não se encerra em um desejo individual, mas aponta para um bem maior ancorado na felicidade de todos.

Quando se mudou para os EUA em 1924, Nurse experimentou um contexto de efervescência cultural e política dos movimentos *Harlem Renaissance* e *New Negro*, incrementado pelas lutas dos estudantes negros nas universidades e colégios. Kevin Ganes, define estas universidades como "dispositivos híbridos diaspóricos" onde os ativistas negros podiam "articular a emergência de uma comunidade política moderna definida pela autodeterminação e liberdade"[184]. O período no qual esteve nas universidades de Fisk e Howard respectivamente, o distancia das experiências de outros caribenhos, como Claude McKay, C.L.R. James e Eric Williams. É possível afirmar que este período foi importante em sua vida de maneira a colocá-lo mais ativamente no movimento estudantil do que na vida intelectual perseguida por estes caribenhos mencionados. No momento de sua chegada, em outubro de 1925, a universidade de Fisk havia recentemente abrigado diversas manifestações de estudantes, dentre elas um grupo de estudantes negros questionando o "conservadorismo e a filantropia controladora branca" presente em alguns colégios[185]. Nurse envolveu-se no jornal estudantil, *Fisk Herald*. Também esteve presente em diversos debates, e por conta de suas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[183] Idem.

[184] Kevin Kelly Gaines. **American Africans in Ghana: Black expatriates and the civil rights era**. Chapel Hill, University of North Carolina Press. 2006, p. 33. Disponível em: <encurtador.com.br/pwDW8>. Acesso em: 18 fev. 2016.

[185] Kevin Kelly Gaines. **American Africans in Ghana**: Black expatriates and the civil rights era. Chapel Hill, University of North Carolina Press. 2006, p. 36. Disponível em: <encurtador.com.br/pwDW8>. Acesso em: 18 fev. 2016.

atividades estudantis, foi representante dos alunos da Fisk na *Conference of the Student Volunteer Movement*, no Tenessee[186].

Padmore guardou um livro de textos "para lembrar-me dos meus dias de estudante na universidade de Fisk". *Literature of the World: An Introductory Study* permanecia quase sozinho em sua estante pessoal de livros em Accra; velho, gasto, completamente marcado em comparação com outros livros de história e sobre política[187]. Este livro de fragmentos de obras ficcionais parece ter marcado e influenciado Padmore. Dentro da contracapa fez uma anotação sobre o quão delicioso fora este curso e um agradecimento ao professor Lillian Corkin. O livro abrigava textos de diversas regiões do mundo e cada seção do livro estava extensivamente marcada. Um dos textos mais marcados encontrava-se na seção de literatura francesa, era o de René Maran, *The Negro*, que ganhou o prêmio Goncourt de literatura em 1922. Na seção de literatura russa, Dostoiyevsky lhe chamou a atenção, mas também foi surpreendido pelas transformações políticas e a vida dos camponeses descritas por Tolstoi, em *Anna Karenina*[188].

A primeira publicação atribuída a Malcom Nurse, além do jornal estudantil em Fisk, surge no *New York World*, em 4 de outubro de 1926. Uma carta ao editor protestando contra a exploração relacionada aos selos no Harlem. Ainda que esta reclamação estivesse diretamente ligada a sua vida pessoal, havia relatado a Julia sua dificuldade de se comunicar com ela devido à escassez de encontrar selos para postagem, Nurse relacionou sua reclamação ao contexto social local.[189] Denunciou a pobreza e as más condições de vida do povo negro no Harlem e o privilégio daqueles que conseguiam comprar selos mais facilmente e de maneira mais vantajosa. Apesar de sua situação financeira não ter sido das melhores neste ano, este era apenas uma das questões que assolavam Nurse. Na primavera de 1926, ao lamentar-se para Julia Semper sobre a possibilidade de ser expulso de Fisk caso não pagasse as taxas escolares regularmente, declarou a esposa que deveria manter seu foco nos problemas vivenciados por outras nações,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[186] Leslie James. **What we put in Black and White**: George Padmore and the practice of anti-imperial politics. PhD Thesis (Internacional History Departament). London School of Economics, 2012, p. 52.
[187] John Hooker. **Black Revolutionary**: George Padmore's Path from communism to Pan-Africanism. Nova York: New Praeger Publishers, 1970, p. 46.
[188] Leslie James, 2012, p. 52.
[189] Malcolm Nurse to Julia Nurse, 12 March 1926. Padmore MSS/UWI, vol. 2.

apesar daqueles individuais[190]. Este ano de 1926 foi um ano difícil, mas um ano constituidor de seu engajamento enquanto ativista político no movimento estudantil que cresceria após este período.

Pouco se tem arquivado sobre o segundo ano de Nurse na universidade de Fisk. Tudo indica que Julia Semper o visitou no verão de 1926, já que há registros de um cartão postal recebido por ela de sua mãe. Entretanto, não há registros de sua entrada nos EUA nos arquivos de Ellis Island. Há apenas registros que apontam para sua entrada em Nova York em março de 1927.[191] Ao deixar Fisk em 1927, suas atividades concentraram-se nas cidades de Nova York e Washington, locais onde os jornais e o Partido Comunista possuíam bastante força e dinamismo. Nurse que experimentou o ambiente radical das universidades do sul negro, então passaria a experimentar o ambiente do Harlem e da Howard university, em Washington.

Em Howard, Nurse estabeleceu conexões com diversos indivíduos com os quais permanecera em contato através das décadas de 1930 e 1940, além de ter tecido relações para Europa, EUA e África. Aproximou-se de um professor, Dr. Ralph Bunche, com o qual Padmore entraria em contato em 1936, na cidade de Londres, juntamente com James na ocasião do *International African Service Bureau*.

Aspecto que merece destaque relaciona-se a mudança de nome, Nurse/Padmore. Malcom Nurse deixa de utilizar seu nome de batismo, Malcom Nurse, e passa a utilizar George Padmore diante de sua atividade política já na Universidade, no final da década de 1920. Seus vínculos escolares e acadêmicos eram precários dado sua ocupação principal, a militância política. Sob um olhar inicial a mudança de nome pode ter sido utilizada para proteger-se e manter-se em atividades políticas "subversivas" na universidade. Na ocasião do protesto antirracista e anti-imperialista contra Sir Esme Howard, em 1928, ele identificou-se como Padmore. Contudo, na campanha eleitoral pelo Partido Comunista em um evento universitário, não valeu-se do nome. O jornal universitário *The Hilltop* mencionara com destaque o discurso em defesa do Partido Comunista e crítica políticas aos Socialistas, aos Democratas e aos Republicanos, proferido por

[190] Idem.
[191] Leslie James, 2012, p. 53.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Malcom Nurse[192]. Neste caso ele escolheu o nome caribenho ao identificar-se enquanto um radical e associado ao Partido Comunista. Padmore e Nurse, dividiam-se entre o universitário antiracista e o militante comunista. O uso de seus nomes de forma estratégica aponta para as dificuldades que um jovem negro ligado ao comunismo passava para atuar politicamente e manter uma vida universitária. Além de apontarem para a perseguição sofrida pela cor de sua pele, suas identidades e convicções políticas.

Há outro aspecto digno de menção, este mais vinculado aos efeitos psicológicos causados pelo exílio. Ao deixar Trinidad, Malcom Nurse deixou para trás sua esposa e sua filha, que em 1928 já havia nascido. Ao enveredar-se pela atividade política antirracista e anti-imperialista, com efeito de sua vinculação ao Partido Comunista dos Estados Unidos, em 1929 seu destino político apontava para Moscou e o retorno ao Caribe parecia certamente remoto. Para um jovem de 25 anos que anos antes sonhava em construir um lar para sua família, decidir abrir mão deste sonho para buscar e construir outros sonhos, uma mudança radical se fazia necessária. Para que Malcom Nurse suportasse a distância e encarasse o abandono parental, George Padmore precisou assumir as rédeas e tocar a vida do intelectual que lutaria em prol da emancipação dos negros e da África.

Sua militância política junto aos comunistas tornou Padmore conhecido. Correu a notícia de que o filho de um professor, neto de escravos e parente de um importante ativista caribenho, Henry Silvester Williams, atuava em solo norte americano. Suas atividades políticas ganharam inclusive notoriedade dentre a *Klu Klux Klan* local, em Nashville. A violência presente de maneira marcante desde o início do século XX operava, então, agora nos EUA fazendo com que Malcom Nurse se exilasse. Mas internamente, psicologicamente. Após mudar-se para Nova York, longe da extrema violência da *Klu Klux Klan* e entrar para o Partido Comunista, em 1928, adotou o nome de um primo, George Padmore. Não é difícil compreender que as identidades sejam mutáveis e intercambiáveis em seus aspectos políticos, territoriais, culturais, etc. Contudo, não há como não refletir de maneira atenciosa sobre o impacto de, a partir de um determinado momento, um indivíduo deixar de lado seu nome de batismo e nascimento.

[192] Carol Polsgrove. **Ending British Rule in Africa**: Writers in a Common Cause. Manchester: University of Manchester Press, 2009, p. 163.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Em sua passagem pelas universidades de Fisk e Howard, a radicalização de um jovem negro do Caribe anglófono, veio a cargo da vivência dos preconceitos inerentes à sociedade colonial na qual havia sido criado, e na experiência de suas atividades políticas no movimento estudantil. Esta foi uma oportunidade para lançar mão de suas habilidades oratórias e acadêmicas adquiridas na escola britânica em Trinidad, na denúncia às estruturas do poder imperial presentes na sociedade norte americana. Através destes postulados e vestígios Padmore envolveu-se cada vez mais nas atividades políticas e negócios do partido. Emfiin de 1929 Padmore será enviado à Moscou para iniciar a organização de um movimento internacional de trabalhadores negros. Registros apontam que seu primeiro compromisso oficial na capital soviética ocorreu no dia 8 de janeiro de 1930. Pode-se dizer que houve uma transformação desde seu lar e família caribenhos, que orientou Malcom Nurse a identificar-se como George Padmore, um ativista negro radical com diversas identidades e sob um arranjo transnacional que será o responsável por destacar o caráter racial da opressão aos trabalhadores negros, dentro, e partir do Partido Comunista Soviético.

No caso de Malcom Nurse, não foi apenas o espaço dinâmico das universidades que transformou sua prática política, mas também o efeito de experimentar o espaço politizado de Nova York após deixar Fisk, em 1927. Em Nova York Nurse transitou nos círculos do *Communist Party of United States* (CPUSA) e, mais especificamente, os esforços para reavivar o *American Negro Labour Congress* (ANLC).[193] O Partido Comunista dos EUA, para muitos jovens negros e negras era o espaço no qual encontravam a melhor forma de lutar contra a opressão. Ainda que as organizações políticas de esquerda nos Estados Unidos também fossem extremamente racistas e segregadoras.

Como membro do ANCLC Padmore demonstrou talento na mobilização de pessoas, além de ter participado de conferências do partido e encontros sindicais. Mais relevante, suas habilidades também foram cruciais para seu exercício de produtor de textos para a imprensa. Não se tratava mais de reportar chegadas e partidas de navios para um jornal colonial conservador, Padmore começou a utilizar este meio como uma ferramenta para articular suas visões de mundo e suas implicações políticas. Seus textos publicados na imprensa foram

[193] Mark Solomon. **Cry was unity**: Communists and African Americans, 1917-1936. Jackson: University Press of Mississippi, 1998.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

fundamentais neste período por duas razões: Primeiro, o conectou com um sem número de caribenhos; mas também, fornece exemplos de traços marcantes que permanecerão em sua prática de escrita jornalística.

Em agosto de 1927 foi nomeado membro do reorganizado *National Negro Comitee of the Communist Party of the USA* (sob o nome de Camarada Padmore)[194]. Neste comitê Padmore interagiu diretamente com líderes comunistas afro-americanos como Cyril Briggs, Richard B. Moore, Otto Huiswoud e James W. Ford, homens envolvidos nas futuras críticas sofridas por Padmore, quando de seu rompimento com o partido, em 1934. Otto Huiswoud foi o primeiro negro membro fundador do CPUSA, e que foi indicado pelo partido para trabalhar na *African Blood Brotherhood* (ABB). Outro caribenho, Cyril Briggs, fundador da ABB, organização que por sua vez era constantemente associada ao bolchevismo e ao comunismo. A ABB constituía-se em uma importante frente de oposição ao Garveísmo e à *United Negro Improvement Association* (UNIA) na primeira metade da década de 1920. Com a formação do *American Negro Labor Congress* (ANLC), a ABB perdeu força[195].

A ANLC, contudo, não realizou suas expectativas. Mark Solomon demonstra em seu trabalho sobre o comunismo negro na América que durante este período a organização viveu dificuldades desde seu início por conta de sua associação com o Partido Comunista e, em particular, sua política orientada para os comunistas brancos[196]. Além disto, a organização obteve pouco sucesso em mobilizar uma comunidade inter-racial e enfrentou problemas em seu jornal, *The Negro Champion*. Em 1928, houve uma tentativa de reativar o ANLC deslocando sua direção de Chicago para o Harlem. É neste momento que Padmore se envolve com o ANLC. Em um acalorado debate, em agosto de 1928, sobre a posição da ANLC sobre a militância do Partido, Padmore foi nomeado coordenador de distrito da ANLC. O talento e habilidade de Padmore para escrita foi de pronto utilizada pela ANLC quando, no *Negro Champion*, assinou uma proposta de greve em apoio aos moradores do Harlem. Ainda que suas atividades no Partido incluíssem elaboração de discursos e atividades de mobilização, foram suas habilidades jornalísticas que deram as bases de seu envolvimento com o Partido

[194] John Hooker. **Black Revolutionary**: George Padmore's Path from communism to Pan-Africanism. Nova Iork, New Praeger Publishers, 1970, p. 6.
[195] Mark Solomon,1998.
[196] Idem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Comunista dos EUA. Padmore publicou regularmente artigos no *The Negro Champion* depois de meados de 1928, e em setembro foi nomeado editor assistente do jornal.

A prática jornalística de Padmore em seus anos iniciais de militância em Nova York foi fundamental para suas atividades de mobilização. Seus artigos no *The Negro Champion* e no *Daily Worker* eram freqüentes republicados no *New Negro* e no *Negro Youth*, e convocavam seus leitores apartirem para a ação contra a exploração dos negros: Americanos, Africanos e Caribenhos. Em junho de 1928, dois artigos publicados por George Padmore no *Negro Champion*, um deles uma resenha de um livreto da *West African Students Union*, de Londres, escrito por Ladipo Solanke, e outro, um obituário de um jovem estudante caribenho, Eugene Corbie, que era uma figura proeminente na vida estudantil americana, atestam este chamado.

> É chegado o momento da juventude negra [*Negro Youth*], estudantes e trabalhadores... de tomar partido dos problemas do mundo... Temos visto nossos irmãos sendo massacrados em campos de batalha estrangeiros em defesa de uma ordem imperial que diariamente os esmaga na terra... Nos juntemos às massas dos crescentes povos coloniais e às classes militantes dos trabalhadores conscientes para lutar pelo estabelecimento de uma ordem mundial livre e igualitária[197].

A marca do comunismo é aparente nas convocações aos trabalhadores conscientes. O aspecto global também é marcante diante da necessidade de tomar posição diante dos aspectos do mundo.

> O novo negro [*the New Negro*] deve compreender que a salvação e emancipação de qualquer grupo oprimido só podem ser alcançadas por aqueles que diante das possibilidades têm a coragem de levantar a bandeira da revolta. Pois aquele que se atreve a ser livre, deve ele mesmo, se bater pela liberdade[198].

Esses trechos contêm importantes apontamentos sobre a responsabilidade dos afro-americanos no sentido de promover ações positivas contra o imperialismo e a opressão. Neste artigo, Padmore convoca o movimento *New Negro* a ser mais do que uma 'revolução cultural e social nos termos americanos' e vincular-se à situação do negro diante do sistema imperialista global. O que estava em jogo era a disputa revolucionária do movimento *New Negro*.

---

[197] George Padmore. "Awakened Negro Youth".**Negro Champion**, 17 de abril, 1928.
[198] George Padmore. "Great Negro Revolutionists".**Negro Champion**, 22 de junho, 1928.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Seus artigos entre 1928 e 1929 apontam para a mudança do estudante Malcom Nurse para o comunista George Padmore. Artigos da primeira metade de 1928 foram escritos para o *Negro Champion* e comumente tratavam de acontecimentos ou indivíduos pertencentes à Diáspora Negra, reivindicando certa consciência de classe, contudo, concentrando-se sua ênfase no anti-imperialismo e na unidade negra. Já na segunda metade de 1928 seus artigos se aproximam mais do movimento comunista, como por exemplo, *Heroic Soviet Saviors*, na *Appeal to Negro Workers*, e *Russian Culture Attracts Americans*.[199] No fim de 1928 e em 1929, também, começa a publicar sob o nome de George Padmore no *The Daily Worker*, artigos que clamavam a união entre negros e brancos e tratava o Partido Comunista como defensor dos interesses dos negros[200].

3.4
George Padmore: intelectual da Diáspora Negra

A memória de C.L.R. James sobre Padmore nos auxilia na contextualização de um homem que raramente escreveu sobre si próprio ou sobre suas escolhas políticas do ponto de vista pessoal. Seus silêncios nos auxiliam na compreensão das dimensões do exílio em sua trajetória. A contribuição de James sobre George Padmore e sobre o Caribe anglófono torna-se um importante fragmento do processo de criação da narrativa histórica sobre Padmore e sobre o pensamento radical de intelectuais negros do Caribe anglófono. Em contrapartida, James escreveu sobre a juventude de Padmore, sua família e sua experiência racial diante de um cenário de silêncios inclusive do próprio Padmore. Neste sentido, é prudente ler os relatos de James com cautela para que não tomemos Padmore enquanto um negro caribenho, ou dentro daquilo que James definiu como um homem das Índias Ocidentais [*West Indian*]. Padmore transcende a este espaço e adquire outros traços em seu contato com os EUA. O que está em jogo, neste caso, é a afirmação de uma tradição de pensamento radical que ganha corpo e

[199] George Padmore. "Heroic Soviet Saviors".**Negro Champion**, 8 de agosto de 1928; An Appeal to Negro Workers, **Negro Champion**, 17 de novembro de 1928; Russian Culture Attracts Americans, **Negro Champion**, 1928. Padmore MSS/UWI, vol. 1.
[200] George Padmore. "Negro Workers Should Join Workers Party". **The Daily Worker**, Setembro de 1928; Labour Bureaucrats and Negro Worker, **Daily Worker**, 3 de janeiro de 1929. Padmore MSS/UWI, vol. 1.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

encontra seu objeto de crítica na opressão compreendida enquanto sistema, pois ultrapassava o cenário colonial caribenho e espraiava suas malhas através dos Impérios coloniais, mas não apenas. Pois, Padmore experimentou o racismo e a opressão no seio da sociedade republicana dos EUA.

É possível que a incompletude de sua biografia iniciada por James seja indicativa de um aspecto. Ele certamente procurou uma explicação para as realizações de Padmore a partir, e somente a partir daí, de seu legado territorial e história familiar na origem Caribenha.[201] Portanto, mesmo diante das conclusões sobre estes honoráveis homens do Caribe anglófono, ao que parece, James se sentiu iludido no fim das contas por Padmore. E para isto há duas explicações possíveis. Primeiro, a história de Padmore, em larga medida, também é a história de James. A narrativa sobre Padmore, enquanto *um* tipo específico de caribenho [*West Indian*], não pôde ser por James, dissociada de sua própria história e de suas imaginações sobre o continente africano. E mais, o próprio James não conseguiu – e dificilmente conseguiria – descolar-se desta história. Na década de1980 James afirmaria que se trabalhasse mais sobre esta biografia, esta, se tornaria uma autobiografia[202]. Segundo aspecto, os arquivos sobre Padmore são muito limitados. As anotações feitas por C.L.R. James sobre Padmore contém lacunas e equívocos diante de suas tentativas de estabelecer as ilações com os movimentos de Padmore.

Pesquisar a figura de Padmore requer em certa medida um algum poder especulativo – particularmente no que tange o indivíduo e o Caribe anglófono. Neste sentido, como menciona Gramsci, fazer um inventário dos vestígios é de suma importância. Isto não significa que seja impossível estabelecer uma conexão entre Padmore e o Caribe. A empreitada de James para criar um relato histórico de Padmore enquanto caribenho pode ser apresentada diante da intuição de James de que havia compreendido Padmore por conta de suas histórias cruzadas e compartilhadas, sua identidade com ele, além de sua crença de que diversos indivíduos contemporâneos possam ter tido em comum esta história de crítica e ação. Não se trata de ficção; embora não se possa afirmar que se trata de um paradigma indiciário baseado em uma metodologia científica.

---

[201] Bill Schwarz. ‘‘George Padmore’’. In: **West Indians Intellectuals in Britain**. Manchester: Manchester University Press, 2003, pp. 133-134. Schwarz propõe um certo cuidado com as conclusões de James sobre Padmore por serem excessivamente condescendentes.
[202] Ibidem, p. 135.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Michel Trouillot em sua obra, *Silencing the Past*, propõe que é necessário quebrar a dicotomia entre história e ficção para que se amplie a percepção sobre a interação de contextos e pessoas.[203] Isto pode ser feito, segue o autor, identificando-se os diferentes momentos de silêncios dentro do processo de produção historiográfica, para então operar-se de forma que construam-se novas narrativas. O instinto de James de que conhecia e compreendia parte significativa da vida de Padmore deve-se ao fato de que ele conhecia o que o havia forjado, ainda que isto não fosse conclusivo. Assim como Trouillot afirma, nestas "construções narrativas" do "processo sociohistórico" que certos elementos da história de Padmore podem ser resgatados. A falta de arquivos que remetam Padmore ao Caribe anglófono e sua presença no grupo dos intelectuais caribenhos ainda nos remete às contribuições de C.L.R. James no sentido de preencher as lacunas e silêncios documentais através de suas experiências históricas comuns que trazem vida ao contexto no qual Padmore viveu. A Diáspora Negra nos serve enquanto categoria de análise e a epistemologia das encruzilhadas proporciona um olhar articulador destes indivíduos *deslocados* e radicais.

De maneira semelhante, ao se estudar o Pensamento Político Negro produzido na diáspora, deve-se levar em conta a reconstituição do debate historiográfico sobre este contexto, mas também o debate no próprio contexto linguístico. Intelectuais que estiveram à margem do cânone, produziram críticas *deslocadas* e tiveram seu pensamento silenciado das mais diversas formas: editoriais, censura colonial, desqualificação acadêmica, epistemicídio. É fundamental que a leitura deste vocabulário político, produzido em contextos coloniais diversos e complexos, seja operada a partir de outro olhar que reconsidere e reconstitua as críticas à modernidade, ao colonialismo.

Também se faz necessário que a agência destes intelectuais, as solidariedades transnacionais, a crítica às teorias ocidentais e sua posição marginal no debate contemporâneo sejam levadas em consideração. Ou seja, reconstituir as epistemologias e ontologias diaspóricas dos negros radicais valorizando seu caráter herético e marginal atribuindo a isto um esforço de historicizar estes discursos e seu vocabulário político. A próxima parte desta tese irá centrar seu foco nos vocabulários políticos do primeiro terço do século XX nos Estados

[203] Michel-Rolph Trouillot. Silencing the Past: Power and the Production of History.Boston : Beacon Press, 1995, pp. 1-30

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Unidos com ênfase na relação entre os intelectuais negros e a União Soviética Comunista. A partir do debate entre Claude McKay e W.E.B. Du Bois sobre raça, classe e o Comunismo Internacional, apresentar o contexto linguístico fundador da vida política de Padmore, quando este chega aos Estados Unidos. Os temas sobre raça, classe, transnacionalismo e as críticas ao marxismo serão elementos centrais e presentes ao longo de toda trajetória de George Padmore.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Parte II

4

Raça, clase e o Comunismo Internacional: Claude McKay e W.E.B. Du Bois

> With a politics remarkably progressive for his time (and ours), Du Bois confronted race, class, and gender oppression while maintaining conceptual and political linkages between the struggles to end racism, sexism, and war. […] In his analysis integrating the various components of African American liberation and world peace, gender and later economic analyses were indispensable.[204]
>
> Joy A. James, 1997

Padmore chega aos Estados Unidos em um momento de radicalização de ativistas negros, de intensa efervescência política entre lideranças negras, e de graduais coalizões críticas em direção ao movimento comunista internacional. Em fins da década de 1920 torna-se um militante que atuará, para além do movimento estudantil, em prol da construção de um movimento radical transnacional de negros comprometidos com a libertação do continente africano do colonialismo e da derrubada do imperialismo. Deixa os Estados Unidos rumo a Moscou em 1929 para integrar o *staff* do recém-formado *International Trade Unions Commitee of Negro Workers*. Padmore permanece atuando junto ao movimento comunista internacional até o ano de 1934, quando, de acordo com algumas pesquisas, rompe com o Comintern por discordâncias em relação à diplomacia soviética para com as potências imperialistas diante da ascensão dos fascismos na Europa.

[204] Com um posicionamento político marcadamente progressista para seu tempo (e o nosso), Du Bois confrontou a opressão de raça, classe, gênero enquanto mantinha relações conceituais e políticas com o fim do racismo, sexismo e a guerra. [...] Em suas análises, a integração dos vários componentes do liberacionismo afro americano, da paz mundial, de gênero e posteriormente análises econômicas foram indispensáveis. Ver, Joy A. James. **Trancending the Talented Tenth**: Black Leaders and American Intellectuals. Nova Iorque: Routledge, 1997, pp. 36-37.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Contudo, seu rompimento também foi causado por divergências nas estratégias utilizadas por Padmore em relação às lutas revolucionárias e sua compreensão, e por conta do que há muito era criticado por intelectuais negros no interior do movimento comunista internacional, o “chauvinismo branco” ou as práticas vinculadas ao preconceito racial[205].

Ao longo de sua trajetória no movimento comunista internacional Padmore irá conviver e atuar ao lado de intelectuais radicais negros oriundos, assim como ele, do Caribe anglófono, mas também com negros afro-americanos, bem como ativistas de outras nacionalidades, como o comunista japonês Sen Katayama, um dos responsáveis por aproximar o Comintern da agenda do liberacionaismo negro e da "Questão do Negro". Conviveu com Otto Huiswoud e Hermina Huiswoud, casal de caribenhos que teve papel central nas articulações entre negros e o movimento comunista internacional que, por sua vez, merece mais pesquisas e reflexões da historiografia. Hermina Dumont Huiswoud, por exemplo, assim como Thyra Edwards e Louise Thompson Patterson, Maude White e Williana Burroughs, formaram um grupo de mulheres negras radicais vinculadas ao Comunismo Internacional e promoveram um internacionalismo feminino negro[206].

Harry Haywood, William Patterson, James W. Ford, Cyril Briggs e Claude McKay também fizeram parte do convívio de Padmore, sendo este último, poeta nascido na Jamaica em 1889, um exemplo de intelectual negro que deixou o Caribe rumo aos Estados Unidos, posteriormente, Europa, União Soviética e pautou sua trajetória política na busca de uma identidade negra transnacional. Claude McKay orientou sua trajetória a partir da evocação de um radicalismo negro que deu conta de complexificar as conclusões marxistas sobre as questões de classe e sua relação com os conflitos raciais, bem como na incessante busca de caminhos e soluções rumo à mobilização dos negros da diáspora em prol de sua libertação. Outro grande intelectual com quem Padmore convive e tem atuação política digna de análise é W.E.B. Du Bois, o primeiro afro-americano a alcançar o título de doutor em História, em 1895, pela Universidade de Harvard e com passagens pela Alemanha. Neste sentido, aproximar as trajetórias e reflexões de

[205] Hakim Adi.**Pan-Africanism and Communism**: The Communist International, Africa and the Diaspora, 1919-1939. London, Africa World Press, 2013.
[206] Erik S. McDuffe. **Soujourning for Freedom**: Black Women, American Communism and the Making of Black Feminism. Durham e Londres: Duke University Press, 2001, pp. 17-18, 53.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Claude McKay e W.E.B. Du Bois ao contexto vivido por George Padmore e suas contribuições ao debate sobre o marxismo e os rumos das lutas revolucionárias e a questão racial é fundamental para reconstituir este ambiente intelectual do primeiro terço do século XX.

O que se busca, portanto, é compreender o contexto em que George Padmore chega aos Estados Unidos, quais discussões e articulações estavam sendo estabelecidas entre negros radicais e o movimento comunista internacional. Ao longo do primeiro terço do século XX, as relações entre os intelectuais negros e a União Soviética estão se transformando diante da busca por espaços em um mundo marcado pela mobilização internacionalista. Estas transformações serão aqui analisadas considerando a presença de indivíduos negros na União Soviética ao longo das décadas de 1920 e 1930, quando o país abriu diversas vagas para educação revolucionária e treinamento político de futuras lideranças. A União Soviética esperava que novos quadros revolucionários estivessem aptos para implementar a estratégia comunista, sobretudo em países que não contavam com Partidos Comunistas organizados. A estadia destes estudantes e militantes negros na União Soviética foi complexa. Aponta tanto o encantamento e as expectativas criadas pela Revolução Russa de 1917 na agenda do internacionalismo negro, como os atritos e críticas ao projeto bolchevique, sobretudo em relação às questões raciais.

A única biografia escrita sobre George Padmore, de autoria de John R. Hooker, sugere que sua trajetória política é composta por duas fases irreconciliáveis.[207] A primeira fase vinculada ao Comintern e à sua agenda comunista e, outra, posterior a sua ruptura com o Comintern, em 1934, na qual Padmore tornaria-se um Pan-Africanista, deixando de ser um comunista. Hooker sugere esta mudança baseado, sobretudo na leitura que faz do livro *Pan-Africanism or Communism?*, que Padmore escreve em 1956, momento de Guerra-Fria e reconfigurações estratégicas das lutas anticoloniais. O que se espera com este panorama da relação entre o radicalismo negro e o movimento comunista internacional com os quais Padmore conviveu, articulou-se e organizou estratégias através destes campos, é identificar as continuidades pertinentes às agendas do Comunismo Internacional e do movimento internacionalista negro, bem como

[207] John R. Hooker. **Black Revolutionary**: George Padmore's Path from communism to Pan-Africanism. Nova Iorque: New Praeger Publishers, 1970.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

sugerir algumas leituras do pensamento radical negro tendo em vista sua contribuição crítica ao pensamento ocidental não negro. Desta forma, espera-se apresentar como Padmore passa a integrar o movimento comunista internacional no momento em que a União Soviética se aproxima da "Questão do Negro" e da "Questão Colonial", e compreender sua saída do Comintern, em 1934, não apenas enquanto o esgotamento de uma agenda mútua possível, mas uma ação pragmática tendo em vista a agenda do internacionalismo negro. Não obstante, este momento representa uma importante tentativa de transformação no pensamento canônico sobre o papel dos negros nas lutas revolucionárias, na relação entre a luta de classes e a questão racial e no estabelecimento de uma agenda anti-imperialista e anticolonial.

4.1
Claude McKay e o Comunismo Internacional

No ano de 1922, Claude McKay foi convidado para viajar até Moscou e apresentar sua fala no Quarto Congresso do Comintern sobre a questão racial nos Estados Unidos. McKay, que já havia sido convidado pelo jornalista John Reed, amigo e próximo de Lênin, em 1920, e recusado por avaliar que naquele momento não seria capaz de representar os negros da América, vinha se relacionando com grupos da esquerda revolucionária tanto nos EUA quanto na Grã-Bretanha. O jornalista John Reed sabia que Lênin estava interessado no potencial revolucionário dos negros americanos. O intelectual jamaicano, então, após se desiludir tanto com Londres e seu cenário radical e com sua experiência com o jornal de esquerda *The Liberator*, em Nova Iorque, aceitou o convite de John Reed, em 1922[208]. O poeta foi um dos intelectuais negros que fora profundamente tocado pela revolução de 1917 ocorrida na Rússia. Referia-se à Revolução como o "maior experimento social da história da civilização"[209]. Na primavera de 1921, retornou aos Estados Unidos mais sensibilizado pela agenda do liberacionismo negro e da luta anticolonial. Convocava os negros a "aproveitarem as

[208] Wayne F. Cooper. **Claude McKay. Rebel Sojourner in the Harlem Renaissance**: A Biography. Baton Rouge: Louisiana State UP, 1987.
[209] Claude McKay. **A Long Way from Home. New Brunswick, New Jersey e Londres**: Rutgers University Press, 2007, pp. 165.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

oportunidades apresentadas pela morte da velha ordem na Europa e o nascimento de uma nova na Rússia”[210]. Como observado por Wayne F. Cooper, McKay estava “entre os primeiros a sinalizarem o início da revolta colonial dos negros contra o Imperialismo britânico que teria seu ápice no pós-Segunda Guerra Mundial”[211]. O caribenho teve um papel central na percepção do anticolonialismo que emergia, mas também na proposição de um posicionamento a ser tomado pela União Soviética na promoção desta agenda.

Figura 2- Claude McKay discursando no Kremlin, Quarto Congresso do Cominter, Moscou 1922.

Apresentando-se à audiência do Congresso do Cominterncom certa reserva, iniciou sua fala revelando que preferia estar enfrentando um linchamento na América civilizada do que tentar discursar para uma plateia crítica e repleta de intelectuais. Falando agora em nome dos membros de sua raça, afirmou que não poderia deixar de apresentar suas impressões sobre a “Questão do Negro”, ainda que não se sentisse à vontade discursando. Preferia estar escrevendo, ou rindo. Contudo, segundo McKay, seria uma vergonha se não estivesse presente neste evento no qual tal tema seria debatido. Desde seu poema “*If We Must Die*” publicado em 1919, no contexto dos conflitos raciais conhecidos como “*Red*

[210] Claude McKay. “Soviet Russia and the Negro”.In: **The Crisis**, Dezembro de 1923, p. 62.
[211] Wayne F. Cooper. **Claude McKay. Rebel Sojourner in the Harlem Renaissance**: A Biography. Baton Rouge: Louisiana State UP, 1987, p. 43.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Summer" que tomaram as ruas de algumas cidades nos EUA gerando mortos e grande número de feridos, Claude McKay reconhecia a demanda para que se apresentasse como o porta-voz do radicalismo negro nos EUA, apesar de, segundo ele, seu temperamento poético. Este acontecimento e a presença de McKay neste evento marcam a aproximação das agendas do internacionalismo negro, orientadas por um pensamento radical, e as tentativas da União Soviética e do Comintern de mobilizar negros de países coloniais ou semi-coloniais para as lutas do proletariado mundial.

Assumindo a postura de intelectual radical comprometido com o conjunto de indivíduos negros do mundo, McKay menciona que *sua raça* está honrada com o convite. E esta honra não se apresentava porque a raça negra é diferente da raça branca ou amarela, mas porque os negros formam uma raça de trabalhadores que pertence à mais explorada, oprimida e *suprimida* parcela da classe de trabalhadores do mundo[212]. Segue sua fala reconhecendo na Terceira Internacional Comunista a defesa da emancipação de todos os trabalhadores do mundo independente de raça ou cor, e esta constatação é diretamente comparada por ele à 15ª emenda à Constituição dos Estados Unidos, que só existia no papel, segundo ele. O poeta caribenho reconhece a preocupação dos comunistas da Terceira Internacional em relação à emancipação dos trabalhadores enquanto algo real e, a partir desta retórica, realiza a crítica aos Estados Unidos e seu racismo [213].

Claude McKay organizou seu discurso de maneira a apresentar os problemas por ele percebidos em relação à "Questão do Negro" sob um ponto de vista internacional, mas partindo de exemplos vinculados aos EUA. Relatou que em países nos quais os negros e os brancos devem lutar juntos contra o capitalismo, os negros são utilizados pelas burguesias locais como um trunfo contra a revolução mundial, pois negros são colocados contra os brancos. No

[212]Claude McKay. "Report on the Negro Question". Speech to the 4th Congress of the Comintern, Novembro de 1922, publicado em: Inprecor, 5 de Janeiro, 1923.

[213] Os socialistas da Segunda Internacional não demonstraram consenso sobre a questão colonial até o período da I Guerra Mundial, quando alguns membros do Partido Trabalhista britânico (British Labour Party) apoiaram abertamente a intervenção colonial na África e em outros locais como uma forma de tutela benéfica. Ver S. Howe. Anticolonialism in Britain Politics: The Left and the End of Empire 1918-1964. Oxford: 1993, pp. 44-46. Nos Estados Unidos, o *Socialist Party of America*, filiado à Segunda Internacional, ainda que contasse com alguns integrantes negros entre seus fundadores, entre eles Peter Clarck, acreditava que a "Questão do Negro" seria resolvida quando a classe trabalhadora triunfasse na luta de classe. Eugene Debs, outro líder do SPA mencionava que o partido não possuía nada a oferecer ao negro. Ver P.S Foner.**AmericanSocialism and Black Americans**: From the Age of Jackson to World War II. London, 1977, pp. 45-47 e 94-100.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

primeiro terço do século XX, com a demanda por mão de obra causada pela Primeira Guerra Mundial, os donos de indústrias encontraram nos negros emigrados dos estados do Sul um exército de mão de obra barata disponível e rentável. Este cenário intensificou os conflitos raciais entre trabalhadores brancos e trabalhadores negros, já que, empregadores utilizavam a mão de obra de negros desqualificados tanto para "furar greves" organizadas por sindicatos como para manter os salários dos trabalhadores em níveis baixos. Os ataques contra negros no "*Red Summer*", em 1919, aconteceram neste contexto. Era comum a percepção por parte de intelectuais negros de que o cenário que os cercava configurava uma guerra de cunho racial[214].

McKay também denunciou a utilização de negros nos exércitos nacionais europeus empregados nas batalhas da Primeira Guerra Mundial, além da utilização destes destacamentos de soldados negros nas empreitadas coloniais das potências imperiais como a França ou Grã-Bretanha. Nos EUA, relata o intelectual, negros também foram utilizados desde os tempos da Guerra Civil lutando por sua própria emancipação, ainda que sem treinamento, ou até mesmo nas guerras contra a Espanha na época de Theodore Roosevelt. Na Primeira Guerra Mundial, segundo Claude McKay, mais 400 mil negros foram mobilizados ao lado dos capitalistas norte-americanos e, ao retornarem, foram utilizados para combater os protestos de trabalhadores brancos em Chicago, St. Louis e Washington. Por fim, sobre esta questão, McKay indicava que, como forma de disputa simbólica de que os negros não seriam utilizados pela burguesia internacional nos conflitos contra a Revolução Mundial, alguns negros deveriam ser integrados ao "bravo, distinto e imaculado exército soviético, no Exército Vermelho e na Marinha Russa, lutando não apenas por sua emancipação, mas também pela emancipação de toda a classe trabalhadora do mundo".[215] Desta forma McKay aborda conjuntamente a questão colonial, as lutas revolucionárias e a situação do negro diante dos conflitos raciais.

Entretanto, mais grave do que os negros estarem sendo utilizados para lutar contra trabalhadores pelo Estado norte-americano, eles estão sendo utilizados

[214] Michelle Ann Stephens. **Black Empire**: The Masculine Global Imaginary of Caribbean Intellectuals in the United States, 1914-1962. Durham: Duke University Press, 2005, especialmente capítulo I.

[215] Claude McKay. "Report on the Negro Question". Speech to the **4th Congress of the Comintern**, Novembro de 1922, publicado em: Inprecor, 5 de Janeiro, 1923, p. 3.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

contra os trabalhadores organizados. Desta forma Claude McKay segue chamando atenção para a importância dos negros diante das lutas revolucionárias contra o capitalismo, não apenas nos EUA, mas no mundo. Pois, diante desta estratégia revelada por McKay, trabalhadores negros estão vendo seus conflitos com os trabalhadores brancos sindicalizados se acirrarem aumentando a distância entre os elementos responsáveis pelas lutas revolucionárias e enfraquecendo o movimento em busca de emancipação e libertação dos negros. Este cenário seria um agravante para o já complexo contexto do movimento dos trabalhadores nos EUA no início do século XX.

Claude McKay segue expondo o problema do "chauvinismo branco" dentro dos movimentos comunista e socialista. Uma de suas preocupações centrais ao endereçar o panorama da "Questão do Negro" nos EUA era sob quais possibilidades os trabalhadores negros poderiam ser alcançados pela propagando radical de esquerda. Diante da crescente tensão entre trabalhadores brancos e negros provocada pelas elites burguesas ao utilizarem negros em seus exércitos e forças de repressão contra os trabalhadores organizados e do ainda forte racismo presente no movimento sindical, Claude McKay apela à URSS para que negros sejam recebidos no país para treinamento revolucionário assim como outras raças subjugadas o fizeram[216].

Sua fala também esteve comprometida com as dificuldades de mobilização de negros nos EUA, sobretudo no Sul, dadas as dificuldades de fazer circular propaganda radical tanto por conta da segregação racial perpetrada pelos governos do Sul, sob o regime "Jim Crow", mas também por conta do racismo presente dentro do movimento dos trabalhadores. McKay ressaltou que o Manifesto de 1918 da Terceira Internacional chegou aos negros norte-americanos através da propaganda de grupos de negros radicais e fez com que, "pela primeira vez na história dos Estados Unidos", os negros descobrissem que Karl Marx estivera interessado na emancipação dos negros e lutou por isso. Claude McKay chega a citar um trecho de um artigo de Marx, escrito à época da Guerra Civil norte-americana:

> Quando uma oligarquia de 300.000 donos de escravos pela primeira vez nos anais da história mundial, é capaz de escrever "Escravidão" nas bandeiras de uma revolta armada, no mesmo

[216] Idem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

> local aonde um século antes a ideia de uma grande República democrática despontou, de onde a primeira declaração dos Direitos do Homem surgiu, e o primeiro impulso para a Revolução europeia do século XVII foi dado, quando neste local a contra-revolução cinicamente proclama que a propriedade sobre o homem é a 'pedra angular de um novo edifício' - então a classe trabalhadora europeia compreende de uma vez por todas que a rebelião dos proprietários de escravos indicava a toxina de uma guerra sagrada da propriedade contra o trabalho, e que as esperanças no futuro e mesmo as conquistas passadas estão em jogo neste tremendo conflito do outro lado do Atlântico.[217]

Colocando a luta dos trabalhadores mundiais enquanto algo ligado à história do negro e da escravidão, este intelectual negro, através das palavras de Marx, compelia os comunistas da plateia a compreenderem o lugar e a importância dos negros e de sua história nas lutas revolucionárias mundiais e no curso das lutas dos trabalhadores na construção do comunismo. Claude McKay seguiu afirmando que, assim como Marx lutou contra a escravidão baseada na propriedade, seus seguidores no presente deveriam lutar contra a escravidão baseada no salário. E, neste combate, a mobilização dos trabalhadores negros era fundamental, pois os negros eram, dentre a classe trabalhadora, a parcela que mais era explorada e sofria com o capitalismo. O intelectual negro declarava-se como "um leproso social, um abandonado da raça oriundo de uma classe de abandonados"[218]. Assim como outros intelectuais negros do início do século XX, em sua fala McKay apontava que as relações raciais também deveriam ser consideradas diante das opressões do capitalismo, e não apenas as clivagens de classe.

Seu discurso apontou o caminho que o Comintern deveria tomar para mobilizar trabalhadores negros no sul dos Estados Unidos, marcados pelo racismo e pela segregação racial, inclusive dentro dos grupos de trabalhadores brancos vinculados às esquerdas. Uma das maiores críticas de intelectuais negros e negros radicais participantes ou relacionados de alguma forma com o Comunismo na primeira metade do século era o "chauvinismo branco", ou simplesmente o racismo de trabalhadores brancos para com os indivíduos negros no interior do movimento dos trabalhadores. Basicamente os trabalhadores negros eram vistos

[217] Ibidem, p. 4.
[218] Michael Fabre. **Harlem to Paris: Black American Writers in France, 1840- 1980**. Chicago: University Press of Illinois, 1991, p. 94.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

com reservas por conta de sua inserção precarizada no mercado de trabalho e consequente sujeição aos piores salários e condições. Não obstante, o negro era definido através de uma contradição, como aponta Zimmerman, por um lado apontado como servil, trabalhador de baixo custo; por outro lado, rebelde, preguiçoso, insolente, além de ser uma ameaça à ordem econômica e política pelas constantes demandas e queixas[219]. O caminho para superar estas barreiras deveria considerar o reforço da propaganda radical entre os negros, levando em consideração o aspecto racial do discurso anticapitalista, mas sobretudo, buscar a unidade de trabalhadores mundiais, negros e brancos, contra o capitalismo. Por conseguinte, o movimento comunista e seus órgãos centrais deveriam lutar contra o "chauvisnismo branco" em seu interior.

McKay fez duras críticas ao que considerava falta de esforço em relação ao desenvolvimento das atividades comunistas junto às massas de trabalhadores negros. Porém, relatou as dificuldades de organização de grupos radicais no Sul devido à segregação racial dos estados do sul, bem como do racismo presente entre os trabalhadores brancos, aspectos que dificultavam a circulação de propaganda radical no sul estadunidense. As preocupações de Claude McKay residiam nas possibilidades de organização dos trabalhadores negros tendo em vista a luta revolucionária e o encaminhamento da "Questão do Negro". Tendo em sua fala a preocupação internacionalista, ou seja, não apenas referente aos negros dos EUA, mas aos negros que viviam a exploração e o sofrimento em outros países fossem eles colônias ou semicolônias, McKay mencionou o momento propício à mobilização. Citando os movimentos de Marcus Garvey, *Universal Negro Improvement Association* (UNIA) e os Congressos Pan-Africanos organizados por W.E.B. Du Bois, sugere que o internacionalismo negro está em voga cabendo ao Comintern a disputa deste campo político. Claude McKay chega a sugerir a organização de uma conferência de representantes negros da América, África do Sul, Oeste Africano e do Caribe que comungassem do espírito revolucionário[220].

---

[219] Andrew Zimmerman. **Alabama in Africa.** Booker T. Washington, the German Empire, and the Globalization of the New South. Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2010, p.7.

[220] Claude McKay. **For A Negro Congress**, Russian State Archive of Socio-Political History (RGASPI) 495/155/43/155-162.Ver também Claude McKay. **Report on the Negro Question**. Speech to the 4th Congress of the Comintern, Novembro de 1922, publicado em: Inprecor, 5 de Janeiro, 1923.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

O convite feito pela União Soviética e a fala de McKay no Quarto Congresso do Comintern, em 1922, representa um evento chave para que se compreenda a relação entre intelectuais radicais negros e o Comunismo Internacional no primeiro terço do século XX. De um lado, a busca, por parte da União Soviética, em abrigar a agenda da "Questão do Negro" e a "Questão Colonial" a partir da década de 1920; e, de outro, o acúmulo de críticas e experiências que negros da diáspora tinham com a exploração capitalista e colonial, com o pensamento marxista, com o racismo e com a luta por autodeterminação. Há que se observar tanto o interesse dos revolucionários bolcheviques em apoiar as causas coloniais e a pauta do internacionalismo negro, quanto em receber o apoio destes indivíduos. É significativo observar nas críticas de McKay, que falava em nome da raça negra e vinha de uma intensa inserção no radicalismo negro internacionalista, as expectativas em relação aos benefícios que a Revolução Russa poderia trazer, não apenas aos negros da diáspora, mas a todo proletariado mundial.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Figura 3 - O escritor húngaro Arthur Holitscher, a militante comunista alemã Clara Zetkin e Claude McKay, Moscou 1923.

Além de sua participação no Congresso do Comintern, McKay também foi convidado a participar de encontros com intelectuais e personalidades da cena literária russa e europeia como forma de experimentar o que os soviéticos apresentavam enquanto antítese das relações raciais do Ocidente capitalista. Em

1923, um destes encontros foi entre o poeta caribenho e a feminista Clara Zetkin, que havia proposto a criação do Dia Internacional da Mulher, em 1910. McKay permaneceu por sete meses dividindo-se entre Moscou e Petrogrado. Durante este período McKay publicou alguns relatos sobre suas impressões, mas também baseou sua autobiografia, *A Long Way From Home*[221], escrita anos depois, em 1937, nesta viagem do início dos anos 1920. Durante sua estadia, e a pedido do Departamento Soviético de Publicações, Claude McKay produziu um livro analisando a situação dos negros na América. No livro, *The Negroes in America*[222], afasta-se do que era comumente defendido por ele e por outros intelectuais negros deste período, e sugere que "a Questão do Negro é no fundo uma questão de classe". E é, desta forma, "um dos principais problemas da luta de classe na América"[223]. Diante desta mudança de argumentação, nos cabe tentar compreender o que estava em jogo diante do apoio ostensivo ao projeto bolchevique.

Em um de seus artigos produzidos durante a estadia na União Soviética, McKay declarava-se abertamente um propagandista dos feitos da Revolução Comunista no campo das relações raciais com o objetivo de combater o racismo nos Estados Unidos. Os feitos e possibilidades da Revolução Bolchevique, foram tema de um debate produtivo entre Claude McKay e W.E.B. Du Bois, nas páginas da revista *The Crisis*, cuja editoria pertencia a Du Bois. Para Claude McKay, Du Bois seria um traidor das classes trabalhadoras e das massas negras porque, "A distinção de cor representa para o Negro, apenas tecnicamente, a causa de seu ostracismo na política e na vida social; na realidade o Negro sofre discriminação por ser o mais desqualificado dos trabalhadores"[224]. Em resposta intitulada *The Negro and Radical Thought*, Du Bois questiona McKay por assumir que as questões de classe tenham primazia sobre as questões raciais. Du Bois segue afirmando que,

> Nós possuímos uma causa central – a emancipação do Negro, e a isto todo o resto deve estar subordinado – não porque outras questões não são importantes, mas porque para nós a questão

[221] Claude McKay. **A Long Way from Home**. New Brunswick, New Jersey e Londres: Rutgers University Press, 2007.
[222] Id., **The Negroes in America**. Port Washington, N.Y.: Kennikat Press, 1979.
[223] Claude McKay. **The Negroes in America**. Port Washington, N.Y.: Kennikat Press, 1979, p. 6.
[224] David Levering Lewis (org.) **W. E. B. Du Bois Reader**. Nova Iorque: Henry Holt, 1995, p. 531.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

> social mais importante hoje é o reconhecimento das raças escuras. [...] Concentrando-se agora no maravilhoso conjunto de eventos conhecidos como a Revolução Russa, Mr. McKay está equivocado ao pensar que tenhamos intencionalmente zombado disto. Ao contrário, o tempo deverá provar, como ele acredita, que a Revolução Russa é o maior evento do século XIX e século XX, e seus líderes grandes profetas altruístas. Neste momento *The Crisis* não reconhece isto enquanto verdade. A Rússia é incrivelmente vasta, e os acontecimentos que lá tiveram lugar nos últimos cinco anos são tão complexos que devem fazer qualquer estudioso refletir. Aguardamos, portanto, com mãos e ouvidos atentos, assistindo alguns resultados esplêndidos da Rússia... e ouvindo outras coisas que nos amedrontam[225].

A partir do questionamento feito por Du Bois a McKay percebemos, também, a expectativa de Du Bois sobre a Revolução Russa alguns anos depois de seu acontecimento. A postura crítica e apreensiva de Du Bois sobre a Revolução bolchevique deve ser colocada em paralelo à sua declaração que abre a citação: "nós possuímos uma causa central – a emancipação do Negro e a isto todo o resto deve estar subordinado"[226]. Du Bois, diferente de McKay, não estava disposto a exercer propaganda em prol do projeto soviético sem um exame atencioso de seus passos e conquistas.

Du Bois, anos depois da Revolução Russa, seguia afirmando que não estava preparado para seguir Marx e Lênin em seus dogmas. Du Bois questiona o fato de McKay, um distinto poeta negro radical, ter aceitado a visão ortodoxa marxista da ênfase econômica sobre a natureza da exploração na sociedade de classes. Apesar de considerar-se um socialista, não acreditava neste como sendo uma panacéia. Questionando a associação acrítica dos negros com a classe trabalhadora vinculada ao socialismo e ao comunismo, Du Bois, pergunta a seus leitores, em crítica direta a Claude McKay, se basta que se adote o programa das classes trabalhadoras para que a classe trabalhadora adote o programa dos negros. Du Bois questionava se os trabalhadores comunistas e socialistas estariam, de fato, comprometidos com a abolição da linha de cor – *color line*[227]. Du Bois termina desejando que isto fosse uma verdade, muito embora conclua que não se tratava de uma verdade. É importante perceber, que apesar das críticas, Du Bois considerava-se um socialista.

---

[225] Ibidem, p. 532.
[226] David Levering Lewis (org.)**W. E. B. Du Bois Reader**. Nova Iorque: Henry Holt, 1995, p. 532
[227] Idem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

> Qual é hoje o programa mais correto para o socialismo? O editor do *The Crisis* considera-se um socialista, mas não crê que o Estado Socialista alemão ou a ditadura do proletariado sejam panaceias perfeitas. Ele acredita juntamente com outros homens pensantes que o presente método de criação, controle e distribuição de riquezas é terrivelmente errado; que de lá deve vir, e virá, o controle social da riqueza; mas o que ele apenas não sabe é qual forma que este controle irá tomar, e ele não está preparado para dogmatizar com Marx ou Lênin. Além disso, e mais fundamental à missão e enfoque do *The Crisis*, é esta questão: Até onde as pessoas de cor do mundo, e particularmente os Negros dos Estados Unidos, podem acreditar na classe trabalhadora? [...] Muitos pensadores Negros assumem, e Mr. McKay parece ser um deles, que devemos apenas aderir ao programa da classe trabalhadora para que a classe trabalhadora abrace o nosso; que devemos apenas entrar no sindicalismo e socialismo ou mesmo o comunismo, como por eles é propagado hoje em dia, para que sindicatos e socialistas e comunistas acreditem e ajam pela igualdade da humanidade e pela abolição da linha de cor. "O *The Crisis* deseja que isto seja verdade, mas é forçado a acreditar que não é".[228]

Isto nos leva a pensar que, ao questionar o monopólio dos marxistas sobre o socialismo, Du Bois o considerava útil aos negros da África e seus descendentes, particularmente. Du Bois estava disposto a disputá-lo, ainda que sob críticas e revisões. Os negros e as pessoas de cor sofriam com a exclusão racial não apenas pelas mãos dos brancos capitalistas, mas também pelas mãos dos trabalhadores brancos. Neste sentido, a questão racial distinguia os trabalhadores negros dos trabalhadores brancos, para Du Bois. Pois, antes de serem considerados trabalhadores, eram vistos como negros. E com isso deveriam arcar com toda a carga negativa que o racismo lhes causava. Negros não eram vistos enquanto trabalhadores, não eram vistos enquanto trabalhadores sequer dentro da categoria marxista de trabalhador. E ao passo que os trabalhadores negros nunca eram pensados fora de sua racialidade, os trabalhadores brancos eram sempre pensados e teorizados enquanto *classe* trabalhadora, mas nunca enquanto *classe* trabalhadora *branca*. Du Bois reconhecia que o trabalhador branco certamente sofria no sistema capitalista. Porém, enfatizava que, ser um trabalhador branco em um sistema capitalista de supremacia branca não se comparava com ser negro nestas mesmas condições.

[228] David Levering Lewis (org.) **W. E. B. Du Bois Reader**. Nova Iorque: Henry Holt, 1995, p. 533.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

McKay, que posteriormente em sua autobiografia iria evocar sua independência intelectual e artística em relação ao movimento comunista internacional, neste momento, início da década de 1920, compartilhava tanto da visão de arte engajada defendida pela União Soviética, quanto da necessidade de uma "arte negra consciente" preconizada por W.E.B. Du Bois. Assim como Padmore, McKay também se desiludiu com o Comunismo Internacional, mas como nunca foi filiado ao Partido Comunista ou fez parte de organizações diretamente ligadas ao Comintern, sua desilusão materializou-se em sua literatura, como na obra lançada apenas postumamente, *Amiable With Big Teeth*[229], ou em seus relatos memorialísticos autobiográficos que reavaliaram a importância do comunismo nas lutas pela libertação do negro. A adesão ao projeto soviético por parte de intelectuais negros deve sempre ser avaliada em sua complexidade, levando em consideração as inconstâncias do exílio, o caráter *deslocado* destes intelectuais, mas também os aspectos pragmáticos da luta pela emancipação dos negros e do continente africano.

Contudo, como forma de analisar o cenário em que os intelectuais negros do primeiro terço do século XX estavam operando, sobretudo, em relação às esperanças depositadas na forma como a União Soviética resolvia suas questões raciais e étnicas, vale a pena avançar na reflexão dos relatos de McKay sobre a União Soviética deste momento. Seus relatos sobre sua estadia na União Soviética o ajudou a construir, juntamente com outros intelectuais negros que estiveram no país comunista, a ideia de que a Europa desconhecia a "barreira de cor" – *color bar* – tal qual era experimentada por negros nos Estados Unidos. Ainda na série de artigos publicados ao longo da década de 1920 no jornal *The Crisis*, McKay relata com entusiasmo sua passagem pela União Soviética e a forma como foi tratado, em detrimento de suas experiências nos Estados Unidos e em outros países da Europa. McKay afirmara que "nunca em minha vida eu havia me sentido orgulhoso de ser africano, um negro (…) de Moscou a Petrogrado vim triunfante de supresa em surpresa, festejado com extravagâncias em todo canto. Fui carregado ao longo de um ambiente excitante e gentil"[230]. Este clima não era limitado aos círculos bolcheviques, segundo McKay, que também experimentou bons momentos com a burguesia antibolchevique.

[229] Claude McKay**. Amiable with Big Teeth**.Londres: Peguin Classics, 2017.
[230] Claude McKay. **Soviet Russia and the Negro**.The Crisis, Dezembro de 1923, p. 63.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Aspecto interessante desta forma de narrativa utilizada por McKay, relatos de viagem que ajudam a construir sua autobiografia, o poeta faz coro a outros afro-americanos que viajaram pela Europa oriental e também enxergaram e evidenciaram as diferenças com os Estados Unidos. De William Well Brown, Frederik Douglas, Nancy Prince que viajaram pelo oriente europeu no século XIX, até W.E.B. Du Bois, que esteve na Alemanha e na Rússia pós Revolução, e apresentou a seus leitores um panorama das relações raciais que muito se afastava da segregação racial norte-americana. Esta estratégia retórica foi largamente utilizada como forma de combater a escravidão e a segregação baseadas em aspectos raciais. Neste sentido, apresentando o respeito e cordialidade experimentada por eles no contato com europeus brancos do leste, estes intelectuais colocavam em cheque o racismo institucionalizado em uma sociedade pretensamente orgulhosa da democracia, do cristianismo e da civilização[231].

Assim como Nancy Prince, que em 1853 descreveu o status de servidão dos camponeses russos diferenciando-o da escravidão do negro nos Estados Unidos, McKay ressalta a igualdade política e social das minorias na União Soviética contrastando a com o racismo sofrido por negros nos Estados Unidos. Em um de seus artigos no *The Crisis*, aponta a mudança de situação dos judeus russos da realidade vivida sob o regime Tzarista e, agora, sob o regime comunista soviético. A situação de desigualdade social e étnica, bem como a segregação experimentada nos tempos do Tzar é comparada e aproximada às leis de Jim Crow no Sul dos Estados Unidos.

Segundo McKay, estes dados servem de paralelo para evidenciar o cenário de igualdade étnica experimentado pelos judeus dentro do Estado Soviético, fazendo com que este modelo de Estado seja algo a ser seguido pelos negros

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

[231] Sobre os relatos, ver: Nancy Prince. "A Narrative of the Life and Travels of Mrs".In: Farah J. Griffin (Org.), Cheryl J. Fish. **Stranger in the Village**: two centuries of African-American travel writing. Boston: Beacon Press, 1988; Frederick Douglass. **The Life and Times**. New York: Collier-Macmillan, 1962; William Wells Brown. **The American Fugitive in Europe**: Sketches of Places and People Abroad. Boston: John P. Jewett, 1855; W.E.B. Du Bois. **The Autobiography of W.E.B. Du Bois**: A Soliloquy on Viewing My Life from the Last Decades of Its First Century. Nova Iorque: International Publications, 1968; Cheryl J. Fish. **Black and White Women's Travel Narratives**: Antebellum Explorations. Gainesville: UP of Florida, 2004; Robert Butler. "The City as Liberating Space: The Life and Times of Frederick Douglass", In: **The City in African-American Literature**. Madison and Teaneck: Fairleigh Dickinson UP; London and Toronto: Associated University Press, 1995;

americanos[232]. A noção de que a União Soviética possuía um modelo de relações raciais harmonioso e virtuoso perdurou por alguns anos, chegando inclusive ser objeto de análise laudatória de George Padmore. Escrito em colaboração com Dorothy Pizer, *How Russia Transformed Her Colonial Empire: A challenge to Imperial Powers*[233], foi lançado em 1946 em um contexto de declínio do Império Britânico. Neste livro Padmore escolheu como epígrafe uma recomendação feita por Stalin durante visita de uma delegação parlamentar britânica à Rússia. À delegação recomendou que contassem "a verdade sobre a Rússia. Nós temos muitas coisas que são boas e muitas que não são. Falem a verdade sobre ambas. Nós temos plena certeza que não é tudo perfeito na U.R.S.S.". Em seguida lê-se a frase "nas páginas seguintes nós tentamos seguir as injunções de Stalin"[234].

Ainda dentro de uma tradição literária de descrever a Rússia enquanto um país Oriental, McKay sugere similaridade entre o povo russo, um dos povos mongóis, e os negros. Caracterizando Moscou enquanto uma cidade "quase" oriental e apresentando sua viagem enquanto uma *Arabian Nights Fantasy*, McKay não utiliza este dispositivo de maneira a descrever este oriente enquanto o "outro", tal qual Théophile Gautier em sua obra *Voyage em Russie*, de 1867[235]. McKay não evoca a superioridade do Ocidente em detrimento deste Oriente, mas evoca sua similaridade racial com a Rússia não branca. Neste sentido, para McKay o comunismo soviético guardaria certa ligação com a raça negra do Ocidente, sendo esta ligação baseada tanto nas questões raciais quanto nos aspectos de classe. Ao propor uma descrição racializada da União Soviética e de seus desdobramentos políticos vinculados à Revolução do proletariado, propõe um novo encaminhamento ao Comunismo Internacional e ainda oferece uma crítica ao marxismo e o Partido Comunista dos Estados Unidos (CPUSA) que só enxergavam os problemas raciais através da luta de classe.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[232] Ver Claude McKay. "Soviet Russia and The Negro Question". **The Crisis**. Dec-jan 1923-1924; A Long Way From Home, 2007, p. 125.
[233] George Padmore; Dorothy Pizer. "How Russia Transformed her Colonial Empire: a Challenge to the Imperial Powers". **International Affairs**.Volume 23, Issue 3, 1 July 1947. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/3017320> . Acesso em: 12 jun. 2016.
[234] George Padmore; Dorothy Pizer. "How Russia Transformed her Colonial Empire: a Challenge to the Imperial Powers". **International Affairs**.Volume 23, Issue 3, 1 July 1947. p.5. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/3017320> . Acesso em: 12 jun. 2016.
[235] Théophile Gautier. **Voyage em Russie**. Paris: Charpertiner, Libraire-Éditeur, 1967.

Quando na segunda metade da década de 1930 escreveu seu livro autobiográfico, *A Long Way From Home*[236], publicado em 1937, McKay já estava desiludido com o comunismo e com a União Soviética. Se no início da década de 1920, em 1923, ele dizia-se um bolchevique confiante nos avanços que a Revolução comunista poderia trazer para os negros e para os trabalhadores do mundo, ao afirmar que a União Soviética "é uma grande nação com um braço na Europa que está pensando de forma inteligente sobre os Negros e sua relação com os problemas internacionais"[237]. No final da década de 1930, sua perspectiva mudou. Em sua biografia caracterizou o país como um "uma vasta agitação e um grande experimento", pautando sua experiência na União Soviética enquanto tendo sido estritamente relacionada a interesses literários e evocando sua independência enquanto autor[238]. Esta postura coincide com sua profunda desilusão com o – não – encaminhamento dado à questão racial pelo movimento comunista americano durante o período da Frente Popular em meados da década de 1930 e as revelações sobre as violências cometidas por Stalin dentro do regime comunista. Também aparecem, na sua autobiografia, trechos nos quais ele sugere que fora instrumentalizado pela União Soviética. O que se pode perceber diante da autobiografia de McKay e de sua relação com o comunismo soviético, é que buscando desvincular-se de seu ativismo no campo radical do comunismo e da associação à União Soviética, lança mão de sua identidade de poeta e escritor para reivindicar autonomia. "Eu não fui recebido na Rússia enquanto político, mas primordialmente enquanto um poeta Negro. E a tremenda recepção que recebi foi a grande inspiração e ímpeto para escrever mais"[239].

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

4.2
A União Soviética e os estudantes negros 1920 -1930

Algumas pesquisas recentes sugerem que George Padmore chegou a Moscou em 1929, muito provavelmente na companhia de Jomo Kenyatta, para participar de um curso na KUTV, a *Communist University of the Toilers of the*

[236] Claude McKay, 2007.
[237] Claude McKay, "**Soviet Russia and the Negro**". **Crisis**, December 1923, p. 117.
[238] Claude McKay, 2007, p. 123.
[239] Claude McKay. "**Soviet Russia and the Negro**". **Crisis**, December 1923, p. 44.

East. A KUTV fazia parte da empreitada soviética de oferecer formação educacional e política para possíveis agitadores oriundos das regiões coloniais. A partir do final de década de 1920, dada a aproximação entre o internacionalismo negro e o movimento comunista internacional, o fluxo de estudantes negros foi intenso. De forma geral, os estudantes já possuíam algum tipo de vínculo com Partidos Comunistas locais, contudo, muitos estudantes negros chegavam de países os quais não possuíam Partidos Comunistas, de maneira que estavam sendo formados para que desenvolvessem estratégias comunistas e aplicassem a teoria marxista em seus países natais. Além dos estudantes negros norte-americanos, havia, assim como Padmore, outros estudantes oriundos do Caribe. A quantidade de estudantes do continente africano era baixa comparada com os estudantes das Américas, Europa e Ásia. Jomo Kenyatta esteve entre os alunos oriundos do continente africano[240].

Figura 4 - Claude McKay e Max Eastman, editor do Liberator, Quarto Congresso do Comintern, Moscou, 1922.

Não havia um tempo predeterminado para que os alunos concluíssem seus cursos. O curso completo tinha duração de 20 meses, sendo 16 meses de estudos teóricos, em alguns casos contendo períodos de três meses no interior de fábricas, um mês de experiência em campos militares e um período de excursão pela União

[240] Wunyabari O Maloba. **Kenyatta and Britain an Account of Political Transformation, 1929–1963**. Londres, Palgrave McMillan, 2017.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Soviética.[241] Havia também um modelo de curso mais curto, com de 10 a 12 meses, sendo oito a nove meses de estudos teóricos e o restante com períodos de excursão e campos militares. As disciplinas incluíam economia política, história do movimento comunista, Leninismo, materialismo histórico, construção e burocracia partidária, ciências militares, conjuntura política, noções de inglês. Contudo, as universidades realizavam modificações em suas grades com o passar dos anos. George Padmore, após seu período de estudos realizou alguns seminários e disciplinas sobre as lutas dos negros no continente africano[242].

De acordo com Irina Filatova, o currículo destas universidades influenciou diversos programas de estudos nos anos posteriores. Campos de estudo tais como, "Introdução aos Problemas do Negro nos Países Africanos", que debatia os conceitos e entendimentos diversos sobre o trabalho forçado praticado pelas potências imperialistas, além de discussões sobre trabalho escravo, e formas de trabalho que dessem conta de compreender a emergência do proletariado na África. Este currículo realizou grandes esforços na construção de pesquisas sobre História Colonial, vista enquanto um dos problemas contemporâneos mais importantes[243].

Não obstante o fato de que intelectuais negros gradativamente interessavam-se nos rumos seguidos pela União Soviética pós Revolução Bolchevique de 1917, havia também um sentimento por parte dos estudantes negros, fossem do continente africano ou de áreas coloniais, ou afro americanos, de "busca por dignidade e oportunidade"[244]. Os soviéticos possuíam estratégias de recrutamento e programas educacionais direcionados a indivíduos negros. "As lideranças políticas pretendem treinar novos quadros para a luta contra o colonialismo e a dominação imperial"[245]. As oportunidades de ensino gratuito e voltado para questões prementes de suas lutas, além da expectativa de viver, trabalhar e estudar em um país que se apresentava enquanto um local livre do

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[241] Irina Filatova. **Indoctrination or Scholarship?** Education of Africans at the Communist University of the Toilers of the East in the Soviet Union, 1923-1937, Paedagogica Historica'. International Journal of the History of Education, 1999, Vol. 35, No. 1, 41-66.
[242] John Hooker. **Black Revolutionary**: George Padmore's Path from communism to Pan-Africanism. Nova Iorque, New Praeger Publishers, 1970, p. 76.
[243] Ibidem, p. 49.
[244] Joy Gleason Carew. **Blacks, Reds and Russians***:* Sojourners in Search of the Soviet Promise. New Brunswick, NJ and London: Rutgers University Press, 2008, p. 3.
[245] Joy Gleason Carew. **Blacks, Reds and Russians***:* Sojourners in Search of the Soviet Promise. New Brunswick, NJ and London: Rutgers University Press, 2008, p. 5.

racismo e da opressão. “O que mais impressionava os Negros sobre a sociedade russa”, escreveu Allison Blakely, é “a ausência de racismo institucionalizado. Lá deve haver indivíduos racistas; mas, caso detectadas, estas pessoas estarão sujeitas à reprovação pública” [246]. Eram comuns casos de racismo nas universidades soviéticas, e os estudantes negros logo notaram que os problemas raciais quase sempre envolviam brancos estrangeiros, especialmente americanos, canadenses, britânicos, que frequentemente os assediavam verbalmente ou os atacavam fisicamente[247].

Oficialmente, o governo soviético e o Partido Comunista condenavam o racismo e a discriminação racial. Experimentar viver em uma sociedade na qual os líderes políticos e as instituições condenavam o racismo era algo novo e sem precedentes. E mesmo que houvesse problemas com os quais os estudantes negros deveriam lidar, estavam vivendo em um país no qual não precisariam lidar com o sofrimento “discriminação e humilhações devido à cor de sua pele” Tanto do ponto de vista pessoal, quanto do educacional, nenhum outro país oferecia tais condições aos indivíduos negros[248]. Era comum que, mesmo aqueles indivíduos oriundos de setores médios das colônias, como era o caso de George Padmore e Claude McKay, que gozavam de certo conforto material em relação ao restante dos negros em seus países, não tivessem muitas oportunidades nas colônias. Não havia postos de trabalho para negros qualificados nas possessões britânicas do Caribe, ou nas colônias africanas. Neste sentido, a educação oferecida por estas universidades, além de ser de alta qualidade e tratar de questões centrais para estes indivíduos, representava a possibilidade de conquistar treinamento superior e exercerem ofícios e ocupações de alto requisito. Outrossim, esta era uma oportunidade para que estes jovens ultrapassassem as fronteiras e se internacionalizassem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[246] Allison Blakely. **Russia and the Negro**: Blacks in Russian History and Thought. Washington, DC: Howard University Press, 1986, p. 166.

[247] Woodford McClellan. **Africans and Black Americans in the Comintern Schools, 1925-1934**. The International Journal of African Historical Studies, vol. 26, No. 2 (1993), p. 377

[248] McClellan sugere ainda que: *Like their Western counterparts, Soviet communist and state universities occupied the same moral ground — with all its hypocrisies — as the societies they served. The special communist institutions of higher education provided no paradise, but they did admit, educate, and generally coddle small numbers of blacks. For all their own shortcomings, and despite the perverse agenda of the regime which controlled them, those schools played a generally positive role in the growing worldwide assault on racism and colonialism.* Woodford McClellan. **Africans and Black Americans in the Comintern Schools, 1925-1934**. The International Journal of African Historical Studies, vol. 26, No. 2 (1993), pp. 387-388.

Contudo, como o caso de Kenyatta elucida, houve casos de estudantes que cursaram as universidades soviéticas e não seguiram atuando no movimento Comunista Internacional. Segundo W.O. Maloba, um de seus colegas de classe que o descreveu como tendo sido o "maior reacionário que conheci".[249] Kenyatta, que foi recrutado para a KUTV por George Padmore diante de sua preocupação de que estudantes negros do continente africano obtivessem treinamento comunista, e não apenas os afro-americanos e caribenhos, soube utilizar-se das oportunidades que lhe foram oferecidas. Como afirma John Hooker, na biografia de George Padmore, Kenyatta permaneceu enquanto um "burguês nacionalista em seu cerne", e seguiu sendo conhecido entre os mais próximos enquanto um "estridente anticomunista"[250]. Havia uma preocupação para Kenyatta, desde que iniciou seus planos de retorno ao Quênia para seguir com as lutas nacionalistas, de que ele não fosse vinculado ao comunismo. Kenyatta estava consciente dos perigos causados por sua viagem à Rússia, em 1929.

Um dos primeiros negros de que se tem registro na União Soviética no período entreguerras foi Bankole Awooner-Renner, de ancestralidade Ashanti, da então Costa do Ouro, que usava o nome de Kweku Bankole. Antes de sua chegada à Rússia bolchevique, Bankole havia estudado no *Tuskegee Institute*, no Alabama, e transferido para o *Carnegie Institute of Technology*, em Pittsburgh. Nesta cidade entrou em contato com o comunismo, relação esta que o fez seguir seus estudos na Rússia. Constam registros de matrícula de Bankole em novembro de 1925[251]. Consta uma passagem na qual Bankole questionou publicamente o diretor do Comintern, Grigori Zinoviev, que ministrava a disciplina sobre a política externa soviética. Quando sua exposição abriu para perguntas, Bankole questionou "qual o posicionamento do Comintern sobre a opressão sofrida pelas nações africanas?". Zinoviev deu explicações sobre o Egito e sobre o Marrocos, mas nada falou sobre

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[249] Wunyabari O. Maloba. **The Anatomy of Neo-Colonialism in Kenya British Imperialism and Kenyatta, 1963–1978**. Londres, Palgrave McMillan, 2017, p. 19.

[250]John Hooker. **Black Revolutionary**: George Padmore's Path from communism to Pan-Africanism. Nova Iorque, New Praeger Publishers, 1970, p. 16.

[251]**Dicionário biográfico africano**, Vol. I: Ethiopia-Ghana, New York, 1977, p. 208-09; Ver também, Allison Blakely. **Russia and the Negro**: Blacks in Russian History and Thought. Washington, DC: Howard University Press, 1986. O porquê de Awooner-Renner ter concordado em transferir-se para a KUTV permanece incerto; possuía carteira de estudante com o número, 2609; RTsKhIDNI, 532/1/23, 45. Constam nos registros que com ele chegou o Jamaicano Aubrey C. Bailey ("Jean Dessolin," No. 2608), o americano Carl Jones ("Dzhons," No. 2612), o africano Holle Sella Tamba ("Nelson," No. 2610), e SonyaKroll (No. 2747); RTsKhIDNI, 532/1/45, 3. Bailey participou da African Blood Brotherhood na Philadelphia e Nova Iorque.

a África subsaariana, que, segundo Bankole, seriam "o povo mais oprimido" ao Sul do Saara. A falta de informações sobre a África negra fez com que Bankole enviasse uma carta na qual, diferente de declarações dadas em privado, deixou de lado as acusações de racismo e concentrou-se no que considerou apenas descuido do diretor do Comintern[252].

Esta passagem revela que, em meados da década de 1920, as universidades comunistas, muito embora estivessem abrindo vagas para estudantes negros não estava preparada para tratar da "Questão do Negro" e da "Questão Colonial" no interior da instituição. Neste sentido, é fundamental compreender que estes estudantes, oriundos de locais e cidades com intenso debate intelectual sobre as questões referentes à liberação dos negros da diáspora deram à União Soviética. Outro aspecto notável de destaque foi o descuido em relação às matrículas. Em uma avaliação feita sobre a primeira turma da KUTV, em outubro de 1921, a instituição detectou que a maioria de seus estudantes era oriunda do campo. Os estudantes negros que chegaram à *International Lenin School* entre 1925 e 1938, contudo, foram selecionados entre aqueles que possuíam o ensino secundário, ainda que alguns dos estudantes demandassem reforços educacionais. Alguns destes negros estudantes foram recebidos com loas de agitadores influentes. Isto fez com que alguns recebessem tratamento diferenciado com auxílios para viagens, escritórios, tutores especiais, roupas e fácil acesso aos membros do alto comissariado do Partido.

Inicialmente os relatos do convívio dos estudantes negros com outros estudantes não negros e cidadãos soviéticos eram positivos. Contudo, como aponta McClellan, a Rússia possuía um histórico de discriminações às minorias tártaras, turcas, judias, por exemplo[253]. A maior parte dos casos de racismo relatados por estudantes negros envolvia estudantes norte-americanos brancos. Diante da experiência dos jovens negros da violência racista nos Estados Unidos ou em locais coloniais, seu desejo de combater este mal e, ao mesmo tempo, experimentar uma realidade sem a discriminação pela cor na União Soviética, levou diversos destes jovens a denunciar os casos de racismo detectados. Quando estes casos de racismo eram detectados, os estudantes negros evocavam o

[252] Woodford McClellan. **Africans and Black Americans in the Comintern Schools, 1925-1934**. The International Journal of African Historical Studies, vol. 26, No. 2 (1993), p. 373.
[253] Idem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

antiracismo soviético. Inclusive quando as autoridades das universidades comunistas falhavam em mediar tais valores antiracistas, apelavam ao *Executive Comittee of the Communist International* e ao *District Comittee of All-Union Communist Party*, apontando que tais atitudes seriam não apenas racistas, mas antisoviéticas. Neste sentido, é preciso compreender, como aponta Meredith Roman, que o discurso antiracista soviético não fora apreendido por estes estudantes negros enquanto algo vazio, abstrato ou paternalista.[254] Mas fora mobilizado enquanto uma potente arma que buscava pautar a agenda Soviética, inclusive dentro da União Soviética.

Figura 5 - Poster soviético com as legendas: 'Sob o capitalismo' e 'Sob o socialismo', 1948.

Em 1933, por exemplo, um grupo de estudantes negros tanto do continente africano quanto da Diáspora Negra, realizou um encontro com Dmitri Manuilski, diretor do ECCI, na KUTV. Os estudantes negros da organizaram suas críticas a alguns aspectos da sociedade e da cultura soviética lidos enquanto racistas, sob a narrativa do antiracismo soviético. Ocorria, entretanto, que e as críticas mais contundentes a estes aspectos da sociedade soviética, feitas por negros africanos, fossem relativizadas pelos estudantes negros norte-americanos, sobretudo. A

[254] Meredith Roman. "Race, politics and US Students in 1930s Soviet Russia".**Race & Class** ***53***, no. 2 (Outubro de 2011): 58-76.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

defesa da União Soviética enquanto uma sociedade antiracista possuía o valor de combate direto à segregação nos Estados Unidos, sem contar que estes estudantes viam positivamente a possibilidade de criticar construtivamente o antiracismo soviético em detrimento de engrossar o coro antisoviético pondo em risco suas possibilidades de construção futura[255].

A presença de estudantes negros na União Soviética causava, em americanos brancos em visita à Rússia, a sensação de que o tratamento dado aos negros tornava-os hostis e "extremamente ofensivos" em relação aos brancos. Houve casos em que, diante da aproximação entre estudantes negros e mulheres russas e consequentes críticas e atos racistas, os estudantes negros afirmassem que "nós somos como os homens brancos; nós casamos com mulheres brancas".[256] Estas situações causavam na cabeça dos homens brancos norte-americanos o medo de que, ao retornarem para os Estados Unidos, estes negros exigissem serem tratados "como homens brancos"[257]. Em 1929, Hubert Harrison, que se matriculou na *International Lenin School*, em 1927, foi alvo de rumores maliciosos diante de sua aproximação de uma mulher branca russa em Yalta[258].

Um dos aspectos pouco estudados sobre a trajetória de Padmore é a sua relação com Frieda Schiff, uma mulher branca. Frieda mudou-se para Moscou por razões desconhecidas, mas era filiada ao KPD desde 1919. Dominava tanto o inglês quanto o francês. Ela possuía um filho, fruto de um relacionamento com o comunista escocês John Leckie. Não se tem informações de quando Padmore e Frieda iniciaram seu relacionamento, muito embora a relação dos dois fosse do conhecimento dos membros do *Red International Labor Union Negro Bureau*, como seu companheiro Garan Kouyaté[259]. De acordo com um relatório soviético sobre a mulher, há informações de que ela tenha vivido com um negro que havia deixado a União Soviética rumo a Paris e se tornado trotskista e arqui-inimigo do regime stalinista[260]. De acordo com relatos de Margarethe Buber-Neumann,

[255] Ibidem, p. 60.
[256] Idem.
[257] Meredith Roman. "Race, politics and US Students in 1930s Soviet Russia".**Race & Class** ***53***, no. 2 (Outubro de 2011): 58-76, p. 60.
[258] Holger Weiss. **Framing a Radical African Atlantic**: African American Agency, West African Intellectuals and the International Trade Union Committee of Negro Workers.Leiden: Brill, 2014, p. 309.
[259] Em carta de Kouyaté para Padmore de 14 de abril de 1932, Kouyaté envia "lembranças a Frida. RGASPI 534/3/755, Pasta 37.
[260] Frieda Schiff, arquivo pessoal, relatório de Gustav de 26 de fevereiro de 1940 e relatoria de Jorge de 3 de fevereiro de 1932, RGASPI 495/205/6018, pastas 1, 3 e 4.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

conhecida de Frieda, Padmore seria, de fato, o sucessor de John Leckie. Ainda que em seus relatos tenha afirmado que a mulher possuía uma atitude "moderna" em relação a homens e comportamento sexual[261]. Entretanto, já que Padmore nunca se divorciou de Julia Semper, e temia ser acusado de bigamia por seus companheiros, ele e Frieda Schiff nunca se casaram.

Contudo, o que é digno de destaque na trajetória de Padmore e no papel que Frieda possui ao seu lado é a declaração de Otto Huiswoud, em agosto de 1933, na qual menciona que "todo trabalho técnico do Comitê e do jornal [*The Negro Worker*] foi até agora feito pela esposa do camarada Padmore]"[262]. É importante destacar que George Padmore, ao longo de sua trajetória sempre contou com a parceria de mulheres que estiveram ao seu lado, realizando traduções, datilografando seus manuscritos, ou atuando ao lado dele em pesquisas para livros e panfletos. A participação ativa de mulheres nos movimentos políticos não pode, contudo, ser limitada a procedimentos administrativos. Frieda Schiff possui um histórico junto ao movimento comunista, que por sua vez foi abalado por conta de sua proximidade com Padmore. Consta que ela tentou integrar o Partido Comunista da Espanha, por volta de 1936, e ajudar no contexto da Guerra Civil Espanhola. Contudo, o partido certamente foi avisado de sua relação com um ex-comunista e agora antistalinista, impedindo que a militante se juntasse ao Partido Comunista da Espanha[263].

Não era incomum que estudantes negros ou integrantes negros do Partido Comunista mantivessem relacionamentos com mulheres europeias durante sua passagem por Moscou ou no trabalho pelo Comintern. Harry Haywood e Wiliam L. Patterson escreveram sobre seus relacionamentos durante sua estadia na União Soviética em suas obras autobiográficas. Haywood casou-se com Ekaterina, também conhecida como Ina, em 1927, e Patterson casou-se com Vera Gorohovskaya, em 1929, com quem teve duas filhas. Patterson terminou seu casamento quando decidiu retornar aos Estados Unidos, ao passo que Haywood planejava que Ina o seguisse para os Estados Unidos, inicialmente. Os planos de

[261] Holger Weiss**. Framing a Radical African Atlantic**: African American Agency, West African Intellectuals and the International Trade Union Committee of Negro Workers.Leiden: Brill, 2014, p. 307.
[262] Relatório de Edwards, pseudônimo de Otto Huiswoud, sem data, RGASPI 534/3/895, Pasta 121.
[263] Holger Weiss. **Framing a Radical African Atlantic**: African American Agency, West African Intellectuals and the International Trade Union Committee of Negro Workers.Leiden: Brill, 2014, p. 308.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Haywood foram obrigados a mudar por conta da negativa da embaixada norte-americana em Riga, que, em 1932, negou o visto para Ina entrar nos Estados Unidos[264].

No que pode ser observado enquanto um constrangimento causado pelo exílio destes homens negros, mas também por conta do racismo institucional existente nos Estados Unidos, é que o divórcio seria a única alternativa realista diante da decisão de retornar aos Estados Unidos. Tendo estado em solo soviético, um negro, casado com uma cidadã soviética, certamente não teria dias tranquilos com as autoridades norte-americanas. Contudo, as relações entre homens negros e mulheres brancas na Rússia integram a narrativa sobre a União Soviética ser um local livre do racismo, marcado pela utopia de uma sociedade livre do preconceito de cor ou raça.

Entretanto, o convívio entre estudantes negros e brancos oriundos dos Estados Unidos, seguia produzindo cenas lamentáveis de racismo. Dos estudantes negros, Leonard Patterson (Cotton Terry) e John Brown (Carl Jacoby), foi exigido que dançassem o "*jigg*" e cantassem *spirituals*, diante de uma plateia de trabalhadores russos curiosos diante dos rapazes negros. Ambos os estudantes negros em uma reclamação formal às autoridades universitárias, enfatizaram que tal solicitação era extremamente ofensiva, pois, desde os tempos da escravidão donos de escravos os forçavam a dançar sob ameaça da chibata. Além do mais, fazia com que se sentissem tratados como selvagens que acabaram de sair da selva, dos quais se esperava um comportamento bruto, performático e não civilizado. Patterson explicou que, diferente dos russos, os americanos possuíam um histórico de escravidão e de racismo que os levava a acreditava que dançar o "*jigg*" seria a única coisa que negros saberiam executar. As autoridades da *Lenin School*, contudo, mostraram-se surpresas com tais reclamações e utilizaram como contraponto um caso semelhante, quando Harry Haywood foi interpelado por trabalhadores russos pedindo que fizesse a "dança dos escravos", mas não avaliou tal situação enquanto um ato racista. Patterson enfatizou que, caso a unidade inter-

[264] Ver William L. Patterson. **The Man Who Cried Genocide**.New York, International Publishers, 1971, p. 109; Ver também Hary Haywood.**Black Bolshevik**: Autobiography of an Afro-American Communist. Chicago Illinois, Liberator Press, 1978, pp. 174, 338, 382, 387-388.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

racial fosse, de fato, um objetivo a ser alcançado, os brancos norte-americanos deveriam cessar com tais solicitações aos negros[265].

O aspecto marcante é que poucos estudantes brancos pareciam considerar as reclamações dos estudantes negros, não repensando suas práticas ancoradas no racismo. Desta maneira, as chances reais de integração racial entre militantes brancos e negros eram escassas. Era comum que os estudantes brancos não se considerassem culpados pelo racismo, atacando por sua vez os estudantes negros, que eram taxados de "gangue de nacionalistas", extremamente sentimentais, indisciplinados e indolentes em relação às normas universitárias. Também argumentavam que os estudantes negros pretendiam criar o caos na *Lenin School* sob a atmosfera da "negridade" – *negritudeness*[266].

Contudo, o fato que merece destaque na relação dos estudantes negros com os casos de racismo nas universidades comunistas, é como eles lidaram com estes casos, do ponto de vista de seus vínculos com o projeto socialista da União Soviética. Roman Meredith menciona que houve um cálculo nas respostas dadas a alguns casos de racismo passados na União Soviética neste momento, e que, este cálculo esteve ligado à necessidade de se defender a União Soviética enquanto uma sociedade antirracista e com convivência harmônica entre as raças.[267] Ainda que não se possa afirmar se esta defesa por parte dos estudantes negros refletia a crença na materialidade desta sociedade sem racismo. O antirracismo soviético possibilitou que os estudantes negros, sobretudo, dos Estados Unidos, operassem com um conjunto de práticas e discursos que trouxe novas perspectivas para as relações entre negros e brancos dentro do comunismo. Ainda que limitadas, estas perspectivas trouxeram dignidade e fomentaram a busca por igualdade entre negros e brancos, além de disponibilizarem um conjunto de argumentos contra o racismo nos Estados Unidos, um país capitalista.

Já alguns estudantes negros oriundos do continente africano fizeram denúncias mais veementes contra o que percebiam enquanto racismo e chauvinismo. Ao passo que os estudantes negros norte-americanos buscavam, através de suas críticas, aprimorar o antirracismo soviético, os estudantes

[265] RGASPI, f. 531, op. 2, d. 56, ll. 116–119. Sobre Patterson, ver 'Lichnoedelo Patterson Leonard', RGASPI, f. 495, op. 261, d. 4797, ll. 1–10. Sobre Brown, Ver 'Lichnoedelo Iakobi Karl', RGASPI, f. 495, op. 261, d. 4881.
[266] RGASPI, f. 531, op. 2, d. 56, ll. 57–59, 116–117, 119, 132, 162–165.
[267] Meredith Roman. **Race, politics and US Students in 1930s Soviet Russia**. Race & Class *53*, no. 2 (Outubro de 2011): 58-76.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

africanos atacavam sua inconsistência e questionavam sua validade. Pierre Kalmek, por exemplo, das colônias francesas, revelou ter presenciado diversos casos de racismo no país dos trabalhadores. Mencionando seu trabalho enquanto marinheiro, afirmando ter viajado por toda a Europa, "mas em nenhum outro lugar eu vi tanto chauvinismo como na União Soviética". "E por que eu vim para cá?", questionou. "Porque eu ouvi muito sobre e li nos jornais que a URSS era o lar dos povos oprimidos, um país sem o chauvinismo". Entretanto, infelizmente, "eu encontrei mais chauvinismo do que nos países capitalistas. Estive na Itália, Índia, e em outros países. Ninguém cuspiu em mim nestes locais como cuspiram em mim aqui em Moscou, três vezes". Edwin Mofutsanyana (Greenwood), futuro secretário do Partido Comunista da África do Sul, também possuía relatos semelhantes[268].

Contudo, o que este desencontro nos relatos sobre casos de racismo entre estudantes negros norte-americanos e africanos significa? Jochen Hellebck menciona que é incorreto considerar automaticamente os relatos positivos sobre a União Soviética enquanto performance, ou propaganda soviética, ao passo que os relatos negativos figurariam expressões autênticas da realidade racial na Rússia. Publicado em 1988, *Black on Red*[269], a autobiografia memorialística de Robert Robinson, que trabalhou em fábricas da União Soviética ao longo da década de 1930, possuía a intenção de atacar os líderes soviéticos. Entretanto, em seus relatos relembra que sempre foi tratado com respeito por seus colegas russos na fábrica de Stalingrado no início de 1930. Há que se considerar, também, as diferenças de percepção diante de um negro oriundo dos Estados Unidos, associados ao progresso, civilização e urbanidade, e da visão sobre os negros oriundos do continente africano, o "continente escuro" – *dark continent* – associado aos animais, à selva, ao exótico, como peças tais como *The Negro Child With the Monkey* reforçavam. Aspecto que também chama atenção são as definições de racismo distintas nos relatos de estudantes negros vindos do continente africano e daqueles vindos dos Estados Unidos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[268] Sobre Peter Kalmek, ver Estenograma de Manuilski para os estudantes do nono setor da KUTV, 19 de Janeiro de 1933, RGASPI, Pasta 532, op. 1, d. 441, ll. 1–13; Sobre Mofutsanyana, ver A. B. Davidson (org.) **South Africa and the Communist International**. Vol. 1.Oxford: Routledge, 2002, pp. 6–8.

[269] Robert Robinson. **Black on Red: My 44 Years inside the Soviet Union**. Washington, DC: Acropolis Books. 1988.

Há que se considerar, igualmente, que, os militantes que frequentavam as universidades comunistas e a União Soviética vindos dos Estados Unidos possuíam experiências distintas das dos não norte-americanos. A narrativa antirracista soviética privilegiava estes indivíduos por conta de ser o racismo norte americano seu principal adversário. Não à toa, o Comintern definiu os negros norte-americanos enquanto a vanguarda que libertaria os negros do mundo da opressão e do colonialismo. Neste sentido, pode-se considerar que a defesa mais arraigada do antirracismo soviético por parte dos estudantes negros norte-americanos se deu por serem estes os potenciais beneficiários primários desta narrativa. Novamente, cabe distinguir esta estratégia de defesa do projeto de harmonia racial soviético de uma leitura concreta da realidade. O que se espera com estes relatos, longe de elencar fatos anedóticos, é estabelecer uma etnografia deste contexto específico que nos auxilie nas leituras da adesão ao projeto do Comunismo Internacional ao longo da década de 1930, mas também de seus limites e sinais da onda de desilusão experimentada por diversos intelectuais negros, entre os quais George Padmore.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

4.3
*African Blood Brotherhood*ea Diáspora Negra

Otto Huiswoud participou do Quarto Congresso do Comintern, em 1922, enquanto delegado representante da *African Blood Brotherhood*. Chamou atenção para a necessidade de se observar com seriedade a "Questão do Negro", já que, segundo ele, ela vinha sendo ignorada. Huiswoud foi nomeado responsável pela Comissão do Negro – *Negro Comission* – criada pelo Congresso. Considerava que a "Questão do Negro" seria um desdobramento da questão racial e colonial, uma 'outra fase' agravada e intensificada pelo conflito racial entre brancos e negros. Otto Huiswoud, diferente de Claude McKay, manteve seu foco nos Estados Unidos, ainda que tenha mencionado casos do Caribe e da África. A ABB acreditava que os Estados Unidos seriam a vanguarda do pensamento político entre os negros. A ABB atuava nos EUA e em alguns locais do Caribe, entretanto, seu principal local de influência era a cidade de Nova Iorque. Seus integrantes articularam raça e classe em seu programa e ações através da combinação de

elementos do marxismo e da ideologia do "race first", ou da primazia da raça enquanto categoria de análise da situação dos negros. Era comum que em suas publicações seus líderes se apresentassem enquanto "*race radicals"* e "*class radicals*"[270].

A questão racial e a questão da luta de classes eram vistas pela ABB enquanto complementares. Reconhecendo-se composta por um grande grupo de negros "racialmente radicais", e por um pequeno, porém crescente grupo de "radicais de classe", a ABB reconhecia a natureza essencial da luta de classes. Entretanto valorizavam o radicalismo racial enquanto um *natural* e valioso passo rumo ao radicalismo de classe[271]. Claude McKay, que também foi integrante da ABB, em publicação de novembro de 1922 no *International Press Correpondence*[272] sobre a questão racial nos Estados Unidos afirma que os negros do sul dos Estados Unidos possuem diversas queixas contra a América "branca" como os linchamentos, sua falta de cidadania e servidão no Sul e discriminação nas indústrias do Norte, contudo, de maneira geral o negro é apenas racialmente consciente e *rebelde*, e não *revolucionário* e possuidor de consciência de classe. McKay finaliza seu relatório reafirmando a importância de se produzir uma propaganda radical para os negros que, sujeitos a movimentos tais como o "*Back to Africa*" de Marcus Garvey, estão deixando a América rumo ao continente africano por "um apelo emocional como alento para seu sofrimento". Ainda segundo McKay,

> [No] presente os negros odeiam e não acreditam nos brancos na mesma medida em que eles são hostis à propaganda radical dos brancos. […] Os negros são hostis ao Comunismo porque o enxergam enquanto um movimento de luta de classes "branco" e consideram o trabalhador branco enquanto seu maior inimigo, que impõe a barreira de cor (*color line*) contra os negros na fábrica, nos escritórios e os lincha e os queima em pelourinhos por serem de cor. Apenas líderes negros mais capazes e com pensamento mais amplo, que conseguem combinar as ideias comunistas com uma profunda simpatia pela compreensão das demandas do homem negro, irão alcançar as massas com a

[270] Cyril Briggs. "Program and Aims of the African Blood Brotherhood" **The Crusader**, Outubro de 1922.
[271] Cyril Briggs. "Program and Aims of the African Blood Brotherhood" **The Crusader**, Outubro de 1922.
[272] Claude McKay. "The Racial Question: The Racial Issue in the United States". **International Press Correspondence**, v.2 (21 de Novembro de 1922), p. 817.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

> propaganda revolucionária. Existem poucos destes líderes na América hoje[273].

Em 1922, mais precisamente em outubro, a ABB lançava seu programa na revista *The Crusader*.[274] A primeira frase do texto diz que "uma raça sem um programa é como um barco sem leme. Está absolutamente a mercê das intempéries"[275]. Determinados a suprir uma carência de mais de cinquenta anos sem um direcionamento, a organização radical que tinha como um dos lideres o caribenho Cyril V. Briggs, também editor do *The Crusader*, apresentava o leme para o barco negro do Estado. Em um dos tópicos do programa havia a menção direta à União Soviética. Mencionando a importância de se conhecer seus inimigos e de onde a opressão vem, seria fundamental que se buscasse cerrar fileiras com movimentos que buscassem o mesmo objetivo independente de se endossar seu programa ou não. O ponto era estar lado a lado contra o inimigo comum. Este era o ponto sobre a União Soviética, que não residia nos méritos ou deméritos da forma de governo recém-adotada na Rússia, mas no fato de que a Rússia Soviética estava oferecendo ferrenha oposição às nações imperialistas e aos capitalistas que subjugaram a raça negra e a dividiram entre si a "terra-mãe" – *Motherland*.

O manifesto da ABB propunha a criação de uma federação de todas as organizações negras que estivessem lutando pela libertação do povo negro e pela proteção de seus direitos à "vida, liberdade e busca da felicidade". Esta federação seria centralizada a partir do Norte dos Estados Unidos. Entretanto, deveria conter células secretas no Sul dos Estados Unidos tendo em vista as leis segregacionistas que impediam a propaganda contra o racismo antinegro. Também havia a preocupação com a proteção dos membros da federação, e por isso sugeria-se a formação de uma brigada responsável pela defesa de sues membros. A federação deveria ser amparada por uma organização protetiva, nas palavras do manifesto, 'o real poder'. Esta organização seria composta apenas pelos "mais corajosos e melhores indivíduos da raça negra" e funcionaria sob disciplina militar, estando pronta a atuar no momento em que proteção ou defesa fossem necessárias[276].

---

[273] Idem.
[274] Cyril Briggs. "Program and Aims of the African Blood Brotherhood".**The Crusader**, Outubro de 1922.
[275]Idem.
[276] Cyril Briggs. "Program and Aims of the African Blood Brotherhood".**The Crusader**, Outubro de 1922.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Ainda que os Estados Unidos fossem vistos como a vanguarda dos negros, a proposta de uma Federação de organizações negras, do ponto de vista da Diáspora Negra, aponta para uma preocupação central de alguns intelectuais negros no primeiro terço do século XX: a construção de uma comunidade política global baseada em aspectos raciais. Este contexto linguístico foi profundamente marcado pela busca e apresentação de rumos para o "barco negro" na encruzilhada do *Império*, *nação* e *estado*. Não obstante, a *intelligentsia* negra composta por caribenhos, afroamericanos e jovens africanos oriundos do Oeste ou do Leste do continente, atuou em meio a outros idiomas políticos disputando os rumos ideológicos e as estratégias políticas das lutas internacionalistas. Como Robin G. Kelley afirma, para muitos intelectuais negros "o nacionalismo étnico e o internacionalismo não eram categorias mutuamente excludentes"[277].

Ou seja, pensando o conceito de nação enquanto articulado ao conceito de raça, o enquadramento transnacional dado por estes intelectuais buscava negociar uma forma de nacionalismo negro e de representação política que se opusesse ao modelo imperial internacional que não reconhecia sujeitos coloniais negros enquanto pertencentes a uma nação. Estes intelectuais negros atuaram em prol da construção de nações soberanas formadas por negros dispersos em um mundo marcado pelo imperialismo global. Os Impérios Ocidentais, portanto, se apresentavam enquanto obstáculos à autodeterminação destes povos, levando estes intelectuais a pensar e operar suas lutas dentro dos marcos transnacionais. Neste sentido, a Revolução Russa e o Comunismo Internacional se apresentam enquanto possibilidades para a luta em prol da libertação do negro e pelo fim da exploração capitalista agravada pelo racismo. Se a Revolução Bolchevique organizava sua luta e sua identidade revolucionária nos marcos transnacionais e amparada na solidariedade entre os trabalhadores e da classe proletária mundial, intelectuais negros e as organizações internacionalistas negras promoveram suas lutas a partir dos aspectos raciais imbricados com o Comunismo Internacional, por exemplo. Esta maneira de atuação serviu de base para que, George Padmore, por exemplo, atuasse no interior do movimento Comunista Internacional de maneira a explorar as possibilidades institucionais que a rede transnacional e a estrutura organizacional do Comunismo Soviético lhe proporcionavam.

[277] Robin G. Kelley. **Race Rebels:** Culture, Politics, and the Black Working Class. Nova Iorque, Free Press, 1994, p. 105.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Figura 6 - Otto Huiswoud e Claude McKay, Moscou, 1922.

Diversos membros da ABB estabeleceram contatos com ativistas asiáticos, por exemplo. O mais notável entre estes militantes foi Sen Katayama, militante radical vinculado ao movimento comunista internacional que liderava o *Japanese Communist Group*, em Nova York, na década de 1920. Estes laços, que foram estendidos durante a participação de Claude McKay e Otto Huiswoud no Quarto Congresso do Comintern, quando os dois tiveram diversos encontros com outros ativistas orientais, marcaram uma plataforma da ABB de observar a questão racial enquanto global. Cyril Briggs, por exemplo, declarou que "a causa da liberdade, seja na Ásia ou Irlanda ou África, é a nossa causa" A "Questão do Negro" era vista enquanto parte de um sistema global de opressões que a Revolução Russa deveria resolver. A ABB foi uma das organizações radicais mais interessantes e importantes dos Estados Unidos no primeiro terço do século XX. Pesquisas de historiadores como Robert Hill, Joyce Moore Turner, Mark Solomon e Winston James dão um ótimo panorama desta organização e suas relações com o pensamento radical negro. Mark Solomon, por exemplo, em seu livro *The Cry Was Unity*[278], enfatiza a independência de pensamento destes intelectuais em relação aos comunistas americanos e também sua originalidade teórica ao questionar a relação entre classe e raça no interior na luta revolucionária. Cyril

[278] Mark Solomon. **The Cry Was Unity**: Communists and African Americans, 1917-1936. Front Cover. Univ. Press of Mississippi.1998

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Briggs alguns anos mais tarde declarou que, "o Negro era o teste para qualquer programa", reafirmando que nenhum dos membros da ABB possuía a certeza de que o anti-imperialismo do Comintern iria se traduzir em um programa pela liberação africana[279]. Wiston James faz uma observação importante revelando o caráter global e internacionalista da ABB, quando afirma que, ao tornarem-se comunistas "eles não se filiaram ao partido americano, filiaram-se ao Comintern"[280].

O contato de membros da ABB com militantes asiáticos foi importante, pois abriu possibilidades para que militantes radicais negros questionassem os privilégios e o preconceito por parte de militantes brancos nas organizações políticas. Estes contatos também ocorreram em outros espaços de luta anticolonial, como Brent Hayes Edwards apresenta, ao relatar os contatos entre Lamine Senghor e Nguyen Ai Quoc, que futuramente seria conhecido como Ho Chi Minh, em Paris[281]. Estes contatos entre o radicalismo negro e o radicalismo asiático nos mostram as possibilidades de pensar como a ABB pensou as questões raciais em um cenário internacionalista e conectando realidades e experiências de Impérios distintos. Mas também como sua proximidade da estrutura organizacional do Comunismo Internacional serviu de plataforma para que a agenda do liberacionismo negro fosse difundida e articulada a outras lutas e contextos, produzindo um discurso anti-imperialista intercolonial.

Os dois periódicos vinculados à ABB, o *The Crusader*, editado por Cyril Briggs, e o *Emancipator*, editado por W.A. Domingo, fizeram parte de uma comunidade impressa negra que foi muito importante para a divulgação dos debates teóricos do pensamento radical negro no primeiro terço do século XX. Outros jornais importantes como o *Crisis*, vinculado a W.E.B. Du Bois, ou o *Messenger*, por exemplo, davam um enfoque Pan-Africano para as lutas por liberação dos negros e do continente africano. Apesar desta imprensa negra, na década de 1920, concentrar-se nos Estados Unidos, era comum perceber argumentos sobre a relação transnacional entre os negros da diaspóra. Cyril Briggs, por exemplo, afirmava que "nascer negro" significava fazer parte de um

[279] Carta de Cyril Briggs para Oakley C. Johnson, 3 de outubro, 1961, Arquivos, Caixa 8, Pasta 18.
[280] Winston James. **Holding Aloft the Banner of Ethiopia**: Caribbean Radicalism in Early Twentieth- Century America. New York: Verso, 1998, p. 180.
[281] Brent Hayes Edwards.**The Practice of Diaspora**: Literature, Translation, and the Rise of Black Internationalism. Cambridge: Harvard University Press, 2003, p. 258.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

grupo político racializado e não integrar um grupo biologicamente homogêneo[282]. Briggs mencionava algumas vezes o retorno "para a terra mãe – *motherland* –para construir um futuro digno e glorioso para a raça africana", e criar para a "Etiópia um lugar entre as nações". Falas como esta apontam para compreensões complexas sobre os vínculos entre os negros oriundos do continente africano e da diáspora. Os conflitos locais por emancipação eram vistos por Briggs enquanto uma contribuição para a liberação global. Esta visão rompia com o pensamento negro liberacionista de fins do século XIX, tais como o Etiopianismo, que por seu teleologismo, via nas lutas por emancipação do continente uma missão civilizatória na qual os negros do Novo Mundo iriam redimir e civilizar os negros do continente africano do atraso, do tribalismo e do imperialismo[283].

Ao discutir a liberação do continente africano nos Estados Unidos, o líder da ABB, Cyril Briggs operava com uma lógica que se processava a partir da articulação das opressões raciais sofridas por negros por Diáspora Negra, pois mencionava que a racialização dos povos africanos do mundo significa que "o status de uma parcela da raça obviamente afeta o status de outras parcelas, independente dos oceanos que as separem".[284] Para Briggs, a unidade racial seria a resposta política para as circunstâncias vividas pelos negros na diáspora. A conexão entre os povos da Jamaica, Alabama, Costa do Ouro, ou Londres, racializado enquanto Negro [*Negro*] não decorria do "fato" de sua negridade [*blackness*].[285] Decorria da caracterização e hierarquização destes indivíduos, enquanto "pretos" [*blacks*], da negação de "direitos iguais e à mera justiça sob quaisquer dos governos existentes", isto era o que tornava estes indivíduos Negros [*Negroes*][286].

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

[282] Cyril Briggs. "Where Glory Calls" **Crusader**, Abril, 1919, p. 8.
[283] Wilson Jeremiah Moses. **The GoldenAge of Black Nationalism, 1820-1925**. Oxford University Press, 1978.
[284] Cyril Briggs. "Would Freedom Make Us Village Cut-Ups".**Crusader**. Fevereiro, 1919, p. 15.
[285] Idem.
[286] Cyril Briggs. "Negro First". **Crusader**. Outubro, 1919, p. 9; Ver também, Wilson Jeremiah Moses. **Afrotopia**: The Roots of African American Popular History. Nova Iork, 1998, p. 26, p. 58.

4.4
W.E.B. Du Bois: Marxismo e a Questão Racial

As tentativas de construção de um movimento transnacional entre indivíduos negros devem ser percebidas em um contexto de intensa mobilização racial. Projetos internacionalistas estavam em disputa e conflitos se produziram, tendo a questão racial como pano de fundo, ou como uma questão central. Neste sentido, é preciso observar o que apontava já no início do século XX um dos maiores intelectuais do século passado, W.E.B. Du Bois sobre a questão racial. Menos citado pela historiografia, um artigo datado de 18 de agosto de 1910, chamado *The Souls of White Folk*, publicado no jornal *Independent*, revela a forma pela qual Du Bois apontava para uma mudança na consciência racial do mundo.

> O Mundo, em uma repentina conversão emocional, descobriu que é branco, e, através desta credencial, admirável. Repentinamente, indivíduos brancos tornaram-se penosamente conscientes de sua branquitude, da palidez de suas peles… repletas de um tremendo e eterno significado[287].

É comum que as conclusões sobre o memorável discurso de Du Bois, no Congresso Pan-Africano de 1900, em Londres sejam dirigidas para a constatação de que o problema do século XX é o problema racial. Contudo, como proposto neste artigo de 1910, o problema ao qual Du Bois se refere no tocante à questão racial é o problema da branquitude que se espalhava tal como uma religião. "Onda sobre onda, cada qual com maior violência, estão quebrando na costa de nosso tempo esta nova religião da branquitude"[288].

O que Du Bois percebia de moderno neste fenômeno era a descoberta que, através desta 'religião', desta branquitude, uma subjetividade que cruza fronteiras nacionais e molda novas formas políticas está ajudando a construir uma nova identidade. Du Bois ao se perguntar o que é a branquitude, ou por que se desejaria esta branquitude, conclui que se trata de um dispositivo patrimonialista. A branquitude seria a reivindicação da "propriedade do planeta terra para todo o sempre, Amém". O que estava em jogo, diante deste cenário e da emergência da branquitude seria a percepção da perda de algo. Du Bois segue seu raciocínio

[287] W.E.B. Du Bois. **The Souls of White Folk, Independent**, 18 de agosto, 1910, p. 339.
[288] Idem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

relatando diversos movimentos de revolta contra a dominação dos brancos pelo mundo. “Estamos sentindo as perturbações do sono na África Negra, ou resmungos da Índia, ou triunfantes ‘Banzais’ do Japão? “Para suas tendas, Ó Israel!” estas nações não são brancas. Construam navios de guerra e empunhem o “Porrete”[289].

A alusão ao porrete estava ligada ao presidente Theodore Roosevelt, que diante da vitória Japonesa sobre a esquadra russa, em 1905, e da conseqüente preocupação das nações brancas do mundo proferia palavras amigáveis, entretanto, empunhava o porrete na diplomacia norte-americana, diante da efervescência dos povos colonizados na Ásia, África e nas Américas. Roosevelt enviou uma frota norte-americana ao pacífico diante do sucesso japonês e esta frota atracou em Sidney e Melbourne, na Austrália. O que chama atenção é que três anos depois, em 1908, um jornalista australiano, W. R. Chalrton, nas páginas do mesmo *Independent*, declara que,

> é um prazer pra nós dizer que, ainda que ilusão, meia verdade ou verdade absoluta, os americanos são nossos parentes, sangue do nosso sangue, ossos de nossos ossos, e unos em nossos ideais de irmandade e hombridade [290].

O que se observa neste contexto a partir das constatações de Du Bois, mas também sobre a relação entre as nações formadas e comandadas por homens brancos no início do século XX, é o avanço da branquitude enquanto uma forma de identificação transnacional. Du Bois se referia a branquitude enquanto uma identidade *global* em seu poder e *pessoal* em seu significado, e que estaria formulando as bases para a geopolítica das alianças e a ontologia dos indivíduos brancos.

O que Du Bois já apontava desde a primeira Conferência Pan-Africana organizada por Henry Silvester Williams na cidade de Londres, em julho de 1900, era que as questões raciais seriam uma questão chave para que se compreendessem os rumos políticos das nações, bem como os limites e exclusões sofridos por indivíduos não brancos. Neste Congresso, Du Bois fez uma fala que antecipou sua obra mais famosa, *The Souls of Black Folk*, que seria escrita em

[289] W.E.B. Du Bois. **The Souls of White Folk, Independent**, 18 de agosto, 1910, p. 340.
[290] W.R. Charlton. “The Australian Welcome to the Fleet”.**The Independent**, 8 de outubro, 1908, p. 815.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

1903, na qual imortalizou sua mais célebre frase sobre a questão racial no século XX. Falando para as "Nações do mundo" na Conferência, em Londres, o intelectual afirmou:

> Na metrópole do mundo moderno, neste ano que encerra o século XIX homens e mulheres de sangue africano organizaram um congresso para deliberar solenemente sobre a presente situação e as perspectivas para as raças escuras da humanidade. O problema do século XX é o problema da barreira racial [*colour bar*], a questão de quão longe as diferenças raciais… serão levadas, daqui para frente, enquanto a base de negação para mais da metade do mundo o direito de compartilhar suas habilidades máximas as oportunidades e privilégios da civilização moderna[291].

O que se deve observar nesta fala de Du Bois é que a questão racial, diferente do que comumente se considera, não estava sendo observada apenas na realidade norte-americana, tendo em vista o regime racista dos estados do Sul norte-americano. Du Bois, que falava às "Nações do mundo", o fazia partindo do encontro de homens e mulheres de diversos países unidos por seu "sangue africano". Du Bois, junto com seus semelhantes que organizaram este encontro transnacional, preocupava-se com os destinos da população colonizada e "mais escura" do mundo. Alguns anos depois, Du Bois, seguindo suas reflexões sobre as questões raciais, irá mencionar que "Questão do Negro" é apenas uma "fase local" de um problema mais amplo, "a barreira de cor [*colour bar*] que circunda o mundo". O destaque ao aspecto transnacional nas observações de Du Bois deve ser enfatizado frente a uma historiografia que comumente toma o pensamento afro-americano das primeiras décadas do século XX enquanto voltado para os problemas locais, nacionais, ou circunscritos ao movimento literário e político do Harlem Reinassance.

O que podemos observar nos anos subsequentes à Primeira Grande Guerra foi a luta para que o pensamento negro e suas agendas fossem ouvidas e lidas através do globo, em uma perspectiva transnacional e partindo de reflexões racializadas. Houve um esforço por parte de intelectuais negros em se colocar no cenário internacional, independente de seu posicionamento ideológico. Marcus Garvey, com seu jornal *Negro World* sendo espalhado por todos os Estados Unidos, mas também pelo Caribe, África do Sul e em diversos territórios da

[291] W.E.B. Du Bois. "To the Nations of the World". In: David Levering Lewis (org.) **W.E.B. Du Bois a Reader**. Nova Iorque, Henry Holt, 1995, p. 639.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

África; W. A. Domingo e Claude McKay, em suas viagens à Rússia; ou o senegalês Lamine Senghor em suas atividades anticoloniais em Paris e na África francófona. Alain Locke, professor da Universidade de Howard, e que manteve proximidade com George Padmore em seus anos como estudante, ao escrever a introdução da antologia chamada *The New Negro*[292], em 1925, enfatizava que o título era uma alusão ao "novo internacionalismo", que buscava propor transformações diante de um cenário restrito pós-Primeira Guerra, testemunha de casos concretos de racismo e segregação.

Hubert Harrison, que possuía, no início do século, objetivos específicos que o afastavam do então liberal Du Bois, era um dos intelectuais que manifestava este tom internacionalista. Preocupado com as lutas por autodeterminação no Egito, Índia, China e África, propunha que,

> antes dos Negros [*Negroes*] ocidentais atuarem efetivamente eles devem primeiro informar-se do que está ocorrendo neste mundo aonde milhares estão atuando… Se nosso problema aqui é realmente parte de algo maior e global, devemos fazer nossas tentativas de solucionar nossa parte em conexão com as tentativas que estão sendo feitas para solucionar as outras partes[293].

Este contexto internacionalista e transnacional esteve profundamente marcado pela percepção de que as disputas no mundo capitalista seriam mediadas pela questão racial. Os Estados Unidos já contavam com um campo radical vinculado às questões raciais que remonta ao período posterior à Guerra Civil norte-americana e às reflexões sobre o "*Negro Problem*" ou, como o país deveria fazer para, diante do grande número de negros livres, avançar política e economicamente rumo à democracia. Hubert Harrison, assim como W.E.B. Du Bois, era um crítico da maneira que o Partido Socialista Americano encaminhava a "Questão do Negro", mas também crítico do "chauvinismo branco" e do racismo no interior do movimento socialista. W.E.B. Du Bois, em artigo escrito no início do século XX chamado *Socialism and the Negro Problem*, escreveu que "o Problema do Negro é o grande teste para o Socialista Americano"[294]. Hubert Harrison, que é considerado a voz do radicalismo do Harlem, emigrou para os

[292] Alain Locke. **The New Negro**.Nova Iorque: Atheneum, 1992.
[293] J. B. Perry. **Hubert Harrison** – The Voice of Harlem, 1883-1918. Nova Iorque, 2009, p. 117.
[294] W.E.B. Du Bois. "Socialism and the Negro Problem". In: David Levering Lewis (org.) **W.E.B. Du Bois***:* A Reader. Nova Iorque, Henry Holt, 1995, pp. 577-580.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Estados Unidos vindo das Ilhas Virgens, em 1900, e exerceu grande influência entre os negros norte-americanos articulando a defesa do socialismo, a luta de classes, uma crítica ao capitalismo através do marxismo unido aos princípios ideológicos do "Race First", comumente associado à *United Negro Improvement Association*, de Marcus Garvey. Harrison, que era um ativo militante radical vinculado ao Partido Socialista Americano, o qual filiou-se em 1909, muito embora tenha se tornado crítico da forma pela qual o partido tratou da questão racial e do racismo presente em seu interior. Após se afastar do Partido Socialista, Hubert Harrison se aproximou do *International Workers of World*, até formar seu próprio grupo chamado *Liberty League* que editava o jornal *The Voice*. Entre 1920 e 1922, Harrison editou o jornal de Marcus Garvey, *Negro World* [295].

Ainda em consonância com Du Bois, Harrison pautava seu ativismo negro através de um marco internacionalista. Entretanto, acompanhando um traço marcante dos intelectuais radicais negros da diáspora, não via contradições entre o internacionalismo e o nacionalismo. Declarava-se um "Radical Internacionalista" e foi um dos intelectuais pioneiros em defender um "internacionalismo de cor" [*coloured internationalism*][296]. A *African Blood Brotherhood*, sob o comando de Cyril Briggs, recebeu grande influência de Harrison, sobretudo, na articulação dos aspectos raciais aos aspectos da luta de classe, além da futura aproximação da organização com o Comunismo Internacional. J. M. Turner menciona que Harrison influenciou uma série de ativistas negros, inclusive Garvey, tendo recebido muito respeito e admiração daqueles que foram enviados para espioná-lo[297].

É notável a influência de Hubert Harrison em outros intelectuais radicais negros como, Wilfrido Domingo, Otto Huiswoud, Richard B. Moore e Claude McKay. Suas atividades despertaram a atenção das autoridades britânicas, preocupadas com sua inserção junto aos militantes do Caribe anglófono e as possíveis decorrências desta radicalidade na crítica ao colonialismo nas Índias Ocidentais. Em um documento oficial britânico, de 1919, Harrison é descrito enquanto um "acadêmico de vasto conhecimento e um propagandista radical" e

[295] J. B. Perry. **Hubert Harrison** – The Voice of Harlem, 1883-1918. Nova Iorque, 2009.
[296] Ver, Wiston James. **Holding Aloft the Banner of Ethiopia** – The Voice of Harlem in Early Twentieth Century America.London, 1998, p. 126; Brent Hayes Edwards.**The Practice of Diaspora** – Literature, Translation and the Rise of Black Internationalism, Cambridge, 2003, p. 244.
[297] J.M. Turner. **Caribbean Crusaders and the Harlem Renaissance**. Chicago, 2005, p. 19.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

"mais efetivo do que qualquer outro indivíduo radical". Também foi mencionado que "suas palestras devem ser consideradas como uma escola preparatória para o pensamento radical nas quais ele prepara negros conservadores para receber e aceitar as mais extremas doutrinas do socialismo"[298].

Aspecto digno de atenção, a aproximação de Hubert Harrison com a doutrina marxista se deu mesmo antes da Revolução Russa de 1917, quando o intelectual já aderira ao socialismo como lente para análise do capitalismo americano e internacional, bem como caminho para alcançar uma sociedade na qual o racismo e a opressão nacional não teriam espaço. O socialismo era visto por Harrison enquanto uma forma de "amenizar o fardo do homem negro", pois, de acordo com ele,

> Não espero que o advento do Socialismo irá remover de uma vez o preconceito racial – a menos que este remova a ignorância ao mesmo tempo. Mas eu espero que ele remova a injustiça racial e amenize o fardo do homem negro. Eu espero que ele retire o homem branco das costas do homem negro e deixe-o livre para pela primeira vez tornar-se completamente ou apenas parcialmente aquilo que escolheu... O Socialismo chega para pôr um fim à exploração de um grupo por outro, seja este grupo social, econômico ou racial. Esta é a posição de Marx, Engels e Kautsky e qualquer grande líder do movimento Socialista. Isto faz parte da estrutura da filosofia Socialista[299].

Outros intelectuais negros radicais compartilhavam a esperança de que o racismo, os linchamentos e exploração dos negros, estivessem eles em países coloniais ou não, deveriam cessar. Contudo, assim como Harrison, outros intelectuais negros próximos ao Partido Socialista Americano mostravam-se insatisfeitos com os rumos tomados em relação às questões coloniais, ao racismo e diante da Questão do Negro, tomada como secundária frente à luta de classes. Diante de problemas colocados pelo Imperialismo perpetrado por diferentes potências europeias e diferentes Impérios, soluções foram pensadas de maneira que seu combate também se desse através de solidariedades desterritorializadas, a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[298] W.F. Elkins. **Unrest Among Negroes**. Documento britânico de 1919 publicado na Science and Society, 32/1, 1968, pp. 66-79.

[299] Hubert Harrison. “The Duty of the Socialist Party”. Apud: Jeffrey B. Perry. **A Hubert Harrison Reader**.Middletown: Weyslean University Press, 2001, p. 59.

partir de vínculos centrados nas similaridades raciais, ou seja, apresentando-se enquanto internacionalistas e transnacionais[300].

Alguns destes projetos internacionalistas, em seus contextos, foram pensados de maneira que as compreensões sobre diáspora e nação aproximavam-se. Publicada em fevereiro de 1920 na revista *The Crusader*, a série de histórias chamada *The Ray of Fear: A Thrilling Story of Love, War, Race Patriotism, Revolutionary Inventions and the Liberation of Africa*[301] contava a saga de Paul Kilimanjaro, protagonista da história da luta revolucionária de homens negros contra poderes imperiais e coloniais que resultou na formação de Estados negros independentes. O anúncio de Kilimanjaro sobre a guerra que seria travada pela *República Negra* esclarece esta aproximação dos conceitos. A guerra era "para a glória da República, a redenção de nossa pátria e da liberação de nossos parentes oprimidos e espalhados"[302]. A noção de nacionalidade estava vinculada à pátria – *fatherland* – à terra natal, à República negra, e a percepção do vínculo com parentes espalhados e oprimidos remete à noção de diáspora. Embora diversos autores tenham enfatizado a diferença entre nação e diáspora no cenário contemporâneo[303], no início do século XX, intelectuais negros da diáspora percebiam-se enquanto parte de *uma* nação, ainda que separada em diversas partes do mundo. Este pertencimento esteve marcado por uma relação afetiva, pela percepção de similitudes raciais, mas também pela busca comum por soberania e autodeterminação.

O pensamento radical negro inseria-se em um mundo marcado pela crescente supremacia branca que, além dos aspectos revelados por Du Bois, materializava-se nas discussões de paz firmadas em Versailles, no pós-Primeira

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[300] Cabe ressaltar que soluções transnacionais também foram pensadas no âmbito das políticas de educação industrial do Tuskegee Institute, de Booker T. Washington, liderança negra dos fins do século XIX que diferenciava-se dos líderes radicais por sua proposta de acomodação dos negros dentro da sociedade capitalista e branca, que por sua vez acreditava que a melhoria das condições de vida de negros seria alcançada através do treinamento para o mercado de trabalho. Andrew Zimmerman ressalta que, a solução proposta pelo Tuskegee Institute para a "Questão do Negro" em fins do século XIX seria o foco na educação industrial de negros, não apenas nos Estados Unidos, mas em todo o "Atlântico Negro", estabelecendo-se como referência para estudantes de localidades como África do Sul, Porto Rico, Haiti e outros lugares das Índias Ocidentais, bem como do Oeste Africano, como Costa do Ouro, Libéria, Sul da Nigéria e Togo. Ver, Zimmerman, 2010.

[301] C. Valentine Briggs. "The Ray of Fear: A Thrilling Story of Love, War, Race Patriotism, Revolutionary Inventions and the Liberation of Africa". **Crusader**, 1920, 18-20, Abril, 1920, pp. 11-12.

[302] Idem, p. 11.

[303] Paul Gilroy, 2012.

Guerra e no projeto das nações europeias organizadas na Liga das Nações. Os projetos pensados a partir da Liga das Nações, substituindo um mundo formado por Impérios, propunham um concerto global organizado a partir de Repúblicas brancas, européias, *civilizadas*, seguindo o que havia sido identificado por Du Bois na primeira década do século XX. Esta linha divisória pautada na cor da pele servia à distinção entre Repúblicas e Colônias, entre o mundo moderno e civilizado e o mundo selvagem carente de tutela. Indivíduos negros, portanto, não figuravam como cidadãos nestes projetos nacionais europeus e brancos. Neste sentido, os projetos Pan-Africanistas buscavam forjar uma nova soberania e, por conseguinte, novas formas políticas que permitissem aos negros e pessoas de cor do mundo viver fora da exploração capitalista ou do racismo.

Esta soberania passava pela questão racial e pela memória histórica do processo colonial escravocrata. Quando a Revolução Russa acontece, em 1917, uma nova possibilidade internacionalista emerge, em contraponto ao projeto internacionalista da Liga das Nações, baseado no elemento nacional visto a partir do referencial moderno eurocêntrico. Ao apresentar um projeto baseado na solidariedade de classe compartilhada por indivíduos das mais diferentes origens, a Revolução Bolchevique se torna algo do interesse do pensamento radical negro do primeiro terço do século XX. Em *The Ray of Fear*, o personagem Paul Kilimanjaro propõe reflexões sobre o conflito mundial muito próximas ao tom apresentado por Marx no Manifesto Comunista. Os campos de batalha da História estariam observando dois campos antagônicos se digladiando. Em lugar da luta de classes, o conflito entre a "raça Negra" e "os opressores e assassinos brancos". O aspecto racial terá presença central nos projetos radicais propostos por intelectuais negros neste momento. Ao retomarem criticamente a história do colonialismo, capitalismo e das relações de trabalho no regime escravocrata, puderam substituir o elemento da classe pelo racial, aproveitando a lógica marxista do conflito entre classes. Paul Kilimanjaro irá mencionar na história que se trata de uma "guerra de raças"[304].

A "guerra pela liberação da raça Negra e de sua pátria sagrada. A guerra contra os opressores e assassinos brancos."[305] Os personagens reforçam a

[304] C. Valentine Briggs. "The Ray of Fear: A Thrilling Story of Love, War, Race Patriotism, Revolutionary Inventions and the Liberation of Africa". **Crusader**, 18 de Abril, 1920, p. 6.
[305] Idem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

percepção de que um dos desdobramentos da experiência nesta guerra entre raças foi a criação de uma consciência racial, tal qual a consciência de classe adquirida por trabalhadores diante da opressão capitalista. Alguns intelectuais negros acreditavam que esta guerra entre raças remontava a um longo passado, este conflito teria sido baseado em noções de raça e de cultura que serviram para exercer opressão e poder sobre os povos negros opondo os europeus civilizados aos bárbaros incivilizados. Cabe ressaltar que na década de 1920 existe uma literatura eugenista e branca que também propunha este conflito entre raças, entretanto, o enxergavam sob o signo da ameaça aos valores civilizacionais e culturais do homem branco[306]. A historiadora Michelle Ann Stephens em seu livro *Black Empire* aponta que este internacionalismo negro que surge no primeiro terço do século XX, deve ser observado sob a categoria de *Império*, pois suas estratégias surgiram a partir de um imaginário racial e global.[307] Segue afirmando que considerar o aspecto imperial dos projetos internacionalistas dos negros ajuda a compreender seus conteúdos tanto radicais de revolução racial, movimentos de libertação, quanto seus aspectos reacionários de militarismo, burocracia estatal e Império[308].

Ao escrever sua obra *Black Reconstruction in America: Toward a History of the Part Which Black Folk Played in the Attempt to Reconstruct Democracy in America, 1860-1880*[309], em 1935, retomando a história do pós Guerra Civil nos Estados Unidos e pensar sobre o "Problema do Negro", Du Bois operou uma mudança teórica na historiografia norte-americana. O premiado biógrafo de Du Bois, David Levering Lewis afirma que este livro "representa uma daquelas genuínas mudanças de paradigmas experimentadas periodicamente em um campo do conhecimento". *Black Reconstruction* representa tanto uma reviravolta na historiografia sobre o período da reconstrução norte-americana pós-Guerra Civil,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[306] A Primeira Guerra Mundial certamente abalou o mundo Ocidental e, sobretudo, a Europa, como pode ser percebido nas reflexões de Lothrop Stoddard, em obra chamada *The Rising Tide of Color against White World- Supremacy*, e também na obra de Madison Grant, *The Passing of the Great Race or the Racial Basis of Europe an History*. Ver, Lothrop Stoddard**. The Rising Tide of Color against White World-Supremacy**. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1920; Madison Grant. **The Passing of the Great Race**: Or, the Racial Basis of European History. Nova Iorque, Charles Scribner's Sons, 1916.

[307] Michelle Ann Stephens. 2005, p. 11.

[308] Idem.

[309] W. E. B. Du Bois. **Black Reconstruction in America**: Toward a History of the Part Which Black Folk Played in the Attempt to Reconstruct Democracy in America, 1860-1880. New York: Harcourt, Brace and Company, 1935.

mas também uma revisão historiográfica do materialismo histórico marxista a partir de um ponto de vista negro. Segundo Lewis sugere, as pesquisas desenvolvidas por Du Bois para este livro remontam ao ano de 1910 e seu texto *Reconstruction and its Benefits*[310]. Du Bois seguiu com suas reflexões trazidas em outra obra anterior, *The Philadelphia Negro: A Social Study*[311], de 1899, uma compilação de 16 estudos sobre aspectos sociais da vida dos negros afro americanos em fins do século XIX, e mergulhou no período pós Guerra Civil conhecido como "Reconstrução". O que estas análises que culminariam no livro *Black Reconstruction*[312]trouxeram foram questões fundamentais para acabar com o mito da "Patologia Negra", ou os fundamentos de como a questão racial era vista após a libertação dos escravos e o fim do regime escravocrata do Sul dos Estados Unidos.

O que a produção desta obra também suscita, do ponto de vista da História Intelectual, é a percepção de um marco ligado à virada teórica para o marxismo ou para o que Cedric Robinson chamou de *Black Marxism*.[313] Contudo, é preciso recorrer à produção de Du Bois desde anos antes de sua adesão ao Partido Socialista. Os artigos publicados em 1907, *Socialist of the Path*, *The Negro and the Socialism*, por exemplo, indicam seu interesse pelo socialismo que culminaria em sua breve adesão ao Partido Socialista em 1911. E ainda que sua adesão ao Partido Socialista tenha durado apenas um ano, Du Bois, seguiu em suas análises, vinculando-se ao pensamento radical e em suas preocupações com a questão racial no sistema capitalista global. Como questiona Reiland Rabaka, vários acadêmicos ignoram trinta anos de produção crítica sobre o socialismo e o marxismo para rapidamente celebrar como o verdadeiro exemplo do emprego da metodologia marxista por Du Bois, a produção do livro *Black Reconstruction*, de 1935.[314]

Na década de 1930, Du Bois afastou-se da tática liberal, pois avaliou que as conquistas da NAACP não se traduziram em mudanças políticas concretas em

---

[310] W. E. B. Du Bois. "Reconstruction and its Benefits".**The American Historical Review**, Vol. 15, No. 4. (Jul., 1910), pp. 781-799.
[311] W.E.B. Du Bois., **The Philadelphia Negro**: A Social Study. University of Pennsylvania Press, 1899.
[312] W.E.B. Du Bois.**Black Reconstruction in America**: Toward a History of the Part Which Black Folk Played in the Attempt to Reconstruct Democracy in America, 1860-1880. New York *Harcourt Brace, 1935*.
[313] Cedric Robinson, 2000.
[314] Reiland Rabaka. **Africana critical theory**: Reconstructing the black radical tradition, from W.E.B. Du Bois and C.L.R. James to Frantz Fanon and Amilcar Cabral. Lanham, Lexington Books, 2009.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

direção à igualdade racial. A questão racial, novamente, era determinante para sua avaliação dos limites do liberalismo. O intelectual afirma que "a dificuldade essencial do Liberalismo do século vinte é que ele não realiza a mudança fundamental possibilitada pelo acerto mundial do trabalho, mercado e comércio". Seu comprometimento intelectual e ideológico era com a derrubada do racismo nos Estados Unidos e no mundo. Um dos aspectos que incentivaram Du Bois a escrever o livro *Black Reconstruction* foi, também, a necessidade de se apresentar outra memória sobre a história dos negros no passado recente norte americano, pois, a memória estabelecida na historiografia oficial era um pilar fundamental para a branquitude manter e reinventar sua opressão. Mais do que negar este mito, o que Du Bois pretendia, era superar e avançar nas reflexões sobre a questão racial nos Estados Unidos criando uma memória social sobre o negro, segundo David W. Blight.[315] Operando um giro teórico em sua escrita, Du Bois buscou analisar o negro na história dos Estados Unidos tendo em vista seu papel central na emancipação. Como não encontrava no Liberalismo arsenal teórico para a análise do negro e seu papel no pós-Guerra Civil, Du Bois aproxima-se teoricamente do marxismo de forma mais contundente. Mais do que isso, Du Bois recentrava sua pesquisa histórica em indivíduos que, até então, não eram vistos como modernos ou dotados de capacidade de transformação social e política, ou sequer como sujeitos.

Dado seu escopo de análises e os dados trazidos à reflexão por Du Bois, *Black Reconstruction* irá representar na carreira acadêmica deste intelectual a adoção deliberada de categorias marxistas para análise social e histórica. Desde o início do século XX ao realizar seus estudos doutorais na Alemanha, Du Bois havia entrado em contato com o marxismo, sem que, contudo, o adotasse enquanto perspectiva analítica. Du Bois, havia se aproximado do Partido Socialista Americano, mas permaneceu apenas um ano. Apesar de suas críticas ao racismo presente no interior do movimento comunista nos Estados Unidos e sua percepção de que a questão racial complexificava a luta de classes, Du Bois, na década de 1920, viajou até a União Soviética e gostou do que viu. Seu biógrafo David Levering Lewis menciona que

[315] David. W. Blight. Race and Reunion: The Civil War in America Memory. Boston, Harvard University Press, 2001, p. 309.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

> Em uma linguagem remanescente da prática religiosa protestante, Du Bois, contou que ficou "atônito e maravilhado com a revelação que foi a Rússia" [e que] "ele poderia estar parcialmente enganado ou mal informado", mas se o que ele viu e ouviu com seus olhos e ouvidos na Rússia era Bolchevismo, [ele escreveu] "eu sou um Bolchevique[316].

Cabe aqui ressaltar o caráter cauteloso de Du Bois em relação à Revolução Russa, que, apesar de ser por ele percebida enquanto um grande evento, necessitava mostrar ao mundo a que veio nos anos subsequentes. É preciso, também, compreender que apesar de ter adotado categorias de análise marxistas em sua produção mais densa apenas na década de 1930, Du Bois, enquanto um intelectual interessado na questão racial desde o fim do século XIX, já vinha operando críticas ao capitalismo mesmo fora deste debate com a teoria marxista. Wilson Moses, em uma obra clássica sobre o pensamento negro chamada *The Golden Age of Black Nationalism, 1850-1925*, aponta que "Du Bois era um anticapitalista muito antes de ser socialista"[317].

Em artigo publicado em 1933 no *Crisis* chamado, *Marxism and the Negro Problem*, afirma que "enquanto o trabalhador Negro na America sofre por conta das iniquidades fundamentais do sistema capitalista, o mais profundo e fatal grau de seu sofrimento advém não do capitalista, mas de seus companheiros de trabalho brancos".[318] Diz ainda que a expansão industrial imperialista criou um "proletariado de trabalhadores de cor trabalhando sob condições do capitalismo do século XIX".[319] Por fim, atesta que "a filosofia marxista é um diagnóstico verdadeiro da situação européia em meados do século XIX, apesar de algumas questões lógicas. Mas deve ser modificada nos Estados Unidos da América especialmente no que concerne aos Negros".[320] Segundo Anthony Bogues, este artigo é importante, pois irá informar o novo posicionamento político do livro *Black Reconstruction*, que seria lançado dois anos depois.[321] Du Bois sugere que "particularmente no coração dos trabalhadores negros, portanto, repousam os ideais democráticos, seja na política ou na indústria, os quais podem, com o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[316] David Levering Lewis, **W. E. B. Du Bois**: Biography of a Race, 1868–1919. Nova Iorque, Henry Holt. 2001, p. 203.
[317] Wilson Jeremiah Moses. **The Golden Age of Black Nationalism**: 1850-1925. Hamden, Connecticut: Archon Books. 1978, p.138.
[318] W.E.B. Du Bois. "Marxism and the Negro Problem".**The Crisis**, Maio, 1933, pp. 115.
[319] Idem.
[320] Ibidem, p. 129.
[321] Anthony Bogues.**Black Heretics, black prophetics**: radical political intellectuals. NY : Routledge, 2003, p. 77.

tempo, fazer dos trabalhadores do mundo os efetivos ditadores da civilização". Anthony Bogues sugere ainda que a percepção de um mundo de ponta cabeças por Du Bois, no qual os trabalhadores negros seriam agentes fundamentais na transformação da nova ordem, faz dele um pensador herético e não ortodoxo[322].

O contexto linguístico do primeiro terço do século XX repleto de mobilizações internacionais de homens e mulheres negros e negras em prol de uma agenda combativa ao racismo anti negro também foi fundamental para que a obra *Black Reconstruction* fosse pensada por este viés. Não obstante, Du Bois, enquanto um dos principais organizadores dos Congressos Pan-Africanos desde o início do século XX até o final da década de 1920, em sua preocupação com a superação da branquitude enquanto um projeto de identidade transnacional deste momento, fez desta análise historiográfica um panfleto político que buscou se contrapor à historiografia norte-americana que servia para manter o lugar social inferior dos negros nos Estados Unidos. Trazendo, já em 1935, o que nos anos seguintes seria desenvolvido por dois intelectuais negros caribenhos, C.L.R. James e Eric Williams em suas obras, *Black Jacobins*[323] e *Capitalism and Slavery*[324], respectivamente, Du Bois propõe que os escravos norte-americanos deveriam ser compreendidos enquanto trabalhadores negros que fizeram parte de um sistema capitalista de exploração do trabalho. Esta afirmação rompia com a ortodoxia marxista sobre a natureza do trabalho enquanto categoria, além de incluir indivíduos negros na modernidade vista a partir da lente europeia. Marx sugere que o trabalho no sistema capitalista produz alienação do trabalhador e sua percepção da exploração do trabalhador neste sistema é tributária das teorias de valor e da mais valia. Por não conseguirem exercer seus meios necessários de subsistência e produção, o trabalhador seria obrigado a vender sua força de trabalho. O trabalho é visto, portanto, enquanto o meio pelo qual o capitalismo expropria e explora economicamente os trabalhadores no sistema capitalista.

No capítulo inicial de sua obra em questão, chamado *The Black Worker*, o autor analisa o que caracteriza como dois sistemas de trabalho nos Estados Unidos vinculados à escravidão e às questões raciais, além de caracterizar e diferenciar o trabalhador negro e o trabalhador branco, nos Estados Unidos do século XIX.

[322] Ibidem, p. 78.
[323] C.L.R, James. **The Black Jacobins**. New York: The Dial Press, 1938.
[324] Eric Williams. **Capitalism and Slavery**. Richmond, Virginia: University of North Carolina Press, 1944.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Havia a exploração do trabalhador branco, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, e, baseado na exploração racial, a exploração do trabalhador negro. A relação entre estas duas formas de trabalho foi discutida por Du Bois da seguinte forma:

> O trabalhador negro tornou-se a pedra fundamental não apenas da estrutura social do Sul norte-americano, mas do comércio e da manufatura do norte, do sistema fabril Inglês, do comércio europeu, da compra e venda em escala mundial; novas cidades foram construídas em cima dos resultados do trabalho negro, e um novo problema do ponto de vista do trabalho surgiu na Europa e na América[325].

Du Bois, seguindo e ampliando o que Claude McKay havia apontado anos antes, sugere que a escravidão racial havia criado uma série de problemas não apenas para os trabalhadores brancos, mas, sobretudo, para as perspectivas da luta revolucionária do proletariado. Ao reconsiderar a questão do trabalhador negro e a escravidão baseada em aspectos raciais dentro da análise marxista, Du Bois revela novas questões que incidiram sobre o sistema capitalista mundial, bem como deveriam alterar as percepções sobre a luta revolucionária.

> Entretanto, as dificuldades vividas pela classe trabalhadora branca hoje através do mundo estão diretamente ligadas à escravidão do Negro na América, sob a qual o comércio moderno foi fundado… o sistema de castas baseado na cor, resultante e mantido pelo capitalismo, foi adotado, ampliado e aprovado pelo trabalhador branco e resultou na subordinação do trabalhador de cor aos benefícios dos brancos mundo afora. Portanto, a maioria dos trabalhadores do mundo, pela insistência do trabalhador branco, tornou-se a base de um sistema industrial que arruína a democracia e mostra seu fruto perfeito na depressão na guerra mundial[326].

A partir desta análise, Du Bois apresenta o capitalismo enquanto um sistema baseado na exploração racial e não apenas econômica. A questão da raça não poderia ser reduzida a mero detalhe na formação da sociedade norte-americana, tampouco na formação do proletariado mundial. Du Bois reflete sobre o trabalho enquanto algo que se estabelece também no que tange à individualidade do homem, ultrapassando o aspecto econômico vinculado à venda da força de

---

[325] W. E. B. Du Bois. **Black Reconstruction *in America***: Toward a History of the Part Which Black Folk Played in the Attempt to Reconstruct Democracy in America, 1860-1880. New YorkHarcourt Brace, 1935, p. 6.
[326] Ibidem, p.30

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

trabalho do trabalhador livre. O trabalho, quando combina a propriedade sobre não apenas sua força de trabalho, mas também sobre a pessoa do trabalhador, torna o ser humano em objeto, minimizando-o em sua esfera privada, tirando deste a individualidade. Enquanto propriedade, o escravo ou a escrava, pertenciam em sua totalidade a seu proprietário. O trabalho e a opressão sobre escravo negro, portanto, não deveriam ser pensados enquanto algo secundário na história do desenvolvimento do capitalismo ou da sociedade norte-americana. Trazendo para a categoria marxista de trabalho novas percepções, Du Bois oferece novas formas epistemológicas para se enxergar a história do Ocidente.

Naquela que pode ser considerada uma das primeiras críticas ao capitalismo a partir dos aspectos raciais, Du Bois irá relacionar colonialismo e capitalismo. Suas reflexões sobre os problemas coloniais nos Estados Unidos o levaram a tecer críticas mais densas ao capitalismo. Por ser um sistema de exploração que se baseava historicamente na usurpação de terras, riquezas, trabalho de pessoas de cor, sobretudo. O capitalismo, por sua vez, não se pautava pela barreira de cor, explorando igualmente homens brancos assim como homens negros ou 'pessoas de cor'. Entretanto, aonde e quando o capitalismo relacionou-se ao colonialismo, e neste sentido há que se considerar que o avanço do capitalismo se dá junto ao avanço do imperialismo europeu em direção ao sul global, a exploração exercida sobre as pessoas de cor é mais brutal e complexa do que a exploração sofrida pelos trabalhadores brancos. Pois sob o regime capitalista organizado a partir da lógica supremacista branca, trabalhadores de cor e trabalhadores negros perdem a possibilidade de vender sua força de trabalho dadas as condições precárias de liberdade, mas também perdem seu senso de individualidade, seu pertencimento de parentesco juntamente com sua história e cultura. Ou seja, o capitalismo ataca frontalmente as identidades dos negros e mina suas possibilidades de luta conectada dentro dos arranjos da diáspora.

Du Bois considerava capitalismo e colonialismo sistemas distintos, sobretudo, no que diz respeito ao aspecto racial, mas que, quando conectados, operavam na vida das 'pessoas de cor' [*coloured people*] e dos negros [*blacks*] uma expropriação de sua humanidade e das possibilidades de contribuição à cultura e civilização mundial. Os componentes raciais do capitalismo e do colonialismo fizeram destes sistemas de opressão e exploração uma relação intrínseca na qual, aonde um apresenta-se, o outro irá aparecer em algum aspecto.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Contudo, Du Bois, mantinha seu ponto de que a diferença fundamental entre estes sistemas é que o capitalismo explora economicamente todos aqueles que vivem sob sua influência, sejam homens e mulheres negras, homens e mulheres de cor ou mulheres e homens brancos. Com esta distinção, ele pautava sua crítica anticapitalista sob um verniz global e internacionalista, mas também propunha uma crítica anticolonial e Pan-Africanista tendo em vista as conexões entre os negros da África e seus descendentes.

Du Bois reconhecia que os trabalhadores brancos atuaram ostensivamente na crítica ao capitalismo e reconhecia, também, que durante o passado século XIX estas críticas estiveram organizadas ao redor do marxismo. Mas Du Bois mencionava que, os marxistas brancos, negligenciavam o caráter racista do capitalismo e reduziam a importância do aspecto racial na economia política em seu discurso quando intelectuais Pan-Africanistas tocavam nestas questões. Este aspecto fez com que Du Bois se colocasse não apenas enquanto um crítico do capitalismo, mas também um crítico aos críticos do capitalismo branco. As críticas feitas por brancos diferiam das críticas feitas ao capitalismo por intelectuais radicais negros. Em sua obra *W.E.B. Du Bois and American Political Thought*, Adolph Reed menciona que "todos concordam que Du Bois morreu socialista, mas poucos concordam sobre quando ele se tornou um ou sobre qual tipo de socialista ele era"[327]. É fundamental que se compreenda que o uso que Du Bois fazia do corolário socialista não era um uso dogmático ou ortodoxo. Du Bois, em sua autobiografia, afirma que sua vida

> possuía seu significado e único significado por ser parte de um problema; mas este problema… o conceito de raça é hoje um dos mais desafiadores e inflexíveis… O que eu escrevi, portanto, não deve ser tomado tanto enquanto minha autobiografia, mas a autobiografia do conceito de raça[328].

O pensamento e as ações de Du Bois estiveram a serviço do combate às opressões causadas pelo racismo aos negros, pessoas de cor, mas, sobretudo, esteve disposto a regenerar epistemologicamente as possibilidades de pensar dos negros.

---

[327] Adolf Reed. W. E. B. **Du Bois and American Political Thought**: Fabianism and the Color Line. Oxford: Oxford University Press, 1997, p. 83.
[328] Idem, ibidem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Assim como C.L.R. James, Eric Williams e Oliver Cromwell Cox, Du Bois operou a partir de uma perspectiva crítica ao marxismo por ser esta ideologia aquela que nos primeiros trinta anos do século XX oferecia um arsenal que possibilitava criticar o capitalismo de maneira frontal, bem como revelar as teias do imperialismo. Cabe lembrar que todos os intelectuais mencionados possuíam críticas relacionadas à obliteração do conteúdo racial na exploração capitalista e na economia política pensada a partir do marxismo. As denúncias de que negros e indivíduos não brancos fossem vistos como constante ameaça ao movimento dos trabalhadores brancos na busca por justiça econômica, bem como sua participação na luta revolucionária fosse vista com reservas, dada sua pretensa incapacidade de organização, mobilização e luta revolucionária, faz com que Du Bois e C.L.R. James, particularmente, possam ser vistos enquanto pertencentes a uma tradição de pensamento crítico ao marxismo que também deve incluir o poeta Claude McKay. Esta reflexão sobre a tradição do pensamento radical negro é importante de ser feita, pois é fundamental qualificar o tipo de adesão dos intelectuais negros no início do século XX ao marxismo e, por conseguinte, ao pensamento ocidental. O conhecimento destas bases irá permitir que se compreenda os motivos pelos quais diversos intelectuais passaram a se posicionar de forma mais crítica ao Comunismo Internacional e à União Soviética a partir de meados da década de 1930, ainda que seguissem operando epistemologicamente a partir de categorias marxistas em suas análises e lutas em prol da agenda do liberacionismo negro. Não obstante, ajuda na compreensão da miríade de possibilidades de leitura do socialismo por intelectuais africanos proponentes dos mais diversos Socialismos Africanos.

Em artigo publicado em 1907, chamado *The Negro and Socialism*, já identificava a falta de uma crítica mais elaborada sobre o caráter racial do capitalismo por parte do marxismo, e já apontava a carência de bases para a luta antirracista e anticolonial. No início do século XX, Du Bois não possuía um pensamento radical revolucionário, posicionamento que tomará somente na década de 1960, quando defenderá um programa revolucionário para a transformação social. Em 1961, dois anos antes de seu falecimento, Du Bois

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

escreveu um panfleto convocatório para a adesão ao Partido Comunista dos Estados Unidos[329].

Du Bois não pode ser considerado um marxista ortodoxo, tampouco devemos desconsiderar sua rica trajetória dentro do pensamento marxista que perdurou até os últimos anos de sua vida. Assim como Du Bois, C.L.R. James também tem uma vasta produção em diálogo crítico e criativo com o marxismo a partir do trotskismo. É fundamental analisar a tradição do pensamento radical negro enquanto um conjunto de ideias que não apenas "contribuiu" para a formação do pensamento Ocidental, mas que o formou e o ressignificou. O pensamento radical negro deve ser visto, portanto, enquanto parte integrante e ativa da tradição marxista. Du Bois assumiu suas posições revolucionárias junto ao comunismo após anos de estudos e experiências concretas em países de regimes comunistas. A caracterização desta tradição de pensamento ajuda a recuperar a arqueologia intelectual de *porquê* e *como* Du Bois chegou a suas conclusões revolucionárias. Não obstante, esta arqueologia é útil para que se reflita sobre a trajetória de Claude McKay e George Padmore, por exemplo, que também aderiram ao marxismo e ao comunismo de formas particulares. É imprescindível que se conheça e compreenda os acessos próprios e originais que levaram estes intelectuais a construírem um pensamento radical e uma teoria crítica baseada na questão racial.

Quando deixou o Partido Socialista, em 1912, Du Bois enviou um documento intitulado "*Socialism is to Narrow for Negroes*" e o leu para seus camaradas do partido que acabara de se desligar.

> Vocês chegam até nós, e com toda a fé de que suas ideias, as ideias do Socialismo que inspiram vocês, e dizem à raça Negra para participarem do movimento Socialista, que busca a abolição de todas as mazelas e desigualdades. Vocês perceberão, contudo, que a raça Negra irá olhar para vocês, para os Socialistas, com a mesma desconfiança que possui em relação a todo homem branco. Irá tomá-los por inimigos simplesmente por que lhes foi ensinado a olhar assim para todo homem branco.
> […]
> O movimento Socialista realmente não oferece o remédio para os problemas raciais como os Socialistas geralmente pensam. O movimento Socialista, tal qual os grandes movimentos

[329] W.E.B. Du Bois. **Application for Membership in the Communist Party, 1961**.Disponível em: <encurtador.com.br/joFJO>. Acesso em: 13 jun. 2018.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

> reformistas na religião, nas relações humanitárias e sociais dos homens, no movimento dos trabalhadores, têm sido movimentos que se preocupam com a civilização europeia, com as raças brancas. Enquanto o movimento Socialista mantiver banimentos sobre quaisquer raças por conta de sua cor, seja a cor amarela ou negra, o Negro não irá se sentir em casa neste movimento[330].

Considerar que o Comunismo Internacional acessou a "Questão Colonial" e a "Questão do Negro" a partir das teses de Lênin ao longo da década de 1920, sem que se leve em conta os debates no seio do pensamento radical negro e suas críticas ao marxismo, é considerar, por um lado, que, sozinho, o Comunismo Internacional pautou a agenda do internacionalismo negro no primeiro terço do século XX; e, por outro lado, também é desconsiderar os *lances*[331] operados por intelectuais negros nas disputas epistemológicas e por estratégias políticas em um cenário marcadamente transnacional. O que Du Bois estava alertando em sua fala aos socialistas, era a presença da branquitude no interior do movimento socialista, bem como seu caráter eurocêntrico. Como se vê, devemos considerar a inserção de Du Bois nos debates e diálogos com o marxismo ao menos vinte anos antes do lançamento de *Black Reconstruction*. E ainda que se questione porque Du Bois ingressou no Partido Socialista mesmo sabendo da presença do racismo e de seu eurocentrismo, devemos considerar certo grau de pragmatismo em Du Bois. Neste momento, um pragmatismo liberal próximo do que John Dewey postulava. Para Du Bois, o Partido Socialista "era o único partido que reconhece abertamente a humanidade dos Negros".[332] Segundo Manning Marable, além do convívio com socialistas brancos que o auxiliaram na organização da NAACP, o "socialismo estava integrado à sua luta ampla luta contra a desigualdade racial". Contudo, ainda segundo Manning Marable, ainda que tenha deixado o partido, "permaneceu socialista" [333].

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[330] Herbert Aptheker, (org.) **Writings in Periodicals Edited by Others**, vol. 2. Millwood, Nova Iorque: Kraus-Thomson.1982, p. 40.
[331] J.G. Pocock. **Linguagens do Ideário Político**. São Paulo: Ed. USP, 2003.
[332] Herbert Aptheker, (org.) **Writings in Periodicals Edited by Others**, vol. 2.Millwood, Nova Iorque: Kraus-Thomson.1982, p. 42.
[333] Marable Manning. **W. E. B. Du Bois: Black Radical Democrat.** Boston: Twayne. 1986, p. 90.

5
George Padmore e o Comunismo Internacional

Comrade Lenin of Russia,
High in a marble tomb,
Move over, Comrade Lenin,
And give me room.

Langston Hughes, Ballad of Lenin, 1938

Quando, em 1927, Padmore ingressara na universidade de Howard, após ter saído de Fisk, antes passou pela Universidade de Nova Iorque. Apesar de não ter permanecido na instituição, aproveitou o clima que a cidade de Nova Iorque experimentava. Uma intensa mobilização e efervescência política, tanto por conta do movimento conhecido como *New Negro*[334], mas também por conta do movimento chamado de *Harlem Reinassance*[335]. Minkah Makalani menciona que o "fermento intelectual do Harlem" teve papel central na dinamização deste espaço, no qual caribenhos de diversos locais poderiam pensar sobre questões raciais, questões de classe, questões políticas do colonialismo de acordo com suas próprias visões e códigos. No ano de 1928, Padmore tornou-se um membro ativo do *Workers Party of the USA*, que depois de 1930 seria conhecido como *Communist Party of the USA*. Ainda neste ano, Padmore, sob seu nome de batismo, Malcom Ivan Meredith Nurse, trabalhou ativamente na campanha presidencial no interior do campus da Universidade de Howard. Em agosto de 1928, agora inscrito com o nome George Padmore, foi nomeado membro do

[334] Termo popularizado pelo professor Alain Locke, no âmbito do movimento Harlem Reinassance na década de 1920 nos Estados Unidos em sua antologia sobre este Novo Negro. Segundo Locke, este Novo Negro vibrava "com uma nova psicologia, um novo espírito anima as massas e está transformando, sem que os observadores profissionais se dêem conta disto, aquilo que tem sido um problema constante nas diferentes fases da vida negra contemporânea". Ver Alain Locke (org.). **The New Negro**. Nova Iorque, Atheneum, 1925, pp. 3-16.

[335] Movimento artístico e intelectual que emerge na década de 1920, nos Estados Unidos, na região de Nova Iorque. Sendo o Harlem um local privilegiado em relação à presença de migrantes oriundos do Caribe anglófono, das Antilhas francesas, bem como de afroamericanos oriundos de outras localidades dos Estados Unidos, o Renascimento do Harlem é assim considerado por sua influência nas artes, literatura, e expressões de maneira geral. Este momento foi propício para que novas identidades negras surgissem e fossem articuladas a noções de modernidade gestadas no interior da intelectualidade negra. Ver Davarian Baldwin e Minkah Makalani.**Escape from NewYork**: the New Negro Renaissance beyond Harlem. Minessota, Universty of Minesota Press, 2013, para um olhar mais amplo sobre este cenário articulando os processos da chamada Harlem Renaissance à Diáspora Negra.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

National Negro Committee of Communist Party of the USA. Foi neste comitê, em Nova Iorque, que Padmore conviveu diretamente com os membros da ABB e líderes comunistas negros tais como, Claude McKay, Cyril Briggs, Richard B. Moore, Otto Huiswoud, James Ford, por exemplo.

Padmore chamou atenção dos membros do Partido Comunista Americano por suas habilidades enquanto jornalista e hábil produtor de artigos e panfletos. Há relatos no jornal *Daily Worker* de que Padmore realizou viagens a fim de conceder palestras e organizar atos ao longo de 1929. A partir de setembro de 1928, Padmore foi nomeado editor assistente de um importante jornal negro dos Estados Unidos, o *The Negro Champion*. Por trabalhar com jornalismo desde os tempos de Trinidad e Tobago, Padmore pôde desenvolver ainda mais suas habilidades de escrita e criação de discursos neste contato com o Partido Comunista dos Estados Unidos. E foram por estas qualidades de jornalismo que Padmore foi indicado por Otto Huiswoud para substituir James W. Ford no *International Trade Unions Committee of Negro Workers* em Moscou, em 1929.

Desde 1928 a União Soviética estava passando por uma reorientação política que ficou conhecida como o "Terceiro Período". Joseph Stálin, que era secretário-geral do Comitê Central do Partido Comunista desde 1922, consegue exercer maior influência no interior do Partido Comunista Soviético em 1924, após deportações, silenciamentos e uma intensa disputa pelo poder que vinha sendo travada desde a morte de Lênin. Uma nova linha de atuação foi implementada por Stalin e adotada pelo Comintern. A luta deveria ser de "Classe contra Classe", pois, diante da avaliação de Stálin, o sistema capitalista estaria enfrentando um iminente colapso. A partir da iminente crise do capitalismo haveria a intensificação da luta de classes global. Neste cenário, uma das decorrências seria o fascismo e, os partidos sociais democratas, eram tidos como agentes de sua preparação.

5.1
De Lênin a Stálin e o 'Socialismo em um país'

Esta nova linha de atuação, a partir de Moscou, deveria ser adaptada às realidades nacionais ou coloniais dos Partidos Comunistas locais. Joseph Stálin, à

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

frente da direção da União Soviética e do Partido Comunista Russo, conseguiu imprimir a mudança de postura do estado Soviético em relação à teoria da "revolução permanente", que seria substituída pela noção Stalinista de "socialismo em um país". O estado soviético deveria ser defendido dos ataques imperialistas, e o socialismo agora passaria a priorizar sua construção de maneira isolada na União Soviética. A atuação do Comintern em relação às lutas revolucionárias e seu sucesso em países capitalistas "avançados", não seriam mais fundamentais para alcançar o comunismo mundial. A tarefa mais importante, então, seria construir e manter o socialismo na União Soviética. Não obstante, seguindo as diretivas de Stálin e do Comitê Central, os Partidos Comunistas locais deveriam romper as possíveis alianças com partidos socialistas ou trabalhistas e suas lideranças.

Os acontecimentos ligados à Revolução Bolchevique em 1917 e seu sucesso frente ao regime Tzarista produziram um sentimento que aproximou os destinos do proletariado aos destinos dos povos colonizados. Segundo Matusevich,

> O novo regime viu claramente seu triunfo como uma precondição necessária para uma eventual emancipação das massas exploradas não européias. O sucesso da vitória bolchevique presumidamente criou um tipo de ponte histórica ligando os destinos do proletariado nas colônias com aqueles do novo proletariado na Rússia. Esse sentimento se encontrou numa das primeiras canções populares soviéticas Moia Afrika ("Minha África"). O poeta Boris Kornilov descreveu uma curiosa história na qual um oficial da cavalaria africana (provavelmente um *tirailleur Sénégalais*), que lutou contra os inimigos da revolução durante a guerra civil russa e foi tido como morto em 1918, liderou o ataque dos Vermelhos contra os Brancos perto de Voronezh "para golpear os capitalistas africanos e a burguesia[336].

Se inicialmente os Bolcheviques e os negros radicais da diáspora acreditavam que o triunfo da Revolução proletária na Rússia traria a emancipação subseqüente das massas exploradas mundo afora, a partir da década de 1920 a "Questão do Negro" analisada por intelectuais negros radicais indicava que era necessário que os negros africanos e seus descendentes participassem diretamente das lutas revolucionárias em prol da derrubada do capitalismo e do imperialismo.

[336] Maxim Matusevich. **An exotic subversive**: Africa, Africans and the Soviet everyday. Race and Class, Londres, vol. 49, n. 4, p. 60, abr. 2008, p. 59

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Em 1919, com a criação do Comintern, os ideais de solidariedade de classe internacional encontraram expressão no 2° Congresso do Comintern ocorrido em julho de 1920, em Moscou e Petrogrado. As resoluções indicavam que a questão colonial deveria ser observada. Os argumentos de Lênin indicaram que "todos os partidos comunistas deveriam dar suporte para os movimentos revolucionários de libertação" nas colônias. Lênin surpreendeu a muitos da audiência ao, partindo das teses convencionais do marxismo e das propostas de Trotsky de que a Revolução colonial seria uma decorrência da revolução Européia, propor, ao contrário, que o sucesso da Revolução nos territórios coloniais seria a chave para o sucesso comunista na Europa. A partir deste tópico surge o maior interesse da União Soviética na questão colonial. Havia a expectativa de que, alcançada a autodeterminação, as ex-colônias seguiriam seu curso rumo à implantação do socialismo.

As diretivas de Lênin foram replicadas no Congresso dos Povos do Leste, em Baku, em setembro de 1920, através de Grigorij Zinoviev. Zinoviev, aliado de Lênin e presidente do Comintern durante a década de 1920, antes de ter sido um dos primeiros a sofrer com as duras intervenções de Stálin quando este chega ao poder, articulou um apelo para que "todos os trabalhadores vivendo na Ásia e na África" aderissem ao comunismo. "O proletariado europeu sozinho", afirmava, "não pode ajudar sabendo agora que o curso da história uniu os trabalhadores do Leste e do Ocidente. Nós devemos conquistar ou perecer juntos".[337] Mikhail Pavlovich, um dos mais influentes escritores russos sobre o continente africano ao longo dos anos 1920, auxiliou Zinoviev nos preparos para o Congresso dos Povos do Leste, em Baku. Ainda que muitos de seus esforços tenham sido em prol de conseguir que delegados muçulmanos declarassem uma *jihad* contra o capitalismo, Pavlovich esperava que as decisões do Congresso incidissem sobre a África negra. De acordo com Pavlovich, "mesmo nas margens africanas a broca da revolução faria seu trabalho e prepararia o terreno por debaixo dos pés do capitalismo". Este trabalho de escavação, segundo o intelectual russo, seria de grande importância, pois, "enquanto o continente negro permanecer sob opressão, o trabalhador europeu não poderá livrar-se de suas correntes"[338].

[337] **The First Congress of the Peoples of the East**, Baku 1-8 Setembro de 1920, Petrogrado, p. 35.
[338] Mikhail Pavlovich. **The Issues of Colonial and National Policy and the Third International, Moscow**, 1920, pp.46-47.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

5.2
'Questão do Negro' e 'classe contra classe'

O surgimento da *League Against Imperialism*, sob a liderança do militante alemão Willi Munzenberg, também nos indica que neste contexto emergiam possibilidades àqueles que acreditavam que a luta anticolonial articulava-se ao anti-racismo. Ainda que neste momento os integrantes do movimento Comunista Internacional enxergassem tanto a exploração colonial e o racismo enquanto aspectos integrados à exploração de classe, após o Sexto Congresso do Comintern, em 1928, ao menos se considerou que a exploração racial requeria estratégicas mais específicas. No Quinto Congresso do Comintern, em 1924, o diretor da Comissão do Comintern para as Questões Coloniais e Nacionais, Manuilsky, acusou o Partido Comunista da Grã-Bretanha de ser o representante do proletariado "mais infectado com o preconceito colonial entre o Comintern". O Partido Comunista Francês, por sua vez, foi duramente criticado por nada ter feito para organizar e mobilizar os milhares de africanos que residiam na França, incluindo os 250.000 negros do exército francês, além de mostrar-se vacilante em relação à liberação das colônias[339].

Organizado na cidade de Bruxelas no mês de fevereiro de 1927, o *International Congress against Colonial Oppression and Imperialism*, marcou a fundação da Liga Contra o Imperialismo – *League Against Imperialism*. Esta organização possuía fortes ligações com o Comintern e com o *Executive Committee of Communist International*, e foi pensada para que oferecesse apoio e suporte aos movimentos de libertação coloniais sem o peso do vínculo ao movimento comunista.[340] Este Congresso reuniu mais de 170 delegados vindos de diversas colônias, mas também figuras notáveis, entre eles, Albert Einstein e Nehru. Messali Hadj e Hadjiali Abdel-Kader do *L'Étoile Nord Africaine*; Carlos Martins do Haiti; Max Bloncourte Camille Saint Jacques, representando a *Union Intercoloniale de Paris*; Lamine Senghor, membro do Partido Comunista Francês e Narcise Danaé representando o *Comité de Défense de La Race Nègre*; J.T. Gumede do *African National Congress* e James La Guma do Partido Comunista

[339]Edward .T. Wilson.**Russia and Black Africa before World War II**. Londres, 1974, p. 140; V Congress of the CI – **Abridged Report of Meetings Held in Moscow**, 17 de Junho a 8 de Julho, 1924, p. 192-193.
[340] Secretariat of the ECCI para Munzenberg, 8 de julho de 1926, RGASPI 542/1/3.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

da África do Sul e que também participou do *Industrial and Commercial Workers Union*; Richard B. Moore, representando o *American Labor Negro Congress*. Membros da NAACP, o presidente da UNIA, George Weston e Hubert Harrison foram convidados a participar, entretanto não compareceram. Neste Congresso se estabeleceu uma Comissão do Negro, com participantes do Caribe, Estados Unidos e de países da África. Munzenberg aproveitou este evento para estabelecer contatos com militantes e organizações anti-coloniais, fortalecendo os laços transnacionais no período entre-guerras.

O trabalho transnacional dos diversos delegados articulados em torno da *League Against Imperialism* certamente dinamizou as ações do Comintern sobre a "Questão do Negro". Esforços para a organização de um encontro de trabalhadores negros estavam sendo feitos desde o Quinto Congresso do Comintern, em julho de 1924, quando Lovett Fort-Whiteman foi designado para preparar o *American Negro Labor Congress*. Contudo, Fort-Whiteman trocou correspondências com Zinoviev criticando a incompetência do Comintern em apoiar a empreitada de um Congresso Mundial, mencionando, inclusive, que suas passagens ao Quinto Congresso foram pagas pela iniciativa individual de comunistas negros, "inspirados na crença de que enviando um de seus membros a Moscou, ele poderia obter sucesso em fazer com que o Comintern tomasse algum passo concreto em apoio ao nosso trabalho entre os Negros tanto na América quanto em escala mundial"[341].

Apesar da frustração de militantes comunistas negros com o atraso na resolução das demandas por parte do Comintern, a criação do *International Trade Union Comittee of Negro Workers* deu um alento na aproximação entre a agenda do liberacionismo negro e o Comunismo Internacional. A criação de uma organização específica para a mobilização de trabalhadores negros e o fomento de um movimento sindical formado por negros demonstrava que a "Questão do Negro" ganhava importância no interior do Comintern. Todavia, ao trazer em seu nome o designativo dos "Negros", ainda que a estratégia do Comintern fosse a da "Classe contra Classe", a pauta racial estava colocada como algo destacado no ITUCNW. A organização seria responsável por estabelecer estratégias específicas para a mobilização de trabalhadores negros internacionalmente e, ainda que este

[341] Mark Solomon, 1998, p. 47

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

internacionalismo devesse estar ancorado na solidariedade de classe, do ponto de vista de intelectuais negros, desde Claude McKay, por exemplo, só seria possível trazer os trabalhadores negros para dentro da luta revolucionária mediante propaganda radical que estabelecesse diálogo direto com os aspectos raciais para além dos de classe. Outro aspecto que fora enfatizado desde McKay e denunciado ao longo das décadas de 1920 e 1930, o *chauvinismo branco* deveria ser combatido com a entrada de quadros negros para as organizações comunistas internacionais. Cabia ao ITUCNW a mesma demanda posta ao *American Negro Labour Congress* de Fort-Whiteman, apresentar uma solução para a mobilização dos negros para a luta revolucionária. O primeiro encarregado desta tarefa junto ao ITUCNW foi James Ford, que posteriormente passou a responsabilidade para George Padmore, que a esta altura de sua trajetória já possuía prestígio e força política para tal cargo.

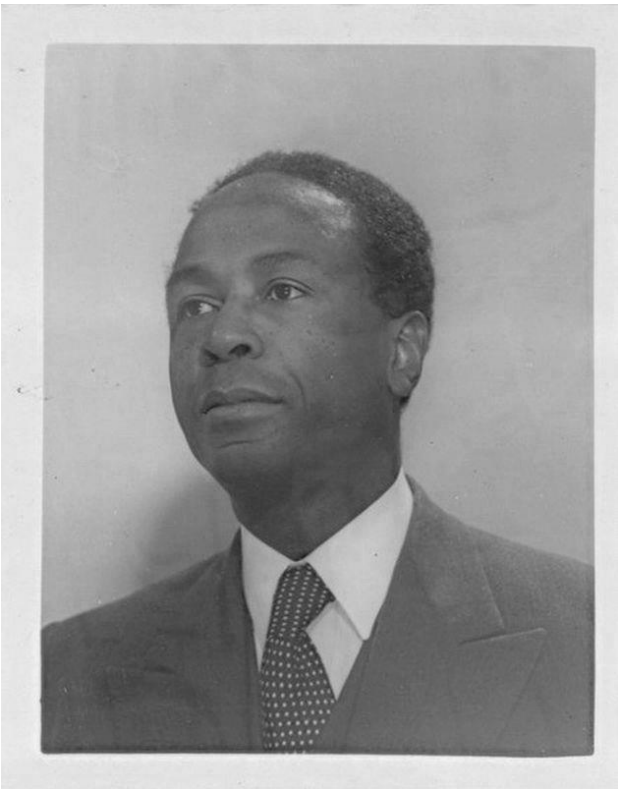

Figura 7 - George Padmore

A organização, ainda que criada em meio ao Terceiro Período, no qual a estratégia de "Classe contra Classe" era o tom da política soviética, nascia com forte apelo racial. Não obstante o acúmulo no curso dos debates sobre a "Questão do Negro", o caráter específico e marcadamente identitário, trazia a questão racial em seu nome. George Padmore, dentro da institucionalidade do Comintern, terá

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

sua atuação voltada para o desenvolvimento da solidariedade racial entre os negros a fim de criar uma internacional de trabalhadores negros. Apesar da insistência do Partido Comunista para o ITUCNW seguisse sua linha de atuação e agisse de acordo com a estratégia soviética, a causa da liberdade dos negros e do continente africano há muito se desenvolvia. Toda a tradição de pensamento radical que emerge, sobretudo nos Estados Unidos, ao longo das duas primeiras décadas do século XX, pressionou o movimento comunista internacional para esta aproximação de agendas. Neste sentido, diferente do enfoque que Minkah Makalani traz em seu livro *In the Cause of Freedom*, a doutrina de "classe contra classe", longe de limitar a atuação dos comunistas negros, ao contrário, permitiu que o liberacionismo negro, através de suas estruturas organizativas e de seu suporte material e financeiro, a construção de uma *internacional negra*[342]. Ainda que ancorado pelos debates ideológicos e pela institucionalidade comunista, enquanto uma organização específica da raça negra, o ITUCNW conviveu com a tensão entre o universalismo soviético e a idéia de que a opressão racial envolvia aspectos e forças que não seriam capazes de serem explicadas ou sanadas através da mera crítica à exploração econômica de classe.

A parceria entre Padmore e Garan Kouyaté, além de apontar para as possibilidades de análises intercoloniais em relação às estratégias anti-imperialistas, apontam também para as possibilidades compreensão desta tensão entre as agendas do internacionalismo negro e do Comunismo Internacional. Kouyaté nasceu em Segu, no Sudão Francês, em abril de 1902. Realizou seus estudos na renomada escola William Ponty, na Ilha de Gorée, no Senegal, antes de atuar como professor na Costa do Marfim a partir de 1921 até 1923. Kouyaté seguiu seus estudos em Aix-en-Provence até 1926, quando foi expulso acusado de circular propaganda comunista na escola. Mudou-se para Paris e seguiu assistindo aulas na Sorbonne, aproximando-se de caribenhos e africanos das colônias francesas próximos ao comunismo e ao intelectual Lamine Senghor. Em 1926, com estes negros formou o *Comité de Défense de La Race Nègre*. A partir de 1927, após a ruptura em dois grupos, do *Comité de Défense de La Race Nègre*, Kouyaté seguiu com os mais radicais para a *Ligue de Défense de La Race Nègre*, atuando diretamente na edição do jornal *La Race Nègre*. Após a morte de Lamine

[342] Minkah Makalani. **In the Cause of Freedom**: Radical Black Internationalism from Harlem to London, 1917–1939. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2011, p. 24.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Senghor em 1928, torna-se o diretor geral da Liga. Em 1931, outra ruptura faz com que, agora sob o nome de *Union des Travailleurs Nègres*, Kouyaté e seus companheiros fundassem um jornal chamado *Le Cri des Nègres*.

Em 1929, junto com Padmore, foi nomeado membro do Comitê provisório do ITUCNW, após o Congresso da Liga Anti-Imperialista em Frankfurt. Os dois estiveram concentrados na organização de um Congresso de trabalhadores negros internacional, de acordo com a determinação do ITUCNW. Ambos os militantes construíram sua rede de contatos e articulações políticas muitas vezes passando por cima das determinações do Comintern ou dos Partidos Comunistas locais. Kouyaté, por exemplo, quando foi afastado da *Union des Travailleurs Nègres* e do conselho editorial do jornal *Le Cri dês Nègres*, recusou-se a fornecer sua agenda de contatos. Esta rede de contatos será fundamental para Padmore no momento pós Comintern, após 1934.

Ainda em 1928, e diante do apoio financeiro do Partido Comunista Francês, Kouyaté mostrava-se resistente ao controle da direção partidária no jornal *La Race nègre*. Na edição de março de 1929, por exemplo, Kouyaté publicou na primeira página um artigo intitulado *Vox Africae* buscando ampliar a capilaridade da LDRN para o continente africano, Caribe e Antilhas. Seu chamado incluía os "pequenos colonos [*petits colons*], pequenos comerciantes e trabalhadores brancos" que segundo Kouyaté também sofriam economicamente e não deveriam ser negligenciados. Contudo, Kouyaté conclui seu texto afirmando que, "em suma, há o problema racial de um lado, e o problema econômico e social do outro"[343]. Além de projetar esta ampliação da LDRN sob bases raciais, Kouyaté propõe aliança com pequenos colonos e comerciantes implicados no colonialismo, ultrapassando os limites da solidariedade entre a classe proletária. Na mesma edição, contudo, o editorial do *La Race nègre*, articulava um anti-imperialismo global, concepções Pan-Africanistas e categorias de análise comunistas. No editorial, o "Problema do Negro" [*Le problème nègre*] seria agravado pela questão social, e o racismo seria erradicado no dia em que "o grande Estado Negro [*un grand Etat nègre*] for estabelecido sob fundações modernas: Sionismo Africano"[344]. Aspecto a ser destacado é a presença de idéias

[343] Garan Kouyaté. VoxAfricae, **La Race nègre 2**, no. 1, março de 1929, p.1.
[344] Ver Marcus Garvey. "L'Afrique aux Africains". **La Race nègre 1**, no. 4, novembro-dezembro de 1927, p. 3.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

de Marcus Garvey, que teve publicadas algumas de suas poesias e artigos no *La Race nègre*, em novembro de 1927, em momento no qual o Comunismo Internacional proferia fortes críticas aos chamados movimentos reformistas e demagógicos.

5.3
George Padmore e Garan Kouyaté: dissidências

Após sua passagem por Moscou, em 1930, Kouyaté revelou frente a uma platéia de africanos do Oeste, do centro do continente, mas também de africanos do Norte e antilhanos, seu projeto de criação de uma escola para crianças e jovens africanos. Talvez inspirado pela visita á Lenin School, este instituto educacional seria responsável por "receber crianças enviadas em grande escala das colônias – duzentas inicialmente – para que sejam preparadas para espalhar no futuro a ideia de independência em seus países".[345] Ainda neste encontro, no *International Seaman's Club*, em Marselha, Kouyaté distribuiu a edição de janeiro do jornal *La Race nègre*, com um apelo para que trabalhadores negros organizassem sindicatos independentes com atenção especial para os problemas referentes aos trabalhadores negros dos portos franceses.

> Considerando que os navegadores negros [*navigateurs nègres*] devem estar conscientes de seus interesses, dos interesses da classe trabalhadora, sem servirem de instrumento para política sindical elaborada fora de sua colaboração direta...
> Considerando isto, levando tudo isto em consideração, a situação dos navegadores negros permanece particularmente frustrante e para que isto melhore, os navegadores negros devem antes de tudo contarem consigo mesmos formando um único sindicato para todos os navegadores negros no porto de Marseilles...
> O objetivo do sindicato é proteger e dar suporte às demandas corporativas dos navegadores negros de todas as categorias... com atenção às contratações, salários, desemprego, alimentação, dormitórios, segurança e higiene a bordo, etc[346].

A menção da necessidade de que trabalhadores negros se organizassem a partir de aspectos raciais, além da preocupação em não servir de instrumentos da

[345] Relatório do agente Fouqué, 23 de Janeiro de 1930, SLOTFOM III, 111.
[346] Garan Kouyaté. APUD: Phillipe De Witte. **Les Mouvements Nègres em France**, Paris, L'Harmattan, 1985, p. 203.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

política sindicalista elaborada fora de sua direta colaboração aponta para as dissonâncias entre as estratégias de Kouyaté e do Comintern. Entre a costura de um movimento transnacional e internacionalista baseado na solidariedade racial dos trabalhadores negros e a solidariedade de classe preconizada pelo Comintern. Kouyaté, assim como Padmore, defenderá que os trabalhadores negros se organizem em torno de um programa político revolucionário. Isto não significava, entretanto, que os trabalhadores negros deveriam virar as costas aos trabalhadores brancos. Como destacado acima, Kouyaté, inclusive, propunha que as alianças fossem costuradas inclusive com a pequena burguesia colonial. Após esta declaração o Partido Comunista Francês reagiu negativamente ao posicionamento do ganês, afirmando que a organização sindical de trabalhadores negros dos portos sob bases autônomas seria um perigo para a unidade da classe trabalhadora, além desta atitude ter sido taxada de contra-revolucionária[347].

Os seguidos casos de rupturas rumo a tendências mais radicais e a constante parceria com George Padmore, fez com que os integrantes do Partido Comunista Francês expulsassem Kouyaté, em 1933, sob o argumento de que ele não respeitava a hierarquia e a linha de atuação do Partido. Kouyaté também havia se aproximado de Messali Hadji, do movimento *Etoile Nord Africaine*, fundando o jornal, mais moderado, *Africa*. Fora da institucionalidade comunista e sem suporte financeiro para sua atuação e propagação ideológica, Kouyaté aproxima-se da Frente Popular[348], a fim de receber apoio eventual do Ministério Francês das Colônias para suas articulações anti-imperiais. Das poucas informações que se têm sobre Garan Kouyaté na segunda metade da década de 1930, o mais aceito pela historiografia é que ele tenha sido capturado e executado, em 1942, no Forte de Montluçon, pelos alemães ocupantes da França.

De 1929 até 1933, George Padmore ocupou posição privilegiada no que diz respeito às lutas por emancipação colonial no interior do movimento comunista internacional. Pode-se dizer que Padmore, nestes anos, foi o negro com maior influência sobre o Comintern, em um período no qual a União Soviética estava buscando aproximar-se dos negros do continente africano e da diáspora e esteve interessada na "Questão do Negro" e na "Questão Colonial". Padmore

[347] **Le Reveil Coloniale**, 3 de março de 1930, SLOTFOM III, 74.
[348] Após 1933 o Comintern adota a política de formar alianças com partidos os socialistas, aqueles por eles denominados burgueses e liberais europeus tendo em vista a luta contra o fascismo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

participou ativamente das intenções soviéticas de "organizar e educar as massas de negros em escala mundial na teoria e prática dos partidos políticos modernos e no sindicalismo moderno" Padmore realizou viagens à África, esteve ao lado de movimento anti-coloniais no Congo Belga, recrutou jovens africanos para estudarem nas universidades comunistas em Moscou, como foi o caso de Jomo Kenyatta. Padmore certa vez revelou a um repórter que conseguiu embarcar para o continente africano passando-se por um antropólogo, a fim de despistar as autoridades coloniais que acompanhavam seus passos. Rumo à África do Sul passou-se por motorista de seu assistente, que era branco. Sua atuação frente ao Comintern radicalizou as movimentações iniciadas com James Ford em estabelecer contatos mais consistentes com movimentos anticoloniais do continente africano a fim de propagar os ideais revolucionários.

Em novembro de 1929, uma série de ações anticoloniais foi tomada pelo sindicato *Bathrust Trade Union*, na Gâmbia, sob a liderança de E.F. Small. O sindicato organizou uma greve que foi reprimida pelo exército colonial britânico, após causar três semanas de perturbações à rotina econômica da Gâmbia. E.F. Small, que editava um jornal chamado *Outlook*, posteriormente se tornará um correspondente do *The Negro Worker*, jornal do ITUCNW, enquanto Padmore esteve no comando de sua edição. Contudo, o que chama atenção é que, em maio de 1930, um relatório do consulado francês de Bathrust reportou ao governador das colônias francesas ocidentais – *Afrique-Occidentale Française* – que George Padmore pretendia entrar no continente africano via Dakar, Senegal. As autoridades britânicas o interceptaram e o fizeram retornar em um navio chamado "Henry Stanley" que estava a caminho de Serra Leoa. Neste relatório, inclusive, as autoridades se referem à Padmore por seu nome de batismo, Malcom Nurse, e o descrevem enquanto alguém que "apesar de não ser um bolchevique convicto, busca obter apoio de negros [*noirs*] na África para a causa dos pretos [*nègres*] da América" Este relatório apontou que Padmore possuía ligações suspeitas com sindicatos na Gâmbia e com a publicação *Gambia Outlook*[349].

O jornal *The Negro Worker*, publicação do *International Trade Unions Committee of Negro Workers*, teve sua primeira edição no ano de 1928, sob o nome de *International Negro Workers Review*, quando a organização ainda era

[349] Minute initialed 'TDS', 15 Jan. 1930, CO 87/229/12.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

comandada por James Ford. Inicialmente havia a intenção de que fosse publicado em francês e em inglês. Em março de 1931, o jornal ganharia o nome *The Negro Worker* e assim permaneceria até seu encerramento, em 1937. George Padmore esteve à frente da edição do jornal entre 1931 e 1933. Ainda que não seja possível acessar a todos os números lançados, pois algumas edições se perderam e poucos arquivos possuírem seus microfilmes, a análise deste periódico auxilia no mapeamento da rede que se construiu diante da aproximação dos militantes negros e do Comintern. Atuando em parceria com diversos correspondentes nas colônias, é possível identificar nomes de importantes ativistas nestas regiões, como é o caso de Charles Alexander, Jim Headley, e Adrian Cola Rienzi, que contribuíam com a publicação desde o Caribe anglófono.

De maneira geral o jornal exprimia o ponto de vista do Comintern e adotava a linha de atuação bolchevique. Contudo, é possível perceber as estratégias específicas de construção do movimento internacional de trabalhadores negros apesar da orientação do Comintern. Ainda que as teorizações sobre raça e classe fossem mais tímidas do que em revistas e jornais de tradição radical como o *Crusader*, *Messenger* ou o *La Race Nègre*, da França, Padmore soube utilizar o jornal enquanto plataforma para articulação política e construção de uma narrativa revolucionária para os negros e para o continente africano. Uma estratégia utilizada por Padmore quando pretendia ir de encontro aos pontos de vista do Comintern era utilizar a imprensa negra internacional, com a qual possuía intensa articulação, em sua defesa contra a visão soviética. É importante que se compreenda estas negociações junto ao Comintern para que não se deixe de observar este período enquanto um momento que possibilitou articulações políticas valiosas e avanços em relação a agenda do internacionalismo negro.

No primeiro número editado por Padmore, em janeiro de 1931, um texto publicado pelo jornal em 1928, ainda sob a editoria de James Ford, foi reimpresso. O texto escrito por Alexandr Losovsky, Secretário Geral do *Red International of Labor Union*, saudava os trabalhadores negros. Losovsky inicia seu texto mencionando que os negros sempre foram vistos "como filhos bastardos pela família proletária". E eram vistos desta forma porque as organizações políticas de trabalhadores brancos olhavam para os negros e pessoas de cor com suspeita. Tal atitude era identificada como uma atitude reformista. Losovsky, seguindo as críticas feitas desde o início do século XX por intelectuais negros radicais,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

criticava a superioridade branca naquilo que chamou de movimento reformista, pois, no movimento revolucionário só haveria espaço para a convivência igualitária entre negros e brancos. Seguiu atacando os reformistas, visto que, estes, mesmo quando saíam em defesa dos trabalhadores de cor demarcavam sua superioridade. O racialismo baseado nas concepções de raças inferiores e superiores seria, neste caso, típico do reformismo internacional, segundo o autor. Losovsky segue diferenciando o reformismo do Bolchevismo, que por sua vez seria livre de preconceitos raciais e também livre de concepções racializadas. Ao mencionar que as atividades direcionadas aos negros não estavam sendo concretizadas [em 1928], Losovsky aponta o 4° Congresso do RILU como o artífice da "necessidade de conduzir atividades políticas e organizacionais entre os trabalhadores Negros. O Secretário Geral do RILU ainda reforça que a "Questão do Negro" não diz respeito apenas aos Estados Unidos, já que havia milhões de trabalhadores negros na África e nas Índias Ocidentais, etc. O último parágrafo da nota reforça a necessidade de que sindicatos de trabalhadores negros sejam formados em locais nos quais trabalhadores brancos impedem não brancos de entrarem nos seus sindicatos.

> Artigos devem ser publicados para trabalhadores Negros, para que esta força potencial seja transformada em uma força ativa, em um instrumento que libertará as massas exploradas do jugo capitalista. Os trabalhadores Negros devem compreender que as questões raciais serão resolvidas juntamente com a questão social. Igualdade real e fraternidade entre os trabalhadores de todas as cores serão forjadas na luta contra o capitalismo. Deixem os melhores [*foremost*] trabalhadores Negros seguirem organizando e revolucionando seus camaradas trabalhadores – o Red International of Labor Unions irá prestar a eles qualquer auxílio em sua difícil, porém frutífera tarefa[350].

Na edição de julho de 1931, o prefácio de um panfleto direcionado aos trabalhadores negros foi impresso. Na primeira página do jornal encontra-se uma introdução feita pelo editor do jornal ao panfleto, também escrito por Alexandr Losovsky, *A.B.C. of Trade Unionism for Negro Workers*. Apontando que o panfleto abordava de maneira concisa ao problema capital diante das "massas negras, a organização dos trabalhadores Negros contra a exploração capitalista e a escravidão", a introdução indicava que o panfleto deveria ser amplamente

[350] The International Negro Worker Review, Janeiro 1931, pp. 6-7. Disponivel em: <encurtador.com.br/pxzLT>. Acesso em: 15 jul 2018.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

distribuído entre os trabalhadores negros. A apresentação do panfleto ainda afirma que "todos os negros e trabalhadores brancos portadores de consciência de classe necessitarão deste panfleto como guia na organização e mobilização das massas Negras para a luta decisiva contra a escravidão capitalista" A apresentação chama atenção pela ênfase ao combate à escravidão e pela disputa de espaço diante dos movimentos caracterizados como reformistas e dos burocratas sindicais. O ITUCNW ao longo da década de 1930 disputava a prerrogativa da mobilização dos trabalhadores negros junto ao movimento de Marcus Garvey, caracterizado de reformista, quando não de demagógico e enganador das massas; da NAACP de W.E.B. Du Bois, caracterizado de pequeno burguês; além de considerar os sindicalistas sul-africanos Clements Kadalie e Allison Champion, vinculados à Segunda Internacional, acusados de retardar a intensificação da luta de classes.[2] Era, portanto, fundamental apresentar uma estratégia de mobilização dos trabalhadores negros que pudesse conduzir as massas negras.

Contudo, ainda que esta estratégia passasse pela doutrina de "classe contra classe" soviética e reforçada dentro do ITUCNW e do *Negro Worker*, é possível identificar a tensão entre a ênfase na luta de classes e a questão racial. O próprio panfleto de Losovsky, que certamente passou pelo crivo dos intelectuais negros envolvidos no Comunismo Internacional e, sobretudo no ITUCNW, além de enfatizar que "o trabalhador Negro é o mais oprimido dos oprimidos, um pária entre párias", aproximando-se do que havia dito Claude McKay na década de 1920, afirmava também que, "o negro proletário seria oprimido tanto enquanto proletariado como enquanto Negro. O Capitalismo segue não apenas escravizando dezenas de milhares de trabalhadores negros, mas também erguendo uma muralha da China entre trabalhadores negros e brancos".

O panfleto de Alexandr Losovsky já trazia em seu prefácio a tensão racial entre negros e brancos e a opressão racial sofrida pelos negros. Os intelectuais negros radicais acreditavam que a única forma de mobilizar os trabalhadores negros nas colônias era denunciando o racismo e a questão racial, ainda que oficialmente a estratégia fosse a mobilização pela luta de classe. Assim como Claude McKay também havia apontado, a questão racial deveria ser mencionada na tentativa de sensibilizar e mobilizar os negros para a luta revolucionária e, a partir de então, radicalizar as massas negras e politizá-las através da propaganda radical comunista. Havia a percepção de que as questões raciais não seriam

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

iminentemente políticas, diferente da questão social que seria política por excelência. Neste sentido, a rebeldia racial seria um componente para a luta, porém, a verdadeira arma a ser empunhada seria a consciência de classe seguida da luta anticapitalista.

Ainda no panfleto de Losovsky, a luta contra o *chauvinismo branco* e contra o isolamento racial era o mote para combater os discursos racialistas que caracterizavam os negros enquanto indivíduos de "terceira categoria". Este discurso, segundo Losovsky, foi "inculcado em milhões de proletários nos países capitalistas". O chauvinismo branco foi apontado enquanto a mais odiosa herança da sociedade capitalista e era, conseqüentemente, uma questão diretamente ligada à organização dos trabalhadores negros, bem como a segregação racial. Tais aspectos teriam sido introduzidos pelo capitalismo e pelo reformismo no movimento dos trabalhadores, o que segundo o autor do panfleto seriam uma forma de corrupção ideológica. O fato de que diversos sindicatos proibissem a entrada e a adesão de trabalhadores negros também foi duramente criticado, seguindo as críticas feitas por intelectuais radicais negros desde a década de 1920.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

5.4
Trabalhadores Negros, *Uni-vos*!

O comitê provisório criado no Congresso de Frankfurt nasceu com a incumbência de organizar um encontro internacional de trabalhadores, um antigo desejo dos intelectuais negros afroamericanos e caribenhos. Padmore e Kouyaté possuíam papel central nesta empreitada dados seus contatos através da diáspora, sobretudo no continente africano. Como editor do *Negro Worker*, Padmore deveria coordenar um enfoque sindicalista para os trabalhadores negros da diáspora. Desde o Sexto Congresso do Comintern, em 1928, quando a "Questão Colonial" e a "Questão do Negro" foram pautadas pelo Comunismo Internacional como algo necessário para a luta revolucionária internacional, a grande preocupação tanto do Comintern quanto dos intelectuais afroamericanos e Caribenhos, sobretudo, era sobre quem seria a vanguarda responsável para conduzir os trabalhadores negros à Revolução.

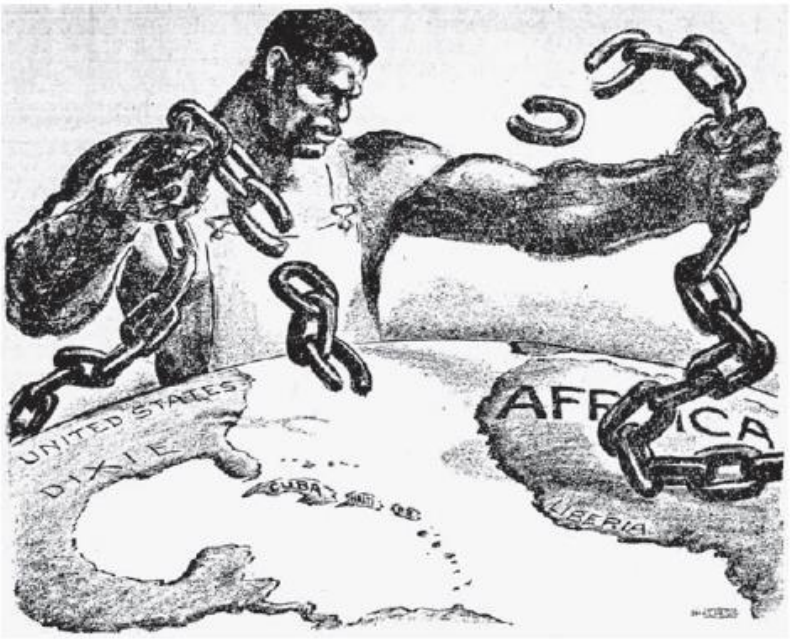

Figura 8 - Panfleto do American Negro Labour Congress, detalhe, 1929.

A imagem escolhida para figurar na capa do periódico do ITUCNW (figura 8) era a mesma imagem que fora utilizada pelo *American Negro Labour Congress*, (figura 7) um homem negro musculoso em destaque, emergindo dos Estados Unidos quebrando as correntes que simbolizavam a escravidão e a opressão sofrida nos territórios destacados, América (incluindo seu "império", identificados "Dixie", Cuba, Porto Rico, Haiti e Liberia), mas também Caribe e África. Esta imagem caracterizava a crença tanto do Comintern quanto de grande parte dos intelectuais afroamericanos e Caribenhos de que os negros presentes nos Estados Unidos e Caribe seriam os mais preparados para conduzir os negros da diáspora a sua libertação.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

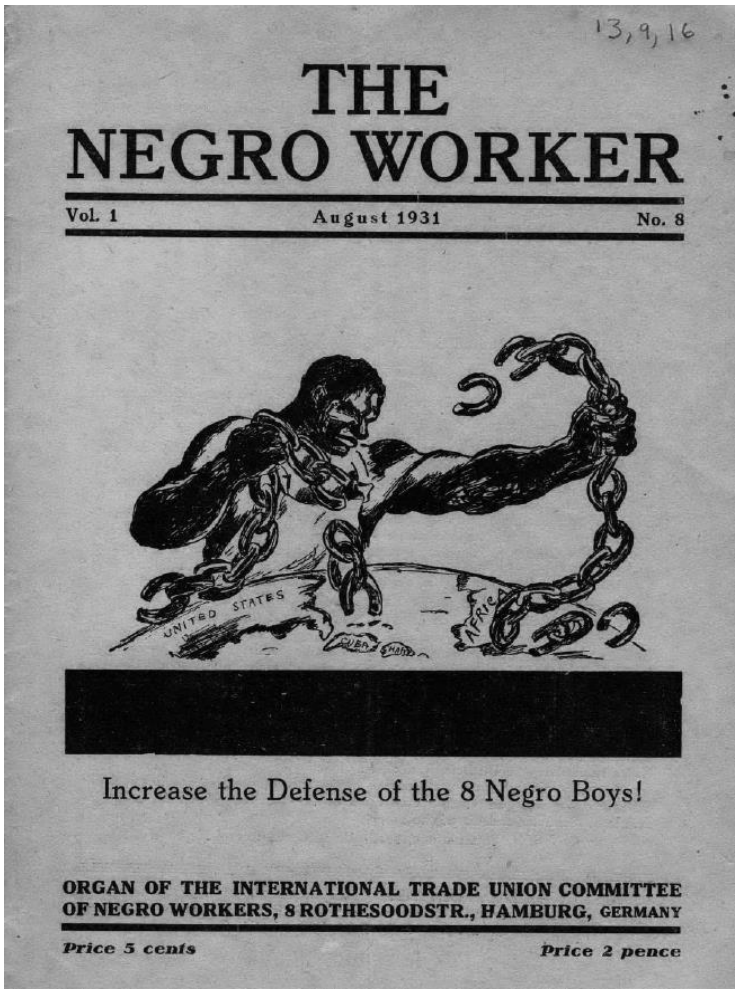

Figura 9 - The Negro Worker 1. no. 8, agosto de 1931

O Comitê era formado, além de George Padmore, por E.F. Small, da Gâmbia, Albert Nzula, da África do Sul; Hebert Macauley, da Nigéria; e Garan Kouyaté. James Ford, ao lado de Padmore, representava os trabalhadores afroamericanos, e G. Reid, os caribenhos das Índias Ocidentais. Sob a editoria de Padmore o *Negro Worker* anunciou seus objetivos na primeira edição sob sua organização, em janeiro de 1931:

> Este jornal é o órgão oficial do International Trade Union Committe of Negro Workers. Mas não é nosso objetivo fazer dele um jornal de tipo "teórico" para discutir resoluções e "opiniões", etc... Nosso objetivo é discutir a analisar o dia-a-dia dos trabalhadores negros e seus problemas e conectá-los com as lutas e problemas internacionais dos trabalhadores. É, portanto, necessário que nós recebamos intensa cooperação dos trabalhadores Negros. Isto significa que artigos, cartas, pontos de vista e imagens do seu quotidiano devem ser enviados para nós. Apenas desta forma poderemos construir o necessário

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

> jornal popular, abordando os problemas internacionais dos trabalhadores Negros[351].

Ainda que o jornal fosse o órgão oficial do ITUCNW, seu editor reivindicava objetivos diretamente relacionados aos trabalhadores negros, seus problemas diários. Seu olhar global sobre os trabalhadores negros também deve ser destacado, pois o jornal caracterizava-se por publicar relatos locais das lutas dos trabalhadores contra o imperialismo e o colonialismo em diversos locais fossem eles territórios coloniais ou "semi-coloniais". Outro aspecto marcante do jornal era a intenção de "ilustrar" [*enlighten*] os trabalhadores negros contra as forças do "nacionalismo burguês negro" – Garvey – e do sindicalismo reformista – Clements Kadalie, na África do Sul ou A. Phillip Randolph, nos Estados Unidos. Desta forma Padmore compreendia e atuava para que o jornal fosse o fórum de debates e esclarecimentos sobre visões particulares dos trabalhadores negros de seu dia-a-dia em detrimento de debates teóricos e burocráticos do Comunismo oficial sobre a "Questão do Negro", por exemplo.

Padmore ao longo de sua trajetória teve completa clareza do público ao qual estava se reportando. Em seus editoriais era comum que se dirigisse aos trabalhadores negros de forma que estes fizessem parte do diálogo, a ênfase é em *seu* quotidiano. Isto se torna mais claro quando comparamos com o texto de Losovsky, de 1928, por exemplo, no qual os trabalhadores negros são vistos enquanto objeto de análise e de discussão. Padmore buscou construir um jornal de tonalidade popular e internacionalista, que por sua vez contaria com a intensa participação e contribuição dos trabalhadores negros do mundo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

[351] George Padmore. "Our Aims". **International Negro Workers Review 1**, no. 1, janeiro de 1931, p. 3.

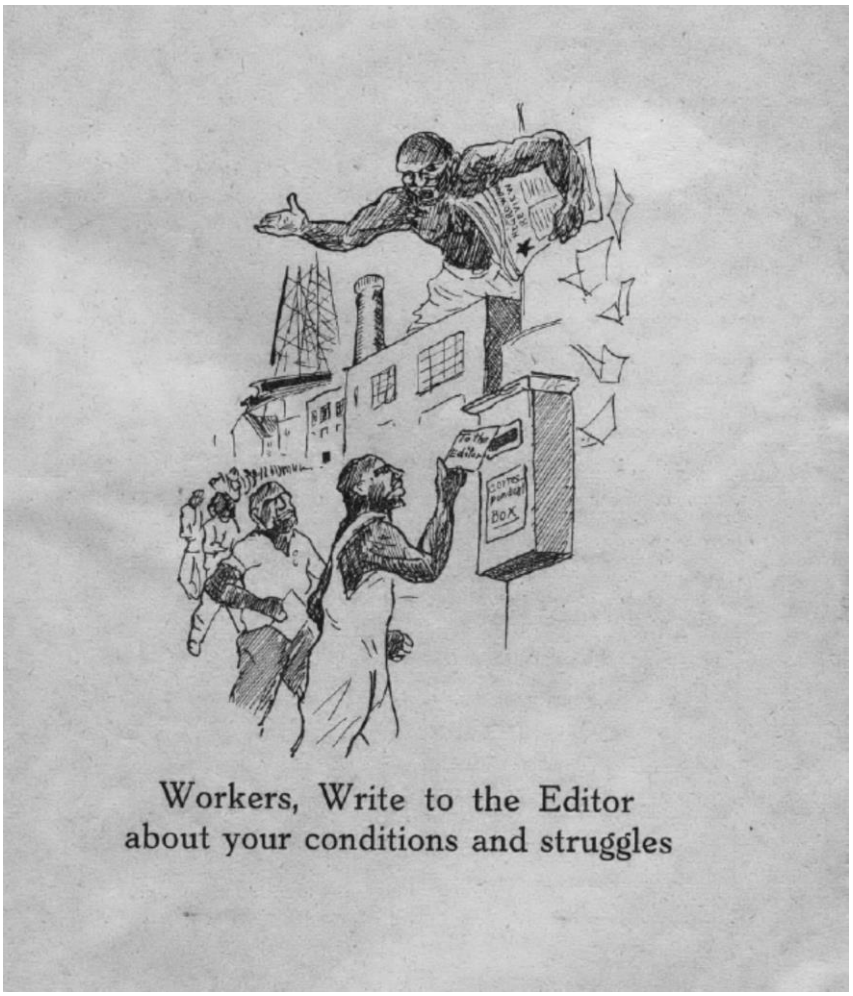

Figura 10 - Seção de cartas dos leitores, Ilustração The Negro Worker, no. 8, Agosto de 1931.

O *Negro Worker* foi um jornal que também realizou uma intensa propaganda da União Soviética e de seu modelo de sociedade. Um importante artigo de Padmore chama a atenção de seus leitores para a defesa do socialismo e da União Soviética e alerta para os perigos de uma guerra imperialista orientada contra a URSS. A URSS seria o grande exemplo a ser seguido no que diz respeito ao modelo de convívio entre pessoas de nacionalidade e cores diferentes; o exemplo de estratégia e conquista de independência nacional e construção de igualdade de direitos; que as relações internacionais e o colonialismo deveriam ser observados a partir do ponto de vista dos comunistas. Contudo, como as articulações de Padmore e Kouyaté demonstram, o jornal apresentava também relatos do contexto político em diversas partes do continente africano a partir de seus correspondentes como, Jomo Kenyatta, no Quênia; Albert Nzula, da África do Sul; E.F. Small e I.T.A. Wallace-Johnson, do Oeste africano. Para Padmore era fundamental que os trabalhadores negros estivessem a par das lutas e dos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

problemas internacionais, inclusive como estratégia para que o ideal revolucionário fosse visto como iminente e palpável, fazendo com que estes indivíduos se sentissem parte de um movimento internacional e conectado. Ou seja, se para o Comintern o *Negro Worker* foi um jornal que propagou os ideias e conquistas da Revolução Bolchevique, para os intelectuais negros envolvidos na construção do movimento internacional de trabalhadores negros o jornal foi o primeiro canal ostensivo de comunicação política transnacional entre os africanos.

Ainda que C.L.R. James tenha exagerado no tom de sua importância ao mencionar que o *Negro Worker* foi fundamental para "dezenas de milhares de trabalhadores negros em várias partes do mundo" por possibilitar a eles sua primeira formação política, o que se pode apurar, de fato, é que os governos imperiais da França e da Grã-Bretanha estiveram constantemente comprometidos no impedimento da circulação de seus exemplares no continente africano.

Première Année. — N° 3 LE NUMÉRO : 0 fr. 50

Le Cri des Nègres

Organe mensuel des Travailleurs Nègres

Rédaction et Administration : 49, Rue de Bretagne, PARIS-3e

Figura 11 - Le Cri des Nègres 3, Outubro de 1931

O jornal *Le Cri des Nègres*, vinculado a *Union des Travailleurs Nègres*, lançado em outubro de 1931 trazia em seu cabeçalho uma imagem (Figura 11) semelhante àquela utilizada nos jornais da ANLC e no *Negro Worker*, contudo, o homem negro seminu, que por sua vez era uma forma estereotipada de representar o sujeito colonial, agora, possuía cada uma de suas pernas localizada em ambas as margens do Atlântico apontando para as articulações na Diáspora Negra. Padmore também contribuiu com este jornal, que possuía tonalidade mais comunista que o *La Race négre*. Atrás do homem uma estrela brilha vinda do leste europeu, simbolizando a União Soviética.

Quando da criação do ITUCNW Padmore recebeu uma sala no Kremlin e era tratado como um alto membro do partido. Segundo Edward Wilson, a União Soviética capitalizava a presença de um integrante negro na alta burocracia

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

comunista como forma de se contrapor ao "capitalismo racista" no Ocidente. Edward Wilson, que conviveu com Padmore e com outros intelectuais envolvidos no comunismo internacional enfatiza em seu livro que em festividades e paradas comemoratórias, Padmore ocupava posição no mausoléu de Lênin, no camarote central da Praça Vermelha. Padmore também foi eleito para o Soviete de Moscou junto de Stálin e Kaganovich, ainda que inicialmente tivesse se recusado argumentando que sequer falava russo ou conhecia a realidade da cidade.

Em outro episódio envolvendo Padmore e Kouyaté que demonstra as possibilidades criadas pelos intelectuais negros dentro das organizações do Comunismo Internacional, Padmore apoiou financeiramente Kouyaté em uma de suas publicações. O Partido Comunista Francês, ao financiar o jornal de *La Race nègre*, não esperava menos do que o exercício do controle sobre o periódico e suas publicações. Kouyaté, em 1931, acionou Padmore em busca de apoio para o *La Race nègre*, obtendo uma resposta de Padmore direcionada ao Partido Comunista Francês vinda diretamente de Moscou. De acordo com a política soviética desde o final de década de 1920, os partidos locais deveriam conceder amplo apoio às iniciativas de mobilização e organização dos trabalhadores negros, como era o caso, do jornal que possuía importante atividade em portos como Marselha e Bordeaux. Evocando a resolução do 6° Congresso do Comintern Padmore reforçou a importância do *La Race nègre* junto ao Partido Comunista Francês. Falando enquanto coletivo,

> [N]ós devemos considerar nossa tarefa principal de integração dos estivadores e marinheiros *nègres* dos portos franceses (Marselha, Bordeaux, Le Havre) em sindicatos revolucionários. Para este fim, sugerimos que usem os serviços do camarada Kouyaté o máximo possível... Contudo, isto não significa que o camarada deve ser colocado sob o controle geral da Comissão Colonial do CGTU [...] De antemão, uma das dificuldades que vocês encontram neste sindicato de trabalhadores entre os *Nègres* era a falta de um órgão especial de propaganda. O jornal La Race Nègre não reflete suficientemente a situação econômica dos trabalhadores negros [*travailleur noirs*] na França e nas colônias. Tendo em vista remediar este estado de coisas, nós decidimos assistir ao camarada Kouyaté na publicação regular deste jornal em conformidade com a resolução[352].

[352] Carta do Comintern [Padmore] para Confédération Générale de Travail Unitaire [CGTU] do Partido Comunista Francês, 21 de julho de 1931; pasta "CGTU", SLOTFOM III, 31.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Em 1932, Kouyaté também recebeu fundos para o *Le Cri dês Nègres*, desta vez diretamente de Padmore. A parceria entre estes dois intelectuais no interior do Comunismo Internacional foi estabelecida de forma que ambos encontrassem apoio mútuo na construção de uma agenda transnacional, e intercolonial. E ainda que disposta dentro do arranjo do sindicalismo internacionalista do Comintern, esta agenda ultrapassou os limites da solidariedade de classe e pautou a construção de uma internacional negra baseada na solidariedade racial entre os negros da diáspora. O que Padmore e Kouyaté fizeram foi atuar pragmaticamente diante das possibilidades criadas pelo discurso do Comintern da "Questão do Negro", teorizando os assuntos coloniais e referentes aos descendentes de africanos pelo viés racial, pela alcunha do "Negro". O que fizeram foi colocar em prática uma propaganda ideológica que aliasse às questões de classe do comunismo as questões raciais. O conceito de "Negro", neste caso, colocava-se de maneira global, e aproximava-se do conceito de Nação. George Padmore, na introdução de seu panfleto *The Life and Struggles of Negro Toilers*, escrito em 1931, no âmbito de sua atuação no ITUCNW, menciona que,

> A opressão dos Negros assume duas formas distintas: de um lado eles são oprimidos enquanto classe, e por outro lado enquanto nação. Esta opressão nacional (raça) tem suas bases na relação sócio-econômica do Negro sob o capitalismo. Opressão nacional (racial) assume sua forma mais proeminente nos Estados Unidos da America, especialmente no Cinturão Negro dos estados do Sul, aonde linchamentos, servidão, Jim-Crowismo, negação dos direitos políticos e ostracismo social são amplamente difundidos; e na União Sul Africana, aonde os pretos [blacks], que formam a maioria da população vêm tendo suas terras roubadas e vêm sendo segregados em Reservas, escravizados em Compounds, e submetidos às mais vis formas de anti-trabalho e leis raciais e sistemas de barreira racial na indústria[353].

A questão racial, portanto, poderia ser vista de duas formas: enquanto uma questão nacional, já que a raça negra oprimida no capitalismo formaria uma nação; e também poderia ser vista enquanto uma questão pertencente à Diáspora Negra, pois esta opressão se *articulava* em diferentes territórios nos quais os trabalhadores negros estavam presentes. Padmore ressalta que os locais nos quais

[353] George Padmore. **Life and Struggles of Negro Toilers.**London: Red International of Labour of Unions Magazine for the International Trade Union Committee of Negro Workers, 1931, p. 43.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

os negros mais sofrem a opressão racial operada pelo capitalismo são os Estados Unidos e a União Sul-Africana, atualmente África do Sul. Desta maneira ele aproxima realidades distantes geograficamente, e distintas em relação a seu status político, pois os Estados Unidos possuíam soberania nacional, enquanto a União Sul-Africana estava sob o domínio principal dos britânicos, apontando que o problema era internacional e não apenas colonial. O sistema capitalista e sua opressão racial, portanto, justificavam que as lutas anticoloniais se coordenassem com o anti-imperialismo. Desta forma territórios coloniais e semicoloniais, como era o caso, segundo Padmore, do Sul dos Estados Unidos, articulavam-se. As estratégias pensadas por Padmore e Kouyaté, além de se organizarem pelo discurso do Comintern da solidariedade de classe, seguindo uma tradição intelectual do radicalismo negro, promoviam a solidariedade racial entre os negros da diáspora de maneira que as lutas enfrentassem tanto a opressão racial quanto a opressão sócio-econômica no capitalismo.

O panfleto *The Life and Struggles of Negro Toilers* foi escrito em três semanas, apenas. Padmore reuniu relatos de delegados que participaram da Conferência de Trabalhadores Negros em Hamburgo, em 1930. O panfleto buscou apresentar os problemas dos trabalhadores negros, entretanto, ampliando o foco sindical do RILU e da direção soviética, também foram tratados problemas coloniais, questões ligadas à barreira racial, segregação, questões agrárias, linchamentos, etc. Neste que seria um instrumento de politização direta no contato com os trabalhadores negros, Padmore adotava a estratégia de articular a questão racial às questões sócio-econômicas, de maneira semelhante à apresentada por Losovski em seu panfleto direcionado aos trabalhadores negros. A habilidade de Padmore consistia na constante negociação junto às lideranças soviéticas, dado seu prestígio político e papel privilegiado para a pretensa imagem plural do regime socialista, bem como na escolha das palavras tendo em vista o público ao qual se dirigia. Neste sentido, Padmore também seguiu a tradição radical negra de considerar que as questões raciais seriam a porta de entrada para que os negros das colônias fossem sensibilizados ao discurso revolucionário.

Padmore buscava informar os trabalhadores negros da atualidade das lutas anticoloniais e dos caminhos a serem seguidos na luta contra o imperialismo. Segundo Padmore, a combinação da opressão sócio-econômica e da opressão racial produzia “um dos mais degradantes espetáculos da civilização burguesa”.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Padmore possui uma característica interessante em suas obras, um caráter fortemente informativo, de tom jornalístico, entretanto, sem perder de vista a riqueza teórica e política. Seus panfletos informavam e pretendiam preparar seus leitores para ação revolucionária. Aspecto a ser destacado nas estratégias de escrita de Padmore, era sua capacidade de adaptar seu texto ao público em questão.

Ao apresentar as lutas em diferentes países Padmore tem a preocupação de estabelecer as nuances e as especificidades, ainda que consiga estabelecer a conexão entre estas especificidades. Nos Estados Unidos, por exemplo, é o local aonde mais se sofre com a opressão social e jurídica. Nos países do continente africano a exploração de matérias primas e a questão agrária são mais fortes. E no Caribe, Padmore aponta os efeitos da repressão política através das instituições coloniais. O que vinculava estas dificuldades a serem superadas pelos negros eram o capitalismo e o imperialismo que operavam diretamente nas opressões sofridas pelos trabalhadores. As questões da barreira racial – *color bar* – e do preconceito racial, aspectos concernentes ao capitalismo, tornariam as condições mais severas e degradantes para os trabalhadores negros.

> Desde que a presente crise do capitalismo mundial teve início o status econômico, político e social dos trabalhadores Negros tem se tornado muito pior. A razão para isto é óbvia: os imperialistas sejam os americanos, ingleses, franceses, belgas, etc... Estão deliberadamente tentando encontrar uma maneira de sair de suas dificuldades. Para conseguir isto, eles não estão apenas intensificando a exploração dos trabalhadores brancos nos diversos países imperialistas através de uma ofensiva caracterizada pelas racionalizações, cortes de salários, abolição do seguro social, desemprego, etc., porém estão voltando sua atenção mais e mais em direção a África e outras semi-colônias negras (Haiti, Liberia), que representam a última barreira do imperialismo mundial. Desta forma a burguesia espera depositar a maior carga da crise nos ombros das massas negras coloniais e semi-coloniais[354].

A solidariedade entre os trabalhadores deveria ser, portanto, baseada nos aspectos de classe e nos aspectos raciais, e não apenas nos aspectos raciais. Pois, o que se buscava era a uniformidade política das lutas revolucionárias e não apenas a unidade 'nacional'. A defesa da mera solidariedade racial levaria a constrangimentos visto que outras lideranças que reivindicavam primordialmente

[354] George Padmore. **Life and Struggles of Negro Toilers**. London: Red International of Labour of Unions Magazine for the International Trade Union Committee of Negro Workers, 1931, p. 58

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

o aspecto racial, o faziam fora do escopo revolucionário. Este era, para Padmore, o caso do *race first*, de Marcus Garvey. Além disso, para Padmore era fundamental que a luta dos negros estivesse aliada às lutas dos trabalhadores brancos. Seu internacionalismo era negro, pois era pensado a partir dos marcos raciais. Porém sua causa primordial era a revolucionária, a superação do capitalismo e o fim do imperialismo.

Desta maneira, Padmore operava na qualificação do internacionalismo negro e politizava raça e classe em seu interior. Pois, como poderia defender a solidariedade pautada meramente na raça se endereçava fortes críticas a outros líderes negros? Como disputar espaço político na condução das "massas negras" através da plataforma meramente racial com Marcus Garvey, Du Bois, Clements Kadalie, por exemplo, sendo eles também negros? Padmore compreendia a polifonia política e a diversidade de idiomas políticos do internacionalismo negro do período entre guerras na qual estava imerso. A saída para este impasse seria a construção da consciência de classe e de raça entre os trabalhadores negros.

Padmore também critica o *chauvinismo branco* no interior do movimento dos trabalhadores, sobretudo nos Estados Unidos, país no qual viveu e pôde presenciar tal questão desde a década de 1920. Semelhante ao artigo de Alexandr Losovsky, Padmore considera que o racismo e chauvinismo entre os trabalhadores brancos nada mais é do que o jogo da burguesia. Utilizar o imperativo do ódio aos "irmãos negros" seria, portanto, uma atitude oposta à filosofia socialista. Argumenta ainda que a exploração racial dos negros nas colônias é uma das principais responsáveis pela precarização do trabalho nas metrópoles, prenunciando o que Du Bois apresentaria em sua obra *The Black Reconstruction*, em 1935.

Padmore aponta aos trabalhadores brancos que lutar contra o imperialismo, contra o racismo e contra o colonialismo é também lutar por seus direitos enquanto trabalhadores. Compelia desta maneira, negros e brancos, cada qual a partir de argumentos específicos, a cerrarem fileiras lado a lado na luta internacional contra a opressão capitalista. O que Padmore tentou promover a frente do *Negro Worker* foi construir um discurso ideológico da luta de classes, no qual os aspectos raciais estivessem a ela atrelados e sensibilizar seu público leitor ao caráter racial da luta de classes. Na introdução de *Life and Struggles of Negro Toilers*, Padmore afirma que,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

> Tendo em vista a situação do mundo presente, é necessário descrever a Vida e as Lutas dos Trabalhadores Negros [*Life and Struggles of the Negro Toilers*], pois desta maneira os trabalhadores dos países metropolitanos cujo imperialismo recai sobre estas massas estarão aptos a tomarem ciência de alguns dos métodos que os capitalistas das terras mãe – "*mother" countries* – adotam a fim de escravizar os negros coloniais e semi-coloniais. Por isso, é apenas através do conhecimento destes fatos que as classes de trabalhadores revolucionárias na Europa e na América compreenderão o perigo a frente delas.
> Também é necessário aos trabalhadores dos países capitalistas compreenderem que é apenas através da exploração dos trabalhadores coloniais, dos quais de seu sangue e suor são retirados a mais valia, que os imperialistas são capazes de subornar os burocratas sindicais reformistas e social-fascistas e, por conseguinte, permitir a eles que traiam as lutas dos trabalhadores[355].

A longa espera para que os negros recebessem apoio do movimento dos trabalhadores em suas lutas também foi mencionado no livro. "Os trabalhadores Negros, embora explorados e oprimidos pelos imperialistas, não receberam o suporte necessário do movimento dos trabalhadores organizado". Segue criticando que, "ainda hoje", o trabalhador branco "em muitos casos ainda enxerga o Negro enquanto um pária". O conceito de pária aparece em relação ao trabalhador negro desde a década de 1920 com Claude McKay. O vocabulário político muito semelhante entre os panfletos de Padmore e Losovsky nos permite pensar que George Padmore participou da redação do panfleto do Secretário Geral do RILU, pautando sua escrita. A atuação de Padmore no interior do ITUCNW não pode ser vista, portanto, enquanto uma passagem limitada pela burocracia e pela doutrina do Comintern de maneira estrita. Fazendo crítica aos trabalhadores revolucionários, Padmore lembra que uma longa luta foi travada para que o Profintern travasse a luta contra a "psicologia" da 'Superioridade Branca'.

Padmore alerta que

> deve-se ter em mente que as massas de Negros não irão aderir às lutas revolucionárias até que os setores mais conscientes dos trabalhadores brancos mostrem, pela ação, que eles estão lutando com os Negros contra toda discriminação racial e perseguição.
> [...]

[355] George Padmore. **Life and Struggles of Negro Toilers**. London: Red International of Labour of Unions Magazine for the International Trade Union Committee of Negro Workers, 1931, p. 4.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

> Ademais, os trabalhadores brancos devem compreender que no presente momento do capitalismo mundial um dos objetivos do imperialismo é encontrar uma forma de utilizar os trabalhadores Negros, especialmente nas colônias, para precarizar as já baixas condições dos trabalhadores brancos.
> [...]
> Os trabalhadores dos países imperialistas não devem se esquecer das palavras memoráveis de Marx de que 'o trabalhador de pele branca não pode se libertar enquanto o trabalhador de pele negra for escravo'[356].

Se os trabalhadores brancos deveriam ter consciência de que sem os negros sua luta seria inócua, Padmore reconhecia que sem o apoio dos trabalhadores brancos, os trabalhadores negros não teriam sucesso em suas lutas contra o imperialismo e contra o colonialismo. Esta percepção acompanhou Padmore ao longo de sua trajetória. Pois se no âmbito do movimento Comunista Internacional Padmore buscou o apoio dos trabalhadores brancos, depois de seu rompimento com o Comintern seguirá buscando apoio entre políticos brancos do *Labour Party*, por exemplo, na década de 1940. Kouyaté, por sua vez, já no início da década de 1930, buscava o apoio de grupos não negros desvinculados ao movimento comunista.

A enunciação da questão racial, portanto, dentro do contexto da atuação de Padmore no movimento Comunista Internacional deve ser observada com cautela. O discurso racial poderia levar às massas negras a aderir a projetos e estratégias burguesas e reformistas, como teriam feito o sionismo e o ghandismo. Marcus Garvey era o principal expoente da solidariedade racial com sua ideologia do "*race first*". Padmore questiona:

> Por que devemos lutar contra o Garveísmo? Como o Programa da Internacional Comunista aponta: 'Garveísmo é uma ideologia perigosa que não possui sequer um traço democrático, e que brinca com atributos aristocráticos de um 'Reino Negro' inexistente! Deve-se resistir fortemente, porque isto não é nada além de um obstáculo para as massas Negras em suas lutas por libertação e contra o imperialismo Americano'. Garvey é mais do que um demagogo desonesto que, tirando vantagem da onda revolucionária de protestos dos trabalhadores Negros contra a opressão e exploração imperialista, foi capaz de cristalizar um movimento de massas na América nos anos imediatamente seguintes à Guerra. Sua desonestidade e seus esquemas de negócios fraudulentos, como a *Black Star Line*, através da qual

[356] George Padmore. **Life and Struggles of Negro Toilers**. London: Red International of Labour of Unions Magazine for the International Trade Union Committee of Negro Workers, 1931, pp. 122-124.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

> expropria milhões e milhões de dólares do suor dos trabalhadores Negros, em breve o levarão à prisão."[...] Os proprietários de terras e capitalistas pretos [*blacks*] que apóiam o Garveísmo estão apenas tentando mobilizar os trabalhadores e camponeses Negros para apoiá-los na criação de uma República Negra na África, na qual eles poderão se colocar enquanto governantes e continuarem a explorar os trabalhadores de sua raça, livre da competição imperialista. Eu seu conteúdo de classe o Garveísmo é alheio ao interesse dos trabalhadores Negros. Assim como o *Zionismo* e *Ghandismo*, utiliza a consciência racial e nacional meramente a fim de promover os interesses de classe da burguesia e dos proprietários de terra pretos [*blacks*][357].

Em artigo de 1931, Padmore analisa o contexto que prenunciaria a Guerra Imperialista contra União Soviética que estaria perto de ocorrer, segundo a forte crença do Comunismo Internacional. Após relatos detalhados sobre o cenário internacional pós-Crise do capitalismo e a geopolítica dos Impérios em direção ao continente africano, comenta sobre a "traição dos "líderes" negros. Acusando a pequena burguesia e os nacional-reformistas negros de fazerem parte dos planos imperialistas de certificarem-se de que, "quando a Guerra Imperialista tiver seu início, os trabalhadores não aproveitarão a oportunidade para se revoltar e irromper por sua própria liberdade".[358] Atacando diretamente Blaise Diagne, que quando nomeado Secretário de Estado para as Colônias, por Clemenceau, recrutou 200.000 trabalhadores e camponeses negros nas Índias Ocidentais Francesas e na África Equatorial para lutarem na Primeira Guerra Mundial. Padmore aponta que Diagne, sendo um negro africano, teria mais legitimidade para fazer o apelo aos trabalhadores negros do que um oficial colonial branco. Tentativas já haviam sido feitas, mas diante de revoltas locais não obtiveram sucesso.

Segundo Padmore, a França estaria, neste momento, preparando uma ofensiva militar contra a União Soviética. Para tanto, os franceses recorreram novamente à Diagne para mobilizar trabalhadores e camponeses africanos para o exército francês. A França teria sofrido muitas baixas entre seus soldados brancos, o que teria a obrigado a recrutar africanos e indo-chineses. A escolha de Blaise Diagne, um homem negro em seu ministério, seria, segundo Padmore, em função

---

[357] George Padmore. **Life and Struggles of Negro Toilers**. London: Red International of Labour of Unions Magazine for the International Trade Union Committee of Negro Workers, 1931, pp. 125-126.

[358] George Padmore. "Negro Workers and the Imperialist War". **Negro Worker**, No 3, Junho, 1932, p. 13.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

da necessidade do "país líder do bloco anti-soviético" em parecer mais liberal que outros colonizadores. Entretanto, o que estaria por trás disto seria a busca de apoio da pequena burguesia negra e dos intelectuais negros das colônias. Padmore afirma que, "Em Paris a estas pessoas é concedida total igualdade social, mas por outro lado os milhões de trabalhadores e camponeses negros nas colônias são tratados pior do que escravos".[359] Diante disto, afirma:

> [I]sto mostra aos trabalhadores Negros que seus problemas são fundamentalmente problemas de **classe**. Que a burguesia negra sempre irá se unir com a burguesia branca buscando manter seus interesses imperialistas de classe em comum[360].

Passando a atacar as lideranças negras dos Estados Unidos, chamadas por ele de "*Negro Uncle Toms*" por estarem apoiando a "falsa 'Democracia'" do país, relembra que quando a Primeira Guerra estava em curso diversos negros se comportaram da mesma forma que Blaise Diagne. Pastores, políticos negros, editores de jornais tais como Du Bois, solicitaram que os "trabalhadores de sua raça" ajudassem os capitalistas, banqueiros e donos de terras a vencer a guerra. Asseguravam, assim como Diagne, que depois da Guerra tudo se acertaria, "mentiram para eles como se eles estivessem indo lutar por 'democracia' e 'liberdade'".[361] Ao criticar as lideranças pequeno-burguesas tanto na França quanto nos Estados Unidos, Padmore lembra a seus leitores, também negros, da necessidade de seguirem as lideranças revolucionárias comprometidas de fato com a libertação do continente e de seus descendentes. A solidariedade racial, neste caso, não estaria isenta de um caráter de classe, de um programa político. Novamente, o aspecto racial seria um componente importante para a luta e para a mobilização, contudo, havia a crença de que a politização viria com a consciência de classe e através da propaganda radical comunista. A luta dos negros deveria ser, portanto, anti-imperial, anticolonial e anticapitalista, combatendo tanto a opressão sócio-econômica quanto a opressão racial. Era comum que Padmore se dirigisse a seus leitores chamando-os de Negros [*Negroes*], com letra maiúscula, em oposição àqueles chamados de pretos [*blacks*]. Desta maneira, qualificava e

[359] Idem, p. 13.
[360] Idem, p. 14, [grifos do autor].
[361] George Padmore. "Negro Workers and the Imperialist War".**Negro Worker**, No 3, Junho, 1932, p. 15

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

politizava a questão racial a partir da adesão ao programa revolucionário. Era a estes Negros que Padmore dirigia suas palavras em busca da construção de uma solidariedade racial.

No período em que esteve à frente do *The Negro Worker*, Padmore soube alinhar-se à doutrina de "classe contra classe" do Comintern, sem deixar de construir uma rede transnacional negra pensada a partir da diáspora. Padmore termina seu artigo escrevendo sobre a solidariedade internacional afirmando que seria tarefa de todo "trabalhador Negro honesto" denunciar Garvey e outros líderes nacionalistas burgueses e romper com sua influência. Padmore termina afirmando que,

> Apenas apoiando as lutas dos militantes da classe trabalhadora sob a liderança do Comunismo Internacional e sindicatos revolucionários do Red International Labour Unions que os trabalhadores Negros estarão aptos para obter sucesso na marcha rumo a sua libertação do jugo capitalista assim como seus camaradas na União Soviética fizeram 13 anos atrás[362].

Padmore acreditava que os trabalhadores negros desempenhariam papel central nas lutas revolucionárias contra o imperialismo. Em apelo às vanguardas negras, Padmore sugere que,

> Os trabalhadores Negros também devem tomar parte mais ativa nas lutas revolucionárias da classe trabalhadora como um todo. Eles devem decisivamente romper com os burgueses e com o reformismo pequeno-burguês. Não devem permitir que sejam enganados com frases de "esquerda" da pequena-burguesia reformista Negra Americana, tal como Du Bois, Moton, Depriest, etc. [...] Os trabalhadores Negros não devem ser enganados pelos gestos demagógicos de Garvey e seus apoiadores. Precisam compreender que a única maneira pela qual conquistarão sua liberdade e emancipação é através da organização de suas forças aos milhares, e em aliança com os trabalhadores brancos com consciência de classe dos países imperialistas, bem como com as massas oprimidas da China, Índia, América Latina e outros países coloniais e semi-coloniais, desferir o derradeiro golpe no imperialismo mundial.[363]

No dia 8 de fevereiro de 1933, Gerorge Padmore seria preso pela polícia alemã. Este ano marca a escalada das forças nazistas rumo ao controle do governo alemão. Padmore permaneceu preso por duas semanas. Segundo constam nos

[362] Idem.
[363] George Padmore. 1931, p. 124

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

arquivos da inteligência britânica, havia um mandado de prisão em nome de Richard Krebs apenas, companheiro de residência de Padmore neste momento. Isto nos permite questionar se Padmore seria alvo das forças nazistas inicialmente. No dia 21 de fevereiro o Consulado Geral Britânico informou o setor de imigração que um homem chamado Malcom Ivan Nurse seria deportado da cidade de Altona. Malcom Nurse foi descrito como um "cidadão britânico, nascido em Trinidad em 28 de junho de 1903, em posse do passaporte britânico n° 39946, expedido em Nova Iorque, no dia 26 de novembro de 1929." O Consulado estava ciente sobre Nurse e o descrevia como potencial causador de problemas: "Fui informado que este homem, que aparentemente atuou em Berlim, teve como secretária uma mulher atraente chamada Dra. Schiff, de Viena, a qual acreditava-se que havia sido casada com uma pessoa empregada enquanto jornalista comunista"[364].

Durante sua viagem ao continente africano em 1930, seu duplo registro já o havia auxiliado em sua entrada, agora, em 1933, novamente seria salvo por seus diversos nomes. Acontece que a Inteligência Britânica já havia identificado que George Padmore e Malcom Ivan Meredith Nurse eram a mesma pessoa, mas aparentemente a informação não foi distribuída entre outros setores da polícia[365]. As autoridades alemãs informaram à imigração britânica que pretendiam deportar um sujeito colonial britânico indesejado, e as autoridades britânicas acreditaram que poderiam coletar informações sobre o paradeiro do militante revolucionário George Padmore. Frieda Schiff também foi salva pela dupla identidade de Padmore, pois ela não possuía nenhuma conexão com Nurse, além de ter sido sua secretária.

Padmore conseguiu deixar a Alemanhã e chegou até Paris, onde permaneceu abrigado na casa de Garan Kouyaté. Kouyaté também o ajudou prontamente a restabelecer uma nova sede para o Comitê de Hamburgo. Padmore e Kouyaté de pronto buscaram reativar suas conexões com o Atlântico, incialmente valendo-se da estrutura da *Union dês Travailleurs Nègres*, que funcionava como uma sub-organização do ITUCNW. Padmore adotou o nome de George Kouyaté, e seu endereço passou a ser 33 Rue de La Grange-aux-Belles,

[364] Joseph Pyke, Consulado Geral Britânico, Hamburg, para sua majestade Secretário Geral de Estado para Assuntos Externos, Foreign Office, 21.2.1933, TNA FO372/2910 T2236.
[365] Hans Thorgersen, Scotland Yard, 31.1.1931, TNA KV 2/1056.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

em Paris. Rapidamente avisou a seus contatos que não mais enviassem qualquer correspondência para Hamburgo, alertando que a polícia alemã estava interceptando tudo que era enviado para lá. Instruções foram dadas para que toda correspondência fosse enviada através do "endereço de Viena", inclusive aquelas vindas do Atlântico Africano e de Moscou.

Diante das dificuldades de imprimir panfletos, comunicados e seguir com as edições do *Negro Worker*, Kouyaté conseguiu que Padmore realizasse as impressões necessárias na mesma gráfica que imprimia as edições do *Le Cri dês Négres*. Os custos seriam semelhantes aos pagos em Hamburgo, Kouyaté assegurou. Como sabia que editar e distribuir o *Negro Worker* da Inglaterra não fazia sentido, pois as autoridades prontamente confiscariam todo o material, cabia agora a Padmore e Kouyaté organizarem como fariam para burlar a vigilância das autoridades francesas. Padmore buscou construir uma rede de distribuição via Marselha, Rouen, Cardiff, Londres e Nova Iorque. Padmore estava confiante, "Isto irá garantir a continuidade do sucesso de nosso trabalho"[366]. Atestava ainda diante das dificuldades financeiras que, "avaliando a situação geral acreditamos que, apesar dos contratempos iremos estar prontos para reajustar-nos e seguir como nosso plano geral de trabalho"[367].

Contudo, em carta do dia 9 de março, Padmore muda o tom otimista e faz críticas ao cenário que estava experimentando. Novamente pautando-se pela resolução de 1932, assegurou que o plano do ITUCNW continuaria o mesmo, entretanto, estaria sendo obrigado a tomar novas formas e novos métodos de ação diante das dificuldades. Padmore preocupava-se com a situação de Kouyaté, que não estava recebendo nenhuma remuneração na *Union dês Travailleurs Nègres*. Padmore temia que "as conseqüências para nosso trabalho serão sérias", e alertava seus contatos em Moscou sobre esta situação. Sem dinheiro para realizar seu trabalho de correspondência com seus diversos correspondentes, Padmore alertava que caso a situação não fosse resolvida o trabalho seria sabotado pelos próprios camaradas de Moscou.

As críticas de Padmore a Moscou aumentaram devido à letargia e demora na solução dos problemas decorrentes da mudança do Comitê de Hamburgo. Contudo, Padmore ainda demonstrava otimismo. Moscou não respondia e

[366] George Padmore para Dear Comrades, 6.3.1933, RGASPI 534/3/895, pasta, 126.
[367] Idem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Padmore não estava a par do debande do aparato do RILU, por conta da ação da polícia nazista. O que ocorria, de fato, era que o restabelecimento do Comitê de Hamburgo não era prioridade de Moscou neste momento. Moscou estava preocupada em seguir com o trabalho na Alemanha de forma ilegal tendo em vista combater o nazismo crescente.

Em abril Padmore recebe uma nova carta de Zusmanovich com novas instruções. Os integrantes do RILU desconheciam o paradeiro de Padmore até o presente momento, alguns sequer sabiam do fechamento do escritório em Hamburgo. Zusmanovich informou Padmore que era absolutamente necessário que o escritório em Paris mantivesse comunicação com Moscou para que pudesse ser restabelecido de maneira satisfatória. Diante deste contexto uma mudança de nome é sugerida e o ITUCNW passaria a se chamar *International Committe for Mutual Aid to Negro Workers*. O jornal *Negro Worker* deveria seguir com o mesmo nome. Padmore foi informado que deveria colaborar com os camaradas da CGTU e com o Partido Comunista Francês. Zusmanovich escreveu que "você não deve se deixar deprimir com alguns dos camaradas franceses, mas fazer o pleno uso deles". Esta recomendação pode ser vista enquanto um lembrete de seu vínculo com o Comintern, deixando claro que Padmore deveria deixar de lado suas críticas recorrentes aos partidos metropolitanos em relação à agenda do internacionalismo negro.

Na carta Zusmanovich indica que os problemas relacionados à Kouyaté deveriam também ser deixados de lado. A Padmore recomendava-se entrar em contato imediato com Moscou e articular-se com os sindicatos de Paris. Tudo indica que Zusmanovich e a direção do Partido Soviético alertavam a Padmore que ele deveria manter-se enquanto um integrante do Comunismo Internacional e não estabelecer redes e organizações independentes do Partido Comunista. Padmore deveria trabalhar em cooperação com outras organizações. Posteriormente, por avaliarem que Paris não seria o local adequado para articulações com o Atlântico Africano anglófono, Zusmanovich sugere que o *Negro Welfare Association*, em Londres, fosse transformado no principal local de articulação com as colônias britânicas.

A expulsão oficial de Kouyaté do Partido Comunista Francês foi publicada no jornal *Negro Worker*, ainda que neste momento Padmore já não mais fosse o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

editor do jornal, anunciando também sua expulsão do ITUCNW. As razões apresentadas na nota foram:

> Kouyaté enganou o movimento revolucionário, ele nunca quis prestar contas da administração diante dos cargos de responsabilidade que foram a eles confiados. Ele tentou perturbar a organização da União dos Trabalhadores Negros.Ele mantém conexões com ex-membros expulsos e inimigos do movimento revolucionário dos trabalhadores. Chamado duas vezes para explicar suas ações ele não respondeu[368].

De março a agosto de 1933, pouco se sabe sobre a atuação de Padmore. Neste período Padmore trabalhou ao lado de Nancy Cunard na produção de um livro sobre a produção artística e literária dos negros.[369] Tudo indica que Padmore e Kouyaté seguiram articulando-se e seu contato com Moscou era quase inexistente. Registros apontam que o apoio financeiro endereçado a Padmore continuou sendo expedido até junho de 1933, entretanto, assim como em Hamburgo, Padmore não recebia diretamente o dinheiro, mas via outro integrante da organização.

Em uma edição que foi publicada duplamente, a de agosto/setembro de 1933, Padmore escreve um artigo chamado "*Au Revoir*". Neste artigo Padmore declara que o jornal não possuía mais condições de ser editado por falta de verbas e sairia de circulação. Em sua biografia, John Hooker aponta que seu rompimento com o Comintern ocorreu devido a sua insatisfação com as tentativas da União Soviética em estabelecer contatos com a França e com a Inglaterra em meio ao contexto de ascensão do fascismo. A ordem direta de Moscou era de que as críticas anticoloniais e anti-imperialistas deveriam ser amenizadas tendo em vista a necessidade de formar-se um bloco antifascista na Europa. Kouyaté foi expulso do Partido Comunista acusado de ser um "provocador" e Padmore, que não renunciou sua amizade e ligação com o intelectual africano, seria expulso em fevereiro de 1934.

Susan Pennybacker, no seu livro *From Scottsboro to Munich*, chama atenção para a frustração de Padmore diante da ortodoxia do Comintern no que se referia às questões raciais, sugerindo que, a partir de então Padmore optaria pela

---

[368] "Expulsion of Kouyaté", **Negro Worker** n. 4, Maio de 1934, p. 32. Na nota lia-se "cassado do Partido por atitude desagregadora, anticomunista e indelicada".

[369] Minkah Makalani. **In the Cause of Freedom**: Radical Black Internationalism from Harlem to London, 1917–1939. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2011, pp. 188-189.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

militância Pan-Africanista.[370] Joyce Moore Turner, no livro *Caribbean Crusadersand the Harlem Renaissance*, enfatiza a recusa de Padmore em abrir mão de sua relação com Garan Kouyaté. Jonathan Derrick e Minkah Makalani sugerem que Padmore foi expulso do Comintern por conta de sua relação com Kouyaté, por conta de suas posições Pan-Africanistas e de sua aproximação de lideranças consideradas reformistas por Moscou. Padmore também teria sido acusado de promover ações clandestinas junto a organizações burguesas em apoio a Libéria em 1933.[371]

Em 17 fevereiro de 1934, Padmore escreve uma carta para Du Bois do endereço da *Union des Travailleurs Nègres*, em Paris, a organização liderada por Garan Kouyaté de 1931 a 1933. Esta carta é um marco importante, pois, Du Bois sofria constantes ataques de Padmore nas páginas do *Negro Worker* por seu reformismo pequeno burguês. Du Bois, contudo, apesar das críticas sofridas, desde a virada do século XX havia liderado a organização dos Congressos Pan-Africanos que reuniam intelectuais decididos em debater os rumos do colonialismo no continente africano e as formas de melhorar a vida dos descendentes de africanos da Diáspora Negra. O conteúdo da carta indica que Padmore e Du Bois já vinham se comunicando anteriormente, pois na carta Padmore agradece a Du Bois sobre a leitura de um de seus artigos. Padmore também escreve na carta que, apesar do *Negro Worker* não estar sendo editado no momento, ele estaria tentando reorganizar o periódico. Padmore segue mencionando os perigos sociais, econômicos e raciais que os negros estariam enfrentando e propõe articulações.

> Os Negros Franceses recentemente realizaram uma conferência sob a liderança de um jovem sudanês de quem sem dúvida você já deve ter ouvido falar, Mr. Garan Kouyaté, o editor do La Race Négre. O problema do Negro foi debatido em relação à crise econômica e social que o mundo atravessa no presente momento, e o perigo fascista que ameaça nossa existência racial. Esta foi a mais séria discussão política que já ouvi entre os Negros. A Conferência decidiu tomar a iniciativa de convocar um Congresso de Unidade Mundial dos Negros [Negro World Unity Congress], com a proposta de estabelecer um programa comum de ação através do qual a unidade

[370] Susan Pennybacker. **From Scottsboro to Munich**. Princeton: Princeton University press, 2009, pp. 79-81.

[371] Sobre algumas ações de Padmore no continente africano, Ver Johnathan Derrick. **Africa's 'Agitators'**: Militant Anti-Colonialism in Africa and the West. 1918-1939. New York: Columbia University Press. 2008, pp. 288-300; e também, Minkah Makalani, 2011, pp. 191-192.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

> mundial dos negros seja alcançada. Os estudantes Negros da Europa estão reivindicando esta ação. Eu também achei muito evidente esta atitude entre os estudantes do Oeste Africano quando estive recentemente em Londres. Aproveitei a oportunidade para informar os Negros Franceses do trabalho da N.A.C.P. [sic] e seu trabalho em contato com o movimento Pan Africano. Eles decidiram por convidar sua organização a participar do Congresso que foi marcado para o verão de 1935 – contando que os envolvidos na Guerra nos dêem este tempo. Esta é outra questão que está agitando demasiadamente o pensamento dos Negros Franceses. Porque eles ainda não se esqueceram de como Diagne e outros pretensos líderes os conduziram para a última, porém neste momento ele deverá lidar com uma juventude muito astuta.Você irá nos ajudar a criar as bases para a unidade entre Negros da África, das Índias Ocidentais, e outros territórios?[372].

No dia 23 de fevereiro de 1934 a Comissão de Controle do Comintern publica a expulsão oficial de Padmore, ainda que ele já estivesse fora do partido há seis meses. A expulsão de Kouyaté esteve relacionada ao contato destes dois intelectuais. Da mesma forma, ao que tudo indica, a expulsão de Kouyaté também foi utilizada para legitimar a expulsão de Padmore:

> Padmore, um membro do Partido Comunista, a despeito de seguidos avisos, não rompeu relações com o provocador Kouyaté e viveu no apartamento do provocador [Camille Saint] Jacques. Buscando enganar os órgãos do Partido, Padmore repetidamente informou que havia rompido com Jacques...Padmore operou estratégias que enfraqueceram a unidade de classe dos trabalhadores Negros, e sob a pretensa defesa da necessidade de unidade de todos os Negros sob a base racial, tentou pavimentar o caminho para a unidade junto a exploradores Negros burgueses e com seus agentes, os nacional-reformistas[373].

Diante deste cenário, Padmore enviou sua Carta Aberta para diversos contatos na imprensa americana e seguiu trabalhando em um livro que trataria do colonialismo britânico na África, que seria publicado dois anos depois com o nome, *How Britains Rules Africa*.

Padmore, intelectual militante e interessado na organização dos negros da diáspora internacionalmente, não dispondo mais da institucionalidade do Comunismo Internacional, se volta para Du Bois e para o movimento Pan-Africano. Padmore solicita que Du Bois, com estreitas relações com estudantes

[372] George Padmore carta para Du Bois, 17 de Fevereiro de 1934.
[373] "Expulsion of George Padmore from the Revolutionary movement", **Negro Worker** 4, no. 2, Junho de 1934, p. 14.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

nos Estados Unidos, articule estes grupos para a organização deste Congresso. A resposta deveria ser enviada para o endereço de Garan Kouyaté, na França. Entretanto, Kouyaté não estava mais a frente da *Union des Travailleurs Nègres*, desde o final de 1933, tampouco editava o *La Race nègre* desde 1931. Talvez Padmore buscasse legitimidade para sua empreitada ou estivesse interessado em desvincular-se do ITUCNW e de suas constantes críticas à Du Bois e a seu trabalho a frente da N.A.A.C.P. Esta aproximação entre Du Bois e Padmore renderá importantes articulações que podem ser medidas com a organização do Quinto Congresso de Manchester. Antes disso, em 1935, Du Bois finalizaria sua obra *The Black Reconstruction*, na qual opera uma mudança teórica em suas análises sobre a situação racial nos Estados Unidos e oferece alternativas ao pensamento marxista clássico.

Os anos seguintes serão de mobilização frente à invasão da Etiópia pela Itália, em 1935. A partir de então, Padmore, junto de C.L.R. James, Amy Ashwood Garvey, Jomo Kenyatta e T. Ras Makonnen criarão uma organização não alinhada ao Comunismo Internacional promotora do internacionalismo negro a partir de Londres, o *International Africans Friends of Ethiopia*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

6

Londres e a opinião africana internacional: George Padmore e C.L.R. James

> Ainda que as ideias tenham sido originadas nas Índias Ocidentais foi somente na Inglaterra, na vida e na história inglesas que eu pude mapeá-las e testá-las. Para estabelecer sua própria identidade, *Caliban*, três séculos depois, precisou aventurar-se em regiões que *Caesar* nunca conheceu.
>
> C.L.R. James, Beyond a Boundarie, 1963.

Em 1929, a Liga das Nações formou uma comissão para investigar as relações de trabalho na Libéria. Esta comissão foi liderada pelo inglês, Cuthbert Christy, que foi auxiliado por C. S. Johnson e Arthur Barclay, representando os EUA e a Libéria, respectivamente. Publicado no ano seguinte, o relatório da comissão mencionava que, apesar do fim da "escravidão clássica" composta pelo tráfico de escravos e pelos traficantes de escravos não mais existir, um tipo de escravidão doméstica *intra tribal* e *inter tribal* florescera consideravelmente, na Libéria[374]. Segundo o relatório, alguns 'indígenas' estariam sendo recrutados por colonos afroamericanos como peões e enviados para a ilha de Fernando Pó e para o Gabão Francês, e lá mantidos sob condições abusivas. Ainda segundo o relatório, esta situação tornava difícil a clara distinção se o que vinha ocorrendo seria apenas a captura interna de escravos ou, se seria tráfico e comércio de escravos. Entretanto, a comissão apresentou seu contentamento com o fato de que a escravidão doméstica não estaria recebendo apoio do governo da Libéria, que por sua vez compelia seus cidadãos a não cometerem esta prática.[375]

O relatório serviu para que muitos críticos europeus, dentre eles alguns liberais, confirmassem suas crenças de que o governo da Libéria havia reduzido os nativos à opressão e servidão. A Libéria, país livre e soberano, representava uma das últimas fronteiras em relação ao colonialismo europeu e às investidas dos Estados Unidos, país com grande ingerência nos negócios deste país. As críticas à Libéria só aumentaram em seu volume e criou-se um cenário de disputa entre potências ocidentais, desejosas de avançar sua

[374] International Commission of Enquiry in Liberia.League of Nations, Genebra, 1930, p.83-84.
[375] Idem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

dominação em territórios africanos, e o internacionalismo negro interessado em resguardar a soberania da Libéria. Estes acontecimentos abriram campo para que, em março de 1932, em um debate na Câmara dos Lordes, fosse proposto que a Libéria se tornasse um território sob o controle de uma comissão externa.

Muitas das críticas à política interna do governo da Libéria, como por exemplo, do inglês John Harris, da *Aborigines' Rights Protection Society*, foram motivadas por questões humanitárias. Porém, o silêncio em relação às condições de vida dos nativos em outras regiões colonizadas sob domínio de europeu tais como: a África do Sul, as colônias portuguesas e o Congo Belga, fizeram com que os ataques e críticas – ainda que bem intencionados – parecessem hipócritas senão racistas. As atrocidades e mutilações cometidas pelos belgas durante o reinado de Leopoldo II, da Bélgica, na passagem do século XIX para o século XX, eram amplamente conhecidas nesta época, mas não reverberaram entre os liberais e humanistas europeus. Tais atrocidades e a prática do trabalho forçado no Congo Belga foram narradas pelo escritor russo Adam Hochschild, no livro *O Fantasma do Rei Leopoldo*[376].

Criada em 1 de janeiro de 1931, pelo médico jamaicano radicado em Londres Harold Moody, a *League of Coloured People* (LCP) esta instituição pretendia-se multirracial em seu quadro de filiados. No ato de sua fundação, Moody deixou clara sua posição de representar as pessoas de cor [*coloured people*] junto às autoridades governamentais, instituições médicas, conselhos comerciais, proprietários de fábricas, proprietários de imóveis, e não apenas em seu nome ou em foro privado[377]. Harold Moody e a LCP tiveram uma participação ativa no internacionalismo negro sediado em Londres ao longo do segundo terço do século XX.

A LCP enfatizou as suspeitas de que as alegações dos críticos europeus decorriam de seu preconceito racial. Este posicionamento foi reforçado pela leitura dos usos políticos que os governos coloniais europeus fizeram destas críticas. Temia-se que a má reputação atribuída à Libéria pudesse ser explorada para desacreditar os africanos e criar argumentos sobre sua incapacidade de se autogovernarem. Esta posição ficou clara a partir de um artigo assinado por Harold Moody, no *Manchester Guardian*, um jornal inglês, em outubro de 1933.

[376] Adam Hoscschild. **Les Fantômes du roi Léopold**: La terreur coloniale dans l'État du Congo 1884-1908. Paris: Tallandier, 2007. Ao tecer alguns comentários sobre o personagem M. Kurtz, do romance de Joseph Conrad. *Heart of Darkness*, obra literária que traz a marca do imperialismo em grau enorme, cita uma paliçada feita de crânios em lanças. Hoschschild menciona que, mesmo Conrad, um imperialista convicto, representou as atrocidades cometidas pelo Rei Leopoldo, pois, segundo o autor, Conrad teria se inspirado em Léon Rom, oficial belga e criado M. Kurtz. No livro de Hoschschild também há um relato de uma africana narrando que "Quando estávamos todos reunidos – e havia muita gente de outras aldeias [...] – os soldados trouxeram cestos de comida para nós carregarmos, dentro dos quais havia carne humana defumada", p.245

[377] David A. Vaughan. **Negro Victory**. London: Independent Press, 1950, p. 54.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Tomado pelos eventos recentes, acusava os brancos de anexarem o único local – além da Abissínia – que os negros poderiam chamar de seu país[378]. O médico também denunciou que os relatos sobre a política colonial portuguesa não despertaram o menor esforço da Liga das Nações no sentido de pressionar Portugal a reformar sua política colonial. Moody segue em seu texto afirmando que nenhum homem que não possua um país no qual possa viver sob sua vontade é livre. Afirmando a crença na existência de uma "família humana", e evidenciando a presença de um humanismo universalista em seu pensamento, menciona que "nenhum ramo da família humana, por mais nobre e por mais incríveis que tenham sido suas conquistas, deveria dirigir o destino de qualquer outro ramo desta família"[379]. Afirmando algo semelhante ao que posteriormente, defenderia também Kwame Nkrumah, Moody propunha que melhor seria errar em liberdade do que acertar sob o jugo de outrem. A independência e o completo desenvolvimento do *homem negro*, em sua opinião, seriam essenciais para o bem espiritual e moral do *homem branco* e da humanidade em geral[380].

Revelando a ligação internacionalista entre organizações negras neste período, localizadas na Europa, nos Estados Unidos e no continente africano, Harold Moody apresentou publicamente alguns documentos recebidos de L.A. Grimes, Secretário de Estado da Libéria, como forma de pressionar os membros do Parlamento britânico. Harold Moody havia rejeitado o plano de assistência para a Libéria que a Liga das Nações havia proposto, mencionando se tratar de uma proposta que não seria aceita por nenhuma nação digna e soberana. Entre outras coisas, o plano seria financiado por uma entidade indicada pelos Estados Unidos, ainda que a escolha da entidade e sua aprovação coubessem ao governo da Libéria. Moody conclui afirmando reunir esperanças de que "*o homem branco*" pudesse adotar uma atitude *mais liberal* que resultaria na descoberta dos benefícios das trocas culturais para *o Homem*[381].

Considerado um homem de temperamento conservador, Harold Moody revela neste artigo um sentimento nacionalista, que por sua vez é atravessado pela amplitude transnacional. As palavras de Moody também revelam o alcance de suas críticas, orientadas para a manutenção da soberania da Libéria e em prol liberdade do *homem negro*, que muito teria para contribuir para toda humanidade, desta maneira. Harold Moody notabilizou-se por suas reivindicações pela melhoria das relações entre negros e brancos na Grã-Bretanha, pela

[378] Harold Moody. **The Future of Liberia**: Proposed League Control. Manchester Guardian, 30 de Outubro, 1933, p.4.
[379] Idem.
[380] Idem.
[381] Harold Moody. **The Future of Liberia**: Proposed League Control. Manchester Guardian, 30 de Outubro, 1933, p.4.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

promoção dos direitos civis dos negros habitantes da Inglaterra. A crise da Libéria, portanto, criou a oportunidade para que ele reivindicasse manutenção da liberdade e da autonomia deste país. Contudo, a LCP não foi uma organização proeminente nas lutas anticoloniais mais incisivas e radicais. Harold Moody não dedicou uma linha sequer em seus artigos sobre a exploração sofrida pelos nativos nas mãos dos descendentes de afroamericanos instalados no país. A importância deste acontecimento, contudo, reside neste sentimento de solidariedade internacionalista e amparada nos fluxos transnacionaispresente em um representante de uma organização da Diáspora Negra desvinculada do radicalismo. A condução desta solidariedade em linhas raciais pode ser explicada por este aspecto[382].

Em março de 1934, uma resolução também condenaria o plano de assistência à Libéria. Publicada na 2ª Conferência Anual da LCP, em Hoddesdon, na Grã-Bretanha, este documento, que foi enviado ao Secretário Colonial Britânico, Sir Philip Cunliffe-Lister, caracterizava o plano de assistência como um atentado à soberania da Libéria. W.E.B. Du Bois, alertou que aceitar as prescrições dos brancos seguidas de seus investimentos de capitais significaria perda de poder político. Em dezembro de 1934, após contato com Dorothy Detzer, Du Bois envia correspondência a L.A. Grimes, então chefe de justiça da Libéria, a fim de solicitar financiamento governamental para um livro em apoio à Libéria, que seria escrito tendo em vista a defesa deste país e ressaltando suas qualidades[383]. Em obra que inicialmente foi pensada sob o título de *Liberian Dilemma*, Du Bois pretendia argumentar que a Libéria deveria zelar por sua independência e resguardar-se das investidas do capitalismo ocidental. Contudo, o intelectual afroamericano também não menciona nada sobre os abusos e violações cometidas por negros descendentes de afroamericanos instalados no país sobre os nativos.

Padmore, entretanto, desde abril de 1931, precisamente, denunciava a situação na Libéria direcionando suas críticas ao imperialismo norte americano e também à exploração sofrida pelos nativos. Em artigo publicado na revista comunista norte americana dedicada às questões teóricas do Partido Comunista Americano, *The Communist*. Com o título "*American Imperialism Enslaves Liberia*", relaciona o imperialismo norte americano na Libéria ao processo de escravidão, refletindo sobre os efeitos do capitalismo em um país soberano. O artigo também denuncia a escravidão propriamente dita, denunciada no relatório da Liga das Nações apresentado em 1929. Padmore inicia seu artigo mencionando que "o capital

[382] Idem.
[383] W.E.B. Du Bois."Letter from W. E. B. Du Bois to Liberia Supreme Court Justice". December 4, 1934. W. E. B. Du Bois Papers (MS 312). **Special Collections and University Archives**.University of Massachusetts Amherst Libraries.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

financeiro norteamericano há muito tempo invadiu a Libéria [...] a Libéria parece fadada a definitivamente tornar-se um protetorado dos Estados Unidos."[384] O artigo também denuncia a invasão e ocupação do Haiti pelas forças militares dos Estados Unidos. Ao passo que Harold Moody, desde Londres, e W.E.B. Du Bois, de Washington, criticavam os poderes europeus com intuito de manter a soberania da Libéria sem, contudo, criticar a exploração sofrida pelos nativos, Padmore, quando ainda em Moscou, realizava tal crítica, além de denunciar o imperialismo norte americano que se estendia sobre Libéria e Haiti. As críticas que Padmore lançou sobre a situação da Liberia podem ser acessadas em uma série de artigos publicados em Moscou pelo *Red International Labour Union*, desde 1931, *American Imperialism Enslaves Liberia*; *Labour Imperialism in East Africa*; *Africa, the Land of Forced Labour*; e *Haiti, na American Slave Colony*. Em sua carta resposta a Earl Browder quando de seu rompimento com o Comintern, publicada em outubro de 1935, no *The Crisis*, Padmore defende-se dos ataques que o relacionavam à burguesia liberiana e à exploração sofrida pelos negros nativos. Na carta ele enumera os artigos escritos que denuncivam a situação na Libéria quando ainda fazia parte do Comintern. Além do artigo publicado em abril de 1931, *Hands Off Liberia*, publicado em novembro/dezembro de 1931, no *Negro Worker*; *Workers Defend Liberia*, em janeiro/fevereiro de 1932, também no *Negro Worker*; além de um capítulo em seu panfleto *The Life and Struggles of Negro Toilers*, publicado em 1931. Termina sua carta questionando *quando* e *onde* a Internacional Comunista estava nos quinze anos de sua existência sem que tenha escrito um artigo sequer sobre a situação na Libéria. E já que a Libéria era uma colônia econômica dos Estados Unidos, Padmore segue, seria dever dos comunistas norteamericanos defender a Libéria.

O que estes eventos ligados às pressões e à presença de países ocidentais na Libéria na década de 1930 revelam, é a preocupação existente entre intelectuais negros em relação soberania dos países livres do continente africano, de forma geral. A Libéria era um dos poucos países livres do continente africano e, ainda que seu governo mantivesse estreitas relações com os países ocidentais, sua defesa foi um símbolo da soberania africana frente aos avanços do colonialismo. Esta defesa foi realizada de maneira distinta por intelectuais ligados a organizações comprometidas com a crítica anticolonial e anti-imperialista mais moderada e liberal, tal qual a *League of Coloured People*, de Harold Moody, e a *National Association for Advancement of Coloured People*, de Du Bois. George Padmore por sua vez, quando ainda fazia parte do Comintern, será um dos primeiros intelectuais a identificar as pretensões

[384] George Padmore. "**American Imperialism Enslaves Liberia**", The Communist, abril 1931.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

imperialistas dos Estados Unidos em direção à Libéria, revelando sua percepção sobre as relações entre imperialismo e capitalismo para além das potências europeias. Não obstante, seus artigos lançaram um olhar global que aproximou as opressões sofridas pelos negros nativos no Oeste Africano às opressões sofridas pelos negros nativos no Haiti.[385]

6.1
A invasão da Etiópia e o internacionalismo negro

No mesmo ano de 1934, surge nos EUA o *Ethiopian Research Council*. Sob a direção do professor norte-americano Leo Hansberry, um dos fundadores junto de negros africanos e provenientes da diáspora. Este conselho tinha o objetivo de disseminar informações sobre a história, civilização e cultura, da Etiópia. Esta iniciativa também aponta para o fortalecimento de uma rede transnacional formada por africanos e afrodescendentes, mas também indivíduos brancos implicados na divulgação científica sobre a África e seus habitantes. Estas iniciativas se relacionam com o que St. Clair Drake chamou de "interesse sobre a África"[386]. Este conselho mantinha contatos com cidades da Etiópia, Grã-Bretanha, França, Itália e Antilhas. Desempenhando papel de um escritório central, organizava e facilitava atitudes em favor da Etiópia, outro país livre e soberano do continente africano. O que deve ser destacado nesta iniciativa é o escopo transnacional do conselho, formado por membros oriundos de diversos países – coloniais ou semicoloniais – que operavam num arranjo que visava promover ações de fortalecimento da memória histórica dos negros da diáspora, entendidos enquanto parte de uma mesma nação.

Em 1935, entretanto, um acontecimento teria grande impacto no internacionalismo negro e traria mudanças nas lutas anticoloniais e na defesa da soberania africana. Até então, o internacionalismo negro preocupava-se, para além da soberania da Libéria, em fomentar uma memória histórica de lutas da Etiópia em função de seu passado. Após a ameaça de invasão da Etiópia pelas forças fascistas de Mussolini, seu foco seria o da construção de uma rede de defesa e apoio à Etiópia, o que se desdobrará em uma ideologia Pan-Africana de combate ao colonialismo e imperialismo. O momento demandou ações políticas mais concretas e medidas

[385] Raphael Dalleo. *Haiti Goes Global: George Padmore and Pan-African Anticolonialism*, in: **American Imperialism's Undead: the occupation of Haiti and the rise of Caribbean Anticolonialism**. Charlottesville, University of Virginia Press, 2016.
[386] St. Clair Drake."Negro Americans and the Africa Interest". In: John P. Davis (org.) **The American Negro Reference Book**. Englewood Cliffs. New Jersey: Prentice Hall, 1966, pp. 662–705.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

foram tomadas nesta direção, sobretudo por George Padmore e C.L.R. James. Emerge neste momento uma narrativa de libertação afrocêntrica e que enxergava o continente africano enquanto território privilegiado nas lutas globais contra o fascismo, colonialismo, imperialismo e capitalismo. A partir da crise da Abissínia, como a região etíope também era conhecida, são formuladas elucubrações teóricas referentes às lutas anticoloniais que irão marcar o Pan-Africanismo do período entreguerras. George Padmore e CLR James são dois dos intelectuais negros radicais que estiveram à frente deste processo e merecem destaque por sua atuação política e produção intelectual. É a partir da invasão da Etiópia que é formado o *International African Friends of Ethiopia* – mas também conhecido como *International African Friends of Abissynia* – que posteriormente dará origem ao *International African Service Bureau*, responsável pela produção de conhecimento anticolonial a partir do ponto de vista *africano* e afrocentrado. O IASB irá publicar um periódico chamado *International African Opinion*, entre 1938 e 1939, que seria editado por C.L.R. James.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Figura 12 - C.L.R. James discursando no Speaker's Corner, Hyde Park, Londres por volta de 1935[387]

[387] Arquivos de Constance Webb, Caixa 14, Pasta 3, Rare Book and Manuscript Library, ColumbiaUniversity Library.

Etiópia e Libéria eram símbolos a serem defendidos pelos militantes da libertação africana, enquanto países soberanos e livres do colonialismo formal. No caso da Libéria, um modelo político institucional de relação soberana com as nações Imperialistas da Europa e os Estados Unidos que deveria ser resguardado e fortalecido diante dos ataques do colonialismo mitigado por entre as relações capitalistas; no caso da Etiópia, um país cuja identidade e memória de luta contra as invasões colonialistas deveriam servir de modelo para as lutas por libertação do continente africano e de melhoria de vida de seus descendentes. Os preparativos para a invasão da Etiópia por parte da Itália fascista de Mussolini colocaram a Abissínia em evidência em escala global e para um público que ultrapassava os limites acadêmicos. Como bem notou Claude McKay em seu livro sobre a história do Harlem, este momento representa um aumento nas identificações de negros da diáspora enquanto africanos. Segundo McKay, "emocionalmente, para as massas da Igreja Negra a Etiópia de hoje é a Etiópia maravilhosa da Bíblia. Em seu sentido religioso isto é muito mais real para eles do que a África do Oeste, de onde se assume que vieram os ancestrais dos afroamericanos"[388]. Jomo Kenyatta, futuro primeiro-ministro (1963-1964) e presidente (1964-1978) do Quênia, afirmou que a Abissínia seria a "relíquia remanescente da grandeza do que África uma vez fora"[389]. A crise da Abissínia e as iniciativas em sua defesa fomentaram a produção de teorias de libertação e críticas à Terceira Internacional, por exemplo. Tanto Padmore quanto James criticaram largamente o Comunismo Internacional e Stálin por abandonarem a Abissínia e não aproveitarem da intensa mobilização criada em torno do caso. Christian Hogsbjerg, ao referir-se à ideologia política desenvolvida por C.L.R. James neste período se utiliza da expressão "Pan-Africanismo de luta de classes"[390].

Segundo Frank Furedi,

> A resposta da diáspora negra à invasão italiana da Etiópia mostrou de uma só vez a intensidade do ressentimento em relação à dominação imperialista e a aspiração por liberdade. A Etiópia se tornou um símbolo de independência do controle Ocidental sobre as colônias, e sua reação à invasão revelou uma profunda paixão que pegou todos de surpresa. Ao redor da África, América Negra e Caribe, a invasão se tornou *cause célèbre*. O aspecto único desta resposta foi seu caráter generalizado. Esta foi provavelmente o primeiro exemplo de uma reação global Terceiro Mundista em relação a uma intervenção do Ocidente[391].

[388] Claude McKay. **Harlem**: Negro Metropolis. New York: Harvest, 1968 [1940], p. 176.
[389] Jomo Kenyatta. "Hands Off Abyssinia". **Labour Monthly**, Vol. 17. n .9. Setembro, de 1935, p. 536.
[390] Christian Hogsbjerg. **C.L.R James in Imperial Britain.** Durham. NC: Duke University Press, 2014, p. 67.
[391] Frank Furedi. **Colonial Wars and the Politics of Third-World Nationalism**. I.B: Tauris, 1994, p. 23.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Desde a década de 1920 e o internacionalismo negro direcionava seus esforços para a construção de narrativas anticoloniais através do mundo, entretanto a crise da Abissínia representa um evento crucial na história do internacionalismo e no surgimento de uma narrativa Pan-Africana emitida por intelectuais liderados por George Padmore e C.L.R. James. A década de 1930 na história dos Impérios europeus é decisiva, pois aponta para a percepção, por parte de intelectuais negros anticoloniais, do declínio deste modelo de dominação. Neste sentido, tanto o anticolonialismo quanto o discurso radical negro irão ocupar espaço central nas agitações sobre a Etiópia e buscar atuar politicamente a partir destas mobilizações e de um vocabulário político anticolonial e antifascista. A invasão da Etiópia reforça as críticas às instâncias institucionais brancas ocidentais sobre os limites da soberania mundial e sobre o que seria o real sentido do imperialismo. A Itália estava invadindo um país soberano, membro da Liga das Nações e resguardado por acordos internacionais de segurança coletiva. Esta crise reforça as críticas sobre a Liga das Nações enquanto instituição mediadora dos conflitos internacionais e reforça as conclusões sobre a guerra colonial empregada contra os negros e o continente africano. Além da Liga das Nações, a União Soviética foi duramente criticada por Padmore e C.L.R. James, por continuar a vender petróleo à Itália.[392] As críticas sobre a dicotomia bárbaro/civilizado, e sobre a missão civilizatória do Imperialismo europeu se locupletam nas críticas do teor racista do Imperialismo e, portanto, nas discussões sobre a importância de se considerar a questão racial junto aos conflitos de classe.

O fortalecimento de pautas anticoloniais ao redor do mundo em locais como Harlem, Porto Espanha, Acra, Londres, Paris serviu para consolidar uma narrativa Pan-Africana tanto nas colônias quanto nas metrópoles. A Grã-Bretanha – e Londres mais especificamente – foi um palco privilegiado no qual George Padmore e C.L.R. James propuseram uma destas narrativas Pan-Africanas que, embora desvinculada da institucionalidade Soviética e do Comunismo Internacional, possuía um vocabulário político de forte caráter revolucionário, dialogava criticamente com categorias marxistas e atacava frontalmente o Imperialismo, colonialismo e o capitalismo. Pesquisas mais aprofundadas sobre a invasão da Etiópia devem ser realizadas, pois suas conclusões podem auxiliar na compreensão das narrativas propostas por intelectuais negros da diáspora no período entreguerras que relacionaram o internacionalismo negro, Pan-Africanismo, comunismo e reflexões sobre os Impérios.

[392] Sobre as reações de George Padmore e C.LR. James sobre a invasão da Etiópia, Ver, Neelam Srivastava. **Italian Colonialism and Resistances to Empire, 1930-1970**. Cambridge: Palgrave Mcmillan, 2018.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

6.2

Londres: Cidade encruzilhada

As cidades portuárias da Grã-Bretanha experimentaram o constante desenvolvimento de uma classe trabalhadora negra, aspecto ligado à indústria naval britânica e a atuação dos negros neste setor. Liverpool, Manchester, Bristol, Cardiff, Glasgow e Londres, no início do século XX, já eram habitadas por descendentes de africanos mesmo antes do grande fluxo migratório de negros, sobretudo do Caribe, no pós-Guerra II. Londres era a cidade que atraía o maior número destes indivíduos, e lugares como Nothing Hill, Ladbroke Grove, Brixton no Leste e no Sul de Londres permanecem, ainda hoje, como locais de forte presença afro-caribenha. O famoso bairro de Camden Town, que recentemente ganhou notoriedade com a famosa cantora Amy Winehouse, costumava abrigar uma intensa comunidade negra de caribenhos e nigerianos. Nos dias atuais esta memória da presença negra no bairro da boemia londrina parece estar perdendo espaço. Nas décadas de 1930 e 1940, a vida social do bairro era movimentada por jovens negros. A sede e os alojamentos da *West African Students Union* localizava-se incialmente no 62, Camden Road, no início da década de 1930, mudando-se para 1, South Villas, Camden Square, em 1938, o que fazia com que o fluxo de jovens negros trouxesse dinâmica ao bairro e à cidade como um todo[393].

Quando George Padmore mudou-se para Londres, após sua passagem pela França e suas articulações com Garan Kouyaté que aceleraram sua ruptura com o Comintern, morou com Jomo Kenyatta na Vauxhall Bridge Road. Depois se mudou para Guilford Street próximo à Russel Square. Neste endereço também havia morado J.J. Thomas no final do século XIX, antes de se mudar para Cranleigh Street ao Norte da Euston Station, local que facilitava o trajeto de trem/navio para o Harlem. Londres, neste sentido, deve ser percebida enquanto uma cidade encruzilhada que proporcionava trânsitos, encontros, caminhos, choques e dinamizava as ações anti-imperialistas e anticoloniais. A capital do Império Britânico experimentou no período entreguerras uma intensa dinâmica diaspórica conectando-se com os diversos territórios negros através do Atlântico, mas também através do Mar do Norte, na direção do Leste Europeu, como no intenso fluxo de negros que se deslocavam para a União Soviética e Alemanha.

[393] Sobre a presença e a atividade anticolonial de negros na cidade de Londres, Ver Marc Matera. **Black London**: The Imperial Metropolis and Decolonization in the Twentieth Century. Berkeley: University of California Press, forthcoming, 2015.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Segundo o escritor sul africano Peter Abrahams que conviveu com Padmore, "Londres era o ponto crítico de contato aonde ideias Pan-Africanas, socialistas e anticoloniais eram compartilhadas e ampliadas"[394]; e segue seu relato mencionando sobre como ativistas e intelectuais das colônias "dividiam aulas, refeições, festas", e nestes caminhos eles "se conheciam uns aos outros e a seus problemas intimamente e pessoalmente"[395]. Eslanda Goode Robeson, esposa do cantor e astro do cinema afroamericano Paul Robeson, ficou surpresa com as notícias sobre o continente africano em Londres. "Há notícias da África por toda parte: na imprensa, nas escolas, nos filmes, nas conversas. As pessoas inglesas são ativamente interessadas na economia e na política da África"[396]. Esta narrativa contradiz muito do que se propõe sobre a presença negra na capital britânica, que seria apenas uma realidade no pós Segunda Guerra.

Quando esteve em Londres em 1935, de passagem rumo aos Estados Unidos, Kwame Nkrumah leu as manchetes sobre a invasão da Etiópia pelas tropas italianas de Mussolini. Nkrumah sentiu-se "como se toda Londres houvesse declarado guerra repentinamente a mim"[397]. A cidade de Londres recebeu o Imperador da Etiópia Haile Selassie, exilado. O Imperador etíope, ao chegar à estação de Waterloo em 1936, foi recebido por Una Marson que posteriormente o acompanhou até Genebra a fim de reivindicar junto à Liga das Nações medidas de "segurança coletiva", em relação à Etiópia[398]. É fundamental, portanto, observar que a cidade de Londres ao longo da década de 1930 abrigou uma miríade de causas vinculadas à libertação da África e de seus descentes, articuladas sob bases transnacionais. É fundamental estender as análises sobre as articulações de intelectuais negros em prol de direitos civis para além dos Estados Unidos e do Harlem, na primeira metade do século XX. Esta cidade encruzilhada imersa na diáspora foi responsável pela modificação de trajetórias individuais de intelectuais negros e negras.

Londres ganhava destaque nas possibilidades de articulação dos indivíduos coloniais, sobretudo, pela percepção de que nesta cidade poderiam realizar muitas coisas impossíveis nas colônias. Ainda que a África estivesse ganhando centralidade enquanto território privilegiado ao combate do colonialismo, as metrópoles imperiais eram compreendidas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[394] Peter Abrahams. **The Coyoba Chronicles**: Reflections on the Black Experience in the 20th century. Kingston: Ian randle, 2000, p. 36

[395]Idem.

[396] Eslanda Goode Robeson. **African Journey**. New York: John Day, 1945, p. 13.

[397] Kwame Nkrumah. **Ghana**: The Autobiography of Kwame Nkrumah, 2a Ed. Nova Iorque: International, 1971, p. 27.

[398]Marc Matera e Susan Kingsley Kent. **The Global 1930s the International Decade.** Califórnia: Routledge, 2013, p. 85.

enquanto locais estratégicos para a articulação desta luta.[399] George Padmore, T. Ras Makonnen, C.L.R. James, fizeram parte de uma geração de intelectuais negros que "presumiam ou talvez tenha compreendido que o projeto anti-imperial deveria estar centrado na metrópole"[400]. Assumindo suas possibilidades de encontros e trocas, a proximidade com os membros do parlamento e cidadãos britânicos brancos, a cidade proporcionava que estes intelectuais pudessem dizer o que eles pensavam sobre o Império e sobre eles, diretamente, no Speaker's Corner, no Hyde Park. C.L.R. James, por exemplo, reconhecia que caso estivesse em Trinidad teria perdido seu emprego e levado desgraça a sua família por ter seguido o caminho da política radical. Outro aspecto digno de menção, e de futuras análises mais pormenorizadas, é a experiência destes indivíduos em um cenário de crescimento do fascismo. É preciso compreender melhor como a intelectualidade negra articulou os fascismos às experiências pessoais de preconceito racial sofridos em outras partes do mundo, bem como à opressão imperialista.

Paul Robeson ao aguardar sua esposa Eslanda em uma plataforma de trens em Berlim, em 1934, relatou que foi rodeado por policiais nazistas. O ator e cantor afroamericano imediatamente identificou esta situação com o cenário segregacionista do regime Jim Crow, no sul dos Estados Unidos. Em diálogo com sua amiga, a crítica de cinema britânica Marie Seton, Robeson relatou que "Isto é como no Mississipi [...] É assim que um linchamento se inicia. Se um de nós se mexe ou demonstra medo, eles avançam. Devemos nos manter com a cabeça erguida"[401]. George Padmore também passou por esta experiência quando de sua prisão pelas tropas nazistas em 1933, em Hamburgo. Padmore reagiu com um texto publicado no *Negro Worker* intitulado *Fascist Terror against Negroes in Germany*, no qual comparava a violência de cunho racista dos nazistas com o tratamento dado pela polícia aos jovens negros de Scottsboro. Padmore alertava que,

> muitos negros na Europa e na América, assim como nas colônias, ainda não compreenderam satisfatoriamente que o fascismo é o maior

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

[399] Cabe reiterar que nem todas as metrópoles imperiais ofereciam condições de articulações anticoloniais como Londres e Paris, por exemplo. Como é o caso de Lisboa. Portugal foi palco principal de uma longa ditadura militar que chega ao poder na Revolução de 28 de maio de 1926, quando se instaurou o Estado Novo e que, sob o comando de António de Oliveira Salazar, perdurou de 1933 até 1974, quando a Revolução dos Cravos pôs fim ao regime autoritário.

[400] Cedric Robinson. **Black Marxism**: The Making of the Black Radical Tradition. Carolina do Norte: North Carolina University Press. 2000, p. 262.

[401] Stephen Bourne. **Mother Country**: Britain's Black Community on the Home Front, 1939-1945. Stroud, Gloucester: History Press, 2010, p 130.

> perigo que ameaça, não apenas os trabalhadores brancos, mas é ainda mais hostil contra a raça negra[402].

As percepções sobre a questão racial e como isto incidia nas opressões foi uma constante nas produções de George Padmore e C.L.R. James ao longo de suas trajetórias.

C.L.R. James relata que apenas na Inglaterra aprendeu a romper com as limitações herdadas de seu ambiente. Em sua chegada à Inglaterra, em 1932, James defendia a autonomia e o autogoverno do Caribe anglófono, e não sua independência completa. Para eleo Caribe era composto por um povo moderno em comparação com os povos colonizados na África e na Índia, o que, segundo o intelectual, habilitaria o Caribe a adquirir o autogoverno. "Não existe hoje nestas colônias nenhum conflito entre as ideias recentemente assimiladas da democracia moderna e antigos hábitos baseados na organização tribal ou no sistema de casta"[403]. James nos auxilia na comparação entre sua trajetória e a de George Padmore, suas proximidades e afastamentos, o que só mostra o quão complexa é a experiência das encruzilhadas da Diáspora Negra.

Diferente de C.L.R. James, Padmore emigra para os Estados Unidos, em 1924, a fim de adquirir uma profissão que o habilitasse a seguir com sua vida em família em Trinidad e Tobago. Ainda chamando-se Ivan Meredith Nurse, emigra inicialmente para cursar a universidade de Fisk, em seguida de seu casamento com Julia Semper, que estava grávida. Não é demais conjecturar sobre as expectativas que recaíam sobre Malcom Ivan Meredith Nurse, membro de uma família negra de classe média de Trinidad, recém-casado e prestes a ser um "chefe de família". Malcom Nurse tornou-se George Padmore, este exílio o transformou e forjou sua atividade política e seu radicalismo em meio ao contexto fortemente marcado pelo racismo antinegro dos Estados Unidos. Contexto marcado pela crítica de intelectuais negros, sobretudo afroamericanos, aos Partidos Socialista e Comunista dos Estados Unidos, em meados da década de 1920. Já C.L.R. James emigra diretamente para a Inglaterra com um romance em suas mãos buscando colocar-se no mercado literário da metrópole. James buscava percorrer a metrópole britânica em busca de espaço na literatura e posicionamento nos meios intelectuais britânicos. Também membro de uma família de classe média de Trinidad, ambos se conheciam desde a infância. Não é demais reforçar que James saía do Caribe em busca de algo que ele acreditava ser de seu pertencimento. James relatou sua chegada em Londres enquanto o caso de "um intelectual britânico... indo para Grã-

[402] George Padmore. "**Fascist Terror against Negroes in Germany**". Negro Worker, no. 4-5, abr-may 1933, p. 1.

[403] C.L.R James. **Life of Captain Cipriani**: An Account of British Government in the West Indies. Durham: Duke University Press, 2014, p. 50

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Bretanha"[404].Na cidade de Londres o re-encontro destes intelectuais foi potencializado e tornou-se muito produtivo politicamente. C.LR. James, em sua relação mais teórica e acadêmica, propôs críticas importantes ao marxismo, ao Ocidente e ao colonialismo, por exemplo. Padmore, por sua vez, soube articular e ampliar suas reflexões e críticas no contato com as ideias de James, e atuar na direção de um movimento político organizado e coeso.

Outro aspecto importante de se olhar com mais atenção para a presença de negros e negras na capital do império britânico na primeira metade do século XX, é a possibilidade de se conhecer, ou revelar novas leituras, da sociedade britânica a partir do olhar daqueles que chegam. Bill Schwarz salienta a importância de se destacar os – *Reverse-shots* – ou seja, os olhares daqueles que chegavam à metrópole. Olhares através dos quais é possível enxergar a partir das plataformas das estações de trem ou dos *piers* de navios, o amontoado de jornalistas e curiosos, policiais e trabalhadores, todos os rostos brancos. Normalmente o que temos na historiografia são as fotografias ou imagens dos migrantes recém-chegados, aportando apreensivos e esperançosos. Olhares que compõem um conjunto de imagens formadoras de um arquivo social. Ao comentar sobre as fotografias destes imigrantes recém-chegados em solo britânico, Bill Schwarz propõe que o que se solidifica na memória social desta migração são as imagens dos caribenhos e caribenhas, e não as produzidas por eles e por elas. As câmeras estão voltadas para aqueles que chegam[405].

No momento em que aportam e entram no campo de visão da metrópole, o foco é ajustado para fixá-los em uma nova categoria: *imigrantes*. A câmera, neste sentido, fixa e organiza o campo de visão dos britânicos, mas não o campo de visão dos caribenhos e caribenhas recém-chegadas. O cidadão médio britânico, branco, que caminha pela Trafalgar Square, que toma o chá da tarde e faz compras, não é tomado enquanto objeto deste processo. C.L.R. James acreditava que durante o encontro entre indivíduos coloniais do Caribe anglófono e os cidadãos britânicos brancos, estes últimos tiveram a chance de compreenderem-se dentro de um processo histórico mais amplo. A perspectiva de inverter o ângulo das câmeras apresenta-se numa proposta historiográfica mais global, pois, neste encontro é o migrante quem traz a impressão de: "já nos conhecemos antes"[406]. James aponta que os caribenhos de sua geração não tiveram apenas um papel central na descolonização das colônias do continente africano e do caribe, mas também exerceram importantes mudanças na sociedade metropolitana de maneira que lhe imprimiram uma gradual descolonização.

[404] CLR James. **Beyond a Boundary**. Durham: Duke University Press, 2013, p. 111.
[405] Bill Schwarz. **West Indian Intellectuals in Britain**. Manchester: University Press. 2003, p. 12
[406] George Laming. **The Pleasures of Exile.** London: Allison and Busby, 1984, p. 12.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Na Europa, era comum que indivíduos caribenhos e afroamericanos presumissem sua modernidade tendo em vista seu contato anterior com alguns hábitos ocidentais. Esta percepção os levava a crer em sua presciência e papel de vanguarda. Cabe lembrar que esta percepção já era compartilhada desde a década de 1920 por W.E.B. Du Bois quando o intelectual declarava que em relação aos negros da diáspora, "o principal local do qual surge sua liderança é hoje os Estados Unidos"[407]. Estes encontros nem sempre foram harmoniosos e fraternos. Não apenas James, mas outros caribenhos que se consideravam mais modernos em relação aos negros africanos provocaram choques com estes últimos, que por sua vez consideravam os caribenhos "homens negros brancos". A cidade de Londres e as encruzilhadas da metrópole britânica, se encarregaram de causar desconforto nessas concepções. Este aspecto é notório em C.L.R. James que, em agosto de 1935, em um ato realizado na Trafalgar Square, ao referir-se aos etíopes que estavam sendo atacados por Mussolini, concorda que a "Abissínia é uma nação atrasada" que precisa da "civilização ocidental", ainda que não fosse aquela do fascismo bárbaro[408]. Os encontros promovidos nesta cidade encruzilhada entre James e outros intelectuais negros da diáspora, se encarregarão de modificar esta forma de enxergar africanos e o continente africano.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

6.3
O *International African Friends of Ethiopia* e as novas alianças

Foi a partir da Diáspora Negra – e mais especificamente nas metrópoles coloniais tais como Londres e Paris – que caribenhos e africanos começaram a pensar e atuar em termos políticos concretos na direção da construção de uma unidade racial entre si.[409] T. Ras Makonnen afirma em sua autobiografia que os,

> africanos não eram apenas compelidos a pensar de forma *deslocada* em relação a seus povos, mas eram forçados pelas pressões do momento a fazerem alianças que ultrapassavam as fronteiras e limites e que seriam impensadas em suas terras natais[410].

---

[407] WEB Du Bois. "The Negro Mind Reaches Out". In: Alain Locke (org.). **The New Negro**, p. 411.
[408] Ethiopia's Invasion Act on Trafalgar Square. **Daily Herald,** 26 de agosto de 1935, p. 3.
[409] Sobre as relações entre negros e projetos anticoloniais baseados em solidariedades internacionais, Ver Brent Hayes Edwards. **The Practice of Diaspora.Literature, translation, and the rise of black internationalism.** Cambridge, Massachussetts and Londres: Harvard University Press, 2003.
[410] T. Ras Makonnen: **Pan-Africanism from Within**. Nairobi: Oxford University Press, 1973, p. 155. [grifos meus]

A *League of Coloured People*, neste sentido, foi um importante palanque para as reflexões e para militância de C.L.R. James. A LCP contava com alta adesão de cidadãos britânicos brancos, e promovia um intenso ativismo em prol da melhoria das relações raciais entre brancos e negros, a partir de uma plataforma multirracial. Embora James fosse um crítico contumaz do caráter liberal da LCP, o intelectual esteve presente em eventos públicos da organização e contribuiu para seu jornal, *The Keys*[411]. Este jornal teve como editora a escritora jamaicana Una Marson, que também trabalhava como secretária da LCP.

Os posicionamentos de C.L.R. James em relação ao continente africano e sua centralidade na luta dos trabalhadores foram amplamente influenciados por Amy Ashwood Garvey, uma militante e intelectual muito ativa e reconhecida entre a comunidade negra na Inglaterra e na Diáspora Negra. Posteriormente ela partiria em busca de seus ancestrais no povoado de Juaben, em Gana. Amy Ashwood Garvey havia sido casada com Marcus Garvey, mas observava a luta em prol da libertação do povo negro por outro prisma, mais afastado de Garvey. Amy Ashwood divorciou-se do líder jamaicano em 1922. Há relatos de que Amy Garvey não admitia o papel subserviente reservado às mulheres na organização de Garvey. Já na década de 1920, a intelectual teve importante participação na UNIA e também foi muito próxima de Ladipo Solanke, estudante nigeriano que seria um dos fundadores da WASU, quando se mudou para Londres, em 1924.

Na década de 1930, Amy morava em cima de seu restaurante, o *International Afro-Restaurant*, no número 62, New Oxford Road. O local era um importante ponto de encontro de imigrantes negros, e junto com o salão social *Florence Mills*, que também era um empreendimento de Amy Ashwood Garvey, concentravam ativistas anticoloniais negros de toda parte. Segundo T. Ras Makonnen, o *Florence Mills* era um local no qual, "após ter passado duas ou três horas no Hyde Park [...] se poderia ter uma bela refeição, dançar e divertir-se"[412]. C.L.R. James, frequentador assíduo do *Florence Mills*, considerava Amy Garvey "uma das mais brilhantes mulheres que já conheci"[413].

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

[411] Sobre a participação de James em eventos da League of Coloured People, Ver "Conference Report". **The Keys**, Julho de 1933, pp. 3–8; David Killingray. "To Do Something for the Race," In: Bill Schwarz (org.) **West Indians Intellectuals in Britain**. Manchester: Manchester University Press, 2003, 62–63; Barbara Bush. **Imperialism, Race and Resistance**: Africa and Britain 1919-1945. Londres: Routledge, 1999, p. 220.
[412] T. Ras Makonnen. **Pan-Africanism from Within**. Nairobi: Oxford University Press, 1973, p. 130.
[413] Tony Martin. **Amy Ashwood Garvey**: Pan-Africanist, Feminist, and Mrs. Marcus Garvey No. 1; Or, A Tale of Two Amys. Dover, Massachusetts: The Majority Press, 2007, pp. 144.

Figura 13 - Amy Ashwood Garvey (Akosua Bohaeema) sentada ao lado Daasebre Yaw Sapon II, líder de Juaben, povoado Ashanti, Gana, 1946.

O *Florence Mills*, estabelecimento localizado em uma esquina, proporcionava um ambiente de encontros e fluxo de pessoas. O local era uma *ágora* para os ativistas e intelectuais anti-imperialistas e anticoloniais negros. Neste local, era possível conviver com seus semelhantes negros, longe dos olhares dos cidadãos britânicos brancos. Amy Garvey comandava e promovia a efervescência de uma *ilha* capaz de tornar o dia-a-dia dos ativistas negros mais ameno e fraterno. Quando teve início a invasão da Etiópia pelo exército de Mussolini, em 1935, foi neste restaurante que C.L.R. James e Amy Ashwood Garvey fundaram o *International African Friends of Ethiopia*, em julho de 1935.

Outra figura de grande importância nos meios intelectuais pan-africanistas de Londres, o guianês George Thomas Nathaniel Griffith, que mudara seu nome para T. Ras Makonnen, também abriu e administrou restaurantes e clubes, que serviam à causa dos negros e dos trabalhadores. Nestes estabelecimentos, os negros, dentre eles futuros dirigentes africanos ou caribenhos, também encontravam espaço para debates e conseguiam trabalho para custear seus estudos. Desde os Estados Unidos, país no qual estudara, T. Ras Makonnen estabelecia importantes laços com intelectuais negros habitantes da Grã-Bretanha. Juntamente com Dr. Peter Milliard, também guianês, com Jomo Kenyatta e George Padmore, criou a *Pan-African Publishing Company*, que era responsável pela publicação do periódico *Pan-*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Africa. Estes estabelecimentos, entre eles uma livraria chamada *Economist*, criavam uma rede que possibilitava e facilitava a reunião de intelectuais anticolonialistas africanos e descendentes de africanos e também a difusão de suas ideias.[414] Espaços como estes não devem ser subestimados em sua importância diante de uma comunidade de imigrantes exilados de sua terra natal, familiares e costumes.

Figura 14 - Amy Ashwood Garvey ao lado dos três filhos (de calças claras) do Dr. A. Workneh Martin, embaixador da Etiópia em Londres. Ato do IAFE, Trafalgar Square, 25 de agosto de 1935.

O IAFE pretendia "auxiliar por todos os meios a seu alcance, na manutenção da integridade territorial e independência política da Abissínia"[415]. E Jomo Kenyatta, membro do IAFE, escreveu no jornal do Partido Comunista Britânico, o *Labour Monthly*, que a Etiópia seria "o único país independente que por obra do imperialismo, com sua avidez por

[414] T. Ras Makonnen. **Pan-Africanism from Within**. Nairobi: Oxford University Press, 1973
[415] Marc Matera, 2015, p. 69.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

explorar economicamente campos e pastos, está sendo posto nesta grande crise internacional". Segue afirmando contundentemente que, "Apoiar a Etiópia é lutar contra o fascismo".[416] Este clamor que era compartilhado de maneira geral através da Diáspora Negra foi captado pela organização baseada em Londres. Movimentos anticoloniais na Costa do Ouro, Nigéria, Serra Leoa enxergavam a invasão da Itália à Etiópia enquanto a prova da inconsistência da Liga das Nações e reafirmaram os sentimentos de que a África seria para as potências europeias um local destinado ao avanço dos Impérios coloniais e mercados. A sensação compartilhada entre os movimentos anticoloniais espalhados pela diáspora era de que "a guerra na Abissínia é a nossa guerra"[417].

C.L.R. James e Amy Garvey souberam captar os movimentos anticoloniais e anti-imperiais da diáspora, coordená-los e canalizá-los em apoio à Etiópia. A integridade e independência da Abissínia significavam muito em um momento em que se disputava a soberania sobre o continente africano e a luta por liberdade do jugo colonial. O ataque à Etiópia consolidou o que já vinha se desenhando no interior do pensamento radical negro, que o imperialismo operava uma guerra racial contra os negros. A Abissínia torna-se, desta maneira, a causa primordial de todos os negros dispersos na diáspora. Esta percepção por parte de James e daqueles que formaram o *International African Friends of Ethiopia* deve ser vista enquanto algo central na consolidação do continente africano enquanto território a ser disputado politicamente, mas também num território fundamental do ponto de vista epistemológico. Se antes os ativistas caribenhos na Grã-Bretanha lutavam mais intensamente pelo autogoverno e pela formação de uma federação no Caribe e não pela libertação do continente africano, com o ataque à Etiópia e as iniciativas coordenadas de Londres, este cenário se modifica. Em um ato na Trafalgar Square, em 1935, Amy Garvey irá delcarar:

> nenhuma raça é tão nobre em perdoar, mas neste momento já é hora de nossa completa emancipação [...] Vocês falam do 'Fardo do Homem Branco' [*The Whit Man's Burden*], [...] agora somos nós [...] parados entre vocês e o fascismo.[418]

Quando escreveu sua obra mais conhecida, *Os Jacobinos Negros*[419], em 1938, C.L.R. James o fez com os olhos nos levantes de trabalhadores que ocorriam no Caribe anglófono de maneira a estimular a emancipação na África. O que os anos em Londres fizeram com James

[416] J. M. Kenyatta, "Hands Off Abyssinia". **Labour Monthly**, Setembro de 1935, p. 532.
[417] J. Ayodele Langley. **Pan-Africanism and nationalism in West Africa, 1900-1945**: a study in ideology and social classes. Londres: Claredon Press, 1973, pp. 326–37.
[418] Marc Mater e Susan Kent.**The Global 1930s: The International Decade**. Londres: Routledge, 2017, p. 85.
[419] C.L.R James. **Os jacobinos negros**: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos. São Paulo: Boitempo, 2010.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

foi questionar a modernidade do povo caribenho. Se anteriormente ele acreditava que esta condição moderna legitimava e, portanto, justificaria a adoção do autogoverno no Caribe, sua estadia na metrópole o leva a questionar esta modernidade que passará a ser enxergada, ao contrário, enquanto um aspecto que limitava o potencial revolucionário do Caribe. James, um dos mais brilhantes intelectuais negros do século XX, passa então a referir-se ao continente africano enquanto o local no qual a Revolução seria processada e passa, entretanto, aidentificar no Caribe os limites impostos por sua proximidade ao pensamento Ocidental. James permaneceria fora do Caribe por mais vinte e seis anos, apostando nas articulações com foco na Revolução a partir do continente africano.

Figura 15 - Jomo Kenyatta, V Congresso Pan-Africano de Manchester, 10 de novembro de 1945.

Em 1936, em debate ocorrido na sede da *West African Students Union* sobre as vantagens da união entre caribenhos e africanos muito foi dito pelos estudantes africanos sobre a arrogância dos caribenhos em relação a eles. Os estudantes africanos teceram críticas no que percebiam enquanto um desejo dos caribenhos em imitar os brancos e em "sua ignorância sobre as culturas ancestrais (...) e sua cegueira para as vantagens da cooperação mútua".[420] O saldo do debate foi positivo e James entendeu os pontos levantados naquela

[420] West African Students Meeting. **The Keys**, Dezembro de 1936, p. 16.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

noite que sinalizavam que os caribenhos deveriam cessar "com a propaganda antiafricana presente em seu sistema educacional" e também restabelecer "contatos com a civilização com a qual eles possuem raízes" [421]. Anos mais tarde James reconheceria: "Gradualmente eu comecei a formar, na Inglaterra, uma concepção do povo negro que eu não possuía quando eu deixei o Caribe"[422].

Os encontros de James com outros ativistas e intelectuais oriundos do continente africano modificaram sua visão da África e dos africanos enquanto um território amplamente atrasado e habitado por negros que necessitavam ser guiados pela vanguarda dos *New Negroes* modernos. James conviveu e militou ao lado de jovens negros africanos que estudavam direito, história, antropologia e isto foi fundamental para que o intelectual caribenho reformulasse sua percepção sobre o continente africano e sobre como o colonialismo atuava epistemologicamente. A escolha do nome da instituição formada por James não é fortuita, *International African Friends of Ethiopia*. O continente africano passaria a ser compreendido enquanto palco privilegiado da verdadeira luta revolucionária radical e, torna-se mais complexo, do ponto de vista das percepções sobre a sua modernidade. A questão colonial figura no pensamento de James enquanto a categoria que lhe permitiria teorizar sobre a libertação. Para James, a modernidade ordenaria a vida social a partir de pressupostos europeus.[423] Era necessário, portanto, apresentar pressupostos e opiniões africanas frente a esta lógica de opressão e exploração.

George Padmore e C.L.R. James tiveram em Londres, a oportunidade de passar a observar a África de outra maneira. Não apenas isso, a articulação de ambos possibilitou que esta nova forma de observar a África fosse sistematizada teoricamente e transformada em uma ideologia adotada por organizações e lideranças coloniais. Deve ser levado em consideração, contudo, que ainda que o anticolonialismo de ambos tenha atualizado suas percepções sobre a modernidade, seguirão apontando caminhos para a modernização do continente africano e de seus costumes 'tribais'. Ambos os intelectuais articularam suas percepções sobre a modernidade levando em consideração os aspectos raciais e as estruturas da opressão capitalista. Longe de romperem com uma definição de modernidade ocidental marcada pelo *progresso* em oposição ao *atraso*, e com fortes referências à cultura ocidental branca, puderam encontrar frestas e brechas nesta concepção de modernidade. Este movimento possibilitou que realizassem críticas e operações epistemológicas inovadoras e

[421] Idem.
[422] C.L.R. James. "Lectures on the Black Jacobins". **Small Axe 8**, 2000, p. 69.
[423] C.L.R. James. "Presence of Blacks in the Caribbean and its Impact on Culture". In: **At the Rendezvous of Victory.** Londres: Allison & Busby, 1984, p. 219.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

complexas. George Padmore em 1936 considerava que o colonialismo era uma força antimoderna, "um sistema de atraso social, retardando o desenvolvimento econômico da África, e o progresso cultural dos africanos"[424]. A visão sobre modernidade de ambos dialogava criticamente com uma visão anterior comum entre intelectuais negros que considerava que a adesão ao projeto de modernidade das nações brancas ocidentais – educação, vestuário, técnica, democracia liberal, etc. – os tornaria semelhantes aos indivíduos brancos ocidentais. Contudo, em 1945, Padmore admitiria que o "ideal a ser seguido seria a democracia parlamentar sob o regime da lei combinada com o planejamento econômico soviético sob o comando do Estado", ao conversar com W.E.B. Du Bois sobre um "caminho do meio" para a África.[425]Este posicionamento, que aponta para sua precoce percepção do clima de Guerra Fria no pós-Guerra II, não deve mitigar que, para Padmore, a modernidade africana só seria alcançada com o fim do capitalismo e do imperialismo, dois componentes modernos ocidentais.

A dinâmica internacional, já na década de 1930, apresentava, segundo Padmore, um cenário bipolar. Não seria um cenário caracterizado de maneira cristalina pela divisão entre socialistas e capitalistas. Em artigo no *The Crisis*[426], em 1935, Padmore afirmava que a Europa desde a Primeira Guerra Mundial estaria dividida entre um bloco pró-Versalhes e outro anti Versalhes. Esta divisão, marcada pelo Tratado de Versalhes e suas decorrências contra a Alemanha, estaria pautando os conflitos territoriais mundiais como no caso da Etiópia. Esta divisão dava-se entre, de um lado, os países fascistas, e de outro, países imperialistas. Desta maneira Padmore justificava a necessidade de se construir uma alternativa *Africana* a este presente cenário. Uma alternativa anti-imperialista e antifascista que disputasse espaço político internacional. É fundamental resgatar, entretanto, que, anos antes, Padmore vinculava-se ao projeto internacional do Comintern. Nas páginas do *Negro Worker* escreveu artigos que buscavam mobilizar os trabalhadores negros em prol da defesa do Estado Soviético diante das ameaças da Guerra Imperialista contra a Rússia Comunista.

Padmore segue seu artigo na revista *The Crisis* refletindo sobre a Rússia diante do contexto da invasão italiana. Ele compreendia que a Rússia Soviética havia emergido da Guerra,

> enquanto um novo modelo de estado, uma Ditadura do Proletariado ou Governo dos Trabalhadores. Desta forma, seus primeiros líderes, Lênin e

[424] George Padmore. **How Britain Rules Africa**. New York: Lothrop, Lea and Sherap Company. 1936, p. 387.
[425] **Correspondência de George Padmore para W.E.B**. Du Bois, 3 de julho de 1945. University of Massachusetts, W.E.B. Du Bois Library, Du Bois Papers, rolo de microfilme, 59/337–376.
[426] George Padmore. "Ethiopia and World Politics".**Crisis** n 42, 5 de Maio de 1935, p. 138.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

> Trotsky, recusavam-se a compor alianças ou arranjos diplomáticos com estados capitalistas. Enquanto os imperialistas enxergavam o mundo enquanto dividido entre dois campos – Versailles e Anti-Versailles, os líderes Soviéticos enxergavam o mundo dividido entre dois diferentes tipos de campos – o campo Imperialista, e o campo Anti-Imperialista, representado pela União Soviética. Isto caracteriza a história inicial da política internacional da Rússia. Porém, desde a derrota do movimento revolucionário na Alemanha e na Europa Central, resultante na ascensão do Hitlerismo por um lado, e na ameaça de Guerra no Ocidente por outro, os atuais líderes Soviéticos mudaram a política internacional, demonstrando que já não mais acreditam na capacidade dos trabalhadores da Europa e da América em defender a Rússia caso seja atacada[427].

Ainda que já elaborasse críticas ao Estado Soviético durante seu vínculo com o Comintern, neste momento, aumentava o tom de suas críticas e buscava disputar espaço político propondo uma Internacional Negra que se opusesse aos campos, Imperialista, Fascista e ao campo Comunista Soviético. Com Stálin a frente da União Soviética e a mudança de sua política externa, outro grande modelo internacionalista de Estado deveria ser apresentado. Outra maneira de se chegar à modernidade africana deveria ser construída.

Ao se repensar o período entreguerras à luz do internacionalismo negro, e das conclusões de Padmore sobre o caráter dual do momento, é fundamental considerar dois projetos majoritários de modernidade que se apresentavam enquanto sucessores da modernidade europeia: o modelo de modernidade branco ocidental, baseado no desenvolvimento do capitalismo, na exploração econômica, no domínio cultural ocidental e do liberalismo sob a bandeira do Imperialismo e da colonização enquanto veículos de bem estar e igualdade; e o projeto de modernidade baseado na construção de um Estado socialista e no desenvolvimento econômico marcado pelas políticas sociais, a fim de se promover maior igualdade entre trabalhadores e o restante da sociedade. Este último modelo, entretanto, já havia perdido o significado para muitos intelectuais negros radicais comprometidos com a construção de instâncias autônomas e independentes. Porém, diante de sua percepção histórica do modelo de Estado Soviético, George Padmore seguirá por muitos anos defendo alguns aspectos deste modelo. Como seria descrito em seu livro de 1946, *How Russia Transformed her Colonial Empire*, Padmore defendia o modelo soviético que havia possibilitado a integração de domínios coloniais russos da era Tzarista ao Estado socialista sem os prejuízos do Imperialismo.

O que Padmore e muitos de seus companheiros de militância percebiam sobre a experiência soviética, era a possibilidade de ultrapassar o modelo de modernidade branca

[427] George Padmore. "Ethiopia and World Politics".**Crisis** n 42, 5 de Maio de 1935, p. 138.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

ocidental europeia por dentro de suas estruturas. Além disso, e crucial para esta análise, com o arcabouço teórico do marxismo e suas posturas heréticas, as possibilidades de crítica abriram-se para ambos os projetos de modernidade. Padmore e James, dois intelectuais de orientação anticolonial afeitos às encruzilhadas do pensamento, souberam reavaliar a percepção de modernidade comum entre os intelectuais negros afroamericanos e caribenhos. Sobretudo, a percepção de que afrodescendentes seriam superiores aos africanos. Isto os ajudou a reposicionar o papel dos sujeitos coloniais africanos nas lutas por libertação do continente africano e a propor um caminho epistemológico centrado na África. Souberam reposicionar o continente africano enquanto cenário privilegiado para a luta anticolonial e consequente Revolução dos trabalhadores mundiais, mas também enquanto plataforma para a construção de teorias revolucionárias. Desta maneira operavam criticamente à modernidade branca europeia ocidental de maneira frontal ao Imperialismo, colonialismo, racismo e ao capitalismo; mas também criticaram o projeto de modernidade Soviético e suas lacunas em direção ao problema colonial e das questões raciais referentes aos negros da diáspora.

Em meados da década de 1930, C.L.R. James era um dos membros da *Communist League*, uma corrente política que buscava transformar o *Independent Labour Party* em um partido político revolucionário. James transformou-se em um dos membros mais ativos intelectualmente da *Communist League* destacando-se na produção de conhecimento crítico sobre o marxismo e as relações entre a questão racial e a lógica do capital. Quando o ILP debatia a questão das sanções à Itália diante da crise da Abissínia, James demonstrava sua descrença na Liga das Nações e propunha, ao invés disso, sanções dos trabalhadores à Itália. Para James, a proposta de sanções à Itália pela Liga das Nações não passaria de uma cortina de fumaça para a Guerra Imperialista que se avizinhava. A proposta do intelectual baseava-se na ação internacional de trabalhadores em resposta à invasão da Etiópia pela Itália e à ascensão do fascismo. Trabalhadores deveriam recusar-se a carregar navios com destino à Itália ou ao Chifre da África e igualmente recusar participarem de qualquer empreitada em apoio à Guerra Imperialista. Nas páginas do jornal vinculado ao ILP, o *New Leader*, James convocava os "trabalhadores da Europa, camponeses e trabalhadores da África e da Índia, vítimas do Imperialismo de todo o mundo, todos ansiosos em ajudar o povo Etíope" em lugar de apoiar seus governos na Guerra, "organizem-se independentemente, e através de suas próprias sanções, do uso de seu próprio poder, apoiem o povo Etíope" [428].

[428] C. L. R. James. "Is This Worth War?" **New Leader**, 4 de outubro, 1935, p. 5

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

James articulou a crise da Abissínia, à questão colonial e ao marxismo, angariando apoio no interior do movimento trotskista. Desta maneira realizava duas críticas ao Estado Soviético sob liderança de Stálin. Percorreu cidades importantes da Grã-Bretanha para mobilizar trabalhadores em prol dos boicotes à Itália e em resistência à Guerra Imperialista. O que estava em jogo para ele era a oportunidade que africanos teriam, diante da resistência dos trabalhadores aos governos imperialistas, de utilizarem-se desta crise para se libertarem do jugo colonial. A luta anticolonial articulava-se desta maneira às lutas dos trabalhadores. Neste sentido, a estratégia de Stálin do socialismo em apenas um Estado e da necessidade da defesa da União Soviética era criticada diante de sua visão transnacional das lutas anticoloniais. No fim do ano de 1935, Jamesconseguiu reunir um grupo de militantes do ILP da região norte de Londres, de Finchley, em apoio à suas posições. Foi capaz de articular-se junto a organizações brancas da esquerda britânica, mas também construiu organizações negras de maneira que fosse criada uma rede anticolonial e anti-imperialista[429].

Marc Matera aponta que as reflexões promovidaspor intelectuais caribenhos e africanos na Grã-Bretanha em relação aos contextos coloniais inspiraram os olhares teóricos na antropologia e na história.[430] A perspectiva crítica da produção de intelectuais negros questionando a produção do conhecimento produzido por pesquisadores europeus anteriores à primeira metade do século XX, e os diversos artigos em periódicos anticoloniais e anti-imperialistas, tiveram grande impacto sobre as novas gerações. C.L.R. James e George Padmore eram membros diletos deste grupo de intelectuais que contribuíram com livros, panfletos e jornais para a luta anticolonial e anti-imperial. Ambos intelectuais defenderiam a libertação do continente africano a partir de teorias e olhares originais que propunham que a liberdade da África pavimentaria o caminho da revolução mundial. Em relação à historiografia sobre os movimentos conhecidos como *New Negro* e *Harlem Renaissence*, esta postura de Padmore e James nos leva a repensar a relação destes movimentos com a modernidade em seu contexto. A atuação destes intelectuaisem busca de novas narrativas à modernidade a partir da cidade de Londres amplia o escopo do movimento *New Negro* para além dos Estados Unidos e para além dos afroamericanos e caribenhos. Desta maneira há maiores possibilidades de se compreender a diáspora fora de padrões hegemônicos que

[429] Al Richardson, Clarence Chrysostom, and Anna Grimshaw. C. L. R. **James and British Trotskyism:** An Interview with C. L. R. James. 8 de junho, 16 de novembro, 1986, South London. Disponível em: <http://workersrepublic.org/Pages/Ireland/Trotskyism/clrjames.html> Acesso em: 14 abr. 2018.; Frederic Warburg. **An Occupation for Gentlemen**. Reprint, Boston: Houghton Mifflin, 1960, pp. 185, 211.

[430] Marc Matera. "Black Intellectuals and the Development of Colonial Studies in Britain". In: **Black London**: The Imperial Metropolis and Decolonization in the Twentieth Century. Oakland, California: University of California Press.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

observam Estados Unidos e Caribe enquanto polos da luta anticolonial e de um pensamento político pretensamente moderno.

Ao chegar à Londres, James empregou suas pesquisas e reflexões dentro do campo da esquerda britânica. Ele então mencionou a Frederic Warburg, editor de livros de esquerda, que havia a necessidade de que mais livros marxistas fossem publicados: "marxistas, mas não do Partido Comunista"[431]. James também havia mencionado a Victor Gollancz, do *Left Book Club*, que diversos livros estavam sendo publicados, contudo, todos pró Frente Popular e Stálin. Mencionou também que em francês era possível ler livros de Trotsky, mas em inglês apenas panfletos. James então inicia sua empreitada para escrever *World Revolution*, satisfatoriamente financiado por Warburg, o que o possibilitou a ir para Brighton e escrever o livro em quatro meses.

James possuía percepção semelhante à de Padmore em relação à União Soviética. A leitura de que Moscou havia alterado sua política revolucionária de autodeterminação e de combate ao Imperialismo tal qual proposto por Lênin, e abandonado a luta proletária. Após os eventos de 1935, James estava certo de que, além de abrir de meios revolucionários, a União Soviética abandonou a Abissínia. *World Revolution* direcionou uma forte crítica ao projeto comunista de Stálin e da Terceira Internacional, e buscava explicações para o colapso de sua força revolucionária. Ressalta no livro, de maneira talvez a buscar legitimidade enquanto marxista, ainda que duramente crítico, que "as ideias nas quais o livro está baseado são fundamentalmente ideias do Marxismo", ideias estas que seriam capazes de explicar a atual crise mundial. A ideia de que os trabalhadores deveriam alinhar-se com as burguesias nacionais, a fim de defender a Rússia e a Europa do fascismo alemão, fizeram com que James criticasse duramente a estratégia da Frente Popular em detrimento de considerar a invasão da Etiópia um evento crucial para a mobilização dos trabalhadores na luta antifascista e anticolonial. Questionado o caráter revolucionário do Comintern, James escreve:

> Ainda hoje, com a iminência da guerra longamente anunciada, com as fraturas na estrutura imperialista aumentado dia-a-dia, com o voraz Tratado de Versalhes e suas consequências, o fiasco do desarmamento, a montagem imposta da Conferência Econômica Mundial e seu penoso colapso, tudo revelando às massas a verdade sobre o Capitalismo mais contundentemente do que a propaganda da Terceira Internacional; com o choque de interesses sobre a questão da Abissínia rompendo a cortina da Liga das Nações, e expondo a milhares de pessoas o atraso político, a terrível cobiça e a corrupção nauseante daquilo pelo qual eles serão chamados a lutar, neste momento a Terceira Internacional reposicionou a doutrina de defesa

[431] Frederic Warburg. **An Occupation for Gentlemen**. Boston: Houghton Mifflin, 1959, p. 185.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

> nacional, está pronta para lutar pela bandeira tricolor ou de estrelas e listras, e clamores para defender a Union Jack[432].

Em seu penúltimo capítulo, "A Revolução Abandonada", James sugere que a Terceira Internacional, seguindo Stálin, perdeu a grande oportunidade dos últimos anos de derrotar a política colonial e o imperialismo. Além de ter perdido a oportunidade de mobilizar a vanguarda da classe trabalhadora na preparação da Guerra que se avizinha. James dava como certo que os "capitalistas seriam obrigados a estabelecer um acordo, grande ou pequeno, às custas da Abissínia".[433] James pauta sua crítica questionando por quê a Internacional não se posicionou de maneira que fosse dito que ninguém além da classe trabalhadora poderia salvar a Abissínia, o que levaria a derrotada da Liga das Nações. Para o intelectual os trabalhadores soviéticos poderiam ter realizado um embargo do Petróleo vendido para a Itália, aproveitado o sentimento compartilhado em diversas partes do mundo e inclusive enfraquecendo Mussolini em seu país[434]. Criticando o fato de que a Terceira Internacional sempre se pautou pelo clamor à unidade dos trabalhadores, no momento em que esta unidade poderia finalmente se realizar, as ordens vindas de Moscou foram as de que,

> sob nenhuma circunstância apoiar outras medidas que não fossem as sanções da Liga das Nações (...) O Socialismo em um único país alcançou o estágio no qual o líder do proletariado internacional estava receoso da ação do proletariado mundial tal qual qualquer ditador fascista[435].

James, enquanto um marxista engajado na reformulação do marxismo e em constante busca pelarevolução pautada nas causas anticoloniais e negras, pretendeu que este livro servisse às discussões da Quarta Internacional nas críticas à Stálin e ao stalinismo, bem como servisse às lutas do internacionalismo negro, sem que nenhuma destas pautas fosse excludente em relação à outra. Ao longo da década de 1930 James irá produzir obras nas quais este caráter global, que relacionava a luta proletária e revolucionária à causa da liberação do continente africano e dos negros será a tônica. *Jacobinos Negros*, *World Revolution* e a *The History of Negro Revolt*, não podem ser limitados nos marcos do trotskismo estreito, como também não devem ser lidos apenas sob a lógica da libertação dos negros ou da história dos negros no mundo. O que se deve observar nestes livros é o olhar crítico que James direciona ao marxismo. Estes livros fazem parte do período em que James

[432] C. L. R. James. **World Revolution**: 1917–1936: The Rise and Fall of the Communist International. Durham e Londres: Duke University Press, 2011, p. 68.
[433] Ibidem, p. 372.
[434] Idem.
[435] C. L. R. James. **World Revolution**: 1917–1936: The Rise and Fall of the Communist International. Durham e Londres: Duke University Press, 2011, pp. 373-374

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

estava vinculado ao IASB e atuando, por meio do pensamento negro radical, na construção do internacionalismo negro ao longo da década de 1930.

World Revolution buscou criticar a falha da Terceira Internacional em perceber o potencial revolucionário que a crise da Abissínia representou diante de tantas mobilizações e articulações envolvendo trabalhadores negros ao redor do mundo. Padmore compartilhava desta visão quando publicou *Africa and World Peace*, em 1937, ao propor que o proletariado deveria estar posicionado em posição de combate ao inimigo, cerrando fileiras na luta anti-imperialista, e não colaborando com a burguesia nacional. Para Padmore o problema fundamental na década de 1930 era o colonialismo e a luta socialista deveria ser a luta anti-imperialista. A África, portanto, deveria ser vista enquanto o local privilegiado para a Revolução mundial. Segundo James, "o centro da Revolução Negra era a África e não o Caribe".[436] Nas páginas finais do livro *Jacobinos Negros*, James escreve que "Os imperialistas contemplam uma eternidade de exploração africana: 'o africano é atrasado e ignorante (...)'. Eles estão sonhando" [437]. Assim como os franceses no Haiti, que acreditavam que os negros escravizados seriam incapazes de realizar uma Revolução no sistema escravista e colonial da ilha de Santo Domingo, os funcionários coloniais brancos da Grã-Bretanha jamais aceitariam que,

> [E]ntre os negros que este governa, houvesse homens infinitamente superiores a ele em capacidade, energia, alcance de visão e tenacidade de propósito; e que, dentro de cem anos, seus brancos seriam lembrados apenas devido ao seu contato com os negros [...] Os negros da África são mais avançados e mais preparados do que eram os escravos de Santo Domingo[438].

James e Padmore não observavam o continente africano enquanto um local totalmente atrasado e secundário na luta por sua libertação. Mais do que isso, quando James escreve sobre os negros escravizados em Santo Domingo, ele observa que se tratava de um movimento realizado e protagonizado por indivíduos inseridos na modernidade assim como o proletariado europeu. As plantações de açúcar da ilha se assemelhavam às fábricas europeias em sua estrutura de opressão e de produção, por conseguinte aqueles que lá trabalhavam realizaram um levante proletário. A revolta dos negros escravizados desferiu um golpe em um dos principais Impérios modernos do século XVIII. A possibilidade de que, novamente, indivíduos modernos operassem um golpe nas estruturas do Imperialismo na primeira metade

[436] Alan J Mackenzie. "Radical Pan-Africanism in the 1930s: A Discussion with C.L.R. James". **Radical History Review** (1980) 1980 (24): 68-75.
[437] C.L.R. James. **Os Jacobinos Negros Toussaint L'Ouverture e a Revolução de Santo Domingos**. São Paulo, Boitempo Editora, 2OOO, p. 340.
[438] Ibidem, p. 340-341

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

do século XX era iminente, segundo James. Ao considerar os negros de Santo Domingo enquanto indivíduos modernos, ele repensava o lugar político dos indivíduos coloniais e seu lugar na modernidade. Além disso, reformulava as categorias marxistas de análise que até o presente momento não consideravam os negros enquanto indivíduos modernos, e consideravam a escravidão enquanto algo pré-moderno. O livro, *Jacobinos Negros*, influenciou o trabalho de outro intelectual caribenho, Eric Williams, ex-aluno de James que escreveu sobre a relação entre escravidão e capitalismo ainda na década de 1930, mas teve sua obra publicada apenas em meados da década de 1940.[439] James declarou que este livro "não caiu de uma arvore", afirmou que "tinha em mente escrever sobre a Revolução de Santo Domingo enquanto preparação para a Revolução que George Padmore e todos nós estávamos interessados, ou seja, a Revolução na África"[440].

6.4
A Invasão da Etiópia e a Revolução Africana

Nas páginas da revista *Crisis* George Padmore afirmou que a agressão da Itália fazia parte de uma longa história de exploração europeia aos povos africanos e às suas terras, e denunciou que "nações brancas (...) estão de mãos dadas na atribuição de partes da África para qualquer que seja a nação que necessite de colônias"[441]. Padmore foi apresentado pelo jornal enquanto tendo sido "o principal comunista negro na Europa até ser expulso da Rússia Soviética por protestar contra a falha dos comunistas em promover ajuda aos trabalhadores negros"[442]. Em artigo, afirma que o conflito entre Itália e Etiópia é o reflexo da política

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

[439] Esta obra é resultado de sua pesquisa de doutorado. Entretanto, ao focar nos fatores econômicos da abolição do tráfico transatlântico de escravos e da escravidão negra no império britânico, afastou-se dos cânones de interpretação utilizados em Oxford, sobretudo por Reginald Coupland, historiador britânico responsável pelas pesquisas sobre a "História Imperial". Apesar de ser um trabalho que seguia à risca o padrão consagrado de uma tese acadêmica em história, sobretudo no que se refere ao encadeamento cronológico da narrativa e ao domínio exaustivo das fontes documentais a obra só seria publicada seis anos após o término das pesquisas de doutorado de Eric Williams. Dividida em doze capítulos, a tese de doutorado concentrou-se no período de 1783 a 1838, examinando o declínio da importância econômica das Índias Ocidentais para o império britânico após a Revolução Americana; o crescimento do tráfico negreiro e da escravidão em Saint-Domingue; as tentativas de conquista britânica da colônia francesa durante o curso da revolução escrava; o impacto do fracasso dessa tentativa para a abolição do tráfico transatlântico em 1807; a decadência da produção açucareira do Caribe britânico em face dos demais competidores mundiais; as ameaças das rebeliões escravas de Barbados, Demerara e Jamaica e seus impactos sobre a opinião pública britânica; os limites colocados pelo monopólio das Índias Ocidentais para o avanço das forças capitalistas na metrópole.
[440] C.L.R. James. "Lectures on black jacobins," **Small Axe 8**, September 2000: pp. 65-112.
[441] George Padmore. "Ethiopia and World Politics".**The Crisis**, maio 1935, p. 138.
[442] Idem.

internacional que se desenha na preparação das alianças e agrupamentos dos poderes europeus na preparação para próxima guerra mundial. Padmore também é categórico em afirmar que França, Inglaterra e Rússia, preferem que Mussolini realize uma guerra na África ao invés de envolverem-se no conflito, causando desordem no *status quo* das potências europeias. Padmore sempre se posicionou de forma a conectar os eventos envolvendo o continente africano e as lutas anticoloniais à história global e à geopolítica internacional[443].

A questão racial também foi enfatizada por Padmore no conflito criado pela Itália. Ele questionava se a França, Inglaterra, Estados Unidos e a Liga das Nações tolerariam agressão semelhante a uma nação branca. No início de sua atuação junto ao IAFE, quando havia recém-chegado de Paris, também enfatizou que havia a presença do colonialismo no interior dos fascismos italiano e alemão o que o levava a produzir críticas ao Imperialismo Europeu. Este intelectual foi fundamental nestas críticas ao fascismo e ao imperialismo, pois, ainda que organizações britânicas de esquerda tais como a *Socialist League*, também tivessem feito esta articulação, paraele a questão racial era o aspecto central. Para Padmore fascismo e Império faziam parte de um mesmo arranjo. Padmore afirma que "com exceção das motivações econômicas", o caráter racial no fascismo destacava-se.[444] Padmore buscou aproveitar-se de um contexto de articulações europeias contra os fascistas para aproximar o Imperialismo e o Nazifascismo. O antifascismo também era um elemento agregador que mobilizava tanto negros quanto brancos, no período entreguerras.

No *The Crisis*, Padmore endereçava críticas ao fascismo articuladas ao imperialismo. A postura da Itália foi denunciada enquanto um evento do colonialismo que por sua vez seria tolerável pelas potências europeias. A luta em prol da Etiópia era uma luta "contra, não apenas o imperialismo italiano, mas contra outros ladrões e opressores, os imperialismos britânico e francês".[445] Também afirmava que o fascismo não poderia ser combatido ao lado do imperialismo. Padmore aumentou o tom das críticas e trouxe problemas para as potências europeias interessadas em desvincular o imperialismo do fascismo. Buscou disputar a legitimidade da luta antifascista para além da Frente Popular, além de alçar as lutas anticoloniais e anti-imperialistas dos africanos e seus descendentes ao centro das lutas mundiais. "A luta da Abissínia é fundamentalmente parte das lutas da raça negra [*black race*] de todo o mundo por liberdade nacional, emancipação econômica, política, social e racial"[446]. Padmore era hábil o suficiente para, ao escrever da metrópole britânica para negros dispersos

[443] Idem.
[444] George Padmore. "Ethiopia and World Politics".**Crisis**, maio, 1935, p. 157.
[445] George Padmore. "The Missionary Racket in Africa", **Crisis**, July 1935, p. 214.
[446] George Padmore. "Ethiopia and World Politics".**Crisis**, maio, 1935, p. 139.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

na diáspora, mas também para cidadãos britânicos e europeus brancos, mobilizar tanto os negros em prol da luta antirracista quanto dos europeus contra o fascismo.

A organização estudantil *West African Students Union* condenou a invasão da Etiópia em resolução, e articulou-se com o braço do *Ethiopian Defense Committee*, baseado em Paris. Também foram feitos contatos com o *Ethiopian Research Council*, de Washington DC. Diversas ações foram tomadas pelos negros norte-americanos, desde alistamento voluntário ao serviço militar até boicotes a estabelecimentos italianos. Trabalhadores dos portos de Trinidad e da África do Sul recusaram-se a carregar navios italianos, a *Trinidadian Negro Welfare Social and Cultural Association* emitiu uma nota afirmando que "apenas a unidade de ação de todos os negros e povos oprimidos pode parar este horrível assassinato em massa". É importante destacar que enquanto a esquerda britânica apoiou as sanções da Liga das Nações, os trabalhadores negros articularam-se na direção de ações coordenadas pelo movimento dos trabalhadores. C.L.R. James teve papel central na reflexão sobre este tipo de mobilização e na proposição de ações diretas.

O IAFE contava com a participação de diversos ativistas e intelectuais de diversas partes do mundo colonial negro. C.L.R. James creditava esta ampla rede anticolonial às intensas articulações de George Padmore e sua reputação como um dos mais respeitados intelectuais e estrategistas anticoloniais e anti-imperialistas. Peter Milliard, da Guiana Britânica, T. Albert Marryshow, de Granada, Joseph Danquah, da Costa do Ouro, Mohamed Said, da Somalia eram alguns dos envolvidos na organização. Que ainda contava com Jomo Kenyatta como secretário honorário e Amy Ashwood como tesoureira honorária. A maior parte destes intelectuais foi contatada por George Padmore desde os tempos do *International Trade Unions Committee of Negro Workers* ao longo da primeira metade da década de 1930. Em uma passagem sobre Padmore, James mencionava que "qualquer um que venha (...) para ir ao Colonial Office deve primeiro ligar para George Padmore" [447]. Padmore foi o responsável por consolidar em ações políticas muitas das plataformas ideológicas propostas por James.

O que esta iniciativa representada pelo IAFE apresenta é a oportunidade que foi criada pela crise da Abissínia e pela cidade de Londres na construção de organizações de luta transnacional. Espaços que ampliavam e ultrapassavam os arranjos nacionais enquanto unificadores da ação e consciência política. As nações ocidentais desconsideravam seus integrantes negros enquanto membros efetivos de seu conjunto nacional (como é o caso dos

[447] Alan J Mackenzie. "Radical Pan-Africanism in the 1930s: A Discussion with C.L.R. James". **Radical History Review** (1980) 1980 (24): 68-75.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

negros norteamericanos e em menor escala os negros habitantes da Europa) ou enquanto sujeitos coloniais desprovidos de direitos (como no caso dos africanos e caribenhos localizados nas colônias). Os nacionalismos forjados no período entreguerras formavam uma estrutura de luta e representação repleta de tendências racialistas e de determinantes étnicos. Isto pode ser observado nos fascismos que emergem neste momento, ou nos imperialismos que reivindicavam seu poder vinculado aos Impérios coloniais europeus. As formas de luta e de articulação do internacionalismo negro durante a década de 1930 deveriam trazer, portanto, o caráter transnacional e promoveriam novas alianças e novas identidades partilhadas na Diáspora Negra. Este processo não tornou o nacionalismo em algo oposto ao transnacionalismo, ao invés disso, operou no alargamento do conceito de nação mobilizado por estes intelectuais negros. O aspecto racial que foi forjado nesta solidariedade pautava-se por seus aspectos eminentemente políticos.

Em um momento no qual alguns intelectuais negros marxistas começavam a nutrir desesperança com o Comunismo Internacional, como foi o caso de George Padmore, Claude McKay, e mesmo C.L.R. James, que adere ao marxismo sob a perspectiva crítica do trotskismo antistalinista, e também a partir da crítica ao vanguardismo leninista; outras possibilidades de mobilização internacionalista deveriam ser construídas. Nas reflexões sobre um pensamento radical negro alternativo e autônomo, que apresentasse outra modernidade possível aos negros da diáspora e ao continente africano, a produção intelectual de George Padmore e C.L.R. James foi fundamental. Segundo Penny Von Eschen,

> Como D.G. Kelley propôs, o Partido Comunista frequentemente promoveu, ainda que inadvertidamente, espaços nos quais nacionalistas negros foram capazes de forjar autonomia considerável. Portanto, na década de 1930, a esquerda não apenas ajudou a reformular o pensamento nacionalista, mas o internacionalismo de esquerda – respondendo às assertivas do nacionalismo negro – também foi transformado em suas apropriações pelo pensamento Pan-Africano[448].

Diversos dos membros do IAFE estiveram, em algum momento de suas trajetórias, vinculados a organizações comunistas e pensavam suas estratégias através do marxismo. Contudo, devido às diversas críticas à UniãoSoviética referentes a seu posicionamento em relação às lutas dos negros e, mais especificamente, por sua postura sobre o caso da Etiópia, muitos intelectuais haviam apostado em formar organizações negras autônomas e independentes do Comunismo Internacional. O IAFE, portanto, será marcado por um amplo

[448] Penny M. von Eschen. **Race against Empire**: Black Americans and Anticolonialism 1937–1957. Ithaca: Cornell University Press, 1997, p. 10.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

espectro político ideológico, por contar com intelectuais que possuíam variados graus de adesão – ou repulsa – ao marxismo. A figura de Padmore, pragmático e hábil na organização de frentes de luta, será fundamental na amálgama destes e de outros indivíduos das mais diversas orientações.

Outras organizações prestaram ajuda moral e material aos etíopes. Esta forma de auxílio dos africanos e de seus descendentes da diáspora foi mais significativa que a ajuda militar. Criaram-se nos Estados Unidos, com o aval dos embaixadores etíopes em Londres e Paris, a *Friends of Ethiopia*, criada pelo professor afro-americano, Villis Huggins. A FOA abriu escritórios em 106 cidades, distribuídas em 19 Estados dos Estados Unidos. O *Medical Comitte for the Defense of Ethiopia*, formado por médicos negros provenientes das Antilhas e dos Estados Unidos, disponibilizou um navio carregado com medicamentos para os combatentes etíopes. Materiais de propaganda em apoio aos etíopes foram distribuídos por grupos na Jamaica, Trinidad e Tobago, Panamá, Barbados, Santa Lucia. Iniciativas que, ainda que desvinculadas de um caráter político mais estrito, pois centradas na ajuda humanitária mais imediata, devem ser consideradas dentro do escopo transnacional e internacionalista da intelectualidade negra na primeira metade do século XX. Sem contar nas possibilidades de trocas e cruzamentos ideológicos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

6.5
O *International African Service Bureau*: a Opinião Africana

Se em um primeiro momento as organizações criadas estiveram a cargo de apoiar a Abissínia e a Etiópia, o *International African Service Bureau* deu conta de relacionar com muita eficácia a crise da Abissínia aos diversos problemas dos negros dispersos na diáspora. Criado como decorrência do *International African Friends of Ethiopia*, o IASB foi criado em março, de 1937, a partir da iniciativa de George Padmore. Seguindo a estratégia adotada já no *Negro Worker*, publicação do *International Trade Unions Committee of Negro Workers*, as questões coloniais eram pensadas de maneira global e articuladas às lutas dos trabalhadores. Seu comitê executivo, além de Padmore e C.L.R. James, contava com T. Ras Makonnen, Jomo Kenyatta, I.T.A. Wallace Johnson, Peter Milliard, da Guiana, William Harriso, da Jamaica, Chris Jones, de Barbados, Laminah Sankoh, de Serra Leoa, e Babalola Wilkey, da Nigéria. O IASB "devotou-se ao estudo da questão colonial e da divulgação da propaganda e

agitação por toda a Grã-Bretanha, África e nos territórios habitados por povos de descendência africana”[449].

Pesquisas mais pormenorizadas sobre a produção do IASB são fundamentais para que se compreenda melhor a relação entre o pensamento anticolonial do período entreguerras e os movimentos Pan-Africanos de libertação do continente africano do pós-Guerra II. Isto porque o IASB desdobrou-se na *Pan-African Federation*, em 1943, organização que seria responsável pela reedição dos Congressos Pan-Africanos iniciados pela liderança de W.E.B. Du Bois no início do século XX, quando da organização do Quinto Congresso Pan-Africano de Manchester. Neste Congresso, que surgiu da articulação de Padmore junto a Du Bois desde sua saída do Comintern, estiveram lideranças fundamentais dos processos de independência do continente africano como, por exemplo, Kwame Nkrumah, Jomo Kenyatta, Namdi Azikiwe.

A importância de analisar o IASB de maneira mais ampla, nesta tese, reside no fato desta organização ter concretizado alguns dos resultados pensados por George Padmore ainda nos primeiros anos da década de 1930, e apontar algumas estratégias que serão implementadas na Costa do Ouro, na década de 1950, mediante o contato direto entre Padmmore e Nkrumah. Em suas articulações com Garan Kouyaté em seus últimos anos de vínculo com o Comunismo Internacional, ambos estavam interessados em construir instâncias que dessem conta de produzir conhecimento sobre as lutas coloniais através de uma imprensa negra internacional tendo em vista a intervenção política no continente africano. Neste sentido, deve-se atentar para o número de obras publicadas durante o período em que Padmore e C.L.R. James, atuaram no IASB.

James escreveu os livros, *Jacobinos Negros*, *A History of Negro Revolt*, *World Revolution*, e uma peça de teatro sobre Toussaint L’Ouverture, na qual Paul Robeson atuou como protagonista numa montagem em Londres, em 1936. Obras com forte apelo teórico que buscaram propor um arcabouço teórico para as lutas anticoloniaisrumo à Revolução.Padmore, por sua vez, escreveu *How Britains Rules Africa*, a fim de conter e buscar reposicionar a política colonial do Labour Party; *Africa and World Peace*, que, em 1937, buscava apresentaras possibilidades de uma Revolução Social proletária mediante o problema do “capitalismo, em seu estágio imperialista”,“na atual encruzilhada entre fascismo e socialismo”[450]. Publicou tambémdiversos artigos em periódicos tais como, *African Sentinel* e *International African Opinion*, escreveu os panfletos *The West Indies To-day*, *Hands off*

[449] C.L.R, James. **Nkrumah and the Ghana Revolution**.Westport, Conn. : L. Hill, 1977, pp. 64-65
[450] George Padmore, 1937, p. 8.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Protectorates, *Kenya*, *Land of Conflict*, *African Empires and Civilization*, *The Negro in the Caribbean*, e *White Man's Duty*, um diálogo filosófico entre Padmore e Nancy Cunard.

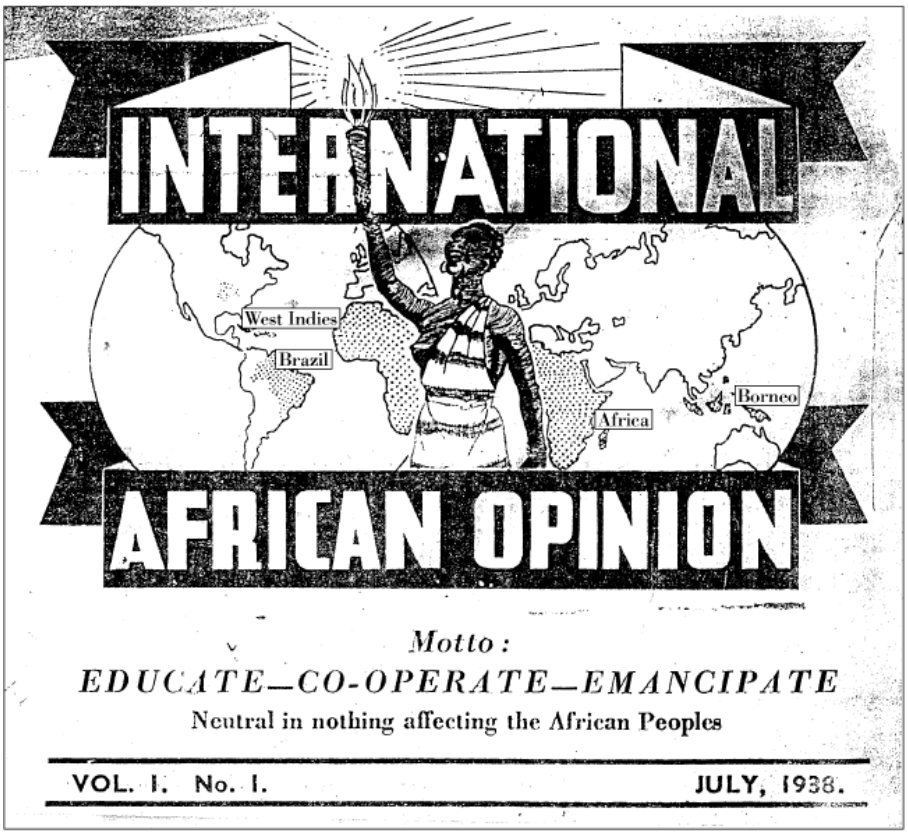

Figura 16 - International African Opinion, julho de 1938.

O IASB publicou um jornal, o *International African Opinion*, que permaneceu sob a editoria de C.L.R. James, de julho até outubro de 1938, data de sua partida para os Estados Unidos. O jornal foi editado até 1939, de Londres. A imagem de uma mulher negra de cabelos curtos naturais, trajando um vestido aparentemente desenhado tal qual tivesse sido feito em tecidos africanos e expondo delicadamente um dos seios aparecia junto ao título do jornal (figura 16). A imagem, desta vez de uma mulher aparentemente africana, ainda explora o corpo nu como forma de apresentar a luta africana. Porém, se antes as imagens exploravam o corpo masculino para representar a força e o rompimento dos grilhões, agora o corpo feminino concederia a "delicadeza" a esta luta, tal qual imagens ocidentais vinculadas à liberdade e à ilustração. A mulher negra segura, erguida, uma tocha que iluminava a alcunha *internacional* do título. Ao fundo, o globo terrestre com destaque para localidades da diáspora africana: *Brasil*, *Índias Ocidentais*, *África* e *Borneo*, na Oceania. Ainda que parte do território dos Estados Unidos estivesse destacado, indicando vínculos com os demais territórios, fica claro na imagem que trata-se de destacar a presença de um *sul global* marcado pela diáspora africana, pela opinião africana, ou seja, um Terceiro Mundo anticolonial, anti-

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

imperialista, autônomo e independente. O slogan do jornal era, “educar, cooperar, emancipar” e “neutro em nada que afete os povos Africanos”. Longe de apresentarem-se enquanto vanguarda diaspórica que conduziria as lutas coloniais, o IASB se propunha a representar “uma opinião pública progressista e ilustrada entre africanos e seus descendentes”. Entre os objetivos da organização havia o de “apoiar as demandas de africanos e outros povos coloniais por direitos democráticos, liberdades civis e autodeterminação”.

A defesa das liberdades civis e democráticas poderia, contudo, parecer contraditória em relação à plataforma da organização, contrária às classes dominantes e aos Estados, fossem eles democráticos ou progressistas. O IASB defendia os direitos ao sufrágio universal, às liberdades civis; ao salário mínimo estabelecido; fim da barreira de cor nos segmentos profissionais nas colônias; fim das leis discriminatórias e segregacionistas tais como as leis de passe; taxas de habitação em cabanas e leis que permitiam o trabalho forçado; liberdade de imprensa e liberdade de associação de sindicatos. Contudo, qual Estado colonial racista estaria disposto a revogar tais leis? Qual parlamento estaria apto a debater ou votar pelo fim destas barreiras raciais? É fundamental que se compreenda que, ainda que defensores de mecanismos referidos aos estados modernos europeus, os intelectuais africanos pretendiam reconstruir os estados a partir de outro vocabulário político. Ainda que inseridos de certa forma nos discursos de modernidade disponíveis no pensamento Ocidental, a postura do pensamento radical negro, mais especificamente nas produções de C.L.R. James e George Padmore, em relação à modernidade se comportou de maneira subversiva e inovadora.

Através de seu jornal, o IASB apresentava perspectivas africanas e opostas à supremacia branca e ao imperialismo. A organização foi pensada de forma a facilitar a promoção de uma internacional negra às vésperas da Segunda Guerra Mundial, imaginada na época por George Padmore e pelos intelectuais negros vinculados de alguma maneira ao marxismo, como uma guerra eminentemente imperialista. Fosse ela entre os Impérios ou contra a Rússia Socialista, o clima belicoso já era conhecido e considerado. A orientação do IASB forjava seu consenso na negação de lealdade às classes dominantes, fossem democráticas e progressistas, e no compromisso com a promoção da autoemancipação das classes trabalhadoras africanas e afrodescendentes, sob o ponto de vista global e amplo. Muitos intelectuais negros anticoloniais da primeira metade de século XX conviveram com a intensa supervisão dos órgãos de inteligência metropolitanos. George Padmore, que já havia assumido este pseudônimo antes da década de 1930, possuía experiência em relação à supervisão pessoal e à prática do banimento de seus textos e jornais anticoloniais. O

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

International African Opinion geralmente não publicava textos assinados. Alguns textos eram assinados com iniciais, pseudônimos, ou "comitê executivo", apenas.

Em sua primeira edição, em Julho de 1938, o editorial[451] – não assinado, mas provavelmente escrito por James – traz os objetivos e o programa do grupo. O texto de duas páginas se insere tanto como um programa para a consciência política negra, em um momento de tentativa de manutenção e sobrevida da supremacia branca, fosse através do discurso fascista ou do Imperialismo europeu, quanto um convite à internacionalização. O editorial é direcionado a uma audiência transnacional e transcolonial. Pois, ainda que transmitido em inglês, direcionado ao público anglófono, traz um apelo a todos aqueles que sofrem com o colonialismo, mas foram dispersos pelo imperialismo e pelos idiomas, tal qual Aimé Césaire faria no ano seguinte. O editorial apresentava que,

> Apesar de nossa posição em Londres fazer de nós mais imediatamente familiares aos problemas dos Negros [*Negroes*] nas colônias britânicas, nosso apelo por colaboração se estende aos Negros [*Negroes*] de toda parte aonde quer que eles estejam, nas colônias francesas, belgas, nos Estados Unidos e na América do Sul. Problemas irão diferir de país para país, mas há um laço comum de opressão, e tal como a luta etíope mostrou, todos os Negros [*Negroes*] do mundo estão começando a reconhecer a necessidade da organização internacional e da unificação de seus esforços dispersos[452].

C.L.R. James pautou sua militância através de uma ideologia marxista que ia de encontro ao apelo vanguardista. Neste editorial, as concepções de mudança revolucionária baseiam-se na ação direta das massas tal como defendido por ele durante as sanções à Itália, que deveriam partir dos trabalhadores e não seguir aquelas da Liga das Nações. Este posicionamento editorial pode ser atribuído a Padmore tendo em vista sua experiência editorial anterior no *Negro Worker*, pautada na articulação das lutas diárias e cotidianas dos trabalhadores nas colônias com a produção intelectual nas metrópoles. Ambos os jornais possuíam um apelo popular e com forte orientação de classe. O editorial propõe ainda queas condições de vida de alguns indivíduos negros nas metrópoles não deveriam servir de medida ao sucesso da luta anticolonial, por ser esta luta baseada nas massas populares e em seu benefício. Estes intelectuais deveriam dar-se conta que, no atual momento, não cabia mais se conformar com "as migalhas caídas das mesas de seus mestres imperialistas. Eles devem identificar-se com as lutas das massas." Estes intelectuais devem apoiar as massas em seus

[451] EDITORIAL. **International African Opinion**1. no. 1, julho de 1938, p. 2.
[452] EDITORIAL. **International African Opinion 1.** no. 1, julho de 1938, p. 2; No Caderno de Retorno ao País Natal, de 1947, Aimé Césaire escreve que "a negritude não é mais um indício cefálico, ou um plasma, ou soma, mas é medida sob o compasso do sofrimento". In: **Aimé Césaire. Notebook of a Return to My Native Land.** Nova Iorque: Monthly Review Press, 1972.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

esforços rumo ao melhoramento de suas condições de vida e rumo à cidadania plena nas colônias. Seria apenas por estes meios, e por mais nenhum outro, que "os profissionais negros; professores e servidores públicos e outros, irão melhor servir em seus próprios interesses" O *International African Opinion* "será, na medida do possível, o porta-voz dos trabalhadores e camponeses negros, e daqueles intelectuais que enxergam a necessidade em fazer deles próprios a causa das massas"[453].

Esta postura referente aos intelectuais e seus limites, também que reforçava o posicionamento antivanguardista de C.L.R. James, se explicita em uma passagem do editorial. Falando em nome dos intelectuais das metrópoles James afirma:

> Nós sabemos de nossas limitações. Sabemos que não poderemos libertar os milhares de africanos e seus descendentes da servidão e da opressão. Esta tarefa não pode ser alcançada a não ser pelo próprio povo negro [*black people*]. Mas nós podemos ajudar a estimular o crescimento da consciência dos negros [*blacks*], e disponibilizar a eles nosso contato diário com os movimentos europeus, e aprender com as massas negras [*black masses*] as lições das profundas experiências que elas acumularam em sua lida diária, para identificar os obstáculos que devem ser evitados, para co-ordenar informação e organização, promover uma incessante propaganda em cada canto da Grã-Bretanha, expondo as maldades, pressionando pelas soluções que sejam possíveis, e mobilizando quaisquer assistências que possam ser encontradas na Europa para a causa da emancipação africana[454].

No editorial, também está presente a crítica ao caráter epistemológicoe psicológico do racismo e do colonialismo, ratificando a crítica racial nas percepções anti-imperiais e anticoloniais. A ideia de que os negros não estão aptos a estarem à frente de seus rumos e ações "envenena a mente dos brancos" e "recai pesadamente na moral de nosso povo". O que editorial propõe é que a emancipação africana só seria alcançada através da ação dos negros da diáspora, assim como a libertação de quaisquer povos só será alcançada pela mobilização independente destes povos em questão. A liberdade não lhes será dada por ninguém nem por nenhuma organização que não lhes seja própria. "O povo negro deve, portanto, carregar seu próprio fardo. Os africanos reivindicam o direito de administrar seus próprios assuntos e aceita esta responsabilidade plenamente a fim de cumprir esta demanda". O editorial é categórico em denunciar as recentes experiências junto às organizações europeias que tendiam a ignorar as lutas africanas e valer-se dos movimentos anticoloniais 'meramente como artigos de decoração em ocasiões cerimoniais'. O momento era de conscientização política racial por parte dos negros.

---

[453] Editorial.**International African Opinion 1**.no. 1, julho de 1938, p. 3.
[454] Idem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Se autoproclamando uma organização*africana* o IASB possuía uma política de filiação limitada aos africanos e seus descendentes, independente de nacionalidade, religião ou vinculação política, desde que os candidatos tivessem acordo com sua plataforma. A proposta de solidariedade racial do IASB, portanto, não se baseava em pressupostos biológicos ou meramente culturais, mas pautava-se pela sua compreensão política, seguindo tradição intelectual de uma parcela do internacionalismo negro. A politização da questão racial seria a forma de posicionar-se contra o racismo biológico e eugênico em voga no pensamento ocidental da primeira metade do século XX. O essencialismo racial, ou como chamado à época, o *chauvinismo racial*, portanto, não seria tolerado. Tampouco a arrogância racial, fosse ela de negros ou brancos, não seria tolerada. Esta postura seria a postura dos inimigos do progresso humano, segundo o editorial do *International African Opinion*. Este posicionamento nos auxilia a compreender o caráter humanista do pensamento Pan-Africano de C.L.R. James, mas que também foi compartilhado por Franz Fanon, e por Leopold Senghor, ainda que sob clivagens distintas. O IASB não acreditava, portanto, que a emancipação africana seria alcançada de maneira isolada e sem a participação do resto do mundo. A organização possuía em George Padmore e C.L.R. James suas lideranças intelectuais mais consistentes. Ambos os intelectuais, que vinham atuando em organizações de esquerda internacionalistas e partidos políticos tais como o ITUCNW ou o ILP, demarcavam a necessidade de que se evitassem erros passados destes grupos políticos solidários às causas dos negros. Ignorar movimentos anticoloniais e suas atividades nas colônias, bem como utilizá-los apenas de maneira artificial sem o devido comprometimento seriam práticas a serem rechaçadas. Este aspecto também se dirigia às propagandas coloniais que insistiam na incapacidade dos indivíduos coloniais negros em administrar seus interesses de maneira autônoma.

O IASB considerava a adesão de europeus simpáticos às causas da organização, bem como de membros de 'outras raças' que desejassem demonstrar apoio em termos práticos às causas em questão. Isto fez com que o IASB se fundasse em uma plataforma afrocentrada em suas produções e opiniões, mas multirracial em sua composição mais ampla. Outro aspecto importante da organização era seu caráter classista, observando as clivagens de classe em seus posicionamentos críticos, inclusive em relação às "classes profissionais de negros e das classes médias intelectuais negras" defensores de políticas de melhorias materiais do povo negro desvinculadas de caráter revolucionário. Seguindo as articulações transnacionais e experimentadas desde a década de 1920, correspondentes asiáticos e indianos contribuíam ao jornal com relatos e pontos de vista destacados nas páginas do *International African Opinion*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Assim como os apoiadores brancos que figuravam em suas páginas com contribuições literárias. Entretanto, o IAO fazia questão de manter sua postura autônoma e independente em relação a seus apoiadores e patrocinadores. Segundo Wallace Johnson, um dos maiores obstáculos rumo ao sucesso da luta anticolonial era "a falta de contato direto (...) entre os povos coloniais, os aliados dentre o público britânico, e os povos descendentes de africanos"[455].

Diante das comemorações do centenário do movimento Cartista, responsável por produzir um documento dos trabalhadores britânicos no século XIX que demandava direito ao sufrágio universal dos homens, abolição do caráter censitário de elegibilidade ao Parlamento, e outras medidas reformistas, o editorial criticava as contradições do Império britânico. Afirmavam que quando os negros coloniais alcançassem estes direitos, conquistados por trabalhadores brancos há um século, seria um estágio intermediário que lançaria as bases para os objetivos principais de libertação dos negros. A negação destes direitos aos negros era denunciada enquanto parte do caráter racista do projeto imperialista, que tratava indivíduos coloniais negros enquanto cidadãos de segunda classe ou, simplesmente os negava por completo qualquer cidadania. O objetivo final referido no editorial seria a autonomia dos negros a partir da automobilização popular e de um socialismo radical revolucionário. Esta autonomia e sua consequente mobilização seriam responsáveis por promover greves gerais, apresentar candidaturas em conselhos municipais e disputar representação nas instâncias governamentais. O IAO apresentava-se enquanto o advogado metropolitano dos levantes de trabalhadores nas colônias, tais quais aqueles que aconteceram no Caribe e na África no fim da década de 1930.

Os líderes do IASB possuíam como propósito assistir de diversas formas africanos e seus descendentes contra a opressão sofrida nos campos: social, político e econômico, bem como no que tange à educação. Propunham-se a trabalhar junto às instâncias de trabalhadores brancos radicais, grupos políticos trabalhistas e membros do Parlamento, a fim de disputar e acompanhar as políticas coloniais em seu nascedouro, a metrópole britânica. Pretendiam construir um movimento anticolonial amplo, baseado na luta das classes trabalhadoras mundiais. Em um de seus panfletos anunciavam que a organização intencionava trabalhar ao lado de "aliados ingleses e raças subjugadas" e "co-operar com todos os pacifistas democráticos e forças dos trabalhadores que desejassem o avanço dos africanos". Ou seja, agiam programaticamente em direção a melhor informar a opinião pública britânica com os

[455] Minkah Makalani. **In the Cause of Freedom Radical Black Internationalism from Harlem to London, 1917–1939**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2011, p. 213.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

pontos de vistas africanos, e estabelecendo articulações entre os africanos da África (*at home*) e africanos de alhures (*abroad*). O IASB também buscou, a partir das trocas de informações entre os negros da diáspora, construir uma "teoria da emancipação colonial" independente e autônoma em relação à Segunda Internacional Socialista, bem como à Terceira Internacional. Este posicionamento epistemológico produziu obras de *teoria política e histórica*, tal qual afirmou Anthony Bogues. Os membros do IASB, com destaque para C.L.R. James, souberam combinar e articular suas teorizações sobre as lutas anticoloniais, sobre o anti-imperialismo e sobre o racismo.Mas foi Padmore quem colocou este vocabulário político,*africano* e *internacional*,a*serviço* das conexões intercoloniais, algo que já havia iniciado com Garan Kouyaté nos anos finais de seu vínculo com o Comintern[456].

O primeiro editorial do *International African Opinion* é importante também para que se perceba o caráter implícito no termo *serviço* da organização. Enquanto um *serviço africano* disponível às lutas anticoloniais e aos negros da diáspora o que o jornal poderia oferecer? A resposta envolve o estudo da questão colonial e sua teorização, sob o ponto de vista epistemológico dos africanos. A promoção de uma consciência política *africentrada*[457], e articulações entre os movimentos coloniais e as metrópoles através de publicações nas páginas do jornal, mas também de ações práticas concretas. O serviço prestado também se configuraria através do debate sobre estratégias e coordenação políticas, do apoio financeiro às lutas anticoloniais na África, e também da propaganda anticolonial na Europa.

Ainda sobre o caráter do *serviço* da organização, esta alcunha se dava estrategicamente em um cenário no qual qualquer organização que não estivesse alinhada com a Frente Popular poderia facilmente ser taxada de fascista. T. Ras Makonnen afirma que em 1937,

> nós naturalmente considerávamos a possibilidade de reativar o movimento Pan-Africano iniciado por Du Bois, mas nos parecia mais seguro operar sob o guarda-chuva do serviço ao invés de assumir o risco de receber ataques frontais enfatizando o ousado título de Pan-Africano[458].

---

[456] C.L.R James, 1958, p. 38; "Our Policy," **African Sentinel**, Out/Nov 1937, p. 1; T. Ras Makonnen. **Pan-Africanism from Within**. Oxford University Press. 1973. p. 117; George Padmore. **Pan-Africanism or Communism?** London: D. Dobson, 1956, p. 147; John Hooker. **Black Revolutionary**: George Padmore's Path from Communism to Pan-Africanism. New York: Frederick A. Praeger, 1967. p. 49; Brent Edwards. **Practice of DiasporaLiterature, translation, and the rise of black internationalism**. Cambridge, Massachussetts and Londres: Harvard University Press, 2003, p. 303.

[457] O termo aqui empregado remete às categorias e visões que buscavam partir de pontos de vista *africanos*, ainda que formulados por negros da Diáspora que se assumiam enquanto africanos, entretanto, busca se diferenciar da perspectiva afrocêntrica apresentada por Molefi Asante a partir de sua publicação *Afrocentricity: The Theory of Social Change*, em 1980.

[458] T. Ras Makonnen, 1973, p. 117.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

O editorial do IAO, assim como o do *Negro Worker*, também é categórico em afirmar que o jornal não irá se tratar de "um jornal literário ou portador de conselhos do alto da montanha. Será jornal de ação". Isto não significa, contudo, que o jornal irá negligenciar o debate político e teórico em suas páginas. Textos como os de George Padmore, *Labour Unrest in Jamaica*, de Makonnen, *A Plea for Negro Self Government*, trazem debates políticos sofisticados e densos, da mesma maneira que é possível encontrar resenhas literárias de livros como *Facing Mount Kenya*, de Jomo Kenyatta, ou de Richard Wright, *Uncle Tom's Children*, e poemas de Langston Hughes. O jornal, e a organização consequentemente, serviam enquanto armas efetivas de disputa política no mundo global. E este direcionamento deve ser atribuído à obra e arquitetura de Padmore.

O jornal e a organização, neste sentido, assumem as características epistemológicas das encruzilhadas da diáspora. Definindo-se por seu poder de comunicador entre os mundos colonial e metropolitano, mas não sendo apenas um mediador, mas também um produtor de linguagens e teorias. Uma plataforma criadora de um vocabulário próprio e afrocentrado que dinamizou e mobilizou as lutas anticoloniais. Linguagens e teorias capazes de subverter a ordem do mundo Imperial, proponentes de outros olhares. Uma plataforma que articulou versões e narrativas de Impérios distintos, versões de grupos políticos distintos em prol de uma luta pensada em comum. Uma luta comum, ainda que apresentada distintamente em cada país, dispersa através do globo por obra do imperialismo e das linguagens. O jornal tentou dar conta de traduzir estes descompassos criando um ordenamento diante da *décalage*, mencionada por Brent Hayes Edwards.

A epistemologia das encruzilhadas nos auxilia na identificação do projeto diaspórico original e internacionalista capitaneado por George Padmore e C.L.R. James no IASB. Resgatando as contribuições de Exu e suas mitologias, que apontam para o caráter deslocado, para as artimanhas, para tudo que sempre deve ser observado para além do que parece: como compreender esta organização autoproclamada *internacional* e *africana*, "desenvolvida apenas por africanos", mas comandada por dois caribenhos? O caráter africano trazido na alcunha da organização não significa um apego às raízes ou às essências. Tampouco aos componentes consanguíneos e biológicos, afastando-se de qualquer possível interpretação racialista, tal qual mencionado no editorial. Rejeitando quaisquer chauvinismos raciais, ou substituição da arrogância racial branca por uma negra. A produção intelectual de James durante seu vínculo com o IASB e sua estadia em Londres significou, também, uma complexificação da questão racial em suas análises sobre o imperialismo e de sua crítica marxista.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

A relação entre classe e raça era fundamental para ambos os intelectuais para que se compreendesse o domínio epistemológico que os negros sofriam. Ao avaliar as falhas de Toussaint L'Ouverture na sequência da reconquista da ilha, C.LR. James sugeria que "sua falha foi a falha da ilustração [*enlightenment*], e não da escuridão [*darkness*]"[459]. Já Dessalines, "conseguia vislumbrar clara e simplesmente"[460] o caminho para a emancipação completa, porque "os laços que vinculavam este soldado sem educação à civilização francesa eram mais tênues"[461]. Assim como Toussaint L'Ouverture, que recebeu educação e treinamento dos colonizadores franceses e se portava de certa forma dentro dos padrões da ilustração ocidental, os indivíduos da elite caribenha também recebiam uma educação britânica. O impacto da diáspora e de seus cruzamentos e caminhos foi tão forte para James durante sua estadia em Londres que, em um apêndice adicionado ao livro em 1963, afirma que os caribenhos "sempre foram educados nos padrões ocidentais"[462], e consequentemente confinados "a uma faixa territorial muito estreita"[463]. A saída para emancipação, portanto, era romper com estes limites e partir alhures. A Diáspora Negra e os encontros por ela proporcionados providenciariam o segundo passo para a libertação: "livrar-se dos estigmas de que tudo aquilo que é africano é inferior e degradado. O caminho para a identidade nacional das Índias Ocidentais encontra-se na África"[464].

Esta afirmação de C.L.R. James não deve ser compreendida enquanto um clamor nacionalista ou um direcionamento essencialista rumo a uma identidade africana ancestral. Esta afirmação reside na sua compreensão do momento presente das lutas por emancipação dos negros do colonialismo e do imperialismo e das lutas dos trabalhadores contra o capitalismo e contra o racismo. A consciência racial ancorada nos fluxos da Diáspora Negra era fundamental para a libertação colonial, pois reposicionava o continente africano no centro da luta internacional, lançava novas luzes sobre a luta de classes, a natureza do capitalismo e as estruturas raciais específicas às quais os negros foram submetidos ao longo da história. James e Padmore sempre lançaram mão de análises historiográficas sobre a história da África e dos seus descendentes em suas obras de intervenção política mais imediata. Souberam coordenar às análises históricas, novas categorias e olhares epistemológicos, e propostas teóricas para intervenção no presente. Segundo Anthony Bogues, C.L.R. James e Du Bois produziram "textos históricos de intervenção política radical" e os nomeia como "obras de

[459] C.L.R. James, 1938, pp.197–98.
[460] Ibidem, pp. 239-240.
[461] Ibidem, p. 288.
[462] Ibidem, p. 402.
[463] Idem.
[464] Idem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

teoria histórica e política".[465] James propunha enquanto teoria para a Revolução Africana, que a força das lutas populares deveria ser valorizada. A luta não deveria ser esperada dos doutores, advogados ou intelectuais, mas "dentre os recrutas na força policial negra, no sargento do exército francês dos nativos, na polícia britânica (...) lendo um panfleto de Lênin ou Trotsky como fez Toussaint ao ler Abade Raynal"[466].

George Padmore e C.L.R. James reivindicam uma identidade africana, ainda que não fossem africanos. E se não o foram, foi apenas por obra de seus locais de nascimento. Mas tornaram-se por obra de sua militância. No caso de James por assumir ao longo de sua trajetória a causa da revolução africana. No caso de George Padmore, além de sua militância, também por obra de sua morte, ao ser enterrado em solo ganês. Esta assunção da identidade africana surge juntamente com uma produção intelectual destes autores afrocentrada e proponente de um novo lugar para o continente africano e aqueles que de lá vieram, tanto no campo epistemológico, quanto no campo político. C.L.R. James, por exemplo, em sua obra, *Jacobinos Negros*, atua de maneira inovadora seja ao considerar os negros da ilha de Santo Domingo sujeitos modernos submetidos a condições de produção e dinâmicas políticas igualmente modernas no século XVIII; quanto ao considerar que o continente africano, na década de 1930, estava pronto para realizar a Revolução anticolonial que promoveria um golpe no imperialismo ocidental.

Ainda sobre o caráter *africano* do *International African Service Bureau*, ele traz em seu bojo um tom eminentemente internacionalista. C.L.R. James, por exemplo, longe de ignorar as contribuições dos sujeitos coloniais africanos e suas lutas através de uma retórica elitista ou paternalista, considera a luta anticolonial dos sujeitos africanos e suas contribuições ao anti-imperialismo. Considerações estas feitas a partir de concepções genuínas de automobilização das massas e autonomia dos movimentos coloniais nos rumos das lutas contemporâneas. Tal como George Padmore que nas páginas do *Negro Worker* endereçava-se aos africanos e seus descendentes, "nossos irmãos negros [*black brothers*]" através do pronome "nós". O editorial do IAO segue afirmando o caráter amplo de suas lutas que se espraiavam para o anticolonialismo e para o antifascismo pensados de maneira global e internacional. Isto era baseado na luta contra as forças da reação no mundo contemporâneo e numa postura que rechaçasse o epistemicídio dos negros. O IAO declarava que,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

[465] Anthony Bogues. **Black Heretics, Black Prophets**: Radical Political Intellectuals. Psychology Press, 2003, pp. 78- 81.
[466] Minkah Makalani. **In the Cause of Freedom**: Radical Black Internationalism from Harlem to London, 1917-1939. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2011, p. 223.

> Nós não possuímos uma visão isolada de nossas tarefas. Com as lutas da Revolução Espanhola, com as lutas da China contra o Japão, com as lutas da Índia por independência, e junto das lutas dos trabalhadores de qualquer lugar contra o Fascismo em todos os seus aspectos, nós nos unimos não apenas nas palavras, mas em ações, e nos empenharemos em fazer despertar em nosso povo a consciência do destino comum de todos os oprimidos de qualquer nacionalidade ou raça. Organizações internacionais de todas as formas de combate são necessárias e devem ser o objetivo de todas as pessoas cônscias hoje em dia. Mas isto não será alcançado pela repetição abstrata de formas e palavras, comprometidas com uma proto-consciência que negue as aspirações dos africanos e suas necessidades, será apenas alcançado através da mútua confiança e do respeito com base na completa igualdade, do aprendizado das discussões, no compartilhamento honesto das lutas e de seus perigos e na assistência recíproca e generosa[467].

O jornal propõe que a prática transnacional seja operada com base na igualdade e seja desprovida do olhar colonialista em direção aos africanos. Desta maneira o jornal propõe que as lutas transnacionais antifascistas e anticoloniais ocorram dentro de um ambiente decolonial. O internacionalismo negro poderia, assim, contribuir para as lutas internacionais com sua autonomia ideológica e particularidade epistemológica.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

[467] EDITORIAL. **International African Opinion**. no. 1, julho de 1938, p. 4.

7
O Congresso pan-africano de Manchester e o pós-Guerra II

> Passado o terceiro aniversário da declaração de Guerra o pensamento dos homens e dos homens de governo, particularmente na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, estão concentrados não apenas no conflito e na vitória sobre o Nazi-Fascismo, mas na reconstrução do pós-Guerra e em uma nova política para a humanidade – para toda humanidade
>
> George Padmore e Nancy Cunard, *White Man's Duty*, 1942

7.1
A Segunda Guerra Mundial e as periodizações do anticolonialismo

Afirmar que a Segunda Guerra Mundial exerceu impacto sobre a história do continente africano e de sua relação com o colonialismo europeu na África é inquestionável. A compreensão do conflito mundial que teve duração de 1939 até 1945 enquanto um marco, entretanto, não deve deixar de lado os processos mais amplos e contextos mais largos relacionados às lutas anticoloniais. É importante repensar as periodizações da primeira metade do século XX em relação ao pensamento radical negro, a diáspora e suas demandas por libertação e críticas ao imperialismo ocidental. Considerar a Segunda Guerra Mundial enquanto um marco que dá início aos movimentos anticoloniais e suas batalhas por liberdade e soberania é negligenciar a atuação dos movimentos anticoloniais do período entreguerras. Considerar a Segunda Guerra Mundial enquanto o ponto de chegada dos efeitos iniciados pela Primeira Guerra Mundial, por sua vez, também é negligenciar a agência do internacionalismo negro.

Também é preciso repensar o pós-Guerra II e mais particularmente o ano de 1960, quando 17 colônias da África subsaariana se tornam independentes. Considerar por sua vez que o processo de descolonização do continente africano se inicia apenas em 1945, e que o Socialismo Africano proposto pelos Estados Nacionais recém-independentes representa uma dinâmica do novo concerto do mundo bipolar e da Guerra-Fria, também é negligenciar os contatos que o internacionalismo negro nutriu com o Comunismo Internacional e a União Soviética desde a década de 1920. Neste sentido, também devemos repensar o ano de 1955 e a Conferência de Bandung, na Indonésia, enquanto o marco de um posicionamento

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

alternativo dos países não-alinhados liderado pelos países asiáticos em resposta à Guerra-Fria. O ano de 1945 e o Quinto Congresso Pan Africano de Manchester, já apontavam para a tônica dos movimentos anticoloniais anteriores à década de 1940 em articular-se entre África, Ásia, Caribe e América. Também devemos considerar as discussões sobre raça e racismo gestadas no interior dos movimentos anticoloniais desde a década de 1920, suas críticas ao fascismo e sua relação com o Imperialismo compreendendo desta forma que os intelectuais negros da diáspora já ofereciam críticas ao racismo ocidental antes das discussões posteriores aos efeitos do Nazismo.

Entretanto, ainda que se possa pensar em certa continuidade em relação aos impactos que as duas Guerras Mundiais exerceram sobre movimentos anticoloniais, não se deve desconsiderar a particularidade da Segunda Guerra Mundial em relação ao conflito mundial de 1914. A Primeira Guerra Mundial também mobilizou colônias tendo em vista os esforços de guerra, seja com tropas formadas por sujeitos coloniais, seja com recursos materiais provenientes das colônias, e também esteve ligada a uma retórica de autodeterminação e soberania nacional.[468] Seguindo esta narrativa, os dois conflitos mundiais podem ser colocados em um processo mais amplo de fortalecimento de uma retórica da autodeterminação enunciada pelas potências imperiais em concomitância com o fortalecimento do anticolonialismo. Desta maneira, os impactos da Segunda Guerra Mundial no movimento anticolonial seriam uma decorrência da Primeira Guerra Mundial, e os movimentos anticoloniais, por sua vez, apenas teriam aproveitado a crise do colonialismo europeu para demandar liberdade.

É preciso observar, entretanto, que uma retórica que demandava liberdade do continente africano e de seus descendentes e soberania transnacional já era enunciada por intelectuais negros internacionalmente desde o início do século XX, sobretudo, em textos e posicionamentos de W.E.B. Du Bois e dos Congressos Pan-Africanos por ele organizados. Os discursos antirracistas e mobilizados a partir de uma noção de solidariedade racial diaspórica já se articulavam com um conceito de Nação pensado fora dos padrões da modernidade

[468] O presidente Woodrow Wilson manteve uma postura de neutralidade durante os três primeiros anos da Grande Guerra Mundial durante sua campanha à reeleição em 1916. Durante as negociações que visavam apontar os caminhos posteriores à Guerra Wilson exerceu grande influência internacional apresentando a necessidade de mecanismos internacionais de arbitragem e cooperação internacional baseados em dois princípios: que as medidas tomadas fossem nacionais ou internacionais estivessem amparadas na legitimidade popular, ou na frase de Wilson "no consentimento dos governados"; e que as nações deveriam se relacionar a partir de postulados da igualdade. "Acreditamos que qualquer povo possui o direito de escolher sob qual soberania deseja viver". A partir de 1918, Wilson passou a utilizar, ao lugar do "consentimento dos governados", o direito dos povos à autodeterminação. Ver Erez Manela. **Wilsonian Moment**: Self-Determination and the Origins of Anticolonial Nationalism. Nova Iorque, Oxford University Press, 2007, pp. 22-23.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

ocidental européia. A Nação dos negros da diáspora era uma Nação transnacional e internacionalista, pois seria este arranjo identitário ligado ao passado histórico comum e à referência ao continente africano que lhes permitia evocar sua soberania. Esta soberania, por conseguinte, se apresentava de maneira diferente da soberania que pautava as relações entre os Estados Nacionais ocidentais que encontravam reconhecimento e fórum de arbitragem na Liga das Nações. A liberdade que reivindicavam também seria uma liberdade mais radical, pois avançava para campos ainda restritos ao mundo ocidental branco.

Também é necessário observar a intensa mobilização de trabalhadores nas colônias, desde a década de 1920. Este processo, segundo Frederick Cooper, do ponto de vista das discussões e estratégias sobre organização e mobilização sindical, ultrapassou o cenário europeu[469]. A presença mais expressiva de temas relacionados ao mundo do trabalho nos textos de intelectuais negros radicais desde a década de 1920 também recoloca a importância do período entreguerras para análise das críticas à exploração capitalista da mão-de-obra negra e dos povos de cor nas colônias. Pois, como visto nos textos de George Padmore e C.L.R. James, as reflexões sobre a modernidade dos povos coloniais e as formas as quais seriam necessárias para acessar tal modernidade já estavam colocadas antes do pós-Guerra II e as teorias de modernização que marcaram os rumos econômicos dos países africanos recém independentes.

O processo de internacionalização de ideias e panfletos por parte dos intelectuais negros da diáspora também atuou no sentido de ampliar as repercussões das ações das potências européias entre os movimentos anticoloniais e anti-imperiais. A rede de jornais e publicações capitaneadas por intelectuais negros e negras foram fundamentais neste processo. O que se sugere, portanto, é que a primeira metade do século XX seja repensada em sua periodização tendo em vista, a ação do internacionalismo negro e não apenas da geopolítica européia e ocidental. O fim da Segunda Guerra Mundial não será pensado enquanto um ponto de chegada da crise dos Impérios coloniais europeus, tampouco enquanto o início do anticolonialismo, mas enquanto uma data importante que marca uma inflexão. Uma inflexão que se dá em meio a um processo que teve início nas primeiras décadas do século XX.

Esta inflexão que se deu no interior do movimento internacionalista negro e concretizou-se no movimento Pan-Africano teve grande influência das articulações de George Padmore a partir, sobretudo, da década de 1920. Esta inflexão ocorreu em decorrência de estratégias articuladas de maneira que o anticolonialismo e o anti-

[469] Frederick Cooper. **Decolonization and African Society**: The Labour Question in French and British Africa. Cambridge, Cambridge University Press, 1996, parte I.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

imperialismo enfraquecessem os Impérios Coloniais, tanto em suas metrópoles, quanto nos territórios coloniais. George Padmore e sua trajetória intelectual e política possibilitam que se trace um processo que se inicia nos anos 1920 com o internacionalismo negro e culmina em 1957, com a independência da Costa do Ouro, que passaria a se chamar Gana sob a liderança Pan-Africanista de seu companheiro de militância Kwame Nkrumah. A independência de Gana é importante, pois abre o caminho para que, três anos depois, em 1960, outros 17 países da África Subsaariana se tornem igualmente independentes diante do colapso do colonialismo europeu. O que se espera com este capítulo é compreender de que forma as oportunidades disponibilizadas pela Segunda Guerra Mundial ao internacionalismo negro foram aproveitadas por George Padmore e os movimentos anticoloniais. Também se espera compreender como George Padmore atuou de maneira que este evento se tornasse oportunidade efetiva de transformação para o internacionalismo negro e, por conseguinte, da ressignificação do movimento Pan-Africano em suas críticas anticoloniais e anti-imperiais.

Os textos de George Padmore permitem identificar como este intelectual interpretou e articulou os atos de fala do governo britânico durante a Segunda Guerra de forma que uma retórica vinculada aos clamores por liberdade e democracia fosse exaltada e também servisse ao discurso anticolonial para atacar o imperialismo de forma organizada e contundente. George Padmore ressignificou diversos conceitos e imprimiu outro direcionamento às bandeiras de liberdade, democracia, desenvolvimento e emancipação ao longo da década de 1940. Além disso, Padmore soube projetar em seu horizonte de expectativas possibilidades até então impensadas para os povos coloniais de maneira global, propondo novos rumos para o Estado Nacional, para a democracia, para o desenvolvimento econômico e para os negros e povos de cor. Este horizonte de expectativas foi vislumbrado e articulado, por Padmore, a partir dos idiomas políticos ocidentais que defendiam os valores liberais democráticos pelas potências européias, pois Padmore soube avaliar que estes discursos também traziam em sua construção projeções para o pós-Guerra II que apontavam para a reforma e o aprimoramento do próprio sistema político ocidental.

É fundamental levar em consideração as críticas feitas por Padmore à retórica universalista européia, sobretudo na Carta do Atlântico, assinada por Winston Churchill e Franklin D. Roosevelt, em agosto de 1941. Diante da crise do sistema Ocidental percebida pelos próprios líderes destas nações neste contexto de conflito, Padmore não vacilou em apresentar uma visão internacionalista negra, que a partir da década de 1940 se apresenta enquanto uma solução, de fato, Pan-Africana para o mundo do pós-Guerra II. “Se os setores progressistas do povo britânico entendem que não existem caminhos para seu devir sob o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

sistema existente, isto é muito mais claro nas Colônias!"[470]. Cabe lembrar que desde a década de 1930 os intelectuais negros já apresentavam caminhos distintos para a superação da modernidade européia, ainda que em forte diálogo criativo com o marxismo e a experiência soviética. George Padmore soube capitalizar o discurso doméstico de melhoria das condições sociais e econômicas – que inclusive concedeu ao Partido Trabalhista inglês uma vitória eleitoral em 1945 – que foi uma marca do discurso britânico entre 1939 e 1945, mas também a retórica imperial de que o projeto colonial iria transformar os sujeitos coloniais em europeus. Neste sentido, os movimentos anticoloniais também se deram conta de seu papel nas proposições de futuro, já que esta transformação não teria como objetivo simplesmente transformar sujeitos coloniais em europeus, mas como a pesquisa de Saliha Belmessous aponta, em europeus melhorados.[471]

O ano de 1945, portanto, reunindo tantos eventos emblemáticos para os movimentos anticoloniais e para George Padmore, especificamente, representa a chave através da qual é possível compreender tanto os quinze anos anteriores, quanto os quinze anos posteriores a esta data. A partir de questões específicas recolocadas ao fim da Segunda Guerra Mundial, ao Congresso Pan-Africano de Manchester e às eleições do Partido Trabalhista inglês e a derrota dos conservadores, é possível compreender tanto as continuidades nos movimentos anticoloniais entre as décadas de 1930 e 1960, bem como a inflexão operada por George Padmore no internacionalismo negro rumo a um Pan-Africanismo baseado em aspectos socialistas e revolucionários que será fundamental no processo de descolonização do continente africano. Este momento também é crucial para se dê conta de pensar em duas questões importantes relacionadas à guerra e à descolonização: De que maneira a Guerra alterou a percepção da metrópole de seu Império Colonial e do colonialismo? De que forma os povos coloniais se transformaram diante da Guerra?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

7.2
As Colônias e o esforço de Guerra

A Segunda Guerra Mundial faz com que George Padmore repense a relação entre metrópole e colônias ao compreender – mas também em propor estrategicamente – que as

[470] George Padmore e Nancy Cunard. **White Man's Duty**: an analysis of the colonial question in the light of the Atlantic Charter. Londres: W.H. Allen & Co. London, 1942, p. 44.
[471] Saliha Belmessous. **Assimilation and Empire**: Uniformity in French and British Colonies, 1541-1954. Oxford: Oxford University Press, 2013, pp. 2-3.

colônias teriam alto valor estratégico para as metrópoles. A partir do início da década de 1940, Padmore já compreendia que o mundo posterior ao conflito mundial seria, do ponto de vista geopolítico, diferente de tudo que até então existia. Padmore antes da década de 1940 enxergava o conflito iminente com as lentes marxistas da Revolução e da crise dos Impérios. Com o decorrer da Segunda Guerra Mundial modifica sua visão e reorienta sua estratégia, ainda que mantenha a mesma tática anticolonial e anti-imperial. A atuação de Padmore neste contexto será marcada pela combinação de ceticismo e esperança. A concepção de Revolução de George Padmore afasta-se das soluções radicais e, inclusive, violentas, para o caminho da negociação junto aos poderes imperiais. Entretanto, o intelectual não se afasta do marxismo enquanto leitura privilegiada da história e dos eventos.[472] É exatamente o marxismo que faz com que Padmore reordene suas estratégias de Revolução diante de um novo arranjo geopolítico global.

O apelo que as potências imperiais estariam fazendo para que os sujeitos coloniais se juntassem na batalha por democracia, liberdade e contra o fascismo, portanto, servirá de insumo para que seu discurso anticolonial cobre do governo britânico a extensão destes valores nos territórios coloniais. Para Padmore a ascensão do fascismo na Europa e a ocupação de territórios europeus pelas forças nazistas aconteciam em função da incapacidade destas potências européias compreenderem a relação entre o direito dos povos coloniais à autodeterminação e à democracia européia. Antes mesmo de Winston Churchill e Roosevelt formularem a Carta do Atlântico e proporem a autodeterminação enquanto um valor, Padmore já denunciava, em 1940, que a auto-determinação era um slogan oportunista aplicável apenas às nações européias[473].

Após 1939, o IASB havia se dispersado e a organização passou a atuar de maneira menos intensa durante os anos de conflito. A declaração de entrada na Guerra alterou o cotidiano dos ativistas anticoloniais na metrópole e nas colônias. Para além de todas as dificuldades ligadas aos bombardeios e conflitos, no dia 25 de agosto de 1939 a Casa dos Comuns aprovou o Ato dos Poderes de Emergência. Tais medidas obrigariam Padmore a reavaliar sua atuação anticolonial. Quaisquer manifestações públicas, orais ou de qualquer natureza que influenciassem opiniões contrárias aos interesses da coroa ou dos esforços de guerra seriam severamente punidos. Medidas que visavam reduzir a atuação específica de

[472] Hakim Adi aponta para a permanência da concepção marxista em George Padmore até os anos finais de sua vida. Ver Hakim Adi. "George Padmore and the 1945 Manchester Congress". In: Rupert Lewis e Fitzroy Baptiste (org.) **George Padmore**: Pan-African Revolutionary. Jamaica: Ian Randle Publishers, 2009, p. 89.
[473] Susan Pennybacker. **From Scottsboro to Munich**: Race and Political Culture in 1930s. Princeton: Princeton University press, 2009, pp. 86-87.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

grupos políticos mais radicais também foram tomadas tendo em vista a *British Union of Fascists* e o *Communist Party of Great Britain*. Com isso as manifestações públicas na Trafalgar Square, prática comum do IASB desde o fim da década de 1930, tiveram que cessar. Durante a Guerra Padmore viu sua atuação como jornalista reduzida por conta do contexto da guerra, da escassez de papel, das dificuldades de impressão. Porém, investiu na leitura sobre assuntos militares e estratégicos. Grande parte dos livros pessoais de Padmore, hoje localizados em Accra, Gana, possuem data de edição do período da Guerra.

Este cenário faz com que Padmore aproxime-se de lideranças mais moderadas e de organizações progressistas britânicas. Contudo, seus objetivos ainda se mantêm vinculados à libertação do continente africano, ao fortalecimento do movimento dos trabalhadores coloniais e de uma agenda socialista que combatesse o capitalismo e o imperialismo. A leitura que Padmore fazia do conflito mundial era amplamente baseada nas análises de Lênin sobre o Imperialismo. Até meados da década de 1940, Padmore se manterá um revolucionário que acreditava que a derrocada do sistema europeu viria a partir do conflito entre as potências imperiais, que por sua vez trariam a ruína ao sistema possibilitando a Revolução. A Revolução nas metrópoles e nas colônias iria por fim ao imperialismo e derrotar o fascismo.

A leitura que Padmore faz da Segunda Guerra enquanto sendo esta uma guerra Imperialista, ajudou a reposicionar as colônias e sua função no Império. O professor da King's College, em Londres, Ashley Jackson aponta em seu livro *The British Empire and the Second World War* que o Império britânico lutou a Segunda Guerra Mundial enquanto um Império Colonial Unido.[474] Esta percepção também era partilhada à época pelo governo imperial como forma de angariar apoio dos povos coloniais ao esforço de guerra. Em 1940 uma emissão de rádio o Secretário de estado para os assuntos coloniais Malcom McDonald declarou que o esforço de guerra britânico sustentava-se em um império colonial unido formado por todos os territórios do Império Britânico. Diante da importância dada a este Império Colonial pelo governo britânico, Padmore passou a enumerar e caracterizar os esforços de guerra que as colônias britânicas disponibilizavam desde a Primeira Guerra Mundial[475]. O que chama atenção nos textos de Padmore é que, ainda que fosse frontalmente contrário ao esforço de guerra por parte das colônias, ele irá se valer desta demonstração de lealdade para com o Império a fim de reivindicar autodeterminação.

[474] Ashley Jackson. **The British Empire and the Second World War**. Londres: Continuum, 2006, pp. 21-22
[475] Our London Correspondent. **Colonial Aid to Britain in Great War**, Vanguard 16 de março de 1940.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Padmore também conseguia vislumbrar, em meio à aproximação de Inglaterra e Estados Unidos a partir de acordos militares, a possibilidade de maiores contatos entre os negros americanos e os Caribenhos. Em 1941 o presidente Franklin D. Roosevelt aceitou ceder alguns destroyers em troca da possibilidade de implantar bases aéreas em territórios britânicos da Guiana até Newfoundland, hoje território do atual Canadá. O acordo foi criticado por Padmore, mas em seguida ao acordo Padmore escreveu para Alain Locke esperançoso de que isto servisse para aproximar afroamericanos dos negros caribenhos. Padmore sugere, então que seja criada uma associação que disponibilizasse bolsas de estudos nos Estados Unidos para caribenhos das Índias Ocidentais, organizasse seminários, colóquios e publicações para popularizar o projeto. Este episódio marca a postura de Padmore diante das ações das potências imperiais durante a Segunda Guerra. Sem deixar de criticar publicamente acordos orquestrados pelo poder imperial sempre buscava transformar os passos e ações imperiais em favor das lutas transnacionais em prol da libertação do continente africano e dos negros. Outro aspecto marcante é a importância dada à promoção da pesquisa intelectual e dos estudos orientados pela diáspora amparados por uma cadeia de publicações impressas que tivessem circulação global entre os negros e africanos.

O encontro entre Churchill e Roosevelt em 1941 também alinhou as diretrizes que seriam publicadas na Carta do Atlântico. Esta carta-manifesto seria o libelo da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos em favor do "direito de todos os povos escolherem a forma de governo sob a qual desejam viver". Estas palavras foram recebidas no mundo colonial com entusiasmo e esperança. A *West African Students Union*, procurando certificar-se do teor da Carta, convidou o então deputado Clement Atlee para que expusesse que a Nova Ordem anunciada a partir do antifascismo compreenderia os povos coloniais. O deputado do Partido Trabalhista, que por conta da Guerra havia deixado de fazer oposição aos Tories, assegurou que os princípios enumerados por Churchill e Roosevelt não fariam distinção racial. Clement Atlee declarou que,

> Vocês não encontrarão nas declarações que foram feitas em nome do Governo deste país durante a Guerra qualquer sugestão de que a liberdade e a seguridade social pelas quais estamos lutando devam ser negadas a quaisquer raças da humanidade. Nós estamos lutando esta Guerra não apenas por nós, mas por todos os povos[476].

[476] George Padmore. **Atlantic Charter Not Intended for Colonies**. The Militant, 14 de março de 1942, p. 3.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Após a fala do deputado o jornal *Daily Herald* publicou a manchete "*The Atlantic Charter – It Means Darker Races*". Assim como os africanos, a imprensa branca internacional também interpretou a fala do deputado como sendo um posicionamento do Gabinete da Guerra. No interior da matéria o jornal publicou que "os povos de cor, assim como os brancos, compartilharão os benefícios da Carta do Atlântico de Roosevelt e Churchil". Padmore segue em seu artigo apontando que esta foi a melhor notícia para as colônias desde a Guerra e gerou entusiasmo entre os 500 milhões de pessoas de cor do Império. Padmore comenta, não sem certa dose de cinismo, que "até que enfim a Grã-Bretanha aceitou a igualdade das raças enquanto um princípio fundamental de sua Nova Ordem"[477].

Entretanto, Churchill não tardou em vir a público, no dia 9 de setembro de 1941, reiterar que a carta referia-se aos países europeus, territórios nos quais tais direitos foram retirados pela ofensiva nazi-fascista e, portanto, deveriam ser restabelecidos. Churchill, certamente em resposta ao posicionamento dos movimentos anticoloniais que reagiram prontamente à Carta do Atlântico, afirmou que o tema da *progressiva evolução* do autogoverno dos territórios coloniais tratava-se de outra questão. As declarações do primeiro ministro revelavam para Padmore a intenção dos Tories na perpetuação do imperialismo e do domínio colonial mesmo após a derrota de seu rival, o imperialismo da Alemanha. Desta maneira, em seguida às expectativas criadas em torno da Carta do Atlântico sucedeu-se o ceticismo e necessidade de reavaliar as rotas do anticolonialismo para o pós-Guerra II. Em 5 de novembro de 1941, o "importante órgão nacionalista do Oeste Africano", *West African Pilot*, do líder nigeriano Namdi Azikiwe, expressou perplexidade diante de tal postura do primeiro ministro em um momento no qual os povos coloniais pagavam o alto custo de uma guerra destrutiva e sem precedentes com suas vidas e recursos materiais. A postura do Ministro foi tomada enquanto uma "revelação". Em seguida se perguntava, "O que, neste momento, devemos esperar de nosso destino depois da guerra?" [478].

As palavras de Winston Churchill, entretanto, não deram conta de impedir que a defesa da autodeterminação fosse reivindicada pelas nações envolvidas de alguma forma na Guerra. Padmore soube efetuar um lance neste momento e ampliar os debates em torno da questão das possibilidades de liberdade colonial oferecidas pela Carta do Atlântico para além do Império britânico ao ser lido por ativistas negros dos Estados Unidos, como aponta Penny

[477] Idem, ibidem.
[478] George Padmore. **No Atlantic Charter for Colonies**. New Leader 24 de janeiro de 1942, p. 3.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Von Eschen.[479] No ano seguinte a Carta do Atlântico, George Padmore e Nancy Cunard, que havia acabado de chegar de uma estadia no Caribe no ano anterior, publicaram um panfleto chamado *White Man's Duty: An Analysis of the Colonial Question in the Light of Atlantic Charter*. Também participou das conversas sobre o panfleto propondo direções e questões, Dorothy Pizer, companheira de George Padmore. A atuação intelectual de Dorothy ao lado de Padmore é pouco mencionada na historiografia. Segundo Nancy Cunard os dois formavam um time excelente e posteriormente em carta endereçada à Dorothy, Cunard revelou que,

> sempre pensou em como foi bom que vocês dois se encontraram, porque vocês pareciam completar-se um ao outro e com muita harmonia, e, quando juntos no trabalho, possuíam admirável competência[480].

O que já estava claro para Padmore e Cunard durante as discussões para o panfleto era o mote de que, caso desejasse vencer a guerra, a Grã-Bretanha deveria ao menos garantir às suas colônias a promessa do autogoverno. A perda de Pearl Harbour no Pacífico abriu caminho para que o Japão efetuasse uma ofensiva rumo aos territórios britânicos na Ásia. Em fevereiro de 1942, após Hong Kong e Malásia, seria a vez de Singapura cair nas mãos dos Japoneses. A historiadora Margery Perham, simpática ao projeto colonial, apontava que o Império Britânico deveria mudar de postura diante do cenário da Guerra. Ainda que tenha sugerido nas páginas do *The Time*s que a Inglaterra construísse uma relação política mais generosa e próxima dos povos do Império, a historiadora não mencionava o fim do Império.[481] Outros intelectuais brancos escreveram neste momento propondo críticas ao Império, mas sem, contudo, avançar na defesa do autogoverno para as colônias britânicas. Norman Leys, socialista cristão, escreveu *Colour Bar in East Africa* e Rita Hindens, apresentando o caminho da Sociedade Fabiana para as políticas coloniais, escreveu *Plan for Africa*. Padmore resenhou ambos os livros e criticou que, mesmos os críticos da esquerda britânica eram incapazes de seguir o caminho lógico de apoiar o autogoverno às colônias.[482] Padmore se utilizou da derrota britânica em Singapura para questionar de que maneira o governo britânico esperava receber apoio de uma população que sequer participa do regime sob ataque.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[479] Penny Von Eschen. **Race against Empire**: Black Americans and Anticolonialism, 1937-1957. Ithaca, Nova Iorque e Londres, Cornell University Press, 1997, p. 26.
[480] Nancy Cunard para Dorathy Pizer. Cunard Collection.
[481] Margery Perham. **The Colonial Empire – II**. Capital, Labour and the Colour-bar, the Spirit of Reform. The Times, 14 de março de 1942, p. 4.
[482] George Padmore. **No Solution whithin empires**, The Crisis, 9 de maio de 1942, p. 4.

A situação da Guerra na Ásia chegaria a um ponto crucial com a queda de Burma diante da ocupação japonesa. Burma cedeu aos ataques japoneses com auxílio de grupos nacionalistas burmaneses. O pedido do primeiro ministro de Burma, Galon U Saw, para que o território passasse a ter o status de Domínio foi negado pelo governo metropolitano. Ademais, U Saw declarou que Burma foi colocada na Guerra pela ação de um ato editado pelo Governador colonial, e que os representantes da população local não foram sequer consultados. Padmore questionou que, caso os burmaneses estivessem convencidos de estarem lutando por sua própria liberdade, bem como a liberdade do mundo inteiro, não haveria questionamentos sobre a entrada no conflito. O esforço de guerra de Burma seria quatro vezes maior, segundo Padmore. Contudo, Padmore reiterava a conclusão de U Saw de que,

> Há, na Opinião pública burmanesa, um pequeno grupo que acredita que ajudar a Grã-Bretanha a vencer a guerra significa ajudar a Grã-Bretanha a nos manter subjugados... Há outro grupo que, ainda que não possua grande apreço pelos japoneses, pensa que se o destino de Burma é seguir enquanto nação subjugada, então seria melhor ser governada por uma nação que possua o mesmo sangue e a mesma religião[483].

A ocupação japonesa de Burma abriu o caminho para que instabilidades chegassem à Índia, colônia fundamental para a Inglaterra em relação aos recursos naturais, mão-de-obra e indústrias. Padmore sabia que diante deste momento os japoneses possuíam condições militares de rumar em direção à Índia, mas também compreendia que estavam abertas as possibilidades para pressões anticoloniais por autogoverno emergissem diante desta instabilidade. Padmore reconhecia que, mesmo o moderado, Sir Tej Bahandur Sapru político do Partido Liberal Indiano, estaria compelido a se juntar às demandas populares pela imediata autodeterminação da Índia. Em artigo no *Crisis*, Padmore falou em Crise no Império Britânico, palavras estas que davam nome ao artigo. Quando Sir Stafford Cripps, amigo de Nehru, é enviado para a Índia em março de 1942 com uma proposta, as expectativas sobem. Stafford Cripps, político socialista do Labour Party, havia escrito o prefácio de *Africa and World Peace*, de Padmore, além de tê-lo ajudado a financiar esta publicação. Cripps foi até a Índia com uma proposta metropolitana de conceder o status de domínio imperial após a Guerra, o que fez com que Padmore mudasse de opinião sobre o político socialista.[484]

[483] George Padmore. **No Solution whithin empires**, The Crisis, 9 de maio de 1942, p. 4.
[484] George Padmore e Dorothy Pizer. **How Russia Transformed her Colonial Empire:** a Challenge to the Imperial Powers. International Affairs. Volume 23, Issue 3, 1 July 1947, pp. 149-15. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/3017320> . Acesso em: 12 jun. 2016.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

A proposta de Stafford Cripps foi rejeitada por Gandhi que afirmou que a proposta era como um cheque pré-datado de um banco rumo à falência. Neste contexto o movimento *Quit India* emerge sofrendo com a reação do governo imperial que prende Gandhi e outros políticos do *Indian National Congress*. Além de um número massivo de prisões, Índia sofreu com bombardeios britânicos a cidades resistentes. Padmore reafirmava sua crença de que a "última solução do Império é a força". Em 1942 Padmore mobilizava suas palavras para afirmar que,

> em toda parte o sentimento é o mesmo. Os povos coloniais, mesmo os mais atrasados, bem como muitas pessoas sofisticadas na Grã-Bretanha que se auto-intitulam socialistas, não se enganam com toda esta conversa sobre democracia e liberdade. Eles sentem instintivamente que este conflito é fundamentalmente uma querela entre bandidos imperialistas pela re-divisão de seus países; que eles são apenas peões no jogo internacional dos poderes políticos. Conseqüentemente, eles não apenas desejam ver o fim do imperialismo fascista, mas da mesma forma o velho imperialismo democrático "pacifista" que, nas palavras da resolução do Indian National Congress, não se distingue do autoritarismo fascista.[485]

Em *White Man's Duty*, Padmore e Cunard indicavam que Gandhi seria a única pessoa capaz de apaziguar a população indiana, e que com sua prisão havia o perigo de que a população se levantasse contra o Império. Esta interpretação era tanto uma constatação diante do contexto instável da Índia, mas também funcionava enquanto pressão para que as autoridades imperiais reavaliassem sua postura em relação aos povos coloniais. Os autores indicavam que a qualquer momento que os japoneses decidissem atacar eles encontrariam uma população não apenas mobilizada, mas hostil à Grã-Bretanha. De outra parte, caso lhes fosse garantido o direito à autodeterminação os povos da Índia e das colônias certamente entrariam neste conflito com força total. A liberdade seria um motivador e a garantia da autodeterminação um incentivo concreto. Padmore e Cunard pressionavam as autoridades imperiais para que elas garantissem que, ao final de Guerra, as colônias seriam livres. Ainda que os autores implicitamente mantivessem a ideia de que as ex-colônias e a Grã-Bretanha formassem no pós-Guerra II um concerto de nações alinhadas, iguais e parceiras em um "Commonwealth of Nations", sua projeção rompia com estado de coisas do mundo pré-1939. Padmore já havia descrito em artigo publicado na revista *Left*, datado de setembro de 1941, sua ideia de transformar o Império em uma federação de nações baseada em princípios socialistas[486].

[485] George Padmore. **No Solution whithin empires**, 9 de maio de 1942, p. 4.
[486] George Padmore. "The socialist attitude to the invasion of urss". **Left**, setembro de 1941, p. 196.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

O caos no Império Britânico do extremo leste era causado pela resistente atitude imperialista de manutenção de seus territórios, segundo Padmore. Após a queda da Hong Kong, Lord Moyne envia um telegrama para Sir Mark Young indicando que os britânicos ainda desejavam retornar à ilha após esta ausência forçada. Padmore indica que não havia menção no telegrama em devolver a ilha aos chineses, ainda que Chiang Kay-Shek fosse um aliado britânico e que Hong Kong não fosse uma ilha pertencente ao território britânico[487]. A política de "terra arrasada" seria a marca do capitalismo que animava o Império britânico, segundo Padmore. Os proprietários das minas de estanho e das plantações de borracha, bem como os jornalistas das cidades descreviam univocamente sua principal preocupação de que suas propriedades permanecessem intactas ainda que os japoneses se utilizassem de seus produtos. Mostravam-se esperançosos de que os japoneses fossem retirados do território e quando sua ocupação chegasse ao fim, fossem restituídos.

As análises de Padmore sobre as movimentações militares na Ásia também estiveram fortemente ligadas às questões raciais. A crença de que o conflito entre potências coloniais européias se tratava de uma guerra racial faziam parte da tradição do pensamento negro radical desde a década de 1920. Padmore seguia articulando as questões raciais em sua crítica ao colonialismo e ao imperialismo, contrastando o racismo e o preconceito racial presentes nos territórios coloniais em detrimento da bandeira da democracia e da igualdade na luta contra o nazi-fascismo. Padmore já havia feito denúncias do racismo presente no exército britânico diante dos casos ocorridos com soldados africanos ou caribenhos anos antes. Em 1940 o exército britânico admitiu, pela primeira vez, um oficial "de cor" para treinamento. Tratava-se de Arundel Moody, filho de Harold Moody. Este episódio serviu para que Padmore, um contumaz crítico da participação dos sujeitos coloniais e negros na Guerra Imperialista criticasse a barreira de cor em instituições britânicas[488]. Diante da crise na Ásia, o Império Britânico recorreu de forma desesperada a suposta "unidade das raças de cor" [*unity of coloured races*] para mobilizar defesas à Malásia, o que foi criticado por Padmore como sendo um grito desesperado de um exército próximo da derrota.

Entretanto, Padmore também apontava para as possibilidades futuras com certa esperança ao relatar que a Guerra no sudeste asiático estaria forçando que "velhos preconceitos de raça e cor seculares, utilizados como forma de promover o prestígio de

[487] George Padmore. "Atlantic Charter Not Intended for Colonies". **Crisis**, 14 de março de 1942, p. 3.
[488] Our London Correspondent. "Negro Training as Britain Army Officer". **Vanguard**, 30 de março de 1940.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

brancos," estivessem dando lugar a "relações raciais mais democráticas"[489]. Também é possível identificar em Padmore, em meados da década de 1940, críticas mais aparentes às análises baseadas em aspectos eugenistas da mistura de raças. Em um de seus livros, *Pacific Charter*, escrito em 1943 por Hallet Abend, Padmore fez anotações nas bordas de uma de suas páginas. Junto à frase sobre a formação étnica dos filipinos, que os caracterizava enquanto uma "curiosa combinação fruto da mistura de Malaios, Mongóis, Chineses e Negróides", lê-se a anotação de Padmore: "Que mistura! Realmente, somos todos bastardos"[490].

Padmore constatava que o Imperialismo era incapaz de conceder liberdade a seus sujeitos coloniais. Pensar desta forma era cometer "hara-kiri". Portanto, acreditava que apenas a Revolução Social seria capaz de instituir a liberdade para os povos coloniais. "Apenas uma Europa Socialista poderia oferecer aos milhões de indivíduos das raças marrons [*brown*], amarelas [*yellow*] e negras [*darker*] a possibilidade da liberdade". Padmore compreendia que desta maneira, "enquanto povos livres poderiam voluntariamente se posicionar em igualdade na comunidade da Federação Mundial dos países Socialistas"[491].

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

7.3
Reavaliando rotas: Pós-Guerra II e Mudança de estratégia

Ainda que a aliança da Grã-Bretanha com a Rússia, que se fortaleceria com o início da Guerra, tenha possibilitado um maior conhecimento dos feitos da Revolução Soviética, segundo Padmore, o intelectual já conhecia de longa data os perigos de estar associado ao Comunismo Internacional e de ser *persona non grata* nos meios metropolitanos.[492] Se nos tempos do IASB Padmore reconhecia a necessidade de se conquistar a independência através de conflitos armados, para o período posterior à Guerra Padmore irá propor que a independência seria alcançada através de ações não-violentas e pactuadas. Em novembro de 1939, Padmore escreve uma carta em resposta para Harold Moody sobre o tema da violência. O líder da LCP havia parabenizado Padmore por um manifesto que, segundo Moody, possuía

---

[489] Our London Correspondent. "Coloured Officers to Lead British Army Should Japs Invade India". **Vanguard**, 21 de março de 1942.
[490] Anotações feitas a mão feitas no livro pertencente a George Padmore, Hallet Abend. **Pacific Charter**. Londres, John Lane the Bodley Head, 1943, p. 62.
[491] George Padmore. "Atlantic Charter Not Intended for Colonies". **Crisis,** 14 de março de 1942, p. 3.
[492] **Carta de George Padmore para Harold Moody**, 4 de outubro de 1942. Arquivos de St. Clair Drake/Schomburg, MG 309, caixa 64, pasta 4.

uma linguagem não-violenta. A resposta de Padmore já apontava para como percebia o imperialismo e, diante disso, a necessidade de uma resposta violenta.

> "Você se refere à ausência de violência em nossa linguagem. Isto é mais do que pode ser dito da linguagem do seu líder. Estou me referindo obviamente à Winston Churchill. Você não o escutou no rádio? Ele estava inclusive utilizando termos desacreditados tais como Hunos... Violência! O que é o imperialismo senão um sistema político e econômico baseado na violência? Como você pensa que patifes pregadores de salmos hipócritas tais como o nobre homem da Igreja Lorde Halifax e seu chefe dissidente Chamberlain obtiveram seu império? Como está sendo mantido? Não o é pela violência? Quando os negros jamaicanos pedem a seus donos brancos alguns trocados eles não são recebidos com violência? Por isto que para mim a violência é o sumo sacerdote do imperialismo"[493].

A experiência da Guerra para Padmore, a violência dos bombardeios que ele presenciou em Londres, apontaram para Padmore que as potências européias estavam dispostas a pagar um alto custo para manter seu poder global. Seu companheiro de militância I.T.A. Wallace Johnson foi preso em Serra Leoa, em 1° de setembro de 1939, e isto fez com que Padmore compreendesse que o status de dissidente o tornava, também, um alvo para este tipo de ação. A prisão de Wallace Johnson também aponta para a compreensão das diferenças entre as liberdades experimentadas nas metrópoles e as dificuldades vividas pelas lideranças anticoloniais nas colônias. I.T.A. Wallace Johnson seria liberto apenas em 1944[494].

Em 1939 Padmore já denunciava que "esta Guerra certamente não é uma Guerra por democracia".[495] Na primeira metade da década de 1940 seu jornalismo também denunciava a fome nas Reservas Naturais no Quênia, as condições que levaram mineiros do norte da Rodésia a declararem greve, as decorrências e dificuldades ligadas a Guerra em Trinidad[496]. Em junho 1942, Padmore constataria que apenas as pessoas inocentes acreditariam que as modificações na política colonial seriam iminentes. Para ele este cenário era apenas um cenário presumido. "Os imperialistas britânicos não estão dispostos a ceder às menores demandas dos povos coloniais mesmo diante de ameaças a sua existência"[497]. Além disso, Padmore reconhecia que na correlação de forças do sistema colonial as metrópoles detinham o poder de debelar quaisquer manifestações anticoloniais mais ostensivas e violentas com

---

[493] **Carta de George Padmore para Harold Moody**. Apud: R. Murapa. **Padmore's Role in the African Liberation Movement**. [Tese de doutorado], Northern Illinois University, 1974, p. 87.
[494] Our London Correspondent. "Political Prisioners in Africa Discussed in Parliament. **Vanguard**, 18 de maio de 1940; George Padmore. "Arrest of Wallace Johnson". **The People**, 16 de março de 1940.
[495] **Carta de George Padmore para Alain Locke**, 28 de fevereiro de 1944. Locke papers/Howard, caixa 164-76, pasta 16.
[496] Our London Correspondent."Famine in Kenya Native Reserve". **Vanguard**, 23 de março de 1940; Our London Correspondent. "African Miners in Northern Rodhesia on Strike". **Vanguard**, 11 de maio de 1940.
[497] George Padmore. "Democracy's Colour Bar". **Vanguard**, 27 de junho de 1942.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

mais violência ainda. Ou seja, ainda que desde a década de 1930 Padmore e James defendessem que os próprios africanos devessem conquistar sua liberdade por julgarem que ninguém os daria esta liberdade, a partir de meados da década de 1940, Padmore passa a considerar o papel central das elites metropolitanas e do governo colonial na aquisição da independência.

Padmore reconhecia que a retórica marxista e a combatividade revolucionária radical não mais fariam sentido diante dos rumos que o mundo tomava. Na década de 1930 Padmore mobilizava uma linguagem marxista ao denunciar que o fascismo estava diretamente ligado ao imperialismo e, portanto, reuniam o caráter racista do capitalismo. O fascismo dentro das lentes marxistas de Padmore não era um fenômeno localizado na Europa, mas global. Padmore, então, denunciava que o real motivo deste conflito seria a manutenção dos Impérios coloniais e o monopólio da exploração da mão-de-obra barata das "pessoas de cor". Após 1945 e o Congresso de Manchester, por exemplo, Padmore irá passar a preconizar a aquisição do poder político como forma de acessar a emancipação econômica, social e política.[498] E a aquisição do poder político, por sua vez, deveria se apresentar em um percurso pacífico, tal como explicitado logo na primeira frase do manifesto do Congresso Pan-Africano de Manchester direcionado aos poderes coloniais: "Os delegados do Quinto Congresso Pan-Africano acreditam na paz."[499] Esta bandeira será fundamental para a futura atuação de Kwame Nkrumah no movimento Pan-Africano tanto nas lutas por independência da Costa do Ouro, quanto na busca por unidade política do continente africano pós 1957.

Entretanto, esta inflexão de Padmore não negava todo o acúmulo sobre a importância dos trabalhadores coloniais no processo revolucionário rumo à libertação e no caráter central do continente africano e seus habitantes nesta luta. Isto também não se traduziu no abandono dos princípios socialistas de sua parte ou de outros intelectuais negros. Segundo George Padmore apenas os sujeitos coloniais reuniam o conhecimento das reais condições de vida dos negros e povos de cor e o sentido de urgência do fim do colonialismo. Seria das massas coloniais a força necessária para mobilização anticolonial como a plataforma do IASB já apontava em fins da década de 1930. A importância da África enquanto referência diaspórica mantivera-se. Porém, estes sujeitos encontravam-se distantes dos centros de poder tanto geográfica, quanto politicamente, o que tornaria suas possibilidades de derrotar o poder imperial, sozinhos, reduzidas. Padmore passará, então, a calcular que a Revolução mundial e

[498] George Padmore (org.) **Colonial and Coloured Unity**: the report of the 5th Pan-African Congress. Londres, Hammersmith, 1945, p. 56.
[499] The Challenge to the Colonial Powers. In: George Padmore (org.) **Colonial and Coloured Unity**: the report of the 5th Pan-African Congress. Londres, Hammersmith, 1945, p. 5.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

a libertação das colônias seriam alcançadas a partir da ação interna à metrópole e de pressões ao governo imperial. A negociação junto ao governo metropolitano e a disputa semântica dentro da opinião pública britânica seriam aspectos fundamentais se aliados às mobilizações anticoloniais nos territórios coloniais.

Desde 1930 que Padmore e seus companheiros lutavam para coordenar ações através da diáspora e formar uma internacional negra unificada e coesa. O cenário de 1945 combinará a perda de prestígio da Grã-Bretanha após a Guerra com a unidade dos povos coloniais em torno do projeto Pan-Africano. Apesar do ano de 1945 também ter sido marcado pela eleição do governo Trabalhista, no qual o político socialista Clement Atlee seria primeiro ministro, Padmore mantinha-se cético em relação às reais intenções dos socialistas em acabar com o Império britânico e estender direitos sociais e políticos aos sujeitos coloniais. O Partido Trabalhista já havia deixado de representar uma oposição ferrenha ao primeiro ministro Winston Churchill durante os anos de guerra, e os políticos socialistas já haviam demonstrado pouca ou nenhuma disposição em avançar nas conversas sobre a descolonização. Caberia a Padmore, no início da década de 1940, portanto, rearticular o movimento anticolonialista tendo em vista uma aproximação mais efetiva com figuras mais "respeitáveis" e moderadas a fim de legitimar o projeto da descolonização. Desde meados da década de 1930 que Padmore já vinha ampliando seu escopo de alianças para além do movimento comunista internacional. E foi este movimento expansivo de Padmore que pode ser lido como um dos fatores de seu desligamento do Comitern. No início de 1934 Padmore já havia escrito para W.E.B. Du Bois, liderança negra dos Congressos Pan-Africanos, mas vinculado à NAACP, organização liberal e moderada. À época, Padmore estaria interessado em realizar um Congresso internacional, o *Negro World Unity Congress*, diante de suas articulações com Garan Kouyaté, líder africano residente em Paris.

Na correspondência Padmore solicitava a Du Bois que os ajudasse "na tentativa de criar as bases para a unidade entre negros [*Negroes*] da África, América, das Índias Ocidentais, e outros territórios? Acreditamos que isto pode ser feito, se homens como você derem uma mão"[500]. Entretanto, não há indícios de resposta de Du Bois à época. Os intelectuais só retomariam o assunto de um Congresso internacional em 1945. Padmore também irá se aproximar mais efetivamente de Harold Moody e da *League of Coloured Peopl*e, apesar de manter seu distanciamento ideológico do líder da LCP. Padmore, cônscio de sua notoriedade negativa entre os órgãos de inteligência imperiais, buscará se posicionar

[500] John Hooker. **Black Revolutionary**: George Padmore's Path from communism to Pan-Africanism. Nova Iorque: New Praeger Publishers, 1970, p. 40.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

nos bastidores do movimento anticolonial. E ao mesmo tempo, com a presença de Du Bois e Moody, irá recorrer e à tradição dos Congressos Pan-Africanos vislumbrando maiores possibilidades de legitimidade em um cenário hostil aos radicalismos. Em 1942 Padmore envia a Moody uma correspondência que elucida sua postura em relação às diferentes estratégias utilizadas na luta anticolonial. Encorajando Moody a "seguir atacando de seu lado" e assegurando-lhe poder contar "comigo fazendo a minha parte do meu"[501]. Ainda que estivessem lutando em lados distintos, Padmore compreendia que seus objetivos formavam um consenso mais largo. Padmore sempre foi um intelectual marcado por grande habilidade política e pragmatismo por onde precisou atuar em prol da libertação do continente africano e dos negros de maneira geral. Portanto, a aproximação de Moody e Du Bois, por si só, não se configura enquanto uma ruptura em sua prática política. O aspecto marcante deste pragmatismo e alto poder de leitura de conjuntura se deu ao perceber que, a partir de 1945, do pós-Guerra II, portanto, seria necessário pressionar as nações organizadas nas Nações Unidas em busca de arbitragem internacional pela causa da liberdade.

Formada em 1944, a *Pan-African Federation*, era uma coalizão de organizações negras que operavam da Grã-Bretanha, como a *West African Students Union*, por exemplo, mas que também contava com a adesão da *Kikuyu Central Association* e outras organizações das colônias. Estas organizações possuíam em comum o anticolonialismo, mais ou menos radical, o tom internacionalista em suas ações e seu caráter transnacional. A federação fixou sede em Manchester contando com o apoio financeiro de Ras Mokannen, que possuía um restaurante na cidade que gerava suporte financeiro para suas ações e publicações. Makonnen, dotado de grande habilidade administrativa liderava a Panaf Service, selo da *Pan-African Publishing Company*. Esta empreitada representava o desejo de Makonnen em desenvolver publicações autônomas de negros africanos e descendentes de africanos que seriam publicadas por uma editora controla igualmente por negros, e não por brancos. Peter Milliard, das Guianas, era o secretário geral. Esta organização foi fundamental na organização do Congresso de Manchester de 1945 e dos encontros entre trabalhadores e militantes negros de todo o mundo na Grã-Bretanha. George Padmore possuía papel central nesta federação, pois este arranjo era uma vontade antiga em termos de organização das redes anticoloniais. Contudo, Padmore seguia atuando nos bastidores sem que seu nome estivesse aparente tendo em vista sua notoriedade diante das agências de inteligência britânicas e coloniais.

[501] **Carta de George Padmore para Harold Moody**, 4 de outubro de 1942. Arquivos de Drake/Schomburg MG 309, caixa 64, pasta 4.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

7.4
George Padmore e o Pan-Africanismo anti-imperial

Em dezembro de 1945, em carta enviada a Cyril Olivierre, Padmore afirmou que possuía "satisfação em ver os resultados concretos de um trabalho de anos"[502]. Padmore referia-se ao sucesso do Quinto Congresso Pan-Africano de Manchester, ocorrido em outubro de 1945, na seqüência da Conferência Mundial de Sindicatos, *World Trade Union Conference*, reunida em fevereiro de 1945, e da Conferência dos Povos Coloniais, *All Colonial People's Conference*, ocorrida em junho deste mesmo ano, ambas em Londres. O recém-liberto intelectual I.T.A. Wallace Johnson, foi trazido para a *World Trade Union Conference* pelo mesmo governo que o havia prendido alguns anos antes. Em seu discurso para os representantes de sindicatos no encontro, Wallace Johnson pregou o combate a linha de cor [*colour bar*], ao trabalho forçado, aos castigos, e também reivindicou a defesa da liberdade de expressão, de assembléia, liberdade de imprensa e de trânsito. "A fim de garantir a implementação destas demandas", seguiu em seu discurso, "nós os delegados das colônias – E eu estou falando por todos os delegados aqui, reivindicamos que esta conferência apóie o princípio da autodeterminação para os povos coloniais tal qual enunciado na cláusula 3 da Carta do Atlântico". Além disto, a conferência deveria pressionar os poderes coloniais que assinaram esta carta a estabelecerem uma data limite para que este princípio fosse traduzido em prática, segundo Wallace Johnson. Os membros da Conferência, entretanto, rejeitaram tal proposta. Ao final do encontro uma resolução foi redigida em apoio "a uma ordem mundial na qual nações e comunidades que não possuem autogoverno, possam alcançar o status de nações livres"[503].

Os três eventos foram pensados e articulados em datas e locais próximos por Padmore de forma que o máximo número de delegados pudesse estar presente. Além de consolidar a visão já expressada no jornal do IASB, *International African Opinion*, que deveria ser "o porta-voz dos trabalhadores e camponeses negros, e daqueles intelectuais que vêem a necessidade de fazerem sua a causa das massas"[504]. Mas se o Congresso de Manchester havia ocorrido dentro do escopo pensado por Padmore, o que determina a inflexão atribuída a George Padmore no momento da Guerra?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[502] **Carta de George Padmore para Cyril Olivierre**. 11 de dezembro 1945. Arquivos de Padmore/Schomburg, MG 624, pasta 1.
[503] George Padmore. **The Voice of Coloured Labour**: Speeches and Reports of Colonial Delegates to the World Trade Union Conference – 1945. Manchester: PANAF Service Ltd, 1945, pp. 18-19, 39.
[504] EDITORIAL. **International African Opinion 1**, no. 1, julho de 1938, p. 2.

Em seu livro, *Pan-Africanism or Communism*, de 1956, Padmore minimiza sua participação na organização do Congresso de Manchester e, de maneira interessante, escreve que "a preparação do Quinto Congresso Pan-Africano foi assinada pelo Dr. Du Bois, o Presidente Internacional, para a seção executiva britânica da Federação Pan-Africana"[505]. O grande sucesso de Padmore foi ter conseguido reestruturar o movimento Pan-Africanista vinculado e liderado por W.E.B. Du Bois dando-lhe continuidade, mas ao mesmo tempo imprimindo um direcionamento a este movimento que coadunasse seu acúmulo de lutas com suas projeções para o pós-Guerra II. Ainda que Du Bois apareça com destaque tanto nas falas posteriores de Padmore quanto na própria condução do evento em si, o intelectual afroamericano desempenhou pouca influência na direção ideológica do Congresso Pan-Africano de 1945. A reestruturação pensada por Padmore e consolidada em Manchester estava diretamente ligada ao fortalecimento de uma frente anticolonial ampla e diversa, composta por trabalhadores, camponeses e intelectuais, mas coesa em seus objetivos. O que caracterizava os Congressos anteriores, organizados por Du Bois, era o teor vanguardista de um encontro de intelectuais negros com alguma ligação às lutas anticoloniais. Uma das exigências de Padmore no Congresso de Manchester, e que justifica a proximidade com os outros eventos que ocorreram em Londres, era de que os representantes estivessem ligados a organizações trabalhistas e populares nas colônias.

Além disso, esta frente necessitaria ser vista enquanto legítima e respeitável diante dos poderes coloniais. Com Padmore nos bastidores e figuras como Harold Moody e Du Bois em evidência, o movimento Pan-Africanista se apresentaria ao olhar dos poderes imperiais livre da retórica radical revolucionária e das articulações subterrâneas típicas de intelectuais acostumados com a lógica do Comunismo Internacional. Isto era fundamental para Padmore já que o Quinto Congresso foi marcado pela forte presença do movimento trabalhista negro. Posteriormente Padmore escreveria sobre o Congresso de Manchester que, "o mais significante do Quinto Congresso Pan-Africano, comparado aos anteriores, foi seu caráter plebeu. Movimentos políticos dos sindicatos e dos camponeses, bem como de estudantes nacionalistas".[506] A frente internacional e anticolonial pensada por Padmore em desde a década de 1930, concretiza-se em 1945 diante da unidade entre trabalhadores negros alcançada na criação da *World Federation of Trade Unions*, e na unidade dos povos coloniais africanos e asiáticos diante da *Colonial People's Conference*. A partir de 1945 é sob estas bases que o Pan-Africanismo irá se apresentar. O que o contexto de 1945 aponta, contudo, é a

[505] George Padmore. **Pan-Africanism or Communism?** London: D. Dobson, 1956, p. 132.
[506] Idem, p. 139.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

necessidade de que esta frente ampla e coesa, Pan-Africana, fosse legitimada por figuras moderadas e respeitáveis aos olhos da metrópole. Padmore se apropria da bandeira do movimento Pan-Africano, até então de posse de Du Bois, e reinsere este movimento nas lutas anticoloniais em função de trabalhadores e camponeses, ou seja, das massas coloniais. Padmore obtém sucesso em trazer sua agenda, presente já no IASB, para o movimento Pan-Africano.

O próprio Du Bois constataria, em 1945, que desde 1921 o Pan-Africanismo vinha perdendo terreno. Embora o Quarto Congresso Pan-Africano ocorrido em Nova Iorque, ocorrido entre 21 e 24 de agosto de 1927, tenha sido marcado pelo contexto de aproximação entre as lutas anticoloniais e Comunismo da década de 1920, os comunistas ainda possuíam uma leitura de que o Pan-Africanismo se tratava de uma ideologia nacionalista, liderada por intelectuais negros pequeno-burgueses. Visão que era compartilhada, inclusive, por Padmore quando ainda era integrante do Comintern. Até meados da década de 1940, Padmore não se apresentava enquanto um intelectual Pan-Africano ou fazendo parte de um movimento Pan-Africano. Somente após a consolidação do IASB, no final da década de 1930, e da formação da Federação Pan-Africana em 1944 que Padmore reivindica para si e para seu grupo a alcunha de Pan-Africano. Du Bois, por sua vez, já pretendia organizar, no ano de 1929 e em território africano, o Quinto Congresso Pan-Africano. A cidade de Tunis teria sido escolhida por sua acessibilidade. Apesar dos "esforços desesperados" e da preparação já iniciada dois fatores impediram que tal evento ocorresse. O governo francês, que impediu que um evento como este ocorresse em solo africano, mas disponibilizou a cidade de Marselha ou qualquer outra cidade para a realização do evento, e a Grande Depressão de 1929. Em 1940, Du Bois tornaria a anunciar suas intenções de organizar uma conferência, agora no pós-Guerra II, e que seria sediada no Haiti. Quando em março de 1945, Du Bois toma conhecimento das intenções de Padmore em realizar uma Conferência Pan-Africana na Europa, em um artigo assinado por Padmore no *Chicago Defender*. Logo em seguida, no dia 22 de março, Du Bois escreve para Padmore informando-lhe – mas também reivindicando seu posto de liderança histórica de tais Congressos e movimento – "Você sabe, obviamente, que estou interessado em um encontro como este e venho estabelecendo conexões nesta linha desde 1918".

Du Bois já havia entrado em contato com Harold Moody, em fevereiro de 1945, solicitando sua "total cooperação" na organização do que seria o Quinto Congresso Pan-Africano, promovido pela NAACP em solo africano, sugerindo de antemão, as cidades de Dakar, Freetown ou Monrovia. Diante de uma situação na qual, Du Bois, Padmore e Moody começavam a conectar-se em direção a um Congresso Pan-Africano, Harold Moody, o mais

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

conservador entre eles, relatou a Du Bois sua reserva em relação "a trabalhar com grupos de trabalhadores". Moody também declarou, "eu não gostaria que estivéssemos vinculados seja politicamente ou de qualquer outra maneira a nenhum outro grupo".[507] Du Bois, por sua vez, já havia relatado a Moody certo incômodo com esta situação por acreditar que a NAACP estaria sendo preterida pela *Pan-African Federation* nas decisões sobre a Conferência. Este aspecto reforça a crença de que Padmore articulou o Congresso de Manchester a despeito de Du Bois, ainda que tenha concedido a ele papel privilegiado na condução do evento. Ao que tudo indica, havia certo acordo entre a LCP, a WASU, a PAF e Du Bois de que uma Conferência seria realizada, em setembro de 1945, e seria a preparação para um futuro Congresso Pan-Africano a ser sediado no continente africano.

Padmore e a PAF, por seu turno, se organizaram em maio de 1945 para redigir um documento sobre as declarações do Ministro das relações exteriores da União Soviética, Molotov, no encontro das Nações Unidas, em São Francisco. Molotov pressionou os poderes coloniais para se comprometessem com a independência de seus territórios coloniais dentro de um prazo estabelecido. Presidido por Peter Milliard, este encontro endossou os encaminhamentos das delegações soviética e chinesa feitas nas Nações Unidas. O ministro Molotov apresentava-se enquanto um entusiasta da ideia de que a independência das colônias fosse uma das bandeiras das Nações Unidas. Padmore e os integrantes da PAF estavam conscientes de que o prognóstico para o pós-Guerra II era de divisões entre os aliados. Este cenário de curto prazo apontava para a importância de uma frente anticolonial unificada tendo em vista as divisões e fissuras entre os Impérios coloniais. Este encontro também pressionou os delegados do encontro em São Francisco de que de agora em diante seria necessário que levassem em consideração o "Manifesto da África no pós-Guerra Mundial". Este encontro também apontava para as reivindicações e pressões que o movimento anticolonial sediado na metrópole britânica passaria a imprimir à nascente organização das Nações Unidas[508].

Du Bois então buscou inteirar-se dos preparativos para tal evento e questionou alguns aspectos propostos por Padmore. Por que o evento ocorreria na Europa e não no continente africano, por que o evento ocorreria em tão pouco tempo e por que um manifesto seria redigido antes do fim da conferência? Naquilo que pareceu como sendo uma tentativa clara de retomar os rumos do movimento Pan-Africano e da Conferência que se aproximava para

[507] **Carta de Harold Moody para W.E.B**. Du Bois. In: Herbert Aptheker (org.). **The correspondence of W.E.B**. **Du Bois**. Vol. II selections 1937-1944. Amherst: Massachussets University Press, 1976, pp. 66-67.
[508] George Padmore. **Russian Advocacy for Independence for Colonies Causes Much Reaction in UK**. West African Pilot, 12 de Junho de 1945.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

si, Du Bois colocou-se a disposição de Padmore para ouvir suas sugestões sobre o evento, e junto com suas sugestões, "os nomes de pessoas e organizações que possuem ideias similares".[509] Padmore com muita habilidade de palavras assegurou a Du Bois que os organizadores não pretendiam minar quaisquer esforços que ele vinha tomando para uma possível Conferência Pan-Africana. Também garantiu que se utilizaram do termo Pan-Africano apenas porque ele capturava a ideia que possuíam de um evento como este. Padmore seguiu em suas correspondências para Du Bois sempre com um tom respeitoso, cordial e calculado. Padmore mencionou "nossas colaborações transatlânticas", além de ter passado os detalhes dos encaminhamentos e decisões do grupo britânico. Padmore soube assegurar a Du Bois que a organização do Congresso estaria sendo promovida em cooperação com diversos grupos da metrópole inglesa.

Inicialmente os organizadores do Quinto Congresso Pan-Africano haviam pensado na cidade de Paris enquanto sede para tal encontro. Isto se deu por conta de um evento de representantes sindicais que ocorreria na capital francesa. Contudo, diante das dificuldades junto ao governo francês foram obrigados a pensar em outra possibilidade. Londres, por sua vez, também não apresentava as melhores condições já que era uma cidade que convivia com inúmeros casos de racismo e barreira de cor [colour bar], o que limitaria as possibilidades de hospedagem e alimentação em restaurantes para os delegados. A solução encontrada, de sediar o evento em Manchester, fi tomada em função das possibilidades oferecidas por T. Ras Makonnen, que possuía um restaurante capaz de prover alimentação aos participantes, além de organizar junto às suas redes, locais de hospedagem.

Em agosto de 1945, Padmore informou a Du Bois que ele ficaria surpreso com a facilidade na tarefa de trazer à existência uma Federação Pan-Africana. E mencionou que quando se trata da "luta contra o imperialismo britânico ou outro qualquer, estas pessoas se sentem como um só" [510]. Em relação a Harold Moody, Padmore afirmava que "enquanto indivíduo eu possuo fortes visões à esquerda, visões que homens como o Dr. Moody não apóia". Contudo, assegurava que, a parte suas visões pessoais, não haveria aspectos entre os dois que representariam um confronto aos ideias de "nosso povo". Padmore buscou explicar para Du Bois que o contexto do movimento anticolonial na Grã-Bretanha era diferente do norteamericano. Para além do fato de que a Grã-Bretanha possuía em seu território sujeitos coloniais em maior número e diretamente interessados no fim do colonialismo ou na

[509] **Carta de W.E.B. Du bois para George Padmore**. 22 de março 1945. In: Herbert Aptheker (org.) **The correspondence of W.E.B. Du bois**. Vol. III, selections 1944-1962. Amherst: University of Massachusetts press, 1978, pp. 56-57.
[510] George Padmore. **Pan-Africanism or Communism?** London: D. Dobson, 1956, p. 292.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

autodeterminação, "em nosso meio as questões do Comunismo ou do anticomunismo, Stalinismo, ou Trotskismo, e todas as outras tendências ideológicas que existem no cenário americano, não existem aqui". Ainda que Padmore estivesse minimizando as clivagens entre os grupos políticos na metrópole britânica, a experiência do IASB já demonstrava que, de fato, a convivência entre, por exemplo, Jomo Kenyatta e Padmore, que possuíam visões distintas sobre o marxismo, apontava para o consenso anticolonial. Padmore segue afirmando que ainda que "sejam o socialismo, comunismo, anarquismo, etc." as filosofias políticas exercem influência "mais na natureza pessoal das idiossincrasias que na política prática"[511].

Esta compreensão de Padmore aponta novamente para seu pragmatismo e foco na organização de um consenso Pan-Africano para o pós-Guerra II. Este consenso abrangeu não apenas África, Caribe, Organizações sediadas na Europa, mas também a América. A correspondência entre Du Bois e Padmore no ano de 1945 aponta para esta inflexão, não apenas de Padmore, mas também de Du Bois e do movimento Pan-Africanista. Ambos os intelectuais, em alguma medida, se relacionaram criticamente com o marxismo na década anterior, e apesar de terem estado em locais distintos da luta internacional dos negros, não desperdiçariam esta oportunidade em um momento lido como crucial. De um lado Du Bois manteria vivo e aceso o movimento Pan-Africano, ainda que com uma plataforma mais popular e efetivamente vinculada às classes trabalhadoras das colônias. E Padmore encontraria abrigo dentro de um movimento amplo o suficiente para coordenar suas estratégias revolucionárias, ainda que sob um verniz moderado e com mais legitimidade internacional. Após alguns anos de distanciamento e descrença na estratégia liberal, um Du Bois mais radical, após *Black Reconstruction*, em 1944 retomaria suas ações junto a NAACP aproximando alguns de seus membros de um debate mais radical. Padmore, por sua vez, saberá reorientar suas táticas mais radicais e revolucionárias diante de um mundo que se transformava radicalmente e apontava para cenários imprecisos e novos. Segundo Hakim Adi, pode-se afirmar que, a partir dos documentos do Congresso de Manchester e dos eventos anteriores, havia um consenso geral em torno das visões políticas entre lideranças Pan-Africanistas, as mais diversas, não apenas na Grã-Bretanha, mas no Caribe e na África.

O Congresso aconteceu na terceira semana de outubro de 1945, apesar de todas as dificuldades. A cidade de Manchester possibilitou que diversos representantes de sindicatos e de movimentos das colônias estiveram presentes nos encontros de trabalhadores e de movimentos sociais das colônias também estivessem presentes no Congresso Pan-Africano.

[511] Terry Martin. **Origins of Soviet Ethnic Cleansing**. Journal of Modern History 70, no. 4: 1998, pp. 813-861.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Padmore, junto com seus camaradas, Kwame Nkrumah, Jomo Kanyatta, Peter Abrahams, Joe Appiah, T. Ras Makonnen, e I.T.A. Wallace Johnson. Deve destacar que, além de Nkrumah e Jomo Kenyatta, que posteriormente irão desempenhar papeis centrais no processo de descolonização de países da África subsaariana, chegando ao comando dos Estados nacionais de Gana e Quênia, respectivamente, outros nomes também estiveram presentes. Bankole Awooner-Renner, militante que esteve no movimento Comunista Internacional desde a década de 1930, também desempenharia papel importante na Costa do Ouro em vias de tornar-se independente, aliado de Wallace Johnson na *West African Union League*. Obafemi Awolowo, que dentro de alguns anos seria um dos opositores de Nandi Azikiwe, na Nigéria. Hastings Kamuzu Banda, futuro líder do *Congress Party*, do Malawi. Segundo Makonnen, foi uma semana muito intensa na qual foram discutidos "o imponderável, nossas dificuldades e o papel de alguns poucos intelectuais africanos que existiam. Falamos sobre como a independência nunca é dada: por isso deve ser conquistada". Makonnen também afirmara que, de fato, "eram poucos, em número, mas que isso não os desmotivava; havia diversas evidências vindas da Rússia e de outros lugares de que um pequeno grupo comprometido poderia rapidamente ganhar apoio do povo".

Os delegados do Congresso consentiam em relação à necessidade de tornarem-se livres. Também havia um consenso no que dizia respeito à emancipação política ser o passo inicial para a independência econômica, que seria uma decorrência da independência política. Os delegados estavam decididos a "lutar de todas as maneiras que pudessem em prol da liberdade, da democracia e melhorias sociais". As estratégias defendidas no Congresso giravam em torno das greves e dos boicotes. Ainda que a retórica revolucionária tenha sido comedida em função do verniz moderado desejado para o Congresso, o anticapitalismo orientava a luta por liberdade e por igualdade econômica. Os intelectuais eram impelidos a lutarem pelos direitos dos trabalhadores de formar sindicatos e cooperativas, liberdade de imprensa e de expressão, liberdade de assembléia, de greve. O Congresso apontava o caminho para a liberdade, este caminho passaria exclusivamente pela "organização das massas"[512]. Posteriormente se referindo ao Quinto Congresso, Makonnen afirmou que, apesar de sua importância para a inflexão do Pan-Africanismo, era fundamental considerá-lo dentro de uma seqüência de congressos que se iniciaram na década se 1930.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

[512] Adi e Sherwood, **Pan-African Congress**, pp. 55-56

Figura 17 - John McNair, secretário geral do Independent Labour Party discursando no V Congresso Pan-Africano; na mesa se encontram Amy Ashwood Garvey e, ao centro W.E.B. Du Bois, presidente do Congresso, 10 de novembro de 1945.

O sucesso dos eventos organizados por Padmore e seus camaradas ao final da guerra lhes deu motivação para seguir com as articulações no pós-Guerra II. Ao lado de Du Bois, Padmore pretendia tornar a *Pan-African Federation* em "algo sólido" com um "programa concreto".[513] Padmore utilizou-se de sua rede Pan-Africana construída ao longo de sua trajetória, bem como da imprensa anticolonial com a qual contribuía com artigos e editoria. Sua residência em Londres era parada obrigatória para ativistas, intelectuais e interessados na libertação das colônias do jugo imperial. Dorothy Pizer, companheira de Padmore, afirmou que "as pessoas passam por aqui a todo momento, eles vêm da Índia, leste africano, oeste africano, Caribe, Estados Unidos, de todos os lugares".[514] Dorothy e Padmore hospedaram pessoas vindas da Noruega, como Ivar Holm, do Vietnam, do Sudão.[515] Padmore soube utilizar estes contatos de sua rede para articular diferentes lutas em prol do anticolonialismo e

[513] Makonnen, 1973, p. 165
[514] Dorothy Pizer para Ivar Holm, 23 de julho de 1946. Howard University, Kwame Nkrumah Collection, 154-141, pasta 14.
[515] Idem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

do anti-imperialismo. Padmore articulou em 1946, junto a Nehru e Du Bois, que seria o representante da *Pan-African Federation*, um encontro que promovesse a solidariedade africana e asiática em uma conferência na Índia. Padmore seguia em seus esforços para articular uma frente de povos coloniais. Em dezembro de 1946 Nehru foi convidado por Padmore a comparecer em um evento organizado pelo *Asiatic-African United Front Committee*.[516]Padmore também seguiu suas articulações com Fenner Brockway e contribuiu com o *Centre for Colonial Freedom*, bem como com a *Federation of Indian Organizations in Britain*, *African Un*ion, *Nigerian Union of Great Britain and Ireland*, a *Indian Worker's Association*, a *West Indian Students Union*, além da *West African Students Union*[517].

Padmore reuniu em seu entorno organizações que não se encaixavam nas promessas de reconstrução do pós-Guerra II. Entretanto, conseguiu articular estas organizações sob um novo horizonte de expectativas em relação a seu lugar no concerto internacional de nações e Estados. O que o fortalecimento da *Pan-African Federation* aponta é a intenção de Padmore em tornar as resoluções do Quinto Congresso de Manchester globais e divulgá-las internacionalmente. Através da rede Pan-Africana e dos meios de comunicação impressa disponíveis Padmore decidiu disputar os rumos ideológicos do capitalismo, comunismo e do colonialismo. Padmore e seus camaradas esperavam que o modo de ação e as conclusões da *Pan-African Federation*, traduzidas no Congresso se tornassem o *modus operandi* de organizações nas colônias e com isso ampliar a Federação de maneira paulatina em direção às colônias. A publicação das resoluções do Quinto Congresso de Manchester sob o título de *Colonial and... Coloured Unity: the Report of the 5th Pan-African Congress*, organizado por Padmore foi uma forma de compartilhar a ideologia Pan-Africana debatida em Manchester com a diáspora.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

7.5
George Padmore, União Soviética e a crítica anti-imperialista

A relação ambígua de Padmore com uma retórica revolucionária mais radical ao longo da Guerra pode ser compreendida através do caso do livro, *How Russia Transformed Her Colonial Empire*, publicado somente 1946 e escrito com Dorothy Pizer no início da década de 1940. Em 1942 Padmore debruçou-se sobre um manuscrito que buscava explorar a

[516] **Carta de George Padmore para Jawaharlal Nehru**, 2 de dezembro de 1946.
[517] Hakim Adi.**West Africans in Britain.** Londres, Lawrence & Wishart, 1998, p. 77.

proximidade criada pela Guerra entre a Europa Ocidental e a União Soviética, bem como o interesse em seu Império. Quando, em parceria com Dorothy Pizer, finalizou seu manuscrito e o apresentou para Nancy Cunard, revelou que aquele seria "um dos melhores trabalhos em sociologia que já fiz. Aponta para novos caminhos jamais explorados e que dificilmente serão".[518] Padmore levou certo tempo para publicar este livro, ainda que desejasse publicá-lo durante o período de aliança entre a Grã-Bretanha e a União Soviética. Na avaliação de Padmore, com a aproximação dos países, haveria então, maiores possibilidades de que as pessoas observassem a experiência socialista sob outro prisma. A ideia de que a Rússia soube conduzir em seu vasto território uma miríade de povos de diferentes etnias, oferecendo um modelo de igualdade multinacional já estava presente no imaginário da intelectualidade radical desde a década de 1920. Padmore, contudo, não realiza uma análise centrada nos aspectos radicais da experiência soviética, seu foco é a autodeterminação. E é exatamente a autodeterminação que Padmore articula neste livro, sem deixar, entretanto, de produzir uma crítica ao período Stalinista. No prefacio do livro escreve,

> Qualquer críticas ou questões que se possam levantar contra a política de Stálin em relação ao Socialismo e a Revolução Mundial e seu programa de 'Socialismo em um só país', ele manteve de maneira geral a adesão aos princípios fundamentais legados por Lênin no que concerne ao direito de autodeterminação às minorias nacionais soviéticas[519].

Diante da notória resistência que as tropas soviéticas imprimiram no território russo durante a ofensiva nazista no verão de 1942, quando os russos mesmo perdendo diversas tropas não se renderam, os editores Allen e Unwin, consideraram que havia uma conexão com um argumento do livro de Padmore e Pizer, e repetido por Padmore em seus artigos. A ideia de que as populações asiáticas sob ataque japonês poderiam exercer semelhante resistência e defesa ao império britânico caso lhes fosse garantido o direito a autodeterminação sugeriu que tal postura seria uma decorrência da autodeterminação concedida pela Rússia. Em contraste com a entrega do povo soviético, que havia seu direito de autodeterminação garantido e, portanto, lutou bravamente pela nação soviética, os asiáticos receberam os apelos britânicos à unidade colonial apenas com indiferença.

Este livro também aponta as perspectivas para o pós-Guerra II, indicando que Padmore já se preocupava com o cenário posterior ao conflito desde o início da década de 1940. O livro se afastava daqueles que defendiam a ideia de a metrópole deveria intensificar o desenvolvimento econômico e social das colônias a fim de que estivessem preparadas, desta

[518] **Carta de George Padmore para Nancy Cunard**, sem data.
[519] George Padmore, 1946, p. xii.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

maneira, para a eventual autogestão territorial. Esta noção era compartilhada pelo romancista Joyce Cary, em seu livro de 1941, *The Case for African Freedom*. O que as evidências apontavam, no entanto, Padmore concluía, era de que o desenvolvimento sob o colonialista britânico já poderia ter chegado há tempos. Padmore se vale do exemplo do regime Czarista para comparar como o colonialista britânico mantém seus territórios coloniais sem educação, sem treinamento profissional, sem indústrias em uma política míope. Padmore chega a ponderar no livro, sobre qual seriam as vantagens para o mercado editorial caso as populações coloniais fossem alfabetizadas.[520] E da mesma forma que as populações rurais da antiga Rússia Czarista foram industrializadas pelo regime soviético, as populações do continente africano também poderiam ser transformadas. Não haveria, portanto, necessidade de se aguardar o desenvolvimento para que se considerasse a autogestão territorial das colônias. Autodeterminação deveria ser o primeiro passo rumo ao desenvolvimento econômico.

Padmore também criticava a ideia de que a metrópole deveria avaliar e decidir quais colônias estariam aptas e prontas para o autogoverno. Esta ideia não passaria de paternalismo e faria parte do velho mito de que os povos coloniais e negros não estão prontos para gerir seus próprios assuntos, há muito criticado pelo *International African Opinion*, por exemplo. Padmore propunha no livro o caminho para o socialismo econômico. A União Soviética educou os povos asiáticos mais atrasados e os trouxe ao mundo moderno, segundo Padmore. O continente africano poderia realizar o mesmo em seus Estados caso estivessem organizados em autogoverno e organizados entre Estados Socialistas. Este argumento também será importante para o Pan-Africanismo do pós-Guerra II interessado na defesa da unidade africana. O Socialismo se fazia fundamental, pois o capitalismo seria um sistema que se expressa e exacerba o conflito racial. Como o continente africano é composto por diversas etnias os Estados deveriam ser socialistas e multinacionais. No sistema capitalista as divisões econômicas se expressariam em divisão racial. Sem economias planejadas os estados multinacionais entrariam em colapso. Padmore apresentava para este contexto duas alternativas, fascismo ou socialismo. O imperialismo levaria à divisão diante de sua exploração e constantes guerras, portanto deveria ser combatido. O socialismo seria a saída para a unidade e estabilidade mundial no pós-Guerra II.[521]

Ao submeter o manuscrito do livro ao leitor designado pelos editores Allen e Unwin, W.E. Simnet, Padmore o identificou enquanto o editor do *Crown Colonist*, órgão oficial do

[520] Ibidem.
[521] Idem, 178

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Crown Agents for the Colonies. Simnet em postura pretensamente positivista relatou em seu parecer que mesmo "conhecendo o histórico George Padmore muito bem na esfera colonial, não permiti que nossa visão completamente oposta da questão colonial influenciasse meu julgamento de nenhuma forma". Afirmando que o que Padmore havia produzido era propaganda, defendeu que tal livro fosse publicado a menos que fosse por um grupo editorial simpático às suas visões. Porém, enquanto pareceirista da Allen e Unwin, recomendou a não publicação do livro. Em seu parecer escreveu,

> O prefácio é típico do ponto de vista do Sr. Padmore e é o fio-condutor do livro. Todas as referências ao Império Britânico são generalizações travestidas de fatos verdadeiros, uma confusão de meias-verdades, falsas premissas e deduções equivocadas. Este tipo de 'argumento' (guardem as aspas) é característico de muitos indivíduos de cor [*coloured peoples*] como Sr. Padmore amargurados por conta de uma infeliz experiência de preconceito racial, que possuem ideias fixas sobre um 'imperialismo' moribundo e adquiriram interesse em um tipo de atitude que cai bem junto de outros compatriotas igualmente amargurados e desinstruídos e também são bem recebidos por interesses escusos ou preconceitos em outros locais. Como acreditam serem sinceros, estão cavalgando um cavalo morto.

O pareceirista segue afirmando que o livro não passava de propaganda, e enquanto tal deveria ser publicado por uma editora que concordasse com tais ideias. A editora Allen and Unwin, portanto, seguiu a avaliação de Simnet e não publicou o livro.

Em 8 de janeiro de 1943 Padmore recorreu a Nancy Cunard e enviou-lhe uma cópia do livro, datilografada por Dorothy Pizer, a fim de que a intelectual abrisse portas para seu livro. Como forma de endossar seu livro, Padmore anexou um texto do romancista H.G. Wells que apontava a forma pela qual a União Soviética havia lidado com a questão nacional. Padmore avaliava que havia uma onda pró-Rússia que tornaria o livro algo rentável para o mercado editorial. Padmore chegou a deixar Cunard a vontade para negociar a publicação do livro, "estou preparado para oferecer a ele qualquer concessão de caráter financeiro caso ele esteja interessado em publicar o quanto antes"[522]. Estava disposto, inclusive a realizar modificações, "ainda que esperasse que a verdade não seria distorcida".[523]

Em 1944, Padmore conheceu Dennis Dobson, um jovem professor de Cambridge que pretendia se lançar no mercado literário como editor. Diante da derrota de Hitler para o exército soviético, a aliança entre a Grã-Bretanha e Rússia estaria perto do fim, acreditava Padmore. Este cenário trazia questões em relação ao momento de seu livro, que traçava uma comparação em relação ao Império soviético e ao Império britânico. Em abril de 1944,

[522] Padmore para Cunard, **Coleção Cunard**, caixa 17, pasta 10, quarta, sem data.
[523] Idem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Padmore escreve para Dobson "acredito que toda questão do Império e do Socialismo será uma das grandes questões trazidas ao povo britânico em um futuro próximo". Dobson, então recorreu a Walter Kolarz, autor de *Stalin and Eternal Russia*, para que avaliasse o livro de Padmore. De início Kolarz questionou se Padmore conhecia realmente a União Soviética e sua história, mas atestou que o valor deste livro residia na conexão estabelecida entre a política colonial soviética e "o problema das pessoas de cor em geral". Ao ler as críticas apresentadas por Kolarz, Padmore fez anotações na versão de Dobson, "Como este pessoal odeia, Lênin!".[524] O subtítulo sugerido por Kolarz apontou para o tema do Império trazido por Padmore a partir de um olhar pautado pelas questões raciais. O livro, entretanto, apenas seria lançado apenas em 1946 com o título *How Russia Transformed Her Colonial Empire: A Challenge to the Imperialist Powers*.

Passada a Guerra, o Império britânico buscou de todas as formas minimizar o impacto da propaganda soviética em seu Império, sobretudo nas colônias. George Padmore representava um porta-voz importante na defesa da política nacional da União Soviética e apresentava o modelo de Império adotado pela Rússia soviética enquanto um contraponto ao britânico. Em maio de 1946 o *British Colonial Office* enviou às suas colônias um documento solicitando atenção e vigilância em relação à propaganda soviética na imprensa destes locais. A União Soviética dirigia diversas críticas ao Império britânico a partir de sua rede de imprensa internacional e isto chamou a atenção dos serviços de inteligência britânica[525]. Além de seu envolvimento com o Comunismo Internacional e com a Rússia soviética, que já colocava Padmore nas páginas dos serviços de inteligência britânica, após seu recém-lançado livro que sistematizava a propaganda soviética, tornou-se ainda mais visado.

Em 1947 o nome de Padmore já era conhecido em todas as colônias, não apenas pelos militantes anticoloniais, mas pelos oficiais do governo colonial. Relatórios com informações sobre Padmore chegavam de Trinidad e Tobago, Jamaica, Serra Leoa, Nigéria. Na Costa do Ouro os artigos de Padmore eram notificados enquanto "altamente anti-imperialistas", "pró Rússia", por exemplo. Os artigos escritos por Padmore e enviados para os diversos jornais nas colônias certamente incomodavam o governo colonial. Contudo, seu livro *How Russia Transformed Her Colonial Empire* foi amplamente lido na África, por exemplo, teve um peso importante na atenção às atividades desenvolvidas por Padmore no pós-Guerra II. Em relatório do ano de 1947 enviado da Nigéria informaram que este livro estaria despertando o

[524] John Hooker, 1967, pp. 74-75

[525] Secretário de Estado para as Colônias para todas as Colônias, Protetorados e Territórios Mandatários, 17 de maio de 1946. The National Archives of the United Kingdom (TNA), CO 537/5120.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

interesse da juventude do país em aprender mais sobre a Rússia. Apesar da forte censura a seus livros, Ako Adjei, amigo de Padmore e líder anticolonial da Costa do Ouro, transportou alguns exemplares para o país.[526] As autoridades metropolitanas preocupavam-secom teor dos escritos de Padmore, que apontavam para a União Soviética enquanto um modelo político a ser seguido, e também com a força de sua rede de contatos estabelecida nos territórios coloniais. Em um episódio de censura foram apreendidos duzentos exemplares deste livro na aduana da Costa do Ouro, mas após uma forte campanha da imprensa local por liberdade de imprensa os livros foram liberados[527].

Apesar de ter rompido com o Comunismo Internacional desde meados da década de 1930, Padmore seguiu sendo visto pela inteligência metropolitana enquanto um representante da propaganda soviética. Pois, embora não fizesse mais parte do círculo do Comintern e se demonstrasse um crítico do stalinismo, o governo colonial britânico considerava que os efeitos de suas ações possuíam a mesma fonte e inspiração. Alguns relatórios apontavam que mesmo que não estivesse sob o comando soviético, Padmore agia dentro da estratégia soviética e jogava, desta maneira, o jogo dos russos.[528] Esta postura do governo colonial traz à luz questões importantes sobre o anticomunismo e o período inicial da Guerra Fria. Cabe ressaltar que Padmore já havia identificado, na primeira metade da década de 1940, os prejuízos de estar vinculado ao Comunismo Internacional ou de apresentar o Pan-Africanismo a partir de um vocabulário político revolucionário e radical. O pós-Guerra II consolida esta visão de Padmore rumo ao tom mais moderado e na observância das oportunidades disponíveis no presente para as lutas de libertação do continente africano.

A produção escrita de Padmore durante a década de 1940 pautou-se por dois argumentos centrais: que a União Soviética seria a única potência a ter garantido total independência e igualdade às nações pertencentes a seu Império; e ser fundamentalmente um Estado de trabalhadores que defende integralmente a classe trabalhadora e os objetivos socialistas[529]. Em *How Russia Transformed Her Empire* desenvolve seu olhar sobre a questão nacional e sobre o Império. Também é possível encontrar passagens que demonstram como Padmore defendia uma sociedade baseada nos valores socialistas. Esta obra possibilita que se compreenda como alguns intelectuais pan-africanistas identificaram, a partir da perspectiva

[526] **Telegrama de K. Adumu-Bossman para o governador**, Costa do Ouro, 7 de julho de 1947.
[527] **Telegrama do governador da Costa do Ouro para Secretário de Estado para as Colônias**, 10 de Fevereiro de 1948.
[528] Colonial Office Public Relations Department, Memorando interno, 1 de Maio 1946.
[529] George Padmore. "Hand-Off the Soviet Union". **Left**, n° 41, fevereiro de 1940.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

crítica e herética, os rumos da política colonial durante a Segunda Guerra Mundial e o contexto da nascente Guerra Fria.

Padmore identificou no imediato pós-Guerra uma oportunidade de tirar proveito das críticas soviéticas ao Império britânico e de, desta maneira, disputar as narrativas políticas a partir de marcos mais progressistas e radicais, ainda que descolados do comunismo. Ao endossar as críticas ao imperialismo buscava manter a questão colonial em destaque na opinião pública britânica, além de fazer coro a uma potência global que emergia como um dos polos do mundo bipolar. Apesar de tomar a União Soviética enquanto uma aliada no debate sobre a questão colonial e no combate ao imperialismo, Padmore seguia enquanto um marxista "marginal". O intelectual pan-africanista chegou a defender a linha de argumentação proposta por Trotsky em *The Revolution Betrayed*[530].Afirmou que "todos nos tornamos anti-stalinistas enquanto apoiávamos a União Soviética"[531]. Esta defesa era assegurada em contraste com a experiência nazista da Alemanha, pois segundo Padmore, Stalin não teria cometido tantos crimes quanto Hitler. Padmore propunha um caminho que seria o de considerar se um negro teria as mesmas liberdades que lhe eram asseguradas em Moscou, na cidade de Berlin, por exemplo[532]. Padmore, desde o Congresso de Manchester, buscou consolidar uma perspectiva *não alinhada*fosse em relação ao comunismo soviético ou ao imperialismo ocidental.

Entre 1946 e 1952 a propaganda soviética nos territórios coloniais foi acompanhada de perto pelo *British Foreign and Colonial Office*. George Padmore aparece nominalmente descrito em diversos relatórios da inteligência britânica, apesar de relatórios terem sido produzidos por todo o território colonial. Padmore passou a ter todos seus artigos monitorados e identificados em relatórios, independente do conteúdo. Em outubro de 1946, Padmore enviou um artigo intitulado *Molotov Attacks British Colonial Administration* para o *Bermuda Recorder*, jornal do Caribe[533]. O artigo enfatizava a política externa executada pelo ministro soviético Vyacheslav Molotov e citava as palavras do ministro que afirmou que o "modelo de democracia [soviético] funciona satisfatoriamente em nosso país" e poderia funcionar igualmente em outros países como a Costa do Ouro. Padmore soube se utilizar do clima de Guerra Fria e da preocupação ocidental constante sobre a ameaça comunista nos territórios coloniais para que as demandas anticoloniais fossem atendidas. Durante o processo

[530] Leslie James, 2015, p. 107.
[531] **Carta de T.B. Subasinghe para Marika Sherwood**, 27 de fevereiro de 1995, carta disponibilizada por Marika Sherwood.
[532] **Carta de George Padmore para George Breitman**, sem data.
[533] **Carta de Governador de Bermuda para Secretário de Estado para as Colônias**, 10 de janeiro de 1947.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

de independência da Costa do Ouro, na década de 1950, Padmore irá influenciar Nkrumah nesta direção.

Um dos objetivos de Padmore com seus textos ao longo da década de 1940 era atingir leitores brancos, metropolitanos, alheios aos fatos do colonialismo e das lutas internacionais dos trabalhadores negros. As críticas que Padmore imprimia ao stalinismo e ao Comunismo Internacional devem ser estendidas aos partidos socialistas europeus. Padmore buscava com seu livro sobre a Rússia explicar o modelo soviético e seus efeitos diante de seu Império. Padmore buscava reforçar a mensagem de que apenas os trabalhadores poderiam derrubar o Imperialismo. O livro se apresenta enquanto um detalhado conjunto de ações tomadas pelos trabalhadores bolcheviques rumo à Revolução, com ênfase na questão nacional, que visava disponibilizar aos trabalhadores britânicos um modelo de transformação do Império britânico. O sistema socialista possibilitaria que as diferenças políticas e econômicas das diferentes comunidades fossem sublimadas pela propriedade coletiva e pelo planejamento socialista. Isto poderia colocar um fim no "chauvinismo racial", segundo Padmore.

Padmore acreditava ser importante que os socialistas britânicos olhassem novamente para a União Soviética enquanto um modelo de estado de trabalhadores. Ele buscava reformular a visão que o *British Labour Party* possuía do socialismo e reorientar a classe trabalhadora britânica para o caminho de um socialismo mais comprometido com as questões coloniais.[534] Padmore já havia se convencido de que o partido não possuía interesse na libertação do continente africano. Os trabalhistas britânicoshaviam há muito tempo se afastado de um caminho político radical. O partido defendia posições distanciadas das reflexões teóricas sobre a política, o que o levava a defender posições das lideranças sindicais britânicas de forma corporativista e isolada dos problemas da classe trabalhadora mundial e, sobretudo, dos trabalhadores coloniais. Ao defenderem os avanços vinculados aos sindicatos britânicos acabavam por defender o desenvolvimento industrial e o desenvolvimento urbano das metrópoles britânicas, o que os levava em última instância à defesa do capitalismo enquanto o sistema que possibilitaria a existência destes sindicatos.

Assim como os *Tories*, o *Labour Party* enxergava as colônias sob a perspectiva da exploração. Este posicionamento se tronou mais claro quando, em 1944, o *Labour Party* produziu um Manifesto[535]. O imperialismo dos *Tories* passou a ser endossado pelas posições do *Labour Party*. O que a década de 1940 apresenta em relação às estratégias de Padmore era que, em relação às críticas que propunha, ele incomodava mais por suas críticas ao

[534] George Padmore, 1946, p. 175.
[535] George Padmore 1946, pp. 33;170.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

imperialismo britânico do pela propaganda soviética. A capacidade que Padmore construiu de criticar a política imperial britânica de dentro da metrópole, sua penetração mais ostensiva na opinião pública britânica diante de sua moderação e adaptação da linguagem, e as críticas ao governo trabalhista. Esta estratégia esteve aliada a construção de uma frente anticolonial posicionada nos territórios coloniais que estivesse atento e preparado para agir rumo à independência assim que as condições se apresentassem.

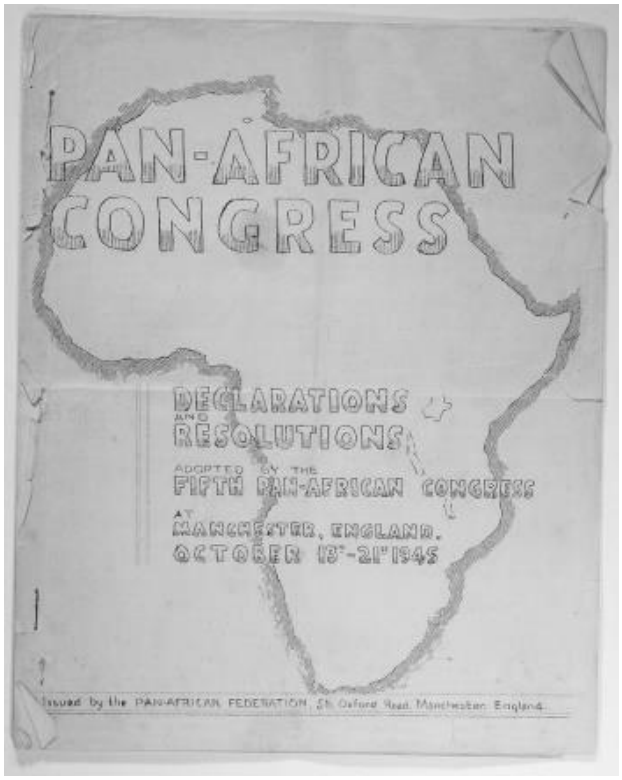

Figura 18 - Capa das Declarações e Resoluções do V Congresso Pan-Africano de Manchester, 1945.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

8
A Revolução da Costa do Ouro: George Padmore e Kwame Nkrumah

> When he died in 1959, eight countries sent delegations to his funeral in London. But it was in Ghana that his ashes were interred and everyone says that in this country, famous for its political demonstrations, never had there been such a turnout as that caused by the death of Padmore. Peasants from far-flung regions who, one might think, had never even heard his name, managed to find their way to Accra to pay a final tribute to the West Indian who spent his life in their service.
>
> C.L.R. James, 1983

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Em seguida à independência da Costa do Ouro, em 1957, Padmore foi convidado por Nkrumah para atuar no recém-formado governo de Gana, nome dado ao país independente. Em correspondência com Richard Wright, Padmore deixou clara a situação e como este momento era visto por Nkrumah. De acordo com Padmore, Nkrumah lhe disse: "se você nos deixar agora tudo o que eu e você construímos será posto a perder depois que expulsarmos esses bastardos britânicos"[536]. No mês de novembro Padmore seria indicado como assessor de Nkrumah para Assuntos Africanos. Ainda que fosse um homem negro amplamente conhecido nos meios políticos do Oeste Africano e, sobretudo, em Gana, Padmore enfrentou forte oposição e resistência da elite ganesa a seu nome para o cargo. Padmore era visto como um *outsider* na região pela qual devotara sua vida e trajetória. Alguns ganeses e diplomatas americanos acusavam Padmore de buscar apenas conforto e poder em seu trabalho com Nkrumah. John Hooker definiu os anos entre 1957 e o ano de sua morte, 1959, em Gana, como seus "meses de poder".[537] O período que esteve em Gana é fundamental para que se compreendam as tentativas de articulação Pan-Africanista no continente africano, dentro de uma agenda concreta rumo à unidade continental e ao combate ao colonialismo e

[536] Carta de George Padmore para Richard Wright, 22 de abril de 1957, Wright MSS/103/1521.
[537] John R. Hooker. **Black Revolutionary.George Padmore's Path from Communism to Pan-Africanism.** Nova Iorque, 1967, p.109.

imperialismo. Entretanto, a relação entre Padmore e Nkrumah é anterior e remonta ao ano de 1945.

A Segunda Guerra abriu novas possibilidades a Padmore e ao movimento anticolonial. Novas possibilidades de percepção das relações entre metrópole e colônias e os caminhos rumo à autonomia que se abriam, mas também, quais estariam mais estreitos. George Padmore e Kwame Nkrumah formaram uma parceria que permitiu que o Pan-Africanismo tal qual pensado e articulado desde Londres, sobretudo, a partir da década de 1940, pudesse ser implementado. O caso da independência da Costa do Ouro em 1957, primeiro país a tornar-se independente na África subsaariana, nos aponta como as elucubrações teóricas emitidas nos círculos do *International African Service Bureau*, mas também as reivindicações revolucionárias e internacionalistas já presentes no *Negro Worker*, foram ressignificadas diante da Guerra Fria e postas em prática no continente africano.

As reivindicações do movimento anticolonial vinculado ao grupo de Londres por autodeterminação, que não eram recentes, foram colocadas como prioridades no imediato pós-Guerra e foram vistas como pré-requisito para o desenvolvimento da África. A emancipação política seria a porta de entrada para o desenvolvimento econômico e a modernização das sociedades coloniais. Padmore e Nkrumah percebiam o Pan-Africanismo consolidado no Quinto Congresso de Manchester como o caminho pelo qual estes objetivos seriam alcançados. Mas este conjunto de ideias e estratégias só foram reivindicadas enquanto Pan-Africanas depois que Padmore percebe que o movimento Pan-Africano teria chances de se apresentar fora de um vocabulário revolucionário. Com a intensificação do clima de Guerra Fria, a afiliação do internacionalismo negro ao comunismo seria contraproducente. Padmore, portanto, apresentava o Pan-Africanismo da seguinte forma:

> Em nossa luta por liberdade nacional, resgate de nossa dignidade humana e social, o Pan-Africanismo oferece uma alternativa ao Comunismo por um lado e ao Tribalismo de outro. Rejeita tanto o racialismo branco e o chauvinismo negro. Defende a coexistência racial sob as bases da absoluta igualdade e respeito pela personalidade humana.
> O Pan-Africanismo se coloca acima das clivagens de classe, raça, tribo e religião. Em outras palavras, busca oportunidades iguais para todos. O talento será recompensado com base no mérito. Sua visão se projeta para além das limitadas fronteiras do estado-nação. Sua perspectiva engloba a federação dos países autogovernados e regiões que terão sua amálgama nos *Estados Unidos da África*[538].

[538] George Padmore. **Pan-Africanism or Communism?** Londres: Dennis Dobson, 1956, pp. 355-356.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Este trecho está escrito no final de *Pan-Africanism or Communism? The Coming Struggle for Africa*lançado em 1956 e escrito no início da década de 1950. Anos mais tarde, em 1963, quando do lançamento de *Africa Must Unite*, de Kwame Nkrumah, o autor dedica a obra "a George Padmore (1900-1959) e para a Nação Africana que deve existir".[539] Este livro de Padmore é considerado sua principal obra, tanto por seu valor historiográfico em relação ao movimento Pan-Africano, quanto por conter de forma mais densa suas ideias e estratégias políticas. C.L.R. James afirmou que seria "impossível compreender a revolução que levou a Costa do Ouro a transformar-se em Gana a menos que se saiba de antemão que o homem por trás deste processo era Padmore". Marable Manning também aponta que, durante o período entre 1945 e 1959, as políticas e táticas de Kwame Nkrumah foram amplamente norteadas pelas ideias de Padmore, e por sua vez, "afetaram os curso da história política de Gana."[540] Na biografia de Padmore escrita por Hooker, esta relação é descrita como algo prejudicial que o estaria afastando da realidade por seu foco "nos assuntos do Oeste Africano do pós-Guerra, excluindo seu interesse ativo em eventos que ocorriam em outras partes do continente".[541] Esta leitura feita por Hooker, contudo, desconsidera a atuação de Padmore nos jornais do Caribe, Ásia e outros locais do continente africano.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

8.1
Padmore, Nkrumah e Londres: caminhos cruzados

George Padmore e Kwame Nkrumah mantiveram uma relação não apenas política, mas pessoal e de grande amizade, de 1945 até o fim da vida de Padmore, em 1959. A partir do final da década de 1940, Padmore entende que é fundamental que uma figura de liderança assuma a bandeira do Pan-Africanismo no continente africano a fim de que a emancipação fosse alcançada. Nkrumah será esta liderança e a Costa do Ouro será o palco para a Revolução Pan-Africana, ambos escolhidos por Padmore. Estes dois intelectuais estiveram unidos na tarefa de pensar o imperialismo, o colonialismo, a descolonização e o desenvolvimento do continente africano. Ainda que ambos façam parte da mesma geração intelectual, e tenham trilhado caminhos semelhantes, os dois se comportaram de maneira distinta em relação à ideologia Pan-Africana. Nkrumah pode ter nascido no vilarejo de

[539] Kwame Nkrumah. **Africa Must Unite**. Londres: Heinemann. 1963.
[540] Manning Marrable. **African and Caribbean Politics**: From Kwame Nkrumah to the Grenada Revolution. Londres: Verso, 1987, p. 109.
[541] John R. Hooker. **Black Revolutionary. George Padmore's Path from Communism to Pan-Africanism**. Nova Iorque, 1967, p.103.

Nkroful, na Costa do Ouro em 1909, segundo um reverendo católico de Nzima, cidade referência de Nkroful. Ou pode ter nascido em 1912, data que sua mãe reivindica como a de seu nascimento, contados a partir da festa local de Nzima, o Kuntum.[542] O que se espera neste capítulo é apontar a continuidade entre o internacionalismo negro desenvolvido por Padmore desde sua atuação no Comintern, o Pan-Africanismo consolidado no Quinto Congresso de Manchester, em 1945, e o processo de independência de Gana , em 1957. Ou seja, compreender de que maneira a aproximação entre Padmore e Nkrumah possibilitou que as diretrizes ideológicas do Pan-Africanismo, pensadas de um ponto de vista transnacional, em diálogo com o marxismo e considerando a diáspora, foram aplicadas na Costa do Ouro considerando o Oeste Africano do ponto de vista regional. Este capítulo pretende apresentar quais as influências de Padmore podem ser percebidas em Nkrumah, mas também quais são os pontos de afastamento entre as concepções de Padmore e as de Nkrumah.

Padmore já possuía uma reputação ilibada nas lutas por libertação dos negros e dos povos coloniais quando se encontraram pela primeira vez. Nkrumah não era mais do que um estudante interessado nas lutas anticoloniais. Mas o jovem Nkrumah não se tornou de pronto a liderança ideal para o continente africano. Esta posição, além de conquistada através das articulações de Nkrumah, também foi fruto da avaliação de Padmore sobre o cenário do Oeste africano. Padmore, segundo Hooker, "parece ter transferido suas esperanças por uma África unida e livre do [nigeriano Namdi] Azikiwe para Nkrumah, ainda que neste momento tenha, inclusive, perdido a paciência com Nkrumah".[543] Hooker segue afirmando,

> ele [Padmore] era imensamente mais experiente e cosmopolita, porém, ao contrário do mais jovem, Padmore era sofisticado demais, desconfiado demais, espirituoso demais para se deixar levar pela mentalidade idiossincrática de Nkrumah. [...] Nkrumah, de maneira alguma, era um anticolonialista corriqueiro; ele era um revolucionário[544].

C.L.R. James escreveu que Padmore "em Londres era o agente da magnífica concepção política de Nkrumah, seu representante e seu correspondente".[545] Em um diálogo com seu amigo e escritor Richard Wright, Padmore revela o porquê da Costa do Ouro ter sido escolhida para a implementação da ideologia Pan-Africanista no pós-Guerra. Em carta datada de 19 de outubro de 1955, Padmore escreveu:

---

[542] Kwame Nkrumah. **Autobiographie.** Paris, Présence Africaine. 1960, p. 15.
[543] John R. Hooker. **Black Revolutionary. George Padmore's Path from Communism to Pan-Africanism**. Nova Iorque, 1967, p. 91
[544] Ibidem. pp. 91-92
[545] C.LR. James. **Notes on the Life of Padmore**. Microfilme. University of London, Institute of Commonwealth Studies, 1959, p. 42

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

> Kwame Nkrumah é o único que sabe disso. Obrigado ao Nello (C.LR. James) que o apresentou ao Trotskismo e eu pude extirpar isto dele antes de seu retorno. E coloquei no lugar o Pan-Africanismo (Nacionalismo Negro mais Socialismo)[546].

Um ano depois, no dia 12 de abril de 1956, no contexto de discussão sobre o tribalismo na Nigéria, que por sua vez estaria 'engolindo' o país, segundo Padmore, contou para Wright "que por esta razão eu me concentrei em Nkrumah. Porque ele seria o único que poderia aplicar uma análise marxista sobre a situação tribal da Costa do Ouro". Padmore lia os conflitos regionais chamados por ele de "tribalismo" como um entrave à consolidação de um partido nacional. Diferente da Nigéria, a situação "tribalista" na Costa do Ouro" era menos complexa e diferente de Azikiwe, Nkrumah reunia as condições teóricas e políticas de levar a frente tal processo a partir de uma leitura marxista.

Nkrumah chegou a Londres em 1945, quando foi recebido por Padmore. Retornaria para a Costa do Ouro dois anos depois, em 1947, para em 1957 ser nomeado primeiro-ministro da recém-independente Gana, ex-Costa do Ouro. Apresentados por C.LR. James, que vivia nos Estados Unidos no início da década de 1940, Nkrumah e Padmore constroem, a partir deste momento, uma relação pessoal e política fundamental para que se compreenda o Pan-Africanismo e o início da descolonização do continente africano. C.LR. James havia informado a Padmore que Nkrumah "não era lá muito brilhante" e, apesar de "falar muito sobre imperialismo, Leninismo e exportação de capitais, costumava falar uma série de besteiras"[547]. Segundo Henry L. Breton, seu biógrafo, Nkrumah não possuía ideias revolucionárias concretas até chegar em Londres. Para James, apesar de possuir uma personalidade impressionante, Nkrumah precisava de mais leitura sobre o marxismo[548]. James relata que em nenhum outro local "Nkrumah poderia encontrar uma combinação de informação – teoria geral e especializada, pessoal e métodos, como encontraria em Padmore, tudo isto voltado para a emancipação da África".[549] Padmore atuaria como um tutor e conselheiro político de Nkrumah, o que pode ser comprovado pela intensa correspondência entre os dois intelectuais.[550]

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[546] Correspondência entre Padmore e Richard Wright. **Coleção Wright**, Yale University Library.
[547] Marika Sherwood. **Kwame Nkrumah**: the Years Abroad. Legon: Freedom Publications, 1996, p. 114.
[548] University of West Indies, St. Augustine, James Collection, pasta 243, carta de James para anônimo, 31 de outubro, 1982.
[549] C.LR. James. **Notes on the Life of Padmore**. Microfilme. University of London, Institute of Commonwealth Studies, 1959, p. 42.
[550] Moorland Spingarn Archives, Howard University; coleção Kwame Nkrumah.

Nkrumah chegou a Londres em maio e Padmore foi buscá-lo na Euston Station, estação de trem na região central de Londres. Junto de George Padmore, na estação, estava Joe Appiah, conterrâneo de Nkrumah que estava em Londres para estudar direito. De lá, os três se dirigiram para um encontro com sindicalistas do setor ferroviário, no qual Appiah iria conceder uma fala. Após sua fala, Nkrumah coloca a mão em seu ombro ediz para "Joe, por que estes brancos não te prenderam?"[551]. Após seu discurso Appiah recebeu uma sessão calorosa de aplausos. Ao chegarem no hotel do *West African Students Union*, no bairro de Camden Town, com Padmore e Joe Appiah, Nkrumah disse novamente a Joe, "na América, você e todos nós teríamos sido linchados ou expulsos daquele ato"[552].

Nkrumah chegava a Londres também sob as recomendações que C.L.R. James fez a Ras Makonnen, por conta da leitura de seu manuscrito Towards Colonial Freedom, que havia impressionado James. O panfleto, segundo James, era "simplesmente perfeito"[553]. Francis Kwame Nkrumah havia sido um jovem professor em um seminário católico na cidade de Elmina, na Costa do Ouro. Esta cidade é marcada pela memória da escravidão, pois nela se localiza o Castelo de Elmina, antiga fortificação destinada ao armazenamento de africanos escravizados que seriam transportados pelo oceano Atlântico. Uma daquelas marcas que se carrega por toda diáspora. Nkrumah foi muito inspirado por Nandi Azikiwe e por seus textos no jornal *African Morning Post*, e posteriormente, tal qual Azikiwe, foi para os Estados Unidos em busca de educação superior. Nkrumah passou dez anos na América experienciando a segregação racial e o racismo, e tendo feito parte de organizações estudantis como a *African Students Association in United States and Canada* com outro estudante da Costa do Ouro, Ako-Adjei. Ainda nos Estados Unidos, Nkrumah teve de lidar com disputas com estudantes nigerianos que julgavam que cada território colonial deveria lutar por independência de maneira isolada. Nkrumah buscou através de jornais promover a unidade entre os estudantes do Oeste Africano, vislumbrando maior força e organicidade de luta.[554] Nkrumah entrou em contato com os escritos de Lênin, Marx, Garvey, para citar alguns entre os quais mais inspiraram o líder africano.

Antes de viajar para Londres, nos Estados Unidos, Nkrumah buscou contato com diversas organizações políticas, desde republicanos, passando por comunistas, até os Trotskistas. Entre os Trotskistas Nkrumah conheceu C.LR. James e em sua autobiografia

[551] Joseph Appiah. **Joe Appiah**: the Autobiography of an African Patriot. Nova Iorque: Praeger, 1990, p. 163.
[552] Idem.
[553] T. Ras Makonnen. **Pan-Africanism From Within**. Oxford: Oxford University Press, 1973, p. 154.
[554] Carol Polsgrove. **Ending British Rule in Africa**: Writers in a Common Cause. Manchester: University of Manchester Press, 2009, p. 70

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

escreveria que "através dele eu aprenderia como um movimento clandestino funcionava"[555]. Com o fim da II Guerra Padmore e seus companheiros da *Pan-African Federation* buscava por ativistas anticoloniais interessados e dispostos a fazer parte da organização dos eventos que estavam articulando na Inglaterra neste momento. Em fevereiro havia sido organizado, junto de T. Ras Makonnen, o encontro da *World Federation of Trade Unions*, direcionado a delegados vindos das colônias para debater e estreitar os laços entre os trabalhadores das colônias. Neste encontro discussões foram feitas com o intuito de acertar os preparativos para o Quinto Congresso Pan-Africano que estavam preparando para o segundo semestre de 1945. Em junho também ocorria a primeira *Subjects People's Conference*. Nkrumah chegou na Inglaterra em um momento de efervescência e intensa articulação dos movimentos anticoloniais e anti-imperiais. Nkrumah foi recrutado para ocupar um dos postos de secretário e imediatamente já auxiliou na organização de um ato em apoio à greve geral na Nigéria. Marika Sherwood indica que provavelmente Nkrumah participou dos encontros preparatórios para o Quinto Congresso de Manchester nos meses de julho e agosto, de 1945[556].

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

8.2
Acra e os novos caminhos de Nkrumah: O *Osagyefo*

Contando com a participação de alguns delegados do oeste africano que estiveram presentes no Quinto Congresso Pan-Africano Nkrumah articulou junto com I.T.A. Wallace Johnson a criação de uma organização chamada *West African National Secretariat*. Foram as articulações e os encontros proporcionados por Londres e por Padmore que contribuíram para que Nkrumah formasse a WANS. Novamente, a cidade e o intelectual caribenho se apresentariam enquanto encruzilhadas que propunham dinâmicas e movimento as coisas, uniam mundos, comunicavam esferas, produziam linguagens e apontavam caminhos. Caminhos diversos, polifônicos e igualmente polissêmicos. Ruídos estiveram presentes na relação entre Padmore e Nkrumah causados, sobretudo, pela crescente autonomia e pela ação individual de Nkrumah que buscava imprimir uma tonalidade à política do Oeste africano sob o olhar regional. Esta organização pretendia pressionar o governo colonial em direção à independência da região. A iniciativa de Nkrumah causou certo desconforto entre os

[555] Kwame Nkrumah. **Ghana**: The Autobiography of Kwame Nkrumah. Nova Iorque: Thomas Nelson and Sons, 1957, pp. 42-45.
[556] Marika Sherwood. "George Padmore and Kwame Nkrumah: A Tentative Outline of Their Relationship". In: Rupert Lewis (org.) **George Padmore**: Pan-African Revolutionary. Kingston: Ian Randle, 2009, p. 162.

membros da *Pan-African Federation*, já que Padmore e Makonnen esperavam que Nkrumah os ajudasse a fortalecer esta organização e divulgar os panfletos e textos editados pela *Pan-Africa*, com o intuito de formar uma rede transnacional de lutas para o continente africano, mas também para outros territórios.

Ainda que fosse parte da *Pan-African Federation*, a *West African National Secretariat* partiu do desejo de Nkrumah e seus companheiros em promover um discurso moderado em relação ao que fora decidido em Manchester e, sobretudo, estabelecer contatos e ações locais no Oeste Africano.[557] Nkrumah dava início, no continente africano, a sua política de aproximação entre territórios geograficamente vizinhos. Acreditava que a unidade e coalizão entre territórios no Oeste Africano seria o melhor e mais seguro caminho para apoiar e conseguir a libertação do continente africano. Ou seja, apostava na via regionalista de luta anticolonial e no nacionalismo como caminho para a construção de um Pan-Africanismo continental interessado na unidade da África. Ainda que os membros da WANS fossem, em sua maioria, anglófonos, Nkrumah buscou contatos com membros do *French National Assembly*, em Paris, e promoveu encontros junto da *West African Students Union* com militantes francófonos do Senegal e do Daomé. O jornal mensal da WANS, New African, que iniciou sua publicação em março de 1946, publicava textos em francês nas colônias belgas e francesas.[558] Marika Sherwood demonstrou que a WANS obteve sucesso em disseminar seus pontos de vista através de jornais africanos [559].

Padmore havia desaprovado a iniciativa de Nkrumah de criar a WANS não apenas por conta de seu caráter regional, mas também pela aproximação de Nkrumah com os comunistas.[560] Padmore seguia firme em sua decisão de que a proximidade com o Comunismo Internacional seria estrategicamente ruim para a imagem e futuro da causa Pan-Africana, neste momento. O professor St. Clair Drake descreveu este incômodo de Padmore[561]. T. Ras Makonnen, quando realizou uma visita ao escritório da WANS notou a presença de publicações vindas de Moscou e, além disso, também notou a ausência de publicações editadas pela Pan-Africa. Nkrumah, por sua vez evitou o conflito direto com Padmore, mesmo quando foi questionado na presença de diversos membros por Makonnen

[557] Marika Sherwood. **Kwame Nkrumah**: the Years Abroad. Legon: Freedom Publications, 1996, p. 127.
[558] Hakin Adi. **West Africans in Britais, 1900-1960**: Nationalism, Pan-Africanism and Communism. Londres: Lawrence and Wishart, 1998, p. 130-131.
[559] Marika Sherwood. **Kwame Nkrumah**: the Years Abroad. Legon: Freedom Publications, 1996, pp. 129, 131, 144-146.
[560] Idem, p. 161
[561] Rukudzo Murapa. **Padmore Role in the African Liberation Movement**. Tese de doutorado (departamento de História), Northern Illinois University, 1974, pp. 176, 272.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

no escritório central da *Pan-African Federation*. Nkrumah sabia que Padmore possuía muitos contatos e prestígio no Oeste Africano, como Azikiwe, por exemplo, o que poderia causar-lhe problemas de reputação na imprensa oeste africana e enfraquecer sua imagem na região[562]. O que estava ocorrendo era que Nkrumah estava articulando, por vias próprias, ações políticas desconectadas da preocupação internacionalista que Padmore e os intelectuais de Londres buscavam. Contudo, de maneira geral, Nkrumah seguia aquilo que fora construído enquanto consenso em Manchester.

Ako-Adjei, antigo colega de Nkrumah desde os tempos de estudantes nos Estados Unidos, presidente da *West African Students Union* e delegado no Congresso de Manchester, havia retornado para a Costa do Ouro em abril, de 1947. Três semanas depois ele enviou uma carta de vinte páginas para Londres descrevendo seus encontros com o Dr. J.B. Danquah, antigo líder político da Costa do Ouro e outros intelectuais locais. Conforme Joe Appiah relembra, "o que mais nos assustou foram as novidades sobre a formação de um movimento político em forma de uma frente unida em prol da independência". Em 1947, advogados e comerciantes formaram uma organização que posteriormente, no mês de agosto, se tornou a *United Gold Coast Convention*. Neste momento a Índia havia acabado de se tornar independente do colonialismo britânico. Também foi neste momento que duzentas cópias do livro de Padmore sobre a União Soviética haviam alcançado a Costa do Ouro e estavam prontos para serem distribuídos. A Costa do Ouro fervilhava e o momento anticolonial era crucial.

Diante da sugestão de Ako-Adjei, Nkrumah foi escolhido como secretário-geral do *United Gold Coast Convention* (UGCC), o que marcava seu retorno a seu país natal.[563] Logo após a partida de Nkrumah, um documento do Colonial Office foi expedido demonstrando preocupação com este núcleo do movimento por independência. Padmore, por sua vez, fez de tudo para cumprir sua promessa de apoiar e municiar o movimento popular na Costa do Ouro com a chegada de Nkrumah. Padmore passou a ser o porta-voz da Costa do Ouro, de Londres para o mundo. Padmore e Joe Appiah, novamente, levaram Kwame Nkrumah na estação de Euston, em sua viagem de retorno à Costa do Ouro. Os dois reafirmaram que,

> de Londres – quartel general do inimigo – nós seguiremos a vigiar e protegê-lo dos ataques dos servos do imperialismo; e que de Londres seriam enviados suporte e munição necessárias para as batalhas à frente[564].

[562] T. Ras Makonnen. **Pan-Africanism from Whithin**. Oxford: Oxford University Press, 1973, p. 263.
[563] Joseph Appiah. **Joe Appiah**: the Autobiography of an African Patriot. Nova Iorque: Praeger, 1990, p. 169.
[564] Idem, p. 171.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

A *United Gold Coast Convention* era composta inicialmente pela elite da Costa do Ouro e seus membros eram parte das classes educadas do país. A organização representava o status quo e tinha em seu quadro, advogados, médicos e homens de negócio, homem tais como Francis Williams, Dr. J.B. Danquah, William Ofori Atta, Ashie Nikoe, John Ayew, R.S. Blay, J.W. de Graft Johnson, e George Alfred Grant. Contudo, a organização precisava de uma figura que oferecesse centralidade e liderasse a construção de uma congregação mais sólida. Coube a Kwame Nkrumah a tarefa de tocar a organização já que os outros membros, homens de negócios e profissionais liberais, consideravam-se atarefados demais para esta responsabilidade. Com Nkrumah a composição da organização muda e se amplia em um curto espaço de tempo. Nkrumah inicia seus trabalhos junto a *United Gold Coast Convention* no dia 29 de dezembro de 1947.

As lideranças do *United Gold Coast Convention* reivindicavam o fim do domínio colonial na Costa do Ouro, do fim dos privilégios comerciais que a metrópole dispunha trazendo prejuízo a estes homens e, mais importante, tendo em vista seu status social e grau de instrução, se colocavam enquanto sucessores naturais dos administradores coloniais.[565] A liberdade era um princípio a ser perseguido por estes homens e vislumbrado enquanto um valor a ser compartilhados por todos os homens e mulheres da Costa do Ouro. Entretanto, apresentavam-se enquanto vanguarda da população, os mediadores desta liberdade e, portanto, os beneficiários legítimos deste processo. Diante da adesão da juventude dos diversos locais da Costa do Ouro e também de cidades Ashanti, as lideranças tiveram dificuldades em rever este posicionamento. Com a aproximação de motoristas, artesãos, agricultores, professores e clérigos, Nkrumah precisou articular com inteligência e energia para formar uma frente coesa. Diversas seções de jovens começaram a formar parte da *United Gold Coast Convention*, e Danquah e Nkrumah buscaram transformar as diversas organizações locais em um movimento nacional mais amplo.[566]

Em fevereiro de 1948 ocorreu um boicote aos produtos europeus em Acra, logo após Nkrumah assumir o posto de secretário geral da UGCC. Esta série de eventos se tornou conhecida como Accra Riots. A polícia local realizou intervenções violentas resultando na morte de algumas lideranças do movimento, ex-soldados que haviam lutado nas frentes de Burma, como por exemplo, o sargento Nii Adjetey, que recebeu um memorial em seguida de sua morte. Nkrumah e outras lideranças da UGCC tais como, Obetsebi Lamptey, Ako Adjei, William Ofori Atta, J.B. Danquah e A.E. Akuffo-Addo, foram responsabilizados e presos

[565] Dennis Austin. **Politics in Ghana**, 1946-1960. Oxford: Oxford University Press, 1964,p. 69.
[566] Idem, p. 55.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

pelas forças metropolitanas responsabilizados pelo boicote. Em seguida foi formada a Watson Commission, responsável pelas investigações das causas e pelos atos do boicote. Um mês depois as lideranças foram soltas, o que potencializou a imagem destas lideranças no movimento anticolonial enquanto heróis e fez com que a UGCC ganhasse projeção nacional. A preocupação metropolitana com o fortalecimento de um movimento anticolonial com tonalidades populares e revolucionárias pautou as investigações. Em seu julgamento Nkrumah negou que tenha sido membro do *British Communist Party*, ainda que tenha admitido concordar com algumas de suas visões e ter alguma relação com Palme Dutt, vice-presidente do partido. Questionado em seu julgamento sobre a posse de uma carteirinha do Partido Comunista Britânico, Nkrumah informou que a carteirinha lhe foi dada pelo tesoureiro da organização a fim de que servisse apenas de modelo para documento semelhante a ser produzido na UGCC. Quando questionado sobre suas visões políticas ao retornar para o país, Nkrumah informou que suas convicções eram Pan-Africanas.

> Desde meu retorno à Costa do Ouro eu percebi que as pessoas não estavam de fato pensando em termos de uma comunidade oeste africana, mas cada qual estava buscando por seus próprios meios alcançar algum posicionamento territorial para si e alguma posição em relação ao autogoverno e, portanto, considerei que para realizar meu trabalho aqui eu deveria agir conforme esta visão[567].

Nkrumah considerava que a independência dos territórios seria um pré-requisito para a unidade do Oeste Africano, mas tudo indica que passou a priorizar a independência nacional da Costa do Ouro a fim de construir posteriormente a integração regional. Para Padmore, contudo, mais do que para Nkrumah, a libertação nacional e o nacionalismo seriam males necessários. Padmore reconhecia que o "nacionalismo burguês", tal qual o defendido pela UGCC, era necessário em uma sociedade colonial, porém perigoso. Seria uma arma útil e necessária na difusão da insatisfação anticolonial e da pressão por autodeterminação. Padmore enxergava o nacionalismo enquanto um meio capaz de conduzir a objetivos transnacionais vinculados à Revolução mundial dos trabalhadores. Nkrumah alocava o nacionalismo nos marcos da luta interna ao continente africano, sem perder de vista a importância das conquistas regionais no Oeste Africano.

Diante de seus acusadores também foi interrogado sobre um documento a respeito do *The Circle*. Um grupo secreto formado por membros do WANS que deviam fidelidade

[567] Gold Coast Commission of Enquiry Verbatim Reports of Proceedings Fifth to Seventh Hearings, PRO: C0964/27.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

pessoal a Nkrumah[568]. O grupo possuía como palavras de ordem "os três S: Serviço, Sacrifício e Sofrimento". Seus objetivos seriam "iniciar o trabalho revolucionário em qualquer parte do continente" a fim de criar a união das repúblicas socialistas africanas[569]. Os membros do grupo deveriam realizar contribuições em valores e estar dispostos a lutar pela unidade do Oeste Africano e pela destruição do colonialismo[570]. Segundo Colin Legum, o *The Circle* poderia ser comparado a uma organização de base leninista, ideologicamente e organizacionalmente[571]. Legum também sugere que o termo *Osagyefo*, que no idioma Akan pode ser traduzido tanto como 'senhor da guerra' ou como 'redentor', tenha surgido no interior deste grupo[572]. Segundo Kodjo Botsio o *The Circle* não teria prosperado, pois, na sequência de sua formação Nkrumah teria retornado para a Costa do Ouro[573].

O documento havia sido encontrado em uma pasta de Nkrumah quando de sua prisão. Nkrumah confessou que o documento se tratava de um "antigo sonho privado". Nkrumah, assim como Padmore, sonhava com a formação de uma República Socialista Africana. Entretanto, admitiu que ao retornar para a Costa do Ouro abdicou deste sonho. O que este interrogatório revela é que o clima de Guerra Fria já se instaurava no continente africano traduzido nas preocupações em manter o "perigo comunista" longe dos territórios coloniais. Este cenário além de confirmar as preocupações apontadas anteriormente por Padmore em relação às afiliações dos movimentos anticoloniais com o Comunismo Internacional indicava que Nkrumah teria que lidar com o anticomunismo em sua luta por independência. Em seu depoimento Nkrumah respondeu a todas as questões sobre sua relação com lideranças comunistas, lideranças sindicais e suas convicções políticas, reiterando que "eu deixei claro que sou um Socialista, e um Marxista Socialista. Eu jamais declarei ser um comunista. Eu concordo com algumas de suas visões, mas não todas"[574]. O julgamento serviu para que Nkrumah reafirmasse seu posicionamento ideológico e sua habilidade em manter algumas de suas articulações políticas nas sombras, conforme aprendido com C.L.R. James.

A importante obra de Marable Manning, *African & Caribbean Politics*, ainda na década de 1980 buscou compreender criticamente o aspecto marxista na trajetória de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

568 PRO: CO964/24, Exhibit 35, cópia do documento do **The Circle**.
569 Idem.
570 Kwame Nkrumah. **Ghana**: The Autobiography of Kwame Nkrumah. Nova Iorque: Thomas Nelson and Sons, 1957, p. 50
571 Collin Legum. "Socialism in Ghana: a political interpretation". In: William Friedland e Carl Rosberg (org.) **African Socialism**. Califórnia, Stanford: Stanford University Press, 1964, p. 131-160.
572 Ibidem, p. 135.
573 Ama Biney. **The Political and Social Thought of Kwame Nkrumah**. Londres: Palgrave Mcmillan, 2011, p. 34.
574 Gold Coast Commission of Enquiry Verbatim Reports of Proceedings Fifth to Seventh Hearings, Public Record Office: C0964/27.

Nkrumah na Costa do Ouro. Pensando sobre a relação Padmore/Nkrumah, Marable afirma que o CPP nunca foi, de fato, um partido socialista. Foi um partido "vagamente populista e igualitarista". Marable, que termina por avaliar que a ideologia de Nkrumah não era radical o bastante, atribui esta tendência à influência de Padmore e de sua "social democracia negra", responsável pela moderação de Nkrumah.[575] O que as reflexões sobre as ações de Nkrumah, bem como os posicionamentos de Padmore apontam, todavia, é que esta moderação respondia a uma estratégia formulada desde a década de 1940, por Padmore. Mas também corresponde às estratégias de Nkrumah diante do clima da incipiente Guerra Fria e da preocupação britânica com a presença comunista nas colônias. Em maio de 1954 Padmore escreve uma carta para Nkrumah dando orientações sobre como seu carisma não deveria se sobrepor à construção de um país livre, independente, socialista e autônomo:

> Até agora o partido cresceu em torno do slogan: SGN [Self-government now] autogoverno já, uma bandeira, e sua personalidade. Estes poderiam ser elementos úteis no momento inicial do movimento... Mas desde que alcançou seu objetivo, o emocionalismo, deixa um vácuo... Devemos de agora em diante trabalhar uma filosofia básica como guia das ações futuras[576].

Esta correspondência entre os dois também aponta para uma das preocupações de Padmore em relação à Nkrumah: o investimento na imagem carismática de Nkrumah, o *Osagyefo*, em detrimento de uma ideologia que desse sustentação às ações subsequentes rumo à independência da Costa do Ouro. Padmore reconhecia que a imagem de Nkrumah em uma bandeira não seria o suficiente para sustentar as lutas por independência. Padmore pretendia que o processo de independência da Costa do Ouro fosse, de fato, uma revolução. Padmore enxergava a oposição à Nkrumah como sendo formada por "majoritariamente entre os africanos reacionários de classe média e idiotas pró-britânicos"[577], mas também por "chefes locais e aristocratas"[578] mais interessados em seu bem estar individual do que nas necessidades do povo. De Londres, e apesar das preocupações, Padmore seguia construindo uma imagem de Nkrumah enquanto um verdadeiro líder revolucionário, aquele "que nunca deixa de ouvir aos necessitados. Ele é o mesmo para todos – rico ou pobre, negro ou branco... as pessoas comuns o amam"[579].

---

[575] Manning Marrable.**African and Caribbean Politics from Kwame Nkrumah to the Grenada Revolution**. London: Verso, 1987, p.106.
[576] George Padmore para Kwame Nkrumah, 10 May 1954. Nkrumah MSS/Howard, box 154-41, pasta 14.
[577] George Padmore, 'Nkrumah Throws the Challenge,' **West African Post**, 19 de Outubro de 1951.
[578] George Padmore, 'Gold Coast Celebrates Independence Day.' **West African Post**, 17 de Janeiro de 1952.
[579] George Padmore., 'Dr. Kwame Nkrumah – First African Prime Minister,' **West African Post**, 11 de Junho de 1952.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

8.3
O *Convention People's Party*: um partido de massas anticolonial

O *Committee of Youth Organisations* (CYO), formado em agosto de 1948 após a saída de Nkrumah da prisão, passou a integrar a UGCC. Kojo Botsio, era o secretário, e Komla Gbedemah, seu presidente. Posteriormente, este será o núcleo que dará início ao *Convention People's Party*, a partir de junho de 1949. O CPP surgirá das disputas internas da UGCC diante das quais a parcela mais radical e progressista irá criar um partido independente. As diferenças entre o CYO e a UGCC poderiam ser caracterizadas em suas respectivas reivindicações por autogoverno. Ao passo que a UGCC demandava "autogoverno no menor tempo possível", o recém formado CPP exigia o "autogoverno agora!". Tais diferenças já se apresentavam desde o início da aproximação entre Nkrumah e a UGCC. Quando de sua adesão a UGCC as lideranças o questionaram como faria para conciliar seu desejo de unidade do Oeste Africano, tal qual defendido no *West African National Secretariat*, com os objetivos nacionais da UGCC. Seguindo um caminho que já fora motivo de atrito entre ele e Padmore, Nkrumah astutamente respondeu que "acreditava na solidariedade territorial antes da internacional"[580].

Entretanto, a proximidade com as massas e o aspecto mais radical da luta por independência, aspectos presentes no pensamento de Padmore, forammantidos por Nkrumah. A reivindicação por autogoverno imediata se chocava com a perspectiva gradual e cautelosa do grupo de Danquah. A divisão entre os setores ligados à Danquah e os setores do futuro CPP, ligado à Nkrumah, possuíam clivagens de classe bem demarcadas. O tom gradual da UGCC atendia aos chefes locais que acumularam mais poderes diante do colonialismo, comerciantes de grosso trato, homens educados que formavam uma classe que se autodenominava a intelligentsia deste processo.[581] Estes grupos compreendiam homens mais velhos e conformados com o colonialismo, ao passo que os *verandah boys*, ou a parcela semi-educada da sociedade da Costa do Ouro, "homens comuns", formavam a base mais jovem e ampla que apoiava o CPP. Danquah e a UGCC enxergavam estes jovens e homens comuns como "agitadores". O vice presidente da UGCC, o advogado Francis Awooner Williams revelou durante a campanha de Ação Positiva, organizada pela juventude e por estes "homens comuns" da Costa do Ouro, ser fortemente "contrário a esta greve e reclamava que o governo

[580] Dennis Austin. **Politics in Ghana, 1946-1960**. Oxford: Oxford University Press, 1964, p. 54.
[581] Idem, p. 14.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

deveria utilizar gás lacrimogêneo contra os grevistas se fosse necessário."[582] Segundo Thomas Hodgkin, Williams era um girondino consciente de sua classe, que se referia aos grevistas com palavras como "multidão" e "ralé".[583] Quando Richard Wright conheceu o Dr. J.B. Danquah no início dos anos 1950 a sua impressão também é reveladora da atitude da UGCC diante das massas da Costa do Ouro. Quando foi perguntado sobre porque não disputava politicamente esta parcela da população e buscava a aproximação com a UGCC, Danquah respondeu ao escritor "fazendo uma careta: Eu não gosto desta coisa de massas. Existem apenas indivíduos para mim". Wright seguiu afirmando que "cada palavra que eu utilizei chocava-se com suas convicções. Daí então eu prontamente percebi que este homem não era um político e nunca seria um."[584] Para Richard Wright, autor de Black Power, Danquah era um homem "old school", que não seria capaz de falar às massas, apenas dizer-lhes o que devem fazer.

Com o aumento das mobilizações dos setores populares da Costa do Ouro e a declarada aversão a esta parcela por parte da UGCC e suas lideranças, Nkrumah soube, através do CPP, abrigar estes setores em seu partido e dar sentido às suas lutas. Nkrumah acreditava que estes setores teriam potencial para transformar o país em um Estado moderno. As massas seriam alçadas a cidadãos autônomos, capazes de escolher racionalmente e aptos ao jogo político moderno. Esta leitura de Nkrumah também coadunava com as leituras feitas por Padmore e passava pelas crenças ideológicas presentes no Quinto Congresso de Manchester. O CPP iniciou uma campanha com o slogan "um homem um voto". A ampliação do sufrágio universal, as reivindicações por igualdade e liberdade compuseram as bases ideológicas que possibilitaram que o CPP agregasse uma base social sólida em 1951. Entretanto, o governo colonial, preocupado com a rápida ascensão das massas e do CPP, criou o Cossey Committee, imediatamente após a publicação do relatório da Watson Comission, para observar as propostas constitucionais para a Costa do Ouro. O sufrágio seria restrito aos adultos, homens e mulheres, com mais de 25 anos que estivessem em dia com impostos e taxas[585].

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[582] Idem, p. 13-17.

[583] Thomas Hodgkin (1910– 82) era um comunista britânico que viajou para o Oeste africano no fim da década de 1940 a fim de realizar algumas pesquisas sobre a educação de adultos neste local em continuidade a seus estudos da Universidade de Oxford. Hodgkin escreveu uma série de artigos na *West Africa* e no *Africa Evening News*, e também escreveu um livro chamado *Nationalism in Colonial Africa*. Hodgkin e Nkrumah se conheceram em 1951 e os relatos deste encontro podem ser acessados nas correspondências reunidas na obra, Hodgkin and Wolfers, *Thomas Hodgkin: Letters*, 41.

[584] Richard Wright. **Black Power**. Londres: Harper Perenial, 2008, p. 212.

[585] Dennis Austin. **Politics in Ghana, 1946-1960**. Oxford: Oxford University Press, 1964, p. 110.

Os *verandah boys* reivindicavam o direito de se auto representar. Kwesi Plange tornou-se um dos mais jovens candidatos a ser eleito, em junho de 1950, pouco antes de completar vinte e cinco anos de idade. Kwesi reivindicou que o voto deveria ser estendido aos jovens de 21 anos, o que ampliaria consideravelmente a base eleitoral do CPP. O Conselho Legislativo concordou em reduzir a idade dos eleitores, para vinte e um anos, entretanto, manteve a idade de vinte e cinco anos ou mais para candidatos. Isto fez com que jovens entre 21 e 24 anos pudessem entrar no processo eleitoral e a representação entre os setores jovens fosse drenada para o CPP. Com a pressão por ampliação da democracia liberal, cria-se o sentimento de que os governados podem se tornar os governantes. As lideranças da UGCC sentiram-se usurpadas em seu "direito" de, enquanto elites nacionais, governarem os homens comuns e a "ralé" da Costa do Ouro. O que aumentava a indignação com o CPP e, sobretudo, com Nkrumah, foi o fato de que Nkrumah havia sido convidado pelos líderes da UGCC a retornar de Londres para liderar o movimento por eles pensado. A partir da criação do CPP e de sua aproximação das massas, Nkrumah foi visto pelas lideranças da UGCC como um traidor que havia, a partir da CYO, construído seu próprio movimento político.

Em 15 de dezembro de 1949, Nkrumah lança seu programa de Ações Positivas – *Positive Action Program* – que objetivava conquistar a independência da Costa do Ouro através da mobilização das massas em prol de ações não violentas e de desobediência civil. Desde novembro Nkrumah e o CPP cobravam do Colonial Office a formação de Assembleia Constituinte e o autogoverno, o que levaria a Costa do Ouro ao status de domínio britânico. O governo da metrópole, por sua vez, não reconheceu a Assembleia Constituinte, e sequer se dispôs à negociar com Nkrumah e o CPP. No dia 11 de janeiro de 1950, após uma campanha do governo colonial para desmobilizar as manifestações que não obteve sucesso, Nkrumah e outras lideranças do CPP foram presas sem oferecer resistência. Neste contexto o governo colonial impôs uma série de medidas restritivas – que durariam até o dia 6 de março – tendo em vista retomar o controle do país. Ainda que o processo de busca pela independência da Costa do Ouro seja marcado pela negociação e pelas ações positivas, este momento revela uma forte tensão entre os movimentos anticoloniais e o governo britânico. Milícias antinegras de civis europeus e sírios foram criadas com intuito de pôr um fim às manifestações com o uso excessivo da força contra os manifestantes. No início de 1950 as mobilizações organizadas através das ações positivas tiveram seu fim, contudo as mobilizações obtiveram sucesso em se transformar em atividade eleitoral. Mesmo preso, Nkrumah receberá 98,5 % dos votos nas eleições gerais legislativas em fevereiro de 1951, nas quais o CPP conquista a maioria dos assentos no Congresso. Diante do sucesso eleitoral Nkrumah e outras lideranças

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

foram postas em liberdade, tornando o líder do governo. A chegada de Nkrumah ao poder efetivo sob a plataforma das Ações Positivas é um traço de continuidade com o Pan-Africanismo e as estratégias construídas no Congresso de 1945. St. Clair Drake escreveu sobre o Congresso de Manchester,

> Quando a conferência terminou [escreveu mais tarde] havia um tipo de acordo, conforme entendi... Eles possuíam acordo sobre o que deveriam fazer, agora que a conferência havia chegado ao fim, eles deveriam retornar aos seus países o mais rápido possível e estarem à frente da mobilização das massas que já aconteciam e estavam efervescentes. Movimentos estavam ocorrendo por aqui e por todo o continente africano reivindicando autogoverno e programas mais humanos sob o colonialismo. Estes jovens, certamente jovens intelectuais, decidiram sair e convencer nosso povo que se você quiser conquistar aquilo que se deseja é necessário pressionar pela completa independência e soberania e não apenas demandar a França e Grã-Bretanha que realize reformas. Portanto, a ideia é que eles voltem para casa o mais rápido possível, estejam à frente dos movimentos que já ocorrem por lá, e lhes dê alguma direção[586].

As estratégias que deveriam ser utilizadas para conquistar a independência seriam a greve e o boicote. Segundo Drake conseguiu avaliar em suas entrevistas,

> [O]s Pan-Africanistas de Londres e Manchester tomaram uma decisão política, que seria efetivamente buscar através de todos os meios minimizar a violência para utilizarem o que eles chamavam de Ações Positivas Não Violentas[587].

Esta tática deveria ser posta em prática na Costa do Ouro. A plataforma revolucionária de Nkrumah para a Costa do Ouro pode ser acessada em sua publicação *What I Mean by Positive Action*. Esta publicação segue, de maneira geral, a proposta do Quinto Congresso de Manchester em relação às ações não violentas e ao escopo constitucional que as disputas políticas pela independência deveriam possuir, tal qual pensado por Padmore. Nkrumah foi influenciado por Mahatma Gandhi quando escreveu este panfleto. A independência da Índia operou uma grande influência na intelectualidade negra de Londres ao final da década de 1940. Padmore observava o caso da Índia enquanto a possibilidade mais forte de se alcançar a independência junto às forças coloniais. Entretanto, ainda que a crença de que as ações positivas e pacíficas deveriam nortear as disputas políticas, Padmore pouco mencionava o nacionalismo de Gandhi, pouco comprometido com a ideologia marxista e com a construção de uma República Socialista. Nkrumah, por sua vez, acreditava no valor moral

[586] St. Clair Drake e George Shepperson. **The Fifth Pan-African Conference**, 1945 and the All Africans People's Congress, 1958. Contributions in Black Studies, No 8, 1986-87, p. 42.
[587] Drake Papers, Caixa 23, Pasta 33, manuscrito, **Pan-Africanism**: Myth or Reality?, p. 4.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

da não-violência, e encarava a tática como uma arma, muito embora não possuísse a mesma crença voluntarista proveniente do caráter religioso da *Satyagraha*[588]. Nkrumah recorreu a outro autor indiano para politizar o conteúdo da ação positiva, C.V.H. Rao e seu livro *CivilDisobedience Movement in India*. Em seu livro de notas Nkrumah citou uma passagem do livro que dizia que a resolução de qualquer conflito é afetada pela "natureza da força moral e pela simpatia pública gerada pela legitimidade da causa pela qual se está lutando e pela extensão da reação moral causada nos opositores aos quais esta ação é direcionada"[589].

Nkrumah possuía a preocupação de dirimir quaisquer ruídos relacionados ao termo Ação Positiva "publicizados por erros ou por malícias" por setores caracterizados por ele como "provocadores e tolos"[590]. Alguns grupos buscavam significar o termo enquanto algo vinculado a ações violentas e perturbações da ordem. Nkrumah pautava o debate defendendo que seria através da Ação Positiva que o governo colonial iria abrir mão de seu poder de resolver assuntos políticos e ceder ao povo local e a seus chefes este poder[591]. Tal qual Padmore, Nkrumah acreditava que havia duas maneiras de obter o autogoverno. Ou pela "pressão moral", tal qual operada por Gandhi, ou via ação revolucionária armada. De maneira semelhante a Padmore, Nkrumah optou pela primeira forma, rechaçando a via armada. Reiterando o caráter constitucional e legalista da tática, Nkrumah definia as Ações Positivas através da legitimidade que esta tática trazia às ações políticas; através das campanhas educacionais e na imprensa; e através da ação constitucional de realizar greves, boicotes, e campanhas de não cooperação baseadas nos princípios da não-violência[592]. Segundo Nkrumah, "por conta do atraso educacional dos países coloniais, a maioria das pessoas destes países não sabe ler. Há apenas uma coisa que eles compreendem que é a Ação"[593].

Em abril de 1951 Padmore chega à Costa do Ouro para participar do primeiro encontro da nova Assembléia Legislativa e da posse de Nkrumah como Líder do Governo. Enquanto permaneceu em Acra, Padmore hospedou-se na casa de Nkrumah. Na imprensa local foi informado que Padmore saiu pelo país em eventos do CPP enfatizando que "autogoverno e desenvolvimento econômico devem caminhar juntos". Basil Davidson, testemunha ocular desta comitiva relembra que Padmore lhe contou que,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

588 Caderno de notas de Kwame Nkrumah sobre a Costa do Ouro, NAG: SC21/10/1A.
589 C.V.H. Rao. "Civil Desobedience Movement in India". Apud: Nkrumah. **Revolutionary Path**. Londres: Panaf, 1973, p. 94.
590 Idem, p. 91
591 Idem, p. 93
592 Idem, p.93– 94.
593 Idem, p. 93.

> A partir de agora com as massas populares, os trabalhadores urbanos, artesãos, pequenos comerciantes, mulheres do mercado e pescadores, clérigos, professores do ensino básico e as vastas comunidades rurais são os construtores da história da Costa do Ouro[594].

Quando retornou de sua viagem pela Costa do Ouro Padmore publicou seu livro sobre o país e seu processo revolucionário, *Gold Cost Revolution: The Struggle of an African People from Slavery to Freedom*, obra que buscava traçar a evolução do nacionalismo da Costa do Ouro desde a fundação da Confederação Ashanti até a emergência do *Conventions People's Party* e seus desdobramentos[595]. Neste livro Padmore inicia sua discussão exaltando os valores democráticos presentes na história das instituições da Costa do Ouro, enfatizando que o poder de decisão dos chefes locais era balizado pela consulta popular. O livro foi criticado por direcionar duras críticas à oposição ao *Convention People's Party*, ao passo que apresenta um tom laudatório ao Partido e a figura política de Nkrumah. O livro também foi proibido de entrar em Tanganyika, Quênia e Niasalândia, pois foi avaliado como "contrário ao interesse público" pelo secretário de Estado para as Colônias[596]. Contudo, defende que caso a Costa do Ouro queira se tornar independente e "moderna", este sistema deveria ser adaptado aos tempos modernos afastando-se do tribalismo. Há um esforço de Padmore em questionar quais serão os desdobramentos políticos nas instituições locais diante do autogoverno e da independência almejada. A industrialização e a alta produtividade agrícola deveriam ser objetos de busca incessante caso a Costa do Ouro quisesse conquistar independência política e autogoverno[597]. Este livro nos auxilia na percepção de que a modernização dos países africanos para Padmore significava desenvolvimento econômico, industrialização e inserção de estruturas e instituições que há muito tempo foram experimentadas por ele, tais como os processos da democracia liberal, educação formal, burocracia estatal, por exemplo.

Ao chegar ao governo Nkrumah apresenta seu novo plano de desenvolvimento que contaria com o apoio financeiro norteamericano nos campos da ciência, tecnologia, agricultura. Nkrumah afirmou que,

> Nossos objetivos imediatos no plano de desenvolvimento são a implementação de nosso planos de educação, a construção da Usina no Rio Volta, o estabelecimento de uma Usina de cimento e outra para produzir

[594] George Padmore. **Gold Coast Revolution**. Londres, Dennis Dobson, 1953, p. 67.
[595] George Padmore, 1953, p. 1.
[596] Resposta do secretário Lennox Boyd para Fenner Brockway, House of Comons, publicada no **The Times**, 11 de julho de 1958, p. 11.
[597] Idem, p. 214.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

> torneiras para o abastecimento de água e barras de ferro para construção de casas[598].

Nkrumah afirmava que "o povo da Costa do Ouro tem o direito de governar-se ou desgovernar-se a si próprios", em uma demonstração da importância da autonomia e do autogoverno[599]. O que as eleições gerais e a massiva vitória do CPP demonstraram para o governo colonial era que o CPP deveria ser reconsiderado enquanto um ator no processo de transição para o autogoverno na Costa do Ouro. Pois diferente do que pensavam, o partido não era a "ralé" do país, mas uma organização política com legitimidade dentro do sistema democrático liberal, por conta da ampla maioria de votos recebida. Alguns funcionários do governo colonial permaneciam considerando os chefes locais como os interlocutores naturais em relação ao processo de transferência de poder. A tensão entre a oposição, desejosa de manter privilégios e obter poderes diante da saída dos britânicos, e os planos do recém-empossado Nkrumah giraram basicamente em torno do que Padmore caracterizava como tribalismo. Padmore, sabendo da importância de disputar a narrativa deste processo vislumbrado por ele enquanto revolucionário, buscará aproximar o caso da Índia, que obteve independência em 1947, da Costa do Ouro. Padmore retomava sua estratégia posta em prática durante a Guerra de observar a experiência colonial ao longo do sul global e atuar nas possibilidades e brechas do Império.

Padmore era peça fundamental para a imagem do *Convention People's Party* a partir de Londres. O livro *Gold Coast Revolution* buscava tanto informar aos olhares estrangeiros os desdobramentos do processo revolucionário dando-lhe legitimidade diante do contexto do pós-Guerra, bem como pretendia construir uma genealogia entre os nacionalismos presentes no Oeste da África e suas semelhanças ao processo de independência da Índia, em 1947. A narrativa construída por Padmore apresenta tanto o *Indian Congress Party* quanto o *Convention People's Party* enquanto movimentos formados ainda no século XIX, ou seja, com longa tradição histórica e anterioridade ao regime colonialista, a partir das elites. Porém alcançando as massas e construindo um programa revolucionário de transformação ao longo do processo anticolonial[600]. Outros aspectos enfatizados por Padmore neste livro são o caminho pacífico, o aspecto constitucional, ambos adotados tanto na Índia de Gandhi e na Costa do Ouro de Nkrumah. Padmore buscou assemelhar e aproximar as experiências da Índia e da Costa do Ouro, de maneira que o país asiático servisse de modelo a ser seguido de

[598] NAG: SC21/12/38. Discurso de Kwame Nkrumah proferido por ele na Lincoln University, 5 de junho, 1951.
[599] Idem.
[600] George Padmore. **Gold Coast Revolution.** Londres: Dennis Dobson, 1953, p. 173.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

independência por Nkrumah e as lideranças nacionalistas do país. Além disto, também buscou fazer com que o governo britânico fosse moral e politicamente pressionado a conceder a independência à Costa do Ouro tal qual fez com a Índia. Ainda havia o argumento de que a Índia obteve sua independência diante da negativa em cooperar com os esforços de Guerra, ao passo que a Costa do Ouro e o continente africano de maneira geral tiveram papel fundamental durante a Guerra em seus esforços.

Entretanto, Padmore deixa de mencionar o caráter nacionalista imprimido pelo então *Indian National Congress* e por Gandhi, exaltando o papel de Jawarharlal Nehru no processo de independência da Índia. Padmore ainda descreve o nacionalismo no Ceilão seguido do processo de formação de um movimento popular que deu força à Donoughmore Commission, que assim como a Watson Comission seria responsável por realizar reformas constitucionais no país. O nacionalismo, desta maneira, era apresentado enquanto um meio para que se alcançasse um movimento coeso e popular, que daria corpo às reivindicações por reformas constitucionais como etapa anterior à concessão da independência. Outro aspecto importante na narrativa de Padmore nesta obra dava conta de articular os movimentos nacionalistas a um contexto de demanda por libertação nacional dos territórios coloniais com origens no século XIX, que ganha força sob o contexto da Segunda Guerra tanto na Ásia quanto na África. Toda narrativa de Padmore sobre as independências da Índia e do Ceilão e da evolução destes territórios ao status de membros do Commonwealth of Nations é constantemente articulada ao processo na Costa do Ouro, que por sua vez é apontada enquanto um modelo a ser seguido no continente africano.

De maneira inteligente Padmore apresentava a Costa do Ouro enquanto um país movido de maneira unívoca pelo autogoverno e pela liberdade. Quando relatou a visita do secretário de Estado para as Colônias, Mr. Oliver Lyttelton, em junho de 1952, em meio às eleições para os conselhos locais afirma que, "De Acra ao sul, até Kumasi ao norte, ele foi recebido sob fortes demonstrações nacionalistas com manifestações de faixas e placas com slogans, 'Nós queremos Autogoverno Agora' e 'Nos dê a Liberdade ou a Morte".[601]A Costa do Ouro era, portanto, um país coeso e sem o perigo das sedições tribalistas. Mesmo os chefes locais, "antigos defensores do Imperialismo Britânico", identificavam-se com as agitações.[602] Mesmo o chefe Ashanti, Asanthene, teria afirmado para Mr. Lyttelton que a população local apoiava o primeiro-Ministro Nkrumah nos avanços constitucionais, sinal do

[601] George Padmore. **Gold Coast Revolution.**Londres, Dennis Dobson, 1953, p. 184.
[602] Idem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

sucesso do sistema partidário[603]. Padmore estava interessado em pavimentar o caminho e assegurar que a Costa do Ouro está apta para, "de forma rápida e suave realizar a transição" para o autogoverno, do contrário, segue Padmore, pois, "diante de qualquer atraso neste estágio pode significar o surgimento de grave crise política, quando o país já superou a maior parte de suas dores do parto".[604] Padmore também aponta que, "Não há como voltar atrás. Seria melhor que isto ocorresse agora ao invés de posteriormente, visto que as relações entre Africanos e Britânicos são mais cordiais do que em outras partes do continente Africano"[605].Em discurso na Assembléia Legislativa no dia 10 de julho, de 1953, Nkrumah cita uma passagem do livro de Padmore, sobre a necessidade e legitimidade de uma reforma constitucional[606].

O CPP, desta forma, surge como um partido político que daria conta de suprir os anseios do povo da Costa do Ouro, com uma base de trabalhadores e camponeses. Uma plataforma política, portanto, coerente com tudo aquilo que Padmore havia pensado no Comintern, mas também no *International African Service Bureau* e, posteriormente, no Quinto Congresso Pan-Africano, em Manchester. E também se apresentava como um ator político apto e legítimo no jogo institucional de um país que buscava soberania e autonomia. Nkrumah, por sua vez, como já havia demonstrado em seu julgamento diante da Watson Commission, soube apresentar a ideologia política do partido de forma sinuosa e astuta. Ainda que Nkrumah estivesse se construindo enquanto uma liderança dentro de um partido nacional de massas, tal qual a orientação marxista leninista – e Padmore – preconizava, o partido em si, não se apresentava dentro de uma linguagem marxista. E ainda que Nkrumah e alguns líderes do CPP já estivessem se organizando desde os tempos do incipiente *The Circle* sob a influência do leninismo, é difícil apontar claramente tais influências[607].Quando foi criado, em 1949, o CPP não demonstrou publicamente nenhuma aliança com o socialismo. O partido defendia os interesses nacionais de maneira genérica como, por exemplo, almejavam "trabalhar para a rápida reconstrução de uma Gana (Costa do Ouro) melhor na qual o povo e seus chefes terão o direito de viver e governar a si próprios enquanto um povo livre"[608]. Em sua criação o CPP possuía em sua base tanto um apelo à população quanto aos chefes locais.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[603] Idem.
[604] Idem.
[605] Idem.
[606] Bankole Timothy. **Kwame Nkrumah**: His Rise to Power. Londres: George Allen & Unwin, 1963, p. 140.
[607] Ama Biney. **The Political and Social Thought of Kwame Nkrumah**. Londres: Palgrave Mcmillan, 2011, p. 289.
[608] Kwame Nkrumah. **Revolutionary Path.** Londres: Panaf, 1973, p. 58.

Entretanto, o CPP sempre manteve a palavra de que a instituição dos chefes locais seria mantida. Na introdução de seu livro *Gold Coast Revolution*, Padmore enfatiza que a instituição dos chefes locais era tradicionalmente baseada em valores democráticos[609]. Padmore afirmava assim que, "seria possível fazer uso de seu prestígio enquanto pais tradicionais do povo, atuando enquanto lideranças morais e dando conselhos valiosos no sentido da construção de uma saudável e viril sociedade democrática moderna"[610]. Uma das preocupações de Padmore no curso do processo de independência da Costa do Ouro foi o estabelecimento de uma imagem positiva de Nkrumah durante a década de 1950. Isto se devia aos regionalismos, ao que Padmore reconhecia como "tribalismo" e o sentimento anti-Nkrumah presente na oposição. Por isso a importância de construir uma narrativa democrática, que acomodasse os chefes locais em um projeto de modernização institucional do país.

Do ponto de vista das relações exteriores, o CPP se propunha a "trabalhar com outros movimentos nacionalistas socialistas e democráticos na África e em outros continentes", e "apoiar a construção de uma Federação Oeste Africana e do Pan-Africanismo através da unidade entre os povos da África e seus descendentes"[611]. Ainda que o partido assumisse a possibilidade de trabalhar junto de outros movimentos socialistas do continente e do mundo a linguagem marxista não se encontrava de forma explícita, seguindo uma lógica presente na perspectiva Pan-Africana formulada consolidada em Manchester. Entretanto, Nkrumah centrava seu radicalismo Pan-Africano no continente – inicialmente na região oeste africana – afastando-se, neste aspecto, do Quinto Congresso Pan-Africano em seu caráter internacionalista e transnacional. O CPP almejava "substituir as lideranças existentes na política do país por outras mais dinâmicas", ou seja, fazer com os "homens comuns" fizessem parte da política indo de encontro ao elitismo da UGCC "modificando o sistema político ao invés de buscar conformar-se com o mesmo"[612].Nkrumah, desta maneira, inicia sua trajetória política no CPP como representante do que pode ser chamado de Pan-Africanismo Continental, centrado inicialmente na consolidação da unidade territorial do Oeste Africano e posteriormente continental, tendo em vista a superação do colonialismo e da transformação do sistema político no continente africano.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[609] George Padmore. **Gold Coast Revolution.** Londres, Dennis Dobson, 1953, p. 2
[610] Idem, p. 3
[611] Kwame Nkrumah. **Revolutionary Path**. Londres: Panaf, 1973, p. 59
[612] B.D.G. Folson. "The Development of Socialist Ideology in Ghana, 1949– 1959: Part I". **Ghana Social Science Journal 1**, no. 1 (Maio 1971): 1– 20.

8.4
Nkrumah e Padmore: colonialismo e imperialismo

No dia 5 de junho de 1951, Nkrumah e Kojo Botsio, seu companheiro de longa data, visitaram a Lincoln University, nos Estados Unidos, para uma fala durante a cerimônia de entrega do título de doutor em Direito. Nkrumah não apenas agradeceu pelo título concedido, mas aproveitou para apresentar brevemente os princípios políticos do CPP. Negou ser um comunista, tal qual seus opositores o acusavam. Insistiu que o,

> [A]utogoverno é apenas um meio para um fim – o desenvolvimento econômico e social do povo da Costa do Ouro. Também aproveitou o momento para ressaltar seu herói, Marcus Garvey, afirmando que, 'Nunca houve melhor momento para o movimento de Retorno à África [Back to Africa] de Marcus Garvey do que nos dias de hoje. Deixem os técnicos e cientistas Negros, professores rumarem em grande número para a Costa do Ouro para ajudar a construir a nova Costa do Ouro, ou melhor, a nova Gana – a Nova África[613].

Nkrumah não apenas convocava afro-americanos para a Costa do Ouro a partir de um apelo formulado dentro de uma genealogia Pan-Africana na qual o movimento de retorno à África de Marcus Garvey estava inserido, bem como localizava Gana como o centro Pan-Africanista da diáspora. Contudo, ainda que estivesse ao lado de Padmore desde meados da década de 1940 e tenha participado de articulações transnacionais pautadas na solidariedade anticolonial, Nkrumah já havia deixado claro que seu projeto Pan-Africano era mais local e menos transnacional que o de Padmore. E apesar de ambos compreenderem que a independência de Gana de nada valeria se outras nações africanas não se tornassem igualmente independentes, Padmore reconhecia os nacionalismos enquanto um mal necessário.

> Padmore reconhecia que o nacionalismo burguês era perigoso, porém necessário [...] em uma sociedade colonial o nacionalismo – seja burguês ou não – era uma arma útil na incitação à resistência anticolonial e na aceleração da autodeterminação [...] nacionalismo era um "meio mais do que um fim em si mesmo". Era uma fase mais do que um objetivo[614].

Padmore acreditava que a independência de Gana seria o ponto de partida para que o continente africano se tornasse igualmente independente da sujeição imperial. O nacionalismo dos países africanos representaria a força necessária para que o internacionalismo negro alcançasse a Revolução Pan-Africana contra o Imperialismo.

[613] NAG: SC21/12/38. Discurso de Kwame Nkrumah proferido por ele na Lincoln University, 5 de junho, 1951.
[614] Leslie James. **Decolonization From Below**. Londres: Palgrave McMillan, 2015, p. 160.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Nkrumah, entretanto, enfatizava a revolução Pan-Africana mais em termos nacionalistas e continentais, ao passo que Padmore pensava o curso político do Pan-Africanismo de maneira diaspórica e global. É indiscutível a influência de Padmore sobre Nkrumah e sobre a independência da Costa do Ouro, mas é crucial compreender que Nkrumah imprimiu no Pan-Africanismo pensado e articulado por ele suas próprias concepções. C.L.R. James reflete que,

> Nkrumah não apenas recebeu. Ele deu. O amplo conjunto de trabalhadores ativos da África que compareceram à conferência de Manchester simbolizaram um novo estágio do trabalho na Inglaterra. Nkrumah trouxe a este trabalho [de atividade anticolonial] algo que jamais fora produzido. Estudo teórico, propaganda e agitação, a construção e manutenção de contatos no exterior, foram adicionados por ele às organizações políticas de Africanos e descendentes de Africanos em Londres. Ele ajudou a fundar a West African National Secretariat em Londres com o propósito de organizar a luta no Oeste Africano. [...] Mais importante do que isso, ele era o principal espírito na formação da Coloured Worker's Association of Great Britain. Através desta organização ele articulou estudantes e trabalhadores da África aos povos descendentes de Africanos que viviam em Londres, organizando-os e atuando politicamente com eles. A organização nunca havia feito algo desta natureza[615].

Padmore e Nkrumah, através dos conceitos de colonialismo e imperialismo, nos permitem perceber de forma historicizada como leram seu tempo e como planejaram o futuro no imediato pós Segunda Guerra. A análise destes dois conceitos nos permite também compreender suas diferenças e os rumos tomados pela luta Pan-Africana no continente africano. Sobretudo após 1960, quando Padmore já havia falecido e Nkrumah já era a referência Pan-Africana no continente africano, tal qual imaginado por Padmore ainda na década de 1940. Em seu primeiro livro, ainda escrito sob os auspícios do Comintern, *The Life and Struggles of Negro Toilers*, Padmore apontava algumas bases de seu pensamento político. A articulação entre raça e classe na opressão capitalista que os negros africanos e seus descendentes sofriam; a percepção da nação enquanto algo fortemente relacionado às questões raciais – não do ponto de vista biológico ou estritamente cultural, mas do ponto de vista político e sociológico das questões raciais – e à opressão que os trabalhadores e camponeses sofriam. Padmore apontava que,

> Esta opressão nacional (raça) possui suas bases nas relações socioeconômicas experimentadas pelo Negro [*Negro*] sob o capitalismo. [...] As condições gerais de vida às quais os Negros [*Negroes*] são expostos, seja

[615] C.L.R. James. **Nkrumah and Ghana Revolution**. Londres: Allison & Busby, 1977, p. 77

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

> enquanto conjunto nacional (racial) ou classe, formam um dos espetáculos mais degradantes da civilização burguesa[616].

Padmore pautou sua trajetória intelectual pela descrição das condições de vida dos trabalhadores e camponeses negros em diversas partes do mundo; informando sobre as lutas anti-imperiais e anticoloniais através dos tempos; e apontando estratégias e para estas lutas no presente. O aspecto racial para Padmore era central no colonialismo, pois era através do racismo que a exploração colonial era potencializada e não por conta de aspectos vinculados aos méritos ou capacidades dos indivíduos negros. O Colonialismo baseava-se no racismo, que por sua vez era instrumentalizado pelo Imperialismo. A África colonial era caracterizada por Padmore como uma "severa opressão e exploração imperial, aliada à ignorância e arrogância racial, que vangloria-se destes aspectos sem o menor sinal de vergonha"[617]. A presença do racismo fazia com que os,

> Negros [*Blacks*] carregassem um duplo fardo – raça e classe. Sua exploração de classe, isto é, sua exploração enquanto trabalhadores, é muito mais brutal que do que a do proletariado da Inglaterra e de outros países metropolitanos, por conta de seu status colonial. [...] Sua subjugação racial assume a forma mais bárbara de opressão[618].

O colonialismo e o Imperialismo, baseados no racismo, estariam nas fundações do capitalismo. As questões raciais, portanto, para Padmore, respondiam mais às questões teóricas da exploração capitalista e imperial, do que a um chamado identitário aos indivíduos. Diante desta leitura, o capitalismo para Padmore era menos um conjunto de ações em prol do enriquecimento, percebidos ao nível individual, do que um sistema coletivo e falho. Padmore teorizou a partir do conceito de raça e não apenas percebeu as questões raciais enquanto uma plataforma política para a mobilização política e a solidariedade. O cerne do capitalismo consistia em dominar o "outro" e tirar proveito – lucro – do trabalho alheio. Como o capitalismo era historicamente baseado na escravidão, esta dominação do "outro" traduzia-se na dominação do negro. Império era compreendido por Padmore enquanto o sistema de poder que havia possibilitado a dispersão do capitalismo potencializado seu poder exploratório através do mundo, porém com maior impacto nos negros. Em 1937, Padmore alertava sobre os perigos à ordem internacional neste sistema,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[616] George Padmore. **The Life and Struggles of Negro Toilers.** Londres: Red International of Labour Unions, 1931, p. 5.
[617] George Padmore. **How Britain Rules Africa.** Londres: Wishart Books, 1936, p. 3.
[618] Idem, p. 7.

> As Guerras modernas não são o resultado da depravação da natureza humana, antes é o resultado de causas socioeconômicas específicas, cujas raízes serão encontradas no presente sistema social, o Imperialismo. Com o intuito de seguir a luta efetiva contra a guerra, é essencial que se examine a natureza da sociedade capitalista e compreender o mecanismo das forças econômicas e sociais que acirram os conflitos entre as nações[619].

Neste sentido a dominação imperial e o próprio Império seriam componentes do capitalismo, o que por sua vez teria relação com o continente africano, local no qual estas relações desenvolviam-se com maior crueza e articulavam-se de forma global no presente vivido por Padmore.

> Economicamente falando, a África serve como a periferia agrária para os países do Ocidente industrializado, como a fonte de matérias primas, mercado para produtos manufaturados, para investimentos financeiros da exploração dos recursos minerais, construção de estradas de ferro, portos, fábricas, serviços de utilidade pública, etc., etc., e por último, mas não menos importante, a África fornece território aos colonos Europeus[620].

Esta percepção também é compartilhada por Nkrumah em seu panfleto *Toward Colonial Freedom*, quando trata do cerne do colonialismo e de sua exploração,

> O objetivo de todos os governos coloniais na África e fora dela foi a busca por matérias primas; e não apenas isto, mas as colônias se tornaram o lixão, e os povos coloniais os falsos recipientes dos bens manufaturados dos industriais e capitalistas [...] dos poderes coloniais que tornaram-se dependentes dos territórios que alimentam o chão de suas fábricas. Este é o colonialismo dentro da casca da noz[621].

Padmore denunciava que os conflitos bélicos entre as nações eram frutos de aspectos estruturais do Imperialismo e da situação colonial do continente africano. Para Padmore a iminente Segunda Guerra Mundial já na década de 1930 era vista como uma guerra imperialista motivada pela disputa de possessões coloniais. Em sua obra *Africa and World Peace*, inicia seu texto afirmando que,

> O problema fundamental de hoje, assim como o de ontem, ainda é a Questão Colonial. O que significa dizer que, uma renovada disputa pela re-divisão do mundo volta a ser o principal objetivo de algumas Potências que estão no presente insatisfeitas com o status quo. [...] O Imperialismo Mundial pode ser dividido em dois campos principais: 'Os possuidores', aqueles que possuem colônias, e os 'Não possuidores', aqueles que buscam possuir. A distinção, contudo, não é novidade. É a mera continuação das relações de

[619] George Padmore. **Africa and World Peace**. Londres: Secker and Warburg; 1937, p. 2.
[620] George Padmore. **How Britain Rules Africa**. Londres: Wishart Books, 1936, p. 1.
[621] Kwame Nkrumah. **Towards Colonial Freedom**. Londres: Heinemann, 1947, p. XV.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

> força anterior à guerra, e reflete o desenvolvimento desigual do capitalismo[622].

Ainda para Padmore, o conceito de Imperialismo abarcava as experiências fascistas que a Europa experimentava na década de 1930. Os Impérios da França e da Grã-Bretanha eram lidos enquanto promotores de ações semelhantes à Alemanha de Hitler. Imperialismo e Nazismo, portanto, eram semelhantes devido às práticas promovidas nas colônias pelas potências imperiais que se assemelhavam às violações nazistas na Europa. Fascismo e Imperialismo diziam respeito à dominação e à busca por um Império. Imperialismo e Fascismo possuíam a marca do racismo em suas empreitadas imperiais. O Imperialismo fosse o fascista de Mussolini, o nazista de Hitler, ou os imperialismos britânico ou francês, deveriam ser combatidos. Nkrumah também acreditava que o imperialismo deveria ser combatido em sua complexidade. Para o intelectual ganês o imperialismo caracterizava-se por três aspectos principais: a doutrina da exploração; a doutrina da 'tutela' ou da 'parceria'; e a doutrina da 'assimilação'[623]. A leitura de Nkrumah é preciosa, pois, em seu panfleto escrito no início da década de 1940, já anunciava aspectos centrais nas elucubrações posteriores às descolonizações dos países africanos da década de 1960. A partir das três doutrinas apontadas por Nkrumah e sua articulação o conceito de imperialismo se assemelhava ao que Padmore compreendia. "Os expoentes destas doutrinas acreditam implícita e explicitamente no direito dos mais poderosos em explorar os mais fracos a fim de desenvolver os recursos mundiais, e 'civilizar' os povos mais atrasados contra sua vontade" [624].

Nkrumah possuía um olhar para o Imperialismo extemporâneo, pois acreditava que o que definia o imperialismo era seu mecanismo de criar, organizar e manter o Império. Padmore articulava sua leitura do Imperialismo ao capitalismo e ao racismo, e não apenas à Questão Colonial. Ainda que Nkrumah também fizesse a leitura marxista do Imperialismo, tal qual Padmore, através da influência de Lênin, Padmore avançava na questão racial, aspecto que não fora discutido no panfleto de Nkrumah.[625] Entretanto, Nkrumah sabia dos males do racismo e suas relações com a dominação dos negros desde seus tempos de estudante nos Estados Unidos. O que aproxima a leitura de ambos em relação ao conceito de imperialismo é

[622] George Padmore. **Africa and World Peace**. Londres: Secker and Warburg; 1937, pp. 3-4.
[623] Kwame Nkrumah. **Toward Colonial Freedom**. Londres: Heinemann, 1947 p. 1.
[624] Idem.
[625] George Padmore, além das influências das leituras feitas por Lênin sobre o Imperialismo possui traços das reflexões produzidas por outro marxista, J.A. Hobson, no início do século XX, que também faz uma leitura econômica do Imperialismo como um movimento de busca de novos mercados e expansão financeira para novos territórios ultramarinos. Ver Vladmir Lênin. **Imperialism**: the Highest Stage of Capitalism. Moscou: Progress Publishers, 1963; J.A. Hobson. **Imperialism**: A Study. New York: Cosimo, 2005.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

a questão da leitura econômica e marxista de ambos e da relação do Imperialismo, colonialismo e capitalismo. Ambos foram habilidosos em perceber que, com o fim da Segunda Guerra e reconfiguração do cenário internacional, os Estados Unidos e a União Soviética despontavam como potências e possibilidades imperiais. Ainda que estes países possuíssem relações distintas com os territórios coloniais em relação aos franceses e britânicos, que se enfraqueciam no cenário colonial, o imperialismo ainda era uma possibilidade no horizonte dos territórios africanos e asiáticos. Territórios asiáticos que inclusive já experimentavam processos de descolonização ocorrendo durante a Guerra.[626]

8.5
George Padmore: desafios de um *outsider* no continente africano

A Costa do Ouro em meados da década de 1950 já despontava como o território colonial africano com maiores chances de conquistar sua independência e ser a porta de entrada para o Pan-Africanismo no continente africano. Mas, ainda que George Padmore tenha sido o intelectual responsável por tornar o Pan-Africanismo uma ideologia possuidora de uma epistemologia africana e com metodologias e teorias centradas nas disputas ocorridas no continente africano, era visto como um *outsider* pela elite política do país. Dois escritores próximos a George Padmore estiveram no país e produziram obras literárias sobre o país em meio ao processo de independência. Richard Wright, escritor afro-americano que escreveu *Black Power*, e Peter Abrahams, escritor sul-africano que havia participado da *Pan-African Federetaion*, em Londres, escreveu *A Wreath for Udomo*. Este romance é uma importante fonte sobre as percepções que intelectuais da diáspora possuíam sobre o processo que ocorria no país. Escrito após o livro de George Padmore sobre a Costa do Ouro e sua revolução, o *The Gold Coast Revolution*, Peter Abrahams já vinha de um acúmulo de críticas ao tom laudatório oferecido por Padmore em relação às condições do país. Segundo Abrahams, o livro de Padmore,

[626] Frederic Cooper. **Out of Empire**. Redefining Africa's Place in The World.2013, p. 6; De acordo com Frederick Cooper o cenário do pós-Guerra II na Europa e na África era incerto. A incerteza deste momento caracterizava-se menos pela mudança do mundo e mais pelo desconhecimento de qual direção ele tomaria. Ibidem, p. 5-6.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

> Falava sobre o desenvolvimento da Costa do Ouro na direção de um Estado de Bem-Estar [*Welfare State*]. Pois bem, antes que um país possa funcionar como um Estado de Bem-Estar deve aceitar certas coisas fundamentais[627].

Para Peter Abrahams as questões vinculadas aos 'costumes tribais' seriam entraves à construção de um Estado de Bem-Estar, pois poderiam 'minar a honestidade dos serviços civis'. Peter Abrahams mostrava-se cético diante das possibilidades de desenvolvimento em um país marcado pelo atraso tribal e repleto de corrupção. Previa, portanto, choques entre o governo e os chefes tribais. Todo este acúmulo serviu de material para que Abrahams escrevesse *A Wreath for Udomo*. Além disso, o romance é todo costurado com personagens com fortes semelhanças com os atores deste processo, sobretudo alguns deles que conviveram com Peter Abrahams em Londres. Michael Udomo, o protagonista, é uma mistura de Nkrumah com Kenyatta, um líder político que depois de uma experiência no exterior retorna para Panafrica, país no qual o romance é vivido. Udomo conduz seu país à independência e, assim como Nkrumah, se articula e espalha a revolta a partir de um jornal, e se torna um preso político. Ainda como Nkrumah, é liberto, e se torna o primeiro-ministro do país independente. A partir de então, Udomo deixa de assemelhar-se a Nkrumah e ganha a tonalidade do líder queniano. Em troca da assistência técnica de Pluralia, um país governado por brancos que se assemelha à África do Sul, Udomo rompe com seu antigo companheiro de lutas dos tempos de Londres, David Mhendi. Mhendi é um personagem que possui os tons do nacionalismo dos Mau Mau.

Udomo entregou Mhendi a seus inimigos e, com isto, receberia o aporte financeiro de Pluralia para construir uma hidrelétrica. A hidrelétrica por sua vez, muito se parece com o projeto da barragem do rio Volta, articulado por Nkrumah entre a possibilidade de apoios ocidentais e soviéticos. O livro aponta a empreitada de Udomo na direção do desenvolvimento e modernização de seu país, pois utilizaria o dinheiro e o auxílio dos brancos e acabaria assim contrariando seus antigos aliados que o conduziram ao poder. Udomo acaba fracassando e é morto em um ritual tribal, em uma cena que exalta o tom dramático e exagerado do autor sobre este traço. O 'tribalismo' seria a causa real de sua morte e de seu fracasso.[628] Este livro foi publicado em 1956, um ano antes da independência já anunciada da Costa do Ouro. O livro representou uma dura leitura sobre um processo que era amplamente aguardado tanto pelo internacionalismo negro quanto pelo Pan-Africanismo, e visto como o início de uma nova era para a África.

---

[627] Royal Institute of International Affairs, 8/2284, cópia em carbono, Relatório do encontro no dia 10 de fevereiro de 1954 a fim de ouvir Peter Abrahams sobre suas impressões da Costa do Ouro nos dias atuais.
[628] Peter Abrahams. "The Conflict of Culture in Africa". **International Affairs**, 30: 3 (julho de 1954), p. 307.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Padmore, por sua vez já apresentava críticas a Peter Abrahams antes mesmo desta publicação, chamando o de 'inglês negro' [*black Englishmen*] que almejava prosperidade em Hollywood. Padmore, em tom irônico, chegou a propor um título para sua 'estréia', "Das favelas de Johanesburgo ao Paraíso".[629] No livro de Abrahams, havia também um personagem que possuía as características de Padmore. Tom Lanwood, "o grande político, escritor e homem de luta que Panafrica criou". De Londres, Lanwood seria o responsável intelectual por guiar e pautar as diversas organizações políticas no país colonial[630]. Lanwood, assim como Padmore, foi trazido por Udomo para Panafrica. Por sua proximidade com Nkrumah, Peter Abrahams já possuía a informação de que Nkrumah pretendia contar com a presença de Padmore na Costa do Ouro. O que Abrahams fez foi apresentar em sua narrativa como imaginava a chegada de Padmore no continente. Esta leitura auxilia a compreender a condição *deslocada* de Lanwood, um homem forjado nos padrões ocidentais que, logo em sua chegada em Panafrica, inicia uma palestra para quem quiser ouvir. Apontando ironicamente seus traços intelectuais e orgânicos, a narrativa ainda apresenta a dúvida de Udomo em relação ao que poderia ser feito com Lanwood em Panafrica: "O que iremos fazer com ele? Ele não se encaixa aqui simplesmente". Udomo propõe que Lanwood escreva um livro que será publicado pelo partido. Porém, Lanwood recusa afirmando que este livro não será útil para Panafrica, pois "apenas os brancos irão lê-lo". Lanwood afirma, "eu tive a chance de ver que a África real não é a África que eu descrevia em meus livros [...] Eu não entendo de questões tribais e não quero entender [...] Eu passei muito tempo na Europa".[631]

Certa vez, em correspondência com Richard Wright, Padmore revelou "eu odeio primitivismo [...] Eu, tornar-me um nativo? Não nesta vida. Eu luto para uma África e uma Ásia livres, não pra viver lá".[632] O interessante do personagem, Lanwood, é que além de parecer-se com Padmore, também parecia com o próprio Peter Abrahams. Lanwood era um homem descrito no livro como 'creole', não era um africano como os outros africanos da história. Lanwood cresceu na África, mas passou longos anos fora. A condição de *deslocado* e os efeitos do exílio, que recaíam sobre Lanwood, eram semelhantes aos que Peter Abrahams vivenciou quando de seu retorno à África do Sul no início da década de 1950. Este retorno foi narrado em outro de seus livros, *Return to Goli*.

---

[629] Arquivos Richard Wright (G. Padmore), **Padmore para R. Wright**, 28 de junho de 1954. Yale Collection of American Literature, Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Yale University, New Haven, Connecticut.
[630] Peter Abrahams. **A Wreath for Udomo**. Londres: Faber and Faber, 1956, pp. 7-16
[631] Ibidem, pp. 232; 275-276.
[632] Arquivos Richard Wright (G. Padmore), **Padmore para R. Wright,** 23 de agosto de 1955. Yale Collection of American Literature, Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Yale University, New Haven, Connecticut.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Seguindo uma tradição de narrativas pessoais e descritivas, tal como relatos de viagens, Peter Abraham preencheu as páginas de *Return to Goli* com imagens, diálogos e retratos de indivíduos que encontrou nesta viagem. Este romance foi baseado em seu primeiro retorno ao continente africano desde a Guerra. O escritor sul-africano que depois seria acusado por Padmore de ter se vendido a seus opressores por alguns dólares e fama, buscou tocar os 'corações e mentes' de sua audiência branca e não-branca[633]. Quando de seu retorno, em meados de maio de 1952, Doroty Pizer enviou a Richard Wright, algumas reportagens sobre Peter Abrahams. Abrahams havia sido enviado à África pela BBC, a fim de cobrir as relações raciais entre os sul-africanos que seriam posteriormente publicizadas em um programa de rádio. E foi neste mesmo programa da BBC, o *BBC Third Programme*, que financiou a empreitada de mandá-lo à África do Sul, que Pizer ouviu Peter Abrahams afirmar que "desejava se livrar do fardo da raça [*burden of race*]". O escritor prosseguiu dizendo que, "enquanto escritor, meu trabalho requer esta liberdade, caso eu queria enxergar mais claramente, para compreender de maneira ampla". Ele, contudo, estava ciente de que provavelmente seria "acusado de ser um Negro que é anti-Negro"[634].

Este retorno de Abrahams ao continente africano também pode ser compreendido pelas dificuldades vividas pelo escritor diante do mercado editorial britânico. George Allen e Unwin já havia sugerido que tentasse o mercado sul-africano, muito embora correria o risco de ter seu romance censurado. O programa da BBC que financiou o retorno de Abrahams, em 1952, abriu caminho para que uma de suas novelas, *The Path of Thunder*, fosse publicada na Inglaterra. O *BBC Third Programme*, os jornais *the Observer*, *New York Herald Tribune*, de Paris, financiaram a viagem que deveria acontecer primeiro na África do Sul e depois no Quênia. Abrahams deveria coletar informações sobre o que alguns colonos brancos afirmavam por lá. Que o que existia, de fato, não era uma 'linha de cor' [*colour bar*], mas uma 'linha cultural' [*culture bar*], no que tange à segregação e às relações raciais nestas regiões da África. A tarefa de Abrahams, enquanto um homem negro ocidentalizado seria, portanto, observar este cenário e produzir relatos confiáveis sobre ele. Entretanto, Peter Abrahams encontrou a África do Sul da mesma maneira que havia a deixado, com a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

[633] Padmore escreveu para Richard Wright em resposta a uma matéria sobre Peter Abrahams com enorme amargura. Após o lançamento de seu romance *A Wreath for Udomo*, Abrahams foi para a Jamaica para escrever um livro para o Colonial Office. Padmore praguejou para Richard Wright, "que rato... Sua mãe e sua irmã estão apodrecendo em Johaneesburgo e ele está passando pano na imagem de seus opressores por alguns dólares". Ver, Carta de George Padmore para Richard Wright, 19 de outubro de 1955, **Arquivos de Richard Wright**. Yale Collection of American Literature, Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Yale University, New Haven, Connecticut.

[634] Peter Abrahams. **Return to Goli**. Londres: Faber and Faber, 1953, p. 29.

segregação racial intacta, como por exemplo, na existência de ônibus exclusivos para "pessoas de cor", problemas relacionados ao acesso da terra para os nativos. Nas minas, os trabalhadores negros trabalhavam por salários dez vezes menores do que os salários dos brancos, indianos amontoavam-se em cômodos minúsculos que abrigavam famílias inteiras, falta de saneamento e condições mínimas de moradia.

Figura 19 - Peter Abrahams, sua segunda esposa Daphne e seus filhos.

O retorno a África do Sul, ou o re-encontro com sua terra natal, causaram em Peter Abrahams efeitos que apontam para as formas que o exílio atuou nestes homens fragmentados da diáspora. Ainda que africano, sul-africano, Peter Abrahams era um *deslocado*. Apesar de ter se juntado à revista *African Drum*, cujo editor assistente era um jovem que havia conhecido em Londres, e conseguiu-lhe um escritório de trabalho no país. Peter Abrahams foi categórico em afirmar que o que viveu nestas seis semanas na África modificou sua percepção sobre sua pretensa libertação de sua condição racial. Peter Abrahams declarou-se feliz em partir, "ainda que também se ressentisse, porque também era um filho de Goli"[635]. A experiência do exílio atuava e potencializava estas ambivalências. Os

[635] Peter Abrahams. **Return to Goli**. Londres: Faber and Faber, 1953, p. 203.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

intelectuais da Diáspora Negra são seres cindidos, fragmentados, possuidores de uma dupla consciência. *Return to Goli* é repleto destas ambivalências. Isto não significou, entretanto, que Peter Abrahams estivesse partindo da África do Sul e deixando de lado sua responsabilidade na transformação daquela realidade. Peter Abrahams demonstrou seu incômodo, mas também seu ceticismo sobre as possibilidades do Ocidente ajudar e apoiar os movimentos que combatiam o *Apartheid* na África do Sul[636].

Também na década de 1950, Richard Wright rumou para a Costa do Ouro a fim de, também, se re-encontrar com sua ancestralidade africana. Depois desta viagem ele escreveria seu livro *Black Power*. Padmore inclusive o havia sugerido que o nome do livro deveria ser *Black Freedom*, já que o que acontecia na Costa do Ouro era mais sobre liberdade do que sobre poder. Além disso, "qual poder eles teriam nesta era atômica"[637]. Richard Wright já havia confidenciado a Padmore, em uma carta, que desejava esta viagem. Padmore e Dorothy Pizer, por sua vez, o encorajaram a realizar a viagem e se colocaram a disposição para ajudá-lo naquilo que fosse preciso. Wright recebeu uma espécie de carta de recomendação de Padmore que lhe assegurou que teria uma recepção fraterna no continente africano.[638] Em uma tentativa de antecipar o dia de sua chegada e seu encontro com repórteres, Wright escreveu: "vim aqui para tentar contar a história de vocês [...] para o repórter do Ghana's rendez-vous with the 20th Century"[639]. Entretanto, o que ocorreu em seu desembarque no porto em Takorandi, no dia 16 de junho de 1953, não foi o esperado. Não havia repórteres ou delegação oficial para recebê-lo. Richard Wright era um escritor negro que figurava entre os mais conhecidos e renomados à época. Quando retornou a Paris e encontrou-se com o diretor sindical da NAACP, Herbert Hill, Wright foi descrito por Hill, que ficou em estado de choque. Wright ficou desapontado com sua falta de notoriedade[640]. Contudo, o contato de Padmore na Costa do Ouro foi eficaz o bastante para que Joyce Gittens, secretário de Nkrumah, o recebesse e o encaminhasse para sua hospedagem, fora da cidade. Richard Wright explorou a cidade sozinho e não recebeu nenhum tipo de deferência oficial neste dia.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[636] Idem, p. 29.
[637] **Carta de George Padmore para Richard Wright**, Arquivos Richard Wright (G. Padmore), 28 de junho de 1954. Yale Collection of American Literature, Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Yale University, New Haven, Connecticut.
[638] Em seu livro, Black Power, Wright menciona que a ideia de uma viagem para África a Dorothy Pizer, Ver Richard Wright, 1956, p. 9.
[639] **Diário de viagem de Richard Wright.** Arquivos Richard Wright, Caixa 22, Pasta 340, , pp. 48-54. Yale Collection of American Literature, Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Yale University, New Haven, Connecticut.
[640] Carol Polsgrove, **entrevista com Herbert Hill**, 1 de fevereiro de 2001. Arquivo pessoal da autora.

No dia seguinte, contudo, pôde andar pelas ruas cheias de pessoas com Nkrumah, e vê-las e ouvi-las gritando a palavra de ordem do momento: Liberdade!

Nkrumah, então, deu-lhe a oportunidade de falar em um ato do CPP. Diante da multidão o escritor disse, "para uma grande e espoliada África, para uma África que despertou de seu sono, para uma África indignada e militante, para uma África ardendo em esperanças, eu digo em nome de Jesus: SAIA DA CAMA E ANDE!"[641]. Em resposta a estas palavras, ouviu alguns aplausos tímidos. O que não se sabe ao certo é se a plateia não o ouviu, ou se não o compreendeu, ou, ainda, se não concordou com o que ouviu[642]. Após esta cena, Richard Wright entregou para Nkrumah seu discurso a fim de que ele aprovasse o texto e o mesmo fosse publicado no *Daily Graphic*. Nkrumah pegou seu texto, analisou o alfarrábio, dobrou e colocou-o de volta no bolso do paletó de Wright. O escritor se mostrou surpreso e sem saber se havia dito algo errado[643].

Retomando o personagem de Peter Abrahams em *A Wreath for Udomo*, Tom Lanwood, cabe estabelecer, também, o paralelo deste personagem com Richard Wright. Lanwood percebe que sua *negridade* não o torna mais apto para compreender a África. A "cor não é um passaporte automático para a África"[644], constata. No livro *Black Power*, Richard Wright já havia apontado suas percepções nesta direção, "eu era negro e eles também eram negros e isto não me ajudou". Posteriormente, em artigo na revista *Holiday*, Abrahams comentou a partir da citação desta passagem reveladora das dificuldades de compreender os africanos de Wright, "Minha solidariedade está toda com Wright"[645].

Wright e Abrahams se encontraram em Acra. Abrahams estava a serviço do *Observer* e do *Nation*[646]. O encontro entre os escritores, que foram em busca de suas raízes, cada um a seu modo, revela que Abrahams percebeu em Wright um tom desconcertante sobre a África. Peter Abrahams percebeu que Wright ficou aturdido com a abertura com a qual se falava sobre sexo, sobre a normalidade de dois homens andarem de mãos dadas e dançarem juntos naquele país.[647]. Richard Wright também era um *deslocado* na África, um homem fora de seu lugar. Peter Abrahams revelou em outro de seus textos na revista *Holiday* que a "África tribal

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

641 Richard Wright. **Black Power**. Londres: Harper and Brothers, 1956, pp. 34-79
642 Carol Polsgrove. **Ending British Rule in Africa**: Writers in a Common Cause. Manchester: Manchester University Press, 2009, p. 123.
643 Richard Wright. **Black Power**. Londres: Harper and Brothers, 1956, pp. 34-79
644 Peter Abrahams. **A Wreath for Udomo**. Londres: Faber and Faber, 1956, p. 294
645 Peter Abrahams. "Nkrumah, Kenyatta and the Old Order". In: Jacob Drachler (org.) **African Heritage.**Nova Iorque: Cromwell-Collier Press, 1963, pp. 134-135.
646 Arquivos Knopf, Caixa 161, Pasta 2, **Relatório para HS de SC por BWK**, 20 de julho de 1953. Alfred A. Knopf, Inc. Arquivos.Harry Ramson Center, University of Texas at Austin.
647 Idem.

não era o sonho Pan-Africano da grande África gloriosa a ser criada depois que o homem branco fosse jogado ao mar". Abrahams avaliava que "em termos de comunicação o homem das tribos vive na Idade das Trevas". Wright, por sua vez ficou surpreso que, mesmo os africanos com alguma educação, não o conheciam ou tinham ouvido falar dele, tampouco acreditavam em um homem adulto que vivia de seus escritos[648]. Richard Wright desejava escrever um livro sobre os acontecimentos políticos da Costa do Ouro rumo à independência, mas diante de sua fria recepção e poucas oportunidades junto do CPP, escreveu uma carta para Pizer e Padmore relatando que seu livro, ao invés do cenário político, traria o modo de vida daquelas pessoas[649].

Figura 20 - O escritor afroamericano Richard Wright.

Para além do estranhamento do escritor afro-americano em solo africano, as dificuldades experimentadas em seu projeto inicial se deram por conta do contexto da Costa do Ouro. Os membros do CPP estavam imersos nas disputas e negociações para aprovar as reformas constitucionais na Assembleia da Costa do Ouro e preparavam uma moção pela independência.[650] Nkrumah, que não conhecia Richard Wright, a não ser pelas recomendações de Padmore, não estaria disposto a correr o risco de botar este processo a

[648] Peter Abrahams. "Nkrumah, Kenyatta and the Old Order". In: Jacob Drachler (org.) **African Heritage**. Nova Iorque: Cromwell-Collier Press, 1963, pp. 133-135.
[649] Arquivos Richard Wright (G. Padmore), cópia em papel carbono. **Wright para Padmore e Pizer**, 16 de julho de 1953. Yale Collection of American Literature, Beinecke Rare Book and Manuscript Library, Yale University, New Haven, Connecticut.
[650] Kwame Nkrumah. **Ghana**: The Autobiography of Kwame Nkrumah. Nova Iorque: Thomas Nelson and Sons, 1957, pp. 187-204; Ver também Richard Rathbone (org.) **British Documents on the End of Empire**: Ghana, Series B, Vol. 1, Parte 1 – 1941-1952. Londres: HMSO, 1992, p. 63.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

perder por um aventureiro em busca de suas raízes. Nkrumah deve ter percebido *in loco* que Wright estava desconfortável com a África, 'com o calor e com os insetos', e com os chefes tribais. Na mesma direção, a biógrafa de Richard Wright, Hazel Rowley questiona, "por que seus primos africanos deveriam acreditar nele? Ele mesmo não acreditava neles".[651] Nkrumah também havia notado certa proximidade de Richard Wright com oficiais britânicos e norte-americanos[652].

Diante da falta de disponibilidade de alguma delegação oficial do CPP, Richard Wright seguiu em visita ao interior do país com uma delegação oficial do serviço de inteligência britânico. Já os contatos com seus conterrâneos norte-americanos eram mais frequentes. Um oficial do serviço de informação dos Estados Unidos já o tinha ajudado a encontrar um hotel dentro de Acra e auxiliado o escritor a uma visita ao hospital. Algumas semanas depois de sua chegada, Wright passou a hospedar-se na casa de Eugene Sawyer, membro do *United States Information Service*. Além disto, Wright era constantemente convidado a encontrar-se com William E. Cole, cônsul americano, em sua casa.[653] Nkrumah temia que Wright atuasse como informante para os americanos, que por sua vez poderiam informar os britânicos. Richard Wright, um ex-membro do Partido Comunista, alertou aos americanos que dentro do CPP havia articulações comunistas. Neste momento de Guerra Fria e disputa por áreas de influência, os Estados Unidos preocupavam-se com a possibilidade da Costa do Ouro desempenhar um papel de modelo de estado democrático liberal. Estas informações eram valiosas para o serviço de inteligência norte-americano, pois Nkrumah sabia como simular sua distância com traços comunistas dentro do seu partido. Richard Wright chegou a participar de um grupo de discussão liderado por Bankole Renner, ex-membro do CPP e ex-membro do ITUCNW. Wright saiu do encontro convencido de que, apesar da existência de jovens intelectuais marxistas, eles não tinham planos de formar um partido comunista. Contudo, atuavam de maneira a pressionar o CPP internamente e estariam a postos para infiltrar-se no partido e tomarem o poder em caso de possibilidade.

Wright informou que Nkrumah dormia embaixo de uma foto de Lênin, seu ideal de líder, e utilizava-se de técnicas de organização marxistas[654]. Também apresentou informações sobre um grupo secreto que Nkrumah organizou dentro do CPP que ao que tudo indica se tratava do *The Circle*. Wright informou os nomes dos membros, e ainda que o CPP não

[651] Hazel Rowley. **Richard Wright**: the Life and Times. Nova Iorque: Henry Holt, 2001, pp. 429
[652] Carol Polsgrove. 2009, p. 124
[653] Hazel Rowley. 2001, pp. 421-422; 424-425.
[654] Citação no livro Black Power que indica que Nkrumah se identifica enquanto um Marxista Socialista, Ver Richard Wright. **Black Power**. Londres: Harper and Brothers, 1956, p. 62.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

estivesse diretamente ligado às organizações comunistas, sua forma de organização era semelhante a do Partido Comunista Russo, e atuavam com flexibilidade em relação à realidade social e econômica da África. Wright também deixou relatos de casos de corrupção no interior do governo de Nkrumah e das disputas com a oposição do *Ghana Congress Party*. O *The Circle*, segundo Wright, seria composto por seis membros em Acra, e um deles em Londres, George Padmore.

Richard Wright, amigo pessoal de Padmore e Dorothy Pizer, concedeu informações que sabidamente feriam este laço de amizade e confiança. Teria ele feito isto por conta da recepção pouco calorosa recebida na Costa do Ouro? Seria o escritor ingênuo o bastante para acreditar que tais informações não poderiam resultar em obstáculos sérios aos planos Pan-Africanos de Padmore? Ou o escritor teria interesses em se tornar um informante dos poderes ocidentais? Segundo Carol Polsgrove aponta, Richard Wright, residia em Paris e pretendia seguir na cidade. Para isto, entretanto, deveria manter seu passaporte. Como ex-membro dos setores comunistas, havia a possibilidade de ter seu documento recolhido. Wright já teria, inclusive, ido ao consulado americano em Acra e apontado em uma lista de nomes, aqueles que ele conhecia dos tempos de comunista. Segundo sua biógrafa, Hazel Rowley, Wright também tinha medo da influência negativa que o comunismo poderia exercer no continente africano. Richard Wright era mais um dos intelectuais que, após sua ruptura com o Comunismo Internacional, nutriram um anticomunismo voraz. Este não foi o caso de Padmore, entretanto. Contudo, mesmo a partir da leitura de um possível anticomunismo de Wright, Nkrumah e Padmore estavam longe de Moscou, do ponto de vista ideológico, e Padmore já não era um comunista desde meados da década de 1930. O que se pode atribuir desta situação é que, a leitura feita por alguns intelectuais no pós-Guerra II atribuía um caráter radical e herético a todo e qualquer elemento próximo ao marxismo e antitético ao capitalismo ocidental.

Este cenário só aponta para os desafios que Padmore enfrentou no pós-Guerra e no contexto de Guerra Fria, e confirma suas preocupações com a linguagem próxima ao comunismo e revolucionária. Ainda que propusesse caminhos vinculados à democracia e a uma modernidade pautada em valores ocidentais, Padmore foi marcado pela alcunha de radical e herético, e assim como tantos outros líderes anticoloniais e anti-imperialistas teve que lidar com os desafios do clima de Guerra Fria. Entretanto, este cenário também indica que Padmore, tampouco pode ser considerado um intelectual afeito aos ditames ocidentais.

O que estes relatos de Richard Wright sobre o *The Circle* – que ao que tudo indica seguiu funcionando ao longo da década de 1950, apesar do que afirmara Kodjo Botsio –

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

indicam é a forte influência de Padmore em Nkrumah e na Costa do Ouro. Enquanto membro do *The Circle*, Padmore tinha acesso a documentos confidenciais que o deixavam a par dos casos de corrupção e das relações espúrias entre alguns ministros e empresas e oficiais britânicos. Segundo Wright, o plano principal de Padmore para Nkrumah era a aquisição do autogoverno, posteriormente um expurgo no CPP de seus integrantes à direita e uma guinada à esquerda. A estratégia seguinte seria romper com o Commonwealth e lançar um movimento em direção à unidade do Oeste da África. Wright atestava que, apesar de Nkrumah ter grande talento emocional e grande oratória, era ideologicamente desarticulado e dependia de Padmore neste aspecto. Wright chegou a ser informado por Padmore que Nkrumah chegou a atrasar em mais de uma semana um discurso na Assembleia Legislativa por conta de um atraso na correspondência envolvendo o texto que teria sido enviado por Padmore a Nkrumah. Padmore também relatou que considerava a Costa do Ouro um navio com um capitão socialista, mas sem tripulação, entretanto[655].

Diante destes relatos e arapongagens de Wright, Robert P. Joyce, da embaixada dos Estados Unidos, escreveu em um relatório, "A figura de George Padmore emerge enquanto um fator significante no movimento nacionalista do Oeste da África, caso as observações de Wrights sejam válidas". Tais informações, contudo, já eram amplamente difundidas entre o serviço de inteligência britânico. Wright não estava passando informações valiosas, entretanto. Em relatórios liberados recentemente pelos arquivos da inteligência britânica, podemos afirmar que a influência de Padmore estendia-se para além do Oeste da África. Um dos relatórios informa que Hastings Banda, delegado da África Central presente no Congresso de Manchester, havia entrado em contato com Padmore para que ele produzisse material em oposição à *Central Africa Federation*.[656] Os Relatórios também informavam que Banda transitava entre a África Central e a Costa do Ouro, o que suscitava preocupações sobre as articulações Pan-Africanas que poderiam estar sendo promovidas por Padmore no continente. Ainda que as possibilidades de formação de uma unidade socialista Pan-Africana apontariam para um futuro mais distante, as articulações contrárias à *Central African Federation* indicavam que atitudes estavam sendo tomadas contra a influência dos países ocidentais no continente africano[657].

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[655] US/NA, **General Records of the Department of State** (Record Group 59), 1950-1954 Arquivos decimais, Caixa 3582, 250/40/06/4, Despacho 1533 de Paris para o Departamento de Estado.
[656] UK/TNA, KV 2/1851/310289, **carta de Loftus Brown para C.J.J.T**. Barton, Colonial Office, 26 de maio de 1953 e de P.M. Kirby Green para Brpn, 13 de julho de 1953.
[657] Idem.

Padmore e Nkrumah perceberam que o cenário do pós-Guerra apontava para o acirramento do anticomunismo. Padmore, inclusive, já percebera isto no curso da Guerra e já havia traçado suas estratégias que foram inclusive implementadas por Nkrumah no curso de suas lutas por independência. Foi exatamente o sucesso de Nkrumah na mobilização pacífica das massas da Costa do Ouro e a formação de um partido nacional, que conseguisse unificar o país e seu eleitorado, com caráter revolucionário, que fez com que Padmore centrasse suas elucubrações teóricas na Costa do Ouro e não mais na Nigéria de Azikiwe. Entretanto, Padmore foi categórico em revelar que Nkrumah seria o único capaz de avaliar a situação 'tribal' sob uma perspectiva marxista. É a partir desta leitura que o livro *Gold Coast Revolution* surge, no início da década de 1950, quando de sua publicação em 1953. A apologia, nas primeiras páginas do livro, aos valores democráticos ocidentais é condizente com a leitura de Padmore e também de Nkrumah, simpáticos aos modelos ocidentais de infraestrutura institucional para o desenvolvimento da África. Mas devem ser lidas dentro de seu contexto de contenção do discurso revolucionário. A revolução proposta por Padmore era uma revolução pacífica, constitucional, mas promotora de um novo modelo de sociedade, sem racismo, com igualdade e justiça social e igualdade real de oportunidades. A superação do imperialismo e do capitalismo seria o verdadeiro objeto da revolução de Padmore.

Padmore, assim como Peter Abrahams, produziu profundas críticas ao que ele também chamava de 'tribalismo'. Esta dificuldade de Padmore em perceber nos arranjos institucionais locais da Costa do Ouro, algo de valor, ou algo de moderno, apontam para a condição *décalé* de Padmore, que era, assim como Peter Abrahams e Richard Wright, um *deslocado*. Quando escreveu seu livro, *Pan Africanism or Communism? The Comming Struggle for Africa*, em meados da década de 1950, Padmore deixava claro que o modelo de estado-nação a ser construído no continente africano teria suas bases institucionais assentadas no modelo ocidental[658].

Padmore já havia refletido sobre os problemas relacionados às disputas locais e sobre as divisões na Costa do Ouro. Ainda no livro *Pan-Africanism or Communism?*, publicado em 1956, apresenta suas preocupações em relação à unidade política. Para Padmore a Costa do Ouro estaria com seu presente ameaçado pelas divisões entre grupos políticos lidos por ele enquanto tribos, mas também deveria preocupar-se com seu futuro pós-colonial. Padmore escreveu que,

[658] George Padmore. **Pan-Africanism or Communism?** Londres: Dennis Dobson, 1956.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

> Tribalismo [...] é uma ameaça do presente [...] e pode ser explorada por políticos inescrupulosos a fim de espalhar o separatismo e fragmentação. O poder colonial europeu não criou o tribalismo, [porém] não pode fugir de sua responsabilidade na manutenção dele. Quando atrasa a industrialização das colônias [...] que sozinha pode liberar os Africanos [...] e ampliar a visão, a África hoje enfrenta sérios problemas diante da rápida transição da sociedade tribal e feudal para uma nação moderna baseada na democracia parlamentar[...] Será a nova e emancipada geração de jovens africanos com um olhar destribalizado [...] quem poderá trazer, sozinha, a regeneração. Mas estes jovens reformadores estão se batendo contra os tradicionalistas que possuem interesses em manter seus poderes autocráticos. São constantemente encorajados e apoiados por expatriados Tories que, assim como os chefes autocráticos, se ressentem em passar o poder aos oficiais do povo comum. Esta clivagem assumiu a forma de um conflito de classe[659].

Abrahams, assim como Padmore e Richard Wright, acreditava que os costumes tribais das comunidades locais solapavam as personalidades individuais das pessoas. Peter Abrahams já havia se declarado irritado com o baixo valor dado ao indivíduo e revoltado com a necessidade de um homem ter de prestar reverência aos chefes locais. Abrahams avaliava que lançar-se na empreitada de morar na Costa do Ouro, por exemplo, seria como voltar no tempo. Participar das lutas de um país possuidor de uma sociedade tribal muito forte, provinciana e endógena, seria contrariar suas origens amparadas pela cultura mundial exógena, de outro tipo de sociedade. *A Wreath for Udomo* encerra condenando o tribalismo e buscando justificativas para as ações de Udomo na direção à construção de uma África industrializada e moderna. O personagem Paul Mabi, um artista que possuía características semelhantes a Abrahams, também nos serve para a discussão da inserção destes homens *deslocados* nas lutas pela liberdade do continente africano, cada qual a sua maneira. Mabi era um indivíduo centrado nas 'moralidades privadas' e nas disputas referentes a este campo. Diferente de Nkrumah e Kenyatta, que estavam diretamente envolvidos nas disputas políticas para libertar a África, Abrahams atuava nesta luta com sua literatura e artigos sobre o *Apartheid* na África do Sul.

Padmore possuía uma avaliação de que tais conflitos "tribais" acabaram por resultar em conflitos de classe. Acabar com o tribalismo, portanto, seria revolucionar a Costa do Ouro e superar este modelo de sociedade. Padmore temia pelo futuro da continente africano e pelos rumos a serem tomados pelo movimento Pan-Africano. Em correspondência com Richard Wright, datada de 5 de março de 1956, Padmore escreveu que,

> O que será posto no lugar do imperialismo capitalista quando os brancos forem conduzidos para fora da África? Se os garotos falharem em prover

[659] George Padmore. **Pan-Africanism or Communism?** Londres: Dennis Dobson, 1956, pp. 349-351; 356.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

> uma ideologia dinâmica, de um caráter africano distinto, cooperando com elementos da prática e da ideologia Comunista, o Kremlin irá ocupar o vácuo deixado pelo colonialismo. A política, assim como a natureza, não tolera vazios. Por isso estou mais preocupado com o futuro após a independência do que com o presente. Pois a vitória está assegurada não importa quanto tempo o Ocidente use para postergá-la. Estou orgulhoso em dizer que Nkrumah &cia reconhecem meus esforços nesta direção. [...] Como apontei, Dick, elementos tanto da social democracia com ênfase nas liberdades civis, etc. como do comunismo com os avanços da economia planejada e industrialização, deverão ser assimilados ao 'pan-Africanismo" tal qual a situação indica. [...] Devemos ser flexíveis a fim de que haja crescimento. [...] Adoção e adaptação devem ser nossas características principais no 'Socialismo Pan-Africano". Estou agora tentando formular isto em um programa de 6 pontos para KN anunciar assim que a independência for declarada[660].

A importância de analisar a trajetória de Padmore como um todo, desde sua militância no Comintern, antes de 1934, é que esta empreitada nos permite encontrar diversas nuances que fazem deste estado-nação, Pan-Africano e socialista, entretanto, algo diferente dos estados ou do socialismo europeus. Para além do aspecto racial da nação a ser construída, toda a relação com o antirracismo e com a História do continente africano e de seus descendentes, já aponta para configurações nacionais que destoavam das formas modernas de pensar a nação. O caráter revolucionário e progressista deste estado, compreendido sob a chave marxista da promoção da igualdade social, do planejamento econômico e pautado em uma concepção humanista de sociedade que transcendia o caráter racialista do século XX, afastava-se das experiências ocidentais modernas de pensar o estado. O caráter herético do marxismo defendido por estes intelectuais que consideravam as clivagens de raça e classe – em alguns casos também as de gênero – partiam de uma análise que considerava as condições sociais e as forças políticas que atuavam no continente africano, atravessado por sua vez pelo colonialismo e pelo imperialismo. São aspectos que apontam para a especificidade das concepções Pan-Africanas de Padmore em relação à institucionalidade ocidental.

Basil Davidson apontou algumas décadas depois das independências africanas que o modelo de estado-nação ocidental capitalista foi o modelo a tomar curso no continente africano pós-independência.[661] Diante desta leitura oferecida por Davidson, os Pan-Africanismos de Padmore e Nkrumah, por aproximarem-se de um modelo de estado-nação ocidental, já na década de 1940, não ofereciam uma saída para o continente africano do imperialismo e do colonialismo. Seriam incapazes de romper com o passado colonial e suas

[660] **Carta de George Padmore para Richard Wright**, 5 de março de 1956. Arquivos R. Wright MSS/99/741
[661] Basil Davidson. **The Black Man's Burden**. Africa and the Curse of the Nation-State. Nova Iorque: Ramdom House, 1992.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

estruturas. Entretanto, apenas se fizermos a leitura do modelo de estado-nação apresentado por Padmore e Nkrumah, como uma instituição baseada nas estruturas do sistema-mundo hegemônico à época – o capitalismo –, com fundações imperiais e portador do legado colonial, ou seja, tudo aquilo contra o que os dois lutaram, não apenas politicamente, mas epistemologicamente, podemos seguir este raciocínio. Esta leitura só é reforçada diante da leitura isolada da obra *Pan-Africanism or Communism?*, publicada em 1956, na qual Padmore, cônscio do momento de Guerra Fria, afasta-se – retoricamente – do Comunismo enquanto um caminho ideológico possível para a África. Acredito que esta incompreensão também se dá pela confusão teórica entre comunismo e marxismo. Ainda que Padmore tenha se afastado do Comunismo, seguiu sendo um marxista e propondo caminhos para a revolução africana pautados no socialismo anticapitalista, interessado na derrocada do Imperialismo e do colonialismo.

A crítica de Padmore assentava-se na "presunção do comunismo doutrinário que arrogava que, sozinho, teria a solução para todos os complexos problemas raciais, tribais e socioeconômicos presentes na África".[662] Padmore seguia sua crítica, há muito difundida, sobre a intolerância dos Comunistas para com aqueles que não subscrevem a "constantemente mutável" linha partidária chegando a ponto de liquidá-los. Padmore segue afirmando pragmaticamente que democracia e irmandade não se constroem sobre intolerância e violência.[663] Está claro para esta pesquisa que Padmore não acreditava que o modelo soviético fosse viável em sua inteireza, mas mesmo após sua saída do Comintern seguiu apontando políticas de sucesso que União Soviética desenvolvia.[664] Ao passo que o modelo ocidental, imperial, baseado nas relações coloniais e capitalistas marcadas pela exploração do negro, estava longe de ser uma possibilidade. Não é de se espantar as inúmeras estratégias perpetradas pelas potências imperiais e capitalistas que buscaram minar o projeto Pan-Africano revolucionário de Padmore ou de Nkrumah, tanto antes das descolonizações quanto posteriores[665].

Este aspecto já bastaria para apontar para o teor radical e desordenador contido nas propostas de Padmore e Nkrumah, da formação de Estados Socialistas no continente africano. Estados Socialistas que estivessem pautados pelo Socialismo Africano e por toda a tradição

[662] George Padmore. **Pan-Africanism or Communism?** The Coming Struggle for Africa. Londres: Dennis Dobson, 1956, pp. 317-322.
[663]Idem, p. xvi.
[664] George Padmore. **How Russia Transformed Her Colonial Empire**. London: Dennis Dobson, 1946.
[665] Fitzroy Baptiste. "The African Conferences of Governors and Indigenous Collaborators, 1947-1948". In: Rupert Lewis e Fitzroy Baptiste. **George Padmore**: Pan-African Revolutionary. Jamaica, Ian Randle Publishers, 2009.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

do marxismo negro e da teoria crítica presente na intelectualidade da Diáspora Negra desde o início do século XX. Uma tradição que, no constante diálogo endógeno com o ocidente e suas tradições intelectuais, apresentou soluções e narrativas alternativas e radicais a este sistema de ideias. Padmore, leitor de Lênin, sempre afirmou que o imperialismo só seria derrotado se o capitalismo fosse derrotado. Toda a trajetória de Padmore está pautada pelas formulações anticapitalistas.

A trajetória de Padmore aponta que as críticas que fez ao Comunismo na década de 1950, quando escreveu *Pan-Africanism or Communism?* não eram novas e, portanto, não representam uma ruptura intelectual e ideológica. Padmore sempre teve clareza na distinção entre marxismo e Comunismo, aspecto que afasta a leitura proposta na obra de Cedric Robinson, *Black Marxism*[666], que sugere que intelectuais como George Padmore, C.L.R. James, W.E.B. Du Bois, propuseram uma ideologia oriunda de tradições distintas do marxismo chamado ocidental.[667] Robinson defende que, por ser fundamentado em uma tradição de pensamento ancorada na modernidade racista e igualmente envolvida na dominação e exploração dos negros e africanos, o marxismo ocidental não seria capaz de dar conta das questões políticas, econômicas e sociais dos negros em seu arcabouço teórico. O Marxismo Negro, por sua vez, encontraria sua fundamentação nas tradições específicas intelectuais dos negros[668]. Tradição esta percebida por Robinson dentro de um arranjo essencialista e marcado pelo aspecto identitário. Confundindo o anticapitalismo e a radicalidade destes intelectuais negros com um padrão antiocidental, Cedric Robinson acaba por propor que a tradição intelectual negra prescinde da tradição ocidental, não apenas negando-a, mas partindo de fundações distintas.

Para Padmore os territórios coloniais recorriam ao Comunismo apenas quando sentiam-se frustrados e traídos. Padmore aponta que, tanto na África quanto na Ásia casos indicam que nos anos do pós-Guerra os povos coloniais estariam fartos das posições de europeus, fossem os Comunistas ou os anticomunistas, que tentavam persuadi-los apresentando-se enquanto os únicos capazes de solucionar os problemas dos povos dependentes e conduzir-lhes ao desenvolvimento e autodeterminação[669]. *Pan-Africanism or Communism?* foi a tentativa de Padmore de estabelecer um diálogo pragmático com a tradição ideológica do comunismo, afastando-se dela e propondo um caminho do meio, de não alinhamento, sem, contudo, afastar-se do marxismo enquanto leitura da realidade. Este

[666] Cedric Robinson, 2000.
[667] Cedric Robinson. **Black Marxism**: The Making of the Black Radical Tradition. Londres: Zed, 1984.
[668] Cedric Robinson. **Black Marxism**: The Making of the Black Radical Tradition. Londres: Zed, 1984, p. 81
[669] George Padmore. **Pan-Africanism or Communism?** Londres: Dennis Dobson, 1956, p. xv.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

livro, também era um diálogo aberto com as potências imperiais em franco declínio e clima de disputas da Guerra Fria,

> Se as Potências Ocidentais estão realmente temerosas do Comunismo e desejam derrotá-lo, o remédio está em suas próprias mãos. Primeiro, é necessário estar um passo à frente dos Comunistas atendendo às queixas dos supostamente povos atrasados, as quais os Comunistas em toda parte buscam explorar em benefício de seus fins. Segundo, é preciso haver uma revolução nas perspectivas dos Poderes Coloniais, que devem se preparar para fixar uma data para a completa transferência de poder [...] e conceder toda assistência técnica e administrativa para as nações coloniais emergentes durante o período de transição do autogoverno interno para a completa autodeterminação[670].

Padmore buscou obter vantagens diante do clima de Guerra Fria. Em uma carta de 19 de outubro de 1956, Padmore relata que,

> orientou Nkrumah a jogar o Leste contra o Ocidente e vice versa. Estou sugerindo que o Tio Sam construa o projeto da hidrelétrica do Rio Volta como um presente considerando todos os escravos que eles pegaram na Costa do Ouro e como o melhor investimento contra o Comunismo. Eu soube que o Kremlin está oferecendo a construção de uma represa no Nilo para Nasser[671].

Padmore acreditava que a neutralidade era uma ótima forma de obter ganhos, por isso a importância de manter-se distante de ambos os campos. Padmore conhecia a situação global da disputa por áreas de influência entre os blocos Comunista e Capitalista na Ásia, por exemplo[672].

O livro *Pan-Africanism or Communism?* É uma obra que merece mais análises e digressões. Não apenas em relação à história do movimento Pan-Africano e sua ideologia e programas, mas como uma obra que auxilia na captação dos debates intelectuais da Guerra Fria. Publicado apenas na sequência da Conferência de Escritores Negros, organizada pelos escritores francófonos da *Présence Africaine* em 1956, o livro já estava escrito desde o início da década. Diante das críticas feitas por seu amigo de longa data, o socialista francês Daniel Guérin, a respeito da apologia feita ao *Moral Rearmamant Movement*, ligado à CIA, Padmore indicou que Guérin deveria ler seu livro enquanto um documento estratégico. O *Moral Rearmament Movement* era utilizado pelos nacionalistas africanos como meio de obterem

[670] Idem, p. 317.
[671] Marika Sherwood. "George Padmore and Kwame Nkrumah: A Tentative Outline of Their Relationship". In: Rupert Lewis (org.) **George Padmore**: Pan-African Revolutionary. Kingston: Ian Randle, 2009, pp. 167
[672] Idem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

passaportes que lhes permitisse viajar para a Europa. “Por esta boa razão eu os mencionei em meu livro”.[673]

Guérin acusou Padmore de ter exagerado no tom anticomunista. Um revisor da revista *Encounter*, com vínculos com a CIA, por sua vez criticou Padmore por seu tom notadamente comunista.[674] Rita Hinden, caracterizou Padmore como “um daqueles que apesar de terem se revoltado com a condução cínica do Comunismo, nunca conseguiram se livrar da ideologia Comunista”[675]. Rita Hinden havia feito parte do *Fabian anti-colonial movement*, na África do Sul, e acreditava nos rumos do reformismo em detrimento das ações radicais. Em uma edição destinada aos territórios coloniais, entretanto, editada por uma editora de Nandi Azikiwe, na Nigéria, Padmore retirou a introdução de Richard Wright, demasiadamente militante, e retirou do título o Comunismo, tendo sido lançado simplesmente como *Pan-Africanism*[676].

8.6
O *Herói Silencioso* e o *Osagyefo*: Pan-Africanismo e nacionalismo

No dia 6 de março de 1957 foi celebrada a cerimônia de independência de Gana. Padmore esteve presente ainda que, em janeiro daquele ano, houvesse escrito para Richard Wright dizendo que não poderia participar da cerimônia por falta de dinheiro. Segundo, C.L.R. James, Nkrumah enviou a Padmore uma mensagem peremptória dizendo que ele não aceitaria nenhuma desculpa.[677] Lideranças políticas importantes compareceram à cerimônia. Richard Nixon, Martin Luther King Jr., Ralph Bunche, por exemplo. Padmore foi para Gana em um avião VIP junto com a delegação britânica de antigos governadores locais, parlamentares, o embaixador norueguês, mais as delegações da China, Burma e Malásia.[678] No jornal *The Crisis*, o político de Serra Leoa, Hugh Smythe, escreveu que Padmore “é o herói silencioso de Gana, uma figura venerada e respeitada em toda África negra”[679].

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[673] Daniel Guérin. **Mémoires**, 1904-1988/F RES 688-19/Pasta 2, Daniel Guérin para Padmore, 18 de setembro de 1956.
[674] **Arquivos Richard Wright (D. Padmore**), 14 de dezembro de 1955.
[675] Rita Hinden. “The White Man’s Pride”. **Encounter**, 7: 6 (dezembro, 1956), pp. 85-86
[676] Arquivo pessoal, Carol Polsgrove. **Entrevista com Herbert Hill**, 1 de fevereiro de 2001.
[677] C.LR. James. **Notes on the Life of Padmore**.Microfilme. University of London, Institute of Commonwealth Studies, 1959, p. 55
[678] **Carta de Dorothy Padmore to Ellen Wright**, 9 April 1957. Wright MSS/103/1521.
[679] John Hooker. **Black Revolutionary:** George Padmore's Path from Communism to Pan-Africanism. Londres: Pall Mall Press, 1967, p. 130.

Após a independência de Gana, Nkrumah foi nomeado, de fato, *Osagyefo*, por seus correligionários[680]. Quando ganhou este título Nkrumah foi severamente atacado pela imprensa opositora acusando-o de megalomania, autoritarismo, referindo-se ao 'senhor da guerra', mas houve disputas em torno do título e o *Osagyefo* também foi caracterizado enquanto o 'redentor'. A trajetória de Nkrumah na Costa do Ouro foi meteórica e deve ser observada enquanto demonstrativo de suas capacidades de leitura política, mobilização e elucubração teórica. Em dez anos, e com a constante ajuda de George Padmore e outros intelectuais da Diáspora Negra, Nkrumah alcançou a independência e formou um estado que após 1957 se tornaria plataforma para o fortalecimento de outros territórios coloniais que almejavam sua independência frente aos poderes coloniais.

As críticas a Padmore partiam de setores da oposição ganesa, indignada com a massiva indicação de quadros estrangeiros – apesar de negros – para postos centrais do governo da recém-independente Gana. T. Ras Makonnen foi indicado para administrar as hospedagens para os *Freedom Figthers* que seriam treinados em Gana. Alguns membros de sua equipe presidencial, tal como o secretário privado e o Advogado Geral do governo eram britânicos brancos. St. Clair Drake, sociólogo afro-americano foi indicado como diretor do Departamento de Sociologia da University College. Nomes muito conhecidos nos meios anticomunistas, com ampla presença e militância Pan-Africana na diáspora. O próprio Padmore era amplamente lido nos jornais africanos tais como *Gold Coast Observer*, *Ashanti Pioneer*, *Accra Evening News*, *West African Pilot*.

Ao lado de intelectuais tais como W.E.B. Du Bois, C.L.R. James, Amílcar Cabral, Franz Fanon, George Padmore defendeu um pensamento negro radical amparado em um humanismo que buscava o entendimento entre os indivíduos de diferentes identidades raciais e propunha um grande arranjo universal. Padmore já havia alertado os africanos que,

> [A]queles que devotarem seu conhecimento, 'incluindo os brancos', para a tarefa de desenvolver [...] países emergentes das condições coloniais primitivas [...] devem sentir que seus serviços são bem-vindos e valorizados[681].

Não faltaram vozes ganesas para acusar Padmore de não possuir competência para assessorar Nkrumah sobre os assuntos africanos pois, além de não ser africano, nunca havia morado no continente.[682] Contudo, ainda que Padmore tenha estreitado sua relação para o

[680] Basil Davidson. **Black Star.A View of the Life and Times of Kwame Nkrumah**. Oxford, 1973, p. 192.
[681] George Padmore. **Pan-Africanism or Communism?** Londres: Dennis Dobson, 1956, p. 354.
[682] M Dei-Amang.**The Administration of Ghana's Foreign Relations 1957-1965**. Londres: Athlone Press, 1975, p. 13.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

plano institucional dentro de um país africano soberano, os ruídos e afastamento seguiram. Na cerimônia de independência, em março de 1957, Nkrumah declara que "A independência de Gana não terá sentido até que seja seguida pela total liberação da África". Esta máxima era preconizada por Padmore, mas a análise dos eventos vinculados à trajetória de Nkrumah na Costa do Ouro e em Gana independente, mostram que o líder de Gana posicionou-se sobre este aspecto de forma retórica. Marika Sherwood indica que o secretário permanente do Ministério das Relações Exteriores de Nkrumah apontou que o líder possuía menos interesse nas relações diplomáticas do que no processo de descolonização do Oeste Africano, naquele momento[683]. A presença de Padmore no governo de Gana ganharia, portanto, contornos relacionados à tentativa de imprimir a versão internacionalista e transnacional do Pan-Africanismo pensado desde o Quinto Congresso de Manchester.

A relação de Padmore e Nkrumah também auxilia na compreensão de alguns caminhos autoritários que o estado nacional em Gana tomaria após alguns anos da independência. A relação do 'tribalismo' com soluções autoritárias foi tratada entre ambos. Em correspondência entre Dorothy Pizer e Ellen Wright, esposa de Richard Wright, datada de 1957, Dorothy revelou que Padmore almejava escrever outro livro sobre os males do tribalismo, valendo-se da experiência da Nigéria para comprovar sua hipótese[684]. Padmore trocou correspondências com seu editor, Donald Dobson, justificando que esta empreitada seria realizada em apoio a Azikiwe e à Nigéria[685]. Padmore pretendia mais uma vez apresentar aos líderes políticos africanos um guia político e teórico para conquistarem sua emancipação. Padmore realizou alguns seminários no British Museum e formulou o argumento de que "não haveria a menor possibilidade de solucionar a fragmentação tribalista dentro de um arranjo democrático; o arranjo administrativo Soviético seria o único meio de solucionar este problema"[686]. Richard Wright também fez menção a soluções autoritárias a Nkrumah, em seu livro Black Power. Em tom de sugestão misturado com certo senso de urgência Wright aponta que Nkrumah deve reorganizar a Personalidade Africana.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

[683] Marika Sherwood. "George Padmore and Kwame Nkrumah: A Tentative Outline of Their Relationship". In: Rupert Lewis (org.) **George Padmore: Pan-African Revolutionary**. Kingston: Ian Randle, 2009, pp. 173.
[684] **Arquivos Richard Wright (D. Padmore**), Pizer para E. Wright, 30 de setembro de 1957.
[685] John Hooker. **Black Revolutionary**: George Padmore's Path from Communism to Pan-Africanism. London: Pall Mall Press, 1967, p. 131-132.
[686] **Carta de D. Pizer para E. Wright.** Arquivos Richard Wright (D. Padmore), 30 de setembro de 1957.

> Há muita nebulosidade na mentalidade africana, um tipo de indecisão arraigada que causa falta de confiança, uma falta de foco que torna esta mentalidade incapaz de se adequar ao mundo cotidiano[687].

Richard Wright segue apontando que, para aproximar o modo de vida tribal do industrial,

> A VIDA AFRICANA DEVE SER MILITARIZADA! [...] Não para a guerra, mas pela paz; não para a destruição, mas para servir; não para agredir, mas para produção, não para o despotismo, mas para libertar as mentes do 'mumbo-jumbo'[688].

Ao que tudo indica, Nkrumah seguiu esta estratégia, pois, no prefácio de sua autobiografia escreveu,

> O capitalismo é muito complexo enquanto sistema para uma nova nação independente. Por isso a necessidade de uma sociedade socialista. Mas mesmo um sistema baseado na justiça social e em uma Constituição democrática precisa de um suporte, durante o imediato período após a independência, de medidas emergenciais de tipo totalitário[689].

Ainda que Padmore tenha defendido nas páginas de seus livros a condução do estado nacional nos moldes de um socialismo democrático amparado em marcos constitucionais, ele e Nkrumah concordavam que o tribalismo era um mal "pior que a religião", como afirmado em correspondência para Richard Wright de 29 de janeiro de 1957[690]. Seguia afirmando que,

> Apenas o Stalinismo é capaz de acabar com esta bagunça e liberar estas pessoas. Depois disso, chegará o momento da de-stalinização e democracia. K. também sente isto, mas precisa fazer jogo de cena para os aplausos do ocidente. Note que ele falou de totalitarismo![691].

Em 22 de abril de 1957, Padmore retornou a enfatizar a estratégia afirmando sobre Nkrumah:

> [Ele] apoia nossa linha de ação de que será necessário impor um período de 'ditadura benevolente' a fim de que haja a transição de Gana para o caminho da civilização. Há tanto o que ser feito em todos os níveis; e há tanta sujeira

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

[687] Estas palavras aparecem nas páginas finais de Black Power. Ver Richard Wright. **Black Power**. Londres: Harper and Brothers, 1956, pp. 342-351.
[688]Idem.
[689] Kwame Nkrumah. **Ghana:** The Autobiography of Kwame Nkrumah, 2a Ed. Nova Iorque, International, 1971, p. xvi.
[690] Arquivos de Nkrumah, Caixa 154-7, Pasta 52, cópia datilografada, **Padmore para Nkrumah**, 10 de maio de 1954. Moorland Spingarn Research Center, Howard University, Washington.
[691] Arquivos Richard Wright (G. Padmore), **Padmore para R. Wright**, 29 de janeiro de 1957.

> que deve ser limpa, que apenas um governo forte poderá dar conta da tarefa[692].

Padmore também era visto com ressalvas por aqueles que acreditavam que ainda nutria relações com o Comunismo. Ele, contudo, conseguiu no curto tempo que esteve em serviço blindar seu gabinete do controle mais próximo do Ministério das Relações Exteriores, segundo Afari-Gayan[693]. Padmore também possuía atritos quando, nas reuniões semanais da NASSO, tentava, a despeito de alguns membros do CPP, combater o que via como "falso" socialismo e apontar caminhos, atitudes e ideias "verdadeiramente" socialistas[694]. Nkrumah diante destes ataques soube preservar Padmore, afirmando que ele era seu assessor pessoal. Padmore possuía uma equipe formada por oito membros: três assistentes, dois deles caribenhos, T. Ras Makonnen, Jimmy Markham, e cinco funcionários gerais; e seu escritório possuía o tamanho honesto, semelhante ao de uma casa de solteiro[695].

Assim que chegou à Gana Padmore organizou sua equipe e seu departamento de modo que tudo estivesse pronto para que uma equipe fosse enviada ao Cairo, para a Conferência dos Povos Afro-Asiáticos, que ocorreria em dezembro de 1957. Esta conferência ocorreu em seguida ao encontro de Bandung, em 1955, que por sua vez já vinha causando certa preocupação nos países ocidentais[696].Correspondências entre o Departamento de Estado de Washington e a Embaixada francesa indicam que houve a tentativa de desmobilizar o comparecimento de alguns países. O relatório apontava que a França estava contente com as medidas que os britânicos estavam tomando a fim discretamente desencorajar a Costa do Ouro e a *Central African Federation* de comparecer[697]. Seguindo sua estratégia de articular transnacionalmente, mesmo dentro do continente, Padmore organiza em Acra, no mês de abril de 1958, a primeira Conferência dos Estados Africanos Independentes. Desde 1954, apontando para a preocupação Pan-Africana Padmore afirmava em correspondência a Du Bois que,

> Nkrumah está empenhado em organizar o Sexto Congresso Pan-Africano na Costa do Ouro, tão logo a independência seja formalmente declarada. Nós

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

---

692 Arquivos Richard Wright (G. Padmore), **Padmore para R. Wright**, 22 de abril de 1957.
693 Kwadwo Afari-Gayan. "Kwame Nkrumah, George Padmore and W.E.B. Du Bois".**Research Review**vol. 7, n. 1 and 2, 1991, p. 4
694 Kwame Nkrumah. **I Speak of Freedom**. Londres: Heineman, 1961, p. 93
695 National Archives, Washington: RG59/745J.02A/7-958 Caixa 3241. Relatório da Embaixada.
696 Relatório Departamento de Estado, 1 de fevereiro de 1955. In: **Foreign Relations of United States 1955-1957**, vol. XVIII. Washington D.C.: US Printing Office, 1989.
697Idem.

> não podemos fazer isto antes porque não queremos criar alarme indevido antes de termos o poder em nossas mãos[698].

Com o país independente, Padmore concretizou seu desejo. Mas a conferência não foi chamada de Pan-Africana, tampouco foi a sexta de uma sequência de realizações. Colin Legum afirma que Padmore participou ativamente da organização preliminar do evento[699]. St. Clair Drake, por sua vez afirma que Padmore "era o organizador por trás das cenas" [...] foi de Padmore o trabalho para pôr em prática o Programa de Ações Positivas não-violentas e o programa de Ações Táticas em escala continental"[700]. A conferência foi importante nas discussões sobre o direito de independência da Argélia, bem como na articulação de intercâmbios culturais e de planos econômicos entre os países africanos. Após a conferência Nkrumah e Padmore realizaram uma série de visitas diplomáticas a sete países que participaram da conferência. Nkrumah endereçou discussões "a respeito da velocidade da libertação de todos os territórios dependentes".[701]Cabe saber se estas discussões ocorreram por direcionamento de Padmore ou por livre iniciativa de Nkrumah. Diante das articulações de longa data de Padmore rumo a este acerto transnacional e a preocupação de Nkrumah com a tarefa interna de conduzir Gana independente, tudo indica que estas discussões tenham sido operadas e influenciadas por Padmore.

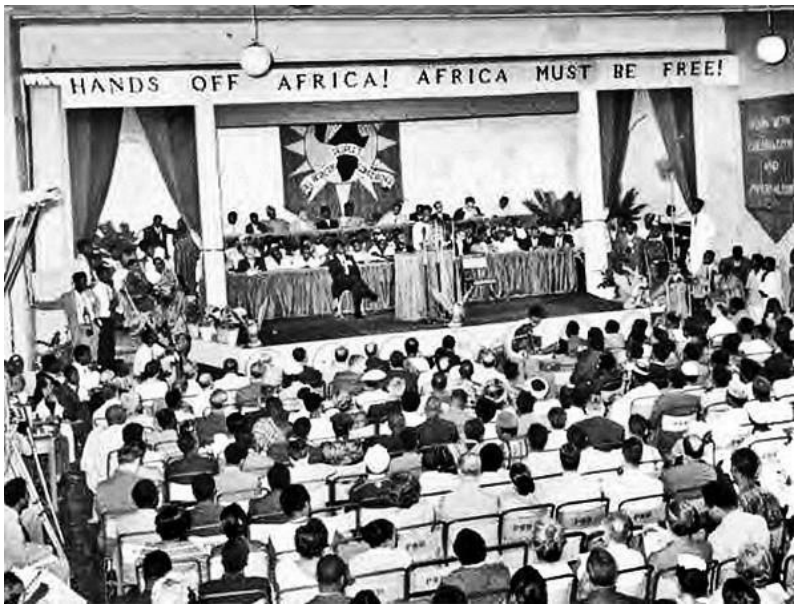

Figura 21 - All African People's Conference, Acra, 1958.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

698 C.L.R. James. **Notes on the Life of Padmore**. Microfilme. University of London, Institute of Commonwealth Studies, 1959, pp. 121-122.
699 Colim Legum. **Bandung, Cairo & Accra**. Londres: Africa Bureau, 1958, p. 10.
700 St. Clair Drake. **The Rise of Pan-African Movement.** Africa Special report, 3:4, 1958, pp. 5-9.
701 Kwame Nkrumah. **I Speak of Freedom**. Londres: Heineman, 1961, p. 132-133.

Quando retornava do congresso do *African Régroupment Party*, em Cotounou, hoje Benin, Padmore foi interrogado pela embaixada dos Estados Unidos. Padmore, que estava com sua companheira, Dorothy Pyzer, haviam participado como observadores externos na conferência. Ainda que Padmore nunca tenha demonstrado fluência no francês, apesar de ter morado em Paris, em 1934, Dorothy era fluente e certamente atuou nos diálogos e articulações. Constam nos autos da embaixada que Padmore relatou que,

> as delegadas eram o fator mais importante no estímulo e condução à total independência. Seu entusiasmo e fervor arrebatou os outros delegados. Estou realmente surpreso com estas mulheres. O RDA [Rassemblement Démocratique Africain] nunca será páreo para este setor[702].

Dorothy acrescentou que, "as delegadas do ARP não estão para brincadeiras. Se os franceses vacilarem, elas estão prontas para lutar"[703].

Padmore organiza a *All-African People's Conference*, em dezembro de 1958. De Nkrumah apenas foi pedido seu apoio à realização, que concedeu apoio. Esta conferência foi pensada nos moldes dos encontros Pan-Africanos. Para o evento foram chamados anti-imperialistas de vários países coloniais e ex-colônias, representantes de partidos políticos nacionais, sindicatos e organizações de trabalhadores, organizações de jovens e estudantes, associações de mulheres. Quem possuiria tal rede de contatos? Um dos cartazes da conferência trazia a imagem já utilizada no *Negro Worker*, o homem de torso nu, saindo do mapa da África, rompendo suas correntes. Na imagem o slogan: "Não temos nada a perder, a não ser nossas correntes; temos um continente para reconquistar; nós temos liberdade e dignidade humana para alcançar." Estiveram presentes na conferência Tom Mboya, Félix Moumié, e Patrice Lumumba, por exemplo. Lumumba, quando de seu retorno ao Congo Belga, se valeu das resoluções retiradas na conferência para demandar a independência do Congo junto ao governo Belga, além de ter sido reconhecido pela defesa da unidade africana.[704] Na África do Sul, a formação do *Pan-Africanist Congress Party* é apontada como uma decorrência da Conferência dos Povos Africanos, de 1958.[705] Também foi criada após a conferência a *Pan-African Freedom Movement for East and Central Africa*, a *Pafmeca*,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

[702] National Archives, Washington, RG770.00/8-958, Caixa 3646: Foreign Service Despatch from American Embassy, Accra, 9 de Agosto de 1958.
[703] Idem.
[704] Jean Van Lierde (org.) **Lumumba Speaks**: The Speeches and Writings of Patrice Lumumba, 1958-1961. Boston: Little, Brown and Company, 1972.
[705] Vincent Baketu Thompson. **Africa and unity**: The evolution of Pan-Africanism. Londres: Longman, 1971, 127-135

inspirada por Julius Nyerere. Uma Carta da Liberdade – Freedom Charter – dos povos do leste africano foi elaborada, também como decorrência da conferência de 1958, em Acra[706].

A conferência pautou a importância da soberania dos países africanos. Tom Mboya ressaltou que os africanos não tolerariam interferência de qualquer país.[707] Nkrumah abriu a conferência alertando para os perigos do imperialismo, que poderia "surgir não necessariamente da Europa". Nkrumah pautou seu discurso na caracterização do imperialismo de um ponto de vista mais local e interno ao continente. Estas reflexões seriam retomadas anos depois quando escreveu seu livro, *Neo-Colonialism, The Last Stage of Imperialism*[708]. O voto universal também foi uma reivindicação, juntamente com a discussão da unidade entre os países africanos. O uso do tribalismo pelos imperialistas, as fronteiras artificiais, as leis discriminatórias e o racismo foram denunciados. Um grupo permanente foi criado como encaminhamento do encontro e visto pelos participantes como um grande avanço. O escritório desta organização permanente seria em Acra, o que leva a crer que Padmore certamente iria desempenhar um papel importante na organização. Os objetivos da organização eram:

> 1 – Promover entendimento e unidade entre os povos da África.
> 2 – Acelerar o fim do imperialismo e do colonialismo.
> 3 – Mobilizar a opinião mundial contra a negação dos direitos políticos e direitos humanos fundamentais aos Africanos.
> 4 – Desenvolver o sentimento de unidade a fim de apoiar a emergência dos Estados Unidos da África[709].

A organização estaria aberta à participação de todas as organizações políticas africanas, bem como de organizações de trabalhadores e sindicatos. Os anos finais de Padmore foram de intensa movimentação pelo continente, mas também de frustrações. No dia 11 de maio de 1959, Gana e Guiné firmaram um acordo que apontou para a construção de uma unidade no Oeste africano. Após ter optado por libertar-se do colonialismo francês, em 1958, Sékou Touré recebeu auxílio financeiro de Gana, e assim se formou a União Gana-Guiné, com sua própria bandeira, hino, e foi celebrado como célula para a unidade dos Estados Africanos. Poucos estados se mostraram interessados em aderir, muitos deles com receio de perderem sua soberania e identidade. O presidente da Libéria, William Tubman, foi um dos líderes que ficou receoso com a ideia, entretanto, após um encontro com Nkrumah e Sékou-Touré, assinaram a Declaração de Saniquillie, em julho de 1959.

---

[706] Idem, p. 444.
[707] **West Africa**, 13 de dezembro de 1958, capa.
[708] Kwame Nkrumah. **Neo-Colonialism:** the Last Stage of Imperialism. Londres: Thomas Nelson & Sons, 1965.
[709] **West Africa**, 20 de dezembro de 1958, p. 1215

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Concomitante a estes arranjos locais, Padmore reunia forças para organizar o próximo encontro da organização dos Povos Africanos, que seria reunida em junho, no Cairo. Nenhum delegado ganês compareceu, e o encontro foi transferido para Tunis, por razões desconhecidas desta pesquisa. Entre os assuntos discutidos, o racismo na Grã-Bretanha. Encaminhamentos foram retirados apontando para o próximo encontro a ser realizado em Monróvia, em agosto, com tema pré-fixado e específico sobre a situação da Argélia.[710] A organização, ao que parece, seguia atuando na direção de uma agenda global que desse conta de pensar a questão racial para além do continente africano, e as questões coloniais de maneira transnacional e transcolonial. Padmore já havia apresentado aos leitores da antiga Costa do Ouro que este país seria a liderança no continente africano. Segundo Padmore, o *Uganda National Congress*, reivindicando autogoverno, estava utilizando *The Gold Coast Revolution* enquanto um guia político, contou a Wright[711].

Padmore deve ter sofrido um duro golpe diante de um acerto diplomático tão conservador e limitado, diante daquilo que se propôs a construir por anos a fio. Padmore já vinha em uma jornada longa de viagens e encontros. Ao final do evento em Sanniquillie todos os participantes tiveram problemas digestivos e disenteria, mas Padmore foi o mais afetado. Sua saúde já não estava em bom estado há tempos. Padmore deixou Acra no dia 7 de setembro e buscou tratamento em Londres, no University College Hospital, onde foi internado alguns dias depois de chegar na metrópole, em 20 de setembro. Padmore, entretanto, não resistiu e veio a falecer devido a complicações hepáticas severas no dia 24 de setembro de 1959. Padmore não viveu para ver dezenas de colônias tornarem-se independentes no ano seguinte de sua morte.

Dorothy Pizer, sua viúva, seguiu em Gana vivendo na mesma casa que dividia com Padmore. Ela escreveu o prefácio da edição francesa de *Pan-Africanism or Communism?*, editado pela *Présence Africaine*. Antes de sua morte, Padmore acreditava que seu livro poderia servir como espinha dorsal para movimentos de libertação da África francesa. Dorothy tentou reunir alguns materiais para uma biografia do marido, e contactou pessoas que conviveram com Padmore, como C.L.R. James, sua esposa, Selma, Nancy Cunard, Richard Wright, entre outros.[712] Para Wright, ela revelou que pretendia escrever uma versão menor e anônima, que seria publicada pelo CPP, e também uma versão maior tal qual

[710] **West Africa**. 16 de maio de 1959, p. 543
[711] Arquivos Richard Wright (G. Padmore), **Padmore para R. Wright**, 19 de outubro de 1955.
[712] C.L.R. James. **Notes on life**, p. 60-61; **Coleção Nancy Cunard,** Caixa 17, Pasta 10, Dorothy Padmore para Cunard, 24 de outubro de 1959; **Arquivos Richard Wright (D. Padmore),** Dorothy Pizer para R. Wright, 16 de fevereiro de 1960.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Padmore produziria.[713] Esta biografia deveria ser "a interpretação de uma época que o relacionasse a dois grandes movimentos – o Comunismo e o Pan-Africanismo"[714].

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

[713] Padmore nunca mencionou desejo de escrever uma autobiografia enquanto em vida. Contudo, a autobiografia de Nkrumah foi desenhada pelo casal Padmore e Pizer. Deveria ser uma narrativa 'histórico-sociológica', contada em termos pessoais, das influências que moldaram suas escolhas pessoais. Em carta de Pizer para Nkrumah, ela chega a propor um roteiro da autobiografia, início da vida com descrição da cidade natal, estabelecendo relações com o resto do país; apresentação das forças sociais e sua correlação com as forças exteriores; suas experiências escolares, sua vida acadêmica nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha e seu retorno para a Costa do Ouro. Sempre com atenção especial para as diversas forças sociais presentes nestes contextos. Quando chegasse na parte do movimento de independência da Costa do Ouro, a narrativa deveria assumir o tom do 'choque das atitudes africanas; da perspectiva tradicional contra as novas'. Ver nota 40

[714] **Arquivos de Richard Wright,** D. Pizer para Wright, 20 de outubro de 1959.

9
Considerações finais

Negro é uma cor de respeito
Negro é inspiração
Negro é silêncio é luto
Negro é a solidão
Negro que já foi escravo
Negro é a voz da verdade
Negro é destino é amor
Negro também é saudade

Um sorriso negro
Um abraço negro
Traz felicidade
Negro sem emprego
Fica sem sossego
Negro é a raiz de liberdade

D. Ivone Lara, 1981

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

George Padmore foi muitos. A Diáspora Negra é uma encruzilhada que promove encontros, desencontros e atravessamentos. Opera não apenas no campo da cultura, mas também no campo político e material. O que já havia sido percebido por W.E.B. Du Bois, a duplicidade de negros em sua relação com o mundo e seus efeitos psicológicos[715], deve ser ampliado para o campo da atuação política e intelectual destes homens. A trajetória de George Padmore, intelectual da Diáspora Negra, aponta que, "sentado, batia com a cabeça no teto; e de pé, não atingia nem mesmo a altura do fogareiro". Padmore foi um intelectual anticolonial e anti-imperialista que pautou suas estratégias tanto pelo comunismo quanto pelo Pan-Africanismo. Manipulando suas diversas identidades criticava veementemente aqueles negros africanos ou caribenhos que "seriam mais britânicos que a Rainha"[716]. Padmore produziu olhares *deslocados* e críticos por onde quer que tenha passado.

George Padmore foi pragmático o bastante para atuar dentro do Comunismo Internacional sem deixar de atuar como um negro internacionalista; atacar o fascismo e o imperialismo sem, contudo, deixar de ser crítico ao Comunismo stalinista; atuou de maneira central e decisiva na metrópole britânica enquanto um intelectual forjado, na cultura e no

[715] W.E.B. Du Bois. **The Souls of the Black Folk**.Nova Iorque: Bantam, 1903.
[716] George Padmore. **Unitary Government versus Federal Government**. African Spectator, 30 de Setembro 1954.

discurso britânico, sem deixar de criticar o Imperialismo britânico e a civilização ocidental; Padmore foi um contumaz crítico do capitalismo e um entusiasta do Pan-Africanismo e do Socialismo Africano. Além disso, construiu em conjunto com outros intelectuais da diáspora uma teoria transnacional do anticolonialismo africano, ainda que fosse visto como um *outsider* no continente africano. A relação entre George Padmore, a Diáspora Negra e o Pan-Africanismo, portanto, oferece leituras mais complexas. Do intelectual negro para além do aspecto puramente racial; da diáspora compreendida para além dos deslocamentos de pessoas e das trocas culturais; e do Pan-Africanismo para além da África e das generalizações raciais. De um indivíduo que viveu sua trajetória, não dividido entre o mundo colonial e o da metrópole, antes, um indivíduo que fez das encruzilhadas sua morada. Que viveu não *no meio de*, mas *em meio a*.

Esta pesquisa buscou analisar a trajetória e o pensamento de George Padmore em seu contato com outros intelectuais e em seus contextos. O que se buscou apresentar foram os vocabulários políticos de intelectuais negros da primeira metade do século XX, a fim de contribuir para a construção de uma História do Pensamento Político Negro. Além de acreditar que o estudo do pensamento político de Padmore auxilie em novas interpretações sobre a diáspora e o Pan-Africanismo, a tese também buscou analisar sua trajetória para além de uma falsa dicotomia entre um Padmore comunista e outro, posterior, Pan-Africanista.[717] George Padmore evidenciou em seu pensamento que o Império britânico mediou sua relação com seus territórios coloniais através de práticas racistas e opressoras, e com extrema violência. Além de ter atuado neste contexto, também produziu olhares interessantes sobre a Guerra Fria, trazendo a história dos movimentos anticoloniais para uma relação mais complexa com o mundo polarizado existente antes do pós-Guerra[718]. Analisar as interações intelectuais de George Padmore amplia a percepção dos efeitos deste clima de Guerra Fria e mostra que a historiografia deve recuar suas pesquisas sobre anticomunismo e sobre as atitudes antissoviéticas presentes no ocidente desde o período entreguerras, propondo outras periodizações.

Analisar a trajetória deste homem que mudou de nome, experimentou o exílio e a Diáspora Negra, atravessou oceanos e mares, nos leva a compreender de maneira mais qualificada de que forma as territorialidades, suas fronteiras e limites, podem atuar sobre o

[717] John R. Hooker, 1967.

[718] Antony Best revela eu seus textos que a historiografia deve ampliar os olhares sobre a Guerra Fria para além do consenso de que tal contexto emerge apenas no pós-1946. Ver, Antony Best. **We are virtually at war with Russia": Britain and the Cold War in East Asia, 1923-1940**. Cold War History, 2011. Disponível em doi: <10.1080/14682745.2011.569436>, Acessado em 30 de julho de 2018.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

intelectual. Nascido no Caribe anglófono no início do século XX entrou em contato desde sua juventude com a exploração capitalista e o colonialismo racista. Caribe que desde sua formação enquanto região colonial possuía a marca do *deslocamento,* das reinvenções e da polifonia. Migrou para os Estados Unidos em busca de uma profissão que o possibilitasse viver sua vida em família no Caribe. Sua escolha de ter ido para os Estados Unidos em busca de educação e trabalho, e não para metrópole em busca de uma trajetória intelectual, também revela como a relação entre Padmore e os territórios incidem sobre sua prática política e intelectual posterior. Nos Estados Unidos, experimentou a luta antirracista, entrou para um movimento internacionalista que se propunha revolucionar o mundo e suas estruturas. Jamais retornaria ao Caribe. Radical, questionou o Comunismo Internacional e junto com, W.E.B. Du Bois e Claude McKay, Harry Haywood, Hubert Harrison, entre outros, promoveu o internacionalismo negro com suas imaginações e projetos alternativos de modernidade. Sua presença, assim como a de outros intelectuais negros da diáspora na União Soviética evidencia a relação entre o internacionalismo negro e o Comunismo Soviético como algo anterior à Guerra Fria. Além de indicar que as lutas anticoloniais dos negros e o Comunismo Internacional partilharam e disputaram o protagonismo destas lutas desde a década de 1920. Juntodestes homens denunciou a estrutura racista do capitalismo e a incapacidade do marxismo em dar conta de sua superação sem que levasse em conta o aspecto racial. A trajetória de George Padmore permite compreender que as solidariedades transnacionais e a existência de intelectuais negros na Diáspora Negra na primeira metade do século conectam-se através da busca por novas formas de modernidade

Ao lado de C.L.R. James, Claude McKay, Otto Huiswoud, Cyril Olivierre, Franz Fanon, Aimé Césaire, Marcus Garvey, Padmore evidencia que a intelectualidade negra oriunda do Caribe é, de maneira ampla e complexa, marcada por indivíduos radicais e *deslocados*. A hibridez, portanto, aprece menos como traço individual ou estratégia de alguns intelectuais negros da diáspora, mas enquanto uma forma de experimentar e existirdentro da Diáspora Negra e do internacionalismo negro. A História Intelectual do Pensamento Político Negro da primeira metade do século XX aponta que estes intelectuais já percebiam a História de forma conectada. Produziram um vocabulário político que considerava a humanidade e a História de forma global e transnacional, para além do estado-nação e da modernidade europeia. Suas estratégias de luta e identificação apontavam a interseccionalidade, as múltiplas identidades, a crítica ao essencialismo, antes do que se convenciona chamar nos dias atuais de momento Pós-Colonial.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

As trajetórias destes homens coloniais evidenciam que sua imaginação já se produzia e projetava contextos não coloniais, ainda que em tempos e em situações coloniais. Formas de modernizar o continente africano foram disputadas não apenas pelos europeus, mas também pelos intelectuais negros da diáspora. Estas disputas entre os intelectuais negros por sua vez não foram isentas de hierarquização e conflitos. Em contato com Kwame Nkrumah, por exemplo, George Padmore permite que a influência de seu pensamento político no continente africano seja conhecida. A partir de sua experiência em Gana, George Padmore permite evidenciar o caráter *deslocado* de alguns intelectuais da Diáspora Negra, como é o caso de Richard Wright e de Peter Abrahams. Indivíduos que experimentaram uma existência deslocada em quaisquer lugares que viessem a viver. É a partir das interações intelectuais de George Padmore, e não de sua biografia ou de seu pensamento isolado, que se torna mais claro que mesmo intelectuais nascidos em solo africano como Peter Abrahamse Kwame Nkrumah, por exemplo, foram marcados pela Diáspora Negra e por seus atravessamentos. A diáspora emerge, portanto, enquanto uma categoria que permite observar como as teias coloniais e imperiais atingiram homens e mulheres africanos em seus *deslocamentos*, transformando-os, tal qual ocorrido com outros negros e negras. Neste sentido, torna-se muito limitador produzir uma divisão entre *intelectuais africanos* e *intelectuais da diáspora*. Ou ainda, uma divisão entre intelectuais 'híbridos' e intelectuais africanos, possuidores de uma identidade mais sólida e menos instável. George Padmore indica que a chave para que se compreenda os intelectuais negros é a da diferença e do descompasso.

George Padmore foi fundamental para fortalecer uma cultura impressa nas lutas anticoloniais. Seu jornalismo, que atingiu os Estados Unidos, Caribe, África e Ásia, informa como que as lutas por libertação colonial, ainda que rebeldes e "marginais", se ampararam e se reproduziram dentro de meios canônicos: escrita nos idiomas imperiais. Informa também que as lutas foram transcoloniais, e transimperiais, pois estes homens percebiam que o combate ao colonialismo deveria ser aliado ao combate anti-imperialista. Percebendo as opressões sofridas pelos negros enquanto parte de um sistema complexo, articulado, organizaram suas lutas também de forma conectada e complexa, transnacional. Neste sentido, cabe pensar sobre a agência de intelectuais negros que foram responsáveis pela produção de críticas ao pensamento Ocidental *em meio ao* mundo Ocidental, e não *a partir* dele de fora dele.

A complexidade das vertentes do internacionalismo negro evidenciada, por exemplo, na relação tensa entre o movimento de Marcus Garvey, a *United Negro Improvement Association*, e o movimento de W.E.B. Du Bois, a *Negro Association of Advancement of*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Coloured People, mostra que a historiografia deve considerar a complexidade e a riqueza do Pensamento Político Negro. Padmore produziu duras críticas a ambos os movimentos, e posteriormente, após a década de 1930, manifestou posições ponderadas sobre Garvey, inserindo-o como parte importante do movimento Pan-Africano. Tambémaliou-se a Du Bois e Harold Moody diante da reformulação do Pan-Africanismo no período entreguerras. As críticas de Padmore a Garvey, por exemplo, apontam que esta comunidade argumentativa não pode ser analisada a partir de um contextualismo linguístico ou de uma História Intelectual que desconsidere seus ruídos e descontinuidades. Não obstante, as mesmas críticas de Padmore a Garvey permitem que se perceba que as mediações e interações complexas entre estes intelectuais se processaram dentro de solidariedades raciais compreendidas de forma politizada e articulada. Imperialismo, para Padmore, tratava-se de violência e exploração. Uma exploração a partir de uma ideia poderosa e, enquanto tal, a solidariedade frente a outros homens negros era uma necessidade política e estratégica. Claude Mckay, George Padmore, Peter Abrahams, Richard Wright, desde a primeira metade do século XX, nos apontam que o conceito de raça operado por intelectuais da Diáspora Negra já era observado enquanto uma identidade política e uma categoria sociológica, não enquanto essência ou origem.

George Padmore soube articular, a partir da metrópole, uma revolução para o continente africano. Ao passo que C.L.R. James produziu textos mais densos e teóricos tendo em vista tanto à crítica ao marxismo e a produção de uma Opinião Africana, Padmore soube concretizar esta teoria da revolução em organizações e ações anticoloniais que culminariam na Revolução da Costa do Ouro, em 1957. Um conceito de revolução que deve ser cotejado junto a outras propostas de revolução, como a de Franz Franon, por exemplo. Espero que esta pesquisa ajude nos futuros trabalhos sobre a aproximação destes intelectuais da Diáspora Negra que tanto influenciaram o continente africano e em seus processos de emancipação. A partir de sua revolução, negociada, constitucional e pacífica, modelada a partir da experiência indiana, é possível perceber, entretanto, um teor radical e contra-hegemônico. Ainda que Padmore tenha conduzido e pensado o processo de independência da Costa do Ouro mediante uma negociação pacífica junto à metrópole, nunca deixou de denunciar a violência presente no processo de emancipação do Quênia. Diante do Movimento Mau Mau, fez denúncias de no sentido de que secompreendesse que a natureza do imperialismo era a violência.[719] O pragmatismo de Padmore nunca abriu mão de seu anti-imperialismo. Um anti-imperialismo

[719] George Padmore. **The Negro Faces the War**. Workers Age, 23 Dezembro 1939.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

anticapitalista e forjado em leituras de mundo marxistas.[720] Leitor atento de Lênin e Hobson, Padmore encarou, entretanto, o Imperialismo enquanto um sistema social, ampliando assim, as leituras do Imperialismo enquanto um fenômeno meramente econômico.[721] Em Londres soube aliar-se ao *Independent Labour Party* sem deixar de empurrá-lo para posições mais radicais. Padmore era um contumaz crítico de Stálin, mas nunca deixou de observar a experiência Soviética de maneira atenta em busca de boas práticas. Padmore soube encontrar aliados de pele branca na metrópole. Londres é uma encruzilhada e permite encontros e caminhos a quem saiba buscá-los.

Neste sentido, o encontro de Padmore e C.L.R. James em Londres foi interpretado nesta tese como uma parceria produtiva que permitiu tanto a Padmore ampliar e fortalecer seu repertório teórico e ideológico Pan-Africano, fruto das reflexões de James; quanto garantir a James a existência de organizações executoras e difusoras de suas ideias, como o jornal *International African Opinion*. O *International African Service Bureau* foi organizado a partir de diversos contatos que Padmore dispunha desde a década de 1930. A partir desta rede de militância anticolonial e radical que o Quinto Congresso de Manchester foi organizado e tornou-se a plataforma para os processos de independência do continente africano no pós-Guerra. De forma silenciosa e estratégica, Padmore rearticulou junto a Du Bois o movimento Pan-Africano, em 1945. Padmore soube difundir a *Opinião Africana* através da imprensa colonial, publicando textos informativos e didáticos que deram conta de articular as lutas anticoloniais da Ásia, Caribe e da África. Se James foi um intelectual que propôs e apresentou críticas ao marxismo e ao Ocidente questionando seu caráter colonial, Padmore soube articular traduzir estas críticas de forma que se tornassem estratégias de lutas e plataformas de transformação política da realidade africana.

Se a África pós-independências frustrou aqueles buscavam uma nova vida diante das emancipações e conquista da direção dos estados africanos independentes, não se pode, entretanto, negar a contribuição que os homens da geração de Padmore tentaram dar em seus livros e ações. Ainda que estes intelectuais sejam responsáveis por muitas das ações e descaminhos tomados a partir das independências. Sua produção intelectual e artística, ou seja, tanto aquela que se pautou pela ação política ancorada e direcionada a resultados concretos, bem como aquela que projetou outras possibilidades a partir da realidade, repensou o passado e o futuro da África antes da década de 1960. Ou seja, pensaram de forma anticolonial e anti-imperial em um contexto colonial e de forte presença dos Impérios. As

[720] George Padmore, 1956, p.xvi.
[721] George Padmore, 1949, p.9.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

obras de Jomo Kenyatta, *Facing Mount Kenya*, a autobiografia de Nkrumah, *Ghana*, o livro de C.L.R. James, *Nkrumah and the Ghana Revolution*, os romances de Peter Abrahams que refletiram sobre as questões raciais, o livro de Padmore, *Pan-Africanism or Communism?*, propuseram leituras e ações sobre a África complexas e sofisticadas. Estes intelectuais, alguns deles menos do que Padmore, permanecem silenciados nas páginas sobre a história do continente africano. Análises de História Intelectual que dêem conta de articular as produções destes homens são necessárias, portanto. Estes intelectuais buscaram transformar o mundo com suas ideias, e o fizeram.

Contudo, é necessário que se compreenda que esta comunidade argumentativa não corresponde a um grupo homogêneo e coerente. Partilharam experiências semelhantes tanto em territórios coloniais quanto nas metrópoles, e articularam sua existência na Diáspora Negra, produzindo, entretanto, caminhos coletivos e individuais. As principais obras destacadas destes autores partiram de experiências individuais particulares, ainda que tentassem abarcar processos mais largos relacionados aos africanos e seus descendentes. Não à toa, influenciado por Padmore, Nkrumah escreveu sua biografia buscando imprimir nela o processo revolucionário da Costa do Ouro, e W.E.B. Du Bois, tenha escrito sua autobiografia enquanto uma história do conceito de raça. Foram intelectuais comprometidos com os rumos do liberacionismo negro e com sua existência, sendo difícil a identificação de onde começa um campo e onde termina o outro. C.L.R. James, Claude McKay, Langston Hughes e Peter Abrahams, por exemplo, não produziram apenas textos políticos, produziram também obras artísticas de cunho político. Kenyatta, orientando de Malinowski, foi descrito por Peter Abrahams como um homem de ‘refinado intelecto acadêmico’. Quando escreveu seu livro sobre a Rússia, Padmore se referiu a ele como ‘um dos melhores trabalhos sociológicos’ que teria realizado. Nkrumah concretizou uma vida acadêmica consistente nos Estados Unidos e, tanto a frente do estado independente de Gana, quanto no exílio após ter sido deposto do poder, buscou consolidar o nkrumaismo enquanto uma filosofia política. Estes homens viveram em um contexto no qual escritores negros eram raros e, portanto, possuíam um apelo para o mercado literário. Autoreferir-se enquanto escritores negros ao invés de intelectuais, ou no caso de Padmore, enquanto um jornalista ou ‘correspondente metropolitano’, os possibilitava alcançar um número maior de leitores. É possível apontar tanto aspectos que os colocam em consenso, como apontar aspectos que os colocam em conflito. Esta é a lógica destes homens da Diáspora Negra e das encruzilhadas. E esta lógica deve ser considerada mediante suas existências enquanto intelectuais, homens que queriam ser ouvidos e lidos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

Se na década de 1930 Padmore acreditava que a transformação do continente africano e sua emancipação poderiam ser alcançadas com o desenvolvimento econômico coadunando com uma percepção desenvolvimentista, no pós-Guerra isto irá se complexificar. Ainda que siga defendendo o desenvolvimento econômico e a industrialização enquanto ações necessárias à emancipação do continente africano estas deverão estar acompanhadas, e precedidas, pelo aspecto político. A revolução da Costa do Ouro pensada por Padmore iria abrir os caminhos para a emancipação total do continente. O tempo agora percebido enquanto uma arma de luta e transformação não toleraria mais o gradualismo dos imperialistas. A independência deveria acontecer "já"! Ainda que a modernização dos 'costumes tribais' rumo ao estado de Bem-Estar na África demandasse esforços e estratégias, tais transformações deveriam ser conduzidas pelas lideranças africanas, a partir do presente. Mesmo que tais estratégias envolvessem, 'momentaneamente' após as independências, táticas stalinistas autoritárias, reduções do campo democrático e das liberdades políticas. Padmore demandava, desde a década de 1930, o imediato autogoverno e combatia o mito de que os povos africanos não seriam capazes de conduzir seu destino. O horizonte de expectativas destes homens descolava-se do espaço de experiências e assim as lideranças Pan-Africanistas vislumbravam estados soberanos, sob o comando dos africanos, e sem a presença e a interferência dos brancos europeus.

Herói silencioso, Padmore soube, de maneira calculada e pragmática, sair dos holofotes da luta internacionalista dos negros e sem deixar de pautar sua vida pelas causas da diáspora e da África. Demonstrou que sempre soube conduzir e disputar as lutas anticoloniais e anti-imperiais com suas ideias, estratégias e projetos. Homem do exílio, abdicou de sua vida particular e de seus desejos em função das lutas globais, ainda que tenha permanecido entrelaçado em sua vida privada e na 'pequena política'. George Padmore evidencia que não se pode compreender a história dos indivíduos e a história da sociedade a menos que façamos o esforço de conhecer ambas. Atuando como poucos pelas encruzilhadas, mediou lutas, produziu linguagens e discursos. Descreveu as lutas e também criou caminhos de lutas. Padmore foi um ativo intelectual militante durante sua trajetória de lutas. Nunca deixou de ser um caribenho quando africano, ou deixou de ser um intelectual negro enquanto comunista. Tampouco deixou de ser marxista quando um Pan-Africanista. Padmore 'atravessou o avesso', foi tudo isso e – ainda assim – foi um *deslocado*. Padmore operou através da epistemologia das encruzilhadas. E é, portanto, com este olhar epistemológico que devemos observar outros intelectuais negros a fim de evidenciar as experiências da Diáspora Negra. Padmore é um intelectual da Diáspora Negra e, tal como apontado por Fanon, o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

primeiro impulso do homem negro é dizer *não* a quaisquer tentativas de definí-lo.[722]A definição possível, talvez, seja a de que, homens e mulheres negras seguem se recriando nas lutas, sempre lutando.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

[722] Franz Fanon. **Black Skin, White Masks**. London: Pluto Press, 2008, p. 23

10
Referências bibliográficas

Fontes George Padmore

PADMORE, George. **Africa: Britain's Third Empire**. London: Dennis Dobson, 1949.

_____ **Africa and World Peace**.London: Secker and Warburg, 1937.

_____ (org) **Colonial and Coloured Unity:** a Programme of Action and History of the Pan-African Congress. Manchester: Panaf Services, 1947.

_____ **Gold Coast Revolution**. London: Dennis Dobson, 1953.

_____ **How Britain Rules Africa**. London: Wishart Books, 1936.

_____ **How Russia Transformed Her Colonial Empire**. London: Dennis Dobson, 1946.

_____ **Life and Struggles of Negro Toilers**. London: Red International of Labour Unions, 1931.

_____ **Pan-Africanism or Communism?** London: Dennis Dobson, 1956.

_____ (org) **Voice of Coloured Labour**. Manchester: Panaf Services, 1945.

Artigos citados de George Padmore

PADMORE, George. **Arrest of Wallace Johnson**. The People, 16 de março de 1940.

_____ **Gold Coast Celebrates Independence Day**. West African Pilot, 17 de Janeiro de 1952.

_____ **Nkrumah Throws the Challenge**, West African Pilot, 19 de Outubro de 1951.

_____ **A Patriot Has Fallen**. International African Opinion, 1, nº 5, Novembro, 1938

_____ **An Appeal to Negro Workers**, Negro Champion, 17 de novembro de 1928

_____ **Atlantic Charter Not Intended for Colonies**. The Militant, 14 de março de 1942.

_____ **Awakened Negro Youth**, Negro Champion, 17 de abril, 1928.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

_____ **Bribery and Corruption among British Statesmen**. Accra Evenning News, 2 Março, 1955.

_____ **Democracy's Colour Bar**, Vanguard 27 de junho de 1942.

_____ **Dr. Kwame Nkrumah – First African Prime Minister**.West African Pilot, 11 de Junho de 1952.

_____ **Ethiopia and World Politics**.The Crisis, n 42, 5 de Maio de 1935.

_____ **Fascist Terror against Negroes in Germany**. Negro Worker, no. 4-5, abril/maio 1933.

_____ **Great Negro Revolutionists**, Negro Champion, 22 de junho, 1928.

_____ **Heroic Soviet Saviors**, Negro Champion, 8 de agosto de 1928

_____ **Labour Bureaucrats and Negro Worker**, Daily Worker, 3 de janeiro de 1929.

_____ **No Atlantic Charter for Colonies**. New Leader 24 de janeiro de 1942, p. 3.

_____ **Our Aims**. International Negro Workers Review 1, no. 1, (Janeiro de 1931).

_____ **Russian Advocacy for Independence for Colonies Causes Much Reaction in UK**, West African Pilot, 12 de Junho de 1945.

_____ **Russian Culture Attracts Americans**, Negro Champion, 1928.

_____**The Missionary Racket in Africa**. The Crisis, Julho de 1935.

_____**The socialist attitude to the invasion of urss**, Left, setembro de 1941, p. 196.

_____ **No Solution whithin empires**, New Leader, 9 de maio de 1942.

_____**With the Negro Workers**. Labour Unity, 17 de agosto, 1929.

_____ **Colonial Aid to Britain in Great War**, Vanguard 16 de março de 1940.

_____ **Coloured Officers to Lead British Army Should Japs Invade India**, Vanguard, 21 de março de 1942.

_____ **Negro Training as Britain Army Officer**, Vanguard, 30 de março de 1940.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

_____ **Political Prisioners in Africa Discussed in Parliament, Vanguard**, 18 de maio de 1940.

_____ **African Miners in Northern Rodhesia on Strike, Vanguard**, 11 de maio de 1940.

_____ **Famine in Kenya Native Reserve**, Vanguard, 23 de março de 1940.

_____ **Hand-Off the Soviet Union**, Left, n° 41, fevereiro de 1940.

_____ **Negro Workers Should Join Workers Party**, The Daily Worker, Setembro de 1928.

Artigos de jornal

BRIGGS, Cyril V. **The Ray of Fear: A Thrilling Story of Love, War, Race Patriotism, Revolutionary Inventions and the Liberation of Africa**. Crusader, 1920, 18-20, Abril, 1920.

_____ **Negro First**.Crusader, Outubro, 1919.

_____ **Program and Aims of the African Blood Brotherhood**, The Crusader, Outubro de 1922.

_____ **Program and Aims of the African Blood Brotherhood**.*The Crusader*, Outubro de 1922.

_____ **Where Glory Calls**.Crusader, Abril, 1919.

_____ **Would Freedom Make Us 'Village Cut-Ups**'.Crusader, Fevereiro, 1919.

CHARLTON, W.R. **The Australian Welcome to the Fleet**. The Independent, 8 de outubro, 1908.

_____ **Marxism and the Negro Problem**. The Crisis, Maio, 1933.

_____ **The Souls of White Folk**. Independent, 18 de agosto, 1910.

GARVEY, Marcus. **L'Afrique aux Africains**, La Race nègre 1, no. 4, Novembro-Dezembro de 1927.

HINDEN, Rita. **The White Man's Pride**.Encounter, 7: 6 (dezembro, 1956).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

KENYATTA, Jomo. **Hands-Off Abyssinia**. Labour Monthly. Vol. 17. n .9. Setembro, de 1935.

KOUYATÉ, Garan. **VoxAfricae**. La Race nègre 2, no. 1, Março de 1929.

McKAY, Claude. **The Racial Question: The Racial Issue in the United States**. International Press Correspondence, v.2 (21 de Novembro de 1922).

_____ Report on the Negro Question. **Speech to the 4th Congress of the Comintern, Novembro de 1922**, publicado em: Inprecor, 5 de Janeiro, 1923.

MOODY, Harold. **The Future of Liberia: Proposed League Control**. Manchester Guardian, 30 de Outubro, 1933.

Bibliografia

ABRAHAMS, Peter. "Nkrumah, Kenyatta and the Old Order", in: Jacob Drachler (org.) **African Heritage**. Nova Iorque: Cromwell-Collier Press, 1963.

_____ A Wreath for Udomo. Londres: Faber and Faber, 1956.

_____ Return to Goli. Londres: Faber and Faber, 1953.

_____ The Conflict of Culture in Africa. International Affairs, 30: 3 (julho de 1954).

_____ The Coyoba Chronicles: Reflections on the Black Experience in the 20th century. Kingston: Ian randle, 2000.

ADI, Hakim e SHERWOOD, Marika. **Pan-African History: Political figures from Africa and the Diaspora since 1787**. Londres: Routledge, 2003.

ADI, Hakim. "George Padmore and the 1945 Manchester Congress", in: Rupert Lewis e Fitzroy Baptiste (org.) **George Padmore: Pan-African Revolutionary**. Jamaica: Ian Randle Publishers, 2009.

_____ Pan-Africanism and communism: the Comintern, the "Negro Question" and the First International Conference of Negro Workers, Hamburg 1930. African and Black Diaspora: An International Journal.vol. 1, no. 2 (Julho de 2008).

_____ Pan-Africanism and Communism: The Communist International, Africa and the Diaspora, 1919-1939. London : Africa World Press, 2013.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

_____ **West Africans in Britais, 1900-1960: Nationalism, Pan-Africanism and Communism**. Londres: Lawrence and Wishart, 1998.

AFARI-GAYAN, Kwadwo. **Kwame Nkrumah, George Padmore and W.E.B. Du Bois**.Research Reviewvol.7, n. 1 and 2, 1991.

APPIAH, Joseph. **Joe Appiah: the Autobiography of an African Patriot**. Nova Iorque: Praeger, 1990.

APPIAH, Kwame. **Na Casa de Meu Pai: A África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

APTHEKER, Herbert Aptheker (org.) **The correspondence of W.E.B. Du bois. Vol. III, selections 1944-1962**. Amherst: University of Massachusetts press, 1978.

APTHEKER, Herbert (org.). **The correspondence of W.E.B. Du Bois.Vol. II selections 1937-1944**. Amherst: Massachussets University Press, 1976.

_____ (org.) **Writings in Periodicals Edited by Others**. vol. 2. Millwood, Nova Iorque: Kraus-Thomson.1982.

AUSTIN, Dennis. **Politics in Ghana, 1946-1960**. Oxford: Oxford University Press, 1964.

BATSIKAMA, Patricio. **Origens do Reino Kongo Consoante a Bibliografia e a Tradição Oral**. Paraíba: Ed. UFPB, 2012.

BAYART, Jean-François. **Africa in the World: A history of extraversion**. African Affairs, 2000 (99): 217-267.

BEACHEY, R.W. **The African Diaspora and East Africa: An inaugural lecture delivered at Makerere University College. University of East Africa**.(Kampala, Uganda on 31 July, 1967).Nairobi: Oxford University Press, 1969.

BELMESSOUS, Saliha. **Assimilation and Empire: Uniformity in French and British Colonies, 1541-1954**. Oxford, Oxford University Press, 2013.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 1998.

BINEY, Ama. **The Political and Social Thought of Kwame Nkrumah**. Londres: Palgrave Mcmillan, 2011.

BLAKELY, Allison. **Russia and the Negro: Blacks in Russian History and Thought**. Washington, DC: Howard University Press, 1986.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

BLIGHT, David. W. **Race and Reunion: The Civil War in America Memory**. Boston, Harvard University Press, 2001.

BOGUES, Anthony. "Radical anti-colonial thought, anti-colonial internationalism and the politics of human solidarities", in: Robbie Shilliam (org.) **International Relations and Non-Western Thought: Imperialism, Colonialism and Investigations of Global Modernity**. Nova Iorque: Routledge, 2010.

_____ **Black Heretics and Black Prophets: Radical Political Intellectuals**. Nova Iorque: Routledge, 2003.

BOURNE, Stephen. **Mother Country: Britain's Black Community on the Home Front, 1939-1945**. Stroud, Gloucester: History Press, 2010.

BRAZIEL, Jana Evans. **Diaspora: An Introduction**. New Jersey: Hoboken, 2008

BRERETON, Bridget. **A History of Modern Trinidad, 1783-1962**. Londres: Heinemann, 1981. 127. Disponível em :<http://catdir.loc.gov/catdir/samples/cam031/78072081.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2016.

_____ **Race Relations in Colonial Trinidad 1870-1900**. Disponível em: <http://catdir.loc.gov/catdir/samples/cam031/78072081.pdf>. Acesso em: 5 abri 2016.

BROWN, William Wells. **The American Fugitive in Europe: Sketches of Places and People Abroad**. Boston: John P. Jewett, 1855.

BUSH, Barbara. **Imperialism, Race and Resistance**. Londres, Routledge, 1999.

BUTLER, Robert. "The City as Liberating Space: The Life and Times of Frederick Douglass", In: **The City in African-American Literature**. Madison and Teaneck: Fairleigh Dickinson UP/ London and Toronto: Associated University Press, 1995.

BYFIELD, Judith. **Introduction: Rethinking the African Diaspora**. African Studies Review, vol 43, n. 1 (2000).

CABRAL, Amílcar. **Return to the Source: Selected Speeches of Amilcar Cabral**. Nova Iorque: Monthly Review Press. 1973.

CAREW, Joy Gleason. **Blacks, Reds and Russians*:* Sojourners in Search of the Soviet Promise**. New Brunswick, NJ and London: Rutgers University Press, 2008.

CARVALHO, Silvio de Almeida e NASCIMENTO, Washington Santos (org.) **Intelectuais das Áfricas**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2018.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

CÉSAIRE, Aimé. **Notebook of a Return to My Native Land**.Nova Iorque: Monthly Review Press, 1972.

_____ **Une Saison au Congo.** Paris, Seuil, 1973.

_____ **Une Tempete**. Seuil, Paris, 1969.

CLIFFORD, James. **Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1997.

COOPER, Frederic. **Out of Empire.Redefining Africa's Place in The World**. Nova Iorque: New York University Press, 2013.

_____ **Decolonization and African Society: The Labour Question in French and British Africa**. Cambridge, Cambridge University Press, 1996.

_____ **L'Afrique Depuis 1940**. Paris, Payot, 2008.

COOPER, Wayne F. **Claude McKay. Rebel Sojourner in the Harlem Renaissance: A Biography**. Baton Rouge: Louisiana State UP, 1987.

COURLANDER, Harold. **Tales of Yoruba gods and heroes**. New York: Crown, 1973.

CROMWELL, Adelaide; KILSON, Martin (org).**A propos of Africa: Sentiments of Negro American Leaders on Africa from the 1800s to the 1950s**. Londres, Frank Cass, 1969.

CUDJOE, Selwyn R. **Beyond Boundaries: The Intellectual Tradition of Trinidad and Tobago in the Nineteenth Century**. Wellesley: Calaloux Publications, 2003.

CUGOANO, Ottobah. **Thoughts and Sentiments on the Evil os Slavery**. Londres, Penguin Classics, 1999.

DAVIDSON, Basil (org.) **South Africa and the Communist International**.Vol. 1. Oxford. Routledge, 2002.

_____ **Black Star. A View of the Life and Times of Kwame Nkrumah**.Oxford, 1973.

_____ **The Black Man's Burden.Africa and the Curse of the Nation-State**.Nova Iorque: Ramdom House, 1992.

DE WITTE, Phillipe. **Les Mouvements Nègres em France**. Paris: L'Harmattan, 1985.

DEI-AMANG, M. **The Administration of Ghana's Foreign Relations 1957-1965**. Londres: Athlone Press, 1975.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

DERRICK, Johnathan. **Africa's 'Agitators': Militant Anti-Colonialism in Africa and the West. 1918-1939**. New York: Columbia University Press. 2008.

DOUGLASS, Frederick. **The Life and Times**. New York: Collier-Macmillan, 1962

DRACHLER, Jacob; (org.). **Black Homeland, Black Diaspora: cross currents of the African relationship**. Port Washington, New York: Kennikat Press, 1975.

DRAKE, St. Clair e SHEPPERSON, George. **The Fifth Pan-African Conference, 1945 and the All Africans People's Congress, 1958**. Contributions in Black Studies, No 8, 1986-87.

DRAKE, St. Clair. "Negro Americans and the Africa Interest". In: John P. Davis (org.) **The American Negro Reference Book**. Englewood Cliffs. New Jersey: Prentice Hall, 1966.

_____ **The Rise of Pan-African Movement**, Africa Special report, vol3, no 4, 1958.

_____ "Negro Americans and the Africa Interest," in: DAVIS, John P. (org.) **The American Negro Reference Book**. New Jersey: Prentice Hall, 1966.

DU BOIS, W. E. B. **Reconstruction and its Benefits**. The American Historical Review, Vol. 15, No. 4. (Jul., 1910).

_____ **The Souls of Black Folk**. New York: Bantam Classic. 1903.

_____ "Socialism and the Negro Problem". In: David Levering Lewis (org.) **W.E.B. Du Bois*: A Reader***. Nova Iorque, Henry Holt, 1995.

_____ **Application for Membership in the Communist Party, 1961**.Disponível em https://libcom.org/files/The%20Black%20Radical%20Tradition_0.pdf, visualizado em 13 de julho de 2018.

_____ **The Philadelphia Negro: A Social Study**. University of Pennsylvania Press, 1899.

_____ **Black Reconstruction in America: Toward a History of the Par tWhich Black Folk Played in the Attempt to Reconstruct Democracy in America, 1860-1880**. Nova Iorque, Harcourt, Braceand Company, 1935.

_____ **The Autobiography of W.E.B. Du Bois: A Soliloquy on Viewing My Life from the Last Decades of Its First Century**. Nova Iorque: International Publications, 1968

_____ "The Negro Mind Reaches Out". In: Alain Locke (org.). **The New Negro**.

DUFOIX, Stephane. **Diasporas**. Berkeley: University of California Press, 2008.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

EDWARDS, Brent Hayes. **The Practice of Diaspora: Literature, Translation, and the Rise of Black Internationalism**. Cambridge : Harvard University Press, 2003.

ESCHEN, Penny M. von. **Race Against Empire: Black Americans and Anticolonialism 1937–1957**. Ithaca: Cornell University Press, 1997.

_____ Satchmo Blows up the World: Jazz Ambassadors Play the Cold War. Cambridge: Harvard University Press, 2006.

_____ Race Against Empire: Black Americans and Anticolonialism, 1937-1957. Ithaca, Nova Iorque e Londres, Cornell University Press, 1997.

FABRE, Michael. **Harlem to Paris: Black American Writers in France, 1840- 1980**. Chicago: University Press of Illinois, 1991.

FILATOVA, Irina. **Indoctrination or Scholarship?Education of Africans at the Communist University of the Toilers of the East in the Soviet Union, 1923-1937**. Paedagogica Historica: International Journal of the History of Education, 1999, Vol. 35, No. 1, 41-66.

FISH, Cheryl J. **Black and White Women's Travel Narratives: Antebellum Explorations**. Gainesville: UP of Florida, 2004.

FOLSON, B.D.G. **The Development of Socialist Ideology in Ghana, 1949– 1959: Part I**. *Ghana Social Science Journal* 1, no. 1 (Maio 1971): 1– 20.

FROUDE, James Anthony. **The English in the West Indies**. Cambridge: Cambridge Library Collection, 1888.

FUREDI, Frank. **Colonial Wars and the Politics of Third-World Nationalism**.I.B: Tauris, 1994.

GAINES, Kevin Kelly. **American Africans in Ghana: Black expatriates and the civil rights era**. Chapel Hill, University of North Carolina Press. 2006, p. 33. Disponível em: <encurtador.com.br/pwDW8>. Acesso em: 18 fev. 2016.

GAUTIER, Théophile. **Voyage em Russie**. Paris: Charpertiner, Libraire-Éditeur, 1967.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2ª Ed. 2012.

_____ There Ain't no Black in the Union Jack. The cultural politics of race and nation. Oxford: Oxford University Press, 1987.

GORDON, Lewis. **Existentia africana**. New York: Routledge, 2000.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

GRANT, Kevin, LEVINE, Phillipa e TRENTMANN, Frank. **Beyond Sovereignty: Britain, Empire and Transnationalism: 1880-1950**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2007.

GRANT, Madison. **The Passing of the Great Race: Or, The Racial Basis of European History**. Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1916.

GUERRA, François-Xavier. **Modernidad e independencias**. Madri: Mapfre, 1992.

HALL, Stuart; CHAS, Critcher; JEFFERSON, Tony e BRIAN, Robert. **Policing the Crisis: Mugging, the State and Law and Order**. Basingstoke: Palgrave Macmillan. 2nd ed. 2013.

HALL, Stuart. "Cultural identity and diáspora". In: Jonathan Rutherford (ed.) **Identity: community, culture, difference**. London: Lawrence & Wishart,1990.

_____ "Race, Articulation and Societies Structured in Dominance". In: **Sociological Theories: Race and Colonialism**. edited by United Nations Educational Scientific and Cultural Organisation, 305. Paris: UNESCO. 1980.

_____ **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2005.

HARRIS, Joseph (org.). **Global Dimensions of the Africa diaspora**. Washington, D.C.: Howard University Press, 1982.

HAYWOOD, Hary. **Black Bolshevik: Autobiography of an Afro-American Communist**. Chicago Illinois, Liberator Press, 1978.

HERKOVITS, Melville. **Dahomey: ancient West African Kingdom**. New York: J.J. Augustin, 1938.

_____ **Rebel Destiny: among the Bush Negroes of Dutch Guiana**. Nova York: Whittlesey House, 1934.

HILL, Robert. **Marcus Garvey and UNIA Papers, volume 10, Africa for the Africans**.Berkeley, California: University of California Press, 2006.

HOBSON, J.A. **Imperialism: A Study**. New York: Cosimo, 2005.

HOGSBJERG, Christian. **C.L.R James in Imperial Britain**. Durham. NC: Duke University Press, 2014.

HOLT, Thomas C. **The Problem of Freedom: Race, Labour and Politics in Jamaica and Britain 1832-1938**. Baltimore e Londres, Johns Hopkins University Press, 1992.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

HOOKER, John R. **Black Revolutionary: George Padmore's Path from Communism to Pan-Africanism**. London: Pall Mall Press, 1967.

_____ **Black Revolutionary: George Padmore's Path from communism to Pan-Africanism**. Nova York: New Praeger Publishers, 1970.

HOSCSHILD, Adam. **Les Fantômes du roi Léopold: La terreur coloniale dans l'État du Congo 1884-1908**. Paris: Tallandier, 2007.

HOWE, Stephen. **Anticolonialism in Britain Politics: The Left and the End of Empire 1918-1964**. Oxford: Oxford University Press, 1993.

HYAM, Ronald. **Understanding the British Empire**.Cambridge, Cambridge University Press, 2010.

IRWIN, Graham; (org) **Africans Abroad: A Documentary History of the Black Diaspora in Asia, Latin America, and the Caribbean During the Age of Slavery**. New York: Columbia University Press, 1977.

ISAACS, Harold R. **The American Negro and Africa: Some Notes**. Phylon, vol20, (outono 1959): 219-233.

JACKSON, Ashley. **The British Empire and the Second World War**. Londres: Continuum, 2006.

JALLOH, Alusine; MAIZLISH, Stephen E. (org).**The African Diaspora**. Texas: Texas University Press, 1996.

JAMES, C.L.R. **Is This Worth War?.**New Leader, 4 de Outubro, 1935.

_____ **World Revolution: 1917–1936: The Rise and Fall of the Communist International**. Durham e Londres: Duke University Press, 2011.

_____ **Life of Captain Cipriani: An Account of British Government in the West Indies**. Durham: Duke University Press, 2014.

_____ **Nkrumah and the Ghana Revolution**.Westport, Connecticut: L. Hill, 1977.

_____ **The Black Jacobins**. New York: The Dial Press, 1938.

_____ **Lectures on black jacobins**. Small Axe, vol 8, (September 2000): 65-112.

_____ **At the Rendezvous of Victory**. Londres: Allison and Busby, 1984.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

_____ **Os jacobinos negros.** Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos. São Paulo, Boitempo, 2000.

_____ **Spheres of Existence:** Selected Writings. Londres: Allison and Busby, 1980.

_____ **The Black Scholar Interviews C. L. R. James**. Black Scholar vol. 42, n. 1 (setembro, 1970), p. 43.

_____ **Notes on the Life of Padmore**.Microfilme.University of London, Institute of Commonwealth Studies, 1959.

_____ **Beyond a Boundary**. Durham: Duke University Press, 2013.

JAMES, Leslie. **Decolonization From Below**. Londres: Palgrave Mcmillan, 2015, p. 160.

_____ **George Padmore and Decolonization From Below**. Londres: Palgrave McMillan, 2015.

_____ **What We put in Black and White: George Padmore and the practice of anti-imperial politics**. Tese (Departamento de História), London School of Economics, 2012.

JAMES, Winston. **Holding Aloft the Banner of Ethiopia: Caribbean Radicalism in Early Twentieth- Century America**.New York: Verso, 1998.

JASMIN, Marcelo Gantus e FERES JÚNIOR, João. **Uma História dos Conceitos: debates e perspectivas**. Rio de Janeiro: PUC-RIO: Edições Loyola: IUPERJ, 2006.

KELLEY, Robin G.. **Race Rebels: Culture, Politics, and the Black Working Class**. Nova Iorque, Free Press, 1994.

KILSON, Martin L. e ROTBERG, Robert I. (org.).**The African Diaspora**: **Interpretative Essays**. Cambridge: Massachussets, London, Harvard University Press, 1976.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto-Ed. PUC-Rio, 2006.

LAMMING, George. **The Pleasures of Exile**. London: Allison and Busby, 1984.

LANGLEY, J. Ayodele. **Pan-Africanism and nationalism in West Africa, 1900-1945: a study in ideology and social classes**. Londres: Claredon Press, 1973.

LEGUM, Colim. **Bandung, Cairo & Accra**. Londres: Africa Bureau, 1958.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

_____ "Socialism in Ghana: a political interpretation". In: William Friedland e Carl Rosberg (org.) **African Socialism**. Califórnia, Stanford: Stanford University Press, 1964.

LÊNIN, Vladmir. **Imperialism: the Highest Stage of Capitalism**. Moscou: Progress Publishers, 1963.

LEWIS, David Levering (org.)W**. E. B. Du Bois Reader**. Nova Iorque: Henry Holt, 1995.

_____ W. E. B. Du Bois: Biography of a Race, 1868–1919. Nova Iorque: Henry Holt, 2001.

LEWIS, Earl. **To Turn as on a Pivot: Writing African Americans into a History of Overlapping Diasporas**. American Historical Review, vol. 100, n. 3 (1995).

LEWIS, Rupert (org.) **George Padmore: Pan-African Revolutionary**. Kingston: Ian Randle, 2009.

LIERDE, Jean Van (org.) **Lumumba Speaks: The Speeches and Writings of Patrice Lumumba, 1958-1961**. Boston: Little, Brown and Company, 1972.

LINEBAUGH, Peter e REDINKER, Marcus. **A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LOCKE, Alain (org). **The New Negro**. Nova Iorque: Atheneum, 1992.

LYNCH, Hollis R. **Edward Wilmot Blyden – Pan-Negro Patriot 1832-1912**. Londres: Oxford University Press, 1967.

MACAMO, Elísio Salvador. **Negotiating Modernity: Africa's Ambivalent Experience**.Dakar : CODESRIA, 2005.

MACEDO, José Rivair (org.) **O Pensamento Africano no Século XX**. São Paulo: Outras Expressões, 2016.

MACKENZIE, Alan J. **Radical Pan-Africanism in the 1930s: A Discussion with C.L.R. James**. Radical History Review (1980) 1980 (24): 68-75.

MAKALANI, Minkah. **In the Cause of Freedom: Radical Black Internationalism from Harlem to London, 1917–1939**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2011.

MAKONNEN, T. Ras. **Pan-Africanism from Within**. Nairobi: Oxford University Press, 1973.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

MALOBA, Wunyabari O. **Kenyatta and Britain An Account of Political Transformation, 1929–1963**. Londres, Palgrave McMillan, 2017.

_____ **The Anatomy of Neo-Colonialism in Kenya British Imperialism and Kenyatta, 1963–1978**. Londres: Palgrave McMillan, 2017.

MANELA, Erez. **Wilsonian Moment: Self-Determination and the Origins of Anticolonial Nationalism**. Nova Iorque, Oxford University Press, 2007.

MANNING, Patrick. **The African Diaspora: A history through culture**. Nova Iorque: Columbia University Press, 2009.

MARRABLE, W. Manning. **African and Caribbean Politics: From Kwame Nkrumah to the Grenada Revolution**. Londres: Verso, 1987.

_____ **W. E. B. Du Bois: Black Radical Democrat**. Boston: Twayne. 1986.

MARTIN, Tony. **Amy Ashwood Garvey: Pan-Africanist, Feminist, and Mrs. Marcus GarveyNo. 1; Or, A Tale of Two Amys**. Dover, Massachusetts: The Majority Press, 2007.

_____ **Race First**. Westport: Greenwood, 1976.

MATERA, Marc e KENT, Susan Kingsley. **The Global 1930s The International Decade**. Califórnia: Routledge, 2013.

MATERA, Marc. **Black London: The Imperial Metropolis and Decolonization in the Twentieth Century**. Berkeley: University of California Press, forthcoming, 2015.

_____ **Black London: The Imperial Metropolis and Decolonization in the Twentieth Century**. Oakland, California: University of California Press, 2015.

MATTOS, Pablo de Oliveira de et. al. **História da África Contemporânea**. Rio de Janeiro: Ed. Pallas/Ed.PUC, 2013.

MATUSEVICH, Maxim. **An exotic subversive: Africa, Africans and the Soviet everyday.** Race and Class, Londres, vol. 49, n. 4, (abr. 2008).

McCLELLAN, Woodford. **Africans and Black Americans in the Comintern Schools, 1925-1934**.The International Journal of African Historical Studies, vol. 26, No. 2 (1993).

McDUFFE, Erik S. **Soujourning for Freedom: Black Women, American Communism and the Making of Black Feminism**. Durham e Londres: Duke University Press, 2001.

McKAY, Claude. **Harlem: Negro Metropolis**. New York: Harvest, 1968.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

_____ **A Long Way From Home**. New Brunswick, New Jersey e Londres: Rutgers University Press, 2007.

_____ **Soviet Russia and the Negro**.The Crisis, Dezembro de 1923.

_____ **Amiable With Big Teeth**. Londres: Peguin Classics, 2017.

_____ **The Negroes in America**. Port Washington, N.Y: Kennikat Press, 1979.

MOORE, Richard B. **Africa Conscious Harlem**. *Freedom ways*,vol3 (verão 1963): 314-334.

MORLEY, David e CHEN, Kuan-Hsing (org.) **Stuart Hall: Critical Dialogues in Cultural Studies**. Nova Iorque: Routledge, 1996.

MOSES, Wilson Jeremiah. **Afrotopia: The Roots of African American Popular History**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1998.

_____ **The Golden Age of Black Nationalism: 1850-1925**. Hamden, Connecticut: Archon Books. 1978.

MURAPA, Rukudzo. **Padmore's Role in the African Liberation Movement**.Tese de doutorado (Departamento de História), Northern Illinois University, 1974.

NKRUMAH, Kwame. **Africa Must Unite**. Londres: Heinemann. 1963.

_____ **Autobiographie**. Paris, Présence Africaine. 1960.

_____ **Ghana: The Autobiography of Kwame Nkrumah**. 2a Ed. Nova Iorque: International, 1971.

_____ **I Speak of Freedom**. Londres: Heineman, 1961.

_____ **Neo-Colonialism, The Last Stage of Imperialism**. Londres: Thomas Nelson & Sons, 1965.

_____ **Revolutionary Path**. Londres: Panaf, 1973.

_____ **Towards Colonial Freedom**. Londres, 1947.

OXAAL, Ivar. **Black Intellectuals and the Dilemmas of Race and Class in Trinidad**. Cambridge: Massachusets Schenkman Publishing Company, 1982.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

PALMER, Colin. **Defining and Studying the Modern African Diaspora**. Perspectives: American Historical. Association Newsletter, 36, 6 (September 1998).

PATTERSON, William L..**The Man Who Cried Genocide**.New York, International Publishers, 1971.

PAVLOVITCH, Mikhail. **The Issues of Colonial and National Policy and the Third International**, Moscow, 1920.

PENNYBACKER, Susan. **From Scottsboro to Munich: Race and Political Culture in 1930s**. Princeton: Princeton University press, 2009.

PERHAM, Margery. **The Colonial Empire – II. Capital, Labour and the Colour-bar, the Spirit of Reform**. The Times, 14 de março de 1942.

PERRY, J. B. **Hubert Harrison – The Voice of Harlem, 1883-1918**. Nova Iorque, 2009.

POCOCK, John G.. **Linguagens do Ideário Político**. São Paulo, Ed. USP, 2003.

POLSGROVE, Carol. **Ending British Rule in Africa: Writers in a Common Cause**. Manchester: University of Manchester Press, 2009.

PRICE-MARS, Jean. **La vocation de l'élite**. Port-au-Prince, Edmond Chenet, 1919.

PRINCE, Nancy, "A Narrative of the Life and Travels of Mrs. Prince, In: GRIFFIN, Farah J. e FISH, Cheryl J. (Org.). **Stranger in the Village: two centuries of African-American travel writing**. Boston: Beacon Press, 1988.

PUTNAM, Lara. **Radical Moves: Caribbean Migrants and the Politics of Race in the Jazz Age**. Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press, 2013.

_____ **To Study the Fragments/Whole: Microhistory and the Atlantic World**. Journal of Social History, Volume 39, Número 3, 2006.

RABAKA, Reiland. **Africana critical theory: Reconstructing the black radical tradition, from W.E.B. Du Bois and C.L.R. James to Frantz Fanon and Amilcar Cabral**. Lanham, Lexington Books, 2009.

RATHBONE, Richard (org.) **British Documents on the End of Empire: Ghana, Series B, Vol. 1, Parte 1 – 1941-1952**. Londres: HMSO.

REDINKER, Marcus. **O Navio Negreiro: uma história humana**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

REED, Adolf. **W. E. B. Du Bois and American Political Thought: Fabianism and the Color Line**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

RICHARDSON, Al; CHRYSOSTOM, Clarence; GRIMSHAW, Anna. **C. L. R. James and British Trotskyism: An Interview with C. L. R. James**. 8 de junho, 16 de novembro, 1986, South London. Disponível em <http://workersrepublic.org/Pages/Ireland/Trotskyism/clrjames.html> Acesso em 14/04/2018.

ROBESON, Eslanda Goode. **African Journey**. New York: John Day, 1945.

ROBINSON, Cedric. **Black Marxism: The Making of the Black Radical Tradition**. Carolina do Norte: North Carolina University Press. 2000.

ROBINSON, Robert. **Black on Red: My 44 Years Inside the Soviet Union**. Washington, DC: Acropolis Books. 1988.

ROMAN, Meredith. **Race, politics and US Students in 1930s Soviet Russia**.Race & Class, vol 53, no. 2 (Outubro de 2011): 58-76.

ROSS, Rodney. **Black Americans and Haiti, Liberia, the Virgin Islands, Ethiopia, 1929-1936**. Tese (Departamento de História) University of Chicago, 1975.

ROTBERG, Robert (org.) **The African Diaspora: Interpretative Essays**. Cambridge, Massachusstes: Harvard University Press, 1976.

ROWLEY, Hazel. **Richard Wright: the Life and Times**. Nova Iorque: Henry Holt, 2001.

RUFINO, Luiz. **Exu e a pedagogia das encruzilhadas**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. Rio de Janeiro, 2017.

RUSH, Anne Spry. **Bonds of Empire:West Indians and Britishness from Victoria to Decolonization**. Oxford : Oxford University Press, 2011.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____ **Reflections on Exile and other Essays**.Cambridge: Harvard University Press, 2002.

_____ **Representações do Intelectual: as Conferências Reith de 1993**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____ **The World, The Text and the Critic**. Cambridge: Harvard University, 1993.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

SANCHES, Manuela Ribeiro (Org.). **Malhas que os Impérios tecem – Textos Anticoloniais Contextos Pós-coloniais**. Lisboa: Edições 70, 2011.

SCHWARZ, Bill. **West Indians Intellectuals in Britain**.Manchester: Manchester University Press.

SENGHOR, Leopold Sedar. **Liberté III: Négritude et civilisation de l'universel**. Paris: Seuil, 1977.

SHEPPERSON, George e THOMAS, Price. **Independent African: John Chilembwe and the origins, setting and significance of the Nyasaland native rising of 1915**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1969.

SHEPPERSON, George. "The African Abroad or the African Diaspora", In: Terence O. Ranger (org.) **Emerging Themes of African History**.Nairobi, 1968.

_____ **Notes on Negro American Influences on the Emergence of African Nationalism**. *Journal of African History* 1, no. 2 (1960): 299–312.

_____ **Pan-Africanism and Pan-Africanism: Some History notes**. Phylon (inverno 1962): 346-358.

_____ **The Afro- American Contribution to African Studies**. Journal of American Studies, vol 8, Dezembro, (1974): 281–301.

SHERWOOD, Marika, "George Padmore and Kwame Nkrumah: A Tentative Outline of Their Relationship". In: Rupert Lewis (org.) **George Padmore: Pan-African Revolutionary**. Kingston: Ian Randle, 2009.

SHERWOOD, Marika. **Kwame Nkrumah: the Years Abroad**. Legon: Freedom Publications, 1996.

_____ **Origins of Pan-Africanism : Henry Silvester Williams, Africa and the African Diaspora**. Londres: Routledge, 2010.

SINGH, Kelvin. **Race and Class Struggles in a Colonial State: Trinidad 1917-1945**. Jamaica: University of the West Indies Press, 1994.

SOLOMON, Mark. **Cry was unity: Communists and African Americans, 1917-1936**. Jackson: University Press of Mississippi, 1998.

SRIVASTAVA, Neelam. **Italian Colonialism and Resistances to Empire, 1930-1970**. Cambridge: Palgrave Mcmillan, 2018.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

STEPHENS, Michelle Ann. **Black Empire: The Masculine Global Imaginary of Caribbean Intellectuals in the United States, 1914-1962**. Durham : Duke University Press, 2005.

STODDARD, Lothrop**. The Rising Tide of Color Against White World-Supremacy**. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1920.

THOMAS, J.J. **Froudacity**. Disponível em:<http://pdfbooks.co.za/library/J._J._THOMAS-FROUDACITY.pdf>. Acesso em 20 dez. 2015.

THOMPSON, Vincent Baketu. **Africa and unity: The evolution of Pan-Africanism**. Londres: Longman, 1971.

TIMOTHY, Bankole. **Kwame Nkrumah: His Rise to Power**. Londres: George Allen & Unwin, 1963.

TRAVERSO, Enzo. **La Historia Como Campo de Batalla: interpreter las violencias del sigloXX**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012.

TROUILLOT, Michel-Rolph.**Silencing the Past: Power and the Production of History**.Boston : Beacon Press, 1995.

TUCKER, Robert (org.). **The Marx-Engels Reader**. New York: W.W. Norton, 1978.

TURNER, J.M. **Caribbean Crusaders and the Harlem Renaissance**. Chicago: University of Illinois Press, 2005.

TURNER, Lorenzo Dow. **Africanism in the Gullah Dialetic**. Michigan: University of Michigan Press, 1974.

VAUGHAN, David A. **Negro Victory**. London: Independent Press, 1950.

VERVOTEC, Steven e COHEN, Robin. **Migration Diaspora and Transnationalism**. Cheltenham, Elgar reference Collection, 1999.

WARBURG, Frederic. **An Occupation for Gentlemen**. Boston: Houghton Mifflin, 1960.

WEISS, Holger. **Framing a Radical African Atlantic: African American Agency, West African Intellectuals and the International Trade Union Committee of Negro Workers**.Leiden: Brill, 2014.

WILLIAMS, Eric. **Capitalism and Slavery**. Richmond, Virginia :University of North Carolina Press, 1944.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA

_____ **Inward Hunger: the education of a prime minister**. London: Deutsch, 1969.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras Chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ed. Boitempo, 2007.

WILSON, Edward .T. **Russia and Black Africa Before World War II**. Londres, 1974.

WRIGHT, Richard. **Black Power**. Londres: Harper Perenial, 2008.

ZELEZA, Paul T. **The Challenges of Studying the African Diasporas**.African Sociological Review, vol 12 (2008).

ZIMMERMAN, Andrew. **Alabama in Africa.Booker T. Washington, the German Empire, and the Globalization of the New South**. Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2010.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1412226/CA